UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO - UNINOVE

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

A FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO: HISTÓRIA E PROBLEMATIZAÇÃO

Madalena de Oliveira Molochenco

SÃO PAULO

2013

MADALENA DE OLIVEIRA MOLOCHENCO

A FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO:

HISTÓRIA E PROBLEMATIZAÇÃO

Tese de doutorado apresentada para exame de defesa ao Programa de Pós graduação em Educação – PPGE - da Universidade Nove de Julho - UNINOVE, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação.

Prof. Paolo Nosella, Dr. - Orientador

SÃO PAULO

2013

Molochenco, Madalena de Oliveira

Faculdade Teológica Batista de São Paulo, História e problematização. / Madalena de Oliveira Molochenco. 2013

f. 463

Tese de doutorado, Uninove, 2013
Orientador: Dr. Paolo Nosella

1.Educação Teológica. 2. História de instituições escolares

CDU 37

A FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO:

HISTÓRIA E PROBLEMATIZAÇÃO

Por

Madalena de Oliveira Molochenco

Tese de doutorado apresentada para exame de defesa ao Programa de Pós graduação em Educação da Universidade Nove de Julho - UNINOVE, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação

Presidente: **Prof. Paolo Nosella, Dr. orientador, UNINOVE**

Membro: **Prof. José Rubens L. Jardilino, Dr., UFOP**

Membro: profª Ester Buffa, Dra, UNINOVE

Membro: **Prof. Eneas de Araújo Arrais Neto, Dr., UFC**

Membro: **Prof. Geoval Jacinto da Silva, Dr., UMESP**

São Paulo, 21 de março de 2013

Agradecimentos

Ao meu orientador, Dr. Paolo Nosella pela condução e orientação desta tese e por apresentar-me a um novo universo de conhecimentos.

À Universidade Nove de Julho, UNINOVE, pela bolsa de estudos concedida durante esses anos de estudos, sem a qual esse objetivo jamais seria alcançado.

À Profª Drª Ester Buffa e ao Prof Dr. José Rubens L Jardilino pelas sábias sugestões no exame de qualificação.

Aos colegas de trabalho da Faculdade Teológica Batista de São Paulo que por tantas vezes me ajudaram com materiais, arquivos e documentos necessários para o levantamento de dados da instituição.

Aos funcionários da Convenção Batista do Estado de São Paulo e do Colégio Batista Brasileiro que permitiram o acesso a arquivos e documentos.

Ao Prof. Dr. Lourenço Stelio Rega por oferecer condições para a realização da pesquisa.

Aos professores antigos e atuais por sua gentileza em dedicar parte de seu tempo às entrevistas, para que pudessem ser colhidas suas experiências em trajetórias formativas como docentes nessa instituição.

Ao Silas por seu amor, carinho e cuidado com nossa família.

Agradeço a Deus a quem digo: *Eu te darei graças, ó Senhor, cantarei entre os povos; cantarei louvores entre as nações, porque o teu amor leal se eleva muito acima dos céus; a tua fidelidade alcança as nuvens! Sl. 108: 3,4.*

O espelho reflete certo; não erra porque não pensa.
Pensar é essencialmente errar.
Errar é essencialmente estar cego e surdo.

Fernando Pessoa

Pensar pede audácia, pois refletir é transgredir a ordem superficial que nos pressiona tanto.

Lya Luft

RESUMO

Esta pesquisa apresenta um estudo sobre a História da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, em dois recortes temporais, 1957 a 1972 e 1999 a 2010. Utiliza como referência o campo de pesquisa historiográfica da história das instituições escolares, com um olhar voltado para a formação docente. A formação docente, nos respectivos recortes temporais, é apresentada como 'lentes', buscando conhecer as trajetórias formativas de professores a fim de elucidar por meio destas a identidade institucional. A pesquisa em história das instituições escolares é defendida por diversos autores que aceitam sua contribuição para a área da Educação, crendo que uma reflexão sobre o interior da escola e de seus atores traz contribuições significativas na compreensão de fenômenos escolares. As instituições de Teologia compreendidas no universo da educação, de igual modo são manifestações de processos formativos, docente e discente. A pesquisa em história de instituições em Teologia tem sido pouco procurada como objeto de estudo, como confere o levantamento do Estado da arte. Os cursos de bacharelado em Teologia, antes limitados a modalidade de cursos oferecidos em formato livre, a partir do Parecer CES 241/99, passam a ser oficializados. Até o ano de 1999, não se exigia formação pós-graduada para o exercício da docência nesses cursos, ainda que alguns a buscassem no exterior ou em outras áreas de formação. Hoje, docentes buscam titulação em cursos reconhecidos. Foram utilizadas fontes como: documentos de diversos tipos, entrevistas e materiais iconográficos.

Palavras chave: Educação Teológica, História de instituições escolares, Formação de Professores.

ABSTRACT

This research presents a study on the history of the Baptist Theological College of São Paulo in two time periods, 1957 to 1972 and from 1999 to 2010. The field of historical research of the history of educational institutions is used as reference with a penchant for the teacher's formation. The Teacher's formation in their respective time periods, is presented as 'lenses', seeking to know the trajectories of formative teachers to elucidate through these the institutional identity. The research history in educational institutions is advocated by several authors who accept their contribution to the field of education, believing that a reflection on the inside of the school and its actors brings significant contributions in the understanding of the educational phenomena. Theology institutions included in the universe of education, likewise are manifestations of formative processes, faculty and students. The research in History of institutions in theology has hardly been used as an object of study, as confers the survey of the state of the art. The bachelor's degree programs in theology, was formerly limited to the free format of course, however, it became formalized from the edict CES 241/99. Until 1999, master degree was not required for the exercise of teaching in these courses. Today, teachers seek titration in courses that are recognized by the government. Documents of various types, interviews and iconographic materials were used as source of this research.

Keywords: Theological Education, History of schools, Teacher Formation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Casal Morgan	81
Figura 2	Notícia no Batista Paulistano sobre as atividades do ITBSP em 1949	82
Figura 3	Notícias do Centro Batista e do Instituto Teológico Batista de São Paulo no Batista Paulistano em 1950	83
Figura 4	Foto dos formandos da primeira turma do Instituto Teológico Batista de São Paulo em 1950	86
Figura 5	Formandos do Instituto Teológico Batista de São Paulo – 1952	89
Figura 6	Notícia da futura abertura de uma faculdade de Teologia no estado de São Paulo. Batista Paulistano em Julho/agosto de 1956	100
Figura 7	Tognini dirige a solenidade abertura da Faculdade de Teologia do Colégio Batista Brasileiro e Lauro Bretones profere o discurso oficial no salão nobre do Colégio Batista Brasileiro, sito a R. Homem de Melo 537, nop bairro de Perdizes	103
Figura 8	Foto dos alunos e professores do curso de Teologia na Biblioteca do CBB	104
Figura 9	Antiga casa do diretor do CBB cedida para as atividades da Faculdade de Teologia na esquina da R. Homem de Melo e Ministro de Godoy. Foto tirada nos anos 90	108
Figura 10	Imagens de salas de aula e reunião da Junta no casarão	109
Figura 11	Bryant assume a direção da faculdade em 1960	113
Figura 12	Bryant em seu escritório no casarão. Bertoldo Gatz e Bryant no salão designado para reuniões no casarão	113
Figura 13	Primeira turma de formandos da Faculdade Teológica Batista de São Paulo em 1962	119
Figura 14	Foto tirada em 24/05/2011 – Faculdade Teológica Batista de São Paulo reconhece Pr. Enéas Tognini como um dos fundadores e coloca sua foto na galeria de diretores	121
Figura 15	Mapa atual onde se vê os terrenos pedidos por Bryant	126
Figura 16	Primeira concepção artística do novo prédio para a Faculdade Teológica Batista de São Paulo – esquina da R. João Ramalho com Ministro de Godoy	131
Figura 17	Foto do STBSB	130
Figura 18	Fotos da preparação do terreno para construção e lançamento da pedra fundamental do dia 27 de novembro de 1966	132
Figura 19	Imagens de sala de aula, cafezinho de professores brasileiros e americanos e reunião de Bryant com alunos no prédio novo.	137
Figura 20	Galeria de fotos dos diretores – está colocada hoje na sala dos professores	143
Figura 21	Capela do campo, no cemitério do campo em Santa Bárbara D'Oeste	150

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Mapa conceitual	20
Quadro 02	Categorias de análise dos autores Nosella e Buffa e Magalhães	40
Quadro 03	Crescimento de instituições de ensino superior no Brasil: 2007 a 2012	47
Quadro 04	Descrição de categorias	57
Quadro 05	Descrição de graus/titulações/instituições	58
Quadro 06	Descrição de áreas	58
Quadro 07	Quadro de diretores e Coordenadores (deão) da FTBSP	143
Quadro 08	Número de professores e titulações - FTBSP: 1999 e 2012	167

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	
ANPED	Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em educação
ABIBET	Associação Brasileira de Instituições Batistas de Educação Teológica
AETAL	Associação Evangélica de Educação Teológica na América Latina
ASTE	Associação de Seminários Teológicos Evangélicos
BP	O Batista Paulistano
CB	Centro Batista do estado de São Paulo
CBA	Conselho de Administração Teológica e Ministerial de São Paulo
CBB	Convenção Batista Brasileira
CBB	Colégio Batista Brasileiro
CBESP	Convenção Batista do Estado de São Paulo
CBP	Convenção Batista Paulistana
CETM	Conselho Batista de Educação Teológica e Ministerial
EBD	Escola Bíblica Dominical
FTBSP	Faculdade Teológica Batista de São Paulo
FTBP	Faculdade Teológica Batista do Paraná
ITBSP	Instituto Teológico Batista de São Paulo
IES	Instituições de ensino superior
JBP	Jornal Batista Paulistano
JC	Jornal comunhão
JET	Junta de Educação Teológica
MEC	Ministério da Educação
PDI	Projeto de desenvolvimento Institucional
PP	Projeto pedagógico
PPC	Projeto pedagógico de curso
STBNB	Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil
STBSB	Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil

SUMARIO

1ª PARTE - SISTEMATIZAÇÃO

INTRODUÇÃO 14

I – INSTITUIÇÕES ESCOLARES E A PROBLEMÁTICA DA FORMAÇÃO DOCENTE – QUESTÕES TEÓRICAS

1.1. Fundamentação teórica para pesquisa em história de instituições . 26

1.1.1. O método dialético de análise 43

1.2. Formação docente 46

1.3. Pesquisas em História de Instituições de Teologia 53

1.3.1 – Quadros e Considerações 56

II – A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA ENTRE OS BATISTAS

2.1. As instituições Batistas de Teologia 63

2.2. Antecedentes históricos da Educação Teológica Batista no Estado de São Paulo 72

III - A FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

3.1. Anos iniciais 93

3.2. Mudanças significativas 111

3.3. Consolidação e autonomia 120

3.4. Planos de construção na sede própria 127

3.5. Final do período Bryant – Anos de 1960 e Início de 1970 133

3.6. A questão docente 136

IV – OFICIALIZAÇÃO DOS CURSOS DE TEOLOGIA

4.1. Aproximações históricas 142

4.2. A Faculdade Teológica Batista de São Paulo no ano de 1999 149

4.2.1. Mudanças a partir do Parecer CES 241/99 150

2ª PARTE – PROBLEMATIZAÇÃO

V - CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DE ALGUNS PROBLEMAS

5.1. Problema 1 - O ‘diálogo’ ou o ‘não diálogo’ Brasil/Estados Unidos..... 164

5.2. Problema 2 - Formação de pastores ou Professores-acadêmicos?..... 174

5.3. Problema 3 - Oficialização ou cursos livres?..... 189

5.4. Problema 4 - Desdobramentos no quadro docente 204

CONSIDERAÇÕES FINAIS 217

REFERÊNCIAS 224

APÊNDICES..... 235

ANEXOS 414

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade, a educação ocupa-se dos aspectos do ensinar e do aprender. Ensinar não é um simples ato de transmissão, assim como aprender não é o ato de repetir o que foi transmitido. Ensinar e aprender implicam em movimento dialógico, como nos ensina Freire (1987), buscando formar aspectos que perdurarão nas vidas dos educandos. A educação, de forma ampla e contínua, procura desenvolver não só o cognitivo, mas também aspectos que envolvem toda a personalidade do indivíduo, como seu ser, sentimentos, percepções e relações. Esse desenvolvimento visa não só ao crescimento individual, mas também ao coletivo, a fim de que o indivíduo possa interagir, relacionar-se e participar socialmente, em benefício da comunidade a que pertence (MOLOCHENCO, 2008, p. 16).

Ensinar e aprender têm sido um processo estudado e pesquisado por diversas áreas da Pedagogia, em especial a área de formação de professores, que busca desvelar o imbricamento de tal processo na atuação do profissional docente sob diversos aspectos. Entre eles: aprendizagem, currículo, interações humanas, docência como profissionalização, políticas públicas, entre outros. Nesse imbricamento, importa compreender os aspectos formativos e a ação de docentes em “diferentes contextos sócio-histórico-culturais” considerando “as possibilidades e desafios teórico metodológicos da pesquisa na área” (DURAN, 2009, p. 235). Dessa maneira, o pesquisador procura em seus objetos de pesquisa a interface entre os aspectos sociais e históricos marcados por eventos que mudam rumos, traçam novos caminhos e evidenciam elementos constitutivos da instituição educativa e daqueles a ela vinculados.

Algumas pesquisas na área de formação de professores apontam contribuições no que se referem às mudanças em meio a percursos históricos das instituições e trajetórias profissionais de seus docentes, que implicam em ações diferenciadas das costumeiras; a inclusão de novas palavras e valores, que traduzem novos pensamentos e articulam novos comportamentos. Tais trajetórias

evidenciam um movimento que leva a instituição e seus profissionais a buscarem outras formas de desenvolver o trabalho do ensino que se expressam nas práticas educativas. Pesquisas registram mudanças em percursos históricos de instituições de ensino e em trajetórias profissionais de seus docentes e, têm sido objeto de investigação de diversos cursos superiores, como Licenciatura em Matemática (SICARDI E BARBOSA, 2008), Pedagogia (SAES e ROSA, 2008), entre outros, produzindo conhecimento por meio de textos em livros, revistas acadêmicas e não acadêmicas[1].

Entende-se como oportuna, a pesquisa que vincula a história de percursos de instituições de Teologia e as trajetórias de formação de seus docentes, como também é fato que há uma evidente procura por formação em cursos de Teologia neste início de século. Pesquisas realizadas apresentam-se de forma tímida, com pouca divulgação[2], o que pode levar ao entendimento de que há uma necessidade de se estudar e pesquisar um momento histórico em tais cursos porque há um enfoque neste início de século que envolve a formação e a profissionalização do docente em Teologia.

Na educação, a literatura discute a docência como profissionalização, levando em conta que o professor atua, não somente como aquele que é conhecedor de um determinado conteúdo que transmite aos alunos, mas como mestre que, em sala de aula, aproxima-se de aspectos da ética, da comunicação, do comportamento, da emoção, da coletividade, visando à formação de futuros cidadãos, na busca por uma educação mais democrática (IMBERNÓN, 2004, p. 11). Esta perspectiva de atuação do professor remete o indivíduo à ideia do profissional reflexivo[3], do profissional que adentra a sala de aula sabendo que é preciso lidar com as incertezas, com a divergência, com a complexidade (IMBERNÓN, 2004, p. 11). Para Imbernón, numa

---

[1] A Editora Segmento tem trazido publicação de artigos referentes a contribuições teóricas e de tendência para formação docente na atualidade como: *'Biblioteca do professor'* (10 volumes) e *'Pedagogia Contemporânea', Educação: autores e tendências*.

[2] No cap. I apresenta-se um estudo sobre Pesquisas em História de Instituições – estado da arte.

[3] Professor reflexivo para Imbernón é aquele que envolvido em processos coletivos, desenvolve a capacidade "regular ações", "juízos", e "tomar decisões sobre o ensino" que leve em conta a diversidade e que saiba olhar as dúvidas e as incertezas como características de um mundo em constante movimentação e inovação (2004, p. 14).

sociedade democrática, é “fundamental formar o professor na mudança e para a mudança [...] já que a profissão docente precisa compartilhar o conhecimento com o contexto” (IMBERNÓN, 2004, p. 18).

Autores como Tardiff (2002), Tardiff e Lessard (2005) desenvolvem estudos na área dos saberes, da formação de professores e das implicações com o cotidiano escolar. Dubar (2005) discute a identidade profissional do docente e defende posições a partir da sociologia e dos conceitos de atribuição e pertença no desenvolvimento dessa identidade. Garcia (1999) faz um estudo da formação que implica desde a formação inicial aos processos de desenvolvimento profissional, passando pelo conhecimento didático, de conteúdo e pelas teorias de aprendizagem do adulto. Para Rios (2008, p. 25), a questão da competência vinculada à trajetória profissional é importante tema em suas pesquisas que defendem a ideia do *ser* do professor sendo construído na história, tendo como base os valores criados por determinado grupo social, em cada época, em cada lugar.

A palavra ‘mudança’ pode ser mencionada como um forte tema do atual século. Para o homem chamado de Pós-moderno, acompanhar as mudanças constantes na sociedade torna-se ferramenta de sobrevivência, pois o mundo se configura e se transfigura em novas formas de concepção. As mudanças afetam a vida pessoal e profissional como também a educação, as práticas educativas e, no caso em questão, a Educação Teológica. Gatti (2005) afirma que em meio a períodos de constantes mudanças, incertezas e desestruturações, a pesquisa em educação se apresenta com “desafios consideráveis para a compreensão das tessituras das relações no ensinar e no aprender, na heterogeneidade contextual em que essas tessituras se fazem” (GATTI, 2005, p. 606). A autora desafia o educador a lançar-se sobre a pesquisa a fim de compreender a “educação como propósito social” e “estatuto institucional” com indagações que vão além do que está colocado por “filosofias que narram um real cada vez menos real” (GATTI, 2005, p. 606). A pesquisa em história de instituições, com recorte na formação de docentes em Teologia, apresenta-se como uma forma de contribuir para a ampliação de um campo de estudos bem pouco investigado.

A pesquisa em questão tem por finalidade desvendar dois períodos históricos da instituição chamada Faculdade Teológica Batista de São Paulo, com os seguintes recortes temporais: O período dos anos iniciais, de 1957 a 1972. O que se quer discutir nesse período é o tempo dos primeiros professores, diretores, da elaboração da primeira matriz curricular, dos primeiros alunos, da primeira formatura e a construção de nova sede, que caracteriza a sedimentação de seu propósito como uma instituição de Teologia entre os batistas do Estado de São Paulo. Procura-se investigar o que os documentos institucionais têm a dizer sobre esse período e seus docentes. Poderão trazer informações por meio de sua história que ajudem a desvendar a identidade institucional? Algumas perguntas procurarão ser respondidas ao longo dessa pesquisa, quais sejam: nos primeiros anos da instituição, quais os quesitos de formação para ser um docente da faculdade que ora se iniciava? Buscaram esses docentes ampliar suas trajetórias formativas? Que fatos foram mais marcantes no período vivido por eles? Vejo também como uma oportunidade a ser investigada, a partir de entrevistas com os professores antigos, como eles pensam a oficialização que ora se apresenta.

O segundo período, de 1999 a 2010, envolve, em minha percepção, um período de grandes mudanças na busca da oficialização do curso. Os cursos de Teologia, até essa data, eram ofertados em formato de cursos livres. O Parecer CES 241/99 do Ministério da Educação e Cultura outorgou às Instituições de ensino teológico a oportunidade de oferecer cursos oficializados. Já se passaram mais de dez anos desde a promulgação desse Parecer, e o que se percebe nesse período são grandes mudanças no percurso institucional e nas trajetórias de formação de seus docentes. A questão que se quer discutir nesse período é relativa à mudança de foco na formação dos docentes. Procura-se investigar o fenômeno que leva professores acostumados a cursos livres a se preocupar com sua formação e a buscar campos de estudo antes desconhecidos e novas áreas de pesquisa. O que foi mobilizado na vida desses docentes no encontro com novos saberes? Esse fenômeno transforma ações, pensamentos, linguagens; desperta novas significações? Teriam repercussões em sala de aula, em sua prática docente? Importa conhecer os fenômenos que ocorreram em tal formação, procurando compreender como novas aprendizagens trouxeram contribuições à vida desses

professores e às suas práticas docentes, que constituem uma nova identidade institucional.

Estou envolvida com a Educação Teológica desde 1989. Após cursar a graduação em Teologia com especialização em Educação Religiosa, em formato de curso livre, aprofundei os estudos na área da educação, no curso de graduação em Pedagogia. Logo após a conclusão dessa graduação, fui convidada para trabalhar como Orientadora Educacional para as séries do Ensino Fundamental. Concomitantemente comecei a lecionar, uma noite por semana, disciplinas na área de Educação Religiosa, no curso de bacharelado em Teologia, na mesma instituição que havia estudado. Por ser um curso livre e, não estando implicadas exigências quanto à formação pós-graduada de professores, busquei por meu próprio interesse, pós-graduação *lato-sensu* em Metodologia do Ensino Superior e, posteriormente, em Psicopedagogia.

Esta pesquisa parte de uma inquietação pessoal e se justifica pelo meu envolvimento com essa instituição como aluna, professora e, na atualidade, como coordenadora acadêmica do curso de bacharel em Teologia. Sinto-me também mobilizada a fazer tal pesquisa por causa da minha trajetória formativa e profissional. Esta tem sido marcada por mudanças que me ajudam a ser uma educadora com uma visão aberta de mundo. Vejo também que meus colegas professores de Teologia, de igual forma viveram e, ainda vivem, diferentes experiências em relação às suas trajetórias formativas.

A Educação Teológica Superior merece atenção nos dias de hoje, não somente por serem mais de 100 cursos oficializados no Brasil a partir do Parecer CES 241/99[4] desde 1999[5], mas também porque esse fenômeno traz significativas mudanças no perfil do docente dessa área do saber, que tem vivido períodos de transformação. Tais transformações serão discutidas ao longo desse trabalho e, referem-se às mudanças nas exigências de formação pós-graduada de seus

[4] O Parecer CES 241/99 em seu texto completo está no anexo 2.

[5] Vide levantamento apresentado no 24º Congresso Internacional : Religião e Educação para a cidadania na PUCMinas por Lourenço Stelio Rega em dezembro de 2011, Anexo 1 deste documento.

docentes, de adaptações políticas e organizativas, de perfil do egresso, de elaboração de documentos, como Projeto Pedagógico, Projeto de curso e Projeto de desenvolvimento institucional, entre outros. As mudanças advindas das exigências dos formulários de Avaliação Institucional, colocadas pelos órgãos reguladores do Ensino superior no Brasil, trouxeram uma série de adaptações às instituições que desejassem ingressar no Sistema Federal de ensino[6].

Muitas poderão ser as respostas para as problematizações levantadas. A fim de compreender a história dessa instituição, numa interface com a formação docente, no passado e no atual momento transitório, busco informações que auxiliem a explicitar o percurso institucional e as trajetórias formativas de seus docentes que formam matrizes na compreensão da identidade institucional. Dessa forma, proponho-me a estudar a história da instituição chamada Faculdade Teológica Batista de São Paulo, sua fundação até o início dos 1972 e, nos anos de 1999 a 2010.

A pesquisa se orienta em duas direções: sistematização e problematização. Tais direções seguem o exemplo da obra de Paolo Nosella, *Uma nova educação para o meio rural: sistematização e problematização da experiência educacional das escolas de família agrícola do movimento de educação promocional do Espírito Santo*, bem como das pesquisas realizadas por Nosella e Ester Buffa sobre História das instituições escolares vinculadas ao grupo de pesquisa da Universidade Federal de São Carlos e, mais recentemente da Universidade Nove de Julho na cidade de São Paulo.

A primeira parte, chamada sistematização, compreende o conteúdo dos quatro primeiros capítulos. Nesta parte busca-se entender que o estudo das instituições escolares evidencia a materialidade das instituições escolares sob diferentes aspectos, com diversos focos que privilegiam categorias para análise, como cultura da escola, professores, didática, administração; enfim, os múltiplos aspectos de uma instituição escolar em suas nuances e práticas (NOSELLA E

---

[6] As instituições que ainda não se adaptaram, ou que, por opção, não desejam adaptar-se, não poderão mais oferecer ‘cursos superiores de Teologia’ em formato livre, tendo em vista a legislação, e, estão fadadas a terem de encerrar suas ofertas, ou, agir na ilegalidade.

BUFFA, 2009, p.19). Nesta tese, a questão da formação docente como um aspecto na história da instituição, será o foco a ser estudado. A descrição da Educação Teológica entre os batistas do Estado de São Paulo e a história da instituição Faculdade Teológica Batista de São Paulo nos dois recortes temporais trazem a dimensão da historicidade. A discussão da oficialização dos cursos de Teologia trazendo mudanças nas trajetórias formativas dos docentes finaliza a primeira parte. Segue a problematização, que busca caracterizar alguns problemas encontrados no decorrer da pesquisa, e a elaboração de tentativas de análise.

Para esse estudo, a fundamentação teórica encontra-se em autores com pesquisas na área da História das instituições escolares, especialmente Nosella e Buffa, e tem como foco a área de formação de professores.

Na história dessa instituição escolar, a metodologia empregada no levantamento de informações, envolve a busca de dados históricos em documentos institucionais, em documentos veiculados pela mídia da época, em documentos da mantenedora, bem como em álbuns fotográficos utilizados como fontes iconográficas. As entrevistas foram utilizadas para recolher os depoimentos dos professores que viveram os primeiros anos da instituição, bem como os que atuam no presente. Foram utilizadas fontes documentais e orais que deram elementos para o levantamento de dados:

- Atas da Junta do Colégio Batista Brasileiro de 18 de agosto de 1956 a 17 de setembro de 1960;
- Atas da Junta Executiva da Convenção Batista Paulistana de 05 de setembro de 1953 a 04 de agosto de 1956;
- Atas da Junta Administrativa da Faculdade Teológica Batista de São Paulo de 15 de fevereiro de 1965 a 14 de janeiro de 1969;
- Atas da Junta de Educação Teológica de 13 de maio de 1969 a 15 de julho de 1972 e dos anos de 1999 a 2010;
- Jornal ‘Batista Paulistano’ de setembro de 1939 a novembro de 1975 e de 1999 a 2010;
- Relatórios do Diretor à mantenedora de 1956 a 1976 e de 1999 a 2010 – (contidos no Livro do mensageiro a partir de 1990);

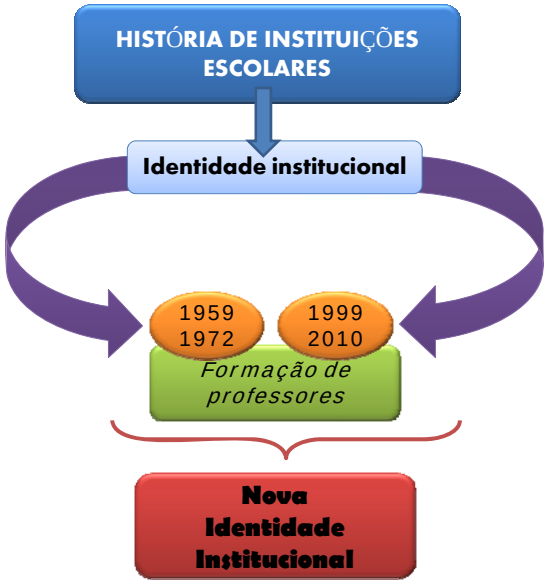
- Entrevista com ex-deão acadêmico Bertoldo Gatz e diretor atual Dr. Lourenço Stelio Rega;

- Entrevista com Thurman Bryant realizada em 1999 por Lourenço Stelio Rega;

- Entrevista com professores antigos (5): Mario Doro, Karl Lachler, Nils Friberg, Russell Shedd, Silas Costa;

- Entrevista com professores atuais (6): Jorge Pinheiro dos Santos, Marcelo de Oliveira Santos, Vanderlei Gianastácio, Alberto Kenji Yamabuchi, Jacira Lima, Jonas Machado[7].

Para melhor compreensão da proposta, elaborou-se um mapa conceitual, que expressa os objetivos a serem alcançados. Na área de pesquisas sobre História das instituições escolares, busca-se por meio desse estudo elucidar a Identidade institucional. Para isso, foram selecionados dois recortes temporais, que têm uma leitura realizada pelas 'lentes' da área de formação de professores. Chega-se assim a uma nova identidade institucional.



Quadro 01 – Mapa conceitual

[7] Todas as pesquisas encontram-se no anexo 2.

Referencial teórico

Sanfelice (2007, p. 77) fala sobre a pesquisa em histórias de instituições problematizando o ‘como entrar’ na instituição. Revela o autor que há muitos focos ao se fazer pesquisas em instituições escolares. Destaca também a importância do pesquisador, que, ao ‘entrar’ na instituição, busque ser criterioso não deixando de lado nenhuma fonte que venha a contribuir com seu objeto de pesquisa. Afirma Sanfelice ao pesquisador que “O desafio é entrar na instituição”, e continua dizendo que é possível entrar na instituição pela “Legislação, padrões disciplinares, conteúdos escolares, relações de poder, ordenamento do cotidiano, uso dos espaços, docentes, alunos e infinitas outras coisas que ali se cruzam”. O autor ajuda a compreender que

> uma instituição escolar ou educativa é a síntese de múltiplas determinações, de variadíssimas instâncias (política, econômica, cultural, religiosa, as educação geral, moral, ideológica, etc) que agem e interagem entre si “acomodando-se” dialeticamente de maneira tal que daí resulte uma identidade (SANFELICE, 2007, p., 77).

A instituição a ser investigada abre as portas para a pesquisa de sua história. Como integrante de seu quadro de docentes, desempenhando a função de coordenadora acadêmica, tenho livre acesso a documentos, bem como a entrevistas com os docentes. Essa aproximação com o objeto de pesquisa apresenta-se como um privilégio, assim como um perigo. Privilégio porque tenho sido motivada pela linha de pesquisa do PPGE da UNINOVE e pelo meu orientador, Dr. Paolo Nosella, que por mais de 20 anos desenvolve pesquisas na área e, atualmente vinculado ao PPGE UNINOVE, é referência no assunto. Já o perigo diz respeito à aproximação do objeto de pesquisa, pois fazendo parte da instituição, há o risco de traçar uma linha tênue entre o papel de pesquisadora e de participante da instituição, o que pode proporcionar um não distanciamento das fontes, dos fatos, das narrativas e estar exposta a protecionismos, envolvimentos emocionais, exaltações da instituição, ou mesmo ao trabalho que ali é realizado sob meu comando. Entretanto, como diz Magalhães (1998, p.62) e outros autores que investigam a área de História de instituições, dificilmente a motivação ou as motivações que levam pesquisadores a

tais pesquisas não está ou não estão carregadas de envolvimento. Entre tais motivações estão o saudosismo, por ter vivido na região onde se encontra a escola, por ter participado como estudante ou como professores do universo a ser pesquisado, ou por ter alguma ligação com algum tema presente em suas pesquisas. De qualquer forma, coloco à disposição de meus examinadores a veracidade dos documentos pesquisados, e abro-me para observações, mudanças que se fizerem necessárias, se de alguma forma for percebido neste trabalho a não transparência ou incoerência com os objetivos propostos. Completo com as palavras de Sanfelice (2007, p. 79) que diz: "não há instituição escolar ou educativa que não mereça ser objeto de pesquisa histórica [...] o maior ou menor grau de relevância de uma instituição [...] não pode tolher a escolha do historiador".

Essa pesquisa é importante não somente pelo estudo de uma instituição escolar que compõe e corrobora para a História da Educação no Brasil, como defendido por historiadores e estudiosos, mas também por seu momento histórico, que é assinalado por muitas mudanças no quadro geral das história das instituições de Teologia. O objeto de estudo constitui uma novidade na História das instituições, bem como na História da Educação no Brasil. Magalhães recorda que a História das instituições se pauta não somente por "abordagens em discursos de natureza apologética e memoralística", mas

> reorganiza-se de facto, dando corpo às características mais genuínas da monografia historiográfica e intenta construir uma identidade histórica, tomando em atenção as coordenadas de tempo e espaço: quadros de mudança e quadros de permanência; relações entre o local/regional e o geral/nacional; relações entre quadros teórico/conceptuais e quadros práticos, seja no que se refere às dimensões pedagógica e didática, seja no que se refere aos objectivos e aos condicionalismos sociais, humanos e tecnológicos (MAGALHÃES, 1999, p. 63[8]).

O estudo da História das instituições é também descrito por Nosella e Buffa (2009, p.17) como tendo um grande período de evolução nos anos 90, sob a ótica da "nova história, a história cultural, a nova sociologia e a sociologia francesa", que formam as "matrizes teóricas das pesquisas". Entretanto, há registros de pesquisas nessa área de estudo desde os anos 50.

---

[8] Magalhães é um autor de nacionalidade portuguesa e assim sendo, as citações foram retiradas de seus textos no português originário de Portugal, o que pode causar estranheza ao nosso português.

Os autores expõem algumas **categorias** de análise que podem ser utilizadas nos estudos sobre História das instituições escolares:

> contexto histórico e circunstâncias específicas da criação e da instalação da escola, processo evolutivo: origens, apogeu e situação atual; vida escolar; o edifício: organização do espaço, estilo, acabamento, implantação e reformas e eventuais descaracterizações; alunos: origem social, destino profissional e suas organizações; professores e administradores: origem, formação, atuação e organização; saberes: currículo, disciplinas, livros didáticos, métodos e instrumentos de ensino; normas disciplinares: regimentos, organização do poder, burocracia, prêmios e castigos; eventos: festas, exposições, desfiles (NOSELLA E BUFFA, 2009, p.18).

Foi possível perceber algumas afinidades nessas categorias de análise. A partir da formação docente busca-se conexões com seu entorno, com seus atores, que construíram e continuam construindo a história da instituição, definindo sua identidade. Reinterpretar o passado mediante a reconstituição histórica da instituição pesquisada, verificando-se o contexto imediato e geral, com uma inserção no campo de estudos em História das instituições, é plenamente adequado para este trabalho.

Como mencionado anteriormente, a pesquisa se orienta em duas direções: sistematização e problematização. O capítulo primeiro busca uma compreensão da interface entre a fundamentação teórica para o estudo da História das instituições e a formação docente, bem como a metodologia de análise dos dados. O capítulo dois apresenta os antecedentes históricos do início do trabalho batista no Brasil e as primeiras instituições de Teologia que se formaram. Tal história está organizada a partir de fontes documentais e orais e diversas obras históricas. O capítulo três apresenta os anos iniciais da criação da FTBSP e utiliza igualmente fontes documentais e orais, como jornais da época, relatórios dos diretores às mantenedoras, Atas das assembleias da Junta Executiva da Convenção estadual das Igrejas Batistas de São Paulo e entrevistas, formando, assim, a primeira fase da pesquisa histórica, os anos iniciais. Pelas 'lentes' da formação docente, procurei traçar o que percebi como identidade institucional. O capítulo quatro apresenta a segunda fase da pesquisa histórica, o final dos anos 90, quando surge o Parecer 241/99, que vem trazer transformações institucionais e, da mesma forma, procurei pelas 'lentes' da formação docente traçar o que considero uma nova identidade institucional. O capítulo cinco apresenta os principais problemas observados na

pesquisa, sua caracterização e tentativas de análise. Nesse momento, em especial, foram utilizadas as entrevistas realizadas com os professores antigos e os atuais que viveram as últimas transformações, verificando os reflexos no trabalho docente. Por último, seguem as considerações finais.

I - INSTITUIÇÕES ESCOLARES E FORMAÇÃO DOCENTE: QUESTÕES TEÓRICAS

1.1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA PARA PESQUISA EM HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES

Dentre os diversos novos enfoques na área da historiografia, encontra-se hoje o da 'História das instituições escolares', que tem despontado como uma importante contribuição ao desenvolvimento dos processos educativos. Neste capítulo, busca-se compreender e destacar a importância de se estudar instituições escolares, dando uma fundamentação ao tema geral desta pesquisa.

Inicia-se com as concepções de Saviani (2007) sobre o sentido etimológico da palavra Instituição, que deriva do latim '*institutio onis'.* Saviani leva a compreender que, no significado desse termo, estão implícitas as ideias de 'ordenar o que não estava ordenado', 'educar', 'formar seres vivos', 'aglutinar procedimentos', 'formar sistemas', 'compartilhar ideias em torno de um mestre', 'crenças', 'rituais e condutas' (SAVIANI, 2007, p. 28). O autor conduz para um entendimento de que, institucionalizar é colocar em ordem algo que já estava sendo realizado, já estava posto, mas, que a partir de um determinado tempo ou momento, é articulado. A ideia de educar e formar seres vivos tem o sentido de pensar a educação como um todo, o que leva a recordar o termo *educere* do latim, que significa conduzir, levar. Pensar a educação como um elemento fundante na formação do indivíduo se faz presente na compreensão da palavra institucionalizar, e Saviani aprofunda seu sentido quando lembra ainda dos termos advindos do francês, *instituteur e institutrice*, que significam aquele ou aquela que ensina. O trabalho daquele que ensina amplia-se ao pensar na formação de um ser vivo, e pode ser entendido como expressão do artístico, da arte, da criatividade deste 'ensinante', num exercício de formatar, de 'dar forma'. Por fim, e provavelmente o que esteja mais presente ao se pensar em institucionalizar, é o sentido que vem da ação de organizar, escolher métodos, criar

rituais que representam critérios colocados por educadores, que facilitam seu trabalho de ordenar condutas e ações educativas. Assim finaliza Saviani:

> o processo de criação de instituições coincide com o processo de institucionalização de atividades que antes eram exercidas de forma não institucionalizada, assistemática, informal, espontânea. A Instituição corresponde, portanto, a uma atividade de tipo secundário, derivada da atividade primária que se exerce de modo difuso e inintencional (SAVIANI, 2007, p. 29).

Quando o autor coloca na definição de instituição o sentido de algo "criado, posto, organizado, constituído pelo homem", remete o leitor para a ideia sócio-histórica, que concebe o homem como construtor da realidade. Segundo essa concepção, o homem imprime seu modo de viver por meio do trabalho que cria a historicidade de uma determinada sociedade. Assim, a instituição é do homem e é material. Fica claro que a instituição é uma "estrutura material", no sentido de que a partir de uma necessidade humana se criam meios, formas e formatos de permanecer ou perpetuar tais necessidades. "Trata-se de uma necessidade permanente. Por isso a instituição é criada para permanecer". Neste conceito de instituição como algo permanente, entende-se que tal permanência implica a ideia de ação. Assim, as relações humanas, desenvolvidas no social por meio de seus agentes, criam as instituições e se organizam "como um sistema de práticas com seus agentes e com os meios e instrumentos por eles operados tendo em vista as finalidades por ela perseguidas" (SAVIANI, 2007, p. 28).

As instituições nascem assim no social e perpetuam-se pelas ações desenvolvidas por seus agentes, nas relações que desenvolvem entre si e no contexto social em que se encontram. As instituições mantêm-se de uma maneira particular, pois geram suas próprias condições de produção, que são também as formas da sociedade expressar seus valores. Dessa maneira, assim como foram geradas, constituídas e institucionalizadas, as próprias instituições trabalham para sua manutenção criando aspectos de reprodução. As instituições escolares, como uma forma de organização de demandas correspondentes a processos formativos do ser humano, enquadram-se na descrição feita por Saviani.

A escola institucionaliza-se por meio do processo social e tem se perpetuado durante as gerações pelas ações daqueles que a defendem. Tais defensores, movidos pelo desejo de uma sociedade melhor, entre outros, desenvolvem relações entre os protagonistas a ela vinculados. Como dito anteriormente, mantém-se por meio de suas condições de produção, que expressam seus valores. Cada instituição assim cria aspectos que se reproduzem preservando seus ideais, que acabam por criar seus próprios meios de reprodução e sobrevivência.

Ao referir-se às instituições educacionais, Magalhães utiliza a expressão 'instituição educativa' definindo-a como

> uma complexidade espaço-temporal, pedagógica, organizacional, onde se relacionam elementos materiais e humanos, mediante papéis e representações diferenciados, entretecendo e projectando futuro(s), (pessoais), através de expectativas institucionais. É um lugar de permanente tensões.[...] são projetos arquitetados e desenvolvidos a partir de quadros socioculturais (MAGALHÃES, 1998, p. 61-62).

Magalhães expande essa definição denominando as instituições escolares como "agentes de produção; meios pedagógicos e didáticos que trazem contributos insubstituíveis para a construção social" (MAGALHÃES, 1998, p. 61-62). Nascidas em contextos físicos e pertencentes a quadros socioculturais estabelecidos, as instituições educativas são meios de se produzir novas concepções. Para Petitat (1994, p. 37), a atividade pedagógica "Tem sua origem no conjunto das relações entre a instituição, os grupos sociais, e as condições gerais do ambiente", e nestas condições, movimentam-se, às vezes de maneira "imperceptível", mas provocam "grandes revoluções pedagógicas!". Para esse autor "A ação educativa é inseparável de uma seleção dos conteúdos simbólicos e de práticas pedagógicas" e, tais práticas e conteúdos são produzidos e reproduzidos institucionalmente, pois têm sua "origem no conjunto das relações entre a instituição, os grupos sociais e as condições gerais de ambiente" (PETITAT,1994, p. 37).

As faculdades de Teologia, como instituições educativas, apresentam-se com uma preocupação voltada para a formação de indivíduos que se dedicam a determinadas funções, de determinado trabalho, vinculados a comunidades eclesiásticas ou não. Nascidas igualmente de quadros sociais e envolvidas em

contextos socioculturais, as instituições escolares de Teologia podem ser compreendidas e analisadas por meio de seus agentes, trabalho didático e meios pedagógicos, ao representarem construtos[9] do social. Por isso, a importância de estudá-las.

Defende ainda Magalhães (1999, p. 68) que a abordagem da História das instituições escolares baseia-se no ideal de que tal maneira de se estudar o interior das instituições traz ao cenário da História da Educação uma quantidade de informações que ultrapassa os espaços físicos e humanos. Tais espaços vão além das estruturas arquitetônicas, que revelam aspectos simbólicos, pois projetam relações de comunicação trazendo à tona a memória individual e coletiva, emergindo a relação educativa.

> A evolução arquitetônica, a gestão/adaptação dos espaços e das estruturas, os ciclos de procura de instrução, os ciclos de renovação dos recursos humanos e materiais, as políticas de habilitação e recrutamento do pessoal docente, as políticas de admissão e de sucesso do pessoal discente, são factos, acontecimentos em combinatórias que de igual modo, não apenas não podem ser deixados de fora da preparação do discurso, integrador e problematizante da síntese histórica, como são fundamentais enquanto factores de informação e vias de estruturação da investigação (MAGALHÂES, 1999, p. 68-69).

Essa citação de Magalhães fundamenta a problemática que está sendo estudada. Investigar o percurso institucional e, em específico, o percurso de uma instituição de Teologia, procurando uma interface na trajetória formativa de seus docentes, não tem sido alvo de muitos trabalhos acadêmicos. Foram encontrados trabalhos com temas ligados às instituições, mas, especificamente de seus percursos históricos e, de trajetórias docentes, em menor medida[10]. Entretanto, falar de instituições de Teologia, sob uma ou outra ótica, constituem caminhos e abrem possibilidades de se estudar o interior dessas instituições, que formam profissionais que atuam nesse campo de estudos. Por isso, hoje é encontrado nos discursos de pesquisadores e de educadores, uma preocupação em elucidar a constituição e a

---

[9] Por construto social entende-se a concretização de elementos da realidade que por meio da historicidade característica do ser humano, são construídos ao longo da história da humanidade. Os construtos sociais se dão com elementos culturais, sociais, e emergem de grupos sociais. Para mais informação vide FURTADO, Odair (org), BOCK, Ana M. Bahia, GONÇALVEZ, M. Graça M.. *Psicologia sócio-histórica. Uma perspectiva crítica em psicologia.* São Paulo : Cortez, 2007.

[10] Foi realizado um levantamento sobre pesquisas em instituições de Teologia – estado da arte - que está apresentado no item 1.3 deste capítulo. Informações mais completas estão no apêndice 1.

identidade institucional dessas escolas de formação, bem como seu papel social[11], confirmando assim sua importância em pesquisas sobre os temas da historiografia da Educação no Brasil.

A História das instituições escolares é um campo de pesquisa no contexto da História da Educação brasileira, que apresenta uma preocupação de descrever seus protagonistas em suas ações, os diferentes momentos vividos, as contradições, a estrutura física, as implicações com as políticas educacionais, seu projeto pedagógico e outros temas, tantos quantos contribuam para a riqueza da pesquisa. Magalhães afirma que

> a partir das ciências da educação, a história da educação, focalizada na escola, tem procurado corresponder a um núcleo duro de questões trans e interdisciplinares, definindo e consolidando o seu estatuto epistêmico através do contributo para os debates centrais às ciências da educação (MAGALHÃES,1998, p. 57).

O autor defende a ideia de que uma "corrente historiográfica" busca estudar o interior da escola na sua multidimensionalidade, caracterizada por seu sentido pedagógico, por uma cultura própria, inserida num contexto social que engloba uma "instância instrutiva e de formação". Tal interesse "vem gerando uma renovação epistemológica que visa resgatar a escola como uma construção histórica, produto de complexos processos de escolarização e realidade epistêmica que oscila entre escola e escolas" (MAGALHÃES,1998, p. 58).

O estudo da história das instituições no Brasil é descrito por Nosella e Buffa (2009), que o dividem em três períodos históricos: o primeiro entre os anos 50 e 60, com estudos iniciados pela antiga Sessão de Pedagogia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, e que foi um marco inicial, sobretudo com a criação de Centros de pesquisa fomentados pela elaboração da LDB/61; o segundo entre os anos 70 e 80, com pesquisas que registram críticas ao regime militar, com um

---

[11] No levantamento feito encontram-se temas como: VIEIRA, Adão Evilásio. *A educação do pastor presbiteriano no Brasil na sua origem, experiência pioneira do seminário presbiteriano do sul-1888-1998.* NOGUEIRA, Edmilson. *Missão da Universidade São Francisco: identidade, história, desafios e evangelização*. NASCIMENTO, Francisco de Assis Sousa. *Estigmas da Educação: Histórias e Memórias do Estudantado Franciscano de Teologia e Filosofia em Parnaíba 1949-1964*. A descrição completa das pesquisas com nomes dos autores, tema, ano, instituição em que foi apresentada encontra-se no apêndice 1.

discurso marcadamente sociológico, em detrimento da discussão da problemática educacional brasileira, ocultando a realidade, o que para os autores se constituiu num “pretexto para ilustrar o desenho do movimento histórico geral” (NOSELLA E BUFFA, 2009, p.16). Os autores alertam que é importante lembrar que, neste momento, vivia-se o início da pós-graduação, que traria um campo de investigação de caráter histórico–metodológico aprofundando estudos científicos; o terceiro momento, na década de 90, com a pós-graduação já ‘consolidada’, foi marcado por uma crise chamada de ‘crise de paradigmas’. “Muitos historiadores criticavam os estudos sobre sociedade e educação por não conseguirem abarcar sua complexidade e diversidade e partiram para uma proposta de um pluralismo epistemológico e temático, privilegiando o estudo de objetos singulares” (NOSELLA E BUFFA, 2009, p.16). Apesar desse período tão aberto à pesquisa de temáticas diversas, os autores o analisam como um ponto positivo, pois tal modalidade de pesquisa ampliou e acrescentou variados postulados teórico-metodológicos, que abriram diversas possibilidades de se buscar uma infinidade de fontes de pesquisa. É nesse terceiro período que se caracteriza o estudo das instituições escolares, sob a ótica dos estudos recentes da historiografia, que compreende a chamada nova história, que, a partir da sociologia francesa, trouxe diferentes contribuições a essa área de pesquisa.

Nilo Odália (1992), prefaciando o livro de Peter BURKEe, A escola dos *Annales,* comenta que a partir de inquietações de Marc Bloch e Lucien Febvre, nas décadas de 10 e 20, começa a se organizar um movimento que viria a mudar a forma de se fazer narrativas históricas. Até então as

> situações históricas complexas se viam reduzidas a um simples jogo de poder entre grandes – homens ou países – ignorando que além dele, se situavam campos de forças estruturais.
> A necessidade de uma história mais abrangente e totalizante nascia do fato de que o homem se sentia como um ser cuja complexidade em sua maneira de sentir, pensar e agir, não podia reduzir-se a um pálido reflexo de jogos de poder, ou de maneiras de sentir, pensar e agir dos poderosos do momento. Fazer uma outra história, na expressão usada por Febrve, era portanto menos redescobrir o homem do que, enfim, descobri-lo na plenitude de suas virtualidades, que se inscreviam concretamente em suas realizações históricas (ODÁLIA in BURKE, 1992, p. 4-5).

A chamada 'Escola de Annales'[12] teve como objetivo trazer inovações para a historiografia. Com a criação da revista *Annales*, em 1929, e no núcleo da chamada 1ª fase dos *Annales*, composto principalmente por Block e Febvre, inicia-se um movimento que se desdobra em muitas intersecções no campo da historiografia e, desse modo, amplia a maneira de se fazer história. Para BURKE,[13] "a revista, que tem mais de sessenta anos, foi fundada para promover uma nova espécie de história e continua, ainda hoje, a encorajar inovações" (BURKE, 1992, p.7).

Diversas pesquisas têm fundamento no movimento dos *Annales* e vieram abrir campos de estudo sobre a "cultura da escola, formação de professores, livros didáticos, disciplinas curriculares, currículo, práticas educativas, questões de gênero, infância e obviamente, as instituições escolares" (NOSELLA e BUFFA, 2009, p.16). Um levantamento feito por Nosella e Buffa (2009) informa que entre os anos de 1971 a 2007 foram escritos mais de 300 textos sobre instituições escolares nas diversas categorias de trabalhos acadêmicos. Desses estudos, a partir dos anos 90, emerge a categoria de História das instituições escolares, num crescente movimento de escolha do tema com maior incidência em dissertações de mestrado. Esse dado, segundo os autores, é de fundamental importância, pois evidencia "'quem' fala – professores e pós-graduandos – e o 'lugar' de onde se fala - a academia, em especial os Programas de Pós-graduação em Educação". Comentam ainda sobre as fragilidades da pesquisa em história de instituições e apontam a escassez de informações da própria área como uma das causas de tal fragilidade. Outra problemática é a falta de tempo hábil para pesquisa, leitura e aprofundamento no tema, bem como a pouca cultura acadêmica e de pesquisa, que faz com que pesquisadores, alunos de programas de pós-graduação no Brasil não se dediquem tanto quanto poderiam ou gostariam, para o cumprimento de tais pesquisas, além da precariedade das próprias condições institucionais, como bibliotecas e recursos para tal (NOSELLA E BUFFA, 2009).

---

[12] A escola de *Annales* origina-se na França e está vinculada a um pequeno grupo que criou a revista *Annales* em 1929.

[13] Burke (1992) expõe sobre os três períodos de *Annales* e tem sido reconhecido por sua obra "*A Escola de Annales, 1929 – 1989. A revolução francesa da historiografia*. São Paulo : UNESP, 1992", como uma contribuição significativa sobre o desenvolvimento desse movimento e seus principais protagonistas.

Autores como Carvalho (2005), Gatti (2005), Magalhães (1999, 1998), Araújo (2007), concordando com Nosella e Bufa (2009), afirmam a grande influência dos *Annales,* chamada em sua segunda fase de 'nova história', nos estudos sobre História das instituições escolares. Assim analisa Araújo (2007, p.37),

> A Escola de Annales surge contra o vazio dos fatos, contra a "pobreza" de visão que reduzia o mundo à relação entre "grandes homens", exército e povos. Busca, ela, uma história totalizante que procura compreender o homem em sua plenitude, para a qual a história tradicional era incompleta. Era, pois, necessário, transformar a história. Substituir a "narrativa histórica" por uma "história problema". Era necessária uma "colaboração interdisciplinar" para levar para dentro da história horizontes, conceitos e inflexões de outras disciplinas.

O movimento da 'nova história' traz ao cenário da historiografia temas vinculados à "construção dos sujeitos e dos sentidos das suas ações, pela relação entre as estruturas, as racionalidades e as ações desses sujeitos históricos" (MAGALHÃES, 1998, p.59). Ao estudar os sujeitos históricos o pesquisador depara-se com contextos de formação e de percursos que, no entender de Magalhães, constituem uma meta-narrativa "que (en)forma a hermenêutica das fontes de informação" (MAGALHÃES, 1998, p.59). Tal hermenêutica precisa ser trabalhada dialeticamente num movimento implicado com a heurística a fim de trazer aproximações com o objeto buscando novas fontes de informação.

Outra novidade a partir da concepção da chamada 'nova história' possibilitou ao pesquisador em educação uma visão voltada para novos campos de investigação, como histórias de vida, memórias coletivas e individuais, biografias, imagens, representações, entre outras (MAGALHÃES, 1998, p.59). Autores como Magalhães (1998,1999, 2004) e Nóvoa (1992), afirmam que alguns estudos que antes tinham um olhar mais voltado para questões *macro* (políticas, constituições sociais, que formam o sistema educativo de uma maneira geral) e para questões *micro* (o interior da sala de aula e o aluno com suas problemáticas de aprendizagem) lançam uma nova opção em pesquisas do tipo *mezzo* visando à inter-relação entre essas questões como interlocutora nos conceitos de tempo e espaço.

O que é novo no campo de investigações sobre instituições escolares é a maneira como se escreve sobre elas, ou seja, em qual referencial teórico se fundamenta a investigação. Noronha afirma que "a historiografia das instituições educativas como âmbito de estudo na História da Educação é uma tentativa de escrever a História das instituições escolares rompendo com a perspectiva descritiva e com os registros oficiais da escola" (NORONHA, 2007, p. 165).

O alerta de Noronha (2007) a esse respeito é para o cuidado com a referência teórica para tal estudo, questiona também se as investigações históricas precedem a uma teoria da história que busca responder à questão: O que é história? Tal busca procura desvelar o objeto a ser estudado e a realidade em que tal objeto se apresenta, refletindo-se sobre a natureza do histórico. Afirma Noronha que tal forma de fazer pesquisa abre caminhos para a natureza das teorias da história, entretanto, na investigação, o pesquisador também se depara com o 'como' pesquisar a história, e, esse campo de estudos é chamado de historiografia. Tal advertência é dada àqueles que se aventuram a escrever sobre a história das instituições, para que não se apresentem como *historicistas da educação,* e sim, como *historiadores da educação*[14] (NORONHA, 2007, p. 166). Grande parte de trabalhos de História das instituições é realizada por pesquisadores que provêm dos cursos de pedagogia e que não têm em sua formação embasamento compatível com um nível de comprometimento teórico requerido por Noronha. Para a autora, esses trabalhos expressam um "*paradoxo do pedagogo historiador".* Finaliza sua argumentação conclamando o pesquisador a "uma formação mais rigorosa do tipo crítico – reflexiva, tanto no que se refere aos métodos da história quanto à historiografia da educação para que tenha clareza de seu *objeto* e possa fazer esse movimento permanente e rigoroso entre o particular e o geral" (NORONHA, 2007, p. 172).

Noronha fundamenta sua crítica afirmando que nos cursos de Pedagogia, a disciplina de História da Educação não prepara pesquisadores para o campo de pesquisas em História. Tal crítica diz respeito à maneira como é ensinada tal disciplina com um referencial teórico mais voltado para descrição dos fatos e não

[14] O termo 'historicistas' é de Aróstegui, e utilizado por Noronha em sua obra: Historiografia das instituições escolares: contribuições ao debate metodológico. In *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas, SP : Autores associados: HISTEBR; Sorocaba, SP : Uniso; Ponta Grossa, Pr : UEPG, 2007, p. 166.

para uma crítica à realidade, quanto ao pensamento educacional, não levando em conta a explicitação do caráter histórico das produções humanas e a historicidade das instituições escolares (NORONHA, 2007, p.169). O campo de estudos da História das instituições escolares passa a oferecer uma contribuição mais efetiva quanto aos trabalhos de pesquisa, pois amplia os objetos de estudo que incluem outros sujeitos, outras abordagens que fazem conexões com história social e a história cultural. Outro questionamento levantado pela autora é que a realidade dos cursos de preparação de professores demonstra desde a graduação uma pequena parcela de conteúdos universais, o que torna tal tarefa difícil[15]. Noronha defende que, com a dimensão da 'totalidade histórica' espera-se que a historiografia supere os vazios e a falta de respostas deixados pela chamada 'história tradicional'. Esta não se preocupou com "perguntas", ou melhor, com "respostas" a questões que advêm das relações entre sujeito e objeto para que a construção do conhecimento histórico pudesse fazer avanços na "compreensão do objeto e nos modos de tratar-se o objeto" (NORONHA, 2007, p. 170).

Temas relativos ao lugar da História da Educação no campo da historiografia é uma discussão entre historiadores e educadores, bem como sua objetividade no contexto das disciplinas cursadas em cursos de pedagogia como afirmado por Noronha (2007). Carvalho (2005) também discorre sobre tal tema, bem como sua objetividade no contexto das disciplinas cursadas em cursos de pedagogia, e faz uma descrição do desenvolvimento de tal disciplina, relatando seu descolamento do campo de estudos de filosofia, sua constituição e seu estatuto epistemológico. Segundo a autora, integrando o campo das ciências da educação, a História da Educação preocupa-se hoje com questões contemporâneas e passa a

> tematizar a perspectiva dos sujeitos dos processos investigados, trabalhando com as *representações* que os agentes históricos fazem de si mesmos, de suas práticas, das práticas de outros agentes, de instituições – como a escola – e dos processos que as constituem (CARVALHO, 2005, P. 35).

Dessa forma, as informações que possam contribuir para a pesquisa em história das instituições tornam-se importantes, pois "evidenciam a historicidade do

[15] Noronha cita Aróstegui, que defende como uma necessidade na preparação do pesquisador em história, conteúdos mais universais que abranjam noções de ciências sociais, filosofia, cultura clássica, entre outras áreas de estudo.

lugar social em que o historiador interroga o arquivo, lançando um novo olhar sobre as fontes disponíveis" (CARVALHO, 2005, p. 35).

Ao se referir aos historiadores da educação, levanta a questão das relações entre particular e universal na tentativa de buscar uma síntese histórica. Tal pensamento também é defendido por Nosella e Buffa (2009), que afirmam que, por meio de tais pesquisas, é possível a compreensão dos movimentos sociais, o particular e o universal, e encontrar maneiras de se escrever a história das instituições.

A questão teórica e metodológica da pesquisa deve ser considerada prioridade nas investigações, trazendo colaborações ao campo de estudos, ampliando a "construção da identidade histórica das instituições em estudo" (NORONHA, 2007, p. 167). Noronha preocupa-se com o fato de se escrever a História das instituições sem uma fundamentação teórica e metodológica. Tal forma de fazer pesquisa é adjetivada por ela de 'ingênua', pois não representa uma preocupação na "multiplicidade de visões do que seja o histórico" (NORONHA, 2007, p. 168).

A autora ainda argumenta que o campo de estudos em História da Educação ganha novas dimensões e passa a explorar uma multiplicidade de temas presentes anteriormente em seus estudos, mas agora desvelados, explícitos em suas nuances. Cita exemplos como a história das disciplinas escolares, a história da profissão docente, a história do currículo, a história do livro didático, entre outros (NORONHA, 2007, p. 170).

A afirmativa de que o conhecimento historiográfico tem sido acrescido de uma renovação no quadro da História da Educação também é defendida por Justino Magalhães em seus textos (1998,1999, 2004). Para esse autor, buscar novos questionamentos permite uma abertura a novos problemas a serem explorados pelo pesquisador e acrescenta uma especial sensibilidade proporcionada pela análise de diferentes contextos que envolvem sua pesquisa. Por lidar com informações de várias naturezas, o pesquisador tem diante de si uma riqueza de informações obtidas em formatos orais, em documentos de arquivos, museus, em expressões

arquitetônicas, considerados como fontes originais e fontes secundárias (MAGALHÃES, 1999, p. 63). Ressalta o autor que dessa forma tal pesquisa traz uma contribuição no que diz respeito à identidade da instituição. Construir a identidade histórica de uma instituição implica, segundo Magalhães, em não somente integrá-la no contexto do sistema educativo, mas contextualizá-la na comunidade e na região em que se insere e também "sistematizar-lhe e (re)escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo-lhe um sentido histórico" (MAGALHÃES, 1999, p. 64). Um estudo hermenêutico de boa interpretação permitirá uma relação entre memória e arquivos, que não se reduz por meio de simples descrições, mas que procura estabelecer entre espaço e tempo contribuições provenientes de

> agentes, meios, atitudes, culturas, valores, interesses, motivações, racionalidades que se traduzem na acção educativa [...], É na análise historiográfica que tal identidade ganha verdadeira razão de ser. Uma construção entre a memória e o arquivo, entretecendo uma relação entre aspectos sincrónicos e diacrónicos (MAGALHÃES, 1999, p. 68).

As relações entre memória e arquivo são estudadas por Magalhães, que afirma que a memória da instituição se forma a partir de contradições, da transmissão oral, da somatória de outras memórias, de pessoas e de gerações. Uma memória que pode exaltar ou rebaixar o 'heroico' e o 'fabuloso', enfim, "uma memória constituída por relatos e representações, simbólicas ou materiais, sedimentadas ou mediatizadas por historiais e crônicas de reduzido valor científico" (MAGALHÃES, 1999, p. 69). O autor argumenta que no interior da instituição, nas práticas cotidianas, vai se formando uma cultura daquela escola, daquela comunidade e que essa constituição identitária lhe confere valor histórico. O valor *epistémico,* nas palavras de Magalhães de investigações dessa natureza, centra-se na articulação entre relatos orais munidos de rigor metodológico e investigação de documentos arquivísticos. Esta abordagem, chamada por ele de *mezzo-abordagem,* oferece condições por meio de uma *'micro-análise'* de se obter dados para uma abordagem historiográfica que não se inscreve somente a partir dos aspectos de inserção da instituição no sistema educativo, numa perspectiva ampla, mas também se atém a dados *micro*, no interior da escola. A memória assim não dispensa rigor científico e pode ser verificada pelo investigador a partir de questionamentos que

buscam elucidar as relações hierárquicas e os valores entre as pessoas, ou em documentos.

> Nada na vida de uma instituição escolar aconteceu por acaso, assim o que se perdeu ou transformou, como o que permanece. A memória de uma instituição é, não raro, um somatório de memórias e de olhares individuais ou grupais. É nesse vai-vém entre a memória e o arquivo que o historiador constrói uma hermenêutica e um sentido para seu trabalho. Um sentido para a História das instituições educativas (MAGALHÃES, 1999, p. 71).

Para Magalhães, os sujeitos educacionais, alunos, professores e todos que participam da comunidade escolar, devem ser pesquisados como que tendo uma interação entre eles em que se notifiquem os papéis de emissores e receptores. O autor entende o relato oral como uma importante contribuição para as histórias das instituições. Esses relatos orais são chamados por ele de *vivências de intinerários de vida,* e aceita tais contribuições como experiências vividas no interior das instituições, e que permitem ao pesquisador utilizá-las munido de uma boa percepção, na hora da aproximação do pesquisado. Aproximação esta que procurará buscar referências do ponto de vista 'político e simbólico', o que confere a esse recurso valor hermenêutico. Na presente pesquisa foram feitas entrevistas a antigos professores e a atuais professores, que ofereceram à investigação um rico material de análise.

Quanto aos arquivos, adverte que se busque toda documentação escrita em nível nacional, regional, local, bibliográfica e museológica. Ao relembrar o pouco cuidado dispensado aos arquivos escolares, enfoca a importância do arquivamento institucional. Ao iniciar a pesquisa de arquivos, foram encontrados alguns documentos guardados em pastas por datas. Nessas pastas estavam as Atas das mantenedoras e relatórios. Sem compreender a riqueza que tais documentos representavam, os funcionários da instituição, de maneira aleatória, guardaram esses arquivos de importância fundamental para a própria instituição e para essa pesquisa. De igual forma, foram encontradas fotografias e um antigo álbum de formandos datado do ano de 1953. Nos veículos de comunicação, como jornais e folhetos informações e impressões sobre o desenvolvimento da instituição, desde antes de sua fundação, também foram encontradas diversas informações que serão explicitadas posteriormente. Esse encontro entre o material de arquivo e os

depoimentos constitui o que Magalhães chama de movimento hermenêutico entre a memória e o arquivo e que dão valor à pesquisa.

A argumentação de Magalhães conduz ao entendimento de uma renovação no estudo de instituições escolares que têm fundamentos etnocêntricos, que fazem uma relação do interior da escola com o mundo exterior. O autor usa uma palavra pouco utilizada em nosso português quando se refere a bases *historiológicas,* o que permite ao leitor, pensar a escola numa perspectiva da Filosofia da história, que aprofunda os aspectos do mundo presente, da contemporaneidade e da modernidade. Nesse sentido, tal maneira de analisar a escola faz emergir categorias advindas do espaço da sala de aula, dos manuais, do calendário escolar, das instituições, e que circulam entre as "histórias de vida, o imaginário, o utópico, os grafismos, as representações murais e memoralísticas" (MAGALHÃES, 1999, p. 71). Quando Magalhães se refere ao estudo da historiografia da educação construída a partir do interior da escola transmite o conceito de que tanto a escola como a educação são construções históricas e usa o termo *etno/historiografia* para definir tal movimento, que no entender do autor busca dar resposta sobre o que é a escola. No interior da escola, "Os fenômenos educativos apresentam materialidade, representação, apropriação, conceitos que constituem uma constelação de categorias operacionais (instrumentais) à historiografia da educação" (MAGALHÃES, 2004, p.96). A partir dessa afirmativa, elabora uma série de categorias que se assemelham ao grupo de categorias colocadas por Nosella e Buffa. Desse modo, foi elaborado um quadro para compreender as categorias trazidas pelos autores, no estudo de instituições escolares.

NOSELLA e BUFFA
contexto histórico e circunstâncias específicas da criação e da instalação da escola, processo evolutivo: origens, apogeu e situação atual
o edifício: organização do espaço, estilo, acabamento, implantação e reformas e eventuais descaracterizações
alunos: origem social, destino profissional e suas organizações
vida escolar
saberes: currículo, disciplinas, livros didáticos, métodos e instrumentos de ensino
professores e administradores: origem, formação, atuação e organização
normas disciplinares: regimentos, organização do poder, burocracia, prêmios e castigos
eventos: festas, exposições, desfiles
Fonte: NOSELLA, Paolo, BUFFA, Ester. *Instituições escolares: por que e como pesquisar*. Campinas: Alínea, 2009, p. 18**.**
MAGALHÃES
Espaço (local, lugar, edifício, topografia)
Tempo - (calendário, horário, agenda antropológica), o currículo - uma acepção estreita, que resulta de uma justaposição de categorias analíticas e objectos instituintes da realidade escolar, correspondendo ao conjunto de matérias, leccionados e respectivos métodos, tempos, etc ou uma acepção transversal à cultura e à realidade escolar, visão sintética de influência anglo saxônica e norte americana, em que o currículo corresponde à racionalidade da prática (desenvolvimento curricular), uma verdadeira política curricular
modelo pedagógico escolar e a construção de uma racionalidade complexa que articula a lógica estruturante interna com as categorias externas que a informam e a constituem – um tempo, um lugar, uma ação
os professores: formas de recrutamento, profissionalização, organização, formação, mobilização por um lado, suas histórias de vida, intinerários, expectativas, decisões, compensações, representações – espaços de liberdade do professor
manuais escolares: sua construção e apropriação
públicos: formas de estimulação e resistências
dimensões: níveis de apropriação, transferências de cultura escolar, escolarização, alfabetização
Fonte: MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história as instituições educativas. In SOUZA, Cynthia Pereira de, CATANI, Denise Barbara. *Práticas educativas, culturas, profissão docente*. São Paulo : Escrituras, 1998, p.56.

Quadro 02 - Categorias de análise dos autores: Nosella e Buffa e Magalhães

Algumas categorias trazidas por Nosella e Buffa não são contempladas por Magalhães e vice-versa. Isso ocorre porque não há uma só maneira de definir categorias de análise. Nesta pesquisa, a categoria a ser estudada é a de professores, onde suas trajetórias formativas ajudarão a fazer uma leitura de tal história e servirão como ‘lentes’ para caracterizar sua identidade institucional.

Retomando o conceito de instituição educativa e usando as palavras de Magalhães, a instituição escolar é definida a partir de uma referência historiográfica como um lugar de permanente ‘tensões’. Tais tensões, provocadas por circunstâncias sistematizadas, normativas, implicadas numa dimensão totalizante e

pertencente a um organismo mais amplo, são produtoras de 'práticas e representações' que se perpetuam na história e na cultura das mesmas (MAGALHÃES, 1998, p.62). Para o autor, a aproximação do pesquisador com o objeto de pesquisa, uma instituição escolar, poderá acontecer por três motivos: por conhecer e reconhecer algo sobre a instituição, por ter ao seu alcance as memórias e as histórias da instituição ou por não haver relatos divulgados sobre a instituição. No caso da investigação em curso posso afirmar que tenho proximidade e intimidade com a instituição e acesso a arquivos que poderão contribuir para o seu êxito. Tal aproximação, porém, deverá ser cuidadosamente trabalhada para não cometer equívocos como os citados na Introdução deste trabalho.

Nosella e Buffa (2009) defendem o método marxista investigativo, que orienta o pesquisador a se deter em investigar aspectos particulares da realidade "antes de expor o movimento real na sua totalidade", utilizando a dialética. Afirmam que é importante ter um olhar para o particular antes de se expor a totalidade e justificam com palavras de Marx ao afirmar que: "a pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real" (MARX, apud NOSELLA E BUFFA, 2009, p.73). Para os autores, convém a quem investiga instituições escolares e deseja usar o método dialético se ater a

> Conexão íntima entre a forma pela qual a sociedade produz sua existência material e a instituição escolar que cria. Ou seja, o fundamental no método não está na consideração abstrata dos dois termos, escola e sociedade, relacionados a *posteriori*, mas na relação constitutiva entre eles, pois esses termos só existem na relação (NOSELLA E BUFFA, 2009, p.79).

A metodologia investigativa trazida por Nosella e Buffa é usada como base e tem fundamentos em Marx, para o qual, o ser humano se relaciona com a natureza transformando-a pelo trabalho e construindo a história. "A história é vista como um processo contraditório, produto da ação dos homens em sociedade, para a construção de sua própria existência" (GONÇALVES, 2007, p. 38). O materialismo dialético concebe o homem como sujeito que atua no mundo, que age no mundo se apropriando da natureza e da realidade de maneira adequada. As condições materiais, chamadas de condições objetivas, são dadas pelo social e o homem atua

sobre essas condições. As condições objetivas, por meio da ação do homem, geram cultura, geram relações sociais e experiências por sua vivência em sociedade. Nesse movimento são construídas as ideias, que para Gonçalves "representam a realidade material vivida e construída pelos homens" (GONÇALVES, 2007, p. 38).

O homem, mergulhado na vida em sociedade, contém em si sua singularidade. O social e o individual, numa relação como que de inclusão e exclusão, mostram o que acontece e a forma como acontece o movimento entre eles, que se dá em constante interação. O "indivíduo só pode ser realmente compreendido em sua singularidade, quando inserido na totalidade social e histórica, que o determina e dá sentido a sua singularidade" (BOCK, 1999, p.34). Bock afirma que é necessário conhecer o homem em sua "inserção na sociedade". Tal inserção é natural e implica o mundo das ideias construído nas relações, e que são permeadas de contradições e expressam as significações que por sua vez "são a matéria-prima da consciência individual" (BOCK, 1999, p.33). Para Gonçalves,

> O conjunto das ideias produzidas pelo homem inclui crenças, valores e conhecimento de toda ordem. Esse referencial é o materialismo histórico e dialético e, de acordo com essa concepção, as ideias e conhecimentos produzidos pelo homem em determinado momento histórico refletem a realidade desse momento histórico, ou seja, o pressuposto é de que a origem das ideias produzidas socialmente está na base material da sociedade (GONÇALVES, 2007, p. 39).

O que a autora nos ensina é que as condições objetivas modificam ações, comportamentos, pensamentos e ideias envolvidos num movimento dialético. Lessa e Tonet (2008, p. 18-19) afirmam que

> toda objetivação é uma transformação da realidade [...] Toda objetivação produz uma nova situação, pois tanto a realidade já não é mais a mesma (em alguma coisa foi mudada), quanto também o indivíduo já não é mais o mesmo, uma vez que ele aprendeu algo com aquela ação.

O propósito desta investigação é analisar a construção da identidade histórica de uma instituição pelas 'lentes' da formação docente buscando nos dois recortes temporais destacar a afirmação institucional na comunidade batista e a caracterização dos docentes. No segundo período, há um destaque, qual seja, a partir de políticas públicas trazidas pela Educação Superior no Brasil, novas maneiras de se produzir formação teológica passam a integrar um cenário nunca

antes visto. Assim, professores buscam novas áreas do saber e diferentes formações acadêmicas que influenciam suas vidas produzindo novas ideias, que modificam comportamentos. Suas trajetórias formativas, que incluem novos projetos de formação, serão investigadas a fim de desvendar o percurso institucional e a historicidade construída institucionalmente. No movimento da dialética, as contradições geradas nas relações expressam “a historicidade das experiências humanas, bem como as ideias produzidas pelos homens como expressão mediada dessas experiências” (GONÇALVES, 2007, p. 38). Buscar o método dialético para as pesquisas em instituições escolares faz emergir a relação entre o particular e o geral. Quando se evidencia que o particular tem uma relação direta com o geral, afirma-se que há uma totalidade histórica e, desta, emergem interesses contraditórios.

1.1.1 - O método dialético de análise

Para interpretação de dados pesquisados em História das instituições, Nosella e Buffa (2009, p. 78) destacam a dialética marxista como base para discussão, afirmando que deve ser compreendida como “um processo investigativo, no qual a história dos homens está aberta a vários desdobramentos, dependendo das lutas e das vontades humanas”. Entendem os autores que a pesquisa da História das instituições pode vir a contribuir no desvendamento de tais desdobramentos, pois, na dialética, pressupõem-se elementos que se encontram para uma discussão. Para os autores, a sociedade entende as instituições como parte integrante de seu contexto, assim como as instituições se sentem parte da sociedade, formando entre si uma relação dialética. Para as pesquisas sobre instituições escolares, no método dialético, busca-se “relacionar o particular (o singular, o dado empírico) com o geral, isto é, com a totalidade social, evidenciando interesses contraditórios” (NOSELLA E BUFFA , 2009, p. 80).

Para Nosella e Buffa “dialética em seu sentido etimológico significa a arte dos contraditórios”. A dialética marxista procura a relação dos contrários. Não se trata de defender ou se ater a um dos elementos, mas, de investigar a relação entre eles.

> A dialética não é uma relação mecânica que descortina, para além da aparência (escola) uma essência metafísica (sociedade). Ao contrário, é uma condição recíproca de existência. Ou seja, assim como uma determinada sociedade foi condição para a criação e o desenvolvimento de uma determinada instituição escolar, esta é a condição da existência daquela, porque molda suas relações de produção, sem esquecer, porém, que, na produção da escola, a sociedade opera de forma conflituosa, pois suas opostas classes sociais lutam, em opostos campos, em favor de escolas que atendam aos seus próprios interesses (NOSELLA E BUFFA, 2009, p. 79 - 80).

Pires (1997, p.86) afirma que a partir do exercício de “pensar a realidade”, é possível “aceitar a contradição, caminhar por ela e apreender o que dela é essencial”. Assim, refletir a partir do real fazendo abstrações, ajuda o pesquisador a chegar ao “concreto pensado”, que significa uma “compreensão mais elaborada do que há de essencial no objeto”.

Gadotti (2008) apresenta em *Concepção dialética em educação, um estudo introdutório,* alguns princípios ou leis da dialética. Nesses princípios, fala sobre relações, transformações, mudanças qualitativas, unidade e luta dos contrários, e corrobora com Nosella e Buffa (2007) de que a contradição é a essência fundamental da dialética.

A história é construída nas unidades e na luta dos contrários. A exploração destas unidades e lutas de contrários expressam uma forma de dar a este estudo, por meio do método dialético, uma leitura mais próxima da realidade, do vivido pela instituição, bem como pelos seus docentes, chegando (ao geral), à sociedade. Gadotti citando Marx afirma que:

> Em cada realidade precisamos apreender *suas* contradições peculiares, o *seu* envolvimento peculiar (interno) a *sua* qualidade e as *suas* transformações bruscas; a forma (lógica) do método deve, pois, subordinar-se ao conteúdo, ao objeto, à *matéria* estudada; permite abordar, eficazmente, o seu estudo, captando o aspecto mais geral desta realidade, mas jamais substitui a pesquisa científica por uma construção abstrata (MARX, in GADOTTI, 2008, p. 33).

Gadotti ao analisar o método marxista afirma que o próprio Marx marcava a importância de apreender a realidade e suas contradições para obter uma leitura mais aproximada do real. Para Pires (1997, 85), “o mundo é dialético (se movimenta e é contraditório)”, para tanto “é preciso um Método, uma teoria de interpretação que consiga servir de instrumento para a sua compreensão, e este instrumento lógico pode ser o método dialético”. Essa autora lembra aos educadores que esse método se apresenta

> como auxílio na tarefa de compreender o fenômeno educativo [...] diz respeito à necessidade lógica de *descobrir*, nos fenômenos, a categoria mais simples (o empírico) para chegar à categoria síntese de múltiplas determinações (concreto pensado). Isto significa dizer que a análise do fenômeno educacional em estudo pode ser empreendida quando conseguimos *descobrir* sua mais simples manifestação para que, ao nos debruçarmos sobre ela, elaborando abstrações, possamos compreender plenamente o fenômeno observado (PIRES, 1997, p. 85-87).

A escola é identificada por Nosella e Buffa como um “espaço de luta social pela hegemonia econômico política” (NOSELLA E BUFFA, 2009, p. 80). O interior da escola pode ser estudado a partir de uma investigação sobre a origem social dos atores da instituição escolar definindo o sentido social da escola em estudo. Por outro lado, outros fenômenos poderão ser descobertos quando o pesquisador “se debruça”, como afirma Pires, em “simples manifestações” que levam a desvendar manifestações mais complexas (PIRES,1997, p. 87).

O objeto de estudo desta investigação procurará explorar o que pode ser encontrado (a partir do particular) nas relações estabelecidas na instituição em estudo que retratam o pensamento da época, procurando verificar nos documentos históricos e nas entrevistas dados que possam contribuir para a construção da identidade da instituição. As relações de poder, as relações mantenedora/instituição; denominação/instituição; professor/instituição; as mudanças vividas em seus primeiros anos de existência, as transformações que vieram a partir de 1999 com as políticas públicas desde o Parecer 241/99; as mudanças observadas em sala de aula, e todos os dados que possam cooperar para a compreensão do objeto em estudo.

1.2 - FORMAÇÃO DOCENTE

A área de formação de professores desenvolve estudos sob as mais diversas óticas. Grande parte dos estudos refere-se à formação de professores do ensino básico ou médio. Em menor quantidade, é possível encontrar estudos sobre professores de nível superior. Dentre os objetivos deste estudo, encontra-se o de trazer aproximações entre o estudo da História das instituições escolares e a formação docente.

Romanowski e Erns (2006) trazem informações sobre pesquisas e estudos desenvolvidos a partir da temática da formação docente, buscando dados em artigos de periódicos da área educacional encontrados em trabalhos apresentados nos encontros anuais da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação – ANPED. As autoras informam que na década de 90, embora o número de trabalhos acadêmicos tenha quase dobrado, os estudos sobre formação docente não cresceram na mesma proporção, permanecendo mais ou menos estáveis entre 5 e 7% do total dos trabalhos e, a maioria desses estudos concentra-se na formação inicial (41%) (ROMANOWSKI e ERNS, 2006, p.42).

André (2011) também apresenta estudos no período dos anos 90, em que buscou investigar quais os temas de maior destaque em pesquisas de formação docente, defendidas em trabalhos de dissertações e teses utilizando o CD-ROM da Anped, 3ª edição. Dentre os temas mais abordados na pesquisa foram destacados: formação inicial, formação continuada e identidade e profissionalização docente. O que chama a atenção na leitura do texto sobre tal pesquisa foi o que André nomeou de ‘aspectos silenciados.’ Dentre os chamados aspectos silenciados, ou com poucas investigações, encontra-se a formação para professores para o Ensino Superior. Essa investigação sobre pesquisas datadas dos anos 90 revela um ‘silêncio’ sobre a formação docente para o ensino superior. Curiosamente, foi publicado na Revista ‘Veja São Paulo,’ de 12 de dezembro de 2012, um artigo com dados de uma pesquisa que tem sido realizada com ex-alunos da USP. Diz o artigo que 13.000 estudantes em média se formam anualmente, nos 247 cursos de graduação e pós-

graduação dessa Universidade. Dos egressos, aponta a pesquisa que 54% dedicam-se hoje à vida acadêmica[16].

Alguns dados foram encontrados para tentar compreender melhor o 'silêncio'' ao qual André se refere. Foram avaliados no último Enade – 2011 - 227 Universidades, 141 Centros universitários, 1771 Faculdades isoladas. No Enade de 2007 foram avaliadas 180 Universidades, 137 Centros universitários e 1532 Faculdades isoladas.

ENADE	2007	2011	Novas unidades	% crescimento
Universidades	180	227	47	Aprox/ 26%
Centros Universitários	137	141	4	Aprox/ 2,9%
Faculdades isoladas	1532	1771	239	Aprox/15,6%

Quadro 03 - Crescimento de instituições superiores no Brasil de 2007 a 2011
(Fonte - IGC – disponível www.inep.gov.br, acesso em 15/12/2012).

Num espaço de quatro anos, a porcentagem de crescimento na educação superior foi significativa, aproximadamente 26% em Universidades. Mas, traz admiração as 239 novas unidades de faculdades isoladas criadas neste período que equivalem a um aumento de aproximadamente 15,6%. Nesse considerável aumento de cursos de graduação, e muito provavelmente de pós-graduação[17] nos últimos anos, infere-se que deve haver da mesma forma uma expansão de formação de profissionais, professores habilitados para esses novos cursos.

Se as pesquisas apontam que houve um 'silêncio' em relação à formação do professor universitário nos anos 90, pergunta-se: por qual razão o docente do curso superior não despertou interesse aos pesquisadores? Nota-se nos últimos quatro anos, um crescimento em torno de 15,6% de faculdades isoladas. Pergunta-se: Quem está ministrando aulas nesses cursos? Haverá agora interesse em pesquisar o professor de ensino superior?

[16] Para maiores informações vide www.usp.br. Acesso em 01/12/2012

[17] Se levar em conta o Parecer 1/2007 que regulamenta os cursos de Pós-graduação.

Pode-se afirmar sem margem de erro que a maioria dos cursos de graduação em Teologia oficializados a partir de 1999 pertence à categoria de faculdades isoladas[18], contribuindo com esses índices. Segundo levantamento feito por Rega os cursos de Teologia oficializados somavam 283 no ano de 2011. Passados 12 anos 'do Parecer 241/99 verifica-se que há um mercado de trabalho para professores nos cursos de graduação em Teologia.

Falar de formação docente para o Ensino Superior e, especificamente na formação do docente de Ensino Superior, implica buscar na LDB - Lei de Diretrizes e Bases – 9394/96 – orientações sobre a Educação Superior no Brasil, em que se destaque o Artigo 66: "*A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação prioritariamente em programas de mestrado e doutorado".*

A LDB é um documento normativo que visa à melhoria na qualidade da educação no Brasil, e traz em seu interior exigências quanto à formação de docentes. Os termos do Artigo 66 são fundamentais nos 'indicadores'[19] relativos à formação docente nos Manuais de avaliação do Ensino Superior, que dão reconhecimento aos cursos de bacharelado em Teologia. Para a docência em nível superior, é colocada como exigência mínima, para tal, a titulação de 'especialista', obtida em cursos de formação pós-graduada lato-sensu[20]. Entretanto, a prioridade é a formação em programas de mestrado e doutorado.

O profissional formado por qualquer curso superior no Brasil pode desenvolver suas funções profissionais e acrescentar às suas ocupações algumas horas semanais para a docência universitária, incrementando, assim, sua renda. Para isso, basta estar de acordo com as exigências, conforme o parágrafo acima. Uma discussão abordada por Pimenta e Anastasiou (2002) remete o leitor para a

---

[18] Vide dados do eMEC. www.mec.org.br. Também levantamento realizado por Rega, anexo 1.

[19] No Manual de avaliação para autorização e reconhecimento de cursos de Graduação e Licenciatura, os 'indicadores' representam os itens a serem avaliados nas instituições.

[20] Os cursos chamados Lato-sensu têm uma carga horária mínima de 360 horas, alguns ultrapassam esse mínimo.

reflexão sobre a identidade do professor de Ensino Superior em que se questiona sua formação e a maneira como é identificado. O 'status' "professor universitário" confere a algumas pessoas uma superioridade em relação à outra categoria de professor, o professor da educação básica, por exemplo. Do professor universitário espera-se bom nível de conhecimento da área de formação e não necessariamente formação didática. Não há uma formação específica para a atividade de ensinar no Ensino Superior. Geralmente, o professor universitário aprende a sê-lo, sendo, ou fazendo. Entre uma experiência e outra, entre um curso de aperfeiçoamento e outro, vai construindo sua performance [21].

As autoras fazem uma crítica a essa realidade entendendo que, para muitos, falta nessa atividade profissional um melhor preparo quanto às questões didáticas e quanto ao processo de ensinar e aprender. Nesse mesmo raciocínio, também comentam sobre as exigências de formação pós-graduada, afirmando que tais exigências contemplam somente uma "preparação" para o exercício do magistério superior e não representam um "processo de formação docente". O que se nota na realidade é a oferta de cursos *lato-sensu* chamados de "Metodologia do ensino superior" ou "Didática do ensino superior" que Instituições de ensino superior - IES - têm aceitado como suficiente para o exercício do magistério. Tal formação não atende a uma preparação adequada que, no entender de Rosa, provém de políticas públicas. Afirma a autora que estas,

> omitiram determinações quanto à exigência de preparo do professor universitário no que diz respeito ao processo de ensinar, ficando a cargo da instituição educacional as iniciativas para capacitar pedagogicamente o docente do ensino superior (ROSA, 2002, p. 167).

Rosa (2002) questiona a formação do professor universitário afirmando que já foi considerada como um "fator definidor de seleção de professores na universidade" a comprovação de uma "competência científica". Hoje, outras competências se inserem na formação docente, como:

> transformar o conhecimento produzido pelas pesquisas em matéria de ensino, transitar no contexto curricular e histórico-social, dominar as diversas linguagens – corporal/gestual, tecnológica – conectar-se em redes

[21] As autoras citam Benedito, que menciona certa dose de 'autodidatismo' na função do professor universitário. Para mais detalhes veja (BENEDITO *apud* PIMENTA, ANASTASIOU, 2002, p. 36).

> acadêmicas e buscar a participação do aluno na produção do conhecimento (ROSA, 2002, p. 168[22]).

Tais fatores representam quesitos importantes na formação do docente e expressam a contemporaneidade, a realidade, e trazem grandes desafios ao professor de hoje.

A questão da qualificação do profissional docente passa por diversos vieses quando se pensa a sua formação. Gatti (2000, p. 5), ao comentar a formação do professor da educação básica, afirma que professores não se "fabricam num passe de mágica". Não se pode fazer a educação "funcionar através de quebra-galhos, dá-se um jeitinho". A preparação para docência do ensino básico não acontece por acaso, é preciso uma preparação para tal, da mesma forma, o professor de ensino universitário também não se faz num passe de mágica. É necessário pelo menos um curso de especialização se for levada em conta somente a titulação, entretanto, sabe-se que é preciso muito mais do que titulação para ser um profissional da educação superior. A responsabilidade frente ao magistério é questão séria e deve ser pensada.

Para Rojo (2002), a universidade representa espaço, não somente para a formação de profissionais, mas para educação[23]. Essa argumentação do autor vem de encontro com a ideia de que no curso superior há uma preocupação de que, por ser um local de alto desenvolvimento intelectual, fale-se tão somente em formar profissionais para o mercado de trabalho. Se a educação for considerada como algo inerente à sociedade humana, pode-se afirmar que se encontra presente nos mais diversos espaços. Diz Brandão (1981, p. 7) que a educação está presente "Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar". O espaço escolar é tido como o lugar onde se realiza a educação formal, onde se

---

[22] Marcos Masetto em *Competência pedagógica do professor universitário* traz concordância quanto a esses itens. Vide p. 126 a 139.

[23] No caso das instituições de Teologia, de uma maneira geral, a forma de ensinar, os conteúdos, a avaliação visam à formação do profissional 'pastor'. Por seu turno, os professores em sua maioria, estão envolvidos com ministérios pastorais o que confere a essa formação um olhar diferenciado, uma particularidade.

‘educa’, onde se ‘forma’ os sujeitos, entretanto, o autor continua em sua argumentação: “Não há uma forma única nem um único modelo de educação: a escola não é o único lugar em que ela acontece; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante” (BRANDÃO, 1981, p. 7). Educar assim ganha um sentido amplo que ultrapassa os espaços tanto das escolas de educação básica como a universidade.

Como falar de formação de docentes de cursos superiores de Teologia? A colocação anterior de Gatti ao afirmar que a formação de um docente não acontece por um “passe de mágica” ajuda a compreender um período vivido por docentes de cursos superiores de Teologia. A formação dos docentes na instituição investigada em seus anos iniciais obedecia a critérios estabelecidos[24]. Nos períodos que se seguiram e, desde 1999 aos dias de hoje, não somente a instituição pesquisada, mas as instituições de Teologia de uma maneira geral buscam, de uma forma ou de outra, melhorar tal formação. Muitas instituições têm trabalhado para conseguir formar docentes para seus cursos, assim, investem em cursos pós-graduados. Desse modo, alguns docentes, com formação inicial em cursos livres de Teologia, hoje se vêm à frente de novos desafios. Para o ingresso na docência, numa instituição livre, de ensino superior em Teologia, entre os batistas, bastava ao candidato ser uma pessoa graduada, estudiosa e que disponibilizava algum tempo na semana para dividir suas funções sacerdotais com o magistério. Hoje o quadro é outro. Gatti, ao usar a expressão “quebra-galhos” e “dá-se um jeitinho”, ao qualificar algumas posturas frente à formação docente, remete o leitor a um tempo em que, nas faculdades de Teologia livres, essa postura esteve presente. Entretanto, esse tempo já passou, e hoje, a exigência quanto à formação pós-graduada em cursos oficializados é condição para seu funcionamento e, tal tema instiga essa pesquisa. Com a união das opiniões de Gatti e Rosa, torna-se perceptível o grande desafio que ora se coloca para os professores de cursos de bacharelado em Teologia; não somente a formação pós-graduada, mas também uma formação docente que atenda à demanda atual. Esse tema poderá ser foco para outras pesquisas.

[24] Tais critérios estão definidos no capítulo 3.

Maspoli (2005) ajuda a entender que o olhar para o teólogo hoje é mais amplo que há duas décadas e traz à discussão a formação em Ciências da Religião[25]. Algumas diferenças são claras entre a formação em Teologia e em Ciências da Religião. O objeto de estudo da Teologia Cristã é o das questões relativas ao Deus bíblico, seus atributos divinos, seu plano salvífico, e sua relação com o mundo, com o homem, com a Igreja e o futuro[26]. As Ciências da Religião se preocupam com o fenômeno da religião na expressão do homem religioso em seu aspecto sociológico, antropológico, fenomenológico, entre outros (CROATTO, 2001). Entretanto, na construção da história da Teologia no Brasil, nos últimos 10 anos, os cursos de Ciências da Religião se apresentam como fator importante na formação do professor de Teologia, pois sendo um curso reconhecido pelo sistema federal de ensino caracteriza-se como uma 'saída' para sua formação. Se não há historicamente cursos pós-graduados oficializados na área da Teologia, a influência de uma nova área de estudos, a do cientista da religião, traz elementos constituintes na formação do professor para os cursos de teologia.

Nessa perspectiva, a pesquisa procurará desvelar de que forma diferentes trajetórias formativas produziram novas ideias, trazendo diferentes crenças, valores e conhecimento. Estas experiências vividas ao longo da história da instituição expressam as condições objetivas produzidas a partir de determinados momentos históricos criando novas ideias, gerando contradições. Os significados passam por processos de ressignificação, a linguagem muda, porque num determinado momento social e histórico homens atuando na sociedade por meio de mediações produziram novos significados (GONÇALVES, 2007, p. 39). Dessa maneira, é crível que transformações ocorreram no interior da instituição de ensino, objeto dessa pesquisa, marcando assim sua identidade.

---

[25] Desde o momento em que houve o reconhecimento oficial dos cursos superiores de teologia, começou a surgir a contratação de professores para atuarem em universidades brasileiras e em escolas de ensino fundamental e médio[25], nas áreas das ciências humanas e sociais. Para tal contratação, as instituições passaram a procurar pessoas com formação em Teologia e Ciências da Religião (MASPOLI, 2005, p. 28).

[26] Grudem aponta estes temas como alguns pontos da Teologia sistemática que procura estudar os assuntos relevantes da Bíblia: Teologia sistemática é qualquer estudo que responda à pergunta "O que a Bíblia como um todo nos ensina hoje?" (GRUDEM, Wayne, *Teologia sistemática, atual e exaustiva* p. 1).

1.3 - PESQUISAS EM HISTÓRIAS DE INSTITUIÇÕES DE TEOLOGIA

O objetivo deste tópico é realizar o levantamento do 'estado da arte' ou também chamado de 'estado do conhecimento', sobre pesquisas defendidas em formato de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, que contêm o tema 'história das instituições de ensino Teológico'.[27] O que se busca neste momento é conhecer o "estado da arte", também chamado "estado do conhecimento", do que tem sido produzido sobre histórias de instituições de ensino Teológico. Para tanto, foi realizado um levantamento junto ao Banco de dados da Capes, em trabalhos de dissertação de Mestrado e teses de Doutorado, defendidos entre os anos de 2000 a 2009. O objetivo foi o de identificar os trabalhos produzidos cuja temática envolvesse a Educação Teológica e mais especificamente a história de instituições de Ensino Teológico, no período posterior ao Parecer CES 241/99. Há outros trabalhos no período anterior ao Parecer, mas o foco foi o período mencionado.

O interesse pelos estudos em "estado da arte em educação" provém de um crescente número de pesquisas que têm sido realizadas nessa área. Tal demanda expressa a preocupação de pesquisadores em conhecer de qual forma, com que instrumentos e a partir de quais referências são elaboradas pesquisas em educação. Para Romanowski e Erns (2006, p. 39), estudos em "estado da arte" trazem contribuições para a

> organização e análise na definição de um campo, uma área, além de indicar possíveis contribuições da pesquisa para com as rupturas sociais. A análise de campo investigativo é fundamental neste tempo de intensas mudanças associadas aos avanços crescentes da ciência e da tecnologia.

Fica evidente aos que buscam em catálogos acadêmicos que as informações contidas nos resumos dos trabalhos catalogados, não são suficientes e às vezes pertinentes, à necessidade da pesquisa. A exigência dos resumos em trabalhos

[27] É preciso lembrar ao leitor que o período para este levantamento é de 2000 a 2009 por representar o segundo período do recorte histórico. Não seria possível pesquisar o primeiro período por não haver a possibilidade de ter cursos superiores de Teologia oficializados.

acadêmicos foi instituída a partir dos anos 70 e 80, período caracterizado como um tempo de expansão dos cursos de pós-graduação no Brasil. Ferreira (2002, p.261) lembra que as pesquisas em catálogos oferecem indicações bibliográficas, permitindo o "rastreamento do já construído [...] e podem ser consultados por ordem alfabética, por assuntos, por temas, por autores, por datas, por áreas", constituindo assim, rica fonte de pesquisa.

Romanowski e Erns (2006, p. 40) defendem pesquisas em "estado da arte" e chamam a atenção para a necessidade de buscar dados não somente em resumos encontrados em catálogos, mas também em "produções apresentadas em Congressos e periódicos". O estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado tem sido denominado de "estado do conhecimento". Entretanto, seja estado da arte ou estado do conhecimento, o levantamento, organização e sistematização de temas já pesquisados são formas de se fazer pesquisa, não somente em educação, mas em qualquer campo de estudos. Vermelho e Areu (2005, p. 14) mencionam estudos desenvolvidos por pesquisadores[28] que defendem as pesquisas em "estado da arte", argumentando que estas marcam historicamente o universo das produções científicas ampliando a compreensão sobre diversos temas, construindo mapas que ajudam pesquisadores a perceber contribuições, bem como contradições, encontradas nesse universo.

Os catálogos atendem de alguma forma à duas demandas: a exigência da sociedade, que vê a universidade como produtora de ciência que socializa suas produções, não deixando estas restritas às suas bibliotecas, bem como as aspirações internas das próprias instituições, que refletem suas produções (FERREIRA, 2002).

Com a finalidade de delimitar o tema, foram procuradas palavras-chave que poderiam ajudar na proposta em pauta, são elas: **Ensino Teológico, Seminário, Educação e Educação Teológica**. De fato, a expressão **História de instituições de Teologia** foi a primeira palavra-chave a ser buscada no catálogo escolhido, o Banco de dados da Capes. Chamou a atenção o fato de não serem encontradas

[28] Entre os trabalhos mencionados encontram-se: Lüdke (1984), Soares (1999), Messina (1998),

indicações quanto a essa expressão. Assim, recorreu-se às palavras indicadas acima, o que favoreceu o surgimento de uma boa variedade de temas.

A partir desse ponto, foi realizada a leitura dos resumos à procura de informações que pudessem dar sustentação sobre como tal tema tem sido abordado em pesquisas científicas. Dentre os trabalhos apresentados nos catálogos, foram eliminados os que continham temas que se referiam ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio, deixando assim, somente os que se relacionavam à educação superior. Assim, foram selecionados 40 trabalhos. Em seguida, foi elaborado um quadro contendo nome do autor, grau, data de defesa, instituição, título, tema e minirresumo[29]. A decisão de definir um tema e realizar uma redução dos resumos lidos se deu por perceber a grande variedade de formatos com os quais tais resumos se apresentavam. Assim, após a leitura dos resumos, por serem alguns muito extensos, foi retirada a ideia central. Entretanto, outros permaneceram em sua forma original, visto que a retirada de itens colocados pelo seu próprio autor poderia mudar algum sentido. Esta dificuldade quanto aos resumos é comentada por Ferreira (2002, p. 268), que destaca as diferenças entre eles:

> É verdade que nem todo resumo traz em si mesmo e de idêntica maneira todas as convenções previstas pelo gênero: em alguns falta a conclusão da pesquisa; em outros, falta o percurso metodológico, ainda em outros, pode ser encontrado um estilo mais narrativo.

Não foram considerados neste levantamento as metodologias, instrumentos e resultados das pesquisas, porque interessava somente os que apontavam interesse e iniciativa sobre a pesquisa em histórias de instituições de Ensino Teológico. Não houve tempo hábil para a leitura dos textos completos, tendo em vista a exiguidade do tempo para a finalização da pesquisa, bem como a dificuldade de acesso aos trabalhos. Na busca também por sustentação teórica, a leitura de diversos artigos científicos sobre “estado da arte” e “estado do conhecimento” enriquecem este texto. A seguir, foram elaborados quadros para esse estudo e tecidas algumas consideração.

---

[29] Este levantamento está no apêndice 1.

1.3.1 - Quadros e considerações

Na tentativa de buscar uma forma de sintetizar os dados pesquisados, foram criados três quadros: o primeiro indica as **categorias** organizadas a partir da percepção da pesquisadora e que são pertinentes ao objeto de pesquisa: formação/professores, práticas escolares, políticas, educação teológica/psicologia, história/instituição, memórias/biografias e gênero; o segundo indica as **instituições** em que foram realizadas e o **grau/titulação** que conferiu certificação aos pesquisadores; o terceiro registra as **áreas** em que as pesquisas foram realizadas.

1 - CATEGORIAS								
ANO	**Formação/ professores**	**Práticas escolares**	**Políticas**	**Educação teológica/ psicologia**	**História/ instituição**	**Memórias/ Biografias**	**Gênero**	**TOTAL**
2000	3	-	1	1	-	-	-	5
2001	2	1	-	-	2	-	-	5
2002	1	2	-	-	-	1	-	4
2003	-	-	1	-	-	-	-	1
2004	-	3	-	-	-	-	-	3
2005	1	1	-	-	1	2	-	5
2006	1	1	1	-	-	1	1	5
2007	3	-	-	3	1	-	-	7
2008	3	-	-	-	-	-	-	3
2009	2	-	-	-	-	-	-	2
TOTAL	16	8	3	4	4	4	1	**40**

Quadro 04 - Descrição de categorias – Estado da arte

2 - INSTITUIÇÕES e GRAUS/TITULAÇÃO				
ANO	**MESTRADO**		**DOUTORADO**	
2000	Universidade Estadual de Campinas Universidade Metodista de São Paulo Universidade Federal de Mato Grosso	3	Universidade de São Paulo	1
2001	Escola Superior de Teologia Escola Superior de Teologia Universidade Federal do Paraná Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Universidade de São Paulo	5	Universidade Federal de Pernambuco	1
2002	Universidade Metodista de São Paulo Centro Universitário Assunção Universidade Federal do Rio de Janeiro Universidade Federal de Santa Maria	4		
2003		-	Universidade Metodista de São Paulo	1
2004	Universidade Estadual de Campinas Escola Superior de Teologia Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita	3		
2005	Universidade Metodista de São Paulo Fundação Universidade do Piauí Escola Superior de Teologia Universidade Federal do Rio Grande do Norte	4	Universidade Estadual de Campinas	1
2006	Centro Universitário Assunção Universidade Metodista de São Paulo Universidade Federal do Ceará	3	Universidade Metodista de São Paulo Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2
2007	Universidade Federal de Santa Catarina Universidade do Oeste Paulista Universidade Federal de Minas Gerais Universidade Federal de São Carlos Universidade Estadual de Maringá	5	Universidade Estadual de Campinas Universidade de São Paulo	2
2008	Pontifícia Universidade Católica do Paraná Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Universidade Metodista de Piracicaba	3		
2009			Universidade Estadual de Campinas Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2
		30		**10**

Quadro 05 - Descrição dos graus/titulações e instituições – Estado da arte

3 - QUADRO de ÁREAS						
AREA	EDUCAÇÃO	CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	TEOLOGIA	MÚSICA	HISTÓRIA	PSICOLOGIA SOCIAL
	18	08	06	03	03	02

Quadro 06 - Descrição das áreas – Estado da arte

É relevante mencionar o fato de que diversas instituições de ensino superior, sejam elas federais, estaduais, particulares, de diversos estados do Brasil, apresentam pesquisas com temas ligados à Educação Teológica. Tal fato significa que o interesse pelo tema das instituições religiosas está presente em todos os segmentos universitários e a diversidade de denominações religiosas que pautam os temas das monografias formata uma riqueza de informações e um desejo de diminuir as diferenças entre essas denominações. Alguns resumos mais bem elaborados dão a nítida impressão de uma crítica, de um estudo que procura elucidar o acontecido, o registrado, o vivido em cada situação em específico, o que demonstra cientificidade e seriedade dos pesquisadores.

Foi possível notar a ausência de trabalhos catalogados quando foi apresentada ao sistema de banco de dados a palavra-chave: *Histórias de instituições de Ensino Teológico*. Somente após a apresentação das palavras-chave, **Ensino Teológico, Seminário, Educação e Educação Teológica** foram obtidas as primeiras indicações, fato este de difícil compreensão. Cada trabalho é catalogado conforme critérios da instituição encarregada de tal tarefa, no caso, o Banco de dados da Capes. Cabe aqui um desafio futuro, que é o de conhecer como se dá essa catalogação. Vale ressaltar que, ao fazer a leitura dos resumos, foram encontrados trabalhos que continham esse tema como centro da dissertação ou tese, entretanto, ao realizar a 'chamada' eletrônica da palavra-chave, o trabalho não era identificado.

Catani (2001), ao apresentar um trabalho na 24ª reunião da Anped[30], no grupo de estudos sobre História da Educação, faz um levantamento sobre os diversos temas abordados em pesquisas sobre a História da Educação no Brasil, entre os anos de 1985 a 2000. Aponta a autora que, no encontro do ano 1998, o

[30] Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd.

minicurso versou sobre a *História e Filosofia de instituições escolares* e, em 1999, entre outros temas, encontrava-se novamente o tema sobre História das instituições escolares. No ano de 2000, aparece um trabalho sobre arquivos escolares, corroborando com esse estudo temático. Já Brzezinski, comemorando 25 anos do G8 - grupo de pesquisas sobre formação docente - faz um relato histórico sobre o grupo desde a sua formação. Tal grupo iniciou suas atividades timidamente e ganhou muita força principalmente após a LDB/9394/96. Hoje se consolida como um dos grupos que maior número de trabalhos avalia para apresentação em encontros da Anped (BRZEZINSKI, *A pesquisa sobre profissionais da educação em 25 anos de História.* Disponível em www.anped.org.br. Acesso em 05/12/2012). Outros estudos sobre os principais temas de estudo em formação de professores são desenvolvidos de 1992 a 1998 e de 1999 a 2003. Nesses trabalhos, a questão dos saberes docentes e da profissionalização docente são temas bastante explorados. Catani (2001) observa em sua pesquisa que englobou o ano de 2000, que alguns dos teóricos mais utilizados como referência são da área da sociologia da educação, o que caracteriza uma mudança de foco nas pesquisas. É nos anos 90 que diversas obras de autores/pesquisadores estrangeiros, na área da formação, chegam ao Brasil como Nóvoa (1995), Tardif (2002), Dubar (2006) e provocam um grande número de trabalhos em universidades, centros universitários e faculdades brasileiras com enfoques diferenciados.

No presente levantamento é notório o grande número de trabalhos na modalidade *formação/professores,* que representam quase 50% dos 40 encontrados no levantamento. O tema *formação* é enfocado na maioria dos resumos pesquisados na perspectiva institucional, ou seja, são apresentados questionamentos e críticas à formação teológica oferecida, como por exemplo preocupação em relação aos egressos e a influência de tal formação para a igreja e a sociedade em determinados períodos históricos. A falta do contato com os trabalhos na íntegra dificulta esse esclarecimento, bem como pela precariedade dos resumos apresentados. É o caso do tema ‘saberes docentes’, que foi encontrado somente em um trabalho. Ainda que implicitamente alguns se referissem à atividade dos docentes, poucos especificam sua atuação e nenhum comenta sobre a formação do docente no que diz respeito à nova exigência de cursos reconhecidos e de titulações como mestrado e doutorado.

A questão de *gênero* problematiza a presença do feminino, que ocupa espaço como docente de cursos de Teologia, num contexto geralmente dominado por homens. Nas diversas denominações e, em religiões de uma maneira geral, a presença masculina desempenhando papéis como sacerdotes ou dirigentes é em número superior à feminina. Na FTBSP, no período de 2000 a 2009, a presença de alunos é de 85.7% e de alunas 14.3%[31]. Não há como afirmar categoricamente, mas tudo leva a crer que em outras instituições teológicas os dados sejam semelhantes quanto à maior presença masculina em cursos de Teologia. A ausência feminina pode ser um fator que revela a baixa procura sobre o tema de gênero pois, somente um trabalho, num total de 40, num espaço de dez anos, foi encontrado, o que mostra ser um índice significativo.

A modalidade de *práticas escolares* englobou temas que versavam sobre Projeto pedagógico, currículo, saberes e missão. Causou estranheza somente dois trabalhos mencionarem a elaboração ou construção de projetos pedagógicos. O Projeto pedagógico – PP - é uma exigência base e central no processo de reconhecimento pelo MEC, sem o qual não se pode pensar em oficialização institucional, autorização e reconhecimento de cursos. Em um momento de grandes mudanças estruturais nos cursos de Teologia, e diante das políticas públicas trazidas pelo Parecer CES 241/99, esse tema tem variações e recortes. Por ser algo inovador, algo novo na vida da Educação Teológica, havia uma impressão de que esse tema fosse mais explorado. Conectado ao Projeto pedagógico alguns trabalhos apresentam uma preocupação com algumas disciplinas constantes de matriz curricular, como piano, hebraico e a prática/práxis ensinada.

Dos 40 trabalhos selecionados, somente três mencionam movimentos políticos, o que equivale a menos de 10% das pesquisas. Parece uma porcentagem pequena, pois é fato que diversas mudanças ocorreram na adaptação das instituições, ora livres e agora oficializadas quanto ao movimento interno e externo de aceitação dessa nova exigência. As comunidades eclesiásticas e a própria sociedade olham para as instituições e avaliam um novo perfil de instituição[32], que

[31] Esse levantamento foi feito tendo como base as matrículas efetuadas.
[32] Esse tema será discutido adiante.

ora se apresenta com uma formação, agora mais abrangente, em contraposição ao ensino fechado dentro de algumas denominações religiosas.

Educação teológica/Psicologia são áreas que carecem de maiores aproximações. O encontro da vida espiritual com a psique humana aparece nas pesquisas e foca, ‘sentidos’, ‘sensibilidades’, ‘subjetividade’ e ‘expectativas’ dos estudantes de Teologia. Nos resumos é perceptível uma preocupação que leva em conta a manipulação na formação desses estudantes e impede o sujeito de se expressar enquanto ser.

Em relação às *história/instituições* foram encontradas quatro produções que utilizavam a palavra História em seu título e/ou resumo. A complexidade que exige um trabalho com histórias de instituições pode ser uma barreira para tais pesquisas, que ganham atualmente espaço em trabalhos acadêmicos com publicações de Nosella e Buffa (2002, 2009), Gatti, (2000), Saviani (2005), Magalhães (1998, 1999), entre outros. Ao realizar pesquisas com a temática de história de instituições, o pesquisador se depara com diversas fontes e instrumentos de análise, indicadores das várias facetas da vida institucional, como documentos, narrativas, história oral, espaços físicos, entre outros. Organizar essa multiplicidade de fontes pode trazer problemas de acesso ao acervo, bem como tempo para a finalização da pesquisa pelo pesquisador.

Numa linha de pesquisa paralela, foi possível encontrar quatro monografias que mencionam *memórias/biografias* de pessoas que passaram por formação teológica. Tais biografias e memórias salientam a importância de algumas personagens para as instituições mencionadas, bem como para a sociedade em geral, e afirmam que os trabalhos realizados por estas personagens tornaram-se significativos para algumas comunidades. Tais trabalhos trazem informações preciosas para a área da História, da História da Educação e mais especificamente história das instituições de Teologia. A influência dessas pessoas como teólogos e sua práxis em determinadas comunidades é ressaltada. Nessa linha também apareceu somente um trabalho utilizando como instrumento de pesquisa as narrativas. Tal modalidade tem sido bastante divulgada, desde o aparecimento das obras de Nóvoa nos anos 90 e ampliadas com as pesquisas de ‘narrativas de vida’

de Josso (2004) e, no Brasil, com as publicações de Catani et all (1997, 2006), Catani e Vicentini (2006), Sousa e Catani (1998), Abrahão (2006) e Souza (2006). Tais pesquisas trazem importante contribuição na interface história das instituições e formação de professores.

Para finalizar, é relevante citar algo que pareceu bastante significativo nesse levantamento, qual seja, a área ou em alguns casos, os programas em que tais pesquisas se desenvolveram. Dos 40 trabalhos mencionados, 18 estão na área de Educação, passando a Ciências da religião com 8 e 6 na própria Teologia. Tal evidência comprova a preocupação que o campo de estudos em Educação denota. Ainda que as instituições pesquisadas fossem públicas ou privadas, federais ou estaduais, laicas ou religiosas, a área de Educação busca esclarecer os fenômenos que provêm da relação sujeito/objeto, mostrando uma preocupação que envolve os diversos atores, agentes de instituições escolares de Teologia, bem como suas práticas educativas na formação daqueles que buscam tais cursos.

Ressalta-se que, ainda que demoradas e trabalhosas, as pesquisas que envolvem “o estado da arte” são de grande importância para o universo acadêmico. São importantes porque apontam caminhos quanto ao desenvolvimento de certas áreas de pesquisa, de formas metodológicas, de instrumentos de análise e de diversificação de referenciais. Tal multiplicidade e pluralidade de informações contribuem para o esclarecimento de questões que surgem nos centros acadêmicos podendo se aproximar de respostas.

O capítulo a seguir trará uma retrospectiva do início do trabalho da Educação Teológica no Brasil e dos antecedentes históricos da Educação Teológica no Estado de São Paulo, que sedimentou a criação da Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Esse capítulo tem a finalidade de situar o leitor no contexto da Educação Teológica Batista no Brasil e no Estado de São Paulo.

II - A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA ENTRE OS BATISTAS

2. 1 - AS INSTITUIÇÕES BATISTAS DE TEOLOGIA

O papel de Teólogo no Brasil está vinculado à sua prática como pastor, educador religioso, missionário, em ações engajadas em uma comunidade religiosa[33]. Ao falar sobre comunidades religiosas destaco prioritariamente às instituições eclesiásticas, à igreja, podendo também o teólogo exercer outras funções em instituições para-eclesiásticas, como abrigos de órfãos, casas de idosos, agências missionárias e instituições de ensino. Para Maspoli (2005, p.27), a função principal de cursos de Teologia é a preparação de pastores para igrejas, o que constitui a identidade do teólogo no Brasil, que segundo o autor, foi assim até o ano de 1999. Um dos pré-requisitos para se ingressar em uma escola de Teologia era a confirmação de uma vocação para uma atividade sacerdotal[34]. Para as comunidades religiosas, de uma maneira geral, saber que uma pessoa possuía uma vocação se tornava fator primordial para seu envio a uma escola de preparação, a um seminário, dando suporte a esse 'seminarista' em seu período de estudos teológicos. Algumas dessas comunidades, por apoiarem o seminarista, esperavam deste, após a conclusão de seu curso, algum auxílio em suas demandas[35]. Alguns desses seminaristas, porém, ao findar o curso, não seguiam uma carreira 'pastoral', mas se engajavam em instituições para–eclesiásticas, entre elas, atividades na carreira de magistério em Seminários ou Faculdades de Teologia.

---

[33] Tradicionalmente os cursos de bacharel em Teologia da denominação Batista formam pastores para as igrejas, missionários para realizarem missões transculturais, educadores religiosos para atuarem nos colégios confessionais e serem ministros de Educação religiosa e músicos para atuarem como Ministros de música sacra nas igrejas (REGA, 2001).

[34] Entende-se o sacerdote como uma pessoa separada com exclusividade para a atividade religiosa. Atividade sacerdotal engloba a celebração dos ritos, a homilia, o atendimento à congregação, entre outras.

[35] Restringe-se esse comentário a costumes de algumas Igrejas Batistas. Entretanto, não se encontra tal 'exigência' em documentos.

Maspoli comenta ainda que essa identificação do teólogo vinculada à prática pastoral, contém uma vocação religiosa que apresenta uma virtude e uma contradição:

> A virtude reside no fato de que a Igreja ainda é o maior palco de atuação profissional do teólogo [...] a contradição decorre do fato de que tanto na Europa, berço da teologia, quanto nos Estados Unidos, a teologia há muitos séculos não se encontra vinculada à vocação religiosa [...] (MASPOLI, 2007, p.27).

No Brasil, os cursos de bacharel em Teologia de denominação evangélica, antes de haver a possibilidade de serem reconhecidos pelo MEC, eram ''avaliados'' por organizações constituídas para essa finalidade, como por exemplo: AETAL - Associação Evangélica de Educação Teológica da América Latina; ASTE - Associação de Seminários Evangélicos e ABIBET - Associação Brasileira de Instituições Batistas de Ensino Teológico. As denominações evangélicas que desejassem abrir uma escola de Teologia associavam-se a essas Instituições, que as credenciavam como Seminários ou Faculdades de Teologia mediante critérios estabelecidos em suas assembleias.

Particularmente, diversas instituições da denominação Batista vinculavam-se somente à ABIBET. As obras que relatam a criação e o desenvolvimento histórico de tais instituições são diversas: A R. Crabtree em *História dos baptistas, até o ano de 1906*; Ebenezer Soares Ferreira *A história da ABIBET;* Edgar Francis Hallock e Ebenezer Soares Ferreira em *A história do Seminário Teológico Batista do sul do Brasil – 1908 a 1998;* Antonio Neves de Mesquita em *História dos batistas do Brasil de 1907 até 1935*; José dos Reis Pereira em *Breve história dos Batistas no Brasil* e *História dos Batistas no Brasil,* Zaqueu Moreira de Oliveira com *Educação Teológica Batista no Brasil.* Na biblioteca do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, há um *Centro histórico* que contém diversos documentos, como cartas, revistas, jornais e artigos, que constituem importante acervo documental que conta a história da denominação Batista e de suas instituições de ensino[36].

---

[36] É importante destacar que as Igrejas Batistas do Brasil estão unidas por uma Convenção de igrejas denominada *Convenção Batista Brasileira* que engloba todas as Igrejas Batistas do Brasil - CBB. A CBB tem hoje três Seminários: o STBNB, o STBSB e o STBE. As Igrejas Batistas da cidade de São Paulo estão unidas por essa convenção nacional e também pela *Convenção Batista do*

A missão americana, chamada de *Junta de Richmond*[37], teve grande influência sobre as instituições brasileiras. As iniciativas e os primeiros recursos para organizar seminários partiram dessa missão. A direção, boa parte do corpo docente e grande parte das verbas para construção de edifícios, bem como as despesas de pessoal docente, provinham de doações de *Richmond* (BATISTA PAULISTANO, 20 DE FEVEREIRO DE 1940 p.82). Os donativos arrecadados por doadores e igrejas americanas para os seminários também eram distribuídos para as escolas de ensino fundamental, dos colégios batistas. Os colégios batistas, também por iniciativa de alguns missionários, foram criados em: 1898, o Colégio Americano Egydio, na Bahia; em 1902, o Colégio Batista Brasileiro, em São Paulo; em 1905, o Colégio Batista Industrial, no interior do Piauí; em 1906, o Colégio Americano Batista, em Pernambuco; em 1907, o Colégio Americano de Vitória, no Espírito Santo. Esses foram os primeiros, depois surgiram outros colégios por todo território nacional (MACHADO, 1999[38]). Em cooperação com pastores brasileiros, com visão na educação, no futuro e na busca de horizontes para o desenvolvimento, a criação dos Seminários e a dos Colégios Batistas estão ligadas entre si e interligadas principalmente a esta organização missionária, a *Junta de Richmond,* que ao final do século XIX e início do século XX enviou diversos missionários para desenvolver trabalhos pioneiros no Brasil. Esse missionário americano enviado por tal Missão, tendo como país de origem os Estados Unidos, certamente traz em seu contexto de constituição identitária uma postura que convergia para uma superioridade social. Essa é uma posição defendida por Azevedo (2004) e que é discutida no capítulo

---

Estado de São Paulo - CBESP que abrange todas as igrejas do estado. Da mesma forma existem as Convenções estaduais nos outros estados do Brasil, que hoje possuem também seminários. Para compreensão do leitor, é importante o esclarecimento de que o foco deste trabalho é a Faculdade Teológica Batista de São Paulo, que tem sua origem na cidade de São Paulo e está vinculada à CBESP e não à CBB. O nascedouro das Instituições Teológicas Batistas no Brasil está vinculado ao trabalho dos missionários norte-americanos e à CBB com sede no Rio de Janeiro, desde o século XIX.

[37] Hoje chamada de Internacional Mission Board, tem sua sede na cidade de *Richmond* no estado da Virgínia - USA. Sua principal tarefa nesses primeiros anos de missões era de promover o trabalho missionário aqui no Brasil, bem como em outros lugares no mundo.

[38] Machado tem duas obras que retratam a influência na educação brasileira a partir de Colégios Batistas. MACHADO, José Nemésio. *Contribuição Batista para a Educação brasileira*. Rio de Janeiro : JUERP, 1994; e MACHADO, José Nemésio. *Educação Batista no Brasil*. São Paulo : Colégio Batista Brasileiro, 1999.

cinco, em que argumenta o autor que o evangelho chega ao Brasil não somente como uma solução para a 'alma perdida' dos nativos nacionais, mas como uma solução moral que vinha de um país superior. Tal 'salvamento' ético e moral é defendido pelo próprio Joaquim Nabuco, considerando os Estados Unidos como um país que poderia caminhar mundialmente como líder por sua grande moral [39] (GALDIOLI, 2008, p.82).

A Educação teológica no Brasil inicia no ano de 1897, na cidade de Recife, no norte do Brasil, onde se organizou a "classe teológica" por iniciativa de Z.C. Taylor, que se transformou, em 1902, no STBNB. Entretanto, essa instituição foi reconhecida como instituição teológica ente os batistas somente em 1918.

Dois anos mais tarde, em 1899, na cidade do Rio de Janeiro, J.J. Taylor tinha o "trabalho de instruir ministros brasileiros em Teologia" (O Jornal Baptista, 14/11/1907, p. 3 "Trabalho Theologico e o Seminários", in REGA, p. 51). Essa iniciativa deu origem a um novo Seminário, o STBSB, em 1907, no Rio de Janeiro. O STBSB no Rio de Janeiro era a instituição de destaque quando se falava em educação teológica entre os batistas brasileiros. Gozava de prestígio por sua localização, por seu corpo docente e instalações. Para os batistas, de uma maneira geral, essa instituição representava uma espécie de 'orgulho nacional'. Ela é chamada de "nosso seminário", de "nossa casa de formação" pelos batistas paulistas em seu principal veículo de comunicação, isto é, o jornal *Batista Paulistano*. Os vocacionados dirigiam-se para esse seminário a fim de receber formação para o ministério pastoral. Ainda que cheio de prestígio por seu corpo

[39] A influência caracterizada como o 'Destino manifesto' e o momento do *American way of life* foram no início do século movimentos que marcaram historicamente o Brasil. O desejo em estreitar relações com os Estados Unidos provocou entre outras ações, a abertura da Embaixada Brasileira em *Washigton* com Joaquim Nabuco como embaixador. Já no início do século, os Estados Unidos se destacava como uma das maiores economias do mundo com grande expansão interna e sobejava orgulho por essa condição, a ponto de Franklin Delano Roosevelt declarar em relação a países inferiores, como o Brasil, que "O futuro e a segurança de nosso país e de nossa democracia estão profundamente entrelaçados com os acontecimentos que se processam além de nossas fronteiras... Digamos às democracias: ""Nós, americanos, estamos inteiramente dedicados à defesa de vossa liberdade. Estamos jogando nossas energias, nossos recursos e nossos poderes de organização para dar-vos a força necessária para recuperar e manter o mundo livre"" (FRANKLIN, Delano Roosevelt, in GALDIOLI, Andreza da Silva, p.85). Para Mendonça, o protestantismo americano por meio das agências missionárias exerceram forte influência nos povos evangelizados na certeza de que transformação religiosa traria uma transformação social tornando os povos mais civilizados. Vide MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir. A inserção do protestantismo no Brasil.* São Paulo : Asta, 1995.

docente, contendo em seu corpo discente alunos de diversas regiões do Brasil, o STBSB possuía dificuldades registradas em diversos documentos (Jornal Batista Paulistano, O Jornal Batista, Atas, Relatórios). A instituição dependia das doações do exterior, assim como de Igrejas Batistas tanto em São Paulo como de outros estados, para sua manutenção e ampliação.

O STBNB com sede em Recife não tinha a menor chance de concorrer com o STBSB no Rio de Janeiro, pois a decisão de instalar a Convenção das Igrejas Batistas do Brasil – CBB - e organizar um colégio e um novo Seminário na cidade do Rio de Janeiro, a capital federal, convergiu para que todos os esforços se centrassem nesse novo empreendimento, inclusive por decisão de Richmond. Assim, tanto por parte da liderança brasileira como dos americanos, foi fortalecida a ideia de manter maior preocupação, investimento, atenção e cuidados ao STBSB ainda que o STBNB tenha sido criado anteriormente[40] (OLIVEIRA, 2000, p.20-21).

Tais seminários foram criados em formato de escolas livres, e o foco estava centrado na formação de ministros para as Igrejas Batistas. Mais tarde, surgiram outros seminários, como *Seminário Teológico Batista Equatorial* (1955), em Belém; *Seminário Teológico Batista do Nordeste* (1959), em Floriano. Houve também uma preocupação com a formação de mulheres para os ministérios de Educação Religiosa e foram criadas escolas para esse fim, o *Seminário de Educação Cristã - SEC* (1917), em Recife e *Instituto Batista de Educação Religiosa - IBER* (1916), no Rio de Janeiro (REGA, 2001). Os cursos de Música sacra vieram um pouco mais tarde, em 1960, no STBNB (http://www.seminariodonorte-stbnb.br/acesso em 31/10/2011) e no STBSB, em 1962 (OLIVEIRA, 2000, p.29).

Rega (2001, p. 51), ao pesquisar a 'gênese' da formação do STBSB, alerta que os seminários desse período centravam seus esforços nas necessidades das Igrejas Batistas de então. Menciona o autor que as escolas Batistas de formação em Teologia, (algumas chamadas de seminários) em sua maioria, foram criadas junto às

---

40 Registre-se também que nos anos que se seguiram à criação do STBNB, houve um grande desentendimento histórico entre brasileiros e missionários americanos, que será abordado no capítulo 5. Para maiores informações, leia-se OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. *Educação Teológica Batista no Brasil. Perfil histórico.* Recife : STBNB, Edições, 2000.

escolas de ensino fundamental, chamadas de 'Colégios Batistas' [41]. Assim, as instituições no Rio de Janeiro, em Pernambuco, no Espírito Santo e na Bahia foram criadas. Com a instituição, objeto dessa pesquisa, a Faculdade Teológica Batista de São Paulo, na cidade de São Paulo, aconteceu o mesmo, como narram os historiadores Mesquita (1940), Reis Pereira (1982), Machado (1995, 1999), entre outros.

A história dos seminários batistas, inicialmente vinculados aos colégios, narra momentos de muita dificuldade, até que se estabelecessem em sedes próprias, ajudados por organizações missionárias americanas e alguns pioneiros brasileiros. O corpo docente dos seminários era formado em grande parte por missionários americanos. Muirhead, missionário americano que dirigia em Recife um pequeno grupo de seminaristas[42], de férias em seu país de origem, por volta dos anos 1914 ou 1915, portanto, 12 anos após o início das 'classes teológicas', teria pedido ajuda aos diretores da Junta de *Richmond* solicitando *o* envio de missionários que pudessem ser professores da Instituição que dirigia. Miurhead argumenta em seu pedido que

> Não vale a pena fazer trabalho missionário no Brasil sem obreiros. Eu não volto sem colegas. Sem trabalhadores não há trabalho. Ou a Junta me dá outros missionários para treinar obreiros em Recife, ou eu não volto. Estamos perdendo tempo sem obreiros nacionais e sem missionários (W. C. Taylor citando Miurhead, p. 34).

Este pedido de Muirhead por mais pessoas que pudessem ser professores no Brasil reforçou o ideal de enviar professores/missionários vinculados a essa organização aos seminários de então. Um destes foi W. C Taylor, conhecido autor de diversos livros de Teologia. A presença americana com forte influência de sua

---

41 O ideal educacional dos batistas é marcado por forças motivadoras. Seja quanto ao atendimento aos filhos de imigrantes, à discriminação entre evangélicos e católicos, ao próprio analfabetismo, ou à evangelização. Tais razões levaram os pioneiros americanos a iniciar programas de educação básica erguendo Colégios Batistas em diversos pontos do Brasil. Os colégios, por terem melhores estruturas físicas, são base para o surgimento de alguns seminários com o ideal da Educação Teológica. Para aprofundamento, verificar MACHADO, José Nemésio (1994 e 1999); MENDONÇA, Antonio Gouvêa (1995).

42 Narra W. C. Taylor, em artigo escrito para a Revista Teológica publicada em 1951 com o título de *O seminário do norte*, que após a organização da Convenção Batista Brasileira em 1907, esta, decidiu fazer da cidade do Rio de Janeiro sua sede e lá concentrar as forças no estabelecimento de um Seminário para todo o Brasil. A Junta de Richmond decidiu ajudar somente o novo Seminário criado no Rio de Janeiro.

cultura e de seus ideais, nesse momento de expansão missionária, é para Rega (2001, p.11) a base, ou os elementos que formaram o que ele chama de "ideário presente na gênese da educação teológica Batista no Brasil"[43]. Nesse conceito de gênese, enfoca a influência do 'salvacionismo americanista[44]'. Esse conceito refere-se ao discurso que preenche as ações pioneiras dos missionários. O Brasil desde seu início adotou o catolicismo como sua religião oficial. As primeiras igrejas evangélicas recebem o nome de "igrejas da missão" por terem sido fundadas no período de expansão missionária no país. Rega utiliza esse termo em sua argumentação por acreditar que, para os missionários desse período, a salvação de almas estava acima de qualquer outra missão. Utilizando um texto escrito por Shepard, em *O Jornal Batista* de 1907, reforça tal conceito, nas próprias palavras de Shepard, ao afirmar:

> A evangelização de um povo deve preceder a sua civilização [...] a evangelização é o empenho principal das missões até que todo o povo tenha ouvido o evangelho [...] o tempo é propício para alargar as nossas tendas, para alargar as nossas cordas e afixar bem as estacas. Avante irmãos na fé! Vamos dar um passo importante, de fundar um grande Seminário onde se poderá instruir nossos ministros brasileiros para que possam evangelizar esta grande República (Shepard in Rega, 2000, p. 97).

Rega faz uma leitura desse texto de Shepard escrito em 1907, portanto, um ano antes da fundação do STBSB, lembrando que a chegada do missionário americano pós-República, num país de riquezas naturais, em desenvolvimento, parece organizar o que ele chama de 'um grande recrutamento', e afirma que o

> missionário passa a ser o grande irmão que traz a solução ao povo, mas agora ele precisa de soldados para essa batalha em converter o Brasil para o Reino de Deus e para um processo civilizatório das Américas, e do fortalecimento do imaginário fabril que está agora se implantando com a consolidação da industrialização. Os Estados Unidos, a Grande Nação, se torna modelo a ser seguido (Rega, 2000, p. 98).

Várias gerações tiveram forte influência dessa 'gênese', conforme Rega. Com o passar dos anos e o desenvolvimento de mais seminários e a criação de faculdades de Teologia em outros estados, bem como uma nova política nas

---

[43] Essa afirmativa de Rega tem como fonte a pesquisa de mestrado em História da Educação pela PUCSp, em que busca a formação do STBSB tratando essa origem como a 'gênese' da Educação Teológica no Brasil. O ideário dessa gênese é discutida por Rega tendo como base artigos escritos por Shepard, entre outros documentos.

[44] O termo salvacionismo também é utilizado por Israel Belo de Azevedo, em *A celebração do indivíduo – a formação do pensamento batista brasileiro*, 2004.

próprias instituições missionárias, o número de professores americanos é muito inferior. Além destas contingências, hoje, alguns desses professores/missionários, com formação pós-graduada no exterior, não estão habilitados para lecionar em cursos superiores no Brasil, a menos que validem seus diplomas em território nacional. Alguns o fizeram, mas não foram muitos. Por sua vez, professores brasileiros passaram a integrar o corpo docente buscando formações diferenciadas para atuação no magistério.

A criação de escolas de formação de ministros entre os batistas denota uma preocupação com a formação de pastores, educadoras cristãs e músicos desde o século XIX e que se prolonga até os dias de hoje. Atualmente, a denominação Batista conta com mais de 35[45] cursos de Teologia vinculados à ABIBET - Associação Brasileira de Instituições Batistas de Educação Teológica. Uma grande parcela funciona em sistema de escolas livres. Dentre estes, sete são cursos oficializados pelo MEC[46].

As instituições batistas de ensino teológico estão vinculadas, em sua maioria, à ABIBET – Associação Brasileira de Instituições Batistas de Educação Teológica. Ebenezer Soares Ferreira, em sua obra *ABIBET, 40 anos*, narra como essa associação teve seu início, no ano de 1967, durante a 1ª Conferência de Educação Teológica realizada na cidade de Salvador. A organização oficial, entretanto, deu-se no dia 16 de abril de 1970, no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (FERREIRA, 2010, p.7). Nessa obra, encontra-se a descrição de todas as Conferências de educação teológica[47], com seus respectivos temas e oradores.

O *I Congresso Brasileiro de Reflexão Teológica,* realizado na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2003, nas dependências do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, foi o evento que marcou os encontros da ABIBET, num formato acadêmico como se vê em Congressos e Simpósios em Universidades brasileiras.

---

[45] Infelizmente não foi possível obter uma lista atualizada de instituições pertencentes à ABIBET. Os dados apresentados são de 2010.

[46] Vide Instituições de Teologia oficializadas em www.inep.org.br.

[47] A descrição de todos as Conferências e Congressos estão registradas em: FERREIRA, Ebenezer Soares. *A ABIBET, 40 anos*. Rio de Janeiro : ABIBET, 2010.

Nesse encontro, além dos palestrantes convidados, houve a oportunidade de inscrição, envio e apresentação de trabalhos de pesquisa na área da Teologia. Esse registro comprova mudanças identitárias em instituições batistas. Pela primeira vez, registra-se a apresentação de 'pesquisa científica' com um espaço aberto num Congresso organizado pela própria agência reguladora de instituições teológicas batistas, a ABIBET[48]. Dessa forma, não somente na instituição em estudo, mas em toda a Educação Teológica batista no Brasil, esse evento representou uma mudança de identidade. Um Congresso com essa característica é um avanço, ainda que não se tenha um levantamento dos temas dos trabalhos apresentados. Não foi possível levantar quais instituições oficializadas mantém grupos de pesquisa ou de departamentos de pesquisa científica inscritas em agências oficiais do MEC. Entretanto, é notório que esse evento marcou a presença de instituições batistas no universo acadêmico. Se antes eram seminários fechados em seus muros institucionais, agora há a possibilidade de ter a área da Teologia sendo 'vista' por outros ângulos.

Mais tarde, seguiu-se o II Congresso realizado em Belo Horizonte, no ano de 2005, III Congresso foi em Vitória, no ano de 2007, o IV Congresso em Niterói, no ano de 2009 e o V Congresso, no ano de 2011, em Campo Grande. Algumas publicações das Conferências e dos Congressos estão registradas na *Revista Teológica* do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, que gentilmente cedeu espaço em sua revista para a ABIBET.

O primeiro registro de palestra que menciona a oficialização dos cursos de Teologia aconteceu no ano de 2000, com o título de *Educação teológica em tempos de mudança*, por. Edson Martins, então diretor da Faculdade Teológica Batista de Curitiba, em um de seus discursos[49]. Mas,- somente na Conferência de Educação Teológica, realizada em Recife, de 9 a 11 de outubro de 2002, um discurso tem esse tema em seu título e foi proferido pelo Dr. Ágabo Borges de Souza: *Desenvolvendo*

[48] A partir de 2002, a ABIBET decide realizar seus encontros de dois em dois anos, num revezamento entre o encontro chamado de Conferência de Educação Teológica e o Congresso de Reflexão Teológica.

[49] Importante lembrar que a instituição a qual ele dirigia na época, Faculdade Teológica de Curitiba, foi a primeira a alcançar a autorização de seu curso de bacharelado em Teologia, no ano de 2002, e o reconhecimento no ano de 2005.

um Projeto pedagógico do MEC – pistas e cuidados a tomar. Desde então, tal tema sempre está presente nos encontros da ABIBET[50], sejam eles de Conferência de Educação Teológica ou de Congresso de Reflexão Teológica. Destaca-se que a Conferência de Educação Teológica, em outubro de 2010, foi realizada em Brasília, e o tema da oficialização de cursos de Teologia foi mais uma vez o centro das discussões com a presença de um representante do MEC, Dr. Paulo Wollinger, que falou aos presentes sobre a importância da oficialização dos cursos de Teologia no âmbito nacional.

A ABIBET também é responsável pela publicação de livros e um DVD. Na história de 40 anos dos trabalhos da ABIBET, surgiram diversas 'Revistas Teológicas' que atestam o desenvolvimento de pesquisas sobre o tema da Educação Teológica e da própria Teologia. São elas: *Via Teológica* da Faculdade Teológica Batista do Paraná, *Epistemé* da Faculdade Teológica Batista do Nordeste, *Revista Teológica* da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, *Reflexão e fé* do Seminário Teológico Batista Equatorial do Norte do Brasil, *Sistemática Equatorial* da Faculdade Teológica Batista Equatorial, *Revista Brasileira de Teologia* do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (FERREIRA, 2010, p.15).

Como já mencionado, a História das instituições teológicas batistas no Brasil está descrita em diversas obras, que relatam esses anos iniciais com brilhantismo de historiadores que a viveram. Para este trabalho, importa conhecer as linhas mais gerais.

2.2 - ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO TEOLÓGICA BATISTA NO ESTADO DE SÃO PAULO

Em 1941, o STBSB era a instituição de preparação por excelência da denominação Batista. Mas, nesse ano, correu uma notícia de que tal seminário seria transferido para Belo Horizonte ou para São Paulo. A liderança de Minas já havia se

[50] Vide Ferreira, Ebenezer Soares A ABIBET *40 anos.*

adiantado e colocado à disposição dos batistas brasileiros um terreno para isso. São Paulo também havia se manifestado afirmando que no estado existiam pessoas que poderiam disponibilizar "um terreno ou uma chácara em condições de ser adquirida para nossa escola de pastores" (BATISTA PAULISTANO, 10 DE FEVEREIRO DE 1941). Notícias de jornal são muito próprias de quem as escreve, ainda mais quando se trata do ano de 1941, em que a preparação de jornalistas ainda não existia[51]. Não há como investigar de onde o relator do jornal tirou esse 'furo de reportagem', entretanto, causou incômodo, pois as reações foram noticiadas. Como não era uma notícia verdadeira, nos números sequentes a notícia não aparece mais no Batista Paulistano, assim como, o seminário nunca saiu do Rio de Janeiro.

Talvez essa tenha sido uma motivação para os paulistanos começarem a desejar formação teológica em São Paulo. Nesse sentido, no ano de 1943, passa a ser divulgada a possibilidade de se ter na cidade um *Centro Batista Paulistano - CB.* As Igrejas Batistas de São Paulo formavam a Convenção Batista Paulistana – CBP – que atuava há um bom tempo como organização, entretanto, não tinha uma sede. A criação do CB tem como foco a organização das ações da CBP como um local para realizar reuniões administrativas, guardar documentos, ter uma secretaria, ou seja, um local para onde pudessem convergir informações a respeito do trabalho batista na cidade (BATISTA PAULISTANO, 30 DE NOVEMBRO DE 1943). Não foi fácil achar um lugar adequado e condições financeiras e organizacionais para sua manutenção. Em 1944, é indicado um local, a Praça da Sé, nº 23, 4º andar, sala 412. Com o impedimento de uso deste endereço, outras sugestões vieram, e mesmo sem um local para estabelecer sua sede, o CB tem um diretor (a), Alma Jackson, seguido de Walter Kaschel e, em 1945, Dr. Farina Filho. Por fim, a 1º Igreja Batista de São Paulo, na Praça Princesa Isabel, 233, cede uma de suas salas para as atividades do CB.

Já com um local mais adequado, são organizados pequenos cursos de "pregadores do evangelho", é o que indica o Batista Paulistano, de 30 de abril de 1945. Esses cursos foram chamados anteriormente de *Cursos de Extensão* e

[51] A primeira faculdade de jornalismo foi criada em 1947, na PUCSP. Para mais informações veja: www.eca.usp.br.

oferecidos primeiramente na cidade de Palmas, no interior paulista, como uma ‘extensão’ do STBSB , dirigidos num primeiro momento por Dr. John L. Riffey. Foram encontrados diversos registros da existência desses cursos, em diferentes cidades no Estado de São Paulo, e representam um interesse na preparação de lideranças para atividades eclesiásticas por parte das Igrejas Batistas de São Paulo, àqueles que não podiam se dirigir para os Seminários do Rio de Janeiro e Recife. Para a cidade de São Paulo, o curso é apresentado da seguinte forma:

> O curso de extensão, se destina ao preparo eficiente de pregadores do evangelho, abrangendo o referido curso um período de 5 anos (um mês em cada ano), e findo este prazo, será conferido aos alunos devidamente aprovados, um Certificado de habilitação. No intuito de haver maior número de pessoas à usufruírem deste curso, foi deliberado que o mesmo fosse ministrado a noite e não de dia como foi feito em Palmas[52] (BATISTA PAULISTANO, 30 DE JUNHO DE 1945).

A oferta de um curso noturno é curiosa. Para compreender esse fato é importante levar em conta o ano de 1945 e o contexto histórico da cidade de São Paulo que vivia o fim da 2ª guerra, o final da ditadura Vargas, a criação da UNESCO, os ideais dos escolanovistas, a reforma Capanema e uma forte campanha pelo fim do analfabetismo no Brasil com os movimentos para educação de adultos. Tais fatos levam a crer que tantos acontecimentos sociais e políticos encaminhassem os dirigentes de tais cursos a ofertas noturnas. Ribeiro (1987) chama esse período de “O modelo nacional-desenvolvimentista com base na industrialização”. As escolas com ênfase na educação industrial e comercial ganharam espaço e as ideias escolanovistas trazem para a discussão a função social da escola. A escola noturna no Brasil tem registros de cursos ofertados à noite desde o tempo da Monarquia e do Império, sendo frequentada por aqueles que, por estarem trabalhando, não poderiam cursar as aulas diurnas. Os cursos noturnos se caracterizavam como os que atendiam a uma população menos favorecida e seus frequentadores pertenciam a classes populares (TOGNI e CARVALHO, 2007). Quando se menciona a oferta de curso noturno como algo curioso, é porque nos cursos do STBSB e STBNB havia a cultura e a estrutura da oferta de aulas diurnas com período integral. Haveria alguma relação entre os cursos ofertados por essas instituições e os cursos ofertados na cidade de São Paulo como uma diferença social? Saviani menciona os diversos

[52] Muitas pessoas do interior paulista faziam esse curso e assumiam ministérios pastorais.

Decretos-Lei publicados de 1942 a 1946, com grande ênfase no Ensino Comercial e Industrial, inclusive com a criação do SENAI e do SENAC[53]. Comenta Saviani que muitas dessas criações vieram para atender a diferentes camadas sociais: “o ensino secundário, destinado às elites condutoras” e “o ensino profissional, destinado ao povo conduzido” (SAVIANI, 2007, p. 268). Se há uma diferenciação social entre alunos matriculados em cursos diurnos e cursos noturnos, certamente essa diferenciação já se estabelecia entre o curso do STBSB contra o futuro curso que seria criado em São Paulo mais tarde. Tal diferenciação impregnava a formação do egresso do STBSB de uma superioridade entre os que cursavam Teologia nesse seminário. Entretanto, como apontado por Saviani, a cidade de São Paulo a esse período já gozava de uma notoriedade em relação à sua dinâmica de desenvolvimento comercial e industrial. Para isso se estabelecem novos cursos de formação para mão de obra na indústria e comércio e nesse movimento explosivo de cidade metropolitana, se encontra timidamente um curso de ‘formação de pregadores’, no período noturno.

Anos mais tarde, quando a FTBSP traz a oferta de curso de bacharel em Teologia no período noturno, tal curso é visto como um curso inferior ao ofertado pelo STBSB, além do que, se apresenta também como uma instituição concorrente que antes não existia. Porém, o próprio contexto e tradição da cidade paulistana formam as bases de sustentação para essa prática e foi a primeira instituição teológica entre os batistas a oferecer um curso noturno de bacharel em Teologia.

De qualquer forma, STBSB gozava de grande prestígio sendo chamado pelos paulistanos de “nosso seminário” de “nossa casa de formação”, em diversos registros do Jornal Batista Paulistano. Nem o STBNB, que não foi reconhecido como pertencente à CBB em sua criação, foi valorizado tanto quanto o STBSB. A instituição nobre, com cursos diurnos, com corpo docente de excelência, encontrava-se no Rio de Janeiro. Qualquer instituição que viesse ameaçar essa hegemonia teria dificuldades de ser aceita no universo batista. Ressalta-se também que o Estado de São Paulo ficou marcado como aquele que oferecia somente um

[53] Para mais detalhes consultar SAVIANI, Dermeval. *A História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas, SP : Autores Associados, 2007.

curso de ‘pregadores do evangelho’, que foi transformado mais tarde em *Instituto Teológico Batista,* como está descrito a seguir.

O CB, estabelecido nas dependências da 1ª Igreja Batista de São Paulo, inicia as atividades de reuniões administrativas. No mês de setembro de 1945, há um anúncio no BP sobre o início de um curso chamado de “Curso noturno de extensão do seminário”. Tal curso “se destina ao preparo de obreiros que desejam com mais eficiência, servirem a causa do divino mestre” (BATISTA PAULISTANO, 30 DE SETEMBRO DE 1945. p. 3). O início do curso está previsto para 15 de novembro, às 19h30, na sede do CB, e apresenta os livros adotados para o 1º ano: Bíblia - Tradução brasileira; Notas Bíblicas - Riffey, mimiografadas - Fornecidas pelo Curso; O Pregador - Shepard; A Harmonia dos Evangelhos - Allen e Watson. Quem assina o anúncio é Dr. S. Farina Filho, diretor do CB. O anúncio é reforçado na edição seguinte, no mês de outubro. Na edição de dezembro, é anunciado que o curso finalizar-se-á dia 13 de dezembro (BATISTA PAULISTANO, DEZEMBRO DE 1945. P. 3).

Tal curso foi organizado em um primeiro encontro de 28 dias e representou uma 1º etapa (o que hoje se pode chamar de módulo) de estudos e preparação seguindo o modelo de Palmas, ou seja, aulas por um mês durante cinco anos. Na edição de janeiro de 1946, o ideal teológico é ampliado e fala-se do início desse curso e mais: “os cursos de extensão devem ser mantidos a todo custo e deveremos fundar uma Escola Teológica permanente, numa das dependências do nosso Centro, que será dirigido de fevereiro em diante pelo consagrado missionário Pastor F. A. R. Morgan” (BATISTA PAULISTANO, JANEIRO DE 1946. p. 9). Morgan então passa a dirigir não somente o CB, mas também uma Escola Teológica, que mais tarde passou a se chamar *Instituto Teológico Batista.*

Morgan, missionário americano, foi diretor do Colégio Batista Brasileiro de São Paulo, de 1933 a 1939, e deixou a direção do colégio, conforme notícia abaixo:

> De acordo com a nova lei decretada a qual proíbe que os estabelecimentos de ensino tenham como diretor pessoas de nacionalidade extrangeira[54], pediu exoneração do cargo de Diretor do Colégio Batista Brasileiro Ana Bagby, o

[54] Transcrição literal do texto de 1939.

> irmão F. A Morgan (BATISTA PAULISTANO, 30 DE SETEMBRO DE 1939, p. 2).

Os planos de expansão do Colégio Batista Brasileiro incluíam a formação de uma Escola Normal, e para a direção desse curso, a lei exigia a presença de um brasileiro nato. Assume a direção do CBB Dr. Silas Botelho, então presidente da Junta do Colégio (BATISTA PAULISTANO, 20 DE FEVEREIRO DE 1940, P.82). Segundo Tognini, esse episódio criou um desconforto entre as pessoas envolvidas, pois Morgan estava contrariado, não lhe agradava a ideia de deixar a direção do CBB (ENTREVISTA CONCEDIDA POR TOGNINI À PESQUISADORA EM 10 DE DEZEMBRO DE 2010)[55].

Finalmente, em maio de 1946, é anunciado nesse mesmo jornal que uma propriedade é alugada na Alameda Barão de Piracicaba, nº 73, que deverá ser a sede do Centro Batista Paulistano, recebendo em suas instalações a sede da Junta, um escritório de informações para os crentes, uma livraria evangélica e uma Escola Bíblica noturna. Para cuidar desse local, é destacado o casal Morgan. Os benefícios desse CB são o de centralizar as atividades da denominação batista paulistana, que inclui um lugar para guardar os arquivos e realizar suas reuniões, uma livraria [56] à disposição dos paulistanos e uma escola bíblica com "aulas noturnas, destinadas à formação de pregadores leigos" (BATISTA PAULISTANO, MAIO DE 1946. p. 2). A edição seguinte, de julho de 1946, traz o anúncio da decisão da Junta Executiva de oferecer uma

> Escola Bíblica a fim de ajudar na preparação de pregadores leigos e obreiros do campo paulistano. As aulas serão noturnas e três dias por semana – terças-feiras, quintas- feiras e sextas feiras das 19,30 às 21,30 [...] As aulas vão principiar no dia 1º de agosto de 1946. O curso será de 3 anos e aqueles que o terminarem receberão um certificado do trabalho feito [...] Uma Contribuição de Cr$ 20,00 mensalmente será cobrada para ajudar na compra do material necessário. Os professores não receberão salário algum (BATISTA PAULISTANO, julho de 1946, p. 5).

Em seguida, apresenta-se o currículo sob o título de "Curso sugerido para a Escola Bíblica". Na descrição do currículo se percebem principalmente conteúdos de

---

[55] A entrevista com Tognini se encontra na íntegra no apêndice 2b.

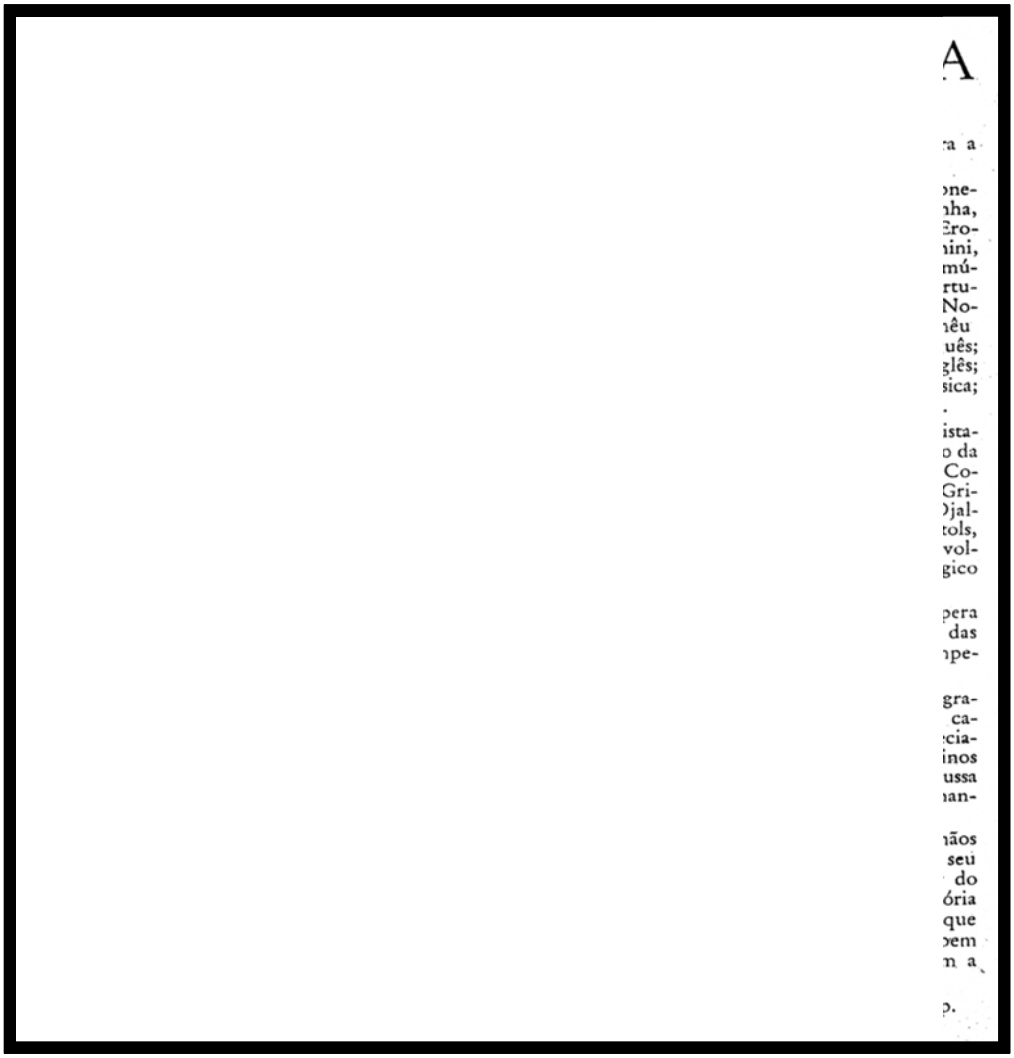
[56] A editora e livraria oficial dos batistas tinha sua sede no Rio de Janeiro e chamava-se Casa Publicadora Batista.

ensino Bíblico e de Vida devocional, pouca coisa de Teologia sistemática e alguns temas de Educação Cristã. Nota-se o trabalho de voluntariado do professor, nenhum salário, nenhuma ajuda de custo são ofertados ou oferecidos em troca de seu labor. Essa característica de voluntariado se repete quando foi iniciado oficialmente o curso de bacharel em Teologia, da instituição em estudo, e será discutida à frente.

Jornal
SP

O ideal de se ter educação teológica ente os batistas paulistas despontava. Os registros levam a compreender que a denominação Batista traz uma preocupação com a formação teológica mesmo antes de iniciarem as atividades do Centro Batista. Os cursos de extensão já foram uma evidência de tal pensamento e passam a tomar nova configuração a partir de agora. O entusiasmo é grande, as matrículas estão na casa dos 80 alunos e há mais novidades, como mostra a reportagem do Batista Paulistano. A edição de março e abril de 1949 anuncia que “é com indizível alegria cristã que ocupamos as colunas do nosso BATISTA PAULISTANO para dar algumas notícias das atividades do INSTITUTO TEOLÓGICO BATISTA”. Continua a reportagem reforçando que a instituição presta relevantes serviços, tem mais de três anos de duração, conta com 72 alunos no curso de Teologia e 8 no curso de música. O desejo do Instituto é crescer, dessa

forma, uma comissão é eleita para “apresentar planos para o desenvolvimento e crescimento do Instituto Teológico Batista.”



A

ra a

one-
nha,
Ero-
nini,
mú-
rtu-
No-
nêu
uês;
glês;
sica;

ista-
o da
Co-
Gri-
Djal-
tols,
vol-
gico

pera
das
npe-

gra-
ca-
cia-
inos
ussa
nan-

nãos
seu
do
ória
que
pem
n a

p.

o

O conceito defendido por Saviani (2007, p. 3,4) sobre instituição e institucionalização aqui se encontra. Percebe-se que em relação à Educação Teológica em São Paulo, já havia um começo, havia certa organização, havia um movimento de aceitação num grupo social demonstrando que algo já estava sendo realizado. A afirmação de Saviani sobre ‘colocar em ordem o que já estava posto e que agora é articulado’ está presente nesse momento histórico. Isso é confirmado na notícia do ano de 1950, que informa ao leitor que “o Instituto Teológico Batista de

São Paulo se desenvolve mais e mais" e "a Junta do Instituto está em ação". O pensamento de formação teológica entre os batistas paulistas se encontra em desenvolvimento.

O Centro Batista Paulistano e o Instituto Teológico de São Paulo

O movimento do Centro sempre está numa marcha acelerada. A utilidade do Centro na coordenação do trabalho da Causa é cada vez mais patente. As reuniões das diversas Juntas do Estado estão sendo realizadas neste local com regularidade. As experiências tidas com o Centro em promover o desenvolvimento do trabalho do Senhor teem demonstrado o bom juizo da Convenção em tomar o passo de estabelecê-lo.

A livraria está crescendo de mês em mês no seu movimento na propagação do Evangelho. Em breve teremos um bom estoque de livros já sem dívida. A sua utilidade pode ser augmentada havendo maior capital, com a importação de livros de outras línguas.

Num futuro próximo devemos iniciar esta parte tambem. Ainda ha uma grande falta de Bíblias de todos os tipos. Nem a Sociedade Bíblica Brasileira nem a Casa Publicadora Batista têm bastante para suprir os pedidos.

O Instituto Teológico Batista de São Paulo está se desenvolvendo mais e mais. O interesse nas igrejas está crescendo na medida em que elas conhecem o que está sendo processado nele. Os pastores e as igrejas devem aproveitar mais os cursos oferecidos, e tomar mais interesse em encorajar os crentes em geral e os que se sentem chamados a pregar o Evangelho a assistirem as aulas e preparar-se melhor para o mistér da pregação do Evangelho. Muitos dos pastores do interior e até alguns aqui na cidade de São Paulo, aparentemente não compreendem bem a respeito das matérias, cursos ou o tipo de ensino que está sendo dispensado no Instituto. Alguns, talvez acham que têm pouco valor e não animam os que estão tomando trabalho nele. Nós bem reconhecemos que o trabalho não é como deve ser, porém, alguma coisa muito boa está sendo feita. Convidamos os pastores, evangelistas e obreiros a assistirem algumas das aulas e assim poderão calcular o seu valor.

A Junta do Instituto já está em ação. O curso já foi melhorado e estendido um pouco. Foram adicionados aos cursos já em processo os de Teologia, de Educação Religiosa e Música Sacra, um curso Pré-Seminário, o qual tem o fim de preparar os alunos para o curso Teológico, pois estamos exigindo, por enquanto, o curso do ginásio, o Madureza ou o curso de Comércio para se entrar no Curso Teológico. Todos os alunos do Instituto já satisfizeram êste novo programa e todos eles aceitaram esta exigência com muito boa vontade, reconhecendo que deve ser assim, afim de alcançarem o preparo desejado para tão alto encargo da vida.

Estamos esperando que os 10.000 metros quadrados de terreno oferecidos ao Instituto pelo irmão Daniel de Souza e Silva, sejam enquadrados no patrimônio do Instituto Teológico de São Paulo e assim com êste lastro começaremos o levantamento de sua séde propria.

Estamos esperando também que a Convenção Batista deste Estado se pronuncie em Janeiro próximo sôbre o curso e o tipo de instituição que devemos ter neste Campo. O número de alunos que temos e a necessidade de nosso campo é mais o fato que o Instituto Teológico durante êstes quatros anos de sua existência não tem custado ao Campo Paulistano relativamente nada até agora. Êste fato deve influenciar-nos em nossas decisões.

Para os pastores temos em vista abrir aqui no Centro, no dia 1 de Agosto, ligado com o Instituto Teológico, um Seminario que funcionará uma vez por semana num dia escolhido pelos participantes. A matéria a ser lecionada será escolhida por eles. O intento será de grande valor no processo do trabalho do Ministério, tanto na doutrina como na evangelização de nosso povo. A matrícula já está aberta e o ensino será gratuito.

Ha uma outra coisa importante para as igrejas: aqui temos uns cinco irmãos, estudantes no quarto ano do Instituto, os quais vão se formar em Dezembro próximo, que estão em condições para serem chamados para tomarem o pastorados duma igreja. As igrejas interessadas podem escrever ao abaixo assinado para pedir mais informações ou para pedir contato com estes irmãos, e êle dará todas as informações necessárias. Estes irmãos devem ser usados logo pois já estão preparados para êste mistér.

Vosso conservo no Senhor
F. A. R. Morgan, Diretor.

ico
nte:

Os anos de 1949 e 1950 demonstram entusiasmo, fala-se de ampliação e de mais envolvimento e contribuição das igrejas. Percebe-se a necessidade de redigir um Estatuto e um Regimento. Desse modo, o corpo administrativo decide começar a elaborar esses documentos. Tognini é nomeado presidente desse corpo

administrativo. As aulas agora são ofertadas em quatro noites na semana; o número de alunos é de 112, distribuídos pelos cursos de Teologia, Educação Religiosa e Música sacra. Pensa-se em um novo curso chamado de Pré-Seminário, pois foi sentida a necessidade de melhor preparo para o ingresso de alunos do curso teológico. A exigência para entrada é o nível do ginásio, madureza ou o curso de comércio.

Observam-se nessas notícias algumas contradições. Se o desejo em São Paulo era ter uma formação semelhante aos seminários oficiais da CBB, cuja exigência para ingresso era o nível médio, seria necessário na instituição ora criada também a exigência deste nível. Entretanto, abrindo-se a possibilidade de se exigir o nível ginasial ou semelhante como pré-requisito para ingresso de alunos, isso não seria possível (BATISTA PAULISTANO JANEIRO, MARÇO E ABRIL DE 1950). As lideranças em São Paulo ainda estão tímidas, amedrontadas pelo gigantismo estrangeiro.

Vale mencionar a provocação de um jornalista escrita no número especial de Jubileu de 50 anos de trabalho batista em solo paulista, publicada no BP, em julho de 1949. José Furtado de Mendonça redige artigo onde reconhece o dinamismo do casal Morgan em assumir e trazer desenvolvimento ao Instituto Teológico Batista e sugere um novo nome: *Seminário Teológico Batista de Piratininga*. A ideia do autor para esse 'nome' tem sua origem na cidade de 'Piratininga', na antiga denominação que se dava à cidade de São Paulo e incita o leitor a pensar sobre a permanência e expansão do trabalho de ensino teológico em São Paulo, fortalecendo-se mais ainda. De maneira bastante firme e explícita critica aqueles que por uma ou outra razão não desejam que um seminário em São Paulo se compare ao já existente no Rio de Janeiro, argumentando que um seminário de São Paulo não iria prejudicar o seminário do Rio. Fica evidente que a questão financeira, ou seja, das 'contribuições' para um seminário em detrimento do outro, está nas entrelinhas de suas palavras ao afirmar que as Igrejas Batistas de São Paulo poderão contribuir para o

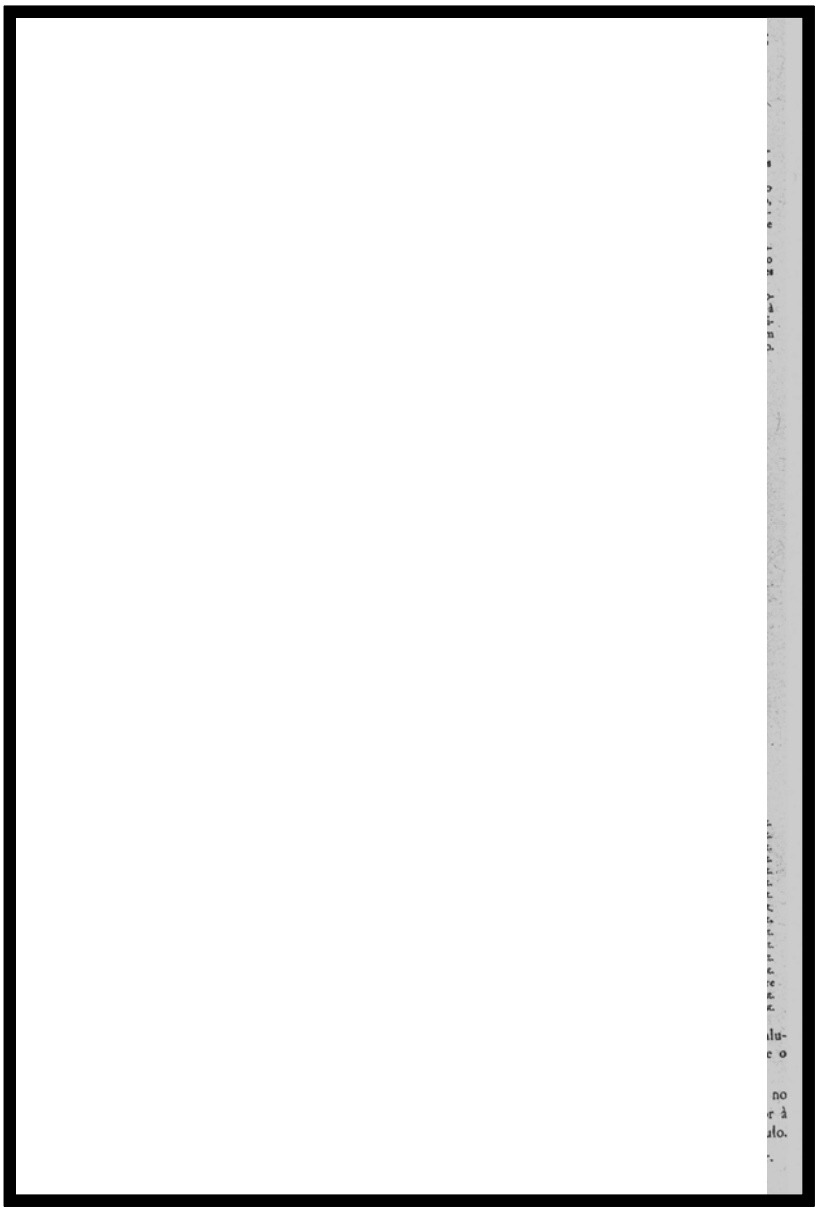
> "Paulista", sem que o "Carioca" sofra qualquer diminuição! Os oposicionistas à oficialização da nossa Escola de profetas, argumentam ainda que é uma concorrência que se está fazendo a outra organização já existente. Neste

> ponto estão de acordo: é concorrência de fato! Essa concorrência, porém, longe de ser um mal, é grande benção que virá beneficiar reciprocamente os dois seminários. Todo mundo sabe que é da concorrência que nascem a especialização e o barateamento dos produtos. Quem seria o comércio brasileiro, se ainda estivesse sob o monopólio exclusivo dos privilegiados negociantes portuguezes do século XVI? Haja concorrência! Erga-se em cada capital brasileira um seminário! Difunda-se a instrução teológica em todos os quadrantes do Brasil (BATISTA PAULISTANO EDIÇÃO ESPECIAL - 1899-1949).

Essas palavras contêm um tom de desafio e de desabafo, trazem uma argumentação do campo econômico/financeiro, e palavras típicas, do capitalismo em emergência no Brasil, são usadas pelo autor. Escrito em 1949, o artigo parece ser mais uma resposta/provocação de um batista paulistano contra a hegemonia reinante do STBSB[57]. O ITBSP representa um primeiro movimento entre os batistas paulistas de oferecer formação teológica. Tal afirmativa pode ser comprovada por estar vinculado à CBP, por ter espaço junto aos veículos de comunicação, por receber ajuda financeira da própria CBP, por ter documento comprobatório de concluintes do curso ora oferecido, e pelo testemunho de ex-alunos. Pode-se afirmar que os batistas paulistas, ao final dos anos 40, já ofereciam formação teológica, ainda que timidamente.

Desavenças à parte, o trabalho de educação teológica continua no Instituto que, em novembro de 1950, já tinha “17 professores e mais de 140 arrolados”. Morgan faz uma descrição com dez itens sobre o CB e o ITBSP, conclama os paulistas a conhecerem as instalações e apresenta o testemunho de um dos alunos formandos, escrito em uma das colunas nesse número do Jornal Batista Paulistano, Mario Fernandes Doro, que foi entrevistado para esta tese. No dia 18 de dezembro de 1950, é realizada a formatura do 1ª turma, com quatro concluintes: Diógenas Peres Seguro, Esmeralda B. de C. dos Santos, José Pereira Neves e Mario Fernandes Doro. Nessa reportagem, é apresentado o currículo oferecido e cursado pelos concluintes.

[57] O conteúdo deste artigo será discutido adiante.



Morgan, no dia 13 de fevereiro de 1951, pede demissão da função de diretor do CB e do Instituto, por problemas de saúde, e volta ao seu país. Olavo Feijó, em artigo no Jornal Batista de maio de 1951, presta homenagem ao casal Morgan destacando sua dedicação e cuidado com o ensino teológico desde a iniciante 'Escola Bíblica', que se tornara Instituto Teológico Batista de São Paulo. Diz Feijó:

> se há alguma coisa de grande influência para os batistas de São Paulo é o Centro Batista Paulistano; se existem pessoas a quem se deva gratidão por

> tão importante trabalho é o casal dr. F. A. R. Morgan e d. Gertrudes (JORNAL BATISTA, MAIO DE 1951).

Entretanto, a liderança do STBSB se pronuncia no mesmo artigo diante da afirmação de Feijó: "O Instituto, cujos dois primeiros professores foram o Dr. Morgan e D. Gertrudes, conta hoje com uma dúzia de mestres, curso de Educação religiosa, Teologia, Música, mais de cem alunos matriculados e é equiparado ao Curso de Extensão do Seminário" (JORNAL BATISTA, MAIO DE 1951). Essa equiparação denuncia que o Instituto não se compara ao STBSB, ainda que o casal Morgan fosse elogiado por seu trabalho. É comparado ao Curso de extensão do Seminário[58] numa clara afirmativa de superioridade do STBSB. Morgan volta para os Estados Unidos e três anos depois, em 2 de março de 1954, vem a falecer por complicações cardíacas. Foi muito homenageado por sua dedicação e, as atividades que realizou entre os batistas paulistas foram publicadas em diversos veículos de comunicação e Atas.

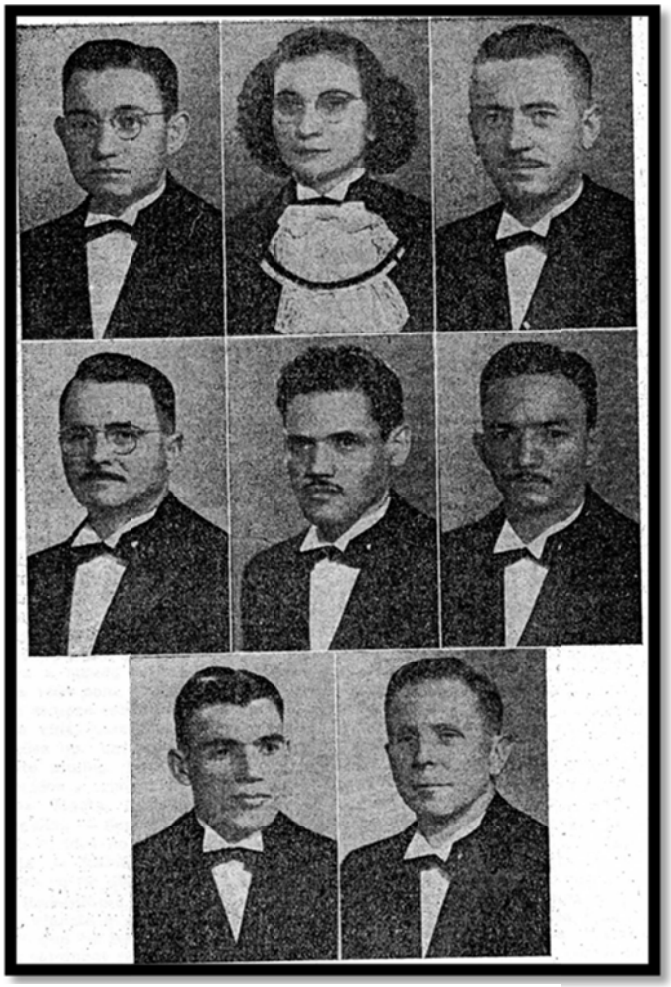
Neste mesmo ano, 1951, assume a direção do CB o Pr. Erodice Fontes de Queiroz com a ajuda do casal Crispim Gomes da Silva. Avisa o novo diretor do CB que as aulas do Instituto terão início em 16 de abril e apresenta que o curso será "grandemente prático para real proveito dos estudantes e imediata aplicação na seara do Mestre" (BATISTA PAULISTANO, julho/agosto de 1951). Parece que esse novo enfoque para o curso de Teologia do Instituto, numa visão bem pragmática, vem contrariar o que Morgan vinha construindo, isto é, buscando uma performance mais aprofundada nos estudos, mais acadêmica e não voltada somente para um ideal pragmático. Esse enfoque que Queiroz propõe equipara-se à antiga formação de 'Pregadores' mencionada no início deste estudo e considerada como um grande retrocesso educacional/social, diante de uma cidade que ganhava destaque nacional.

---

[58] O curso de extensão do STBSB foi ofertado em São Paulo na cidade de Palmas. A proposta para esse curso seria a de atender pessoas que não tivessem condições de se deslocar por um período de quatro anos ao Rio de Janeiro para fazer o curso do seminário. Dessa forma, poderiam receber formação teológica. Foram encontrados registros de que na cidade de Palmas, no ano de 1901, já havia um treinamento desenvolvido por A B Deter, ao que tudo indica, pois o texto não está claro. Essa proposta foi chamada de 'Escola de Treinamento'. CRABTREE, A. R.. *História dos Baptistas no Brasil. Até o ano de 1906.* Rio de Janeiro : Casa Publicadora Batista, 1937, p.301.

Em 1952, Queiroz deixa a direção do ITBSP contribuindo com o CB e assume direção do ITBSP, Enéas Tognini. O STBSB continua sendo foco da atenção dos paulistanos. O pequeno Instituto Teológico não recebe reforços por parte da liderança, que continua conclamando as igrejas a fazerem doações, orações, amparar, auxiliar, cercar de amor, de simpatia e de amizade sincera o "nosso seminário", referindo-se ao STBSB (BATISTA PAULISTANO, OUTUBRO DE 1951, e OUTUBRO DE 1952).

O Instituto, agora na liderança de Tognini, afirma em relatório que "não dependeu da Junta financeiramente em 1952", tem 116 alunos matriculados, está pagando "um pequeno auxílio para transporte" aos professores, apresenta um relatório financeiro com saldo positivo e registra mais oito formandos, a terceira turma. Tal turma merece destaque de página inteira, na edição do BP de julho de 1953, com o título em letras maiúsculas: INSTITUTO TEOLÓGICO BATISTA DE SÃO PAULO – CONCLUSÃO DE CURSO. DISCURSO DO ORADOR DA TURMA: PASTOR ESTEVAM NAGY – O álbum de formatura dessa turma foi encontrado numa das caixas com antigos documentos guardados num armário na Instituição. Chama a atenção o endereço estampado: Al. Barão de Piracicaba 73 - Formandos de 1952. Os nomes dos formandos são: Estevam Nagy, Anita Ferraz, Vasile Erdei, Constantino Curalov, Onésimo B. Luz, Darcy Mendonça, Moisés Gil e José Benedito França. Percebe-se que não pouca importância tem essa instituição, ainda que se mantenha um discurso sobre o "nosso" seminário em referência ao STBSB. Um fato curioso foi encontrado nas reportagens desse ano: O STBSB tinha 71 alunos matriculados, o ITBSP mais de 100 alunos. Ainda que os cursos não possam ser comparados, em função de alguns elementos que os caracterizavam, a diferença na quantidade de alunos mostra-se significativa, pois o curso do Estado de São Paulo atendia, em sua maioria a alunos somente do Estado, que provavelmente não poderiam se dirigir ao Rio de Janeiro para um curso mais extenso, em formato de internato, já o STBSB atendia a pessoas de todo o Brasil. Essa é, na perspectiva da pesquisadora, uma clara evidência da demanda que o Estado de São Paulo já apresentava.



atista
ESP

Nos anos seguintes, o CB e o Instituto apresentam relatórios positivos e recebem elogios explícitos. A livraria vende satisfatoriamente e parece que tudo está bem. Entretanto, nas Atas da Junta executiva da Convenção Batista Paulistana, dos dias 6/2, 8/5 e 4/7 de 1954, registram-se algumas dificuldades em relação à permanência na Alameda Barão de Piracicaba, sede do CB. O dono do imóvel deseja a saída de seus inquilinos (ATA DA JUNTA EXECUTIVA DA CBP, 6 DE FEVEREIRO DE 1954).

Por esse tempo, mais contradições surgem entre os batistas. Oliver, reitor do STBSB, publica artigo sob o título: “Fechará o Seminário?”. Esse artigo apresenta um forte tom de ‘cobrança’ por contribuições financeiras para o STBSB e, tal cobrança é direta às igrejas de São Paulo, como observa o texto:

> E o que causa verdadeiro espanto é que na cidade de São Paulo, há 170 Igrejas Batistas, e muitas delas não ofertaram coisa alguma ao Seminário no ano p. passado. Aquelas que não deram nada votaram a fechar o Seminário. Bem, é claro que não foi tratado em sessão. Acho que se alguém propusesse o fechamento do Seminário, não seria atendido em Igreja Batista alguma no sul do Brasil[59]. No entanto, pelo silêncio, pela falta de interesse, pela não contribuição de nem um tostão, todas estas igrejas realmente votaram a favor. "Quem não está comigo é contra mim", disse Jesus (BATISTA PAULISTANO, JUNHO/JULHHO, 1955, p. 8)

A cobrança de Oliver foi direta e sem rodeios contra as igrejas de São Paulo que não 'cooperaram' com ofertas ao seminário. Algum ou alguns, líderes paulistanos "pelo silêncio, pela falta de interesse, pela não contribuição de nem um tostão [...] votaram a favor", do fechamento do Seminário conforme palavras de Oliver. Oliver era um homem com muito poder, dotado de caráter forte, com o qual a contestação era muito difícil. Elaborar uma argumentação fazendo alusão às palavras de Jesus descritas nos Evangelhos: "quem não está comigo é contra mim", indica muito poder. Lutar contra lideranças missionárias americanas que tanto 'investiram' no país, também representava uma luta desigual.

Não somente isso. Há que se admitir que havia um inconsciente coletivo que apontava na direção do STBSB como a instituição que deveria receber o apoio de todas as igrejas do Brasil, por ser considerada a escola de formação por excelência. O Instituto presente em São Paulo realmente não poderia 'competir' com essa instituição, levando em conta seu corpo discente, não sendo exigida a formação equivalente ao ensino médio para ingresso, e também por seu corpo docente. Diversos missionários/professores com formação em instituições norte americanas reconhecidas por sua grandeza acadêmica se dirigiam ao Brasil como professores, principalmente ao STBSB. A essa altura, entre os anos 40 e 50 diversas também foram as obras literárias da área da Teologia produzidas por alguns destes. Mas, a principal diferença era sem dúvida a exigência para ingresso de discentes, sem a conclusão do grau médio e isso, certamente se constituía num fator importante para demérito da instituição paulistana. A partir do final dos anos 50, na então gestão de

---

[59] Para os missionários americanos pioneiros, o Brasil era dividido em Norte e Sul. No Brasil, o norte compreendia os estados do norte e nordeste até a Bahia e o sul dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo para baixo Tal divisão faz conexão com a própria divisão de seu país. A discussão interna entre os estados do norte e do sul girava em torno da questão da escravidão e por conta disso, e evidentemente não só por esse motivo, acabou eclodindo a guerra de secessão. REIS PEREIRA, José dos. *Breve história dos batistas*. Rio de Janeiro : 1987, p.78.

Bryant, em São Paulo, o quadro de docentes se modifica sobremaneira, como será apresentado mais adiante.

Em 1955, a direção do ITBSP muda novamente e os relatórios sobre o ITBSP e o CB demonstram que a situação não estava boa, agravada principalmente pela dificuldade quanto ao imóvel (ATA DA JUNTA EXECUTIVA DA CBP, 4 DE SETEMBRODE 1954). Na ata da Junta executiva, de 2 de abril de 1955, está registrada uma sugestão de que se apresente ao STBSB a possibilidade de adotar como uma sucursal o ITBSP, e que se pedisse a *Richmond* uma verba de 10.000 dólares para fazer face às despesas que esse projeto poderia apresentar. Esse fato é contraditório. Ajuntar instituições ao invés de separá-las para crescer? Mas essa sugestão corrobora o pensamento da época, que era tão somente o de tornar o STBSB um centro de excelência em formação teológica. Pode ter sido um pedido de socorro, caracterizando o grito de um grupo de pessoas que estavam à beira de um colapso institucional, talvez pela pressão da desocupação do imóvel. Como em outras situações, em nenhum outro documento, Ata, artigo ou reportagem foi encontrada uma continuação sobre esse assunto. Dois anos se passaram e, no início do ano de 1956, aparecem notícias nada otimistas em relação ao CB, à livraria e ao ITBSP, registradas nas Atas da 48ª Assembleia da C.B.P.:

> A Junta conhece todos os problemas ligados ao Centro Batista e não lhes dá solução por várias razões que deverão ser estudadas.
> O presidente declara que em face dos grandes problemas da livraria a Junta sugere que devemos entregar a nossa livraria à Casa Publicadora Batista.
> Propõe que esta Convenção autorize a sua Junta a entrar em entendimentos a do Colégio batista no sentido de mudar para as salas do Colégio o Instituto Teológico, agora funcionando na sede do Centro Batista (BATISTA PAULISTANO, JANEIRO E FEVEREIRO DE 1956).

Parece que uma solução ao problema do CB e, em particular ao ITBSP, estava para chegar. Neste início de 1956, Silas Botelho deixa a direção do Colégio Batista Brasileiro e assume Enéas Tognini. Este, assim que assume a direção, convida Lauro Bretones para dar assistência espiritual aos alunos e para trabalhar com a orientação educacional. Bretones tem formação no STBSB, bacharelado em Jornalismo, Letras Neo-latinas e terminava o curso de Filosofia, quando chegou a São Paulo vindo de Niterói.

Conforme sugestão da 46ª Assembleia, de se providenciar um novo local para o ITBSP, na reunião ordinária da Junta executiva, do dia 2 de fevereiro de 1956, decide-se nomear uma comissão para se entender com a Junta do Colégio quanto à situação do Instituto. Mais adiante, é proposto que se encerrem as atividades do Instituto e que a comissão eleita estude a viabilidade de se criar um curso teológico ao mesmo tempo em que se lance no Estado uma campanha para levantar vocações ministeriais. Não se registram as causas e não se explicitam as evidências do encerramento de um curso, que até dois anos atrás tinha 116 alunos, ajuda financeira aos professores, saldo positivo e formava a 3º turma. A crise deflagrada pela necessária desocupação do imóvel parece ser a grande causadora dos recentes acontecimentos.

A sessão extraordinária da Junta executiva de 11 de fevereiro de 1956 foi longa e cheia de importantes decisões [60] .Também foi decidido o futuro do Instituto, como segue:

> Curso teológico. Tendo em vista o relatório da Comissão designada para tratar do assunto apresentado pelo pastor Malcolm Tolbert, pelo qual se verificou ter a Junta do Colégio Batista Brasileiro nomeado o diretor daquele Colégio para se entender com o Presidente da Junta a respeito das instalações de um Instituto Teológico, nos moldes do que já funcionou no Centro Batista, menos o curso Primário e o curso de música; tendo em vista o entendimento já havido entre aqueles dois irmãos, esta Junta decide convidar para dirigir tal instituto o irmão Pastor Lauro Bretones. Durante este ano o Curso funcionará sob a égide da Junta Executiva, entregando-se após ao Colégio, que organizaria um curso Teológico em bases mais rigorosas.

Conforme essa ata, Lauro passaria a acumular às suas funções de vice-diretor no CBB e a de diretor do ITBSP, a Junta Executiva se responsabilizaria pelo Instituto durante o ano de 1956 e o passaria ao CBB que organizaria um “curso Teológico com bases mais rigorosas”.

Parecia que o problema do Instituto quanto ao local estava resolvido. Entretanto, os caminhos do ITBSP tomam outros rumos, pois a Junta resolve cancelar o curso do Instituto por sugestão de Tognini, e instalar no próximo ano,

---

[60] O registro da compra do imóvel para as atividades da Junta, um apartamento num conjunto comercial à R. Conselheiro Nébias, 117, 1º andar está lançado na Ata da Junta executiva do dia 3 de março de 1956. Neste novo prédio não havia espaço para instalar o ITBSP.

1957, um curso teológico criado, organizado e dirigido pelo CBB. O desfecho do Instituto se resume neste parágrafo:

> O encerramento do Instituto Teológico, que funcionava no atual Centro Batista, deu margem a um saldo de Cr$ 22.000,00. A Junta resolve que desse saldo se ofereça ao casal Crispim Gomes a importância de Cr$ 5000,00 como cooperação nas despesas de mudança de sua residência (ATA DA JUNTA EXECUTIVA DO DIA 3 DE MARÇO DE 1956).

A vida denominacional continua seu rumo sem o Instituto. Foi possível encontrar e destacar um fato curioso que está registrado na Ata da Junta Executiva do dia 14 de junho de 1956 quando são inauguradas as salas do novo prédio da sede da Junta executiva. Nessa reunião, foi feita uma proposta para que se "escreva uma carta ao Dr. Taylor, que partirá para os Estados Unidos, pedindo que ofereça a sua biblioteca ao Colégio Batista, para servir à futura **Faculdade Teológica Batista de São Paulo**" (ATA DA JUNTA EXECUTIVA DO DIA 14 DE JUNHO DE 1956). Pela primeira vez aparece o nome *Faculdade Teológica Batista de São Paulo,* ainda que não lhe tenha sido atribuído esse nome, no início das atividades em 1957, como será visto mais adiante.

Mais uma vez percebe-se o conceito de Saviani (2007, p.4) sobre institucionalização ao criar, organizar algo constituído pelo homem. Entretanto, Saviani vai além neste conceito. Afirma o autor que as instituições são criadas em função de uma necessidade, "mas não qualquer necessidade. Trata-se de necessidade de caráter permanente. Por isso a instituição é criada para permanecer". O que podemos apreender desse conceito de Saviani é que aquilo que é transitório não vem a institucionalizar-se. O que realmente se institucionaliza é a necessidade que vem para permanecer. As atividades educacionais desenvolvidas por Morgan no CB, ainda que estivesse vivendo um tempo de turbulência e incerteza, vieram para ficar, mesmo tendo sido caladas por um tempo.

O desejo dos líderes batistas paulistanos era o de ver seu estado crescer em relação à Educação Teológica. A solução colocada por Tognini foi a de silenciar-se durante o ano de 1956 para poder reaparecer com uma estrutura nova e organizada. Estes fatos lembram Petitat (1994) em seus argumentos sobre a força da sociedade e da escola. Os batistas de São Paulo já tinham conquistado um 'lastro' educacional

em mais de 50 anos de atuação do CBB com os cursos primário, ginasial e normal. À frente desta instituição agora havia um homem forte e ambicioso, Tognini, que assumia também a Educação Teológica mantendo os ideais tanto educacionais como religiosos. Era preciso manter os quadros para as igrejas, e esta instituição, o CBB, mais forte do que o fraco instituto dirigido por Morgan poderia cumprir esse propósito numa instituição reconhecida por seu status educacional.

Para Petitat (1994), uma instituição escolar é uma contribuição para aquilo que emerge dos grupos e das estruturas da sociedade. Diante dos últimos acontecimentos históricos pode-se inferir que a liderança batista paulistana deseja não somente perpetuar seus dogmas e crenças por meio de agentes educativos, mas também demonstrar diante da denominação que poderia ter uma educação de qualidade. No sul do país, o STBSB passaria a ser mais uma instituição formativa, pois deste período para frente outras instituições teológicas surgiram. Passou a existir dentre os batistas um novo formato de conceber Educação Teológica, uma Faculdade de Teologia e não um Seminário, mesmo que tenham surgido muitas contradições, como veremos adiante. Agora sim, um bom local, uma direção forte com apoio da liderança, se configura um novo perfil de Educação Teológica em São Paulo. O grupo social, batistas de São Paulo, e a nova instituição teológica, estão intrinsicamente relacionadas, sendo impossível existir uma sem a outra. Forma-se uma nova instituição, com seus representantes e seus conteúdos. Petitat (1994, p. 37) mais uma vez ajuda a entender esta relação quando afirma que

> a ação educativa é inseparável de uma seleção implícita ou explícita, de conteúdos simbólicos [...] tal seleção se encontra no princípio da definição da própria atividade pedagógica e de suas relações com outras atividades sociais. Ela é ao mesmo tempo, produção da instituição pedagógica, de uma cultura e de esquemas de comportamento, e reprodução de relações sociais externas. Tem sua origem no conjunto das relações entre a instituição, os grupos sociais e as condições do ambiente.

Este relato, dos antecedentes históricos da Educação Teológica Batista Paulistana, destaca considerações sobre o pensamento batista em relação ao ideal da educação Teológica Batista no Estado. Não há uma descrição organizada dos fatos que antecedem à criação da instituição em estudo, em nenhum Jornal, Ata, Livro ou documento. O único autor que atribui em uma de suas obras um pequeno trecho a Morgan e à pequena ‘Escola Bíblica’ iniciada em 1946, e mais tarde

reconhecida como Instituto Teológico Batista de São Paulo, é Oliveira (2000). O pequeno instituto foi o primeiro movimento que antecedeu à criação da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, que traz tradição à esta área de pesquisa em seu percurso histórico, corroborando para a história da Educação Teológica Batista no Brasil. Entretanto, essa posição é contestada por Tognini e por Bryant, como será explicitado adiante.

III - A FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

3.1 – ANOS INICIAIS

Enéas Tognini é personagem central no início da história da FTBSP. De descendência italiana, da região da Toscana e de Livorno, carrega certamente em sua gênese tenacidade e espírito aventureiro, o mesmo que mobilizou imigrantes para o Brasil no final do século XIX, caracterizando-o como um líder. Tal liderança fica evidente, não somente em sua autobiografia, mas também em documentos escritos e assinados por ele, como os relatórios da mantenedora do colégio que dirigiu, bem como nas atas pesquisadas. Desempenhou papéis de importância em sua vida e foi reconhecido, não somente entre os batistas, mas também no universo evangélico. O relato autobiográfico publicado pela Editora Hagnos[61] apresenta diversas facetas de sua personalidade e relata muito de sua participação nesses anos iniciais.

Tognini, em sua biografia, narra um pouco de sua história. Foi seminarista no STBSB, ingressou no ano de 1938 e finalizou seu bacharelado em Teologia, em 1941. Ao sair do seminário, casou-se com Nadir Lessa Tognini e foi pastorear uma igreja em Belo Horizonte, a Igreja Batista do Barro Preto. Lá, trabalhou na igreja, deu aulas no Colégio Batista Mineiro e dirigiu o internato masculino. Em 1946, recebeu o convite do Dr. Silas Botelho para vir a São Paulo a fim de pastorear a Igreja Batista em Perdizes, e ajudá-lo na direção do Colégio Batista Brasileiro de São Paulo oferecendo assistência espiritual (TOGNINI, 1997, p.34). Pouco tempo depois recebeu um convite da Igreja Batista em Itacuruçá – RJ - para assumir o seu pastorado, e também um convite de Oliver para lecionar no STBSB. Num primeiro momento aceitou, mas, depois comunicou à igreja e a Oliver que desejava ficar em São Paulo. Em janeiro de 1956, Silas Botelho, então diretor do CBB, comunica a Tognini que fora exonerado do cargo de diretor e seu nome era o indicado pela

[61] Publicado pela Editora Hagnos em 1997 - *Enéas Tognini, a autobiografia.*

Junta para a direção. O convite veio mais tarde e Tognini aceitou-o. Ao todo foram nove anos como vice-diretor do CBB e cinco anos como seu diretor.

Quando Tognini, junto com Bretones, iniciam os planos para a reabertura do Instituto Teológico Batista de São Paulo, encontram oposição dos batistas brasileiros, mais especificamente do então diretor do STBSB, Oliver, que se posiciona contra a abertura de uma instituição teológica em São Paulo que representasse semelhanças ao STBSB. Oliver tinha um temperamento 'forte', nas palavras de Tognini e comprovado pelos paulistas como já expresso nas páginas anteriores. Em entrevista à pesquisadora, Tognini afirma que Oliver queria a predominância da oferta de formação de pastores no Rio de Janeiro.

Os seminários existentes, STBNB, em 1902, e o STBSB, em 1908, tiveram apoio por parte dos Colégios Batistas para o início de suas atividades, e ocuparam em seus primeiros anos, salas nos edifícios dos Colégios. Com o passar dos anos, ganharam autonomia, principalmente os Seminários de Recife e do Rio de Janeiro e, ajudados por missões estrangeiras e igrejas brasileiras, apresentaram grande expansão com a construção de edificações próprias e de grande porte. Em São Paulo, a história se repete (OLIVEIRA, 2000).

A Educação teológica no entender de Tognini era de menor importância entre os batistas. Em sua visão, o pensamento central da denominação estava nas Missões, na evangelização. Vale lembrar que esse tema não faz parte do objeto desta pesquisa, mas é importante salientar que na leitura realizada no Batista Paulistano, dos anos de 1939 a 2011, encontra-se uma forte conotação, principalmente até 1960, pelo trabalho missionário ou de evangelização no interior de São Paulo. A Junta Executiva mantinha diversos missionários, ou naquela época chamados de 'obreiros de campo', que atuavam em diversas cidades interioranas. Quando o CB passou a ser dirigido por Morgan, havia ali um pequeno dormitório, que era utilizado por esses obreiros quando de sua passagem pela capital.

Tognini afirma em entrevista que sempre quis iniciar um seminário e, ao traçar os primeiros planos para isso, quebra vínculos com Oliver, diretor do STBSB, no Rio de Janeiro, como ele afirma:

Contra, contra, contra. Dr. Oliver era contra, contra, contra. Ele ficou bravo comigo, eu era, eu pertencia à Junta do seminário e o Dr. Oliver era de temperamento né, ele ia fundo,[...] ele nunca concordou. Nem com o seminário do Norte e nem com o seminário de São Paulo,[...] quando apareceu um missionário, [...] fundou o Seminário Equatorial em Belém, aí quando eu formei um seminário aqui, o Oliver ficou louco, era muito amigo meu, mas ele ficou louco, ele não podia concordar (ENTREVISTA CONCEDIDA POR TOGNINI À PESQUISADORA EM 10 DE DEZEMBRO DE 2010[62]).

Em 1952, Tognini, então responsável pelo ITBSP, afirma em entrevista que lá se encontravam pessoas de todos os níveis intelectuais e sociais, o que, segundo ele, dificultava a implantação de uma escola de qualidade. Assim ele se refere a esse grupo:

havia desde, o semianalfabeto até doutor, como você podia dar aula para uma heterogeneidade dessa? Era muito difícil [...] *era uma casa ali perto do Sorocabano que abrigava, os abrigava, abrigava os obreiros que vinham do interior e coisa e tal, a ficar hospedado. Que mais tarde o Rubens Lopes[63], chamou aquilo de pardieiro e ai o Dr. Morgan ficou muito zangado e coisa tal. Dr. Morgan voltou para os Estados Unidos, se aposentou e foi pros Estados Unidos* (ENTREVISTA CONCEDIDA POR TOGNINI À PESQUISADORA EM 10 DE DEZEMBRO DE 2010).

Entre os anos de 1956 e 1957, no período de implantação dos planos para a abertura de um seminário em São Paulo, Tognini enfrentava Oliver, que se posicionava contrário. Outros também se posicionaram contra, entre eles o próprio Silas Botelho. Como diretor do CBB, Tognini reúne a Junta e decide abrir um seminário em São Paulo e traz os primeiros estudos para o lançamento de uma faculdade de teologia, os quais são prontamente aceitos. Assim ele afirma:

esse Centro Batista pela sua heterogeneidade não pode continuar. Até eu assumir a direção do Colégio, a direção geral, ai eu convoquei a Junta do Colégio, expus o plano, eles concordaram os membros da Junta concordaram, 15 membros, concordaram e em 1957 então começou o seminário aqui em São Paulo (ENTREVISTA CONCEDIDA POR TOGNINI À PESQUISADORA EM 10 DE DEZEMBRO DE 2010).

---

[63] Rubens Lopes foi pastor da Igreja Batista da Vila Mariana por muitos anos e diversas vezes presidente da Convenção Batista Brasileira e da Convenção Batista do estado de São Paulo.

Entende-se esse período da seguinte forma: Lauro Bretones havia sido convidado para ser diretor do ITBSP, que se mudaria para as salas de aula do CBB; Tognini era diretor do CBB; a diretoria da CBB com sede no Rio de Janeiro, especialmente o diretor do STBSB, eram contra a criação de um seminário que não estivesse na cidade do Rio de Janeiro.

Por esse tempo, o STBNB e o STBSB já estavam em franco desenvolvimento e, no ano de 1955, outro seminário havia iniciado nas dependências da Primeira Igreja Batista de Belém, um Instituto Bíblico que, em 1965, torna-se o *Seminário Teológico Batista Equatorial*, e reconhecido como a 3º instituição de educação teológica da CBB (OLIVEIRA, 2000, p.41). Oliver realmente não se conformava com tais iniciativas que aconteciam em São Paulo, Recife e Belém. Entretanto, está implícito na fala de Tognini que o Instituto Teológico existente na cidade de São Paulo não representava uma instituição que poderia se igualar em qualidade aos seminários pertencentes à CBB. Dessa forma, surge a ideia de se criar uma faculdade que pudesse estar à altura desses seminários.

Na reunião da Junta administrativa do Colégio Batista Brasileiro, do dia 18 de agosto de 1956, Tognini lê a cópia da ata de uma reunião informal dessa Junta, que propõe o início das atividades da faculdade[64]. O conteúdo dessa ata informa que estavam presentes: Frederico Vitols, Salvador Farina Filho, José Siqueira Dutra, Américo Mancinelli, Elpídio de Araújo Néris, Luiz Rizzarro, Paulo C. Porter, Lauro Bretones e relata que

> atendendo à determinação desta própria Junta em sessão de 4-2-56, que por sua vez assim procedeu atendendo insistente pedido da Junta Executiva da CBP, para tratar exclusivamente a respeito da Faculdade de teologia do C.B.B. [...] fica resolvido o seguinte, sujeito à homologação da reunião regular desta Junta, já marcada para 18-8-56:
> 1)fica autorizado o Diretor do colégio a fazer funcionar no início ano letivo de 1957 a Faculdade de Teologia do C.B.B. de acordo com os planos apresentados pelo Pastor Lauro Bretones, que vão anexos a esta ata; b) o nome da referida instituição será "Faculdade de Teologia do Colégio Batista Brasileiro"; 3)Fica autorizado o Diretor a movimentar uma verba de até vinte mil cruzeiros para livros e propaganda (ATA 164 DA SESSÃO REGULAR DA JUNTA ADMIISTRATIVA DO COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO de 1956).

[64] O registro do texto de ata dessa reunião informal está na Ata 164 da Junta administrativa do Colégio Batista Brasileiro constante do anexo 3.

A seguir, nessa ata, consta a descrição do documento chamado *"Estudos Para o Lançamento da Faculdade de Teologia do CBB"*[65]. Esse documento descreve nome, posição doutrinária, objetivos, funcionamento, corpo discente, duração do curso, regime escolar, currículo, previsão orçamentária e pontos básicos, para o início do projeto de lançamento de um curso de bacharel em Teologia. Logo abaixo segue: *"A Junta do Colégio referendou, ponto por ponto dos elementos desta reunião"*. Observa-se que ainda nesta ata há um item referente a *"Fundos para a Faculdade de Teologia: Fica autorizado o Diretor a usar o que provém dos lucros da cantina e livraria para as despesas da Faculdade de Teologia do C.B.B".* Mais abaixo, consta que esses fundos serão utilizados para pagar o aluguel da casa do diretor da faculdade, Lauro Bretones (ATA 164 DA SESSÃO REGULAR DA JUNTA ADMIISTRATIVA DO COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO). O diretor tem dois tipos de 'entrada' de fundos para despesas da faculdade, uma verba de vinte mil cruzeiros para começar uma biblioteca e fazer propaganda e, agora os lucros da cantina e livraria para as despesas da faculdade. Entende-se que o lucro de cantina e livraria não fossem grandes somas em dinheiro e ainda assim foi utilizado para as despesas do aluguel do vice-diretor. Causa estranheza a utilização das verbas e do dinheiro destinado para investimento na nova instituição serem usados para pagamento de aluguel de Bretones, que na época dividia as funções como vice-diretor do CBB. Por que o CBB utilizaria os recursos da nova instituição, sendo que Bretones também desempenhava funções no CBB? Ao menos essa despesa poderia ter sido dividida entre as instituições e pago algum rendimento aos professores.

[65] Esse texto consta do anexo 3.

de

O entusiasmo da denominação Batista Paulista é grande. O Batista Paulistano de julho/agosto de 1956 já prenuncia o funcionamento da nova instituição com a frase:

> Vai realizar-se um velho sonho de vários obreiros de S. Paulo. Há muito que se fala em um curso de teologia em nosso estado capaz de preparar obreiros para as necessidades da causa. A Junta do Colégio com o apoio da Junta Executiva do Campo autorizou a direção do nosso educandário a executar o plano traçado por um grupo de obreiros que estão à frente desse empreendimento (BATISTA PAULISTANO, JULHO/AGOSTO DE 1956).

Algumas frases do artigo de jornal BP chamam a atenção: ‘trata-se de um curso superior’, ‘estamos dispostos a oferecer aos alunos o melhor curso que pudermos lhes dar’, ’não se trata de um curso para qualquer pessoa’, ‘só ofereceremos um curso: bacharel em Teologia’, ‘só serão aceitos candidatos em condições culturais para acompanhá-lo’, não se trata de um seminário’, ‘estamos convencidos de que com a nossa faculdade, terá o Seminário do Rio, sobretudo um maior contingente de candidatos daqui de São Paulo, ‘nossa faculdade, sobretudo, destina-se aos vocacionados que dificilmente poderiam ir ao Rio’, ‘não iremos dar um curso qualquer’, ‘faremos o melhor’, não iremos depender do auxílio financeiro das igrejas’, ‘a faculdade será mantida pelo Colégio’, ‘queremos que as Igrejas Batistas do Estado de São Paulo aumentem suas contribuições para o Seminário’.

O espírito de empreendedorismo de pioneiros é claro nessas declarações, mas contraditório. As frases que exaltam a iniciativa de haver um curso teológico no Estado de São Paulo como: “curso superior, não se trata de um curso qualquer, oferecer o melhor, não se trata de um seminário”, trazem também nas entrelinhas uma ‘submissão’ ao seminário do Rio: “estamos convencidos de que com a nossa faculdade, terá o Seminário do Rio, sobretudo um maior contingente de candidatos daqui de São Paulo”, e, “nossa faculdade, sobretudo, destina-se aos vocacionados que dificilmente poderiam ir ao Rio”. Quando mencionado anteriormente sobre um ‘inconsciente coletivo’, esse fenômeno está explícito aqui, pois ainda que se tenha o ideal de criar um curso equivalente aos STBSB e STBNB, com ótimo padrão, de nível ‘superior universitário’, está nas entrelinhas que não seria um curso como o do Seminário do Rio de Janeiro, e que só o cursaria quem não pudesse ir ao Rio de Janeiro. Na opinião desta pesquisadora, medo e falta de encorajamento estão presentes nessa escrita, ainda que de forma muito sutil. Está claro que se criava uma instituição diferente, uma faculdade e não um Seminário. O Estado de São Paulo já tinha a USP desde 1934 e se pronunciava como a cidade que crescia e se desenvolvia com outras instituições de ensino superior. Bryant, em entrevista ao Prof. Rega, em 1999, reforça a importância de se ter um curso diferenciado noturno, de ‘bastante ‘peso’, como segue:

"E naquela altura eu já tinha estudado um pouco as diretrizes das Faculdades no Brasil e eu percebi que muitas delas funcionavam à noite. Era o estilo parece-me que da educação brasileira. Eu pensei, então eu não vejo razão nenhuma porque não poderia ser assim com a Faculdade. Pode ter um curso noturno, um curso bastante de peso, mas para fazer isso talvez tenha de se prolongar um pouco o curso. Os seminários faziam por naquele tempo talvez por 3 anos. Eu pensei talvez nós poderemos estender por até cinco anos e conseguir a mesma coisa. Só que os alunos para fazer o curso noturno eles vão precisar trabalhar durante o dia e trabalhando e estudando, eles não podem fazer em três anos, tem de estender um pouco (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999)[66].

Bryant, nessa entrevista, deixa claro que percebe que uma instituição na cidade de São Paulo deveria ser diferente. Os seminários criados, até então, seguiam um modelo americano de aulas diurnas, período integral, pensionatos no mesmo terreno da instituição, refeitórios para os alunos, demonstrando uma 'geografia' e uma ' cultura institucional', que, em São Paulo, não teria condições de existir. Entretanto, não somente isso está por detrás desse fato.

Rega, em seu estudo sobre a gênese da Educação Teológica Batista no Brasil, lembra de algumas palavras de Shepard, um dos idealizadores do STBSB:

> Um seminário deve constituir um vínculo unificador do nosso trabalho no país inteiro. Uma das tendências naturais, bastante vezes notadas na expansão da obra missionária, é o de se perder de vista os interesse da causa em geral. A maneira pela qual o seminário poderá servir de instrumento importantíssimo em evitar semelhante dificuldade é torná-lo o centro da unidade cooperativa e doutrinária. O seminário desde o dia de sua abertura, tem de manter relações mais íntimas, com as igrejas em todo o Brasil [...] o seminário deve ser a obra culminante do nosso sistema educacional (SHEPARD in REGA, 2001, p. 101).

Shepard escreveu esse texto no ano de 1907 e, ainda que escrito há tanto tempo, concretiza o pensamento vigente na época quando se falava em Educação Teológica entre os batistas. Algumas vezes, tal maneira de pensar estava perdida nas entrelinhas, outras vezes explícita. A liderança do Seminário do Sul, querendo unificar e centralizar a Educação Teológica entre os batistas, não permite criar mais 'espaços' formadores como se vê na citação acima. Além disso, demonstra também, uma preocupação em manter uma "unidade cooperativa e doutrinária" para todo o país. Tal unidade manifestou-se também nos anos 70 e 80 com um patrulhamento

[66] A entrevista com Bryant se encontra na íntegra no apêndice 2a.

ideológico que as instituições sofreram característico da época da ditadura militar (REGA, 2001, p. 101-103).

Em São Paulo, a história continua e, ainda que se afirmem os propósitos de manutenção financeira da instituição, sem ajuda das igrejas para a faculdade que ora iniciava, tais propósitos foram logo deixados de lado, pois nos relatórios financeiros apresentados, já no ano de 1959, registram-se ajudas financeiras que duram até hoje, ainda que em menor medida. Registra-se também a oferta de somente um curso, o de Teologia. Porém, dois anos depois, em 1959, já havia a oferta de curso de "Educação religiosa para moças com duração de 3 anos (BATISTA PAULISTANO FEVEREIRO/MAIO/JUNHO DE 1959).

Em setembro de 1956, em artigo no Batista Paulistano, está o anúncio da abertura de matrículas e diversas informações sobre o novo curso[67]. Oficialmente, em 1 de março de 1957, iniciam-se as atividades da chamada *Faculdade de Teologia do Colégio Batista Brasileiro,* nas dependências do Colégio Batista Brasileiro, na cidade de São Paulo, apesar da severa discordância da liderança nacional. Em suas palavras Tognini afirma ter o "ideal teológico" e chama para si a idealização da faculdade, e assume tal posição na qualidade de fundador ou diretor geral do CBB, como segue: "*quem fundou [...] o Seminário fui eu, porque eu tinha ideal, eu tinha ideal teológico. Aí então, o Colégio ficou, o Seminário ficou na dependência do Colégio" (ENTREVISTA CONCEDIDA POR TOGNINI À PESQUISADORA EM 10 DE DEZEMBRO DE 2010).*

[67] Na íntegra no anexo 5.

tista
ileiro

O entusiasmo pela fundação da faculdade é visível tanto nas atas (da mantenedora), como nos relatórios (do diretor e das assembleias) e veículos de comunicação (Batista Paulistano). Para ajudá-lo em sua tarefa, Lauro Bretones, já designado pela Junta Executiva como diretor do ITBSP, passa a representar para Tognini o 'diretor' da faculdade que iniciava. Bretones descreve as atividades da faculdade a partir de sua inauguração, apresentando-se como seu diretor. Esses registros vão do ano de 1957 até 1961, quando deixa a direção da faculdade. Ao final do ano de 1957, em relatório do diretor à mantenedora, assim escreve Lauro Bretones: "as aulas desta faculdade foram abertas oficialmente a 1º de março de 1957, com uns vinte alunos matriculados e cinco ouvintes. Reina grande animação por parte dos alunos, professores e diretor" (ATA 166 DA SESSÃO REGULAR DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO). As aulas estavam sendo ministradas nas dependências do CBB, na R. Homem de Melo 537, no bairro de Perdizes, e os alunos utilizavam a biblioteca para suas pesquisas.

A foto acima, tirada na biblioteca do CBB, foi encontrada nos arquivos institucionais e mostra alunos e professores juntos. Sentados estão: Djalma Cunha, Lauro Bretones e Enéas Tognini. Sua publicação foi na edição de setembro/outubro, no ano de 1958, e registra no texto da reportagem, um discurso pronunciado por Bretones com o título: O passado, o presente, e o futuro? Seguem alguns trechos:

> O Passado e o presente ensinam que um empreendimento se faz com líderes idôneos [...] os líderes do passado tiveram, além de espírito de luta e consagração, uma profunda visão do futuro da obra com a qual se empolgaram [...] os batistas do Estado de São Paulo até hoje só possuíam uma instituição de ensino[68] [...] A Faculdade é a segunda grande instituição educacional dos batistas do Estado de São Paulo. E ela surge precisamente para que alonguemos nossa visão para o futuro (BATISTA PAULISTANO, SETEMBRO/OUTUBRO DE 1958).

Nesse discurso, Bretones faz uma apologia das iniciativas dos paulistanos quanto a projetos institucionais e, tal discurso já não tem um tom amedrontado, que

[68] Referindo-se ao Colégio Batista Brasileiro de São Paulo, fundado pelo casal Bagby, em 1902.

denota inferioridade, submissão ao STBSB, como nas palavras do articulista do Batista Paulistano de Julho/agosto de 1956. Parece que a autonomia, em relação à Educação Teológica no Estado de São Paulo, começa a despontar.

O primeiro registro sobre professores aparece na descrição do documento *"Estudos Para o Lançamento da Faculdade de Teologia do CBB"*[69], no item 'Congregação' como segue:

> Congregação: composta de professores formados por seminários, ou portador de diploma superior, e de reconhecida idoneidade cultural. Para compor inicialmente a congregação, foram convidados: Djalma Cunha, Enéas Tognini, Rubens Lopes, Malcolm Tolbert, Roque Monteiro de Andrade, Hilário Veiga de Carvalho, Lauro Bretones, José Novais Paternostro, Frederico Vitols, Sigfried Sehmal e Rafael Gióia Martins (ATA 164 DA SESSÃO REGULAR DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO)[70].

Assim, a titulação mínima para o professor era o bacharelado em seminário e/ou um diploma superior. Não há nomes de professores/missionários americanos, só brasileiros. Na Ata 166, de 16 de março de 1957, mais um dado chama a atenção, pois contém importante informação sobre o corpo docente:

> Recomendação - Esta Junta solicita ao diretor do colégio se entenda com o corpo docente da Faculdade de Teologia declarando aos seus membros que o serviço que prestarão à referida Faculdade é gratuito, tratando-se de um trabalho prestado à causa de Cristo.
> Faculdade de Teologia - O diretor do Colégio fica autorizado a dar Cr$ 3.000,00 mensais de gratificação ao Pastor Lauro Bretones pelos assinalados serviços que presta à Faculdade de Teologia, no cargo de diretor.

Mais uma vez a situação do voluntariado é mencionada quanto à atuação do professor na instituição de teologia, que segundo o texto, deveria ser entendida como "um trabalho prestado à causa de Cristo" (ATA 166 DE 16 DE MARÇO DE 1957). Poderia se pensar a respeito dessa situação somente sobre o prisma do 'custo' que pioneiros, novos empreendedores 'pagam', por sua ousadia e inovação? Ou talvez que esse voluntariado estava ligado aos favores daqueles que, por missão, dedicavam algum tempo de suas funções diárias ao funcionamento das instituições? Ou valeira a pena questionar: sendo a nova instituição vinculada a uma

---

[69] Este documento está registrado na Ata 164 em suas páginas finais e consta do anexo 3.

[70] O único vivo no ano de 2012 é o próprio Tognini.

escola, que na época contava com mais de 1000 alunos, não poderiam os professores da faculdade de Teologia ser remunerados por ela? Esses documentos dão a impressão de colocar o trabalho, o labor do professor de teologia como de menor importância. Este fato pode ser analisado na perspectiva de que os professores mencionados na citação anterior, 'congregação', desempenhavam funções como pastores e recebiam sustento de suas igrejas ou eram profissionais liberais e mantinham-se por conta própria. Desta forma, 'ser professor de teologia', representa uma função de menor importância. Ainda mais, contradizendo esse dado da Ata 166, há as palavras de Tognini que, em entrevista, afirma:

O Colégio sustentou, sustentou tudo, pagou os professores, pagou tudo. A primeira turma foi 20 alunos mais ou menos. Ah! Essa turma ficou dependendo do Colégio. A formatura, tudo o Colégio, o Seminário era uma dependência [...] do Colégio.

Se o CBB sustentou, pagou professores e tudo o mais, como podem ser interpretadas as ações desse período? Não foi possível o acesso aos relatórios financeiros do CBB. Mas, a questão que se levanta nesse momento é relativa à valorização da função do professor de Teologia. Essa marca, da valorização do professor de teologia, foi nestes primeiros anos, e pode-se dizer que por muitos outros, considerada uma marca de menor valor na perspectiva social. A cultura nas igrejas batistas não apresentava um costume, uma prática, de sustentar pessoas que pudessem tão somente dedicar-se ao ensino em suas instituições de teologia. Muitos que dedicaram algum tempo ao magistério entre outras funções, na realidade o fizeram por diversas vezes, voluntariamente. Considera-se isso um percurso que marcou a identidade da instituição.

Hoje, quase 60 anos depois, essa prerrogativa, 'ser professor de teologia', é um quadro que está mudando. Nas exigências atuais para o reconhecimento de cursos pelo MEC, consta a categoria de professores de dedicação integral ou parcial, que de uma forma bastante clara, caracteriza uma mudança de identidade da instituição. A identidade institucional pretende ser avaliada pelas 'lentes' da formação docente ao longo deste trabalho. Isso levanta uma questão que vale a pena ser investigada em trabalhos futuros, isto é, a profissionalização do docente

em Teologia. Maspoli (2005) traz uma interessante discussão sobre esse tema, que será apresentada adiante.

Por estar a faculdade vinculada ao CBB, as primeiras decisões administrativas, de pessoal docente, de funcionamento físico estavam sob a coordenação da mantenedora do colégio. Em 1959, surge um novo dado sobre o corpo docente: "é proposta pelo Pr.[71] Pirilampo uma gratificação a título de férias ou abono, aos professores da faculdade, havendo meios para isso, para complementar o que recebem por aula" (ATA 171 DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO). Esse dado confirma as afirmações de Tognini e de Bryant, em entrevista sobre o apoio total do colégio à faculdade, apesar de haver sido proposto em reunião anterior dessa mesma Junta que os professores deveriam compreender esse trabalho como uma dedicação voluntária. O que se pode inferir é que, num primeiro momento, esse trabalho se apresentava como um voluntariado e, mais tarde, os professores tinham algum ganho, entretanto, não há como confirmar esse dado. É fato que tal apoio financeiro ao professor não se compararia a um salário, já que nas palavras de Pirilampo, é usado o termo 'gratificação' a 'título de férias ou abono'. Parece que a não remuneração dos docentes, ou a baixa remuneração já incomodava alguns.

Passado o primeiro momento de euforia, ainda vivendo as emoções do início de suas atividades, recebe a instituição uma notícia boa, isto é, haverá um espaço mais adequado e independente do CBB para suas instalações. A 'doação' da antiga residência do diretor do colégio para as atividades da faculdade, como aulas e administração, alegra a todos. A casa como nova sede foi considerada àquele tempo como a "sede definitiva", de acordo com o relatório do diretor do ano de 1959.

> Casa para a Faculdade de Teologia - A Junta destina para a Faculdade de Teologia do Colégio Batista Brasileiro, a antiga residência do Diretor, situada às ruas: Ministro de Godoy, 48ms; Rua Homem de Melo, 30ms. Foi aprovado unanimemente. (ATA 167 DA SESSÃO REGULAR DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO).

[71] Pr. É a abreviatura da palavra pastor, muito utilizada no meio evangélico.

Começa o segundo ano de atividades com um novo espaço. A mudança para a casa nova foi uma conquista. Com mais espaço, salas não 'emprestadas', biblioteca própria, secretaria, etc., o desenvolvimento natural parecia estar mais perto. O diretor se alegra com a chegada da segunda turma, composta de 12 novos alunos, e também com o formato das aulas:

> "As aulas são dadas em forma de conferências, bem organizadas pelos professores, e os alunos são obrigados a lançar-se às leituras indicadas, às pesquisas e aos trabalhos [...] A muitos parece que um curso noturno como o que oferecemos, não pode ser eficiente. Quase todos os nossos alunos trabalham meio dia, frequentam as aulas à noite e dedicam-se aos estudos pela manhã" (ATA 170 DA SESSÃO REGULAR DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO).

Parece que algum temor ainda ameaça a paz institucional quanto à realidade de um curso noturno. A faculdade destacou-se entre os seminários de então por ter sido a primeira a criar um curso de bacharel noturno[72]. Mas as constantes falas do diretor a esse respeito parecem ser uma necessidade de reafirmar que um curso

[72] Lembrando que tal prática de aulas noturnas já existia em São Paulo, no ITBSP.

noturno poderia ter o mesmo padrão de um curso diurno, como os STBSB e STBNB. Bryant, anos mais tarde, quando assume as funções de diretor, não muda o formato de aulas noturnas e reconhece que “esse era o jeito brasileiro de ser” (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

Em março de 1959, registra-se por parte do CBB um convite a Bryant para "dirigir a assistência e clínica espiritual do Colégio Batista Brasileiro" (Ata 171 DA SESSÃO REGULAR DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO). Essa é a primeira aproximação de Bryant ao contexto do Colégio Batista Brasileiro e da Faculdade de Teologia, que ora se delineava.

O ano de 1959 foi cheio de atividades na faculdade. Entusiasmados com o novo prédio para onde mudaram foram organizados dois cursos especiais: *Psicologia e religião,* ministrado por Odon Ramos Maranhão, psiquiatra e professor da USP, e *A Sociologia a serviço do cristianismo,* ministrado por John Tumblin Jr., professor de Filosofia e Sociologia, do Seminário Batista do Recife. Foram distribuídos perto de 100 certificados. Outro curso chamado *Preparação para o casamento* teve a duração de sete semanas, com aulas aos sábados à tarde. A faculdade também hospedou o *5º encontro de estudantes de Teologia*. Foram três dias de estudos e confraternização com estudantes luteranos, metodistas, presbiterianos, batistas, vindos do sul, do centro, do norte do Brasil, e também de Buenos Aires. Registra-se também a criação da *Sociedade amigos da Faculdade*, que tinha a finalidade de levantar, junto a pessoas com visão das necessidades de um ministério preparado, recursos para o desenvolvimento da faculdade. Esses dados estão registrados no relatório do diretor bem como na Ata 172, com data de 23 de janeiro de 1960, da Junta Administrativa do Colégio Batista Brasileiro e demonstram o ânimo, que é natural, quando se inicia um novo projeto. É notório que Bretones em sua direção traz um perfil mais acadêmico à instituição, com a apresentação de temas mais abrangentes em interfaces da Teologia com a Sociologia e a Filosofia.

Em 26 de março de 1960, Tognini apresenta à Junta o desejo de deixar a direção do Colégio[73]. Antes de comunicar sua saída, já havia feito contatos com Werner Kaschel para assumir a direção do CBB. Segundo Tognini, os motivos apresentados à Junta sobre sua saída, dizem respeito ao desenvolvimento da Igreja

[73] Este período é narrado em sua autobiografia. Ele viveu uma experiência espiritual no ano de 1958, que mudou diversos rumos em sua vida e das instituições que dirigia: o CBB e a Igreja Batista em Perdizes. Foi a partir dessa experiência espiritual que decide deixar a direção do CBB e da Igreja em Perdizes. Entretanto, essa mudança não foi imediata: deixou o CBB em janeiro de 1961 e a igreja em 1 de janeiro de 1964.

em Perdizes, que estaria trazendo uma sobrecarga à sua saúde. Na reunião seguinte da Junta do Colégio, Werner esteve presente a fim de ser apresentado como futuro diretor do CBB, a partir de 1961.

Lauro Bretones também já não consegue acumular duas funções, como vice-diretor do colégio e diretor da faculdade e, igualmente pede demissão. Tanto Bretones como Tognini mantêm-se no corpo docente da Faculdade, mas não na direção. Nessa ocasião, é apresentado o nome de Bryant para a direção (ATA 174 DA JUNTA DO CBB DE 17 DE SETEMBRO DE 1960).

Essa é a última informação que se tem das reuniões da Junta do CBB. Os livros de atas dos anos seguintes se perderam, conforme comunicado pela professora responsável pelos arquivos históricos. Assim, não se tem registro da resposta da Junta sobre a decisão final do aceite de Bryant, nem da saída de Bretones e Tognini. O relatório do diretor de 1960 à Junta administrativa do CBB consta ainda a assinatura de Tognini.

Os alunos do Centro acadêmico 1º de março organizaram uma homenagem a Bretones, que continha duas partes: um culto em que pregou Rubens Lopes com o tema: “Um planta, outro rega”, e uma segunda parte, onde foi dedicado à Bretones o nome da biblioteca – ‘Biblioteca Lauro Bretones’. Isso ocorreu em julho de 1961 e foi matéria no Batista Paulistano intitulada: ‘Festa na Faculdade de Teologia’. (BATISTA PAULISTANO, JULHO DE 1951)

Os acontecimentos seguintes registram que a direção do CBB passou para Werner Kaschel e a direção da Igreja Batista em Perdizes passou interinamente para Alberto Blanco de Oliveira. Lauro Bretones deixa a direção da faculdade em agosto de 1960[74].

[74] A denominação batista em São Paulo demorou alguns anos para reconhecer Tognini como um dos fundadores da FTBSP. Uma das razões desta demora foi o envolvimento dele com o chamado “Movimento de renovação espiritual”, nos anos 60 e que tem influência com a experiência espiritual vivida por ele anteriormente. Tal movimento provocou muitas divisões entre a liderança batista. A liderança da denominação, não aceitando as mudanças de convicções doutrinárias que Tognini passou a acatar, pede a sua saída do CBB. Lauro Bretones, ainda que não envolvido com tais questões, também deixa a direção da Faculdade.

3.2. – MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS

Para entender melhor o contexto dos últimos acontecimentos, é preciso lembrar que Bryant veio ao Brasil a convite de Oliver para ser professor de Grego no STBSB. Seguindo a sugestão de alguns colegas, também missionários há algum tempo no Brasil, Bryant decide ir com sua família à cidade de Bauru, no interior paulista, para um período de aculturação, antes de ir para o Rio. Em Bauru, realiza um trabalho com pastores e líderes da região antes de ir para o STBSB a fim de lecionar. Passado algum tempo, aceitou o convite para permanecer em São Paulo, e tal decisão não soou de forma agradável para Oliver. Assim narra Bryant:

eu fui diante da missão para dizer que Deus tinha tocado em meu coração para ir a São Paulo, o Oliver se lembrou que eu era para ser professor no Seminário e percebeu que estava sendo inimigo do Seminário do Sul, e isso não foi assim mesmo, eu não tinha essa intenção nenhuma. Mas ele se opôs... (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

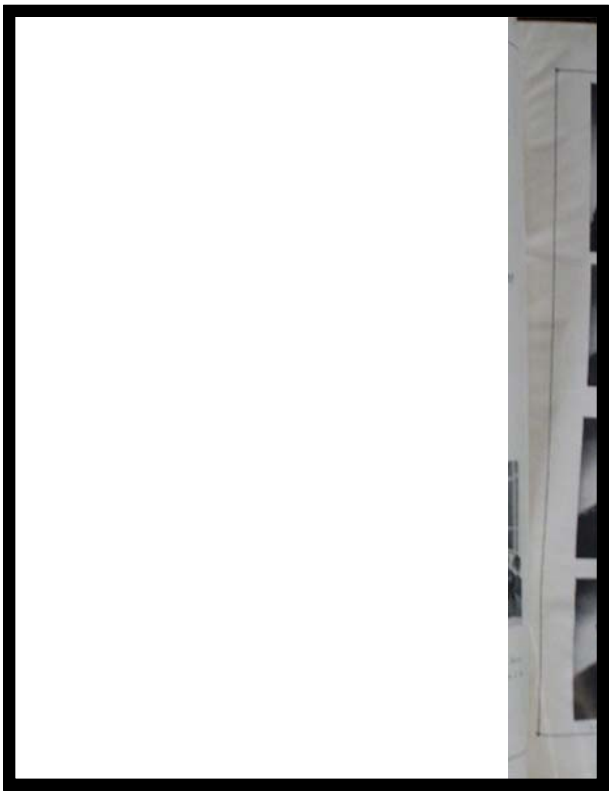
Nas palavras de Oliver para Bryant, percebe-se novamente a dificuldade na relação com a direção do STBSB. Quando a expressão 'inimigo do seminário' é apontada por Oliver, em relação à decisão de Bryant de permanecer em São Paulo, fica clara a personalidade 'forte' de Oliver, como já mencionada por Tognini e, novamente comprovada a hegemonia do STBSB ou pelo menos, de quem o dirigia.

Em São Paulo, Tognini passa a se envolver com movimentos doutrinários, que foram responsáveis por um período de controvérsias e divergências doutrinárias[75]. Muitas interpretações poder-se-iam dar a essas questões doutrinárias, porém não são foco neste estudo. Entretanto, nesse momento histórico, trouxeram divisões e diferenças de opiniões entre diversas lideranças na denominação Batista.

---

[75] O movimento chamado de "renovação espiritual" crescia entre as Igrejas Batistas. Tal movimento aceitava algumas doutrinas neo-testamentárias de origem pentecostal, diferentes das doutrinas das igrejas tradicionais batistas. Entre estas doutrinas se encontravam o 'batismo no Espírito Santo'. Como marca desse batismo no Espírito Santo, acontece o fenômeno chamado de glossolalia. Tognini entretanto, fala sobre uma renovação espiritual que vai além desse fenômeno e diz respeito a uma relação maior com Deus. Mais informações em TOGNINI, Enéas. *Enéas Tognini: a autobiografia.* São Paulo : Hagnos, 2006.

Tal período foi chamado de ‘cisma’, como tantos outros que marcaram a História da Igreja cristã[76]. Tognini, depois de sua experiência espiritual, passa a se aproximar desse grupo. Quando tal período estava em seu auge, o quadro se apresentava da seguinte forma: Tognini havia se afastado como diretor do CBB, Kaschel assumia sua direção e Bryant, a FTBSP.



culdade

Segundo Bryant, ao mesmo tempo em que as questões doutrinárias ferviam no meio batista, Bretones liderava na faculdade um movimento chamado de ‘socialista’ e relata em entrevista que alunos instigados por Bretones fazem uma greve impedindo que as atividades educacionais continuassem. Assim, Bryant relata esse fato:

Depois do Enéas saiu da Convenção e o Lauro foi para o movimento socialista. De fato, depois eu descobri que o Lauro estava por trás daquele movimento de greve dos alunos, que tinham tendência

[76] Nesse período as controvérsias foram de tal monta que houve uma divisão entre líderes batistas e como consequência foi criada a Convenção Batista Nacional. Tognini passou a fazer parte dessa Convenção e foi um de seus principais líderes. Mais informações: TOGNINI, Enéas. *História dos batistas nacionais*. Brasília: LERBAN, 1993. TOGNINI, Enéas, ALMEIDA, Silas L.. *História dos batistas nacionais*. Brasília: LERBAN, 2007.

socialista.[...] Quando eu fiquei sabendo que os alunos estavam em greve, bem .. tomando a minha posição como diretor da Faculdade nós tínhamos que resolver isso já para sempre. E assim, eu simplesmente fiz um anúncio que as aulas da Faculdade iam ser reiniciadas em tal dia e os professores estariam em classe e eu também como diretor e era bom que todo mundo soubesse que daqui em diante não haveria mais greve enquanto eu sou o diretor da Faculdade, porque ou os alunos que promovem greve saem ou eu saio, porque assim não era possível a Faculdade funcionar. Assim, acabou a greve e nunca mais tivemos problemas neste sentido (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

Gatz e
nte:

No cenário mundial, no início dos anos 50, a chamada Guerra fria colocava os países do Ocidente liderados pelos Estados Unidos contra os países do Oriente liderados pela União Soviética (SAVIANI, 2007, p. 280). Já que no Brasil havia um contingente grande de missionários estrangeiros, essas discussões permearam os encontros da denominação. De certa forma interessava aos brasileiros a permanência dos americanos no trabalho missionário, porque traziam recursos para a construção de escolas, seminários e igrejas, e também pelos ideais já comentados sobre 'Destino manifesto' e do *American way life of life*.

O Brasil por sua vez vivia também turbulências. Na educação brasileira era intensa a luta pela escola pública como direito a todos, “universal e gratuita”. Nos dizeres de Saviani “a Igreja sentiu-se ameaçada” (SAVIANI, 2007, p. 288), pois entendeu que a educação passaria a ser oferecida somente nessa modalidade, fechando o espaço da escola particular. Os que mais lutavam por essa causa foram considerados comunistas e socialistas. Nesse cenário educacional, os rascunhos da Lei de Diretrizes e Bases, que já haviam começado a ser escritos desde 1947, finalizados em 1961 e publicados finalmente em 1962, traziam à cena esses temas. Nas discussões políticas e educacionais, as ideias que tinham um cunho mais socialista eram defendidas por Florestan e bastante difundidas.

Para Tognini, Lauro foi influenciado por tais ideais. O “Lauro foi prejudicado, ele começou entrar pelo modernismo, e não acreditava mais ... ele perdeu o prestígio e começou a se envolver na faculdade, se tornou grande na faculdade”[77] (ENTREVISTA CONCEDIDA POR TOGNINI À PESQUISADORA EM 10 DE DEZEMBRO DE 2010).

Há um antigo documento escrito por alunos reunidos em assembleia, dirigido ao “Sr. Diretor, Dr. Thurman Bryant e à Junta Administrativa do CBB”, com algumas reivindicações[78]. Tal documento está sem data, mas indica que deve ter sido escrito entre o ano 1961 e 1962, visto estar escrito “... após um largo período de 5 anos de experiências concretas”. Os nomes de 23 alunos estão datilografados ao final e alguns desses aparecem nas fotos da formatura de 1963. Os temas das reivindicações são quatro: Oficialização da Faculdade, Corpo Docente, Corpo discente, Aulas. A reivindicação quanto à oficialização é que a instituição a busque. Argumentam os alunos que esse é

> um anseio muitíssimo antigo de todos os alunos desta faculdade, os quais desejam que seus diplomas sejam, realmente, o produto de um curso muito bem desenvolvido, simbolizando uma educação teológica verdadeiramente à altura das necessidades e aspirações atuais, não só das comunidades e indivíduos cristãos, mas também dos indivíduos e grupos não filiados a igrejas (EGRÉGIA CONGREGAÇÃO e C.T.A. da FTBSP, ANEXO 3).

---

[77] Referindo-se à PUC, pois nessa época ele cursava Psicologia.

[78] O documento está na íntegra, no anexo 4.

Na visão dos alunos, a importância de um **diploma reconhecido,** ampliaria os horizontes da “atividade pastoral” oferecendo uma “penetração mais aguda e profunda no âmago dos problemas mais sérios do mundo”. Seguem em sua argumentação, afirmando reconhecer que “em seu aspecto material, o diploma representa, talvez, muito pouco”, mas apresentam razões baseadas em artigos da Constituição Federal de 14/09/46, quanto à tarefa do governo de “reconhecer e inspecionar os estabelecimentos particulares de ensino superior” e de não haver “distinção de direitos entre os estudos realizados em estabelecimentos oficiais e os realizados em estabelecimentos particulares reconhecidos”, referindo-se à Constituição Federal, artigo 5, nº XV, letra d e o artigo 14 e 19, da Lei de diretrizes e bases, no Título V. Tal argumento significa que, uma vez tendo o governo para “fiscalizar’ o trabalho da faculdade, passaria essa a ter “sua responsabilidade aumentada”, o que traria uma “**Autovalorização da própria problemática Teológica-Espiritual**”. Citam dessa forma a Lei de diretrizes e bases com enfoque no desenvolvimento da pesquisa, o que acarreta validade aos cursos superiores em todo território nacional. Tais palavras parecem ter um tom de atualidade, o que torna o documento muito curioso. Um novo texto da LDB era bem-recente, 1961, e certamente sua discussão estava em pauta nas instâncias educacionais. Transparece nesse manifesto que os discentes se mobilizaram com tais reivindicações e que estavam atualizados quanto aos acontecimentos nacionais. Reivindicam igualmente que se obedeça o que a LBD prevê, ou seja, 180 dias letivos. **Quanto ao corpo docente**, posicionam-se a favor de concursos para o preenchimento da cátedra e apresentação de um programa de ensino, lembrando novamente a LDB, no seu título XI, cap. I, Artigo 71 e 73. Em **relação ao corpo discente**, o pedido é que se aplique com mais ênfase a desclassificação de alunos não prontos para o ingresso em curso superior. Pedem também uma representatividade discente nas reuniões da Congregação. Expressam um desejo de que a duração do curso seja aumentada e que o currículo das disciplinas de Teologia Sistemática e Teologia Bíblica do Novo e do Velho Testamento seja ampliado, e que haja aprofundamento nos temas.

O texto está bem escrito, provavelmente os alunos foram orientados por alguém que conhecia bem a legislação demonstrando conceitos avançados para a época e para o contexto. Pergunta-se: tal situação teria sido interpretada por Bryant

como “socialista”? Seria Bretones o orientador dessa turma na escrita desse documento?

A expressão ‘socialista’, usada por Bryant ao se referir a um movimento grevista na instituição, chama a atenção. O contexto de onde Bryant vinha, representava o ‘sonho americano’, período vivido após o término da 2ª guerra, que foi caracterizado pela construção nacional e pela rigidez no que se refere à moral. No final dos anos 50 e início dos anos 60, Elvis Presley aparece como um ídolo desejando quebrar diversos paradigmas de tal rigidez. Os movimentos antirracismo liderados por Martin Luther King ganham espaço em todo o país, os russos e os americanos espionam um ao outro e a insegurança por bombas atômicas é uma ameaça constante. Ao se pensar no universo acadêmico, filosófico, a 2ª geração da Escola de Frankfourt despontava com ideias de Walter Benjamim. O americano vindo ao Brasil sob esse contexto não poderia deixar de expressar, ainda que não explicitamente, tal situação.

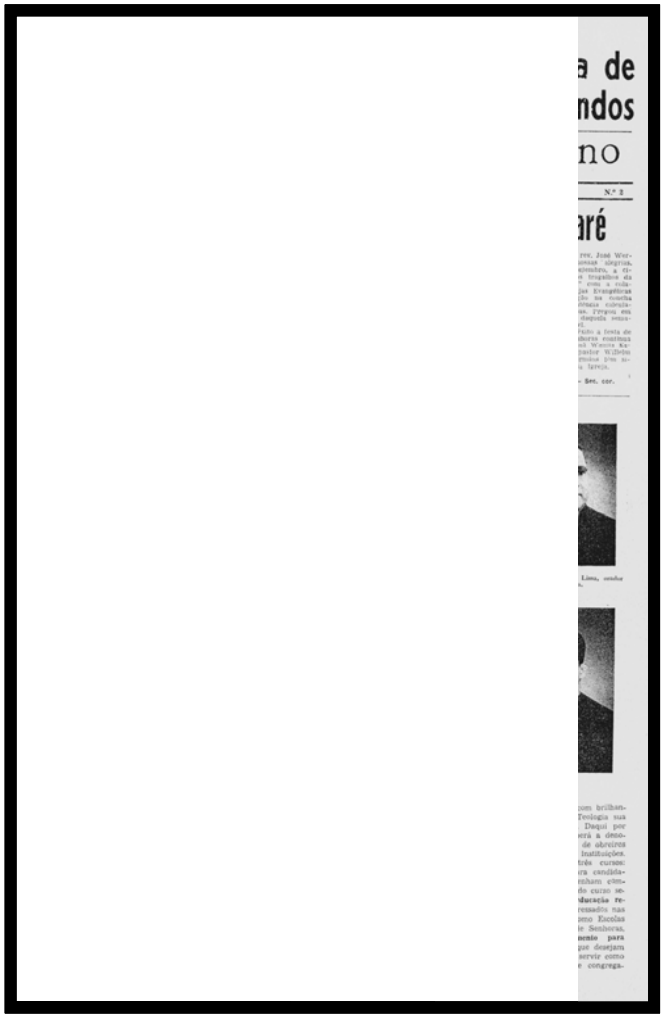
Ainda que os fatos trazidos por meio desse documento dos alunos ao diretor não estejam nos documentos oficiais, parece importante sua colocação, para que se possa perceber o quanto de uma instituição não fica registrado, mas, ao que parece, foi vivido intensamente na instituição. O fato aconteceu, há documentos, há falas na entrevista. O método dialético investigativo auxilia o pesquisador a pensar nessas condições gerais, ajudando-o a compreender o particular, da mesma forma como o particular ajuda a compreender o universo mais ‘macro’, que não se dissocia da realidade presente e materializada.

Não é fácil comprovar que esses acontecimentos não traziam influências à instituição. Os relatos não se encontram nos documentos institucionais pesquisados, como atas, relatórios e jornais. As atas da mantenedora do CBB referentes a esse período se perderam, o único livro de atas que registra esse período data de 17 de setembro de 1960. É relevante citar que os documentos da faculdade não mencionam esses fatos. O relatório do diretor à mantenedora datado do dia 29 de dezembro de 1960, achado em meio a papéis antigos na instituição, não faz menção aos fatos que permeavam as dissensões reinantes. Esse movimento da contradição poder ser comparado ao que Pires (1997, p. 86) chama de “caminhar”, “abstrair”

para se “chegar ao concreto: compreensão mais elaborada do que há de essencial no objeto, objeto síntese de múltiplas determinações, concreto pensado”.

No relatório do diretor à mantenedora a final do ano de 1960 chama a atenção o lançamento de um plano financeiro para o sustento da faculdade. Os objetivos desse plano é o de que a instituição precisa de outros recursos para ampliação, como biblioteca, o número de professores e a quantidade de alunos por série. Está também registrado que “a faculdade só recebe alunos com curso secundário completo e, [...] muitos não conseguem continuar pela estrutura e pelo rigorismo de seu funcionamento” (ATA DA MANTENEDORA DO CBB 29 DE DEZEMBRO DE 1960). Essa frase faz reconhecer o propósito que foi colocado lá no início de seu funcionamento, isto é, de ser uma instituição mais rigorosa que o ITBSP, na busca de uma equiparação com os Seminários da CBB. No ano seguinte, o relatório do diretor de 1961, assinado por Bryant como novo diretor, é apresentado num ‘papel timbrado’ contendo um logo como marca da Instituição, que historicamente permanece até hoje. Vale esclarecer que não se fala nada sobre as dissensões. Não se menciona também outras turbulências que o Brasil vivia como a renúncia do presidente Jânio Quadros. E o conturbado governo Goulart que acabou por eclodir com o golpe militar de 64. O mundo e o Brasil passam ao largo da instituição de Teologia que não registra em seus documentos o que acontece fora de seus muros.

O ano de 1961 é comemorado com a formatura da 1º turma composta por dez formandos. A solenidade de formatura é destaque de 1ª página no Batista Paulistano. Em 1962, são cinco formandos e, 1963, seis formandos. Nos arquivos da instituição foram encontrados três prontuários com a ficha de matrícula e cópia dos documentos de alunos dessa turma de formandos, que constam do anexo 6.



da
1962.

Com a saída de Tognini da denominação batista, assumindo uma nova linha doutrinária, demorou certo tempo para conferir à sua pessoa o mérito da fundação da FTBSP. Bryant reconhece esse mérito e afirma:

O instituto não tinha meios de continuar e então fechou e não sei o quanto tempo se passou, mas o assunto foi levado à Junta do Colégio Batista para repensar a necessidade de uma entidade teológica de ensino em São Paulo e foi naquela altura que o Colégio Batista sob a liderança do Pr. Enéas Tognini, que era o diretor do Colégio, e do Pr. Lauro Bretones que era o vice-diretor do Colégio resolveram fundar a Faculdade Teológica Batista de São Paulo ligada ao Colégio Batista (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

Anos mais tarde, o então diretor da FTBSP, Lourenço Stelio Rega, reúne Bretones e Tognini para esclarecer a questão da fundação da FTBSP e, assim, é narrado esse encontro por Tognini:

O Colégio Batista, o Seminário Batista começou lá [...] O Lauro explicou tudo, aí o Lourenço se convenceu de que realmente eu fui o fundador do seminário (ENTREVISTA CONCEDIDA POR TOGNINI EM 10 DE DEZEMBRO DE 2010).

Entretanto, Bryant se pronuncia quanto à fundação da faculdade sob outra perspectiva: “tem algumas pessoas que tem me chamado de fundador da Faculdade. Bem, isso depende da definição dada. Porque se for a data quando a Junta se tornou pessoa jurídica, isso seria certo” *(ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).*

No dia 24 de maio de 2011, no encontro de ex-alunos da FTBSP, Rega presta uma homenagem a Enéas Tognini colocando sua foto na galeria dos diretores. Desse modo, Tognini foi reconhecido como um dos fundadores da faculdade, por ter criado a primeira instituição chamada àquela época de Faculdade de Teologia do Colégio Batista Brasileiro elaborando os primeiros documentos de então. Entretanto, Bryant coloca a data da fundação quando a instituição cria sua própria mantenedora e se torna pessoa jurídica desvinculando-se do CBB. Oliveira (2000), de forma contrária, atribui à pequena escola de pregadores de Morgan os primeiros passos da instituição que inicia com classes de preparação de pregadores e se desenvolve até a criação do Instituto Teológico Batista de São Paulo. De qualquer maneira fecha-se um ciclo de dissenções em relação a esse assunto.

Figura 24 – Foto tirada em 24/05/2011 – Faculdade Teológica Batista de São Paulo reconhece Pr. Enéas Tognini como um dos fundadores e coloca sua foto na galeria de diretores. Fonte: acervo FTBSP

3 – CONSOLIDAÇÃO E AUTONOMIA

Um dos primeiros passos em direção à consolidação do trabalho da FTBSP estava relacionado ao seu desmembramento do CBB. No início de suas atividades, a FTBSP tinha pouca autonomia financeira. Tognini e Bretones dirigiam a faculdade e também o CBB e seus salários não representaram custos para a faculdade, pois eram pagos pelo CBB.

Bryant propunha a autonomia financeira e também administrativa como uma necessidade. O CBB tinha acabado de construir uma casa ao lado do antigo casarão e fora designada para o atual diretor da faculdade, Bryant. A missão americana, à qual estava vinculado, pagava um aluguel à faculdade pela cessão da moradia. O salário de Bryant também não representava custos para a instituição, pois ele tinha seus proventos vindos da instituição missionária a qual pertencia. Cria Bryant que a autonomia e dificuldades financeiras eram barreiras para o desenvolvimento e expansão da faculdade.

Bryant parece querer dar à instituição um aspecto mais autônomo, mais independente. Esse aspecto não estaria vinculado somente à docência e à falta de salários, mas de uma forma geral, a desvinculação do CBB parece ser uma prerrogativa para seu desenvolvimento. Ele considerava a 'entidade' faculdade, superior ao Colégio, e conclui que para ter 'idoneidade', precisava separar-se do CBB, como dito em entrevista:

Eu logo descobri que esta situação não era bem-formulada porque a situação era que havia um colégio que estava servindo como patrocinador de uma entidade superior ao colégio e a coisa não cabia bem. E logo percebi no começo que se a Faculdade ia ter a sua idoneidade precisava se separar do colégio e se tornar uma entidade idônea (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

Para Bryant, a desvinculação do CBB representava 'idoneidade', que é interpretada pela pesquisadora como autonomia. Segundo Bryant, Tognini e Bretones não apresentavam nenhuma resistência para tal desvinculação. Bryant também reconhece que a dependência financeira do CBB era algo importante, e afirma isso em suas palavras:

O Lauro e o Enéas eram muito apoiadores daquilo que fazíamos [...] sempre me deram cobertura e o orçamento vinha do colégio normalmente [...] as dependências do colégio e tudo (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

Na Ata 168, de 22 de março de 1958, é demonstrado um orçamento aprovado pela Junta, que contém três itens de 'entradas': matrículas, contribuição das igrejas e contribuições do colégio. Apresenta também cinco itens de saída: pessoal, despesas de viagem, equipamentos, expediente, compra de livros. Os valores são referentes à moeda da época e se igualam, 188.000,00 para entradas e saídas. Como se trata de um orçamento e não de um relatório financeiro, não há como apreciar se tais entradas davam realmente conta das saídas, mas aparentemente saia mais dinheiro que entrava.

É preciso reconhecer que o apoio financeiro que o CBB dava à FTBSP foi importante para a manutenção da instituição em seu primeiro tempo não tendo de assumir encargos salariais do diretor, dos professores, despesas com local, pessoal

de limpeza, luz e demais contas. Além disso, recebia da missão americana um aluguel relativo à moradia do diretor, bem como contribuições das igrejas. Ainda que se faça uma crítica quanto à remuneração de professores, é preciso admitir que dentre as dificuldades financeiras do 'pioneirismo', essa ajuda foi importante.

Bryant consegue apoio de alguns líderes para a desvinculação do CBB, como segue:

eu achava que para a Faculdade realmente tomar uma posição na denominação tinha que ser mais ligada à Convenção Estadual e igrejas e eu resolvi levantar o assunto na Junta do Colégio. E eu conversei com o Werner[79] e ele me apoiava nisso, pois que concordávamos que devíamos separar a Faculdade do Colégio e eleger uma Junta própria para a Faculdade e ele concordou. Eu levei o assunto à Junta da Convenção Estadual, para que a Junta levasse à Convenção uma proposta de que fosse criada uma Junta de Educação Teológica, que serviria como a Junta da Faculdade. (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

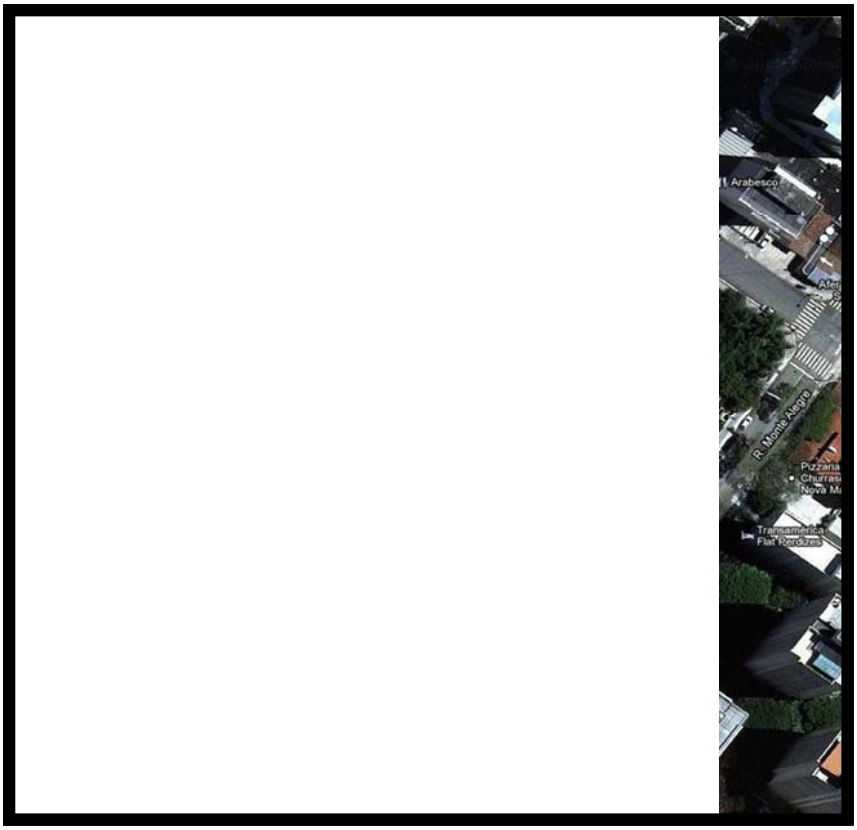
Bryant era americano com ideais de criar condições de sustentabilidade da instituição com seus próprios recursos, ou seja, recursos vindos dos meios brasileiros. Ainda que houvesse de alguma forma ajuda estrangeira, (seu próprio salário e o aluguel da casa onde morava) ele buscou organizar a instituição com autonomia. Assim, do ponto de vista administrativo, providenciou o início das negociações do desligamento do CBB, criando junto à Convenção Batista Paulistana uma 'nova Junta', Entre os batistas, não havia muita convicção de que os planos dessem certo, mas a 'escolinha' do CBB já ganhava sua autonomia, como segue em depoimento de Bryant:

Alguns acharam que por ser a Faculdade ligada ao Colégio, achavam que era simplesmente uma "escolinha" do Colégio, um departamento do Colégio, uma coisinha assim que não valia nada [...] eu pensei "nós temos que acabar com isso, senão os alunos não vão querer uma entidade assim, eles vão para o Seminário do Sul ou outra entidade, e não virão para cá." Então, esse foi um dos meus pensamentos na cogitação de desligar a Faculdade do Colégio (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

Havia a necessidade de um local para instalar as salas de aula e de criar uma Junta própria. Bryant batalhou junto a Kaschel para conseguir algumas coisas e

[79] Lembrando que Werner Kaschel nesse tempo era o diretor do CBB.

pediu "*que o Colégio cedesse aquela esquina que estava o antigo internato, onde estava a minha casa e mais a esquina na Rua João Ramalho* (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999). Seus pedidos eram ousados e implicavam em três terrenos. Para melhor compreensão do leitor, segue abaixo o mapa atual que mostra a localização desses terrenos



›s por
2.

Para qualquer instituição que deseja iniciar atividades, a situação financeira pode ser um problema. Se não havia um fundo de investimentos, o jeito era começar com o que se tinha, com acordos e com ofertas voluntárias. Bryant consegue recursos de doações

uma certa senhora que morava em West Virginia [...] gostaria de doar alguma coisa à Faculdade [...] fui visitá-la [...] no meu prato havia um cheque de 25.000 dólares. Eu nunca vi tanto dinheiro na minha vida. Quando eu vi o cheque dela [...] eu falei, nós estamos já em condições de construir (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

Bryant afirma em entrevista que as primeiras providências quanto à área acadêmica foram relativas à permanência do curso noturno. São Paulo já tinha uma tradição de oferta de cursos noturnos com o ITBSP. Assim, ele se pronuncia:

Depois que eu fui instalado como Diretor da Faculdade [...] eu não entendia o clima de educação superior no Brasil. Eu não sabia qual eram as diretrizes que controlavam as Faculdades quanto ao governo [...] eu descobri que havia uma história atrás da formação da Faculdade de Teologia que estava ligada ao Colégio Batista naquele tempo. Esta história vinha nos tempos antigos de um instituto que a Convenção tinha.

E mais

naquela altura eu já tinha estudado um pouco as diretrizes das Faculdades no Brasil e eu percebi que muitas delas funcionavam à noite. Era o estilo parece-me que da educação brasileira [...] eu não vejo razão nenhuma porque não poderia ser assim com a Faculdade. Pode ter um curso noturno, um curso de bastante de peso, mas para fazer isso talvez tenha de se prolongar um pouco o curso (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

Por algum tempo, a oferta de cursos noturnos entre as instituições batistas outorgou à FTBSP originalidade, porém alguns historiadores se esquecem que desde 1946 já havia aulas noturnas dirigidas por Morgan. Mas, em relação aos outros cursos com oferta de bacharelado em Teologia existentes entre os batistas, foi sim original. O raciocínio seguido, foi o de organizar uma estrutura disciplinar que, diferentemente dos outros seminários com cursos diurnos e integrais com três anos de duração, oferecesse a mesma carga horária em cinco anos. Para Bryant,

o sistema educacional brasileiro era mais no estilo de Faculdades, do que no estilo de seminário. Nós entendemos que os seminários geralmente eram o lugar mais ou menos fechado com o seu próprio campus, os alunos moravam por dentro, parece que seguindo a tradição católica neste sentido, mas no sistema universitário, nós observamos que era mais curso noturno sem a necessidade de manter os alunos por dentro sem ter internato [...] Quanto a isso, eliminaram-se muitos problemas para nós.[...] observamos que isto deixa de criar um espírito de dependência que é criado nos seminários. Dependência de sustento, pois o aluno quando vinha para a Faculdade já estava acostumado a viver lá fora tendo a sua sobrevivência (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

No entender desse novo diretor, o aluno ‘não interno’ estaria mais próximo da realidade, do dia a dia, do enfrentamento de trânsito, deslocamentos para a

faculdade. Dessa forma, teria melhores condições de compreender o ser humano em seus dilemas e ministrar na vida das pessoas a partir de uma maior visão do social, do econômico, do cultural, ao invés de certa 'clausura' causada pelo estilo do Seminário. Certamente, esse foi um diferencial para a época.

Bryant, apesar de ser americano, batalhou para que a faculdade fosse a mais 'brasileira' possível, e assim se expressa:

... quando eu assumi a direção da Faculdade, foi nas seguintes bases, quanto à minha convicção pessoal. Primeiro, é que deve ser uma entidade idônea; segundo, deve ser uma entidade brasileira. Eu não queria "americanizar" a Faculdade (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

Ainda que se pensasse sobre uma faculdade 'brasileira' as necessidades em relação ao corpo docente eram grandes. É nítido o desejo de Bryant de elevar o padrão de ensino e assim se pronuncia sobre professores americanos chamados para lecionar:

quando havia uma lacuna de professores dentro do currículo, nós colocávamos os professores, sobre as necessidades, o tipo de pessoas que nós precisávamos e, então eram feitas sugestões [...] Precisaria ser alguém da capacidade [...] Geralmente nós enviávamos pedidos às missões especificando os professores que nós precisávamos, solicitando uma indicação de alguém para ensinar (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

Passados alguns anos, Bryant fala de seu encontro com Nils Friberg,[80] que pertencia a outra missão missionária americana.

Depois de começar a construção, encontrei-me com Nils Friberg, da Baptista General Conference [...] Ele me visitou em São Paulo querendo tomar algumas ideias para a instalação de uma entidade teológica em São José do Rio Preto. Eu lhe disse que não sabia se cabiam duas entidades aqui no Estado. Então lhe perguntei, por que você não vem cooperar conosco aqui. Ele perguntou, mas eu não sabia se vocês como seminário da Convenção do Sul (dos Estados Unidos - Junta de Richmond) teriam uma abertura no seu pensamento para alguém de outra entidade missionária cooperando com

[80] A entrevista com Friberg foi realizada por Skype e consta do apêndice 2d. Nils Friberg tornou-se fundamental para Bryant. Organizou campanhas financeiras, criou propagandas, com o objetivo de promover a faculdade em diversas visitas a igrejas e a associações denominacionais.

vocês aqui. Eu falei se as doutrinas são compatíveis, eu não vejo problema aí e então, no final ele resolveu vir conosco (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

Não era muito comum que diferentes agências missionárias trabalhassem numa mesma instituição, fosse ela eclesiástica ou educacional. Resolvidas as questões doutrinárias, vieram ainda dessa missão Russell Shedd, Richard Sturz e Karl Lackler. Pode-se dizer que nesse sentido a Teológica foi pioneira. Ainda nesse período, havia diversos professores brasileiros e norte-americanos que pertenciam a diferentes organizações missionárias. Desta forma, a escolha dos professores se dava de maneira conjunta em reunião do diretor com os professores. As necessidades eram levantadas e sugestões eram feitas. Quando se tratava de alguma especialização, e era necessária uma indicação mais específica, eram chamados professores norte-americanos para preencher tais lacunas[81].

Quase todos os anos era feita uma revisão curricular. Às vezes por não encontrar um professor que preenchesse com habilidade e conhecimento uma determinada vaga existente; às vezes porque havia um professor com uma determinada formação que pudesse lecionar diferentes temas e, também por Bryant perceber diferentes tipos de demanda. Sobre isso, comenta Bryant:

havia uma observação que havia uma variedade de ministérios e nem todas as igrejas precisavam do mesmo tipo de ministério e então, nós precisávamos preparar obreiros que pudessem preencher vários tipos de ministério. A segunda coisa que influenciou isto foram as inclinações do próprio aluno. (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

A autonomia administrativa amadurece em 1965. Conforme decisão tomada em Convenção, no mês de janeiro, na cidade de Santo André, a “Faculdade será administrada daqui por diante por uma Junta constituída de nove membros eleitos em Assembleia anual da Convenção com renovação pelo terço de seus membros, como acontece com a Junta Executiva e a Junta do Colégio Batista” (BATISTA PAULISTANO, JANEIRO DE 1965). Após essa decisão, Bryant reúne no edifício Anna Bagby: Gorgônio Barbosa Alves, Manoelina L. Nogueira, Antonio Gonçalvez Pires, Walter G. Cullen, Ilgonis Janait, Hélio Sardenberg, Luis Botelho de Camargo e

[81] Vide apêndice - Levantamento de professores.

com estas pessoas constitui a primeira Junta Administrativa da Faculdade Teológica Batista. A instituição passa a se denominar ***Faculdade Teológica Batista de São Paulo,*** que receberá estatutos próprios a serem elaborados e aprovados (Ata 1 da JUNTA ADMINISTRATIVA DA FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA, 1965).

3.4 – PLANOS DE CONSTRUÇÃO NA SEDE PRÓPRIA

O Batista Paulistano, de novembro de 1965, traz uma entrevista com Bryant[82], realizada pelo redator do Jornal, cujo objetivo é o de tornar públicos os planos institucionais. Essa entrevista é importante documento histórico porque pela primeira vez fica documentado em veículo de informação, de acesso a diversas pessoas, algo mais concreto em termos de planos de crescimento da instituição. Parece que a visão e a missão institucionais podem ser percebidas nas poucas palavras que Bryant profere nessa entrevista. Para Bryant, 1965 foi um ano de grandes avanços nos planos de ação "que geraram esperanças jamais imaginadas" (RELATÓRIO À MANTENEDORA, 20 DE DEZEMBRO DE 1965). A instituição contava agora com 41 alunos e planeja iniciar um curso diurno, que acabou por nunca acontecer, o que seria uma contradição em relação ao histórico já percorrido de uma 'cultura' de curso noturno. Nessa altura, Tognini se despede como professor e Bertoldo Gatz é eleito pela Junta como vice-diretor da instituição. Vale mencionar que o Estatuto estava sendo formulado e Bryant apresenta um *Plano de ação de 5 anos, 1965 – 1970*, com os seguintes pontos:

1. *Novos professores;*
2. *Estimular professores à produção: ofertando bolsas de estudo e tempo para estudarem: Bolsa para prof. Sergio Carlos da Silva estudar em Louisville e para Paulo Nogueira Coelho – um ano de licença para terminar o doutorado no RJ no STBSB;*
3. *Facilitar a aquisição de livros para os alunos e ampliar o que já está acontecendo (alunos pagam metade do valor e a faculdade outra metade);*
4. *Adquirir livros e equipamentos: atlas, enciclopédias e obras de referência, projetor de slides e slides de geografia e arqueologia;*
5. *Organizar uma associação de ex-alunos – para levantamento de recursos;*

[82] O texto da entrevista encontra-se transcrito no anexo 07.

6. *Promover um plano de despertamento vocacional;*
7. *Construção de novos edifícios – já foi aprovado um plano feito por Walfredo Thomé – edifício com 4 andares com salas de aula, capela para 500 pessoas, administração, biblioteca e museu batista. Há verbas em mãos de doações da Theological Education Fund.*

Esses planos demonstram uma abertura para produções acadêmicas, quando procura incentivar professores a galgar degraus mais altos com cursos pós-graduados, no exterior e no Brasil. Recorda-se que não havia no Brasil a oficialização de cursos em teologia e, tanto entre evangélicos como entre católicos, os níveis de pós-graduação eram adquiridos no exterior, Itália, Alemanha e Estados Unidos em sua maioria. Em junho de 1966, novamente é publicada uma entrevista com Bryant, que expõe os mais recentes planos para levantamento de recurso para construção do novo prédio, que deverá ter quatro pavimentos, capela, e demais dependências para 500 pessoas. O projeto arquitetônico é ousado e moderno, muito diferente das tradicionais construções erguidas no início do século XX nos seminários, que têm uma arquitetura em estilo Neo-clássico, como alguns se referem.

Nem tudo foi tranquilo como as notícias aparentavam nos noticiários. Para conseguir o terreno no qual a faculdade seria erguida, em um dos três terrenos mencionados anteriormente, foi necessária muita luta para sua doação. Como a Faculdade originou-se no CBB, em conversação com o atual diretor, Werner Kaschel, Bryant conseguiu a doação como segue:

E para conseguir ter alguma propriedade para a Faculdade, apresentei a ideia ao Werner, que o Colégio cedesse aquela esquina onde estava o antigo internato, onde estava a minha casa e mais a esquina na Rua João Ramalho [...] No início quem morava na casa eram os Bagbys, fundadores do Colégio [...] O Werner concordou conosco que o Colégio cedesse aquelas duas esquinas e mais a casa onde eu morava para a Faculdade se manter (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

Em 27 de novembro de 1966, acontece a festividade do lançamento da pedra fundamental. Personalidades da denominação estavam presentes e a notícia ganhou destaque na 1ª página do Batista Paulistano.

da
ɔ.

Para Bryant, a cerimônia de lançamento da pedra fundamental foi de enorme importância, pois ali se materializava o que havia sido desejado pelos seus antecessores.

Um ponto marcante foi o dia em que lançamos a pedra fundamental do prédio novo da Faculdade, porque ali se congregava muita gente, todos dando seu apoio a esta instituição. Aquele movimento me impressionou bastante porque eu tinha um sentimento qualquer de que isso ia sair, e até ali estava simplesmente no papel e agora estava florescendo (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

Quanto aos recursos, havia a contribuição da viúva americana, um recurso recebido pela ASTE do fundo Teológico, as ofertas das igrejas e uma verba do *Theological Educational Found* com sede em Nova York (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999). Bryant afirma

que o recurso que provinha das mensalidades dos alunos, pequena no início, aos poucos foi tomando corpo. Apesar de representar ao corpo discente um alto investimento, desdobrou em recursos para o desenvolvimento institucional:

... Nós sempre achamos que se o aluno tem que pagar a mensalidade forte lá fora, então não há razão para nós não insistirmos na mesma coisa aqui, reconhecendo que havia alguns alunos sem meios econômicos de acompanhar este ritmo. Mas, em vez de abaixar a taxa de mensalidade, nós resolvemos manter a taxa num nível adequado e ajudar os alunos necessitados, com bolsas de estudos. Pois se havia alguns alunos que podiam pagar a mensalidade, por que abaixar a mensalidade para eles, enquanto eles podem pagar, somente porque tínhamos alguns alunos pobres dentro deles? (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

A clara defesa de Bryant por um curso pago está vinculada à cultura dos seminários da CBB. A maioria dos alunos ali matriculados recebia ajuda financeira de suas igrejas de origem ou engajavam-se em ministérios diversos nas igrejas do Rio de Janeiro que subsidiavam seus estudos, em troca de ministérios parciais ou integrais, na maior parte das vezes nos fins de semana. Desta forma, não lhes era necessário arcar com todo o custo de seus estudos.

Sendo o diretor de um curso noturno no contexto da cidade de São Paulo, Bryant levanta a questão do pagamento do curso como sendo uma possibilidade a um grupo de alunos, que por certo pertenciam a uma classe social mais privilegiada. “Se havia alguns alunos que podiam pagar a mensalidade, por que abaixar?” Diante disto, propõe que se cobrem mensalidades concordando com a prática de escolas particulares. Desde o antigo curso de Morgan, encontra-se nos relatórios, que os alunos tinham a prática de pagarem por seus estudos, mesmo que isso representasse um valor baixo. Tal fato levanta uma questão que sempre permeou as discussões no meio educacional, o acesso ao ensino.

No início dos anos 60 os ideais de Paulo Freire por uma educação ao alcance de todos principalmente no que dizia respeito à alfabetização, toma vulto no cenário educacional. Ainda que esse alcance, ao qual Freire se referisse, estivesse vinculado à educação básica, encontra-se em seus ideais um momento muito especial da educação brasileira fértil para a discussão sobre o acesso ao

conhecimento[83]. Tal acesso por oportunidades na educação, continua a ser uma discussão atual tomando novos formatos. Na educação superior, por exemplo, as 'cotas' para as universidades ocupam boa parte de recentes pesquisas. Na atualidade percebe-se em maior medida, possibilidades de acesso ao ensino superior.[84]

A busca por cursos de Teologia, ainda que ofertados somente em instituições particulares, faz parte deste 'aumento de acesso' nos dias de hoje, principalmente por representarem aos egressos, um reconhecimento social que antes de 1999 não era possível. Se tais cursos, vinculados a instituições religiosas, devem continuar ou não a serem subsidiados por ofertas, contribuições das igrejas e campanhas, representam demandas para outro estudo. Mas, há de se pensar, agora, ou no futuro, se, na modalidade de cursos reconhecidos, deveriam estes aderir aos diversos programas governamentais como por exemplo, bolsas de estudo. Tal discussão em torno de políticas públicas e de acesso a cursos de teologia intriga essa pesquisa.

3.5 – FINAL DO PERÍODO BRYANT – ANOS DE 1960 E INÍCIO DE 1970

Os dez primeiros anos de atividades educacionais da instituição foram de criação de alicerces. Bryant ficou na direção até o ano de 1972 e liderou o período em que ocorreu a construção e a transferência para as novas instalações. A ideia inicial desta pesquisa propunha explorar os 10 primeiros anos da instituição. Entretanto, decidiu-se elucidar os acontecimentos do final do período Bryant buscando ajudar o leitor a compreender o caminho traçado para o futuro da instituição. Esses acontecimentos serão expostos a seguir em tópicos.

---

[83] O discurso de Freire, no clássico 'Pedagogia do oprimido', é interpretado por Saviani (2007, p. 330) como que tendo base na "filosofia personalista na visão política do solidarismo cristão", que por sua vez, já continha o ideal da Teologia da libertação. Sempre ligado à igreja, Freire foi um defensor da Pedagogia libertadora. Seus ideais, de certa forma, foram calados no Brasil com os acontecimentos ao redor do golpe militar.

[84] Como exposto no início desse trabalho.

3.5.1 - A ata de 22 de junho de 1968, da Junta Administrativa da Faculdade Teológica Batista de São Paulo e o Relatório do diretor propõe buscar a oficialização do curso de teologia pelo Ministério de Educação e Cultura citando as seguintes palavras: "Buscar junto ao Conselho Federal de Educação a viabilidade do reconhecimento da faculdade nos moldes em que está funcionando e não como uma faculdade de filosofia" *(RELATÓRIO DO DIRETOR À MANTENEDORA EM 22 DE JUNHO DE 1968)*. A oficialização já havia sido cogitada pelos primeiros alunos com uma carta enviada a Bryant entre 1959 e 1960 e, mais uma vez, agora, no ano de 1968, pela própria Junta Administrativa.

3.5.2 – Este relatório sugere criar mais uma vez " um Instituto Bíblico Batista para atender pessoas com nível ginasial [...] Deverá ter um diretor próprio e funcionar nas dependências da faculdade" *(RELATÓRIO DO DIRETOR À MANTENEDORA EM 22 DE JUNHO DE 1968)*. Esse projeto lembra as primeiras ideias de Educação Teológica no Estado de São Paulo, quando oferece formação básica para pessoas que pudessem assumir atividades pastorais em alguma comunidade. Parece que a Educação Teológica caminha nessas duas vertentes: uma formação mais especializada e uma formação mais leiga[85].

3.5.3 - No final de 1969, o prédio novo já se encontra em condições de uso, apesar das obras de acabamento ainda estarem em fase de finalização. O ano letivo de 1969 inicia nas novas salas de aula, onde também são realizadas as reuniões administrativas. Endereço: Rua João Ramalho 466.

---

[85] Em 1962, Salovi Bernardo[85] escreve sobre a necessidade de mais pessoas preparadas para as atividades pastorais e de liderança nas igrejas. Esse 'preparo' já se prenunciava desde o antigo curso de Ensino Bíblico, os cursos chamados de 'Extensão'. Tais maneiras de se oferecer formação confirmam as preocupações que Morgan já apontava no final dos anos 40. Vide anexo 8 - *O quanto queremos na educação* - artigo de Salovi Bernardo no BP - agosto de 1962.

3.5.4 - No levantamento de docentes feito para essa pesquisa, a preocupação de Bryant, quanto ao corpo docente formado por brasileiros, está clara. Dos 37 nomes de professores do período de 1957 a 1967, 21 são brasileiros. A instituição não tinha estrutura que pudesse prover ajuda para formação pós–graduada aos professores. Não havia também possibilidade de ajuda governamental com bolsas de estudo e intercâmbios por não ser a instituição vinculada a nenhum órgão governamental. O professor que desejasse formação pós-graduada em Teologia precisaria buscá-la fora do país. Nesse momento, três professores estavam nesse processo: Silas Costa e Bertoldo Gatz, no *Southwestern Baptist Theological Seminary*, na cidade de *Forth Worth,* no *Texas* e Werner Kaschel, no *Southern Baptist Theological Seminary* na cidade de *Louisville,* no *Kentuky.* Ainda assim, o período Bryant contou com diversos professores norte-americanos com pós-graduação, em diversas áreas de formação, principalmente em Teologia, que trouxeram à instituição status acadêmico.

3.5.5 - Na Ata 19, do dia 6 de maio de 1969, por determinação da Convenção estadual, admite-se nova estrutura quanto à atividade da Junta Administrativa da Faculdade Teológica Batista de São Paulo. O nome daqui para frente será Junta de Educação Teológica – JET. A grande novidade em relação a essa mudança é que a JET passa a responder pelas demais instituições teológicas da Convenção das Igrejas Batistas de São Paulo, a saber: a Faculdade Teológica Batista de São Paulo, o Instituto Teológico Batista de São Paulo, e Instituto Bíblico Batista do Estado de SP, em Bauru. Bryant, em relatório apresentado na reunião dessa Convenção, deixa registrada sua discordância ao 'aglutinar' a administração das demais instituições sob a mesma Junta administrativa, no caso a JET, afirmando que cada instituição deveria ter sua própria Junta administrativa.

3.5.6 - No ano de 1970, é promulgado o Decreto lei nº. 1051[86]. Com esse Decreto, o tema da oficialização do curso volta a ser mencionado e, no relatório do diretor à mantenedora, ele assim se pronuncia: "A oficialização e reconhecimento de nossa faculdade têm nos preocupado por vários anos" (RELATÓRIO DO DIRETOR PARA JET, 1970). Diante da possibilidade de terem os egressos seus cursos oficializados a Junta pede ao diretor para fazer uma adequação curricular de tal forma que o egresso do curso de bacharelado em Teologia que demonstrasse interesse por tal complementação, pudesse adquirir um diploma válido em território nacional.

3.5.7 - Em 1971, Bryant sofre com perdas familiares. Seu irmão e sua mãe morrem nos Estados Unidos e seu filho adolescente falece aqui no Brasil. Nessa ocasião, Werner Kaschel, recém-chegado dos seus estudos de doutoramento nos Estados Unidos, é convidado para ser professor de tempo integral e bibliotecário. Em 15 de junho de 1972, Bryant pede demissão e volta para os Estados Unidos. Bertoldo Gatz, que se encontrava também nos Estados Unidos em estudos, de igual maneira pede demissão como vice-diretor. Werner assume interinamente e depois efetivamente a direção da instituição.

[86] Em 21 de outubro, os três ministros militares, usando de suas atribuições, que lhes confere o artigo 3º do Ato Institucional nº 16, assinaram decreto que criou os cursos de 'Complementação', que Faculdades de Filosofia Ciências e Letras passaram a oferecer. Este decreto cai no ano de 2000.

O período Bryant encerra-se num contexto nacional que apresentava uma conturbada história sociopolítica. Surgiram diversas facções em busca de poder até o golpe militar de 1964, que durou mais de duas décadas. Na área da educação, a discussão da Escola Pública procura ganhar espaço em luta contra a hegemonia da Igreja católica quanto à educação laica. A cidade de Brasília vinha sendo construída juntamente com mais uma nova Universidade, a Universidade de Brasília. Movimentos contra ditadura são formados e a tentativa de ocupação da PUC acontecera em 1966 (RIBEIRO, 1988, p.155; SILVA, 2010, 128).

No contexto batista paulistano, os veículos oficiais de comunicação pouco escrevem sobre educação de uma maneira geral e, muito menos sobre política. Diversas notícias sobre o andamento das obras, a apresentação das turmas de formandos, mudanças de direção aparecem, mas, pouco ou quase nada sobre a situação do país, no campo político e educacional.

3.6 - A QUESTÃO DOCENTE

Dentre todos os documentos institucionais lidos, pouco se escreve sobre os docentes. Tanto nas atas, como nos noticiários e nos relatórios do diretor à mantenedora, os temas se atêm em sua maioria a fatos administrativos, políticos e de ordem interna.

Os relatórios iniciais trazem a descrição dos primeiros professores e, pouco a pouco, nos demais relatórios, principalmente à mantenedora, foram encontrados saída e entrada de nomes de professores que passaram pela instituição. Na leitura, dentro do possível, elaborou-se um quadro com a descrição de alguns desses movimentos de entrada e saída. Mas, nem tudo estava registrado, assim, alguma coisa pode ter escapado à leitura. Esse documento se encontra no apêndice 3.

Em 11 de dezembro de 1969, aparece na Ata da JET o 'Regimento interno de trabalho para professores do Instituto Teológico Batista[87] e da Faculdade Teológica Batista de São Paulo', com as seguintes cláusulas:

1. *"Subscrever a Declaração de Fé da Faculdade e do Instituto (a mesma da Convenção Batista Brasileira) antes de iniciar cada ano letivo;*
2. *Submeter-se ao registro de empregados para fins de legislação trabalhista, e previdenciária, mesmo que o professor já esteja registrado em outra instituição ou aposentado;*
3. *O professor terá direito a faltar, sem perda de remuneração durante uma semana por semestre, à sua escolha. Fora desta hipótese a remuneração do professor será paga por aula dada, na base de 5 semanas por mês, referindo-se o pagamento da 5ª semana ao repouso semanal remunerado. Se a aula cair em dia de feriado ou que por conveniência da faculdade ou do instituto não houver aula, o professor receberá normalmente a sua remuneração;*
4. *O mês de julho para o professor será considerado férias, recebendo sua remuneração normalmente;*
5. *O período diário de aulas normalmente será de três aulas e o professor deverá assinar o livro de ponto indicando o número de aulas dadas no período, sendo a presença do professor obrigatória nas aulas por ele assinadas. (Este item se refere ao número de aulas dadas aquém das que foram programadas. Para não prejudicar os alunos em seu aproveitamento, uma nova redação será dada, visando atender as possibilidades do professor, sem prejuízo dos alunos);*
6. *O professor que puder prever a sua ausência deverá comunicar à secretaria da Faculdade ou do Instituto, pelo menos com dois dias de antecedência. Para não perder a remuneração das aulas do dia da sua ausência, deverá fazer-se substituir por outro professor, a critério da direção da Faculdade. Se a ausência for imprevisível, deverá o professor, no dia da ausência avisar, por telefone, à Secretaria que não comparecerá;*
7. *Aos professores não remunerados, aplica-se este regimento com exclusão do que se refere ao registro de empregados e remuneração" ATA DA JUNTA DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA DE 11 DE DEZEMBRO DE 1969).*

Até hoje a instituição cumpre semestralmente o primeiro item desse Regimento interno. Todos os professores, mesmo os não batistas, assinam a *Declaração de fé*, que é documento da Convenção Batista Brasileira[88].

---

[87] Após a extinção do antigo Instituto Teológico Batista de São Paulo criado por Morgan, um novo Instituto Teológico passa a existir novamente como descrito no item 3.5.2. Vide anexo 9 o prontuário e Histórico escolar de um aluno e a ficha 001 de empregado da instituição desse período.

O item 2 menciona o registro de empregados com a finalidade de observar a legislação trabalhista e previdenciária. Foi encontrado nos arquivos institucionais um documento com o nome de “Registro de empregados”. A ficha 001 é de Bertoldo Gatz, que foi admitido em 1 de dezembro de 1966, na função de vice-diretor. Entretanto, Bertoldo Gatz já exercia funções como professor, tendo sido um dos primeiros chamado por Tognini. Seu nome também foi citado nos relatórios do diretor à Junta do CBB, em 1959, como professor de Grego e Novo Testamento, Deão de alunos e diretor de Relações Públicas. A ficha 004 é de José Novaes Paternostro, também admitido como professor. Seu nome é igualmente citado no relatório do diretor à Junta do CBB, de 1958, portanto, anterior a Gatz. A ficha 006 é de Werner Kaschel, admitido em 1 de dezembro de 1966 como professor. Entretanto, seu nome aparece no relatório do diretor à Junta do CBB como professor de Introdução Bíblica em 1961[89].

Destacam-se também os itens de número 2 e 3. Aplicá-los aos dias de hoje seria impossível, mediante as atuais condições da CLT e dos acordos coletivos com a categoria – SIMPRO. É interessante citar que a remuneração firmada em cinco semanas de aula/mês é curiosa, assim como o descanso por uma semana, durante um semestre, também aguça a curiosidade. Não foi possível investigar por quanto tempo esse regimento de professores esteve em vigor. Hoje, seria festejado por todos os professores registrados. Como nem tudo é privilégio, a responsabilidade também vem com a recomendação de se providenciar com antecedência um professor substituto, como consta o item 6.

Esse regimento interno dá uma noção de um momento de ‘organização’ de um dos setores da nova instituição, a administração. Percebe-se novamente uma aproximação do conceito de ‘institucionalização’ de Saviani (2005), qual seja, tornar oficial o que durante alguns anos foi feito de maneira mais informal. A aproximação

---

[88] A instituição no ano de 2012 contava com 23 professores atuantes no curso de bacharel em Teologia. Somente uma professora não é batista.

[89] Outras fichas foram encontradas, mas foram selecionadas somente três para ilustrar mais uma etapa em direção ao conceito de institucionalização como mostra Saviani (2005). Vide anexo 9.

das leis trabalhistas vigentes concede à instituição um status de cumprimento das atribuições legais. Destaca-se o fato de que, professores com registro em carteira de trabalho, descaracterizam a situação de voluntariado, como visto em 1957, trazendo uma configuração profissional, ainda que esta profissionalização como docente de curso superior de Teologia seja um tema bastante polêmico como menciona Maspoli (2005)[90]. Como se não bastasse, hoje, entre os batistas de uma maneira geral, há uma discordância em relação ao cumprimento das exigências legais. Diversas instituições vinculadas à ABIBET não cumprem fielmente tais exigências. Tal fato cria certo desconforto e traz à discussão a questão mencionada acima e descrita na Ata 166 de 16 de março de 1957 quanto ao corpo docente: "o serviço que prestarão à referida Faculdade é gratuito tratando-se de um trabalho prestado à causa de Cristo". Um pensamento que ainda encontra respaldo ente os batistas do Estado de São Paulo, diz respeito a exatamente isso: instituições que não buscaram o reconhecimento, não cumprem as exigências legais e continuam usando a nomenclatura 'curso superior de Teologia', o que constitui um erro diante das novas políticas públicas[91].

Na falta de informações sobre docentes nos documento oficiais esta pesquisa procurou conhecer sobre a atuação docente desse período, por meio de entrevistas que constituem parte do capítulo 5. Conhecer os professores que atuaram nesses anos iniciais pode trazer contribuições para o contorno da identidade institucional. Foram encontrados registros de 37 nomes de professores, no período de 1957 a 1967. A maioria já faleceu ou tem, nos dias de hoje, por volta de 80 anos. Foram selecionados 6 nomes: Mario Doro, Russel Shedd, Nils Friberg, Karl Lachler, Silas Costa e Bertoldo Gatz foi entrevistado levando em conta sua atuação como deão por diversos anos.

Algumas entrevistas foram realizadas pessoalmente, outras não. Mario Fernandes Doro concedeu entrevista em sua residência, no bairro onde se localiza a instituição e o texto completo encontra-se no anexo 2c. A entrevista com Russell

---

[90] Para conhecer mais sobre o tema veja: MASPOLI, Antonio de Araújo Gomes. *Teologia: ciência e profissão.* São Paulo : Fonte Editorial, 2005.

[91] Vide: Rega, Lourenço Stelio. *Educação Teológica - um retrato preocupante*. Jornal Batista de 11/11/2011, p.14.

Shedd foi realizada na cidade de Águas de Lindóia, durante um Congresso de Teologia e o texto completo encontra-se no anexo 2f. O contato com Nils Friberg foi por meio do recurso tecnológico do Skype e o texto completo encontra-se no anexo 2d. Com Karl Lachler o contato foi por email e o texto completo encontra-se no anexo 2e. Silas Costa foi entrevistado em uma das salas na igreja onde é pastor e o texto completo encontra-se no anexo 2h e Bertoldo Gatz foi entrevistado somente em novembro de 2012, pois se recuperava de uma cirurgia e o texto completo encontra-se no anexo 2g. Todos os textos das entrevistas estão anexados a este trabalho.

Segue abaixo o quadro com nomes de diretores e coordenadores do curso de Teologia, antigamente chamados de deão de alunos, desde sua fundação.

DIRETOR	DEÃO – COORDENADOR DO CURSO DE TEOLOGIA
Lauro Bretones 1957 a julho de 1960	
Thurman Bryant agosto de1960 a 1972	**César Thomé -** desempenhou no início do período Bryant a função de deania.
Werner Kaschel 1973 a 1988	**Bertoldo Gatz** 1973 – 1988
Arthur Alberto de Mota Gonçalves 1989 – 2007	**Lourenço Stelio Rega** Julho de 1989 – Julho de1995 **Itamir Neves de Souza** Julho de 1995 a 1999
Lourenço Stelio Rega 1997 até a presente data	**Elton Nunes de Oliveira** 1999 a 2002 **Madalena de Oliveira Molochenco** 2002 até a presente data

Quadro 07: Diretores e Coordenadores (deão) da FTBSP

A galeria de fotos dos diretores está colocada na sala de reuniões tendo sido acrescida a de Enéas Tognini somente no ano de 2011.

A instituição caminha em sua jornada. Encerra-se assim um ciclo de pioneirismo. Os estatutos da faculdade, ainda que tenham sido escritos, não haviam sido registrados em cartório. Professores saem, outros entram; diretores saem e outros entram. Um longo período se passa nos próximos 40 anos e muito se poderia investigar e escrever. Para fins de recorte temporal, encerra-se nesta pesquisa o primeiro período a ser investigado, 1957 a 1972.

IV - OFICIALIZAÇÃO DOS CURSOS DE TEOLOGIA

4.1. APROXIMAÇÕES HISTÓRICAS

Desde há muito tempo, têm-se registros históricos de cursos de Teologia. A designação 'Seminário' é antiga e tem origens nos ideais dos monastérios. A História da Igreja Cristã tem certa dificuldade em determinar quem foi o primeiro dos monges[92], que por opção, separava-se das vilas, das cidades e das pessoas, para viver solitário no deserto longe das 'tentações'. Essa separação, segundo Gonzalez (1980), explica-se em razão do não conformismo pelo caminho que a igreja vinha tomando. Inconformados com o acúmulo de riquezas dos mestres da igreja, alguns preferiam viver solitariamente e, em meditação a conviver com pessoas com as quais não havia concordância. Outra razão, seria pelo fato de acreditarem que Cristo logo voltaria, então não valeria a pena lutar neste mundo por posição social ou por vantagens financeiras, se o mundo estava por findar. De qualquer forma, não foram poucas pessoas que fizeram tal opção. Santo Antonio, segundo Gonzalez , teria sido um desses. Acreditava esse jovem que a vida separada do mundo o levaria a uma maior purificação, a um encontro maior com Deus. Procurando esse ideal, distancia-se da cidade e passa a viver no deserto. Essa reclusão chamou a atenção das pessoas, que curiosas, passaram a visitá-lo e/ou o procuravam na busca de bons conselhos. Alguns, por lá ficavam procurando imitá-lo e receber dele direção. O 'monacato', dessa forma, ganha força e se espalha pelo mundo cristão. Alguns desses monastérios, a partir de alguns personagens, tornaram-se grupos de pensadores. É o caso de Agostinho de Hipona, que reuniu ao seu redor, pensadores que aliavam vida intelectual à vida religiosa (GONZALEZ 1980, p.61).

Falar sobre o passado, sobre o ocorrido, sobre as pessoas e as ideias que envolveram os acontecimentos é a especialidade de alguns autores. No campo da História da Educação e da Pedagogia Antiga, é possível encontrar obras que falam

[92] A palavra monge vem do grego *monachós,* que significa solitário (GONZALEZ, 1980, p.61)

sobre o início de movimentos educacionais e sua permanência e desenvolvimento (MANACORDA, 2010; CAMBI, 1999). Muitas obras apresentam análises diferenciadas que trazem diferentes abordagens. Já em menor número, há publicações com o tema da Educação Teológica. Abordagens que entrelaçam Educação, Religião e também Política são mencionadas como temas que se imbricam na caminhada histórica desde os primórdios da humanidade.

Na Grécia antiga, os guerreiros eram preparados para as batalhas de diversas maneiras por seus dirigentes, conforme seus interesses políticos, e de forma mais ostensiva ou não, oportunizavam educação. Os Hebreus, no início de sua história, eram ensinados pelos patriarcas das famílias, principalmente pela comunicação oral, antes de se terem os manuscritos. Com as grandes invasões sobre Israel e, principalmente sobre a cidade de Jerusalém, o povo foi levado, por pelo menos três ocasiões, como cativo de seus opressores. Mesmo na condição de escravos, seus dirigentes construíram Sinagogas em países estrangeiros, com a finalidade de, além de ter um lugar para seu culto, pois criam na presença de Deus por meio do templo que havia sido destruído, também 'educar' o povo, com o propósito de manter os lastros do israelismo (GEORGE, 2003).

O entrelaçamento da Igreja e da educação é de longa data. O cristianismo, com os pais da Igreja e suas interpretações sobre os acontecimentos do início da era cristã, abre caminhos para uma formatação educacional sistematizada. Importantes nomes surgiram nesse período e destacam-se alguns representantes antes da Reforma, Justino, Clemente de Alexandria, Agostinho, Thomás de Aquino; e depois da Reforma, Lutero, Calvino, Comênio, entre outros (BORGES, 2002). A História da Educação mostra, a partir da própria História da Igreja Cristã, uma forte influência da Igreja sobre a educação.

Para Adam Smith, no sistema de governo da Igreja antiga, os bispos eleitos pelo clero acabaram por se tornar poderosos, com grande força de influência, acumulando riquezas e criando para si mesmos grandes jurisdições (SMITH, 1996, p. 260). Em alguns lugares sobrepujavam inclusive o soberano do país. O autor revela que com tais posturas, as populações inferiores olhavam para as autoridades eclesiásticas, não mais como consoladores dos mais fracos, mas como pessoas

gananciosas que buscavam enriquecer a todo custo. Esse período se estendeu até o tempo da Reforma. Afirma ainda Smith que as instituições religiosas se tornaram "vantajosas para os interesses políticos da sociedade", ainda que tenham "surgido de visões religiosas" (SMITH, 1996, p. 252). A participação dos príncipes para a disseminação dos ideais da Reforma foi um fator mobilizador para a expansão da Reforma, pois estavam com as relações enfraquecidas com a Igreja de Roma. A Reforma se opõe à Igreja em diversos aspectos, mas ela própria cria duas facções: o Luteranismo e o Calvinismo, que de uma forma ou outra, também tem suas aproximações com o estado. Para Smith, tal aproximação traz problemas, como argumenta:

> ... se a política nunca tivesse pedido a ajuda da religião, se o partido vencedor nunca tivesse adotado as doutrinas de uma seita preferencialmente às de outras, ao vencer a guerra provavelmente teria tratado com igualdade e imparcialidade todas as diversas seitas, deixando cada um escolher livremente seus próprios sacerdotes e sua própria religião, como achasse melhor (SMITH, 1996, p. 253).

Smith (1996) lembra em seu texto que tanto o que exerce a função de eclesiástico, ou a de cátedra universitária, é uma pessoa que se esmera nos estudos, leituras e pesquisas. O próprio Lutero foi um desses. Relembra ainda ao leitor que a filosofia foi base de formação de eclesiásticos. A filosofia também foi base para os sistemas de educação, tendo sido a responsável pela formação de "fidalgos e homens de fortuna" (SMITH, 1996, p. 238), ainda que com uma carga pesada de conceitos de moral. O povo em geral não tem as mesmas condições, pois geralmente precisa despender mais horas do dia para sua subsistência, sem conseguir dedicar-se aos estudos.

As iniciativas para promover a educação, motivadas por questões políticas ou religiosas, estavam restritas a uma determinada camada da sociedade. Uma educação, que atingisse a todas as classes sociais e não estivesse mais vinculada à exclusividade da Igreja, começa a ser discutida na sociedade, a partir do século XVIII, com os movimentos revolucionários ligados à Revolução francesa (ALVES, 1993). Mesmo antes desse período, ao tempo da Reforma protestante, Lutero e Calvino batalharam por mudanças estruturais na educação, reforçando cada qual, a seu modo e a seu tempo, que se lançasse à toda criança a oportunidade e a

possibilidade de frequentar uma escola de educação básica[93].

No Brasil colônia os Jesuítas foram os propagadores da educação. Ligados à monarquia, cedo se preocuparam com a formação dos índios e dos filhos de colonos. Quando o Governador Geral, Tomé de Souza, vem ao Brasil, a Contra Reforma estava em um período de intensa atividade na Europa. Integrantes da Sociedade de Jesus embarcam na comitiva de Thomé de Souza, com a missão de "promover a fé católica entre os pagãos e combater o protestantismo", entre eles Manuel da Nóbrega (MATOS, 2008, p. 84). Nóbrega manteve um 'currículo' que consistia em aulas de português e na escola de ler e escrever que foi substituído pelo incrementado plano de estudos *Ratio Studiorum,* que trazia em sua proposta diferentes níveis de formação. Os estudos em Filosofia e Teologia eram destinados à formação de padres catequistas (SAVIANI, 2007, 56). Assim, desde o Brasil colônia, a formação na área da Teologia está presente, e a educação de uma maneira geral vinculada às questões políticas e religiosas.

O Brasil, por esse tempo, apresenta-se 'convidativo' a muitos aventureiros, exploradores. Entre os séculos XVI e XVII agências missionárias protestantes desembarcam em costas brasileiras de norte a sul. Matos (2008) narra o tempo do descobrimento recordando que Portugal não foi afetado de forma marcante pela Reforma. Nas palavras de Crabtree (1937, p.22), em 1807, quando a França invade Portugal e D. João VI é forçado a vir para o Brasil, traz para o "povo brasileiro um fôlego de liberdade"[94], quando aqui desembarca. Rapidamente provoca mudanças que trazem em terras brasileiras desenvolvimento. A maior e melhor mudança é sobretudo a abertura para o comércio, que, dessa forma, permite a entrada de estrangeiros e, conforme Crabtree, missionários. O propósito maior das missões era o combate ao catolicismo. Antes disso, protestantes holandeses e franceses já haviam se aventurado em terras brasileiras, como será visto adiante.

Os primeiros protestantes a pisar em solo brasileiro foram os franceses, em 1555 e 1567, na Guanabara. Um grupo de crentes reformados chegou no dia 10 de

---

[93] Para maiores informações vide: Jardilino, José Rubens L. *Lutero e & a educação.* Belo Horizonte : Autêntica, 2009.

[94] Provavelmente Crabtree faz uma alusão ao discurso de Franklin Roosevelt já mencionado.

março de 1557 e celebrou o primeiro culto evangélico do Brasil, e talvez das Américas (MATOS, 2008, p.85). Mais tarde foram expulsos em decorrência do movimento geral da expulsão dos franceses. “A França Antártica é considerada como a primeira tentativa de estabelecer tanto uma igreja quanto um trabalho missionário protestante na América Latina” (MATOS, http://www.mackenzie.br/6994.html. acesso em 16-02-2012). Os holandeses chegam ao território nacional em 1637, com a Companhia das Índias, em busca de riqueza, que a cana de açúcar poderia lhes dar. Invadiram Salvador, Recife, Olinda e, liderados por João Maurício de Nassau, permaneceram aqui até 1654, quando também foram expulsos. Para Matos (2008, p. 92), “quando os holandeses partiram, todos os vestígios institucionais do cristianismo reformado no Brasil desapareceram por mais de um século e meio.”

Foi somente com a chegada da família real, em 1808, e com a abertura dos portos às nações amigas, que se deu a chegada dos primeiros protestantes que aqui permaneceram. O Tratado de *Aliança e Amizade* e de *Comércio e Navegação,* que Portugal assinou com a Inglaterra em 1810, foi porta que se abriu para que a liberdade religiosa se fizesse, ainda que com restrições.

Em 1820, uma comunidade de ‘suíços católicos’ fundaram a colônia de Nova Friburgo no Rio Grande do Sul, que mais tarde foi oferecida a um grupo de imigrantes luteranos que chegaram em maio de 1824, acompanhados de seu pastor Friedrich Oswald Sauerbronn. Como não havia missionários ou pastores que pudessem assumir o trabalho ‘pastoral’, esses pioneiros luteranos organizaram sua própria vida religiosa designando entre eles os que pudessem assumir tais funções pastorais dirigindo as liturgias e atuando como professores de seus filhos, nas escolas criadas por eles. Anos mais tarde, em 1850, vindos da Prússia e da Suíça, chegaram missionários e ministros, o que resultou em uma comunidade mais institucional e europeia. O Rev. Wilhelm Rotermund, em 1886, criou o Sínodo Rio-Grandense, que aglutinava as igrejas de confissão luterana (MATOS, 2008, p. 87-88). Outros grupos luteranos também foram formados no sul. Tais comunidades não representavam as igrejas chamadas de “Igrejas da Missão”, que são as formadas a partir dos movimentos missionários. Entretanto, a abertura para o trabalho protestante é atribuída à sua presença no Brasil, principalmente no sul. A que

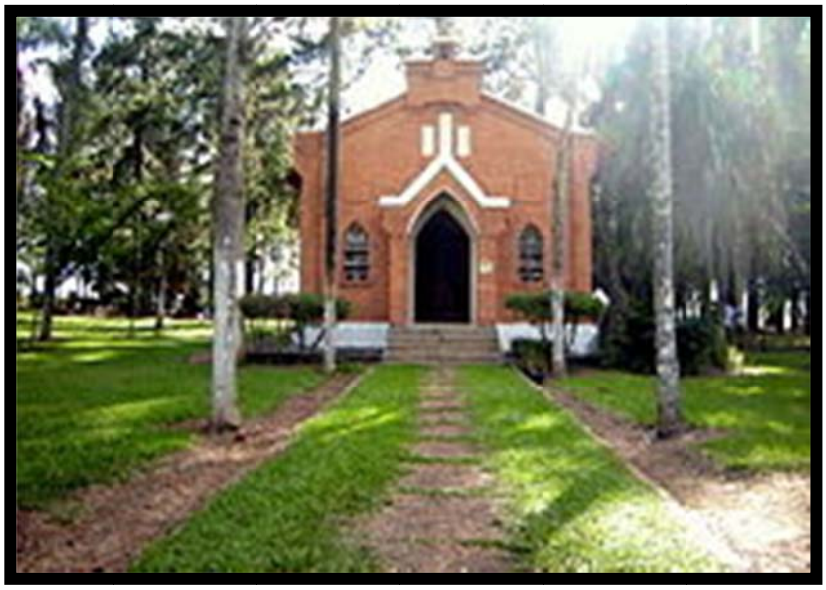
primeiro pisou em solo brasileiro foi a Igreja Episcopal, por volta de 1835, com Fountain E. Pitts, Justin Spaulding e Daniel Parish Kidder, a quem se atribui a criação da chamada Escola Dominical. Entretanto, o casal não permaneceu no Brasil e o trabalho de Escola dominical foi dissolvido (MATOS, http://www.mackenzie.br/6994.html. acesso em 16-02-2012).

A primeira capela evangélica foi inaugurada no Rio de Janeiro, em 26 de maio de 1822, pelo capitão anglicano Robert. C. Crane (MATOS, http://www.mackenzie.br/6994.html acesso em 16-02-2012). Representando os puritanos escoceses, Robert Kalley, médico formado em Princeton, e Sarah Poulton Kalley chegam ao Brasil como missionários independentes. Atribui-se ao trabalho desse casal, na cidade de Petrópolis, em maio de 1855, a fundação da primeira Escola Dominical, que permaneceu como tradição no país. Em 11 de julho de 1858, Kalley fundou a Igreja Evangélica. Outra contribuição desse casal é na área de música, principalmente Sarah, que escreveu diversos hinos onde enfatiza a Teologia do amor universal de Deus, em contraposição ao calvinismo (MENDONÇA, 1995, p.176).

O primeiro grupo de batistas chegou à Santa Bárbara, no interior paulista, formado por pioneiros americanos que buscaram junto ao governo imperial autorização para se estabelecerem no Brasil. Assim se instalaram como fazendeiros e formaram, em 10 de setembro de 1871, a Igreja Batista em Santa Bárbara. Esse grupo, em contato com a Junta de *Richmond,* pede que esta lhes envie missionários para 'evangelizar o Brasil'. Demorou, mas aqui chegou, em 2 de março de 1881, o jovem casal William Buck Bagby e Anna Luther Bagby, como missionários batistas em solo brasileiro (CRABTREE, 1937, p.45). A história da chegada do casal Bagby, como os primeiros missionários batistas no Brasil, é aceita hoje por historiadores evangélicos. Entretanto, a fundação da Igreja Batista em Santa Bárbara, como sendo a primeira Igreja Batista em solo brasileiro, defendida por Betty Antunes de Oliveira (2005)[95], foi contestada durante anos, por Reis Pereira (1982), que defendia a tese da organização da primeira Igreja Batista na cidade de Salvador, Bahia, em

[95] Betty Antunes também defende a posição de que Thomas Jefferson Bowen em 1859 tenha sido o primeiro missionário batista enviado por Richmond. Mais em OLIVEIRA, Betty Antunes. *Centelha em restolho seco*. São Paulo : Vida Nova, 2005.

15 de outubro de 1882 (REIS PEREIRA, 1982, p. 22). No ano de 2011, a FTBSP concede à Betty Antunes de Oliveira o título *Honoris Causa,* por suas pesquisas como historiadora o que comprova sua tese.



ɔo em
.com

Os presbiterianos chegam ao Brasil representados por Ashbel Green Simonton (1859), Alexander Latimer Blackford (1860) e Francis Joseph Christopher Schneider (1861). A primeira Igreja Presbiteriana foi organizada no Rio de Janeiro, em 1862. Aos presbiterianos se atribuem grandes iniciativas na área da educação. O primeiro Seminário evangélico é criado em 1867, no Rio de Janeiro, e em São Paulo a Escola Americana, hoje Universidade Mackenzie, em 1870 (MATOS, 2008, p. 108).

O primeiro seminário católico aceito como tal é o Seminário Arquidiocesano de São José, na cidade do Rio de Janeiro, fundado em 5 de setembro de 1739, pelo então Bispo D. Frei Antônio de Guadalupe. O século XVIII é tido como o tempo da fundação de seminários no Brasil, tese defendida por Mons. Dr. Maurílio Cesar de Lima, conhecido historiador, sendo o Seminário de São José a primeira instituição reconhecida como tal (http://www.seminariosaojose.org.br.acesso em 16-02-2012).

O Seminário de Olinda, cuja história nos remete à influência dos jesuítas, tem como data de fundação o dia 16 de fevereiro de 1800, sendo seu fundador o bispo

Dom Azeredo Coutinho[96]. Sua construção compreende diversos edifícios, incluindo a Capela Nossa Senhora da Graça. O Seminário de Olinda na época tinha o nome oficial de seminário Episcopal Nossa Senhora da Graça. Muitos movimentos sucederam à sua fundação e, após diversas mudanças, em 9 de fevereiro de 1990, o Seminário recebe o nome oficial de: Seminário Maior Arquidiocesano Nossa Senhora da Graça (http://dominusvobis.blogspot.com).

4.2 – A FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO NO ANO DE 1999

A oficialização do curso de Teologia é uma realidade que a FTBSP já buscava em seus primórdios. As primeiras turmas já apontaram isso no final dos anos 50. Em 1970, com o Decreto lei 1051, novamente o tema da oficialização está registrado em documentos. Por fim, no ano de 1999, a possibilidade de oficialização surge como algo concreto de se alcançar, com o Parecer CES 241/99[97], que será analisado abaixo.

A situação na instituição, no ano de 1999, é a seguinte: o Diretor desde 1997 é Lourenço Stelio Rega. Na função de deão está Itamir Neves de Souza, que atua até o final do 1º semestre do ano de 1999. A partir do final de junho, assume a deania Elton de Oliveira Nunes.

Em relação à mantenedora, inicialmente recebeu suporte da Junta do Colégio Batista Brasileiro; em 1965, foi criada a Junta Administrativa da Faculdade Teológica Batista de São Paulo; em 1969, foi criada a Junta de Educação Teológica – JET, em 1993, foi criado o Conselho de Educação Teológica e Ministerial – CETM; em 2003,

---

[96] A existência da Capela de Olinda, erguida por Duarte da Costa em 1551, tem sido aceita por historiadores como um centro educacional desde sua fundação. Quando houve o incêndio, em 1630, pelos holandeses, foi destruída e reerguida perto de 1661. Mais tarde também sofreu revezes com a expulsão dos jesuítas. Mas, somente em 1800, com o bispo Azeredo Coutinho, é instalado um curso considerado de nível superior. Para mais informações: http://www.pedagogiaemfoco.pro.br e ALVES. Gilberto Luiz. *O Pensamento burguês no Seminário de Olinda (1800 a 1836)* Ibitinga : Humanidades, 1993.

[97] O documento completo está no anexo 2.

é criado o Conselho Batista de Administração Teológica e Ministerial de São Paulo – CBA - por força de regulamentação para o MEC.

4.2.1 Mudanças a partir do Parecer CES 241/99

Sem dúvida o Parecer CES 241/99 trouxe uma série de mudanças na vida das instituições de Teologia de uma maneira geral. Rega (2011) narra algumas das decisões tomadas nessa ocasião informando que Clóvis Pinto de Castro, então reitor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, chamou-o para um encontro com diretores de instituições de Teologia, no qual apresentou o Parecer CES 241. Nesse encontro, estava presente Ulisses de Oliveira Panisset, então membro do Conselho Nacional de Educação – CNE - que narrou aos presentes o 'trabalho nos bastidores' da comissão que trabalhou na elaboração de tal documento. Após publicação no DOU, Rega chama Antonio Carlos Magalhães, professor do Programa de Pós graduação em Ciências da Religião da UMESP, para falar aos diretores e professores de instituições batistas, reunidos no encontro anual da ABIBET, na cidade de Manaus, no mês de julho de 2000, sobre o novo Parecer. Dessa forma, os batistas começaram a se inteirar dos processos de oficialização dos seus cursos de bacharelado em Teologia (REGA, 2011, p. 249).

Na FTBSP, a notícia é bem-recebida, os sentimentos são expressos pela alegria, temor e desafios. Alegria por ver realizado um sonho antigo; temor por não ter certeza do que estava por vir em relação à oficialização, bem como às mudanças que acarretariam esse processo; e desafios, porque a instituição inicia as providências para tal oficialização. Seguem as palavras de Rega, em seu relatório anual referente ao ano de 1999:

> A partir da homologação do Parecer CES 241/99 pelo Ministro da Educação, ocorrida no mês de julho de 1999, estamos evidando todos os esforços para elaborar o Projeto Pedagógico para ser encaminhado ao MEC. Estamos revisando todo nosso sistema educativo de modo a aperfeiçoá-lo e atender às demandas de nossas igrejas e denominação, sem contudo nos esquecermos do preparo de nossos alunos para que possam saber conduzir suas igrejas por este revoltoso mar de tendências de virada de século e milênio. Depois de reconhecidos nossos cursos, os alunos poderão prosseguir seus estudos em quaisquer universidades e faculdades, sem necessidade de fazer nova graduação. Esta foi uma conquista que os seminários do Brasil conseguiram depois de muitos anos de espera, especialmente do ponto de vista dos

> seminários filiados à ABIBET (RELATÓRIO DO DIRETOR DA FTBSP - LIVRO DO MENSGEIRO, 2000, p. 142).

Percebe-se certa inquietação quando da afirmativa "sem contudo nos esquecermos do preparo de nossos alunos para que possam saber conduzir suas igrejas por este revoltoso mar de tendências de virada de século e milênio". A intervenção do governo na tranquilidade e na organização das instituições era o fenômeno mais temido. Poderiam elas continuar com seus objetivos educacionais? Poderiam manter convicções e dogmas próprios de suas crenças e doutrinas? Quais seriam as exigências?

Uma das dificuldades que foram colocadas na entrevista com Rega diz respeito à formação pós-graduada no programa de Pós graduação em Ciências da religião da UMESP, realizada por alguns professores. Como já afirmado, na ausência de cursos oficializados com formação pós-graduada em Teologia, os professores procuraram outros cursos para conseguir uma titulação. Grande parte deles foi para o curso de Ciências da religião, na UMESP. Este fato, de procurar um curso, ainda que evangélico, mas com convicções voltadas por uma teologia 'mais aberta'[98], trouxe preocupação a algumas lideranças de São Paulo, bem como no Brasil. Outros professores de instituições batistas filiadas à ABIBET também procuravam esse curso. Rega também expressa preocupação e assim se pronuncia:

... eu comecei a notar uma dificuldade, porque não era Ciências da Religião o curso de lá, era um curso na realidade misturado em Ciências da Religião e Teologia. Me preocupei porque eles tinham uma visão de uma Teologia Neo-ortordoxa, diferente da visão que nós tínhamos, de uma fundamentação bíblica. Comecei a alertar os professores. "Estudem, se preparem, mas não vão buscar sua fé lá." [...] "vão lá aproveitem, valorizem os estudos, participem das aulas, mas tomem cuidado com isso, isso e aquilo ..".

... Mas nesse período começou já surgir algumas dificuldades com o público externo da Faculdade. Que, alguns obstáculos e desafios que a gente estava enfrentando porque alguns professores de outras escolas acabaram se envolvendo com uma Teologia diferente da Teologia Batista e começaram a trazer estas dificuldades... (ENTREVISTA CONCEDIDA POR LOURENÇO STELIO REGA A PESQUISADORA NO DIA 27/04/2011)[99].

---

[98] Por uma teologia mais aberta entenda-se, entre outros pontos doutrinários, a Revelação das escrituras não como "inspiradas" por Deus. Ainda que a UMESP não expusesse tais doutrinas em documentos institucionais, foram percebidas essas colocações nas entrevistas.

[99] A entrevista na íntegra está no apêndice 12.

Quando lhe foi perguntado se ele achava que esta situação dos preconceitos, em relação ao pessoal da UMESP, iria passar, ele respondeu:

... Eu acho que isso vai melhorar, porque eu acredito que o problema não seja exatamente esse [...]. quando a gente vai e explica, as pessoas dizem: "Ah, tá bom." Voltam a falar, existem outras razões que não são essas propriamente.. eu falei: "Já estou cansado de publicar isso no livro do mensageiro, publicar em jornal da Convenção etc.". E, o problema é outro, não é esse. Entendo o problema realmente pode ser atribuído a ciúmes, inveja a outras questões mais passionais do que propriamente estas racionais (ENTREVISTA CONCEDIDA POR LOURENÇO STELIO REGA À PESQUISADORA NO DIA 27/04/2011).

É certo que o intervalo de tempo em que os professores procuraram a UMESP e a realização desta entrevista ultrapassa dez anos. Entretanto, pelas respostas, é possível afirmar que a preocupação não é somente em relação aos professores que lá foram estudar, mas sim ao chamado 'público externo'. As razões apontadas por Rega como 'questões mais passionais' só poderiam ser investigadas nesta pesquisa com outro referencial de análise. Parece, nas palavras de Rega, que a cobrança não atinge os professores tanto quanto a ele, como diretor:

... os professores nossos que ficaram lá, não tiveram problemas na parte de envolvimento com a denominação, mais aí conseguimos habilitação deles [...] dentro dos professores [...] havia ânimo, havia uma grande busca de estudar, nesse ponto que a escola deu uma decolada muito grande na área de estudo, pesquisa, busca para aperfeiçoamento (ENTREVISTA CONCEDIDA POR LOURENÇO STELIO REGA À PESQUISADORA NO DIA 27/04/2011).

Parece que essas questões não incomodavam e não traziam preocupação ao corpo docente, que se apresentava animado, estudando, preparando-se e buscando novas áreas de formação.

Deixando tais questões e dificuldades de aceitação desse novo momento ao lado, internamente a instituição caminha em seu propósito de buscar a oficialização. Uma das primeiras providências na área jurídica foi constituir o Conselho Batista de Administração Teológica e Ministerial de São Paulo como 'Pessoa jurídica,' para se tornar de fato e de direito a mantenedora das instituições de ensino teológico a ele subordinadas, atendendo exigências legais para as mantenedoras (LIVRO DO MENSAGEIRO, 2000, p. 271). O ano de 2000 apresenta-se nos relatórios como o

ano de preparativos do Projeto Pedagógico, bem como de mudanças na área da didática e da organização dos planejamentos de ensino, o que foi expresso nas entrevistas com os professores atuais para essa investigação. Os cursos oficializados trazem exigências para a área acadêmica, que não constavam da rotina dos professores até então. Nesse sentido, a contribuição para uma atuação mais profissional do professor, a exemplo de outros cursos superiores no Brasil, é apontada pelos professores como algo positivo.

O Parecer CES 241/99 merece a partir desse momento algumas observações quanto ao seu conteúdo. Segue abaixo o texto, na íntegra.

PARE*CER CES 241/99 – RELATÓRIO DOS RELATORES*

Introdução:
O ensino da Teologia nas universidades tem uma longa tradição, que remonta à própria origem destas instituições.

Na origem, a Teologia, constituída como uma análise efetuada pela razão sobre os preceitos da fé, estava estreitamente subordinada a uma única orientação religiosa – de início, o catolicismo. Depois da Reforma, as universidades protestantes desenvolveram seus próprios cursos teológicos. De uma forma ou de outra, os cursos estavam ligados à religião oficial do Estado.

A separação entre Igreja e Estado, estabelecida pela grande maioria dos regimes republicanos e pelas monarquias constitucionais, alterou esta situação, permitindo pluralidade de orientações teológicas. Isto, entretanto, não criou nenhum conflito com o Estado ou entre as diversas orientações religiosas, por não haver, na organização dos sistemas de ensino da quase totalidade desses países, a instituição de currículos mínimos ou de diretrizes curriculares.

Estabeleceu-se, desta forma, uma pluralidade de orientações.

No Brasil, a tradição de currículos mínimos ou, mais recentemente, de diretrizes curriculares nacionais, associada à questão da validade dos diplomas de ensino superior para fins de exercício profissional pode interferir no pluralismo religioso.

De fato, o estabelecimento de um currículo mínimo ou de diretrizes curriculares oficiais nacionais pode constituir uma ingerência do Estado em questões de fé e ferir o princípio da separação entre Igreja e Estado. Talvez, inclusive, seja esta a razão pela qual os cursos de Teologia não se generalizaram nas universidades brasileiras, mas se localizaram preferencialmente nos seminários.

Em termos da autonomia acadêmica que a constituição assegura, não pode o Estado impedir ou cercear a criação destes cursos. Por outro lado, devemos reconhecer que, em não se tratando de uma profissão regulamentada não há, de fato, nenhuma necessidade de estabelecer diretrizes curriculares que uniformizem o ensino desta área de conhecimento. Pode o Estado portanto, evitando a regulamentação do conteúdo do ensino, respeitar plenamente os

princípios da liberdade religiosa e da separação entre Igreja e Estado, permitindo a diversidade de orientações.

Algumas considerações devem ser feitas sobre o conteúdo dessa introdução dos relatores, que são importantes para a compreensão do documento. Ao mencionar os cursos de Teologia como de longa data, infere-se que os relatores reconhecem a contribuição que os cursos de Teologia trazem para a humanidade em geral. A questão da separação Igreja – Estado, legítima e constitucional, permite que as diversas formas de se abordar Teologia ganhem liberdade.

Entretanto, chama a atenção nesse documento a não exigência de currículos mínimos ou de diretrizes curriculares para os cursos de Teologia, uma vez que em cursos oficializados no Brasil, definir currículos mínimos é uma prática (DCNs). Para o sistema da Educação Brasileira, a obrigação dos currículos mínimos para esse curso é vista pelos relatores como uma possibilidade de 'ingerência do estado', quebrando assim uma liberdade religiosa garantida constitucionalmente. Outra lembrança interessante é que as Universidades Brasileiras Federais ou Estaduais não possuem cursos de Teologia como se vê em países na Europa e nos Estados Unidos. Entende-se que uma das razões para o não estabelecimento de diretrizes curriculares é a falta do 'profissional teólogo', que não existe como categoria, não sendo necessária assim uma direção uniformizada para sua formação. O Estado pode então respeitar "a liberdade religiosa" diante da "separação entre Igreja e Estado, permitindo as diversas orientações". Tal argumento também pode ser compreendido por haver no Brasil um pluralismo religioso bastante característico do povo brasileiro. Coloca o texto ainda a questão da "autonomia acadêmica que a constituição assegura" fechando assim, o argumento de que o Estado não pode "impedir ou cercear a criação destes cursos" (PARECER CES 241/99).

Após essa parte inicial, o Parecer apresenta o 'Voto dos relatores', que consiste em quatro itens, a saber:

a) Os cursos de bacharelado em Teologia sejam de composição curricular livre, a critério de cada instituição, podendo obedecer a diferentes tradições religiosas.

b) Ressalvada a autonomia das universidades e Centros Universitários para a criação de cursos, os processos de autorização e reconhecimento obedeçam a critérios que considerem exclusivamente os requisitos formais relativos ao número de horas-aula ministradas, à qualificação do corpo docente e às condições de infraestrutura oferecidas.

c) O ingresso seja feito através de processo seletivo próprio da instituição, sendo pré-condição necessária para admissão a conclusão do ensino médio ou equivalente.

d) Os cursos de pós-graduação stricto ou lato sensu obedeçam às normas gerais para este nível de ensino, respeitada a liberdade curricular.

Diante da realidade da instituição em estudo observa-se algumas questões contidas no voto dos relatores que permitem alguns comentários agora e que posteriormente serão revisitados com novos elementos, a partir dos dados das entrevistas.

a) Os cursos de bacharelado em Teologia sejam de composição curricular livre, a critério de cada instituição, podendo obedecer a diferentes tradições religiosas.

Esse item coloca as instituições numa posição bastante confortável em relação à inquietação sobre a ingerência do governo nos assuntos da igreja. Se é possível manter uma composição curricular que atenda aos princípios doutrinários e dogmáticos das instituições de Teologia, não existem motivos para inquietações sobre esse assunto. Assegurada a confessionalidade da instituição, fica assegurada também sua natureza religiosa. Hoje, no Brasil, há cursos de Teologia das mais diversas naturezas e confissões religiosas, como católicas, protestantes, umbandistas, espíritas, messiânicas, etc.

Rega (2011)[100], ainda falando sobre os momentos históricos e iniciais da oficialização do ensino teológico, aborda a discussão das DCNs para os cursos de Teologia. Narra um período vivido pelas instituições de Teologia no Brasil, chamado por ele de 'turbulência'. Foi um período dos anos de 2009 e 2010, quando da promulgação dos Pareceres CNE/CES 118/2009 e CNE/CES 51/2010[101]. Esses documentos versam sobre a inclusão de 'eixos norteadores' para servirem como um 'parâmetro' na questão curricular. O Parecer 118/2009 surgiu na tentativa de dar alguma uniformidade ao currículo de Teologia. Neste Parecer, propõe-se que os cursos de Teologia observem seis 'eixos norteadores' para seus cursos: Eixo

[100] Para aprofundamento vide capítulo 6 escrito por REGA, Lourenço Stelio Diretrizes curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Teologia: história e alguns critérios in OLIVEIRA, Pedro A Ribeiro de e MORI, Geraldo De. Religião e educação para a cidadania. São Paulo : Paulinas e Belo Horizonte: SOTER, 2011.

[101] Os documentos na íntegra constam do anexo 10.

Filosófico, Eixo Metodológico, Eixo Histórico, Eixo Sociopolítico, Eixo linguístico e Eixo interdisciplinar.

A principal argumentação, nos dizeres dos relatores desse Parecer, é que algumas instituições, ao serem avaliadas, apresentavam uma composição curricular de caráter exclusivamente confessional. Tal fato contradiz a razão de ser de uma instituição de ensino superior, que se caracteriza como um lugar de produção de conhecimento, de pesquisa em que se comprove a característica acadêmica. As reações das instituições foram das mais diversas. Rega faz uma crítica ao Parecer 118/2009 afirmando que foi deixado de lado o eixo principal para a natureza desses cursos, que é o próprio campo da Teologia. Faltava um Eixo Teológico (REGA, 2011, p. 252-253). Reuniões com representantes do MEC e de diversas Instituições de Teologia no Brasil terminaram por incluir mudanças que estão descritas no Parecer 51/2010, que inclui mais um Eixo, compondo assim sete eixos norteadores: Eixo Teológico, Eixo Filosófico, Eixo Metodológico, Eixo Histórico-cultural, Eixo Sociopolítico, Eixo linguístico e Eixo interdisciplinar. A avaliação que se faz diante dessa mudança é que tais Eixos norteadores permitem a qualquer instituição com oferta de curso superior de Teologia, ter em sua matriz curricular a inserção de temas relativos aos diversos campos e áreas do saber Teológico, trazendo assim uma abertura ou um maior 'leque' de possibilidades na elaboração de disciplinas.

b) Ressalvada a autonomia das universidades e Centros Universitários para a criação de cursos, os processos de autorização e reconhecimento obedeçam a critérios que considerem exclusivamente os requisitos formais relativos ao número de horas-aula ministradas, à qualificação do corpo docente e às condições de infraestrutura oferecidas.

Em sua primeira parte, esse item apresenta um dos mais emblemáticos problemas em relação à oficialização e que diz respeito à qualificação docente. Para instituições de Teologia que durante anos criaram seus próprios critérios para escolha de professores, a qualificação docente que traz a exigência de formação pós-graduada passou a ser um alvo a alcançar. Para formação de um mestre, são necessários ao menos dois anos de estudo e pesquisa. Para se formar um doutor, mais quatro anos. Ao todo são necessários pelo menos seis anos. A FTBSP, em 1999, tinha 39 professores, dos quais seis tinham a titulação de mestre e um a

titulação de doutor. Havia 34 brasileiros e cinco americanos. Para os critérios de avaliação do MEC, havia três problemas nesse quesito: a quantidade de professores excedia em muito os critérios avaliativos; as titulações eram poucas, algumas realizadas em mestrados e doutorados não oficiais ou fora do Brasil; não havia professores de dedicação integral ou parcial. Buscar formação pós-graduada demandaria pelo menos dois anos, e nos relatórios lidos, a maioria dos professores começa a buscar curso de mestrado, nos anos de 2000 e 2001. Dessa forma, havia necessidade de enquadrar esse requisito ao corpo docente. Como fazer isso com um professor com mais de 10 ou 15 anos de magistério, lecionando com base em seu curso de Teologia, competente de fato, mas não habilitado? A transposição de professor 'não habilitado' para professor 'habilitado' é demorada, trabalhosa e representou a essa instituição não pouca luta. As entrevistas trazem dados discutidos no capítulo cinco que incluem preconceito e medo. Por outro lado, os professores apontam mudanças significativas em sua maneira de pensar e de agir, não somente com novas concepções de mundo e homem, mas como professores com diferentes posturas em relação ao conhecimento e às ações em sala de aula.

As condições de infraestrutura também tiveram de ser repensadas, principalmente no que diz respeito ao acesso de pessoas com deficiência, já que o projeto de construção, elaborado nos anos 60, não trazia tal exigência. Por essa razão, a biblioteca foi colocada no 4º andar do edifício, tendo a instituição de procurar uma solução para tal problema. Os requisitos formais relativos ao número horas/aula, não se apresentavam como um problema, visto que a instituição possuía uma carga horária condizente com quesitos avaliativos, porém, com um cálculo baseado em hora/aula de 45', e não hora relógio de 60'. Somente depois da aprovação do Parecer CNE/CES 261/2006, que previa a hora/aula baseada em hora relógio, é que foi realizada uma adequação. Isto ocorreu por ocasião do pedido de reconhecimento.

c) O ingresso seja feito através de processo seletivo próprio da instituição, sendo pré-condição necessária para admissão a conclusão do ensino médio ou equivalente.

Este item não apresentava problemas para a instituição, pois há muitos anos foi seu costume aplicar provas para ingresso no curso, chamados antigamente de

‘vestibulares’, hoje ‘processo seletivo’. Entretanto, uma revisão no formato baseado no modelo de múltipla escolha, a exigência da redação e de avaliação de atualidades foi necessária.

d) Os cursos de pós-graduação stricto ou lato sensu obedeçam às normas gerais para este nível de ensino, respeitada a liberdade curricular.

Na modalidade livre, a oferta de cursos de pós-graduação *stricto sensu* não se apresentava como uma dificuldade para os Seminários Batistas STBSB, STBNB e o STBE, e nem para a FTBSP, desde que se pudesse compor um corpo docente com uma titulação igual ou superior à ofertada. Assim, os mestrados em Teologia poderiam ter professores mestres e não necessariamente doutores, da mesma forma com os doutorados. Entretanto, essa ressalva do Parecer, vem ‘enquadrar’ os cursos *stricto-sensu* nas regulações próprias administradas pela CAPES. A FTBSP mantinha um curso de mestrado na modalidade livre, desde fevereiro de 1976, e teve seu primeiro concluinte em 1978. Diversos alunos conquistaram grau de mestre em Teologia desde então, mas, o curso foi suspenso a partir de janeiro de 2011. Há planos de reabertura tão logo seja possível atender às condições da CAPES. Da mesma forma que a Faculdade de São Paulo, outros seminários tiveram de suspender também a oferta de cursos *stricto-sensu* em Teologia.

A Faculdade Teológica Batista do Paraná saiu à frente e recebeu a visita da CAPES, no mês de abril de 2012. Os cursos *lato-sensu* a partir do Decreto 1/2007 ficam livres de regulações. Dessa forma, a FTBSP passa a ofertar em 2009 dois cursos de Pós-graduação *lato sensu,* Aconselhamento e História e Teologia do Protestantismo no Brasil. Ressalva-se que no ano de 2007 diversos professores já tinham habilitação como mestres e doutores, portanto, qualificados e habilitados para a função.

Fica evidente que desse passo inicial decorreriam muitos outros, que realmente vieram no decorrer dos anos, como o Parecer CNE/CES 63/04[102], que foi de uma importância extrema para a regularização dos egressos de cursos livres.

[102] Este documento encontra-se na íntegra no anexo 11.

Este Parecer e outros, como o CNE/CES 118/09 e CNE 51/10, atingiram as instituições de Teologia e a FTBSP como normatizações e políticas públicas.

Os relatórios do diretor e do deão de alunos, no Livro do Mensageiro do ano de 2000[103], apresentam notícias sobre a oficialização: a FTBSP tem ajudado professores em seus cursos pós-graduados com bolsas de estudo e dois professores brasileiros terminaram seus cursos de doutorado na área de psicologia (PUC e USP) e um professor americano em Filosofia e Hermenêutica Bíblica pela *Westminster Theological Seminary,* nos USA; foi realizada mais uma 'etapa' do Projeto Pedagógico; houve um acordo com a UMESP "para a matrícula de um grupo de professores da nossa faculdade no programa de Pós-graduação em Ciências da Religião (Teologia), na Universidade Metodista de São Paulo" (LIVRO DO MENSAGEIRO, 2001, p. 98). No relatório apresentado o nome do curso aparece como 'Ciências da religião' e entre parênteses 'Teologia'. Os professores que ingressaram nesse programa não tinham uma graduação oficializada e a expressão Teologia entre parêntesis, parece expressar alguma necessidade de explicar, de justificar a presença de tais professores num programa que não fosse de Teologia buscando formação pós graduada. Essas notícias confirmam impactos relativos a mudanças que mobilizaram os professores a outros percursos formativos em suas carreiras acadêmicas e já denunciam alguns problemas relativos à preconceitos e medos que serão discutidos posteriormente..

No livro do mensageiro, do ano de 2002, é comunicado que 18 professores estão cursando mestrado e um cursa o doutorado. Enfatiza ainda que têm sido organizadas reuniões de capacitação, destacando o referencial da Educação integral, que constitui a base do PP. Outra novidade desse período é o relançamento da Revista Teológica com a publicação de seu número de ISSN - 1676-2509. O último número da revista data do ano de 1969. Esse fato é outro impacto importante na instituição, pois nessa revista, são publicados artigos de alguns professores, alavancando assim a produção acadêmica (LIVRO DO MENSAGEIRO, 2002, p. 98).

Preparar uma instituição para uma visita *in locum* não é tarefa pequena. São muitos detalhes, diversos documentos a serem elaborados e organizados para que

[103] O Livro do mensageiro é confeccionado a cada ano convencional, com relatórios de todos os departamentos da Convenção Batista do Estado de São Paulo e distribuído aos inscritos. Ele sempre tem como base o ano findo. Ex: o Livro do ano de 2000 tem dados do ano de 1999.

se conquiste o credenciamento da instituição. O primeiro passo é a autorização de curso, por isso, buscou-se por meio de uma assessoria educacional e jurídica auxílio para a organização de tais documentos. O PP é desenvolvido com ajuda dos professores, que juntos com a coordenação acadêmica, revisam a matriz curricular, com suas ementas, conteúdos e bibliografia. São anunciadas inovações, como o trabalho de Capelania e Núcleos de Reflexão e Pesquisa, nas áreas de Ministério e Liderança. Entre os objetivos desses núcleos destacam-se: Proporcionar à comunidade acadêmica a oportunidade de participar de discussões relevantes sobre temas contemporâneos; Implementar os valores de pesquisa teológica; ministerial e sobre ela refletir; Promover o aprendizado através da troca de experiências e participação; Estimular a leitura de bibliografia pertinente aos estudos teológicos/ministeriais e sobre ela refletir; Relacionar o conteúdo estudado em classe com as informações aprendidas; Selecionar informações para sua prática ministerial; Promover uma constante relação entre ensino, pesquisa e extensão, garantindo na prática ministerial um ensino contextualizado que prepare para o exercício da sua vocação (LIVRO DO MENSAGEIRO, 2003, ps. 155-168).

Esse longo relato de avanços organizativos de atividades da área acadêmica, expansão de trajetórias formativas de professores, retorno de produção intelectual, reuniões de planejamento e revisão de espaços físicos, permite ao leitor, uma ideia do movimento intenso, que viveu a instituição desde o ano de 1999. Um dos objetivos desta investigação foi a de desvendar o que foi mobilizado na vida dos docentes que diz respeito ao encontro com novos saberes, diferentes ações, novos pensamentos, linguagens e significações, supondo que tais fenômenos impactaram suas atividades docentes. Ao reunir documentos, relatórios, atas e dados das entrevistas com os professores atuais, encontrou-se uma resposta para tal hipótese. Nesse período houve impactos na atuação dos docentes e em diversos segmentos institucionais de forma a abalar a identidade institucional. Estima-se que nem todos os envolvidos tenham percebido as mudanças que a instituição mobilizou durante esse período.

O diretor inicia seu relatório anual, relativo ao ano de 2003, com as seguintes palavras:

> Em 18 de dezembro de 2003 iniciamos os procedimentos de protocolização de nosso processo junto ao SAPIENs, que é o sistema do Ministério da Educação que acolhe tais processos. Todos os documentos e certidões requisitados foram encaminhados eletronicamente (via internet) e em papel (entregues no MEC). Em 4 de fevereiro de 2004 recebemos finalmente os protocolos de credenciamento da mantenedora e de autorização de funcionamento do curso. No presente momento (abril de 2004) o processo segue normalmente na burocracia interna do MEC e estamos aguardando a designação da comissão verificadora que virá à Faculdade para avaliar as condições de ensino, e assim dar o seu parecer para a autorização do curso, que depois deverá ser homologada pelo Ministério da Educação e publicada no Diário Oficial da União (LIVRO DO MENSAGEIRO, 2004, p.135).

Uma grande conquista é festejada pela comunidade batista paulistana. O BP traz notícias animadoras. A Portaria de credenciamento é 1719/05 e a de autorização 1720/05. Finalmente, a primeira etapa em direção ao reconhecimento foi alcançada. Aquele antigo sonho desejado, desde a primeira turma, em 1957, consegue ser concretizado.

O número de alunos teve um aumento significativo, 596. Foram abertos novos cursos, como Aconselhamento[104], Ministro de esportes, LIBRAS – Língua brasileira de sinais e, numa parceria com a Yamaha do Brasil, a Formação de professores de Musicalização Infantil, por meio da flauta doce. O número de professores aumentou e passou a 42, para o curso de Teologia. As habilitações dos professores alcançaram novos patamares: Doutores 06; Doutorandos 06; Mestres 09; Mestrandos 11; Especialistas 04 e graduados 06 (LIVRO DO MENSAGEIRO, 2004, p.153).

No ano seguinte, 2005, relativo às atividades de 2004, o diretor abre o relatório com palavras de euforia e agradecimento, como segue:

> O Ministério da Educação oficializou a Faculdade Teológica Batista de São Paulo [...] As Portarias de credenciamento (Portaria 1719/05) e de Autorização para o funcionamento do seu curso de Bacharel em Teologia (Portaria 1720/05), assinadas pelo Ministro da Educação, foram publicadas no dia 20/05/2005 A penúltima fase do processo de oficialização da Teológica se constituiu na visitada Comissão Verificadora do MEC, entre os dias 11 e 13 de abril p.p, para avaliar *in loco* as condições institucionais e da oferta de ensino do curso de bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Dos cerca de 100 itens avaliados nesta visita de três dias, a Faculdade obteve 100% de aprovação em todos os itens. Mais uma vez desejamos agradecer a todos aqueles que contribuíram e participaram par

[104] O curso de Aconselhamento iniciou sua oferta como um curso de extensão para pastores e era ministrado às sextas-feiras pela manhã e teve em sua primeira turma 53 alunos. Em 2009 passa a ser oferecido na modalidade *lato-sensu*.

> que pudéssemos chegar até aqui com estes resultados excepcionais (LIVRO DO MENSAGEIRO, 2005, p.269).

Novamente outra etapa chega ao fim. Entretanto, a inquietação que diz respeito à ingerência do MEC sobre a 'integridade doutrinária' do curso e da formação de professores pós- graduados, surge novamente. As palavras do diretor mais uma vez parecem reafirmar posições doutrinárias: "... será preciso destacar que nada em nosso curso foi alterado pelo MEC, mantendo as suas características confessionais e sua biblicidade. A grande marca do nosso curso é estar assentado no tripé Bíblia/Teologia/Ministério Prático" (LIVRO DO MENSAGEIRO, 2005, p. 269). Essa questão relativa ao medo de 'perder' a identidade institucional/confessional é recorrente. Um medo constante ameaça o diretor de que a liderança denominacional venha questionar a instituição sobre esse tema.

O Batista Paulistano em suas notícias acompanha as conquistas da oficialização e os relatórios apresentados. Os artigos, as reportagens e as fotos apresentam os diversos eventos e os novos cursos. A ênfase no curso reconhecido é demonstrada constantemente, como se pode perceber: *A Teológica agora é credenciada pelo MEC* (BP, julho e agosto de 2005); *Faça teologia num curso reconhecido* (BP, setembro e outubro de 2005); *Por que fazer um curso teológico oficializado na Teológica?* (BP, novembro e dezembro de 2005); *Teológica de São Paulo é mais que uma escola credenciada pelo MEC* (BP, novembro e dezembro de 2006), *Pós-graduação na Teológica válida em todo território nacional* (BP, julho, agosto, setembro de 2007); *Teológica forma primeira turma oficializada pelo MEC* (JC, Julho, agosto de 2009).

Tais notícias, diferentemente dos primeiros anos da instituição que apresentavam certo medo da hegemonia do STBSB, apresentam agora força, energia e também poder. Agora, a oficialização parece outorgar a esta instituição no Estado de São Paulo, superioridade. Tal grandeza em relação a outros seminários paulistanos de pequeno porte é notória e em relação aos grandes seminários da CBB, demonstra que cresceu, ganhou autonomia. Aquela que um dia foi chamada de 'escolinha' está mais alta em sua ascensão social. Na problematização do capítulo 5, uma abordagem mais próxima dessa dificuldade será desenvolvida.

Este capítulo finaliza apresentando uma comparação no quadro de docentes. As diferenças de 1957 a 1999 são muitas, já se passaram 42 anos. Entretanto,

maior diferença é encontrada entre 1999 a 2010, somente 10 anos. Neste período o número de professores diminuiu (1999 - 39 professores: 34 brasileiros e 5 americanos e em 2010 - 23 professores: 22 brasileiros e 1 americano). A diferença maior, entretanto, é quanto às titulações, como mostra o quadro a seguir.

QUADRO GERAL – 1999[105]

Titulação	Teologia
Doutores	01
Mestres	06
Doutorando	01
Mestrandos	-
Especialistas	-
Graduados	31
Total	39

QUADRO GERAL – 2010

Fonte: Livro do Mensageiro 2011

Titulação	Teologia
Doutores (*)	07
Doutorandos	03
Mestres	08
Mestrandos	-
Especialistas	05
Total	**23**

Obs.: (*) Entre os Doutores há um Pós-doutor e outro Pós-doutorando

Quadro 08 – quadro geral de números de professores e titulações dos anos de 1999 e 2010

[105] A instituição não tem uma lista oficial com as titulações dos professores da época. Este levantamento foi feito tendo como base o horário do 1º semestre deste ano. Assim, algum dado pode estar incorreto. É preciso lembrar ao leitor de que o doutorado mencionado é de um professor americano e ainda não havia sido convalidado no Brasil e o doutorando mencionado cursava Psicologia. Os demais mestres eram americanos. O objetivo desse quadro é para percepção do leitor quanto ao avanço em porcentagens de busca de titulações.

V - CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DE ALGUNS PROBLEMAS

Neste capítulo, serão apresentados alguns problemas considerados como pertinentes à discussão das condições sócio-históricas, que envolveram a instituição em sua organização e desenvolvimento. Tais problemas surgiram como questionamentos percebidos durante a pesquisa, em contato com documentos analisados, bem como dos dados das entrevistas[106].

PROBLEMA 1 - *O 'DIÁLOGO' OU O 'NÃO DIÁLOGO' BRASIL/ESTADOS UNIDOS*

Caracterização

A história da instituição em estudo traz em sua origem influências da própria História da Educação Teológica no Brasil. Tais influências são descritas na História das igrejas da missão, responsáveis pelo envio de missionários para abrir novas frentes de evangelização, caracterizadas por forte envolvimento do movimento pietista, conforme Mendonça (1995), Azevedo (1994) e Silva (2010). Os missionários que aqui chegam ao final do século XIX vêm carregados de uma ideologia que os caracteriza como nação e como grupo de evangélicos. Imbuídos de marcante desejo missionário, aqui chegam para lutar contra o catolicismo, religião predominante no país. As missões das denominações Batistas, Presbiterianas e Metodistas foram as mais influentes.

O trabalho missionário logo resulta em conversões à religião protestante e particularmente à denominação batista em porcentagens muito maiores que as denominações presbiterianas e metodistas, igualmente classificadas como as igrejas da Missão[107]. Em pouco tempo, missionários batistas, enviados principalmente pela

---

[106] A partir desse trecho da tese, em algum momento farei referências a minha pessoa. Como dito na Introdução desta tese, estou envolvida com a história da instituição e, vivi e ainda vivo as mudanças referentes ao último período estudado.

[107] Vide tabela de crescimento das seis denominações mais antigas desde o ano de 1850 a1930 em MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O *Celeste porvir. A inserção do protestantismo no Brasil,* 1995, p. 33.

missão de Richmond, expressam o desejo de 'formar' entre os brasileiros pessoas capazes de assumir posições de liderança quanto à evangelização e o ministério pastoral, dando continuidade ao trabalho pioneiro. Para isso, criam escolas de formação de pastores, chamadas de seminários, para que os estudantes, a partir de tal formação, assumissem a liderança nacional das igrejas[108]. Dessa forma, brasileiros e americanos passam a conviver juntos também em relação aos planos de formação de seminaristas. Entretanto, nem sempre reinou entre brasileiros e americanos relações tranquilas. O estrangeiro, por ter o domínio sobre as condições financeiras (no que se refere à construção e manutenção dos seminários), demonstrava postura mais autoritária para os projetos de formação, impondo também seu modo de pensar.

Em uma relação dialógica, segundo Freire (1987), é necessário, de ambas as partes, disposição, amor e um desejo de querer fazer. Enfatiza o autor que "se o diálogo é o encontro dos homens para *ser mais*, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu querer fazer, já não pode haver diálogo" (FREIRE, 1997, p. 79). Freire fala também sobre o pensar verdadeiro, o pensar crítico, que é o desejo de não estagnação. Essa não estagnação é o percurso do 'risco', do temor pelo novo. Em momento algum se pode afirmar que havia nas missões, entre brasileiros e americanos, o desejo do não diálogo, da estagnação. Mas, os documentos mostram que, em diferentes momentos, sobrepuja, em algumas lideranças, um poder dominador, que expressa o não diálogo.

Tentativa de análise

Levando em conta a herança recebida das igrejas da missão busca-se compreender o que marcou o início das igrejas batistas no Brasil, bem como o que representou o fenômeno da formação teológica no final dos anos de 1800.

---

[108] Esse tema já foi discutido em capítulo anterior. Entretanto diversas obras tratam do assunto como: MOREIRA, Zaqueu e ANDRÉ, Ramos em *Panorama Batista em Pernambuco*, Departamento de Educação Religiosa da Junta Evangelizadora Batista de Pernambuco, 1964; REIS PEREIRA, Breve história dos batistas. Rio de Janeiro, JUERP, 1979; REIS PEREIRA, *História dos batistas no Brasil.* Rio de Janeiro, JUERP, 1982.

O pensamento que regia os grandes movimentos de conquistas na navegação, em busca de novas terras, em específico as Américas, era o de aventura, pioneirismo, riqueza e liberdade religiosa (ARMSTRONG, 1992, AZEVEDO, 2004). A era moderna "é definitivamente marcada por avanços nas descobertas de novas terras, e do movimento da Reforma protestante (1517 – 1530) e, posteriormente, pelo Concílio de Trento" [109] (SILVA, 2010, P. 31). O missionário que aqui chega possui esse lastro de herança em sua constituição.

Anteriormente, as Missões na Europa que se originaram no ambiente das igrejas reformadas, principalmente advindas do luteranismo e do calvinismo, dirigem-se à América do Norte e fundam o que ficou conhecido como a 'Nova Inglaterra' e, conforme Armstrong (1992, p. 70), é dividida em três grandes regiões com características bem particulares[110]. Ali fundam igrejas e denominações de determinado perfil teológico com forte influência calvinista e pietista[111]. Essas missões vindas da Europa dão origem às missões americanas que se dirigem para o Brasil. Assim é que, da mesma forma como foram levadas missões à Nova Inglaterra, esta, no final dos anos de 1800, envia missionários para o Brasil por agências missionárias fundadas pelo povo americano.

Alguns historiadores ao interpretarem o 1º período das missões colocam diversas questões a considerar na relação dialógica, ou na relação não dialógica entre americanos e brasileiros. Há uma interpretação de que, de alguma forma,

---

[109] O Concílio de Trento, o mais longo da história marca sua importância justamente pelo fato de posicionar a Igreja Católica diante do movimento da Reforma.

[110] A divisão geográfica da colonização europeia na América é organizada em 3 regiões e apresentam preocupação com a formação escolar. A região norte, caracterizada pelo puritanismo calvinista, criou em 1636, o que é hoje a Universidade de Harvard em Massachusetts, com o único propósito de formar jovens para o ministério. Nas colônias centrais reinava um pensamento mais eclético e foram organizadas o que hoje é a Universidade de Princeton, a Universidade de Rutgers e a Universidade da Pensilvânia. Na região sul de forma mais livre que nas colônias centrais, os propósitos eram mais ligados à busca de riquezas vindas dos recursos naturais. Ali foi criada a Universidade da Virgínia também com o propósito de preparar jovens para o ministério bem como 'treinar os moços' (ARMSTRONG, 1992, p. 71).

[111] O movimento pietista na perspectiva de autores como Silva (2010) firma sua principal doutrina, numa busca mais próxima de Deus por meio da meditação, orações e leitura da Bíblia e deveria ser expressa pelo "exercício do amor ao próximo". Spener, a quem é atribuído o início de tal movimento, publica em 1675 a *Pia desideria,* que explicita suas proposições para a reforma da igreja de então – luterana – que segundo ele, havia se voltado mais para as questões do governo da igreja do que da vida piedosa (SILVA, 2010, p. 72).

interesses e protecionismos estavam presentes nesse período histórico. Silva (2010, p. 104) lembra que a Inglaterra se alia a Portugal contra a França e contribui para que a família real venha para a colônia. Dessa vinda, dá-se um intercâmbio econômico, que interessa principalmente à Inglaterra e aos Estados Unidos. Essa teria sido uma das causas das imigrações ao interior do Estado de São Paulo, que deu origem à primeira igreja Batista, organizada no Brasil em 1871, por imigrantes americanos, fazendeiros, aventureiros que procuravam, além de interesses econômicos, afastarem-se da guerra de secessão. Quanto a isto, Azevedo declara que

> os norte-americanos, em meados do século 19 [...] acreditavam que tinham uma missão no mundo. Essa missão tinha uma dimensão religiosa (salvar – no sentido clássico da palavra entre os protestantes – as pessoas) e uma dimensão civilizatória (difundir seu estilo de democracia e espalhar sua visão de processo econômico) (AZEVEDO, 2004, p. 191).

Anos mais tarde, surge como apoiador da presença protestante no Brasil Rui Barbosa. Azevedo dedica um trecho em sua obra *A celebração do indivíduo* à pessoa de Rui Barbosa e sua 'aproximação' e 'colaboração' com os protestantes, especialmente os batistas, pelo crivo da separação igreja-estado, que será discutido no problema dois. Vale ressaltar que para Rui Barbosa, o protestantismo representava um "aliado da democracia e do progresso". Essas 'vantagens' do protestantismo dizem respeito à "elevada moralidade", que tem como consequência "benefício em termos de saúde e prosperidade individuais". Afirmava também Rui Barbosa que os protestantes são um povo democrático "por sua ênfase no livre-exame da Bíblia e na abertura de escolas desenvolvem a educação, com inevitável progresso para a nação como um todo"[112] (AZEVEDO, 2004, p. 160). Rui[113], que amargava desentendimentos com a igreja católica, dizia que esta não buscava o progresso e mantinha-se atrasada em relação ao desenvolvimento técnico, científico.

---

[112] Referindo-se a abertura de escolas evangélicas no Brasil.

[113] Há uma coletânia de textos de Rui Barbosa organizados pelo Prof Dr. Manoel Bergström Lourenço Filho intitulada: *A pedagogia de Rui Barbosa*. Brasília – DF, Inep/MEC, 2001. AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo*. A formação do pensamento batista brasileiro. São Paulo : Vida Nova, 2004 também menciona diversas referências a Rui Barbosa e sua influência entre os evangélicos.

Entende-se, dessa forma, que alguns interesses que acompanharam as relações Brasil/Estados Unidos, tanto no 1º período das missões, como mais tarde, vinculam-se não somente ao ardor evangelístico que trazia os missionários, mas também por outros interesses. Não é prudente afirmar que esses interesses eram escusos, mas fazem parte de um contexto no qual se deu a história e não podem ser ignorados em uma análise mais aprofundada.

Quanto à Teologia protestante que predominava nesse período, historiadores como Mendonça (1995) e Azevedo (2004), entendem que uma das maneiras de analisa-la é o estudo das letras dos hinos escritos por missionários das diversas denominações, principalmente pelo casal Kalley.[114] Mendonça (1995, ps.239 a 253) defende que a partir das letras dos cânticos ficam expressos quatro tipos de protestantismo: o protestantismo pietista, o protestantismo peregrino, o protestantismo guerreiro e o protestantismo milenarista.

O protestantismo pietista coloca o sacrifício vicário de Jesus como mola propulsora da energia do crente. Tendo como centralidade o individualismo, a experiência pessoal com o Cristo, afirma a posição de total pecaminosidade do homem e demonstra a pessoa de Jesus como redentora. Desse conceito, resultou o que hoje é trazido como o protestantismo conversionista[115], posição aceita por outros historiadores (REGA, 2000, AZEVEDO, 2004). Versos como *por meus delitos expirou, Jesus, a vida e luz; O meu castigo ele esgotou, na ensanguentada cruz* caracterizam esse protestantismo.

O protestantismo peregrino entende que o crente nesse mundo encontra-se só de passagem e que seu lar está reservado nos céus onde estará com Jesus para sempre. Essa expectativa o faz viver com um olhar sempre voltado para o porvir, recusando os valores do mundo, e está presente em versos como D*a minha pátria estou mui longe; Cansado estou, Eu tenho de Jesus saudade; Oh quando é que eu vou.*

---

[114] Alguns desses hinos foram traduzidos pelo casal Kalley, outros são de composição destes e outros foram escritos por outros missionários de missões metodistas, luteranas e presbiterianas. Mendonça (1995) faz um excelente estudo sobre a influência da hinódia desse período histórico, final do século XIX, como um fator preponderante na formação do protestantismo no Brasil.

[115] Alguns autores usam a expressão salvacionismo.

O protestantismo guerreiro é o próprio espírito do anticatolicismo. Os batistas exerceram massivamente uma luta contra o catolicismo e expressam nas letras dos hinos que o mal será debelado na medida em que o bem se dissemina e os crentes, que são os saldados de Jesus, devem estar à frente dessa luta: *Moços, declarai guerra contra o mal, Exaltai a cruz do Salvador; Firmes empunhai armas não carnais, Sempre confiai em seu favor.*

O protestantismo milenarista propaga a segunda vinda de Cristo como o estabelecimento de seu reino no qual os crentes vão morar para sempre com Jesus, um lugar celestial, sem sofrimento, junto aos amigos: C*antaremos no belo país, Melodias de santo ardor; Nessa terra celeste e feliz, Não há pranto, gemido, nem dor.*

Esse contexto teológico constitui formação para os brasileiros, herdeiros de tais disposições doutrinárias trazidas pelas missões. Diante dessa formação, apresentam-se como continuistas de suas teologias e de alguma maneira se submetem ao domínio americano. Dessa forma, a religião dominante no Brasil, o catolicismo, foi fortemente combatida pelos evangélicos de então, especialmente os batistas. Tal 'batalha' produz, no entender de Azevedo (2004), a 'teologia salvacionista', que herdada pelos missionários, vem trazer base para a formação teológica dos seminários e aos futuros pastores de igrejas batistas que preservaram tal pensamento como direção de seus ministérios. Essa teologia salvacionista tem forte apelo à conversão de almas perdidas, no caso dos adeptos do catolicismo. É válida a afirmativa de que hoje, como consequência das ações da denominação por essa teologia, há maior destinação de recursos financeiros aos projetos missionários em detrimento da Educação Teológica[116].

---

[116] Hoje, no orçamento da CBESP, está destinado à Educação Teológica, um percentual de 9% do Plano Cooperativo, que significa por volta de R$215.000,00/ano a ser distribuído na seguinte proporcionalidade: para a Faculdade Teológica de Campinas, 3,29%; para a Faculdade Teológica de Bauru, 3,20%; para a Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 0,60%; e para o caixa do CETM, 1,91%. Em dinheiro real esses 1,91% expressam em torno de R$10.000,00/ano.Tal verba é distribuída aos alunos em formato de bolsas de estudo. Plano cooperativo é um estudo sobre a 'distribuição' das verbas encaminhadas pelas igrejas à Junta Executiva que por sua vez a distribui entre as várias instituições arroladas entre os batistas paulistas: missões,ensino, assistência social, etc...: O que a junta executiva faz com o dinheiro da sua igreja (BATISTA PAULISTANO, FEV. MAR.1966)

A discussão é antiga. Prova disso é a grande discórdia ocorrida em Recife nos anos de 1920 e reconhecida como um momento de grandes contradições entre os batistas, tendo sido chamada de 'Movimento dos radicais'. Dessa discórdia, surgiram histórias de poder, dinheiro e indisposições entre as lideranças, onde as discussões giraram em torno de quem tem o maior domínio ou quem reúne o maior poderio. Tal discórdia incluía divergências entre as lideranças brasileira e americana e a destinação de verbas. Um dos pontos de discordância foi a administração e direção do STBNB e do Colégio Americano e suas respectivas propriedades; outro estava relacionado à destinação de verbas para atividades de evangelização e atividades de educação[117], incluindo a educação teológica. Dois grupos se formaram, o grupo dos 'radicais,' que apoiavam os líderes brasileiros, e o grupo 'construtivo', que apoiava a Missão (OLIVEIRA e ANDRÉ, 1964, p. 28). A problemática foi grande e gerou muitas interpretações de ambas as partes e a "incompreensão motivada pelos propósitos humanos, pelos atritos entre indivíduos e pela falta de boa vontade de alguns, provocou a celeuma no campo", relata Oliveira e André (1964, p. 27). Tal desacordo só foi finalizado em 1938, após muitas tentativas de paz.

Entre os batistas, a educação teológica inicia primeiramente em Recife, em 1902[118], somente reconhecida pela CBB em 1918. No Rio de Janeiro, Shepard, Crabtree e depois Oliver lideraram o STBSB. Em 1956, quando Tognini inicia os planos de abrir uma faculdade de Teologia em São Paulo, o comportamento autoritário do missionário é notado. Oliver, então diretor do STBSB, não apoiava os planos de Tognini, que, em entrevista, repete por seis vezes a palavra 'contra' e por duas vezes usa a expressão *'o Oliver ficou louco',* onde entende-se, louco de raiva, contrariado, aborrecido, como segue:

---

[117] Havia sido criado em 1906 o Colégio Americano *Gilreath* ao lado do Seminário e tinha como diretor W.H.Canadá, com os cursos, Preliminar e o Complementar.

[118] Lembrando que antes disso já existiam as classes teológicas no norte do Brasil. Grandes nomes na teologia protestante ministraram essas classes: W.E.Entzminger e Salomão Ginsburg. TAYLOR.W.C. *O Seminário do Norte*. Revista Teológica. Ano II. Janeiro de 1951, nº 3.

Contra, contra, contra. Dr. Oliver era contra, contra, contra [...] quando eu formei um seminário aqui, o Oliver ficou louco, era muito amigo meu, mas ele ficou louco, ele não podia concordar (ENTREVISTA CONCEDIDA POR TOGNINI À PESQUISADORA EM 10 DE DEZEMBRO DE 2010).

Oliver concordava que a Educação Teológica, em todo território nacional, deveria estar unificada. Depois da organização da CBB, em 1907,

> A Junta de Richmond estava determinada a ajudar somente um Seminário no Brasil. A Convenção localizou esse seminário no Rio, e para lá foi o corpo docente e os fundadores tanto do Seminário do Norte como do novo seminário da Convenção. Este visava ser o seminário nacional, coroa de um sistema educacional abrangendo tudo que os batistas fizessem nesse terreno (W. C TAYLOR, 1951, p. 34).

Após essa decisão, o STBNS que já existia, foi preterido, confirmando assim as ambições de Oliver, pressionado ou não por Richmond.

A centralização do poder é característica de dominadores. Anos antes, em 1907, Shepard[119], já havia declarado que "um seminário deve constituir um vínculo unificador do nosso trabalho no país inteiro". Para o pensamento da época, aglutinar, ajuntar, significava "manter uma unidade cooperativa e doutrinária". Significava que o STBSB deveria ter o domínio sobre o "sistema educacional de então" (Shepard *apud* Rega, 2001, p. 101). Contradizendo tudo o que se diz sobre crescimento e expansão, parece que havia no centro do pensamento do STBSB um desejo de dominância, de centralização de forças, um medo de 'quebrar'. O pensamento vigente nesse tempo era o de que o seminário mantivesse relações com todas as igrejas do Brasil e isso só poderia acontecer a partir de uma força centralizadora. Ora, num país com dimensões de continente, seria impossível manter tal centralidade, ainda que se desenvolvesse a formação de futuros ministros, na capital federal. Como demonstrado por Mendonça (1995), com a expansão da evangelização e o aumento de igrejas por todo o Brasil, é relevante pensar que uma instituição no sudeste do Brasil não poderia concentrar a formação de todos aqueles que se dispunham a uma formação teológica.

---

[119] Shepard primeiramente esteve em Recife como missionário e depois da organização do CBB no Rio de Janeiro foi deslocado por Richmond para dirigir tanto o Colégio Batista como o novo Seminário.

Tognini, em entrevista, lança um comentário sobre essa concentração de forças num único lugar:

Então, aí começaram o seminário, o seminário Batista de Campos, o outro, um seminário, um seminário regional, isso foi uma morte para o Oliver, ele não queria, ele queria concentrar tudo ali, fazer um grande seminário como de Fourth Worth (ENTREVISTA CONCEDIDA POR TOGNINI À PESQUISADORA EM 10 DE DEZEMBRO DE 2010).

Essa afirmativa de Tognini aponta o centro da controvérsia: um modelo americano a ser implantado no Brasil. *Forth Worth* é uma pequena cidade próxima a Dallas, capital do Texas, e abriga um dos maiores seminários teológicos dos Estados Unidos, o *Southwestern Baptist Theological Seminary*[120]. Esse seminário no sul dos Estados Unidos representa uma força da Convenção das igrejas Batistas do Sul. As ideias de Oliver, declaradas por Tognini na entrevista, também confirmadas por Bryant, são importantes neste momento de análise. Tanto com Shepard, e depois com Oliver, que continuou seu trabalho, havia o grande ideal de organizar no Rio de Janeiro uma instituição semelhante à de *Forth Worth.* Se no Estado de São Paulo, igualmente localizado no sul do Brasil, inicia-se a ideia de organizar outro seminário, certamente, esse novo seminário se tornava uma aparente ameaça a essa centralização.

Nessa condição, não há nenhuma possibilidade de dialogar, o que contradiz o conceito de Freire (1987) sobre diálogo: avançar, não ter medo, sair da estagnação. Ainda Freire: “Não há também diálogo, se não há uma imensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de *ser mais,* que não é privilégio de alguns eleitos, mas direitos dos homens” (FREIRE, 1987, p. 81). Ainda que houvesse uma demanda no Estado de São Paulo, que representava para o Brasil um Estado em expansão financeira e social, a atitude de Oliver, ao reagir contra a criação de mais uma instituição, significa nas palavras de Freire, não

[120] O *Southwestern Baptist Theological Seminary*, instituição pertencente à *Baptist General Convention*, iniciou suas atividades ligada à Universidade de Baylor no ano de 1907. Como o passar dos anos acabou por se estabelecer na cidade de *Forth Worth*, no *Texas e* organizou muitos departamentos e cursos de pós- graduação tendo sido procurado por pessoas de todo o mundo. Mais informações no http://www.swbts.edu/ourhistory.

deixar o outro sonhar', não deixar o outro fazer, não deixar o outro refazer, *ser mais*. Tal atitude, para Freire, é característica de dominadores de pessoas autoritárias.

Bryant, quando chega à direção da FTBSP, também demonstra autoritarismo. Como já explicitado anteriormente, Bretones, então diretor da nova instituição em São Paulo, parece discordar de algo, de alguma formulação que não está descrita em relatórios e documentos. Bryant chama Bretones de 'socialista':

Depois do Enéas saiu da Convenção e o Lauro foi para o movimento socialista. De fato, depois eu descobri que o Lauro estava por trás daquele movimento de greve dos alunos, que tinham tendência socialista.[...] (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

Não se sabe se o diálogo foi procurado. Nos documentos pesquisados não foram encontradas informações sobre essa situação. Era como se esse problema não existisse. Tal assunto não tem registros, não está documentado. Como pesquisadora, há somente uma forma de compreender esse período, ler nas entrelinhas do discurso, da entrevista, o que foi relatado. Mas uma pergunta sempre ficará: Por que não há indicações nos relatórios?

O novo diretor encontrou a instituição com um problema, um movimento de alunos que ele denominou de 'greve'. Fica claro que Bryant não abriu o diálogo, não procurou saber das reivindicações dos chamados 'grevistas', demonstrando assim que não houve uma análise da situação. Toma uma posição rígida e chama a si a autoridade. O 'não diálogo' caracteriza posições de dominância e gera grande contradição. Na entrevista ele declara que:

fiz um anúncio que as aulas da Faculdade iam ser reiniciadas em tal dia, e os professores estariam em classe e eu também como diretor, e era bom que todo mundo soubesse que daqui em diante não haveria mais greve enquanto eu sou o diretor da Faculdade (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BRYANT AO PROF REGA NO ANO DE 1999).

Em toda a pesquisa, há uma única fala de Tognini quanto à problemática do afastamento de Bretones:

O Lauro foi prejudicado, ele começou entrar pelo modernismo, e não acreditava mais, eu quis até afastá-lo, o Lauro, da vice-direção do Colégio. Porque na minha ausência ele pregou uma mensagem

na igreja "não precisa orar não, não precisa orar não, Jesus já sabe, tudo". E aí ele perdeu o prestígio e começou a se envolver na faculdade, se tornou grande na faculdade [...] A faculdade da PUC! (ENTREVISTA CONCEDIDA POR TOGNINI À PESQUISADORA EM 10 DE DEZEMBRO DE 2010).

Como as atas do Colégio se perderam, não há como conhecer os reais motivos da saída de Bretones da vice-direção do colégio e nem da direção da faculdade. A faculdade ainda estava vinculada ao colégio pela mesma Junta administrativa e, assim, não há documentos para investigar essa questão. Essa afirmativa de Tognini faz uma ligação com a próxima discussão sobre formação de pastores ou de professores/acadêmicos.

A questão do diálogo ou não diálogo Brasil/Estados Unidos apresenta, dessa forma, nuances que foram destacadas como um problema a ser observado neste trabalho. Não há dúvidas sobre a dominância de americanos sobre brasileiros. A interpretação de Mendonça sobre a herança de um protestantismo guerreiro, que traz desdobramentos a uma teologia convercionista, evidencia dominância. Os americanos provenientes de um país mais desenvolvido, ao chegarem aqui impõem sua maneira de pensar missões e de agir na implantação do trabalho batista no Brasil. Talvez, os brasileiros se calassem diante da dominação, imbuídos de uma aceitação passiva das condições sociais, talvez, submissos às autoridades eclesiásticas de então, entendendo que estas se constituíam sobre eles a mando de Deus, o Pai. Seja de uma maneira ou de outra, tal problema é evidenciado.

PROBLEMA 2 - *FORMAÇÃO DE PASTORES OU PROFESSORES-ACADÊMICOS?*

Caracterização

As instituições chamadas de seminários ou de faculdades de Teologia entre os batistas foram criadas para formar pastores, ministros, missionários. Na FTBSP, a realidade é a mesma e a comprovação disso se encontra nos documentos pesquisados. As expressões "preparação de pregadores", "formação de pastores", "casa de profetas" foram algumas das expressões encontradas.

Para escolha dos docentes da instituição em estudo, eram selecionados egressos que mais se destacavam nos estudos, e esses eram convidados a lecionar 'a' ou 'as' disciplinas em que apresentavam maior interesse. Essa iniciativa, ou prática, leva a instituição a alcançar outro objetivo, a formação de futuros professores. Tal verdade encaminha a discussão à outra questão: Que espaço a instituição oferece para formação de acadêmicos, pesquisadores, estudiosos? O uso do termo professor-acadêmico será usado nesse momento para caracterizar a formação dos que não somente buscam conhecimento para o desenvolvimento de um ministério pastoral ou missionário, mas também almejam desenvolver projetos acadêmicos.

A Faculdade Teológica Batista de São Paulo, em seu início, tenta quebrar com o perfil de formação, até então presente entre batistas, ou seja, traz a proposta de criar uma faculdade e não um seminário. Entretanto, o que permanece até o final do século, e é possível afirmar que até os dias de hoje, é este conflito: Formam-se somente pastores, ministros [121]? Não é objeto dessa pesquisa a discussão quanto à profissionalização de teólogo, ainda que se encontrem diversos projetos de Lei tramitando nos órgãos públicos[122]. O termo acadêmico foi escolhido por julgar-se ser essa questão que aparece na análise dos documentos pesquisados, bem como nas falas dos entrevistados, qual seja, o conflito entre estabelecer como objetivo da instituição somente a formação de pastores, ministros ou também a formação de professores-acadêmicos. As questões, formador e formado, forma e conteúdo entram em roda de conflitos quando se pensa em 'quem forma quem' e 'o quê'. Tal discussão de longa data, como observado na pesquisa, ganha intensidade com a oficialização dos cursos de Teologia.

---

[121] Há uma discussão hoje ao redor da profissionalização do teólogo. Maspoli (2007, p. 47) coloca que até o ano de 1999, o exercício da profissão do teólogo estava vinculado à sua atuação junto a comunidades eclesiásticas e ligado estreitamente à vocação pastoral. Na tradição brasileira, ela se confunde com a "vocação religiosa". Hoje, a profissão de teólogo apresenta-se 'em construção".

[122] Para mais informações vide artigo de Dr. Lourenço Stelio Rega em http://teologiaarainhadasciencias.blogspot.com.br/2012/01/contra-o-cft-conselho-federal-de.html (acesso em 17/09/2012).

Tentativa de análise

Como herdeira do pensamento pietista, a denominação batista desenvolve grandes empreendimentos na tarefa de evangelização, que dá origem ao pensamento da teologia conversionista, notadamente um combate ao catolicismo. Essa atitude anticatólica pautou também a formação dos seminários no início do século XX. Para dar conta de tão grande empreendimento salvacionista, com forte ênfase em trabalhos de evangelização, seria necessário formar pessoas dispostas a serem 'pastores evangelistas', especialmente. Nos relatos históricos, foram encontrados apelos para que as missões estrangeiras mandassem mais professores para seminários, a fim de atuarem na formação de mais pastores brasileiros[123], pois o crescimento das igrejas batistas era grande.

Ao aprofundar o conceito de Teologia conversionista, foi encontrado, em Azevedo (2004) que o anticatolicismo, não somente combatia a fé católica (como exemplo a crença nos santos, a autoridade papal, entre outras), mas trazia também, num aspecto mais social, a figura do missionário como aquele que vindo de um país mais desenvolvido, mais educado e possuidor de uma boa formação, aparentava uma superioridade em relação ao brasileiro. No Brasil, o analfabetismo alcançava altas porcentagens na população e, exibia, no início do século XIX, um quadro de país, ainda que independente de Portugal, com características de colônia e, em muitos sentidos, dependente de outras nações. Os protestantes que aqui chegam encontram esse quadro de país atrasado, pobre e católico que, segundo Azevedo (2004, p. 171), desperta no estrangeiro um espírito de combate à religião dominante, o catolicismo, que representava esse quadro social. "O missionário protestante, por sua vez, representava o "progresso" vindo da "emergente potência dos Estados Unidos". Dessa forma, diversas estratégias de um povo culturalmente e socialmente superior foram utilizadas para evangelizar um povo culturalmente e socialmente inferior. Azevedo fala sobre as "variadas" formas nas estratégias evangelizadoras, como:

> distribuição de Bíblias, embora o povo fosse analfabeto; abertura de escolas anexas, já que o povo era analfabeto; abertura de colégios de elite, para

[123] Azevedo (2004, p. 196) informa que no ano de 1940, a população batista cresceu 5,6%; no ano de 1950, 7,1%; no ano de 1960, 5,0%; no ano de 1970, 6,4 % e em 1980, 6,1 %. Essas porcentagens demonstram que a ênfase na evangelização entre 1940 e 1980 é forte. No ano de 1990, a porcentagem cai para 2,9.

> alcançar a classe média e demonstrar a eficiência de seu método pedagógico; e, principalmente, pregação direta, pessoa a pessoa e a grupos (AZEVEDO, 2004, p. 171).

A teologia conversionista traz a ideia de que "convertendo-se os indivíduos, a sociedade toda acabará se convertendo e mudando para melhor." Daí ser considerada a necessidade de uma conversão individual porque "o grande responsável pelos males e injustiças é o pecado individual" (MENDONÇA E VELASQUES FILHO, 1990, p. 56). Nessa teologia só há condições de melhoria de vida se a pessoa se converter, e os batistas no Brasil são tributários dessa visão salvacionista. "Os primeiros (e porque não dizer, todos os) missionários designados para América do Sul vieram para salvar o continente, que era considerado pagão, já que estava catolicizado, mas não cristianizado" (AZEVEDO, 2004, p. 13).

Nesse empreendimento evangelístico não 'sobra tempo' para outros empreendimentos. Na leitura dos exemplares do jornal Batista Paulistano, foram observados muitos artigos sobre as atividades de evangelização no Estado de São Paulo, nas décadas de 1940 e 1950. Notícias sobre os missionários, sobre a fundação de igrejas, convocação para orações intercessoras, a favor das atividades evangelísticas, foram encontradas em abundância. Muitos 'ritos' [124]surgiram com esse pensamento entre os próprios protestantes, notadamente entre os batistas[125].

Silva[126] (2010, p. 144) defende a ideia de que a Educação Teológica das instituições ligadas às igrejas da missão estava profundamente arraigada no movimento pietista, em que "a prática da fé voltada para o estudo da Bíblia, marcada por ações devocionais de cunho pessoal" era patente no ensino. Tais práticas devocionais caracterizaram também a prática pastoral. A devoção pessoal e o

---

[124] Para definir Rito uso o conceito de Croato: "Rito é uma norma que guia o desenvolvimento de uma ação sacra" (CROATO, 2001, p. 330).

[125] Como rito pode-se exemplificar que nos cultos dominicais das igrejas batistas ainda é tradição em muitas comunidades o culto da manhã ser dedicado à formação doutrinária de seus membros, enquanto que os cultos à noite são reservados para as mensagens evangelísticas. Ações de cunho mais social foram menos dirigidas nos anos iniciais. Como ritos, foram criadas datas comemorativas às atividades de Missões mundiais, nacionais e regionais, com o objetivo de levantar ofertas aos missionários. Tais datas comemoradas até hoje despertam muita comoção nos cultos.

[126] Silva, ao analisar a influência pietista na formação pastoral, escolhe para sua análise 3 instituições de denominação presbiteriana, metodista e uma batista. A instituição batista escolhida foi o STBSB, por ser esta a mais antiga instituição e que teve como primeiro diretor, Shepard, que também era diretor do CBB.

individualismo provocaram o que o autor chama de “elemento inibidor”, não permitindo que desenvolvessem mais projetos para “as massas”, como era a “prática pastoral da Igreja Católica.”

Duduch (2001) apresenta uma discussão sobre a Educação Teológica, enfatizando a construção dos quadros para as instituições batistas de Teologia e, defende a ideia de que os cursos de teologia reforçam a manutenção dos sistemas instituídos.

> O perfil dos pastores egressos das instituições educacionais superiores batistas, sob a tutela das Juntas Educacionais ligadas à estrutura burocrática das convenções dos estados, atende à continuação do padrão e diretrizes iniciais, formando uma matriz com forte ênfase em uma ortodoxia bíblica fundamentalista, reproduzida aos membros das igrejas locais, cumpre-se assim um ciclo de manutenção de seu modelo, cristalizado em vários aspectos, porém realizando a função também de manutenção da identidade batista. A cristalização não se dá propriamente pela manutenção dos currículos e conteúdos dos cursos teológicos, mas pela manutenção do pensamento a respeito do fim e da natureza do ministério pastoral, da igreja e, de forma mais profunda, da razão da existência do homem e de seu relacionamento com Deus, que são repassados aos currículos (DUDUCH, 2001, p. 110).

A cristalização a que se refere Duduch vai além da construção do formado e do formador e da forma e conteúdo. Não implica somente uma discussão a respeito de currículos e do que se ensina, mas da manutenção da burocracia batista, que segundo o autor, afastou-se da realidade da vida das igrejas e das pessoas que a ela se agregam. A necessidade de formar líderes que dessem continuidade a esse modelo estabelecido foi o que aconteceu no início do século XX e, segundo Duduch, continua até hoje.

Estaria sendo atingido o objetivo de formar pessoas para o ministério pastoral, principalmente com a tarefa de evangelizar? A FTBSP, em seu primeiro momento de existência, estabelece no documento elaborado por Tognini e Bretones - ESTUDOS PARA O LANÇAMENTO DA FACULDADE DE TEOLOGIA DO CBB – os seguintes objetivos:

> a) preparar obreiros para a causa de Cristo; b) desenvolver os estudos teológicos; c) defender e ensinar uma teologia cristocênctrica; Para isso tomaremos a Bíblia seriamente; d) ensinar uma teologia aplicável às necessidades humanas, fiel à Verdade Divina revelada. Uma teologia

> dinâmica e profética, uma teologia ligada à corrente da existência (TRECHO DA ATA 164 DA SESSÃO REGULAR DA JUNTA ADMIISTRATIVA DO COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO, ANEXO 3).

Um dos objetivos da faculdade é preparar 'obreiros' para a causa de Cristo[127] e, assim, inicia suas atividades educacionais, ainda que tivesse contra si, a liderança do STBSB e boa parte da liderança batista. Seguindo tal diretriz, Bretones profere um discurso na abertura das aulas do ano de 1959, com palavras que evidenciam uma visão mais ampla de formação, destacando quatro pontos: 1) Nossos fundamentos teológicos e bíblicos, 2) O estudo do homem ao qual dirigimos nossa mensagem, 3) O estudo do contexto social no qual vivemos e 4) As atividades devocionais. Destaca-se o 3º ponto - O estudo do contexto social no qual vivemos. Tal destaque se dá por compreender que os conceitos trazidos por Bretones são de um homem à frente de seu tempo, no que se refere ao universo batista. Abaixo a descrição do 3º ponto:

> Temos de levar em conta não só o estudo das estruturas de que se compõem a sociedade – sua natureza, suas funções e suas limitações – mas também o estudo das rápidas transformações porque passa a sociedade [...]. O que pretendemos, como Faculdade de Teologia, como discípulos e cristãos, é fazer do Reino de Deus, do nosso mundo, um mundo só. Mas o nosso mundo ainda é um conglomerado de estruturas sociais, em rápidas transformações. Nós ainda em parte estamos divorciados do mundo, como se vivêssemos em outro mundo. O sentido disto não está tanto em suas consequências sociológicas, éticas, políticas ou mesmo em seus aspectos teológicos, mas especialmente na sugestão de que o preparo teológico está diretamente ligado com a ação cristã da sociedade. Isso importa em que devemos proceder a um complexo exame do que significa educação teológica, no mundo moderno. Parece que temos esquecido que a teologia é uma crítica e uma interpretação da vida à luz do Evangelho. Em nossos currículos incluímos a ética como disciplina a qual estão especialmente ligados esses estudos. Contudo, outras disciplinas oferecem contribuições subsidiárias apreciáveis. O problema fundamental da educação teológica é o de encontrar um lugar para a teologia na sociedade em cujo seio se processam enormes revoluções sociais. Temos de reexaminar todos os nossos conceitos de homem, da liberdade, justiça e, ordem à luz da Revelação divina em Jesus Cristo. Isso é especialmente urgente em nosso país, cuja vida social, política e econômica está passando por rápidas transformações. É necessário que não só nos coloquemos no grupo que acompanha essas transformações, mas na linha de vanguarda. Temos que fazer tudo para evitar que nossa comunidade de estudos se torne mais um gueto eclesiástico dominado pela mentalidade de gueto (BATISTA PAULISTANO, JUNHO DE 1959, nº 5 e 6, p. 1).

---

[127] Até hoje esse é um dos objetivos colocados em seu Projeto pedagógico, aprovado pelo MEC, que expressa o mesmo objetivo com algumas ampliações: "Formar Bacharel em Teologia apto a exercer ministérios no pastorado, ministérios transculturais, a evangelização e o ministério religioso, em áreas específicas para o serviço das Igrejas e comunidades, além de professor para as instituições de ensino teológico e ministerial" (PROJETO PEDAGÓGICO DA FTBSP).

O que surpreende nesse trecho é a atualidade dos termos: “estruturas de que se compõem a sociedade”; “rápidas transformações”; “divorciados do mundo”; “o sentido disto”; “o preparo teológico está diretamente ligado com a ação cristã da sociedade”; “complexo exame do que significa educação teológica, no mundo moderno”; “reexaminar todos os nossos contextos de homem, da liberdade, justiça e ordem”; “linha de vanguarda”. Se esse discurso fosse ouvido nos dias de hoje, poderia-se afirmar que quem o pronunciou é conterrâneo. Bretones, nesse discurso, parece chamar a liderança da denominação a que observe o homem em seu contexto social, buscando oferecer não somente um receituário de lições religiosas, mas uma verdadeira atenção às suas lutas e a seus dilemas pessoais e sociais. Estaria o curso de então preparando seus futuros líderes ao atendimento das necessidades mais imediatas, da atual sociedade? Ou estaria simplesmente se tornando uma continuadora da manutenção do *status quo*, do universo denominacional?

A frase final de Bretones é quase um grito: “para evitar que nossa comunidade de estudos se torne mais um gueto eclesiástico”. Parece haver nessas palavras uma indignação e uma discordância em alta conta. Para quê mais uma instituição que forme pessoas que não voltam seu olhar para o ser humano e para condições reais da sociedade em que está envolvida?

Esse tom de inovação e de questionamento em Bretones talvez seja uma das razões de Tognini afirmar que *ele perdeu o prestígio e começou a se envolver na faculdade, se tornou grande na faculdade [...] A faculdade da PUC!* (ENTREVISTA CONCEDIDA POR TOGNINI À PESQUISADORA EM 10 DE DEZEMBRO DE 2010). Não há como afirmar se ele foi influenciado ou não por ideias progressivas na universidade que frequentava, mas não há como negar que suas palavras incomodaram. Seria o prenúncio das mudanças que antecederam os anos 60? Joaquim Ferreira dos Santos (2008) afirma que “Nunca aconteceu nada tão bom neste século com o ano de 1958”. Em sua obra, apologiza que o ano de 1958 foi extraordinariamente cheio de grandes eventos que marcaram e mudaram diversos

rumos no Brasil[128]. A história do Brasil aponta que o final dos anos 50 e início dos anos 60 foi palco de muitos “gritos”, principalmente depois de 64.

O primeiro objetivo institucional era o de formar obreiros para causa de Cristo, não desvinculada da grande herança trazida pelos pioneiros, mas, no decorrer dos anos, a instituição não conseguiu ampliar o olhar, manteve-se a manutenção de uma visão essencialmente salvacionista.

Ao ler o segundo objetivo, ‘desenvolver os estudos teológicos’, a questão que vêm à mente é: estariam implicadas referências ao desenvolvimento de estudos que trazem cientificidade ao campo da Teologia? Acredita-se que em 1957 pouco se falava ou se pensava sobre isso. Mas nesse ‘pouco’, são encontrados alguns indícios de que a direção, na pessoa de Bretones como seu diretor, procurou desenvolver atividades acadêmicas em seu início, ou seja, esse objetivo estava presente.

Notadamente havia um ‘espírito acadêmico’ no início das atividades da instituição expressas na realização de algumas palestras. No ano de 1959, depois de um discurso provocador e entusiasmado com o novo prédio para onde mudaram (a casa do diretor do CBB, Silas Botelho), foram organizados dois cursos especiais: *Psicologia e religião,* que foi ministrado por. Odon Ramos Maranhão, psiquiatra e professor da USP, e *A Sociologia a serviço do cristianismo,* ministrado por John Tumblin Jr., professor de Filosofia e Sociologia do Seminário Batista do Recife. Esses cursos tiveram grande repercussão, pois foram distribuídos perto de 100 certificados, como consta no relatório à mantenedora. Percebe-se também uma aproximação com outras áreas do saber, como a psicologia e a sociologia, caracterizando uma interface com as ciências sociais. Outro curso, chamado *Preparação para o casamento,* teve a duração de sete semanas, com aulas aos sábados à tarde, o que caracterizaria nos dias de hoje as atividades extensionistas. Quando a faculdade hospeda o *5º encontro de estudantes de Teologia,* com três dias de programação com estudantes de outras denominações, e até pessoas de fora do Brasil, demonstra desejo de compartilhar conhecimento e experiências com

[128] Para mais informações vide: Santos, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958. O ano que não devia terminar*. Rio de Janeiro : Record, 2008.

seus pares, como é natural em Congressos. Como diretor, Bretones foi quem provavelmente organizou tais atividades. Estaria ele ‘desviando’ a instituição de sua proposta inicial? Teriam sido ações desaprovadoras? Tanto Bryant como Tognini fazem comentários desaprovadores de suas ações nas entrevistas: Bryant cunhou as atividades quanto à greve dos alunos de ‘socialista’ e atribui a Bretones seu comando; Tognini menciona que desejava desligar Bretones das posições de vice-diretor do CBB e diretor da faculdade e faz criticas às suas posições doutrinárias afirmadas em seus sermões.

Parece se estabelecer um conflito entre formação pastoral e formação acadêmica nesse momento. Trazer palestras que versavam sobre os temas da Psicologia, da Religião, da Sociologia pareceram ameaçadores ao conservadorismo “salvacionista”. Nota-se nas ações de Bretones como diretor uma preocupação quanto a um olhar para a sociedade e para a própria comunidade evangélica. Há um tom progressivo nessas ações educacionais. Por outro lado, percebe-se que parte da liderança denominacional esperava uma formação essencialmente voltada para a tarefa de evangelização, presente no discurso salvacionista, revelando uma ausência de consciência de mundo, pouco voltada para o sujeito, para o humano.

Para o ingresso em cursos de teologia batistas, desde há muito consta a exigência de uma declaração, por parte dos candidatos, do “chamado” especial de Deus para o exercício do ministério, e também uma carta de recomendação do pastor da igreja a qual esteja vinculado, além é claro da conclusão do ensino médio. Nessa carta, o pastor se torna responsável pelo acompanhamento da vida estudantil do seminarista. Na instituição em estudo, até o ano de 2010, nessa carta, havia um item no qual o pastor se comprometia também com auxílio financeiro ao aluno, caso ele viesse a faltar com esse tipo de compromisso. A exigência dessa carta reforça a ideia de que o aluno é uma ‘responsabilidade’ do pastor/igreja. A exigência dessa carta caracteriza certo controle, que estaria vinculado ao que Duduch (2001) chama de manutenção do sistema, qual seja, uma necessidade de controlar quem ‘entra’ na instituição.

Nesse sentido, cabe a pergunta: Como lidar com aqueles que chegam à instituição e não desejam a atividade ministerial? Desse questionamento surge outra

pergunta: Por quais motivos as pessoas procuram cursos de Teologia? Gonzalez (2012, p. 63) recorda que no "despertar intelectual do século XII", muitos foram atraídos à Abadia de São Vitor em Paris "interessados nos estudos teológicos, não tanto para servir como ministros ou pastores, mas sim para seu próprio desenvolvimento espiritual e intelectual"[129]. Parece que o século XII tem algo a dizer, qual seja, há outros motivos para se procurar um curso de Teologia que não seja somente pela vocação ao ministério. Que razões levam pessoas a procurar um curso de Teologia? Maspoli (2007, p. 31) novamente pode ajudar a compreender essa problemática ao escrever sobre o conceito de 'mercado de trabalho' e as 'habilidades necessárias ao teólogo'. Ele lista sete habilidades[130] sobre o 'fazer teológico' dizendo que o teólogo possui a "capacidade para analisar os contextos que atuam na produção de um determinado evento histórico ou social, isto é, as variáveis históricas e sociais, econômicas, religiosas etc., que concorrem para a consecução de um fato social". Com isso ele quer dizer que o teólogo "analisa o tecido social de um lugar privilegiado posto que se utiliza de uma cosmovisão que serve de sustentação para a cultura ocidental desde as suas origens" (2007, p. 31). Entre as qualidades apontadas, destaca-se a afirmação quando diz que

> Procuram-se teólogos que compartilhem a precariedade da condição e das certezas humanas, a fragilidade da sociedade na qual estão inseridos, a luta do dia a dia para conseguir o pão e a alegria de descobrir junto com os outros um pouco da luz que lhes ilumina o caminho da fé, da esperança e do amor (MASPOLI, 2007, p.33).

E, ainda

> ... o teólogo precisa ser capaz de resolver os problemas concretos numa situação real [...] apontar soluções para problemas concretos não só no âmbito da ciência teológica, mas no curso da própria existência humana que acontece numa comunidade, numa família, na escola, na igreja, na empresa, nas organizações não governamentais, na sociedade de um modo geral (MASPOLI, 2007, p.39).

O texto de Maspoli não contempla uma ou outra denominação, mas faz perceber a dicotomia que se estabelece quando as contradições pedem do líder pastoral uma abertura para os conflitos do ser humano. Afirma também que o teólogo tem sido compreendido como aquele que desempenha a função pastoral

---

[129] É preciso lembrar que somente as elites tinham acesso a esse tipo de educação superior.

[130] Maspoli usa o texto *Teologia e profissionalização do teólogo como profissional*, de Jean Bartoli do qual retira seus comentários sobre as categorias. Maspoli, 2007, p., 65 a 67.

junto às igrejas e alerta para que se pense em outras funções sociais para o teólogo hoje. Tal argumento escrito no ano de 2007 parece coadunar com as afirmativas do discurso de Bretones em 1959.

Se a teologia não está somente a serviço da formação de ministros para as igrejas, não há razão para que dentre os egressos, exercendo ou não atividades eclesiásticas, não haja 'espaço' para alguns se tornarem somente acadêmicos. Tais egressos poderiam aprofundar estudos, pesquisas, produções acadêmicas, com a finalidade do atendimento a situações concretas da sociedade. Dessa forma, poderiam apontar soluções para as comunidades e, dependendo de cada situação, também expressar seu papel pastoral.

Em minha experiência posso afirmar que na história da instituição em estudo não encontro no acervo da biblioteca produções que desenvolvam pesquisas chamadas de 'campo' que estejam mais voltadas à realidade. Pelo contrário, os temas teológicos, as discussões bíblicas e de teologia sistemática preenchem praticamente todos os temas expostos em formatos de dissertações de mestrado (quando ainda havia o mestrado livre) e os trabalhos de TCC. Vejo que a preocupação com a produção é ainda muito 'bibliográfica', pouco voltada à realidade, ao que sente, pensa e vive a igreja. Desconheço também estudos sobre o "estado da arte", com base nos acervos das bibliotecas das instituições batistas. Assim, "o "modelo bíblico" da igreja e os princípios que as regem se tornam o referencial para suas instituições" (DUDUCH, 2001, p.113). Há um afastamento do social, que por seu turno representa uma preocupação muito voltada para conhecimentos teológicos desvinculados da realidade. Há pouca produção sobre o 'chão' das igrejas das realidades da denominação. Talvez seja a falta de coragem de falar sobre o assunto. "O não acompanhamento dos movimentos da sociedade pela Igreja tem como consequência mais comum o seu distanciamento e a falta de um sentimento de pertença social" (DUDUCH, 2001, p. 112).

De uma maneira geral, em relação ao desenvolvimento de produção de literatura entre os batistas, existe um bom acervo, como descreve Azevedo

(2004)[131]. Entretanto, um perfil mais acadêmico poderia ter sido desenvolvido nos cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado, que algumas instituições sustentaram até os anos de 2009/2010[132], ainda que em formato livre.

Fica claro ainda que os batistas amargam até hoje sua impossibilidade de sair do estereótipo formação pastoral e formação acadêmica. Numa pequena diferença de espaço temporal, as denominações Batista, Metodista e Presbiteriana iniciam atividades educacionais, tanto em escolas de formação básica quanto de Teologia. Quanto à Educação Superior, os batistas não se desenvolveram. Os Metodistas e Presbiterianos tomam a liderança ao criar[133] o que hoje é a Universidade Presbiteriana Mackenzie e as Universidades Metodista de Piracicaba e São Bernardo. Mendonça (1995, p. 33) menciona em sua pesquisa que as igrejas presbiterianas e metodistas cresceram numericamente menos que as Batistas, entretanto, na educação são grandes exemplos a seguir.

Duduch (2001), em sua crítica ao sistema batista de manutenção da denominação e a 'contribuição' que as faculdades de Teologia dão a essa manutenção em detrimento da realidade, afirma que:

> Forma e essência são confundidas, fazendo com que a não revisão de valores despreze os movimentos internos da Igreja Batista e os movimentos da sociedade. Pode-se perguntar, a título de exemplo, quais os grandes temas sociais com que a igreja evangélica tem se preocupado na atualidade, e quais as formas de expressão desta preocupação. O que se ensina, debate e escreve, e quais são os projetos decorrentes de tudo isto? Qual a pertinência dos projetos existentes com as reais necessidades das igrejas? [...] No currículo da educação teológica superior faltam os conteúdos necessários de aproximação da sociedade e dos sistemas que a compõem. Essa sociedade contém a sua "clientela", que são os futuros conversos, e aí

---

[131] Para mais informações vide cap 5 e 6 de AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo. A formação do pensamento Batista brasileiro*. São Paulo : Vida Nova, 2004, mais especificamente das p.197 a 211.

[132] Diversas instituições batistas mantiveram cursos de Mestrado e Doutorado até o ano de 2009/2010. No ano de 2009, o STBNB recebeu uma notificação do Ministério Público por meio do Ofício 2699/2009 e do Ofício2703/2009 proibindo o uso do termo "cursos de bacharelado, mestrado e doutorado em Teologia" e da oferta de tais cursos, afirmando que a oferta de curso superior depende do ato autorizativo do Poder Público e que a oferta irregular se apresenta como irregularidade administrativa. Esse acontecimento fez com que diversas instituições fechassem os cursos de Mestrado e Doutorado.

[133] Observa-se somente instituições do Estado de São Paulo.

> está centrada sua atuação enquanto igreja que possui uma missão e mensagem específica (DUDUCH, 2001, 112).

A discussão que Duduch (2001) traz é pertinente. Se a denominação batista, representada nessa discussão por suas instituições de ensino teológico, historicamente afastou-se das discussões sociais, como poderia atender à demanda da sociedade presente? Maspoli corrobora com essa ideia ao afirmar que

> No Brasil, as igrejas cristãs adotaram um modelo próprio para a formação de seus quadros em Seminários e Institutos Teológicos longe do reconhecimento oficial. Esse modelo adotado resultou numa formação teológica endógena, voltada para reprodução de conhecimentos, no mais das vezes, importado, de caráter etnocêntrico, para atender os interesses da Igreja, e não aqueles interesses da sociedade voltados para a formação de uma identidade teológica com perfil adequado às necessidades das comunidades locais (MASPOLI, 2007, p. 57).

Há semelhanças no pensamento desses autores. Os cursos de bacharel em Teologia de uma maneira geral[134] falham em não oferecer ao aluno uma visão mais ampliada de mundo. Nessa perspectiva mais ampliada[135] está inserido um olhar para a compreensão do ser humano e suas demandas; uma maior compreensão do contexto social, político, econômico que vise levar as comunidades para fora de seus muros, quase guetos eclesiais; uma maior compreensão do mundo da pesquisa onde o pesquisador se volte para o social a fim de compreender os inúmeros fenômenos sociais, psicológicos e movimentos históricos que caracterizam o homem contemporâneo, buscando apontar soluções. Para isso, é necessário um corpo docente preparado, não somente com um saber teológico, mas de curiosidade investigativa.

Quanto à presença de professores com formação pós-graduada em instituições batistas, percebe-se que na criação da FTBSP, Tognini não teve no quadro de professores missionários americanos como no STBSB, que geralmente

---

[134] Tenho analisado em nossa instituição diversos documentos de Histórico Escolar de alunos transferidos de outras faculdades para o processo de Integralização de créditos conforme o **Parecer** CNE/CES 63/2004, e encontro em alguns desses documentos uma pequena porcentagem de disciplinas que visem a uma formação mais voltada para a compreensão do ser humano, do social.

[135] O entendimento sobre uma visão 'mais ampliada' se refere ao processo de conhecimento do homem auxiliado pelas ciências sociais em disciplinas que contemplem aspectos da Sociologia, da Psicologia, da Antropologia, da Filosofia.

vinham ao Brasil com estudos pós-graduados. Entretanto, afirma que tinha um corpo docente de primeira:

Quem selecionou os professores aqui em São Paulo, fui eu, eu comecei chamar os professores, os especialistas. Rubem Lopes ficou como professor de Homilética, ele gostava da coisa. Frederico Vitols ficou como professor de Velho Testamento. Tadeu Martins, ficou professor de Hebraico [...] Então eu convoquei os professores que havia muitos professores aqui em São Paulo, pessoas capacitadas... [...] *Eu tive ai mais ou menos 20 professores que eram a nata do Batista aqui de São Paulo (ENTREVISTA CONCEDIDA POR TOGNINI À PESQUISADORA EM 10 DE DEZEMBRO DE 2010).*

Não há documentos que relatem sobre as titulações desses primeiros professores, mas, Tognini procurou os mais capacitados e não havia naquela época a exigência de habilitação. Dentre esses professores, Bryant foi o primeiro americano com formação pós-graduada que chegou para dar aulas na novata instituição e, mais tarde, assumiu a direção em 1960. Logo no início de sua gestão, diversos missionários americanos com formação especializada assumiram disciplinas, conforme relato em entrevistas:

No ano 1969, fui convidado substituir o missionário Glenn Ogren, que na época era o diretor do Instituto Bíblico Batista de São Paulo [...] ***Os diretores da FTB então me convidaram a ser professor*** *e, nesta oportunidade servi por 18 anos. (ENTREVISTA CONCEDIDA POR KARL LACHLER À PESQUISADORA POR EMAIL NO DIA 01/02/2012).*

... eu estava em entendimentos com os meus colegas da minha Missão, sobre a possibilidade de ser professor ministro num curso bíblico que os meus colegas estavam planejando em estabelecer em São José do Rio Preto, mas aquele plano não se realizou. E essa decisão de não fazer aquele estudo eu fiz contato com o ***Dr. Thurman Bryant e ele me entrevistou e me convidou para fazer parte da Faculdade*** *(ENTREVISTA CONCEDIDA POR NILS FRIBERG À PESQUISADORA POR SKYPE NO DIA 25/02/2012).*

Além de receber missionários atuando como professores, Bryant estimulou e ajudou professores brasileiros a buscarem cursos no exterior, como é o caso de Silas Costa e Bertoldo Gatz.

... sobre a influência do Dr. Bryant, ele conseguiu a bolsa de estudo lá no Southwestern. Eu fui pra lá para estudar o Antigo Testamento, especialmente arqueologia (ENTREVISTA CONCEDIDA POR SILAS COSTA À PESQUISADORA EM 24/05/2012)

a conselho do Dr. Bryant eu fui para os Estados Unidos estudar [...]Foi ele que arrumou voo para ir tudo [...] A Missão do Sul é... pagou bolsa pra mim, pra minha esposa e nós estudamos primeiramente no Seminário do Sul do Southwestern, por quatro anos depois nós fomos para Baylor University, mais dois anos. Aí nós voltamos. (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BERTOLDO GATZ A PESQUISADORA EM 17/11/2012)

Hoje, o perfil para o professor de Teologia é diferente, exige-se habilitação. O ensino superior no Brasil exige também do professor universitário a compreensão das três ênfases que sustentam os cursos superiores: ensino, pesquisa e extensão. Parece que quando se fala em curso superior de Teologia, essas três ênfases não se fazem presentes no preparo daquele que seguirá carreira ministerial tanto quanto o que seguirá a carreira acadêmica. Encontro certa preocupação por parte de Bretones e também de Bryant, resguardadas as condições da época. Mas, ao longo da história, em algum momento, isso se perdeu como veremos na próxima problematização quando há uma forte reação contra a oficialização. Muitas poderiam ser as razões de tal distanciamento. Talvez a deficiência possa estar na real compreensão das igrejas e da denominação, para a necessidade de analisar e perceber o que está acontecendo no contexto, quais os eventos que marcam determinadas épocas na perspectiva histórica, social, econômica, religiosa, buscando olhar ao redor e abrindo-se para o novo, a fim de avançar para o futuro, parafraseando as palavras de Maspoli (2008, p.39). A oficialização dos cursos de Teologia é real. Ou as instituições a buscam ou os egressos não poderão ser admitidos como pessoas que possuem um curso superior no Brasil. Com a oficialização chega a necessidade de habilitação. Essa habilitação traz o espírito da cientificidade, da pesquisa, da investigação que provoca desconforto em algumas lideranças batistas. A inter-relação entre formação ministerial e academicismo é possível, basta que se ampliem alguns conceitos. A questão da oficialização ou não de cursos de bacharel em Teologia será discutida no próximo problema.

PROBLEMA 3 - *OFICIALIZAÇÃO OU CURSOS LIVRES?*

Caracterização

A FTBSP desde seu início faz movimentos em direção ao reconhecimento do curso de Teologia. O primeiro, ainda que não tenha uma data específica, deu-se no início de suas atividades, onde foi elaborado um documento e entregue ao então diretor, assinado por 23 alunos. Em 1970, no relatório da Junta de Educação Teológica - JET – é escrita a frase: "A oficialização e reconhecimento de nossa faculdade têm nos preocupado por vários anos". Nesse relatório a JET pede a Bryant que faça adequações curriculares para oferecer aos egressos do curso de Teologia o acesso ao Decreto 1051/69. Por meio desse Decreto os alunos poderiam ter um diploma reconhecido pela 'Complementação de estudos' que Faculdades de Filosofia Ciências e Letras ofereciam àquele tempo. O Decreto 1051/69 foi uma solução temporal, que foi 'aproveitada' por poucos. É possível concluir que a baixa procura por essa complementação se deva ao fato de que os que buscavam o curso de Teologia tinham como objetivo somente a formação ministerial. Ao final do 4º ano de estudos, os alunos se colocavam à disposição das igrejas e agências missionárias para que pudessem exercer atividades ministeriais junto a essas instituições. Da mesma forma, os egressos eram convidados a lecionar na própria instituição que haviam estudado, sendo o bacharelado considerado suficiente para exercer atividades como professores. Em diversos casos, tais egressos exerciam também funções como pastores e dedicavam uma ou duas noites por semana ao magistério.

No ano de 2005, finalmente a mantenedora é credenciada[136] e a Faculdade Teológica Batista de São Paulo obtém a autorização para o funcionamento do curso de bacharel em Teologia por meio da publicação da Portaria 1719, de 19 de maio de 2005, no Diário oficial da União. Dessa forma, está oficialmente habilitada para

[136] Lembro ao leitor que o processo de oficialização de um curso superior no Brasil passa por duas etapas distintas: O primeiro é o pedido de credenciamento da mantenedora (na instituição estudada é o CBA) e da autorização de funcionamento de um curso de graduação. Após algum tempo é realizada a visita *in locum* e ao aceite dessa primeira etapa, segue se a segunda que é o pedido de reconhecimento de curso, que também é avaliado *in locum.*

iniciar a oferta de cursos oficializados. O reconhecimento chegou no ano de 2010, por intermédio da Portaria 2056/2010.

Na FTBSP, a possibilidade de atuar como uma instituição vinculada ao Governo Federal apresentou-se para alguns segmentos denominacionais, no Estado de São Paulo, como uma ameaça ao pensamento batista. O que se percebeu e ainda se percebe, por parte da atual direção da faculdade, é a necessidade de dar inúmeras 'explicações' em reuniões, relatórios, atas, anais, 'garantindo' à denominação que não há 'riscos' de tornar a instituição secularizada por influência, tanto das exigências para o reconhecimento quanto para a habilitação de professores realizada em universidades evangélicas com linhas doutrinárias contrárias às doutrinas batistas, ou em Universidades não evangélicas. O medo da secularização era e posso afirmar que ainda é grande.

Entretanto, esta tese vem desvelar alguns impasses nesse segundo momento de contradições que decorreram da oficialização do curso de bacharel em Teologia.

Tentativa de análise

O documento que registra o primeiro movimento, em busca da oficialização do curso de bacharel em teologia, na instituição em estudo, possui uma linguagem que impressiona pela construção da argumentação muito bem-escrita e entregue ao então diretor Bryant, assinado pelos 23 alunos matriculados. Defender a oficialização de um curso de Teologia no início dos anos 60 era algo inédito entre os protestantes e, ainda mais entre os batistas, considerados conservadores. Esse documento trazia uma preocupação quanto à preparação para uma atividade pastoral mais próxima dos problemas "mais sérios do mundo". Outro argumento se refere à própria tutela do governo sobre uma instituição educativa, assinalando que esta teria maior cuidado e responsabilidade, o que acarretaria uma "autovalorização da própria problemática teológica-espiritual". Há um desejo de que a instituição esteja vinculada aos órgãos oficiais, para que se observasse a então LBD, que previa o desenvolvimento da pesquisa, o que acarretaria certamente maior valor à instituição, podendo ser mais 'observada' pelos de fora.

Precocemente trazido pelos alunos tal documento foi literalmente engavetado. A palavra 'precocemente' é aqui utilizada, pois julga-se que os caminhos para a oficialização via 'governo' não teriam como ser buscados no início da história da instituição. A própria educação superior era recente no Brasil com a criação da USP, nos anos de 1930. Entretanto, não há como negar que tais alunos foram ousados, desafiadores, apresentando um desejo de transcender, significando ir além, ultrapassar-se, superar-se, como fala Moraes[137] (1997, p. 26).

Se hoje há dificuldades em aceitar a oficialização do curso de Teologia, é possível imaginar que a denominação àquele período não estaria em condições de atender a proposta trazida pelos alunos. Não apenas porque não era possível legalmente, mas também porque não teria condições de abraçar tal proposta sob a liderança de Bryant e de todo o contexto que o cercava como participante de uma agência missionária.

A questão da oficialização foi um dos temas que nortearam essa pesquisa e foram coletadas as impressões tanto de professores antigos como dos atuais nas entrevistas, como segue:

Impressões dos professores antigos quanto à oficialização:

Isso é da MEC, aceitação da MEC. Eu fiquei muito, sempre... dificuldades disso poderia um dia criar para a Faculdade preparar pessoas para o pastorado e não a pessoas que teriam como qualquer Faculdade ... esse foi o meu receio eu não sei como isso tem afetado. Por exemplo, currículo, as disciplinas [...] A escolha dos professores ... o fato que os professores têm que ter Mestrado, Doutorado. Importante e se isso não tem trazido algumas dificuldades para a Faculdade ... isso eu posso imaginar, mas senti, senti melhor o receio quanto a isso. (ENTREVISTA CONCEDIDA POR RUSSELL SHEDD À PESQUISADORA NO DIA 15/03/2012).

Posso ser bem-claro? Eu acho que não acrescentou muito à Faculdade, na minha visão... Eu creio, Madalena, que o MEC não sabe nada de Teologia e então porque que eles vão tutelar a gente? [..] Mas na minha visão eu acho o seguinte, a Faculdade não precisava disso pra fazer sua missão de preparar ministros [...] Porque eu acho que o MEC, não está capacitado pra nos dirigir (ENTREVISTA CONCEDIDA POR SILAS COSTA À PESQUISADORA NO DIA 24/05/2012).

---

[137] O conceito de transcender para Moraes está descrito em sua obra: *O paradigma educacional emergente.* São Paulo : Papirus, 1997.

Olha pessoalmente eu acho que é, porque eu acho que tem que valorizar aquilo que está sendo feito em relação à formação Teológica. Eu acho que o curso de Teologia não é um cursinho qualquer, é um curso de muita responsabilidade para quem ministra e para quem recebe a instrução, o ensino. Então eu acho que a valorização é uma valorização, eu acho que deve haver mesmo esta exigência (ENTREVISTA CONCEDIDA POR MARIO DORO À PESQUISADORA NO DIA 08/12/2011).

Eu achei interessante para os alunos brasileiros porque muitos deles são bivocacionais né, por isso, em qualquer que queira a capacidade de fazer mais do que o pastorado, porque as igrejas às vezes faltam recursos para sustentarem os pastores completamente né (ENTREVISTA CONCEDIDA POR NILS FRIBERG À PESQUISADORA POR SKYPE NO DIA 25/02/2012).

Quanto à oficialização do curso teológica, não sinto surpresa nem temor. Apoio! Pois a minha própria formação teológica foi realizada em escolas que conscientemente conseguiram a oficialização pelas autoridades governamentais na América do Norte (ENTREVISTA CONCEDIDA POR KARL LACHLER À PESQUISADORA POR EMAIL NO DIA 01/02/2012).

eu acho legítimo, eu acho, o governo abriu uma exceção, aí, né equipararam o seminário a esses cursos superiores que existem (ENTREVISTA CONCEDIDA POR TOGNINI À PESQUISADORA EM 10 DE DEZEMBRO DE 2010).

E eu vejo com bons olhos num certo sentido, porque dá ao aluno a oportunidade de ser o seu curso oficializado, ele poder continuar em outras Faculdades sendo reconhecida tal, neste ponto prático é muito bom. Mas eu acho que esse reconhecimento pelo MEC, na minha perspectiva enfraquece a finalidade da Faculdade como uma Instituição de preparo ministerial e fortalece a ideia de um progresso acadêmico, né. (ENTREVISTA CONCEDIDA POR BERTOLDO GATZ À PESQUISADORA EM 17 DE NOVEMBRO DE 2012).

Dos seis professores antigos entrevistados, mais Tognini, dois se posicionaram contra a oficialização dos cursos. As razões são: receio, dificuldades, habilitação dos professores, não trazer acréscimos, a suposta intervenção do MEC, que não sabe nada de Teologia, a não necessidade desse movimento para cumprir sua missão, qual seja, a de preparar ministros. Dos três professores que apoiaram, as razões são: valorização do curso, a questão da bivocação, o apoio irrestrito à decisão de oficializar o curso, legitimidade à área da Teologia.

Impressões dos professores antigos

Impressões não positivas	Impressões positivas
1. Eu fiquei muito, sempre... dificuldades *2. como qualquer Faculdade* *3. eu não sei como isso tem afetado* *4. o fato que os professores têm que ter Mestrado, Doutorado, receio quanto a isso* *5. não acrescentou muito a Faculdade* *6. MEC não sabe nada de Teologia, porque que eles vão tutelar a gente?* *7. a Faculdade não precisava disso pra fazer sua missão de preparar ministros* *8. o MEC, não está capacitado pra nos dirigi* *9. Mas eu acho que esse reconhecimento pelo MEC, na minha perspectiva enfraquece a finalidade da Faculdade como uma Instituição de preparo ministerial e fortalece a ideia de um progresso acadêmico.*	*1. tem que valorizar aquilo que está sendo feito em relação à formação Teológica* *2. curso de Teologia não é um cursinho qualquer* *3. é uma valorização, eu acho que deve haver mesmo esta exigência* *4. interessante para os alunos brasileiros porque muitos deles são bivocacionais as igrejas às vezes faltam recursos para sustentarem os pastores completamente* *5. Apoio! Pois a minha própria formação teológica foi realizada em escolas que conscientemente conseguiram a oficialização pelas autoridades governamentais na América do Norte* *6. E eu vejo com bons olhos num certo sentido, porque dá ao aluno a oportunidade de ser o seu curso oficializado, ele poder continuar em outras Faculdades sendo reconhecida tal, neste ponto prático é muito bom.*

Impressões dos professores atuais quanto à oficialização.

Eu penso que é essa oficialização é algo necessário, pois precisamos fazer com que a sociedade reconheça o valor de se estudar Teologia... importante nesse sentido dá visibilidade ao curso ... importante para valorizar o curso, valorizar a Instituição e valorizar até mesmo ah... me valorizar como professor Norte (ENTREVISTA CONCEDIDA POR ALBERTO KENJI YAMABHCHI À PESQUISADORA NO DIA 28/05/2012)[138]*,*

Na verdade o Teólogo antes do processo de oficialização ele era o quê ... a oficialização de Teologia, da Teologia contribuiu pra, eu acho que assim, para identificar e demarcar o que é Teologia, no espaço do conhecimento e até no espaço geral, até na própria, nas comunidades, a instituição religiosa protestante, definir o papel do Teólogo, qual é a função do Teólogo e diferenciá-lo até da função do pastor, que pastor é Teólogo, não necessariamente... a ideia de pensar, no pensar Teológico, a produção (ENTREVISTA CONCEDIDA POR MARCELO DOS SANTOS OLIVEIRA À PESQUISADORA NO DIA 03/06/2012)[139]*.*

Eu acho que isso vem de encontro com a uma expectativa do passado ... traz uma relevância maior pro curso, né... porque dá condições pra gente pensar não só de maneira, acho que amadora, né...

[138] Entrevista na íntegra no apêndicie2k

[139] Entrevista na íntegra no apêndicie2j

caseira, ser reconhecido pela sociedade como uma Instituição que forma pessoas pra sociedade... acho que é um ganho tremendo, extremamente positivo e que isso também no sentido de pensar só neste aspecto da igreja (ENTREVISTA CONCEDIDA POR JACIRA LIMA À PESQUISADORA NO DIA 04/06/2012)[140]*.*

Foi um avanço,... Curso sendo oficializado porque ele ganha crédito diante da sociedade ... demonstra que essa área de conhecimento esta sendo intensivo, isso é um ponto importante porque já é uma luta bem, bem antiga ... a Instituição passa a ser vista com outros olhos, no âmbito da educação,... Faculdade de São Paulo já tinha uma, uma, um conceito muito bom quanto seminário, que formava pastores na denominação eu entendo que a oficialização ela acrescentou algo a mais em relação a isso, fato de que outras escolas também reconhecem esse conceito, bom conceito, autoconceito que a Faculdade sempre teve. Ele ganhou dimensões mais amplas outras dentro de outras escolas diante da sociedade (ENTREVISTA CONCEDIDA POR JONAS MACHADO À PESQUISADORA NO DIA 29/05/2012[141]*).*

Os alunos que se formam eles podem partir para uma pós-graduação. Isso muito importante ... a sociedade passar a entender que Teologia, que Bíblia que Igreja, esses aspectos eclesiásticos ideológicos, existe um curso reconhecido pelo MEC pra isso ...
a Instituição, dentro da denominação, ela passa a ter o seu... ela passa a ter a sua, a desenvolver a sua função com mais critério, com mais cuidado, não que não tinha antes, mas agora tem o critério de alguém de fora, tem o critério do MEC e isso é importante ... pra esta Instituição ... É um marco, primeiro é um marco histórico [...] E além disso, eu percebo que, eu vejo que é importante para a Instituição, né. Eu acho que é importante para todos nós, ninguém está aqui ensinando qualquer coisa, porque não, nós somos avaliados, nossa Instituição recebe uma avaliação, acho que isso é importante pra nó (ENTREVISTA CONCEDIDA POR VANDERLEI GIANASTACIO À PESQUISADORA NO DIA 30/05/2012)[142]*.*

muito importante porque não somente, é, para o aluno mas para o professor,... e isso, te dá digamos assim o respeito porque você está ao lado de professores de universidade, ...isso muda a visão que as pessoas têm de você e do teu trabalho ... você mostra o Lattes, como entidade que está a nível de qualquer outra né, dentro digamos do reconhecimento (ENTREVISTA CONCEDIDA PORJORGE PINHEIRO DOS SANTOS À PESQUISADORA NO DIA 12/06/2012)[143]*.*

Na fala dos professores antigos, dois dos sete apresentam razões não positivas quanto à oficialização do curso de bacharel em Teologia. A tônica nas

[140] Entrevista na íntegra no apêndicie2o

[141] Entrevista na íntegra no apêndicie2m

[142] Entrevista na íntegra no apêndicie2n

[143] Entrevista na íntegra no apêndicie2l

palavras indicam medo e insegurança do novo. Algumas dessas impressões não positivas apontadas evidenciam claramente a não compreensão do texto da Parecer CES 241/99. Afirmam que a instituição não precisava ‘disso’ para a formação de ministros ao afirmar que o MEC não entende nada de Teologia e não aceita o fato de eles tutelarem as instituições a partir de agora.

Shedd faz uma afirmativa sobre o fato de os professores agora terem de buscar mestrados e doutorados, dando a entender que a busca de tais formações estariam de alguma maneira criando ‘dificuldades’. Ao contrário, Lachler com uma posição mais aberta diz que assim como ele estudou em outras universidades fora do universo eclesiástico, os professores de hoje deveriam e poderiam fazer o mesmo. Fica evidente na fala de Shedd que a referência é quanto aos cursos de Ciências da Religião cursados na Universidade Metodista. Essa instituição abriu as portas para que egressos dos cursos de Teologia ingressassem mesmo sem uma graduação oficializada para cursarem o mestrado. A Universidade Metodista é vista no meio batista como portadora de uma teologia liberal.

Percebe-se por esses comentários que há uma preocupação não somente vinculada ao problema doutrinário. Há uma percepção de que, de alguma forma, tais palavras estão carregadas da herança dos primeiros tempos quanto à pessoa do estrangeiro, que evidenciava uma superioridade intelectual sobre o pobre e inculto brasileiro. Quando aqui chegaram, os professores estrangeiros possuíam, em sua maioria, formação pós-graduada. Tais formações eram provenientes das mais diversas instituições norte-americanas e europeias. Aqui, esses missionários não foram questionados pelos brasileiros sobre a origem doutrinária recebida nas instituições em que se formaram. Entre os missionários de diferentes missões, houve concordâncias doutrinárias, como afirma Bryant em entrevista e alguns destes, passaram a fazer parte do quadro de professores nas instituições no Brasil. Teriam eles a única e superior formação que metodistas, presbiterianos, nem católicos pudessem oferecer em nossos dias? Ainda que eu nutre um grande respeito e admiração pelos antigos, entendo que tais afirmativas ainda trazem a herança do mais forte sobre o mais fraco e, ainda que não creia que estejam abordando a questão sem ética, mas com um coração aberto diante da pergunta feita, creio que evidenciam um grande medo e uma insegurança bastante

perceptíveis. Eles, em seu pais de origem puderam alcançar graus mais elevados de formação acadêmica durante o início do século XX.

A pergunta que se busca responder é exatamente essa: De que forma brasileiros, ao final do século XX, não tendo no Brasil instituições evangélicas, muito menos batistas, que pudessem oferecer formação de mestrado e doutorado em Teologia, poderiam obter titulações pós-graduadas? E não somente isso, já envolvidos pelo desejo de seguir em frente em seus estudos e pesquisas, como poderiam fazê-lo, senão procurando outras instituições que, apesar de não oferecerem cursos pós-graduados em Teologia, ofereciam outras formações? E mais, ainda que cursassem Ciências da Religião, os temas de suas dissertações e teses, poderiam ser aceitos em qualquer mestrado de teologia batista:[144]

- *A prática pastoral das igrejas de Jerusalém, Antioquia e Éfeso. Uma análise crítica à luz da teologia prática e suas implicações para a igreja hoje;*
- *As competências no ensino teológico: uma análise pedagógico-teológica da Faculdade Teológica Batista de São Paulo;*
- *A educação teológica batista no Brasil: uma análise histórica de seu ideário na gênese e a sua transformação no período de 1972 a 1984;*
- *Psicanálise e Teologia: uma leitura da educação teológica a partir da psicanálise de orientação lacaniana;*
- *O ensino teológico-musical entre os batistas: um estudo de caso;*
- *A elaboração de currículos de cursos de teologia tendo como referência o multiculturalismo e a cidadania;*
- *Pastoral em situação de rua análise das ações pastorais da comunidade metodista do povo de rua na Cidade de São Paulo – 1992 – 2009;*
- *O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil: uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960-1980.*

Pelos temas apresentados, percebe-se claras conexões com a Teologia em diversos aspectos, História, Bíblia, Sociologia, Gênero, Teologia Prática, entre

[144] Informações obtidas no site da UMESP, no banco de dados de dissertações e teses, nomes das pesquisas de alguns professores atuais e de outros que já deixaram a instituição. Alguns constam do apêndice 1.

outras. É uma clara comprovação de que os campos de pesquisa têm ligações direta e indiretamente com a Teologia e a Educação Teológica evidenciando que, ainda que realizadas numa instituição de convicções doutrinariamente divergentes, não se afastaram de temas correlatos à Teologia.

As expressões "*algumas dificuldades* ***...*** *meu receio, eu não sei como isso tem afetado",* expressa, na visão da pesquisadora, medo. Medo que pode estar indicando que a instituição a partir do reconhecimento estaria aceitando pessoas que quisessem fazer 'qualquer' faculdade, que pertencessem a outras religiões ou que não tivessem vocação pastoral/ministerial. Medo de ver a instituição agora ter uma ingerência do estado sobre suas decisões, dos professores serem contaminados por teologias liberais, de ter a partir de agora em sua matriz curricular disciplinas diferentes que as tradicionais.

Muitos textos foram escritos[145] a fim de 'convencer' as lideranças denominacionais, principalmente no Estado de São Paulo, sobre a nova configuração da FTBSP. Alguns e-mails foram dirigidos ao diretor com palavras de cunho acusativo, afirmando que agora a FTBSP estava se 'desviando' dos objetivos da instituição na preparação de pessoas para o ministério. Não foram poucos os encontros, os e-mails, artigos e várias conversas, para dar esclarecimentos, para comprovar que algumas coisas mudaram sim, mas a estrutura geral do curso permaneceu. Abaixo segue trechos escritos por alguém da comunidade batista enviado por e-mail ao diretor da instituição, assim como o trecho de sua resposta:

[146]*Venho por meio deste e-mail registrar minha preocupação com os rumos que a faculdade teológica tomará daqui em diante [...] a maioria dos "Mestres" que estão tomando a frente das cadeiras de ensino da Teológica, estão tendo seus mestrados e doutorados provindos de uma instituição [...] que apresenta pouquíssimo apego aos princípios da palavra de Deus [...] que nada tem a ver como nossos valores Batistas [...] tem professores [...]sem nenhum comprometimento com as verdades das Escrituras [...] alguns que passaram por esta instituição, a fim de conseguirem seus mestrados, a fim de serem professores na Teológica, hoje já perderam suas convicções cristãs, a ponto de*

---

[145] REGA, Lourenço Stelio. *Entre Deus e o MEC;* REGA, Lourenço Stelio, *Formar pastores ou teólogos?* In http://www.projetoamor.com. Acesso em 05/11/2012. CÂMARA. Uipirangi: *Quem tem que reconhecer o quê?* http://www.projetoamor.com/news.php. Acesso em 07/09/2012. REGA, Lourenço Stelio *O ensino oficializado no MEC – algumas Inquietações – ajudando a compreender. Texto não publicado.*GOMES, Adriano. *Os batistas e a educação superior* in http://www.projetoamor.com. Acesso em 05/11/2012.

[146] O nome do autor será mantido em sigilo.

abandonarem o ministério, e questionarem a fé [...] Será que os rumos que vcs estão buscando pra a Teológica, são mesmo os rumos que o Senhor espera desta instituição que a tantos anos tem abençoado nossas igrejas Batistas? Ou será que vcs estão buscando ganhar aprovação da sociedade, do MEC [...] se esquecendo dos valores eternos [...] Entristeço-me muito por isso.

Em resposta escreve o diretor:

Boa tarde. Obrigado pelo seu e-mail e pelas preocupações sobre nossos cursos. Me sinto no dever de prestar-lhe os seguintes esclarecimentos:
A busca pela oficialização de nosso curso perante o MEC é produto de nossa preocupação com a sua continuidade, uma vez que o ensino Teológico foi regulamentado, qualquer curso que existe não autorizado/reconhecido estará ilegal [...] A escolha de nossos(as) professores(as) segue critérios rigorosos [...] considerando não apenas seus cursos ou graus, mas também a sua experiência ministerial, seu exemplo de vida, seu comprometimento com as Escrituras e nossas doutrinas. Temos professores formados em diversas instituições, em nível Stricto sensu (Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado) e todos eles são comprometidos com o Evangelho, com as Escrituras, e demonstram exemplo de vida cristã aos pés de Mestre, independentemente da escola em que obtiveram seus graus [...] Aqui cremos na Bíblia como Palavra de Deus, a ensinamos e vivemos sob seus ensinos e não abrimos mão desses ideais.

Esse exemplo de mensagem enviada por email é um entre muitos. Algumas dificuldades tem sido constatadas no enfrentamento de problemas ‘externos’ como esse, além das adversidades ‘internas’ dos próprios líderes denominacionais. Porém, a história mostra que Morgan enfrentou adversidades, Tognini, Bryant e pode-se afirmar que todo líder ou instituição que deseja cumprir, alcançar uma meta estabelecida, poderá vir a ter dissabores e enfrentamentos. Esse email demonstra também medo e insegurança, e como não dizer preconceito. É possível afirmar que o preconceito está presente nessas palavras. Nenhuma instituição, qualquer que seja sua denominação, é responsável por fazer desistir da fé, ou ‘desviar’ qualquer docente.

Outros professores do grupo dos antigos por sua vez apoiaram, incentivaram, confirmaram segurança nas mudanças. Dentre eles, dois americanos e um brasileiro, Mario Doro, que em sua história, acumulou duas graduações; além da Teologia, foi professor da rede estadual de ensino e lecionou disciplinas de filosofia e outras da área das ciências sociais e desempenhou por diversos anos o ministério pastoral. Com uma voz rouca, desgastada pelo tempo, aparentou possuir ideias contemporâneas e uma mente aberta, como segue:

Eu acho que o curso de Teologia não é um cursinho qualquer, é um curso de muita responsabilidade para quem ministra e para quem recebe a instrução, o ensino. Então eu acho que a valorização é

uma valorização, eu acho que deve haver mesmo esta exigência (ENTREVISTA CONCEDIDA POR MARIO DORO À PESQUISADORA NO DIA 08/12/2011).

A fala dos professores atuais está carregada de efeitos positivos. Dos seis professores entrevistados, cinco fizeram mestrado na Universidade Metodista de São Bernardo, três seguiram para o doutorado nessa instituição. Desses mencionados, um defendeu dois Pós-doc – na Universidade Presbiteriana Mackenzie e na Universidade Metodista de São Bernardo, e outro está finalizando seu Pós-doc na UNICAMP. Outro professor fez a graduação e mestrado em Letras e agora finaliza um doutorado na USP, também em Letras, na área de filologia. A outra professora entrevistada, além de graduação em Pedagogia e dois *Lato sensu* em Educação, possui um mestrado em Psicologia. Vale registrar que todos viveram o momento da transição da instituição. Entre os comentários, destaca-se não somente a contribuição das habilitações pós-graduadas para sua formação, mas destaca-se também o esforço que redundou em benefício para própria instituição.

Outra observação em relação a essas falas é que a ênfase na produção acadêmica também foi um benefício pessoal e institucional. A instituição agora faz parte de um conjunto de instituições que também têm o objetivo de produzir ciência, respondendo a questão levantada por Maspoli (2007, p. 39) sobre o 'fazer teológico.'

A insegurança de alguns pode ser explicada pela resistência ao novo perfil institucional. Por outro lado, tamanha resistência não tem permitido maiores avanços. Nas entrelinhas percebe-se um 'conceito': a mínima ingerência do estado sobre a igreja traz prejuízos para uma ideal/real Educação Teológica.

A relação estado/igreja e educação/sociedade é uma discussão de longo tempo. A liberdade de dogma ou das 'tradições religiosas' encontradas no Parecer CES 241/99 deixa claro que tal ingerência não vai ocorrer. Entendo que não há ingerência do estado quanto ao quesito das tradições religiosas subtendido como dogma. O Parecer CES 241/99, no item 'a', relativo aos votos dos relatores é claro:

Os cursos de bacharelado em Teologia sejam de composição curricular livre, a critério de cada instituição, podendo obedecer a diferentes tradições religiosas.

E justifica:

De fato, o estabelecimento de um currículo mínimo ou de diretrizes curriculares oficiais nacionais pode constituir uma ingerência do Estado em questões de fé e ferir o princípio da separação entre Igreja e Estado.

Não há o que temer diante desse item. As tradições religiosas, sejam elas quais forem, estão preservadas em seus dogmas, ritos, mitos, podendo se sentir livres para organizar sua matriz curricular da maneira como acharem conveniente[147]. Existem diversas instituições de Teologia oficializadas no Brasil, e estas não precisam se sentir coagidas a 'atender' a nenhuma exigência do MEC, senão as de formação docente e outras de ordem administrativa, financeira e legal. Tais pessoas falam sem a preocupação em buscar os termos da Lei e criticam as iniciativas da instituição. Talvez a Instituição não tenha sabido 'deixar claro' como seria essa normatização do MEC. De qualquer forma, alguns se sentiram incomodados e expressaram seu desagrado.

Assim, a questão da ingerência do Estado sobre a Igreja permeia algumas tônicas encontradas nas entrevistas dos professores e de pessoas pertencentes ao público externo e interno. A razão de surgirem essas tônicas nas falas desses entrevistados é o total desconhecimento dos termos do Parecer CES 241/99 e por ignorar as condições e o contexto em que essa 'união' se deu. Porém, não é possível deixar de verificar as falas sem uma considerável dose de exclusivismo e preconceito.

Evidente, que no decorrer do tempo, algumas coisas precisaram ser revistas e, para tanto, foram trazidas a público outras normatizações. A primeira foi o Parecer CNE/CES 63/04[148], que cria a "figura da integralização de créditos por meio de uma instituição credenciada com curso de bacharelado em Teologia reconhecido, para egressos de cursos livres superiores de Teologia" (REGA, 2011, p. 250). Esse documento de integralização contém diversos critérios a serem acatados pelas instituições que o quisessem oferecer, dando a oportunidade aos egressos de

[147] Vide leitura da pesquisa realizada por Rega, apresentada no 24º Congresso Internacional do SOTER, em 2011, onde apresenta um mapa da Educação Superior Teológica oficializada no Brasil, que consta do anexo 1.

[148] O texto na íntegra está no anexo 11.

teologia obter o reconhecimento de seus cursos. Isso veio resolver um grave problema que parecia não ter solução, qual seja, o de oferecer uma oportunidade para tantos pastores, ministros, padres, enfim, pessoas que passaram algum tempo se preparando em cursos livres de Teologia a desfrutarem de algum reconhecimento por seus bacharelados cursados. Mais tarde, vieram os Pareceres CNE/CES 118/09 e CNE/CES 51/10, já discutidos em capítulo anterior, que trazem os primeiros ensaios sobre a questão das diretrizes curriculares.

O texto é claro, o medo e a insegurança são infundados. O MEC, por meio dos relatores que assinaram o documento, dá plenos poderes às instituições de organizarem sua matriz curricular sem a ingerência do Estado, sem estabelecer diretrizes curriculares mínimas afirmando que seria 'ferir' o princípio da própria separação Igreja/Estado. Sturz (2012), em sua Teologia Sistemática, concorda com o texto do Parecer quando afirma que as relações entre a Igreja e o Estado são muito antigas:

> Constantino havia assumido o papel de patrono, a consequência foi a identificação da Igreja com o Império. O grande crescimento da igreja que se seguiu ao ato de Constantino foi, na realidade, o início do fim. A assunção da Igreja ao poder político foi de fato a domesticação da Igreja e sua exclusão do verdadeiro poder político. O fim veio no período moderno, quando a Igreja procurava ser crível para o mundo (STURZ, 2012, p.574).

Os batistas creem na separação Igreja/Estado. A instituição Teológica não representa a Igreja. Grudem analisa a questão da separação Igreja/Estado afirmando que a atividade do Estado difere da atividade da Igreja. O Estado estabelece leis para o bem viver das comunidades no pleno desempenho da cidadania. A Igreja dá conta da proclamação de sua fé por meio de ritos. São diferentes autoridades. "A Igreja não governa nem deve governar o Estado, como tivesse algum tipo de autoridade superior ao Estado. [...] Em vez disso, a autoridade da Igreja e a do Estado pertencem a esferas distintas" (GRUDEM, 1999, p. 748). Por esse motivo, o Parecer é claro e respeita essa distinção. Mas, nem sempre foi assim, como a história pode comprovar. A modernidade traz essa separação, que está estabelecida até hoje. Para alguns países, ainda há certa confusão e misturam-se essas autoridades como em alguns segmentos muçulmanos.

Na FTBSP, aproximadamente 10% dos docentes, ao final do ano de 1999, que foram acolhidos pelo curso de Ciências da Religião da UMESP, em São Bernardo do Campo, passam a ser vistos com olhares de 'desconfiança' pelo simples fato de terem se aproximado de uma instituição teológica que possui uma teologia mais aberta, ainda que estivessem dentro de um curso de Ciências da Religião e não de Teologia.[149]

É notório que o medo atinge a todos. Na fala do diretor fica evidente uma necessidade de 'encaminhar' aos professores recomendações nesse momento de escolhas:

lá, era um curso na realidade misturado em Ciências da Religião e Teologia, me preocupei, porque eles tinham uma visão de uma Teologia Neo-ortordoxa, diferente da visão que nós tínhamos, de uma fundamentação bíblica. Comecei a alertar os professores. "Estudem, se preparem, mas não vão buscar sua fé lá." Tive algumas reuniões, alguns encontros ou coletivos ou em particular, vão lá aproveitem, valorizem os estudos, participem das aulas, mas tomem cuidado com isso, isso e aquilo ... (ENTREVISTA CONCEDIDA POR LOURENÇO STELIO REGA À PESQUISADORA NO DIA 27/04/2012[150]).

Essa fala pode ser interpretada como uma posição paternalista, desnecessária, em se tratando de adultos. Entretanto, há uma tônica de medo também. Medo de desagradar a liderança de então, medo talvez de perder os professores. Considero que uma postura de abertura ao diálogo poderia ser ventilada nesse momento histórico. Poderiam também ter sido criados círculos de discussão, rodas de conversas, seminários, a fim de discutir o assunto e atenuar as dissenções. O direcionamento aos professores sobre a firmeza de sua fé e crenças, ao contrário de tentar alertar os professores, aparenta também medo e insegurança.

---

[149] Vivi uma experiência pessoal como coordenadora nesse tempo. Um professor bastante resistente a essa ideia acabou por se afastar das atividades docentes, exatamente por não ter a habilitação necessária para continuar diante de novos padrões de exigência. Passados alguns anos, decide cumprir a Integralização de créditos na UMESP. Ao finalizar o curso, procurou-me para pedir desculpas pelos comentários feitos quanto à teologia chamada de liberal, prerrogativa daquela instituição. Afirmou também que encontrou lá na UMESP homens piedosos, tementes a Deus, mas que tinham alguns pontos doutrinários diferentes. Menciono essa experiência para reforçar a ideia de que a resistência a que se buscasse formação em instituições não batistas era um fator de reprovação de alguns que lá nunca haviam estado e que antecipavam um julgamento.

[150] Entrevista na íntegra no apêndicie2i.

As lideranças questionam os resultados e as influências sobre as questões de fé. A direção da faculdade, diferentemente de outros professores, estudou numa instituição católica e, quando relata o enfrentamento com as lideranças denominacionais, afirma:

a minha grande pergunta quando questionam isso é [...] Vocês não questionam a minha formação. Não! Mas eu me formei numa escola católica. E aí o assunto para, mas de qualquer maneira, o grande desafio foi esse (ENTREVISTA CONCEDIDA POR LOURENÇO STELIO REGA À PESQUISADORA NO DIA 27/04/2012).

Ao afirmar: "*aí o assunto para"* parece haver uma dominância de sua pessoa, de sua autoridade e não propriamente pelo fato de ter estudado nessa ou naquela instituição. Pode ser que as pessoas temam a sua liderança e, por isso, não o questionem. Ele apresenta que "o problema é outro, não é esse. Entendo que o problema realmente pode ser atribuído a ciúmes, inveja a outras questões mais passionais do que propriamente estas racionais" (ENTREVISTA CONCEDIDA POR LOURENÇO STELIO REGA À PESQUISADORA NO DIA 27/04/2012). Sua percepção de que os problemas podem ser motivados por outras questões motivadoras de tantos questionamentos, pede outra referência teórica para análise, que não será discutida nessa investigação.

O fato é que a Instituição tem diante de si uma mudança grande e positiva em sua estrutura docente, segundo o diretor relata:

dentro dos professores [...] havia ânimo, havia uma grande busca de estudar, nesse ponto que a escola deu uma decolada muito grande na área de estudo, pesquisa, busca para aperfeiçoamento (ENTREVISTA CONCEDIDA POR LOURENÇO STELIO REGA À PESQUISADORA NO DIA 27/04/2012).

O Estado não permite que as instituições teológicas, interessadas em reconhecimento, simplesmente o consigam sem atender à exigências mínimas. O Parecer mais uma vez é cortês em suas palavras e procura abrir o diálogo com as Instituições de Ensino Teológico:

> *... Em termos da autonomia acadêmica que a constituição assegura, não pode o Estado impedir ou cercear a criação destes cursos. Por outro lado, devemos*

> *reconhecer que, em não se tratando de uma profissão regulamentada, não há, de fato, nenhuma necessidade de estabelecer diretrizes curriculares que uniformizem o ensino desta área de conhecimento. Pode o Estado portanto, evitando a regulamentação do conteúdo do ensino, respeitar plenamente os princípios da liberdade religiosa e da separação entre Igreja e Estado, permitindo a diversidade de orientações*

e

> *...Ressalvada a autonomia das universidades e Centros Universitários para a criação de cursos, os processos de autorização e reconhecimento obedeçam a critérios que considerem exclusivamente os requisitos formais relativos ao número de horas-aula ministradas, à qualificação do corpo docente e às condições de infraestrutura oferecida (PARECER CES 241/99).*

É necessário atender às exigências mínimas. Desse modo, acredito que a mais longa e complexa de se alcançar é a formação de um corpo docente habilitado. Se a denominação deseja continuar a oferecer o curso superior de Teologia, deverá fazê-lo dentro dos critérios oficiais. Não há outro caminho nem para a instituição nem para a denominação. Se não quiser atender a esses critérios, deverá mudar a nomenclatura de seu curso, passando a oferecer outra formação que não seja de nível superior e que venha a confrontar a legislação vigente.

Com o potencial docente e a expectativa do jovem vocacionado ou não vocacionado de hoje, a FTBSP poderia estar em outro patamar de desenvolvimento, se não fosse a demora causada pelas lideranças denominacionais em relação à aceitação dos caminhos percorridos pela instituição.

PROBLEMA 4 - *DESDOBRAMENTOS NO QUADRO DOCENTE*

Caracterização

Um dos desdobramentos ocorridos a partir da oficialização do curso de Teologia diz respeito às mudanças de novas trajetórias formativas dos docentes, que redundaram em reflexos na sua pessoa e na sala de aula.

No início de suas atividades, a instituição não mantinha exigências quanto à formação ou à titulação dos docentes. Tognini afirma em entrevista que escolheu os que considerava mais competentes.

Outra característica no início da instituição era que os professores eram todos brasileiros. Quando Tognini fala sobre 'os melhores', ele se refere aos mais destacados pastores de então: Rubens Lopes, Frederico Vitols, Bertoldo Gatz, entre outros. A formação inicial destes era na área de Teologia, geralmente cursada no STBSB. No Brasil, não havia cursos de Teologia equivalentes ao Mestrado e Doutorado. Qualquer professor brasileiro que quisesse alcançar esses graus deveria sair do país ou buscar outra área de formação. Essa preparação do professor brasileiro no exterior era rara, e somente alguns puderam concretizá-la. Nos relatórios às Juntas Administrativas não se encontram muitos registros de professores que iam ao exterior para cursos de pós-graduação. De igual forma, foram encontrados poucos registros de entrada e/ou saída de docentes, nem sempre contidos nos relatórios à Junta Administrativa. Também não foram encontrados, entre os documentos da primeira década, relatórios de reuniões de professores, somente relatórios à Junta de Educação do Colégio Batista Brasileiro e, posteriormente, à Junta da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

A partir da gestão Bryant, começam a chegar alguns americanos especialistas em algumas áreas. Em sua gestão, Bryant busca encorajar professores brasileiros a seguirem para os USA, a fim de ingressarem em cursos de mestrado e doutorado. Por seu turno, americanos da Junta de Richmond de outras agências missionárias são chamados para integrarem o corpo docente. Esse fato reforça a ideia de que a influência do ideário americano já não se apresentava somente com a presença do professor/missionário, mas agora também na formação de brasileiros que lá no exterior buscavam formação.

Tentativa de análise

A presença de um professor estrangeiro no primeiro momento da instituição teria sido um fator positivo? A resposta pode ser sim e não. Positivo, por trazerem às

salas de aula um profissional mais habilitado, com conhecimentos mais aprofundados, aprimorando o status institucional e incentivando outros a buscarem mais aprofundamento também. O estrangeiro, por outro lado, trazia sua cultura, seu modo de pensar, exercendo influência. Além desses fatores, havia a questão da aculturação. A cultura escolar brasileira foi encarada como uma das dificuldades trazidas nas entrevistas dos professores antigos, que apontaram como maior dificuldade as aulas noturnas:

- *A dificuldade que os alunos era para se compreender é ... estudar à noite na Faculdade, ter que trabalhar durante o dia ... o principal problema foi o tempo e o cansaço e, alguns alunos tiveram a dificuldade de se manter acordados, que era natural, a gente teve que ser bastante compreensivo [...] Até hoje, tem esse problema;*
- *... eu achei o horário de aulas deles terrível, estudando a noite, de ônibus muitas horas por dia, preenchendo seu serviço bom, em diversas profissões, servindo suas igrejas, alguns como pastores já e os estudos né, e a possibilidade deles se aprofundarem muito nos estudos realmente seria, teria sido muito difícil é que aprendiam, acho, e aprendiam mais na aula né, na conversação com os outros colegas;*
- *As dificuldades principais que ouvi dos alunos foram de ordens financeira e relacionais - ou com pais, cônjuge ou namoradas/os. Muitos sentiram-se estressados pelas obrigações de trabalho secular, obrigações escolares e envolvimento nas igrejas durante o fim de semana. Não havia muito tempo de descanso. Mesmo assim, a maioria perseverou até formar-se;*
- *Eu diria que o horário das aulas, porque eles trabalhavam o dia inteiro, iam pra lá muitos cansados...*

Sendo a primeira instituição a oferecer estudos à noite, fica evidente o posicionamento desses entrevistados trazendo à tona a questão do curso noturno. Os alunos matriculados no STBSB tinham aulas no período diurno, imitando uma prática de escolas norte-americanas. Sendo assim, esses alunos não tinham um período de trabalhos durante o dia. Essa se tornou durante muitos anos uma cultura[151] daquele seminário. Em São Paulo, os professores norte americanos formados com essa prática cultural, tiveram alguma dificuldade na adaptação dessa situação.

---

[151] Sobre cultura escolar vide: CASTANHO, Sérgio E. M. *Questões teórico-metodológicas de História Culturas e Educação*. In LOMBARDI, José Claudinei et all. *História, cultura e educação*. Campinas : Autores associados, 2006. MARTINS, Angela Maria Souza. *Educação e história cultural.* In LOMBARDI et all História, cultura e educação. Campinas : Autores associados, 2006.

Após conquistarem a graduação em Teologia, poucos conseguiam ir ao exterior para dar continuidade a seus estudos em Teologia. Alguns que alcançaram os graus de mestre e doutor antes de 1999, o fizeram em outras áreas. No Brasil não existia a possibilidade de formação pós-graduada em Teologia, o que de certa forma foi criando uma 'cultura' de não aprofundamento nos estudos. Por outro lado, havia também uma preocupação mais pontual da instituição em preparar os egressos tão somente para as funções ministeriais[152]. Diante desse 'pano de fundo' creio que tal modo de pensar, traz em relação aos que buscam uma formação pós-graduada hoje, um 'pré-conceito' quanto ao desenvolvimento intelectual.

Aquele medo mencionado anteriormente tem relação com esse assunto. Entretanto, vem a mente a pergunta: como ter professores mais bem-preparados sem se aprofundar nos estudos, sem buscar outros cursos e especializações? Silas Costa afirmou que foi aos Estados Unidos para se aperfeiçoar em Arqueologia e Geografia Bíblica. Mas, na época em que ele fez isso, uma porcentagem mínima conseguiria deixar o país e dirigir-se ao exterior com suas famílias. Uma boa parte não tinha relacionamentos que pudessem abrir portas para bolsas de estudo no estrangeiro e, poderia ariscar em dizer, poucos também tinham 'coragem' para fazê-lo, porque, de certa forma, sempre é um risco para a família.

Hoje, no Brasil, o acesso a estudos mais aprofundados e cursos similares, ou em conexão com a Teologia com pesquisas em áreas diversas relacionadas, é amplo e tornou-se desde a oficialização caminho para se conseguir habilitação para a docência, a exemplo da área de Ciências da Religião. Atitudes desaprovadoras em relação a busca por diferentes trajetórias formativas, que indicam principalmente insegurança e medo em relação aos conteúdos disciplinares ministradas em outras instituições, tem trazido barreiras para o desenvolvimento institucional, bem como da Educação Teológica da denominação. Com que 'poder' poderíamos hoje tolher alguém ao desenvolvimento?

---

[152] A instituição em estudo ofertava um mestrado em Teologia. Nos anos 70 e 80 o mestrado foi procurado por alguns egressos, dentre estes, poucos acabaram ingressando no magistério na própria instituição.

Um quadro muito diferente é apresentado nas respostas dos professores atuais. Há uma clara valorização na formação pós-graduada que trazem benefícios para o desempenho em sala de aula. Nenhum professor trouxe a informação de que os estudos pós-graduados foram de pouca validade ou considerados como perda de tempo. Todos afirmam que tal formação trouxe contribuições para sua pessoa e para sua função como docente.

Quando perguntados sobre os impactos que a oficialização trouxe à sua pessoa e à sua atuação em sala de aula, destacam-se duas expressões apresentadas por dois professores: ‘amplo’ e ‘visível’. A palavra ‘amplo’ caracteriza nos dias atuais que há um novo espaço para o pensamento, novas conexões com diversas áreas e campos do saber antes restritos ao pensamento teológico. Há, no dizer dos professores atuais, uma ‘visível’ transformação em diversos sentidos, institucional e individual. Há um crescente envolvimento com a área pedagógica e de diferentes saberes, que dão visibilidade à instituição. Conhecer outras instituições, outros profissionais de outras denominações da área de ensino, trouxe amplitude em relação ao mundo e ao universo do conhecimento e do saber. Trouxe também a possibilidade de fazer trocas, de aprender a respeitar e observar o que pensa o diferente, e a ser respeitado por este, como afirma particularmente um professor.

Para os professores atuais, houve desdobramentos em suas ações docentes, como conferem os seus depoimentos no quadro abaixo.

Kenji	*Precisei repensar o planejamento das disciplinas, precisei repensar bibliografia, precisei repensar referenciais teóricos, porque houve uma, um, não estou encontrando o termo, uma mexida nessa área. Então é como se um grande leque tivesse sido aberto [...] Um horizonte novo aberto, em termos acadêmicos [...] Como professor sim, valores que foram agregados [...] uma visão mais acadêmica, acho que nós estávamos numa visão muito devocional [...] hoje nós buscamos outros referenciais teóricos, e nós temos[....], eu senti que houve uma transformação, Positiva.*
Marcelo	*Estudar mais, melhorar a qualidade. Você acaba tendo uma motivação maior, uma responsabilidade maior, querendo ou não! o tempo que eu dedicava era muito menor do que eu me dedico hoje, porque eu precisava me dedicar a outras coisas até por questões financeiras, então era uma coisa mais, vamos dizer, vamos dizer voluntária, mas era bem-ministerial não era tão profissional.[...] me ajudou aqui na Faculdade a me profissionalizar [...]. é uma questão da autoestima como professor. “você é diferente!” [....]. uma Instituição reconhecida pelo MEC, isso pra mim pessoalmente faz diferença. As pessoas percebem a diferença, te valorizam [...] crer e a buscar uma excelência maior, a qualidade das aulas você acaba investindo mais, você acaba querendo [...] A relação custo/ benefício até de investimento financeiro porque são cursos caros. [...] Então hoje há uma motivação mais renovada, vale a pena investir e fazer um*

	curso porque há retorno, há um suporte da própria Faculdade e, a estrutura querendo ou não, a pessoa trabalha de carteira assinada, essas coisas que parecem básicas, mas dão de certa forma, dão uma certa tranquilidade pra você investir [...] a qualidade das minhas aulas mudaram não por causa do reconhecimento, o reconhecimento acabou me motivando a me aperfeiçoar [...]
Jacira	*Eu acho que as duas coisas caminham juntas! [...] Acho que na medida em que você procura um curso, é... pra fazer, você tá pensando em você como pessoa que tem a ver com a... uma satisfação tua, pessoal né! E tem a ver também com a possibilidade de você acrescentar um novo conhecimento pra você contribuir com os alunos que estão à sua volta [...] Eu acho que tem a ver com novos conhecimentos [...] conhecer como as outras áreas enxergam outras situações. [..] a cada curso, ah... você repensa a sua prática, aquilo que você faz dia a dia na sala de aula, repensa o seu relacionamento com o aluno, né. Você melhora isso e você revê também questões suas como pessoa e como profissional. Então acho que isso é um reflexo direto no teu dia a dia aí em teu trabalho [...] Acho que sempre acrescenta, tem um ganho.*
Jonas	*Um dos impactos que tive foi perceber ah, o campo muito amplo que há de possibilidades de estudo na minha área, que é antiguidade [...] dos impactos foi ter acesso ou melhor ter, ser incentivado a estudar literatura, além da Bíblia, isso foi um impacto muito grande. Não só nos textos que entraram na Bíblia, mas todos os textos produzidos pelo judaísmo antigo [...] o fato de conviver na Universidade com pessoas de várias origens que estudavam o mesmo assunto. Então, dialogar com os diferentes para mim foi muito bom, né, aprender a respeitar, ganhar meu espaço, ser respeitado também, né, me senti muito bem-acolhido, sou muito respeitado, então, a convivência com os que pensam diferente nesse campo de teologia é um negócio muito interessante [...] eu aprendi a conviver com as pessoas sem necessariamente abrir mão dos meus valores e tal, então, isso pra mim foi um impacto pessoal que também ao mesmo tempo acadêmico [...], minha área, que é bíblia, é mexer com texto bíblico, deu mais, melhores condições de você avaliar está em torno disso, é uma outra visão, né. Uma visão bem- diferente, eu acho que enriquece muito [...] Como pessoa e como professor.*
Vanderlei	*[...] estudar em outras casas isso já é importante, já tem o seu valor porque você ouve professores com formações em outros lugares e de outras visões, acho que já tem o seu valor né. Segundo, nós não ficamos presos apenas no que aprendemos aqui no sentido Teologia, nessas outras Instituições a gente acabou abrindo o diálogo com outras ciências, mesmo no mestrado da Ciência da Religião você é obrigado a estudar essas religiões à luz de uma ciência, seja Psicologia, Sociologia [...] quando eu fui pra letras, depois eu fui pra USP mestrado também e Doutorado deu para perceber... e aí até pensando em diálogos é... como eles interpretam texto lá na USP, então eu vou olhar pro texto bíblico, como eu interpreto o texto bíblico, então abrir este diálogo eu acho que foi muito bom, muito relevante, foi marcante e [...] Como professor eu pude trazer isso pra sala de aula, [...] a gente começa a perceber que influências de línguas latinas também estão presentes no nosso texto bíblico em português, então, isso acabou sendo relevante, não só pra mim, pros alunos também, os alunos hoje que se despertaram pra esta pesquisa pra esse lado também da pesquisa [...] Foi marcante....[...] isso só vem a contribuir, abrir os horizontes, né... por que aí você não se limita só aquilo que o Teólogo diz sobre um texto. O que ele diz pode estar certo sobre o texto bíblico, porém abrindo um diálogo com outras ciências, você até acaba encontrando mais coisas que de repente aquele Teólogo não viu.*
Jorge	*O impacto é muito interessante porque o impacto é visível [...] minha atividade na Faculdade ela assumiu uma grandeza é,... de primeiro nível na minha vida [...] Uma das coisas que o professor, que não tem uma pós graduação enfrenta, é a deficiência metodológica para dar aulas, ou seja, falta ao graduado sem a pós- graduação, falta digamos um conhecimento teórico maior de pedagogia [...] A especialização te permite profundidade, então, em algumas áreas os alunos sabem, os teus colegas sabem que você tem profundidade naquela área [...] a*

	especialização cria uma outra coisa, cria paixão. Quando você se especializa, essa é a minha experiência né, numa área, olha você fica atento a tudo que sai de novidade naquela área. Você vai atrás, você lê...

Pouco se tem escrito sobre a formação do professor de Teologia. Conforme o Parecer CES 241/99, as instituições de Ensino Teológico são de longa data e afirma que uma das razões da não profissionalização da função de teólogo é a própria autonomia religiosa. Tal autonomia fez com que os cursos de Teologia não se desenvolvessem no âmbito das Universidades como na Europa, mas se restringissem ao âmbito dos seminários. Dessa maneira, fechados dentro de seus seminários, passaram a ser também 'guardados' como tesouros de grande valor e riqueza, não podendo ser 'compartilhados' por qualquer ou quaisquer segmentos sociais. Nesses tesouros guardados se encontram os conteúdos, as produções e os docentes. O professor de Teologia hoje, no Brasil, assume um novo papel. Ainda que não haja um aceite, um entendimento, sobre a profissão de teólogo, as instituições estão aí, não oficializadas até o ano de 1999 e, agora oficializadas, oferecendo cursos de bacharelado. Isso pode parecer estranho, ter uma formação bacharelada para uma profissão ainda 'não existente'. Entretanto, o espaço e o trabalho do teólogo, em ministérios eclesiásticos, em instituições de ensino, em organizações assistenciais, se faz presente. Os cursos são reais, fazem parte da realidade, e precisam hoje, mais do que nunca, de docentes habilitados.

Assim se pronuncia Perobelli (2008, p. 56): "O olhar sobre a formação do professor de Teologia precisa estar focado no quadro geral da formação docente, mesmo que esse professor não percorra os caminhos de profissionalização...". A afirmativa de Perobelli chama atenção para a questão da formação docente e busca compreender quais 'saberes docentes' estão envolvidos nas práticas desses professores.

Tardiff (2001) diz que os saberes dos professores são temporais. Com isso, ele quer ensinar que essa temporalidade é seu próprio processo de vida, processo formativo, que tem relações com sua história e o que foi sendo construído ao longo de sua trajetória. É também temporal porque resgata suas experiências no início de sua carreira em que se balizou a vivência positiva e a negativa, formando assim um arcabouço de aprendizagens que se transformam "muito cedo em certezas

profissionais, truques do ofício. Em rotinas, em modelos de gestão da classe e transmissão da matéria" (TARDIFF, 2001, p. 261). É temporal também porque sua carreira é marcada por tais vivências caracterizando-se como um processo de socialização, "um processo de identificação e de incorporação dos indivíduos às práticas e rotinas institucionalizadas dos grupos de trabalho" (TARDIFF, 2001, p. 261). Além de serem temporais, Tardiff também afirma que são heterogêneos. Esse sentido de heterogeneidade se dá à medida que formam um conjunto de situações que constituem a atividade do professor, como história de vida, socialização, conhecimentos adquiridos na formação inicial, no trabalho, em teorias diversas, em que se aplicam variados objetivos a serem alcançados em sua jornada de ensino. Finaliza esse argumento assinalando que os saberes são personalizados por se constituírem sob sua pessoalidade e sua individualidade. Não há como formar dois professores iguais, cada um possui um 'sistema cognitivo' e atua como um 'ator social, que possui "um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura, ou mesmo culturas, e seus pensamentos e ações carregam as marcas dos contextos nos quais se inserem" (TARDIFF, 2001, p. 264).

Os saberes docentes são resumidos por Tardiff (2001) em três categorias: saberes disciplinares, saberes curriculares e saberes experienciais. Fala o autor que os *saberes disciplinares* são os de 'conteúdo' propriamente dito. São os saberes classificados de uma maneira ou de outra como ciências. No caso em estudo, a área da Teologia pode se ramificar em diversos outros campos, como História da Teologia, Teologia Sistemática, Teologia Prática, Missiologia, Educação Religiosa, entre outras. "Os saberes das disciplinas emergem da tradição cultural e dos grupos sociais produtores de saberes" (TARDIFF, 2001, p. 38). Os saberes também são *saberes curriculares*. Esses saberes são, de ordem mais prática, mais voltados para a própria ação ou ato de ensinar e buscam compreender os 'movimentos' a que estão vinculados, tanto a escola por meio de seus 'programas escolares', bem como por meio dos planejamentos dos professores que delineiam objetivos de ensino, selecionam conteúdos, estabelecem metodologias, sem os quais a didática não se firmaria. Por último, ele menciona os *saberes experienciais*. Estes refletem a prática, a dinâmica, as rotinas que 'brotam da experiência' e que, de alguma forma, são avaliados como positivos ou não.

A partir dessa leitura, foram selecionadas algumas falas dos professores quanto a essas categorias.

Saberes disciplinares	• *Precisei repensar bibliografia, precisei repensar referenciais teóricos, porque houve uma, um, não estou encontrando o termo, uma mexida nessa área;* • *Tem a ver também com a possibilidade de você acrescentar um novo conhecimento pra você contribuir com os alunos que estão na sua volta [...] Eu acho que tem a ver com novos conhecimentos [...] conhecer como as outras áreas enxergam outras situações[..]* • *Um dos impactos que tive foi perceber ah, o campo muito amplo que há de possibilidades de estudo na minha área que é antiguidade [...] Dos impactos foi ter acesso ou melhor ter, ser incentivado a estudar literatura, além da bíblia, isso foi um impacto muito grande. Não só nos textos que entraram na Bíblia, mas todos os textos produzidos pelo judaísmo antigo [...]* • *Minha área que é bíblia é mexer com texto bíblico, deu mais, melhores condições de você avaliar está em torno disso, é uma outra visão, né. Uma visão bem-diferente eu acho que enriquece muito [...] Como pessoa e como professor,* • *Segundo, nós não ficamos presos apenas no que aprendemos aqui no sentido Teologia, nessas outras Instituições a gente acabou abrindo o diálogo com outras ciências, mesmo no mestrado da Ciência da Religião você é obrigado a estudar essas religiões à luz de uma ciência, seja Psicologia, Sociologia [...] quando eu fui pra letras, depois eu fui pra USP mestrado também e Doutorado deu para perceber... e aí até pensando em diálogos é... como eles interpretam texto lá na USP, então eu vou olhar pro texto bíblico, como eu interpreto o texto bíblico, então abrir este diálogo eu acho que foi muito bom, muito relevante, foi marcante e ...*
Saberes curriculares	• *Precisei repensar o planejamento das disciplinas;* • *A qualidade das minhas aulas mudaram não por causa do reconhecimento, o reconhecimento acabou me motivando a me aperfeiçoar [...]* • *O impacto é muito interessante porque o impacto é visível [...] minha atividade na Faculdade ela assumiu uma grandeza é,... de primeiro nível na minha vida [...] Uma das coisas que o professor, que não tem uma pós- graduação enfrenta, é a deficiência metodológica para dar aulas, ou seja, falta ao graduado sem a pós- graduação, falta digamos um conhecimento teórico maior de pedagogia [...] A especialização te permite profundidade.*
Saberes experienciais	• *Como professor sim, valores que foram agregados [...] uma visão mais acadêmica, acho que nós estávamos numa visão muito devocional [...] hoje nós buscamos outros referenciais teóricos, e nós temos[....], eu senti que houve uma transformação, Positiva;* • *Estudar mais, melhorar a qualidade. Você acaba tendo uma motivação maior, uma responsabilidade maior, querendo ou não! O tempo que eu dedicava era muito menor do que eu me dedico hoje, porque eu precisava me dedicar a outras coisas até por questões financeiras, então era uma coisa mais, vamos dizer, vamos dizer voluntária, mas era bem-ministerial não era tão profissional.[...] me ajudou aqui na Faculdade a me profissionalizar [...]. é uma questão da autoestima como professor. "você é diferente!" [....]. uma Instituição reconhecida pelo MEC, isso pra mim pessoalmente faz diferença. as pessoas percebem a diferença, te valorizam [...] crer e a buscar uma excelência*

	maior, a qualidade das aulas você acaba investindo mais, você acaba querendo [...] A relação custo/ benefício até de investimento financeiro porque são cursos caros [...] Então hoje há uma motivação mais renovada, vale a pena investir e fazer um curso porque há retorno, há um suporte da própria Faculdade e a estrutura querendo ou não, a pessoa trabalha de carteira assinada, essas coisas que parecem básicas, mas dão, de certa forma, dão uma certa tranquilidade pra você investir; • *Você repensa a sua prática, aquilo que você faz dia a dia na sala de aula, repensa o seu relacionamento com o aluno, né. Você melhora isso e você revê também questões suas como pessoa e como profissional. Então acho que isso é um reflexo direto no teu dia a dia aí em teu trabalho [...] Acho que sempre acrescenta, tem um ganho;* • *Dialogar com os diferentes para mim foi muito bom, né, aprender a respeitar, ganhar meu espaço, ser respeitado também, né, me senti muito bem-acolhido, sou muito respeitado, então, a convivência com os que pensam diferente nesse campo de teologia é um negócio muito interessante [...] eu aprendi a conviver com as pessoas sem necessariamente abrir mão dos meus valores e tal, então, isso pra mim foi um impacto pessoal que também ao mesmo tempo acadêmico;* • *Estudar em outras casas isso já é importante, já tem o seu valor porque você ouve professores com formações em outros lugares e de outras visões, acho que já tem o seu valor;* • *A especialização cria uma outra coisa, cria paixão. Quando você se especializa, essa é a minha experiência né, numa área, olha você fica atento a tudo que sai de novidade naquela área. Você vai atrás, você lê...*

Encontra-se maior volume nas falas dos professores atuais em comentários que ressaltam os saberes experienciais. Isto faz lembrar o texto do Parecer CES 241/99, quando menciona que os cursos de Teologia ficaram restritos aos seminários, representando um lugar fechado, de difícil acesso, construído ao redor de si como muros de separação entre os mais próximos de Deus e os menos próximos. Parece que essa Teologia fechada e retraída está longe da atual discussão do homem de hoje, pós-moderno, interativo. A oficialização, vista por esse ângulo, foi um ganho sem medida, uma grande conquista ao se pensar nessa prerrogativa. Os saberes disciplinares foram ampliados e percebe-se um acréscimo quando esses saberes estão unidos, ligados a novas áreas de conhecimento, ao acesso a informações e a pessoas que puderam abrir horizontes do saber por meio do compartilhamento. Os saberes curriculares, em menor medida, também se expressam como ganhos à atividade docente, pois foi necessário fazer acréscimos técnicos, aperfeiçoamentos, que tornaram as ações docentes mais profissionalizadas e menos caseiras. Os saberes experienciais expressos nas falas dos professores agregam valores, trazem reflexões sobre a prática docente, e no

dizer de um professor, “cria paixão”, no sentido de aguçar a curiosidade da leitura, da pesquisa, da busca, trazendo ampliação de horizontes.

Outra categoria apontada é a questão da relação com os alunos, que foi assim relatada:

Professores antigos

Russell Shedd	*O relacionamento com os alunos era muito pessoal e muito próximo, porque eram muito poucos ... é, eu não lembro todos os alunos que*
	estiveram lá nos anos sessenta e cinco, sessenta e seis, sessenta e sete, mas o que lembro é que o grupo de alunos era muito pequeno eu não sei se eram oito ou dez... [...] Para meia classe, então era muito pessoal, deu para ter bastante interação.
Nils Friberg	*Relação com os alunos? Eu achei que era uma avaliação muito boa nos tempos antigos quando ainda tínhamos aulas naquela velha casa lá de Botelho, é ... havia uma senhora que chamava Maria [...] Ela cozinhava ali [...] Mas ela formava com suas refeições e cafezinhos, etc, um contato muito agradável entre os alunos e os professores, porque o serviço dela era muito amigável e sempre uma serva de todos. Ela servia numa função muito importante para trazê-los todos nós juntos em volta de uma mesa. [...] São pessoas que trabalham assim ao lado nosso e que não estão nos livros de histórias né, mas são importantes.*
Karl Lachler	*A palavra melhor para descrever a relação dos professores com os alunos seria, “familial.” Havia alegres saudações ao encontrar com alunos nos corredores e no refeitório onde ceiamos por rápidos minutos antes o começo de aulas. Senti um respeito sincero dos alunos para com os professores.*
Silas Costa	*Olha, eu acho que era basicamente com a relação de pastor... Bom, é, não havia essa, essa consciência de analisar, isso aqui é uma Instituição acadêmica, era muito relacionado com que a denominação fazia. ... A nossa perspectiva era de preparar pastores... Então era nessa direção que a gente... Caminhava, e basicamente eu creio que todos os professores eram pastores em alguma igreja ...Isso, inclusive os missionários, né.*

Professores atuais

Kenji:	*Minha relação com os alunos, essa relação deixou de ser, eu sou pastor, né, é, mas eu deixei de ser menos pastor e mais professor, isso que ocorreu.*
Marcelo	*É uma coisa que acho que é uma herança daquele tempo não profissional, não se perdeu. Como relacionamento ele continua sendo algo muito forte.*
Jonas	*Meu relacionamento com os alunos é muito bom porque o aluno que vem fazer o curso de Teologia, às vezes eu converso com os professores que dão aula aí no estado e escolas públicas e outras mais, reclamam um pouco do fato dos alunos serem tanto desinteressados [...] aqui na Faculdade Teológica de modo geral não acontece, o aluno vem pra cá e tem uma ideologia, ele quer, então ele já vem, é isso é muito bom [...] isso motiva a gente a a tentar ajudar dando um pouco [...] a dificuldade é o tempo realmente, o tempo é muito curto de contato, a gente tem um contato só em sala de aula basicamente ...*

Jacira	*Eu procuro manter uma postura bem-próxima desse aluno, né. Conversar com o aluno, entender quais são as necessidades dele no dia a dia de sala de aula, é... redirecionar algumas, algumas coisas que a gente pensou e na realidade não tá dando certo [...] Às vezes a disciplina X se apresenta mais séria, mais rígida, mais inflexível, o aluno às vezes se distancia desse professor ou se aproxima de um outro por conta do próprio tema dos assuntos a serem tratados.*
Vanderlei	*Há dois tipos de professores [...] que se aproximam mais dos alunos ou permitem os alunos se aproximarem mais deles e há professores que têm um perfil às vezes que há uma questão cultural [..] é uma questão de cultura mesmo [...] são professores que os alunos sempre vão procurar, ou seja, vão procurá-los, eles estão abertos a conversar, mas não aqueles professores de ficarem batendo papo com aluno, que é diferente de alguns professores brasileiros que ficam na cantina conversando com os alunos.*
Jorge	*Eu vejo, em termos gerais, muito bom, melhor do que em outros lugares [...] Eu vejo que o relacionamento professor e aluno aqui é muito bom [...] se o professor for perspicaz em relação à necessidade do aluno, ele simplesmente descobre que os alunos estão necessitando e responde às suas necessidades.*

Um dos objetivos nesta pesquisa foi a de investigar a relação aluno/professor. Nas entrevistas, tanto com professores antigos como com os atuais, fica claro um relacionamento do tipo 'pastoral' mais que profissional. A atividade pastoral/ministerial tem uma característica de aconselhamento/cuidado/consolo, o que de certa forma acompanha o professor em sua ação docente. Grande parte dos docentes da instituição desenvolve juntamente com o magistério a atividade pastoral/ministerial. Identifica-se em praticamente todas as falas um cunho 'pastoral', 'cuidador', que é característico do ministro, mas que faz também parte do perfil do educador. Entretanto, mesmo com essa característica de cuidador, alguns afirmaram que hoje tem uma atitude mais profissional. Ao se pensar no processo de ensino/aprendizagem, o professor que tem uma visão mais ampla, busca atender o que Masetto (2003, p.37) chama de *processo de crescimento e desenvolvimento de uma pessoa em sua totalidade.*[153]

Placco et alli (2006, p. 81 e 82) compartilham das ideias de Tardiff ao afirmarem que os saberes dos professores, além de plural, "é compósito, heterogêneo, porque envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer bastante diversos, provenientes de fontes variadas e, provavelmente, de natureza diferente".

[153] Masetto defende a ideia do professor que busca em seu aluno um *processo de crescimento e desenvolvimento de uma pessoa em sua totalidade,* que abrange quatro áreas: do conhecimento, do afetivo emocional, da habilidade e de atitudes e valores.

Os estudos na área de formação de professores de Teologia são escassos, senão quase nulos. Uma das razões para tal escassez pode ser o tempo, pouco mais de dez anos da oficialização desses cursos. No levantamento feito e descrito, no capítulo um, a maior parte dos trabalhos se refere à área de Educação, mais especificamente, formação. Este trabalho caminhou na história de uma instituição de Teologia. Selecionou quatro problematizações que foram julgadas como características institucionais que a constituem, a identificam, e procuraram dialogar com as fontes documentais e seus atores, ou como diz Magalhães “com o arquivo e a memória”. Pode-se afirmar que tanto num período como em outro, envolver-se com novos conhecimentos fez com que alguns professores afirmassem que avanços em conhecimento abriram portas para desdobramentos em sala de aula.

Fica um desafio para a ampliação de pesquisas na área de História das Instituições de Teologia, especificamente, em temas da formação docente.

CONSIDERAÇOES FINAIS

O objetivo desta investigação em torno da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, buscou a história da instituição com um olhar voltado para a formação de professores num recorte temporal. O campo de estudos em História das instituições escolares é relativamente recente em pesquisas voltadas para a educação e traz diferentes abordagens epistemológicas que as enriquecem. Esse trabalho traz a dialética investigativa como abordagem epistemológica buscando compreender a relação do particular com o geral, em suas conexões com o econômico, político, social e cultural, conforme Nosella e Buffa (2007). Serviram também como referenciais teóricos diversas obras publicadas, contendo pesquisas em História das instituições escolares, de autores nacionais e estrangeiros. O campo da Educação Teológica no Brasil, muito restrito aos 'muros' institucionais, agora se torna mais aberto e procura integrar-se ao universo acadêmico desde o Parecer CES 241/99. Algumas instituições, sem perder sua identidade vocacional, procuram se abrir, sair de 'seus muros', como é o caso da instituição estudada. A discussão de mudanças institucionais, frente à oportunidade da oficialização dos cursos de Teologia, é atual e carece de pesquisas pormenorizadas. A História de Instituições de Ensino Teológico vem sendo pesquisada timidamente, conforme atesta o 'estado da arte', elaborado para fins de estudo nessa pesquisa, que aponta maior número de pesquisas na área de Educação - formação - que em outras áreas.

Dessa forma, o trabalho foi estruturado com fontes primárias e secundárias. No levantamento histórico realizado, foram considerados, como fontes primárias, os textos de relatórios dos diretores, as Atas das Mantenedoras, os livros de o Mensageiro, os artigos do Jornal Batista Paulistano, artigos do O Jornal Batista, imagens em formato de antigas fotografias da instituição e de pessoas ligadas a ela, e as entrevistas com professores antigos e professores atuais, com um dos ex-vice-diretores e o diretor atual. As fontes secundárias foram organizadas, por meio de informações coletadas empiricamente, em conversas telefônicas, trocas de e-mail, álbuns de fotografia, coletados de amigos da instituição.

A pesquisa parte da forma mais tradicional, isto é, o referencial teórico. Estudar as propostas dos autores sobre instituições escolares representou para mim, atualmente coordenando o próprio curso superior de Teologia em estudo, um passo importante na construção do conhecimento. A dialética investigativa apresentou-se a mim como um desafio. Tendo como abordagem epistemológica nessa investigação os ideais colocados por Nosella e Buffa (2007), pude compreender que a dinâmica da história de uma instituição escolar, ao relacionar o particular com o geral nos demais contextos, oferece caminhos para compreensão das relações com a totalidade, nos desvendamentos da luta, da vontade dos homens pelo poder nas relações.

Ao lidar com a perspectiva teórica da História das instituições escolares no campo da historiografia, percebo como é importante tal referência para a compreensão do papel de coordenadora acadêmica. Nesse sentido, o capítulo primeiro procurou dar uma visão do referencial de História das instituições escolares e procurou trazer o estudo de uma determinada instituição como uma contribuição ao campo da educação. Os historiadores salientam a importância de se conhecer o passado para ter um olhar para o futuro.

Conhecer o passado de uma escola, nas suas mais diversas categorias[154] acrescenta uma amplitude ao pesquisador. A formação de professores foi eleita como uma categoria a ser observada, por compreender que uma grande mudança se efetuou nos últimos dez anos na instituição desde a oficialização dos cursos de Teologia, pelo Parecer CES 241/99. O interesse na situação presente me fez buscar no passado as falas de professores antigos sobre a seleção e as exigências para a docência no primeiro período institucional. Em suas falas foram encontradas problematizações que me conduziram a formular tentativas de análise explicitadas posteriormente. Encontro contradições em algumas falas dos antigos quanto ao momento presente bem como uma exaltação ao passado como sendo um tempo mais voltado para o propósito da instituição na formação de ministros.

[154] Chamo aqui a atenção para as categorias trazidas tanto por Nosella e Buffa quanto por Magalhães mencionadas no 1º capítulo.

A curiosidade pelo tema levou a elaboração do estado da arte sobre pesquisas em instituições escolares de Teologia. Tal estudo trouxe algum esclarecimento quanto à importância que a Educação Teológica ocupa em pesquisas sobre o tema. Não foram encontrados trabalhos que tenham sido catalogados especificamente com a designação de 'História das instituições escolares de Teologia', mas, ao buscar no sistema de pesquisa da CAPES as palavras Ensino Teológico, Seminário, Educação e Educação Teológica, em separado, foram encontrados 40 trabalhos, que ajudaram a construir um quadro com algumas categorias. Nesse quadro a maior parte de trabalhos relativos à Educação Teológica é analisada pelo viés do campo da Formação.

O segundo capítulo foi organizado com um sentimento de descoberta, de algo novo. A Educação Teológica Batista no Brasil, que inicia no século IX, está descrita em diversas obras mencionadas ao longo da pesquisa. Entretanto, menos pesquisada é a Educação Teológica Batista no Estado de São Paulo. Para a escrita de sua história, foi preciso que Oliveira (2000), um historiador pernambucano, descrevesse-a e colocasse suas raízes no trabalho desenvolvido pelo antigo missionário Morgan. Dessa forma, ler os números do jornal Batista Paulistano, desde a década de 1930, confirmou o que Oliveira historiou e que não se encontra em nenhum número de jornal, livro, artigo ou publicação semelhante, que creditasse tal feito ao missionário. Por razões explicitadas nesta pesquisa, a vaidade pelo então STBSB, instituição que roubava os olhares e as atenções da denominação, não permitiu que tal valor fosse creditado ao Morgan, tido também por mim, após esse estudo, como aquele que iniciou o ideal da Educação Teológica entre os batistas, em São Paulo, contradizendo também o que afirma Tognini e Bryant.

A Faculdade Teológica Batista de São Paulo, no contexto denominacional, do final dos anos 1950, chega tímida. O terceiro capítulo descreve o início de suas atividades e procura demonstrar sua solidificação enquanto instituição denominacional, que se apresenta crescente em meio a dificuldades e contradições. Bryant foi o líder que solidificou a instituição trazendo uma visão que lutava entre forças contrárias: a de uma instituição não voltada para um modelo importado e, sim, uma instituição que seguisse um modelo mais brasileiro. Sendo estrangeiro, evidentemente não conseguiu deixar suas raízes ao lado, mas não há como deixar

de afirmar que buscou inovações no campo da Educação Teológica menos conhecidas no mundo de então. Ainda que as contradições tenham se manifestado ao pesquisar o assunto, a instituição deve muito ao seu empenho, à sua liderança.

A Educação Teológica a partir de 1999 passa por mudanças visíveis em boa parte das instituições no Brasil. A oportunidade de se fazerem reconhecidas vem a público por meio do Parecer CES 241/99. Esse é o tema da discussão do capítulo quatro. Entretanto, como se diz na linguagem coloquial, o que para uns foi solução para outros foi problema. Para parte dos personagens da instituição em estudo a oficialização chega com um leque de possibilidade de expansão, de crescimento e de uma efetivação no campo da pesquisa e da cientificidade. Para outros, foi motivo de críticas e de rejeição por sentirem que a partir de agora o estado passaria a ingerir, a influenciar com sua 'mundanidade' uma instituição até então considerada por como um espaço somente para os escolhidos, vocacionados, separados. Um conflito se estabelece e lutas internas fazem parte desse momento histórico. A análise de texto do Parecer faz parte desse capítulo e, observa-se na sua elaboração que o medo instaurado, em parte da liderança denominacional, é infundado. Tal discussão foi aprofundada no capítulo cinco.

Nosella e eu decidimos fazer do capítulo cinco um espaço para levantamento de problemas observados na pesquisa. Para tanto, foram selecionados quatro problemas, seguidos de suas caracterizações e tentativas de análise. Esse trecho da pesquisa utilizou dados trabalhados nos capítulos anteriores, das entrevistas dos professores antigos, dos atuais, do diretor e vice-diretor, a fim de corroborar na caracterização e análise dos problemas. As entrevistas trouxeram à pesquisa contribuições, por expressarem opiniões e sentimentos. Pela exiguidade do tempo, não foi possível fazer um trabalho de análise com as entrevistas elaborando categorias próprias para posterior teorização. Ao invés disso, as falas foram utilizadas na comprovação de hipóteses e/ou ao descrever contradições. Ao utilizar trechos das falas dos professores, percebo como as opiniões são importantes e o quanto revelam da realidade ou, nos dizeres de Marx, a totalidade, a materialidade.

Posso afirmar que esse capítulo foi meu desafio acadêmico. Durante todo o percurso da escrita, uma pergunta permeava meu pensamento: Estaria

criando/escrevendo um texto dialético? Como uma abordagem pouco conhecida por mim, conhecer a dialética e tentar escrever dialeticamente me ajudou a enxergar as contradições e a buscar explicações. A conclusão será de meus avaliadores. Pessoalmente, não me considero questionadora, tendo sido criada por meus pais numa postura mais submissa. Entretanto, o esforço por uma aproximação de um texto dialético foi um dos objetivos a ser alcançado.

Dois sentimentos brotaram ao realizar essa pesquisa, que representam parte do meu desenvolvimento nesse período de estudos de doutoramento. O primeiro deles é o da novidade. Explorar os pesquisadores da História das Instituições foi novo e instigante. Perceber a forma como eles descrevem as diversas instituições de ensino e ler as muitas narrativas de escolas pelo Brasil afora, revelou um novo jeito de pesquisar a instituição escolar. A aproximação dessa teoria historiográfica, que contém temas fascinantes, como a memória, por exemplo, trouxe uma nova possibilidade de enxergar outros campos do saber. A partir disso, busquei documentos institucionais que ajudassem a desvendar a história da FTBSP. Na instituição, não há um relato pormenorizado de sua história que partisse de pesquisa documental, iconográfica e de entrevistas com alguns de seus atores. Em alguns momentos de leitura das Atas, artigos de jornais e relatórios administrativos, senti-me empolgada, tal era a admiração diante de fatos, personagens e trechos escritos sobre o universo batista, as instituições de ensino e a FTBSP. Muitas foram as minhas expressões de admiração, de espanto e, em alguns momentos, de estranheza, principalmente nas descobertas impressas.

O segundo sentimento é, de alguma forma, o de impotência ou o de ‘amarras’, por estar vinculada à instituição desde longa data. Claramente posso afirmar isso. Entendo que não foi possível concluir esta pesquisa com uma crítica de quem demonstra distanciamento. Isto traz de certa forma frustração acadêmica, mas eu estava consciente dessa condição desde o início.

Dentro do objetivo traçado para este estudo, qual seja a História da Instituição chamada Faculdade Teológica Batista de São Paulo, sua fundação, até o início dos 1972, e, mais tarde, nos anos de 1999 a 2010, em que ocorre uma transformação de perfil institucional e docente, observo que, no contexto da Educação Teológica

Batista no Brasil, descrito no capítulo dois, a instituição em estudo foi uma instituição vanguardista. Veio para sanar a dificuldade de pessoas interessadas em fazer um curso de Teologia e que não poderiam se dirigir ao STBSN, ao STBNB ou ao STBE, a fim de estudar. Vanguardista também por trazer o conceito de Faculdade, de Ensino Superior, e não de seminário como nas instituições existentes. Vanguardista por criar um curso noturno na cidade que mais crescia no Brasil. Vanguardista por ter no início de sua história, não somente pastores formados em seminários, mas pessoas com diferentes formações realizando atividades educativas e formativas, vinculadas ao corpo docente. Vanguardista por ser a primeira Instituição Teológica Batista na cidade de São Paulo a alcançar o reconhecimento do MEC. Ainda que para isso tenham sido necessárias algumas discordâncias, algumas decepções.

No contexto da Educação Teológica, no Estado e na Cidade de São Paulo, havia uma pequena atividade formativa, que foi a gênese da instituição, marcada pela presença do missionário Morgan. Traço dessa forma a identidade da instituição como aquela que, ainda que com algumas marcas de progresso e independência, anda a passos lentos. Uma instituição que, em seu primeiro período, marcou fortemente a visão pietista e salvacionista focada na formação de ministros e pastores e, ao logo de sua história, ainda que tenha formado, em seus mais de 50 anos de existência, pastores, missionários, educadores cristãos e músicos para as igrejas, formou também professores/acadêmicos.

Percebo, entretanto, que na última década, a visão da formação ministerial tem sido dividida com a formação do professor/acadêmico mais fortemente. Em 1999, havia na instituição, por volta de 40 professores ligados ao bacharelado em Teologia. No ano de 2010, esse número caiu para 25. Destes, em torno de 80 %, num período de 10 anos, alcançaram os graus de mestre ou doutor. Creio que isso marca uma forte mudança de identidade institucional. Na fala dos professores atuais, fica clara uma preocupação e uma predominância pela pesquisa, pela publicação de artigos, capítulos de livros, de livros completos, e também pela constante atualização acadêmica.

Ao iniciar essa pesquisa, foi elaborada uma hipótese sobre o início institucional e sua última década. Pensava que por meio da pesquisa poderia

comprovar que havia uma preocupação com a formação docente. Observei que essa preocupação sempre esteve presente de uma forma ou de outra. No início, Tognini chama os melhores, no período Bryant, a influência dos professores americanos pós-graduados trouxe aos brasileiros, oportunidades de formação em seus estudos, bem como o incentivo a alguns a se aventurarem no exterior. No último período estudado, ainda que sob protestos, incompreensões e desacordos do público externo e interno, um grupo de docentes avança em formações pós-graduadas, e o resultado disso está explícito no problema quatro.

Essa pesquisa não se esgota. Lamento a falta de tempo para aprofundar as questões levantadas, aprofundar os princípios e as teorizações em alguns momentos tratados de forma superficial. Lamento que as lideranças denominacionais não enxerguem todo o potencial que a FTBSP representa e o papel que exerce junto à comunidades denominacionais, e também junto ao contexto histórico social. Lamento também pelas muitas vezes em que a lentidão interna, na própria instituição, amarra tantos projetos, que poderiam leva-la a patamares educacionais de destaque. Essa impressão fica para mim, como pesquisadora, ao contrário de ser uma frustração, como portas abertas para:

- Investigar historicamente o período que segue à gestão Bryant;
- Fazer um levantamento dos docentes que deixaram a instituição e seguiram seus próprios processos formativos;
- Trabalhar com mais profundidade as categorias encontradas nas entrevistas e descobrir novas categorias;
- Buscar junto aos alunos egressos suas impressões sobre a oficialização.

Creio que a Educação Teológica como um campo de estudos a ser explorado, a ser ampliado, poderá contribuir para o estudo do campo da História das instituições escolares. Por sua vez, elaborar a história de uma instituição de Teologia, que conta o início, parte de seu desenvolvimento e reconhecimento pelos órgãos oficiais da Educação no Brasil, representou para mim, como educadora, um crescimento sem precedentes.

REFERÊNCIAS

ABRAÃO, Maria Helena Menna Barreto. Profissionalização docente e identidade – narrativas na primeira pessoa. In SOUZA, *Elizeu Clementino de. Autobiografias, histórias de vida e formação*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2006.

ALVES, Gilberto Luiz. *O pensamento burguês no seminário de Olinda (1800 – 1836). Ibitinga, SP : Humanidades, 1993.*

ANDRÉ, Marli E. D. *Estudo de caso em pesquisa e Avaliação educacional*. Brasília : Iber livros, 2005.

ANDRÉ, Marli E. D. et all. *Pesquisa sobre formação de professores Síntese de grupos de pesquisa do GT 8 da ANPED.* Belo Horizonte : Formação Docente, v. 3, p. 152-159, ago./dez. 2010 Disponível em http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br. Acesso em05/12/2012.

ARAUJO, Marcelo José. *A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – 1948-1975*. Tese de doutorado apresentada a Comissão do programa de Pós graduação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, 2007.

ARMSTRONG, Hayward. *Bases da Educação cristã. Rio de Janeiro* : JUERP, 1992.

AZEVEDO, Israel Belo de. *A teologia supra-nacional dos batistas brasileiros.* In Teologia no Brasil: teoria e prática. São Paulo : ASTE, 1985.

AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo*. *A formação do pensamento batista brasileiro*. São Paulo : Vida Nova, 2004.

BAUER, Carlos. *Reflexões sobre o tempo e a história, a memória e a utopia escolar*. Jundiaí : Paco editorial, 2011.

BELO, Albertina. *A arquitetura do Colégio Jesuíta de Olinda dos séculos XVI e XVII*, Edições Universidade Lusíada, Lisboa, 2000. VAINSENCHER, Semira Adler. *Igreja de Nossa Senhora da Graça*. Artigo na página da Fundação Joaquim Nabuco. *O Seminário de Olinda*. Disponível em http://dominusvobis.blogspot.com/2009/02/o-seminario-de-olinda.html. Acesso em 16/02/2012.

BOCK, A M.B. *As aventuras do Barão de Munchausen na psicologia*. São Paulo : Educ-Cortez FAPESP, 1999.

BORGES, Inez Augusto. *Educação e personalidade : a dimensão sócio-histórica da educação cristã.* São Paulo : Mackenzie, 2002.

BRANDÃO, Carlos. *O que é educação?* São Paulo : Brasiliense, 1981.

Breve História do Protestantismo no Brasil. Disponível em Portal Mackenzie.htm. Acesso em 22/02/2012.

BURKE, Peter. *A Escola de Annales, 1929 – 1989. A revolução francesa da historiografia*. São Paulo : UNESP, 1992.

BRZEZINSKI, *A pesquisa sobre profissionais da educação em 25 anos de História.* Disponível em www.anped.org.br. Acesso em 05/12/2012

CAMBI, *História da Pedagogia*. São Paulo : UNESP, 1999.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. Considerações sobre o ensino da História da educação no Brasil. In *Historia da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas : Autores associados, 2005.

CATANI, Denise Barbara. *A educação como ela é*. Educação especial: biblioteca do professor. São Paulo : Segmento, ano1, n.5.

CATANI, Denise Barbara. A atuação do grupo de estudos em docência, memória e gênero; GEDOMGE – FEUSP (1994-1-2006) in SOUZA, Elizeu Clementino de. *Autobiografias, histórias de vida e formação*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2006.

CATANI, Denise Barbara et all. *Docência, memória e gênero. Estudos sobre formação.* São Paulo : Escrituras, 1997.

CATANI, Denise Barbara, VICENTINI, Paulo Perin. *Formação e auto-formação: saberes e práticas nas experiências dos professores.* São Paulo : Escrituras, 2006.

CATANI, Denise Barbara; Faria Filho Luciano Mendes de. *Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT. História da Educação da ANPEd* (*1985-2000).* Disponível em www.anped.org.br. Acesso em 10/12/2012.

CRABTREE, A. R.. *História dos Baptistas no Brasil.* Rio de Janeiro : Casa Publicadora Batista, 1937.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo : Paulinas, 2001.

DANIÉLOU, J, MARROU, Henri. *Nova História da Igreja*. *Dos primórdios a São Gregório.* Petrópolis, Vozes, 1973. Vol, 1.

DEMO, Pedro. *Pesquisa participante*. *Saber pensar e intervir juntos.* Brasília : Iber livros, 2008

DUBAR, Claude. *A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo : Martins Fontes, 2005.

DUDUCH, Wagner. *A educação superior na formação de pastores batistas: um estudo sobre a Faculdade Teológica Batista de Campinas.* Dissertação de mestrado defendida na UMESP, 2001.

DURAN, Marília. Linha de pesquisa – Formação de educadores uma discussão a partir da produção discente. In *Educação e Linguagem, vol 12, nº 20, jul.-dez., 2009*. São Bernardo do Campo : Metodista, 2009.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. Reflexões sobre o ensino e a pesquisa da história da educação brasileira. in GATTI, Décio Júnior, FILHO, Geraldo Inácio. *Historia da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas : Autores associados, 2005

FERREIRA, Ebenezer Soares. *A ABIBET, 40 anos*. Rio de Janeiro : ABIBET, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral e tempo presente. In *(Re) introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo : USP, 1995.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *As pesquisas denominadas "estado da arte".* Educação e sociedade, ano XXIII, n.79. Agosto/2002.

FREIRE, Paulo. *A Pedagogia do Oprimido.* Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro : Paz e terra, 1979

FURTADO et all. *Psicologia Sócio-histórica. Uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo : Cortez, 2007.

GADOTTI, Moacir. *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório.* São Paulo : Cortez, 2008.

GALDIOLI, Andreza da Silva. *A Cultura Norte-americana como um Instrumento do Soft Power dos Estados Unidos: o caso do Brasil durante a Política da Boa Vizinhança* do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP e PUC-SP). São Paulo, 2008.

GARCIA. *Formação de professores. Para uma mudança educativa*. Porto : Porto Editora, 1999.

GATTI, Bernardete A. *Pesquisa, educação e Pós-modernidade: confronto e dilemas*. *Fundação Carlos Chagas*, São Paulo, nº 126, vol 35, set/dez. 2005. p. 595-608.

GATTI, Bernardete A. *Formação de professores e carreira. Problemas e movimentos de renovação.* Campinas : Autores associados, 2000.

GATTI, Décio Júnior, FILHO, Geraldo Inácio. *Historia da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações.* Campinas : Autores associados, 2005.

GATTI Décio Jr.. *Reflexões teóricas sobre a história das instituições educacionais*. In Ícone - v. 6, n. 2 – jul/dez. 2000. p. 131 – 147.

GEORGE, Sherron, K. *Igreja ensinadora*. Campinas : Luz para o caminho, 1993.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In *Psicologia Sócio-histórica, uma perspectiva crítica em psicologia.* FURTADO et all. São Paulo : Cortez, 2007.

GONZALEZ, Justo L. *Ministério: vocação ou profissão: o preparo ministerial ontem, hoje e amanhã.* São Paulo ; Hagnos, 2012.

GONZALEZ, Justo L. *Uma História ilustrada do cristianismo. A era dos gigantes*. Vol. 2. São Paulo : Vida Nova, 1978.

GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática, atual e exaustiva*. São Paulo : Vida Nova.

HALLOCK, Edgar Francis e FERREIRA, Ebenézer Soares. *A história do Seminário Teológico Batista do Brasil – 1908 a 1998*. Rio de Janeiro : JUERP, 1998.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional. Formar-se para a mudança e a incerteza.* São Paulo : Cortez, 2004.

JARDILINO, José Rubens L. *Lutero e & a educação.* Belo Horizonte : Autêntica, 2009.

JOSSO, Marie Christine. *Experiências de vida e formação.* São Paulo : Cortez, 2004.

KRAMER, Sonia. *Leitura e escrita de professores em suas histórias de vida e formação.* São Paulo : Fundação Carlos Chagas, Cadernos de pesquisa, N.1, Julho 1971.

LESSA, Sérgio e TONET, Ivo. *Introdução a filosofia de Marx*. São Paulo : Expressão popular, 2008.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. *A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.* São Paulo : EPU, 1996.

MACHADO, José Nemésio. *Contribuição Batista para a Educação brasileira*. Rio de Janeiro : JUERP, 1994.

MACHADO, José Nemésio. *Educação Batista no Brasil*. São Paulo : Colégio Batista Brasileiro, 1999.

MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história as instituições educativas. In SOUZA, Cynthia Pereira de, CATANI, Denise Barbara. *Práticas educativas, culturas, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998.

MAGALHÃES, Justino. Contributo para a história das Instituições educativas – entre a memória e o arquivo. In *Para a história do Liceal em Portugal. Actas dos Colóquios do I Centenário da reforma de Jaime Moniz. (1894-1895).* Braga : Universidade do Minho, 1999.

MAGALHÃES, Justino. A História das instituições educacionais em perspectiva. GATTI, Décio, FILHO, Geraldo Inácio. *História da educação em perspectiva*. Campinas : Autores associados, 2005.

MAGALHÃES, Justino. *Tecendo nexos: História das instituições educativas*. Bragança Paulista : 2004.

MANACORDA, Mario Aliguiero. *História da educação: da atualidade aos nossos dias*. São Paulo : Cortez, 2010.

MARASCHIN, Jaci, C. A presença teológica da ASTE no Brasil. In *Teologia no Brasil: teoria e prática*. São Paulo : ASTE, 1985.

MASETTO, Marcos Tarciso. *Competência pedagógica do professor* universitário. São Paulo : Summus, 2003.

MASPOLI, Antonio Maspoli de Araújo Gomes. *Teologia : Ciência e profissão*. São Paulo : Fonte editorial, 2005.

MATOS, Alderi. *O Protestantismo no Brasil.* Disponível em http://www.mackenzie.br/6994.html. Acesso em 16/2/2012.

MATOS, Alderi. *Breve História do Protestantismo No Brasil.* www.thirdmill.org/.../portuguese/58714~11_1_01_10-18- acesso em 16/2/2012.

MATOS, Alderi de Souza. *Erasmo Braga, o protestante e a sociedade brasileira. Perspectiva sobre a missão da igreja.* São Paulo : Cultura cristã, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História oral*. São Paulo : 2000. 3ª. Edição.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Celeste porvir. A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo : ASTE, 1995.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa, VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo : Loyola.

MESQUITA, Antonio Neves. *História dos Batistas do Brasil de 1970 até 1935*. Rio de Janeiro : Batista, 1940

MOLOCHENCO, Madalena de Oliveira. *Curso Vida Nova de Teologia Básica: Educação Cristã.* Vol 8. São Paulo : 2008.

MORAES, Maria Cândida. *O Paradigma educacional emergente.* Campinas, São Paulo : 1997.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura et all. *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas, SP : Autores associados: HISTEBR; Sorocaba, SP : Uniso; Ponta Grossa, Pr : UEPG, 2007.

NORONHA, Olinda Maria. Historiografia das instituições escolares: contribuições ao debate metodológico. In *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas, SP : Autores associados: HISTEBR; Sorocaba, SP : Uniso; Ponta Grossa, Pr : UEPG, 2007.

NOSELLA, Paolo, BUFFA, Ester. *Instituições escolares: por que e como pesquisar*. Campinas : Alínea, 2009.

NOSELLA, Paolo, BUFFA, Ester. *Schola Mater. A antiga escola normal de São Carlos*. São Carlos : EduFSCar, 2002.

NOSELLA, Paolo, BUFFA, Ester. *Universidade de São Paulo: A escola de engenharia de São Carlos, os primeiros tempos*. São Carlos : EduFSCar, 2001.

NOSELLA, Paolo, BUFFA, Ester. *Escola profissional de São Carlos.* São Carlos : EduFSCar, 1998.

NOSELLA, Paolo. *Uma nova educação para o meio rural: sistematização e problematização da experiência educacional das escolas de família agrícola do movimento de educação promocional do Espírito Santo*. Dissertação de mestrado. PUC, 1997.

NÓVOA, Antonio (org.). *Vidas de professores.* Porto : Porto editora, 1995.

NÓVOA, Antonio e FINGER, Matias. *O método (auto)biográfico e a Formação.* São Paulo : Paulinas, 2010.

OLIVEIRA, Betty Antunes. *Centelha em restolho seco. Uma contribuição par a história dos primórdios do trabalho Batista no Brasil*. São Paulo : Vida Nova, 2005.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Educação Teológica Batista no Brasil. Perfil histórico.* Recife : STBNB, Edições, 2000.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de, ANDRÉ, Ramos. *Panorama Batista em Pernambuco*. Rio de Janeiro : JUERP,1984.

O Seminário Arquidiocesano de São José. Disponível em http://www.seminariosaojose.org.br/270anos.htm. Acesso em 16/02/2012

PEROBELLI, Raquel de Moraes Borges. *Os saberes docentes dos professores de Teologia das Instituições de Teologia da Igreja Evangélica de confissão Luterana*. Dissertação de Mestrado, PUSPr, 2008.

PETITAT, ANDRÉ. *Produção da escola/Produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1994.

PIMENTA, Selma Garrido, ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. *Docência no ensino superior*. Vol.1. São Paulo : Cortez, 2002.

PIRES, Marília Freitas de Campos. *O materialismo histórico-dialético e a Educação.* Interface – Comunicação, Saúde, Educação 1 - agosto, 1997, pgs 83-92.

PLACCO, Vera Maria de Souza Nigro et alli. *Aprendizagem do adulto professor.* São Paulo : Loyola, 2006.

REGA, Lourenço Stelio. *A Educação Teológica Batista no Brasil: uma análise de seu ideário na gênese e a sua transformação no período de 1972 a 1984*. Dissertação de mestrado. PUCSP, 2001.

REGA, Lourenço Stelio. Diretrizes curriculares para os cursos de graduação em Teologia: história e alguns critérios. In OLIVEIRA, Pedro A. *Religião e educação*, MORI, Geraldo de (orgs) São Paulo : Paulinas ; Belo Horizonte : Soter, 2011.

REGA, Lourenço Stélio. *Educação Teológica: um retrato preocupante*. O Jornal Batista. Domingo, 11/11/12.

REIS PEREIRA, *José dos. História dos batistas do Brasil*. Rio de Janeiro : JUERP, 1982.

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. *História da educação brasileira: a organização Escolar*. São Paulo : Cortez : Autores associados, 1987.

RIOS Terezinha. *Compreender e ensinar. Por uma docência de melhor qualidade.* São Paulo : Cortez, 2010.

ROMANOWSKI, Joana Paulin e ERNS, Romilda Teodora. *As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação*. Curitiba : Diálogo e Educação, v.6, n.19, p.37-50, set./dez, 2006.

ROJO, Martín Rodriguez. El componente educativo em el rol del profesor universitário. In CHAVES, Sandramara Matias, TIBALLI, Elianda F. Arantes. *Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares*. Rio de Janeiro : DP&A, 2003.

ROSA, Dalva E Gonçalvez. Investigação-ação colaborativa: uma possibilidade para a formação continuada de professores universitários. In CHAVES, Sandramara Matias, TIBALLI, Elianda F. Arantes. *Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares*. Rio de Janeiro : DP&A, 2003.

SAES, Décio, Azevedo Marques de, ROSA, Eliana Mariano. *Ensino superior e formação humana: a perspectiva de professores do curso de pedagogia*. In Cadernos de Educação, julho a dezembro, nº 15, São Bernardo do Campo, UMESP : 2008. pgs. 136-168.

SANFELICE, José Luis. História das instituições escolares. in NASCIMENTO, Maria Isabel Moura et all. *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas, SP : Autores associados: HISTEBR; Sorocaba, SP : Uniso; Ponta Grossa, Pr : UEPG, 2007.

SANTOS, Ademir Valdir dos, VECHIA, Ariclê. *Cultura escolar e História das práticas pedagógicas.* Curitiba : UTP, 2008.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958. O ano que não devia terminar*. Rio de Janeiro : Record, 2008.

SAVIANI, Dermeval. Instituições Escolares: conceito e reconstrução histórica. In *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas, SP : Autores associados: HISTEBR; Sorocaba, SP : Uniso; Ponta Grossa, Pr : UEPG, 2007.

SAVIANI, Dermeval. *História e História da educação*. Campinas : Autores Associados : HISTEDBR, 2006.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas : Autores Associados, 2007.

SICARDI, Bárbara Cristina Moreira, BARBOSA, Joaquim Gonçalves. *Biografias educativas e formadores de professores de matemática: uma leitura multirreferencial.* In *Cadernos de Educação, julho a dezembro, nº 15,* São Bernardo do Campo, UMESP : 2008. pgs. 10-24.

SILVA, Geoval Jacinto da Silva. *Educação Teológica e Pietismo. A influência na formação pastoral no Brasil, 1930 – 1980*. São Bernardo, UMESP e EDITEO, 2010.

SMITH, Adam. *Os economistas. A riqueza das nações. Investigação sobre sua natureza e suas causas*. Vol II. São Paulo : Nova cultural, 1996.

SOUSA, Cynthia Pereira de, CATANI, Denise Barbara. *Práticas educativas, culturas, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino.* Porto Alegre : EDIPUCRS, 2006.

STURZ, Richard. *Teologia sistemática*. São Paulo : Vida Nova, 2012.

TARDIFF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Rio de Janeiro : Petrópolis, 2002.

TOGNI, Ana Cecília, CARVALHO, Marie Jane Soares. *A escola noturna de ensino médio no Brasil*. La Revista Iberoamericana de educación, 2007, nº 44.

TOGNINI, Enéas. *Enéas Tognini: a autobiografia.* São Paulo : Hagnos, 2006

VERMELHO, Sonia Cristina e AREU, Graciela Inês Presas. *"Estado da arte" de educação & comunicação em periódicos brasileiros.* Campinas : Educação e Sociedade,vol.26, n. 93, p. 1413-1434, set./dez. 2005.

TAYLOR.W.C. *O Seminário do Norte*. Revista Teológica. Ano II. Janeiro de 1951, nº 3. !

WERLE, Flávia Obino Corrêa, BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá, COLAU, Cinthia Merlo. *Espaço escolar e história das instituições*. In Diálogo Edc, Curitiba, vol. 7, n. 2, p. 147-163, set/dez. 2007.

APÊNDICES

	APENDICES	233
01	ESTADO DA ARTE – ESTADO DO CONHECIMENTO	234
02	ENTREVISTAS	
	02 a Dr. Thurmon Earl Byrant	257
	02 b - Enéas Tognini	273
	02 c - Mario Dóro	286
	02 d - Nils Friberg	293
	02 e - Karl Lachler	303
	02 f - Russell Shedd	305
	02 g - Bertoldo Gatz	311
	02 h - Silas Costa	326
	02 i - Lourenço Stelio Rega	341
	02 j - Marcelo dos Santos Oliveira	356
	02 k - Alberto Kenji Yamabuchi	366
	02 l - Jorge Pinheiro dos Santos	374
	02 m - Jonas Machado	384
	02 n - Vanderlei Gianastácio	392
	02 o - Jacira Lima	401
03	LEVANTAMENTO DE DOCENTES – 1958 a 1972	410

	ANEXOS	
01	Estudo realizado por Lourenço Stelio Rega	415
02	Parecer 241/99	423
03	Ata 164 da Junta Administrativa do Colégio Batista Brasileiro	425
04	Carta dos alunos ao diretor Bryant	430
05	Anúncio no Batista Paulistano sobre o início das atividades da Faculdade Teológica do CB	435
06	Ficha de matrícula de aluno da 1ª turma	436
07	Transcrição da entrevista de Bryant ao redator do Batista Paulistano em novembro de 1965	438
08	Artigo de Salovi Bernardo: *O que queremos da educação*	440
09	Ficha de matrícula e Histórico escolar de aluno do Instituto Teológico Batista de São Paulo e primeiros 'Registro de empregado'	441
10	Parecer 118/09 e 51/2010	447
11	Parecer 63/04	457

APÊNDICE1

ESTADO DA ARTE – ESTADO DO CONHECIMENTO Banco de dados da CAPES Palavras chave: Ensino Teológico, Seminário, Educação/Educação Teológica 12/10/2011		
ENSINO TEOLÓGICO		
NOME/INSTITUIÇÃO/TIPO/ DATA	**TÍTULO/TEMA**	**MINI-RESUMO**
Adão Evilásio Vieira. 01/09/2000 Mestrado. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - EDUCAÇÃO	**Título:** A educação do pastor presbiteriano no Brasil na sua origem, experiência pioneira do seminário presbiteriano do sul-1888-1998 **Tema:** O reflexo do modelo anglo saxônico no ensino do SPS	Com a chagada dos primeiros missionários entre 1859 e 1869, representando tanto a igreja presbiteriana do Norte como a do Sul dos EUA, houve o início da Educação Teológica dos futuros pastores que iriam servir a igreja presbiteriana do Brasil. Trouxeram também um modelo de ensino teológico que eles próprios recearam dentro de sua cultura Anglo Saxônica. Tal modelo, após mais de cem anos de história do ensino teológico, ainda é visto hoje como ideal a ser ministrado aos alunos do curso de bacharelado em teologia nos seminários presbiteriano do Sul (SPS). Avaliado sua história, seus fundamentos educacionais, bem como seu currículo, queremos descobrir até onde o ensino e a pregação da IPB ainda refletem os modelos propostos pelos missionários pioneiros e como esses modelos são vistos hoje na educação teológica da IPB
Valdir Gonzales Paixão Junior. 01/03/2000 Mestrado. UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO - CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	**Título:** A Era do Trovão: Poder e Repressão na Igreja Presbiteriana do Brasil na Época da Ditadura Militar (1966-1978) **Tema:** Poder, uso de manipulação por ações políticas internas à denominação e externasno que se refere ao governo, trouxeram perseguição e cerceamento de idéias.	A Igreja Presbiteriana do Brasil, de 1966 à 1978, foi marcada pelas sucessivas reeleições de Boanerges Ribeiro à frente do seu Supremo Concílio. Este período teve como características a repressão e a centralização do poder eclesiástico, o que encontrou sua correlação no Regime Militar, instalado no Brasil a partir do Golpe Militar de 31 de março de 1964. Seu caráter ortodoxo e repressivo remonta, no entanto, às características que fizeram do presbiterianismo brasileiro, um presbiterianismo bem típico: ênfase no denominacionalismo, no individualismo, na detenção de uma mentalidade anti-católica e anti-ecumênica, na vivência de uma ética ascética intramundana e de não participação social efetiva, no apego ao passado como referência teológica e

		de impossibilidade de abertura para o novo, na leitura e na interpretação bíblico teológica fundamentalista. Os que não a aceitavam eram considerados inimigos e em última instância, eram os hereges, os desviantes da "sã doutrina". A confrontação e perseguição a estes inimigos acirraram-se no período de Boanerges Ribeiro como presidente do Supremo Concílio da IPB, período em que, concílios e instituições de ensino teológico foram dissolvidos e fechados, pastores e líderes, inclusive da juventude, professores dos seminários, sob pressão, saíram da igreja, deixaram a docência, foram despojados de suas funções ministeriais e, ainda outros, mediante denúncias junto às agências de informação do governo foram obrigados a deixar o país, exilando-se. O poder repressivo, assim, fez com que esta igreja não somente se enclausurasse no passado mas, também, fechasse as portas para que uma nova teologia fosse gestada no seu meio e uma participação social relevante fosse buscada.
Elisabeth Maristela Hack. **01/07/2001** Mestrado. ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA – TEOLOGIA	**Título:** O canto comunitário no culto cristão: subsídios para a formação do músico eclesiástico **Tema:** formação do músico eclesiástico	Esta dissertação estuda o canto comunitário no culto cristão como uma busca de subsídios para a formação do músico eclesiástico. Busca verificar as percepções, concepções e práticas do canto comunitário no culto cristão a partir da análise da realidade do canto comunitário e do referencial teórico específico. Das reflexões realizadas através da construção do conhecimento, retiram-se algumas considerações que se acreditam pertinentes para a contribuição do ensino do canto nas Comunidades Evangélicas Luterana no Brasil (IECLB)
Edson Martins. **01/12/2001** Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - EDUCAÇÃO	**Título:** Implantação, Marginalidade e Reconhecimento formal: um olhar protestante acerca da história da educação teológica superior no Brasil (1969-1999) **Tema:**A implantação de cursos de Teologia	Nesta pesquisa o autor se propõe a elaborar uma explicação da implantação dos cursos de graduação em Teologia no Brasil por parte dos presbiterianos, batistas, luteranos e metodistas e os esforços individuais e institucionais para o reconhecimento formal do curso pelo Ministério da Educação, começando em 1969 com a promulgação do Decreto-Lei nº 1.051/69, sancionado pelo Regime Militar, até a aprovação do Parecer CES/CNE nº 241/99 que reconheceu o bacharelado em Teologia como curso superior. Além de oferecer uma visão da inserção das já citadas confissões no Brasil, de modo a permitir a compreensão do momento histórico em que elas aqui chegam, serão focalizadas as suas primeiras instituições de ensino teológico, e as

	reconhecidos no Brasil	suas principais peculiaridades, como os objetivos iniciais quando da fundação da instituição, o currículo teológico adotado e as modificações sofridas ao longo do tempo, o perfil e as dificuldades do corpo discente, as características dos dirigentes e o relacionamento da instituição com a entidade mantenedora, havendo ainda uma análise da formação inicial do corpo docente e as dificuldades enfrentadas para que existisse um corpo docente brasileiro e devidamente qualificado. Para tanto, serão mostrados os esforços de associações de credenciamento, como a ASTE (Associação de Seminários Teológicos Evangélicos), a ABIBET (Associação Brasileira de Instituições Batistas de Ensino Teológico) e a AETAL (Associação Evangélica de Educação Teológica na América Latina) em prol de uma educação teológica protestante de qualidade. A pesquisa será finalizada mostrando tanto a euforia como o temor que o novo momento, causado pelo reconhecimento do bacharelado em Teologia trouxe à realidade das confissões protestantes..
Élton de Oliveira Nunes. **01/05/2002** Mestrado. UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO - CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	**Título:** Novas exigências para o ensino teológico: Etapas para elaboração de projetos político pedagógicos para as instituições de ensino teológico de acordo com a legislação do Conselho Nacional de Educação do Ministério de Educação e Cultura. Tema: O reconhecimento de cursos de Teologia	O Ministério da Educação reconheceu, oficialmente a área de Teologia como campo próprio do terceiro grau. Este reconhecimento se concretizou a partir da nova LDB e do parecer 241/99 do Conselho Nacional de Educação, que deliberou esta área considerada como curso superior de graduação, recebendo o mesmo tratamento dispensado a todos os cursos superiores, amparados pela nova LDB. Para fazer face a esta nova realidade é necessário o cumprimento das exigências do Conselho Técnico de Educação do Ministério, que dentre uma série de medidas, exige a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição. O pesquisador apresenta neste texto as etapas de elaboração do PPP, a partir da proposta de Danilo Gandin, para a área específica de teologia.
Maria Aparecida Soares Ferreira. **01/12/2002** Mestrado. CENTRO UNIVERSITARIO ASSUNCAO – TEOLOGIA	**Título:** A dimensão prática em projetos de formação e no ensino de alguns institutos de teologia: Análise em vista de uma proposta. **Tema:** a dimensão da Teologia prática na formação do ministro religioso	Essa dissertação analisa como a dimensão prática aparece em alguns projetos de formação e no ensino de alguns Institutos de Teologia. Visando uma aproximação do tema, estudamos os diversos subsídios teóricos para verificar as idéias que surgiram ao longo da história. Para isso estudamos os aspectos bíblicos, históricos e teológicos da dimensão prática. Estudamos também a dimensão prática no ensino da Teologia e as considerações

		versaram sobre a pastoral nesse ambiente acadêmico, sobre a disciplina Teologia Pastoral e não só alguns princípios teológico-antropológicos, como também a pastoral na grade curricular, as disciplinas específicas de pastoral e suas relações com as ciências humanas.
Stella Junia Ribeiro de Andrade.01/06/2002 Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – MÚSICA	**Título:** O ensino de piano no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil: um estudo de caso **Tema:** Estudo de caso do curso de piano do Seminário Teológico Batista do Brasil.	Esta dissertação, um estudo de caso, examina o ensino de piano do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, usando como referencial teórico, idéias cognitivistas de John Sloboda, Mary Louis Serafine, Keith Swanwick e Marienne Uszler. O trabalho buscou responder se o curso de piano da instituição em pauta tem preparado a contento a grande maioria de seus alunos para o desempenho pianístico no contexto da liturgia batista. Inicialmente o trabalho apresenta uma descrição do universo batista, no que diz respeito à liturgia nas igrejas e ao contexto educacional do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Feita a descrição, avaliamos as exigências da liturgia em relação ao pianista e as condições do curso de piano no tocante à formação dos alunos. Além da pesquisa bibliográfica, fizemos uma coleta de dados empíricos, através de entrevistas com membros do corpo discente e docente da referida instituição. Em seguida analisamos os dados oriundos das entrevistas e, à luz das idéias deles deduzidas, apresentamos proposta visando à maior eficácia do curso.
Edmilson Nogueira. 01/10/2004 Mestrado. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - EDUCAÇÃO	**Título:** Missão da Universidade São Francisco: identidade, história, desafios e evangelização. **Tema:** A missão da Universidade São Francisco de	O texto é um esforço no sentido de perceber o que motiva uma instituição de ensino superior, caracterizada como confessional e de função espiritual/teológica, a proclamar para a sociedade que a sua missão é a de formar o homem integral; buscar respostas aos desafios que comprometem a vida; proclamar, estimular e promover a fraternidade universal e o respeito a todas as criaturas. É uma tentativa de entender o que leva uma instituição de ensino superior a escrever como sua missão a formação integral do homem, sabendo embora que a formação do homem se dá num processo contínuo e não apenas naqueles anos em que o aluno fica na instituição. Na reflexão procuraremos contextualizar a Universidade São Francisco, entendendo por contextualizar o exercício de desenvolver temas mais abrangentes que tangenciam a Universidade em sua finalidade, existência e função histórica. A Universidade São Francisco não está sozinha nesta

	formação integral do indivíduo	busca da formação integral do homem: é uma Universidade particular e isto tem uma história no Brasil.. As orientações e explicitações do processo educacional pela Igreja Católica servem como parâmetros para a rede mundial de escolas católicas (em seus diversos níveis). Ao expor a sua missão, a Universidade São Francisco está em sintonia com a sua fidelidade à sua confessionalidade religiosa que professa e sua opção de evangelizar os jovens, não apenas oferecendo os recursos comuns de uma Universidade, mas uma formação integral cristã, ou seja, a mensagem do evangelho encarnada na realidade social de seu tempo e de sua função.
Marie Ann Krahn. **01/12/2004** Mestrado. ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA – TEOLOGIA	**Título:** Ensino e aprendizagem do hebraico: contextos, princípios e práticas na Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil **Tema:** O ensino de Hebraico no curso da EST.	O tema desta dissertação é o ensino e aprendizagem de hebraico na Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. O objetivo da pesquisa é encontrar pistas que possam ajudar a responder a questão: "como ensinar hebraico para que o alunado sinta que tem significado para sua vida de fé e de trabalho?" Para algo adquirir significado na vida de alguém é necessário que tenha alguma relação com o seu contexto. Os dois princípios mais importantes, na ótica da autora, são a motivação e o diálogo. Apoiando-se em Martin Lutero, Paulo Freire, Carlos Mesters e outros/as autores/as, a autora argumenta que a aluna tenderá a assimilar melhor a língua, e com mais gosto, se ela souber para que serve, tiver uma noção histórica do uso de hebraico, sentir que o que ela pensa, sabe e questiona é valorizado e tomado em conta no planejamento e desenvolvimento da disciplina e tiver prazer no processo de aprendizagem. a ser de uma elite cada vez menor, quebrando com a nossa herança luterana.
Ademir Caitano Alves. **01/07/2005** Mestrado. UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO - CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	**Título:** As competências no ensino teológico: uma análise pedagógico-teológica da Faculdade Teológica Batista de São Paulo. **Tema:** O estudo do PPP da Faculdade Teológica Batista de São Paulo a luz de Perrenoud, Paulo Freire e Juan Luis Segundo**.**	A proposta deste estudo é analisar pedagógica e teologicamente a Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP) a partir de seus Projetos Político-Pedagógicos à luz de autores como Philippe Perrenoud e Paulo Freire e do teólogo uruguaio Juan Luis Segundo. Com as transformações sociais decorrentes da modernidade, a Pedagogia se vê re-construindo seus conceitos sobre Educação, movimento que também se repete no campo da Teologia.. As abordagens das pedagogias contemporâneas como a Pedagogia das Competências orientam que a aprendizagem é um processo em que o aluno é co-autor e sujeito de sua formação. Isso traz implicações

		importantes no ensino da Teologia e aponta a necessidade de atualização e contextualização no campo do magistério teológico. O presente trabalho analisará este movimento de reforma no Projeto Político-pedagógico da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.
Francisco de Assis Sousa Nascimento. **01/09/2005** Mestrado. FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – HISTÓRIA	**Título:** Estigmas da Educação: Histórias e Memóriasdo Estudantado Franciscano de Teologia e Filosofia em Parnaíba 1949-1964. **Tema:** A história dos "estudantado"de Teologia e Filosofia da Paraíba no período 1949 a 1964.	Este texto reconstitui a história e memória do "Estudantado" de Teologia e Filosofia em Parnaíba, no período de 1949 a 1964, a partir de uma abordagem historiográfica, embasada na Nova História Cultural e fundamentada por teóricos como: Jacques Le Goff, Peter Burke, Roger Chartier, Micheu de Certeau, Michel Pollack e Pierre Nora. A presente dissertação trata do desvelamento de uma produção discursiva na qual a educação tem grande influência na organização cultural de uma dada sociedade. Para compreender a influência da educação franciscana na história da educação brasileira será utilizado o "Estudantado" de Teologia e Filosofia de Parnaíba como "propósito" para se compreender novas possibilidades de produzir o conhecimento histórico, eclipsando narrativas mestras, dando voz e vida aos sujeitos condenados ao esquecimento.
Claudinei Antonio da Silva. **01/12/2006** Mestrado. CENTRO UNIVERSITARIO ASSUNCAO – TEOLOGIA	**Títullo:** O lugar da liturgia na formação básica dos futuros padres**.** **Tema:** a formação dos padres no que diz respeito a liturgia eclesiástica e sua importância	Este estudo visa ressaltar o lugar da liturgia nos seminários e casas de formação presbiteral, uma vez que os presbíteros desempenham papel relevante tanto na ação litúrgica como na formação litúrgico-espiritual do povo de Deus. O Concílio Ecumênico Vaticano II ensinou que a celebração da fé é "cume e fonte" de toda a vida da Igreja. No entanto, mais de 40 anos depois da promulgação da Constituição Sacrosanctum Concilium, a liturgia não é ainda centro e cume da vida da Igreja, e até certo retrocesso vem sendo detectado por alguns estudiosos. Neste estudo focalizamos Jesus como autor da liturgia, o primeiro liturgista do Novo Testamento e as características do seu ensino que apontam também para a dimensão estética da pregação. A constituição Sacrosanctum Concilium aborda a formação dos padres de uma maneira clara e a instrução sobre a formação litúrgica nos seminários diz que o ensino da liturgia deveria assumir os primeiros lugares entre as disciplinas ensinadas aos seminaristas. Só uma boa formação litúrgica dos futuros padres torna possível uma participação consciente, ativa e frutuosa dos fiéis.

Caroline Jaques Cubas. **01/12/2007** Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – HISTÓRIA	**Título:** O corpo habituado. Sentidos e sensibilidades na formação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição (Província Nossa Senhora de Lourdes, 1960-1980) **Tema:** Estudo dos anos de formação das irmãzinhas da Imaculada Conceição em seus regimentos	Esta pesquisa tem como objeto a formação para vida religiosa feminina entre os anos de 1960 e 1990. Divide-se em três reflexões norteadas pela experiência vivida dentro da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, na província Nossa Senhora de Lourdes, a qual engloba os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (entre outros), durante e após a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II. Para tanto, apresenta reflexões sobre os regimentos oficiais da formação para a vida religiosa e como estes foram ressignificados e vivenciados no contexto brasileiro. Trata das especificidades dos anos de formação, das fases e regras ensinadas e estabelece relações entre política e religiosidade através de uma conjunto de cartas, as quais possibilitam perceber impasses e divergências dentro da Igreja Católica como Instituição.
Rachel de Morais Borges Perobelli. **01/06/2008** Mestrado. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ – EDUCAÇÃO	**Título:** Os saberes docentes dos professores de teologia das instituições teológicas da igreja evangélica de confissão luterana no Brasil **Tema:** saberes e formação de professores de Teologia	Esta pesquisa se dedicou a investigar os saberes docentes dos professores de teologia das instituições teológicas da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Ao lidar com as questões que emergem da docência em curso de teologia surgiu o seguinte problema de pesquisa: que saberes os professores de teologia das instituições de ensino superior de confissão luterana trazem de sua própria formação e experiência profissional e utilizam na docência da teologia e quais os saberes que inferem na formação dos professores de teologia? A discussão sobre os saberes se insere neste quadro maior de debate sobre a formação e identidade dos professores, tendo os saberes como seu eixo central. Identificou-se, a partir da tipologia proposta por Tardif (2005), que a maioria dos professores de teologia considera como importantes os saberes pessoais, depois os saberes oriundos da formação profissional e depois os saberes da experiência profissional. A partir dos indicadores provenientes das entrevistas forma identificados outros saberes que se apresentaram mais variados, onde o saber específico da teologia foi mais citado. Sobre os saberes que inferem na docência há maior equilíbrio nas respostas, contudo a trajetória de vida tem forte influência.

Élton de Oliveira Nunes **01/09/2006** Doutorado. UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO - CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	**Título:** Teologia e Currículo - Multiculturalismo e cidadania como parâmetros para a elaboração do currículo Teológico nas Instituições Protestantes **Tema:** A elaboração de currículos de cursos de Teologia tendo como referência o multiculturalismo e a cidadania	Para fazer face a nova realidade dos cursos de Teologia a partir da Lei 24199, é necessário o cumprimento das exigências do Ministério de Educação, que dentre uma série de medidas, exige a elaboração da matriz curricular do curso. Esta tese problematiza a possibilidade de elaboração desta matriz a partir de dois eixos orientadores: o multiculturalismo e a cidadania, tendo, como eixo central, o entendimento do Conselho Nacional de Educação de que os Cursos de Teologia, para alcançarem seu credenciamento, devem apresentar um projeto pedagógico e a matriz curricular que define uma proposta teológica consistente com a respectiva tradição teológica. Para tanto, utilizou-se da filosofia educacional (referencial teórico) de Paulo Freire no trinômio encontro-diálogo-libertação. A partir do pensamento de Freire, o autor optou pela corrente multicultural denominada interculturalismo, entendida e definida como a visão multicultural que privilegia os sujeitos em suas relações culturais micro e macro e propõe novas estratégias de relacionamento e intercâmbio, e que tem como objetivo a promoção da construção de identidades sociais, o reconhecimento das diferenças culturais e a sustentação da relação crítica e solidária entre elas. Seguindo este mesmo referencial, optou-se por um conceito específico de cidadania, entendido como consciência crítica e modo de expressão dos direitos e deveres de um povo, por meio do respeito pelas suas expressões de vida que se manifestam em sua cultura. Estabelecidos esses pontos, o diálogo e aproximações com a teologia foram possíveis demonstrando-se a origem histórica e filosófica comum entre a vertente humanista da teologia protestante com as correntes democráticas e cidadãs modernas e como essas dialogaram no ocidente.
Patricia Carla de Melo Martins. **01/11/2006** Doutorado. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	**Título:** Seminário episcopal de São Paulo e o paradigma conservador do século XIX.	A ubiqüidade do catolicismo brasileiro faz dele um rico objeto de análise para a compreensão da cultura vigente nas diferentes regiões do país. Trata-se de uma religião que estendeu suas características sobre os diferentes traços do regionalismo brasileiro que, ao mesmo tempo, acompanha as transições político-culturais históricas do país. A pesquisa voltada à análise conjuntural do catolicismo paulista privilegia o local da elaboração de significados elementares da organização estrutural do catolicismo frente à modernidade contemporânea, sem os quais não seria possível atingir a sua superestrutura, que tem acompanhado os processos de 'complexificação'

	Tema: o estudo de documentos que marcam a estrutura do Seminário de São Paulo e que dão base ao catolicismo brasileiro.	das sociedades globais. O Seminário Episcopal de São Paulo, fundado em 1856, é nesta pesquisa avaliado como um elemento estruturante do catolicismo brasileiro, na segunda metade do século XIX. Partindo das premissas da História Cultural, construída sobre as bases da Antropologia e Sociologia da Cultura, a religião é um local de produção de linguagem, instrumento de comunicação, que, como tal, produz uma estrutura de conhecimento.. O Seminário de São Paulo foi fundado para atender aos interesses tanto da hierarquia católica romana, que tornava o catolicismo uma religião internacional, como da Coroa Brasileira, que visava a manutenção dos ideais monárquicos que estavam sendo ameaçados pelo liberalismo político. A educação propalada no Seminário colaborou para a formação de um quadro de intelectuais conservadores, que defendiam uma ordem política hierárquica, uma filosofia-teológica permeada pelos referencias da metafísica medieval, e uma doutrina religiosa que legitimava a permanência dos clérigos, sob orientação do papa de Roma, como portadores da verdadeira tradição cristã.
José Carlos da Silva. **01/07/2009** Doutorado. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – EDUCAÇÃO	**Título:** O ensino de filosofia na formação do agente religioso no Brasil colônia: uma identidade política entre a vassalagem epistemológica tradicional e a experimentação pedagógica heróica (1549-1599) **Tema:** O desenvolvimento do estudo de Filosofia no Brasil	Estuda as origens do ensino de filosofia no Brasil Colonial (1549-1599).Apresenta as concepções de mundo,de homem,o sentido de educação e da sociedade presentes na empreitada missionária da Companhia de Jesus no Brasil,a partir do contexto da contra-reforma católica e suas articulações com a expansão ultramarina mercantilista portuguesa.Destaca a identidade da pedagogia e filosofia católica jesuíta e suas caracteristicas politicas e formas institucionais.Debate a matriz cultural de dominação e as resistências possíveis. Avalia as contradições da educação jesuita e seu significado histórico e político. Apresenta o ensino de filosofia numa concepção tridentina,como serva da teologia,e discute a marca dessa significação figurativa de acoliato e servidão desde a gênese do ensino de Filosofia tanto na formação do agente religioso quanto na conformação cultural da Filosofia do Brasil.
Raylane Andreza Dias Navarro Barreto **01/04/2009**	**Título:** A formação de padres do nordeste do Brasil (1894-1933)	O Seminário Nossa Senhora da Conceição, instalado em 1894, por Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, primeiro bispo da Paraíba, e o Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus, implantado em 1913,

Doutorado. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – EDUCAÇÃO	**Tema:** a influência da formação dos padres do seminárioEpiscopal do Sagrado Coração de Jesus e sua influência na educação brasileira	por Dom José Tomás Gomes da Silva, primeiro bispo da Diocese de Aracaju, foram criados em decorrência do processo de laicização proporcionado pela proclamação da república brasileira, em 1889. Descortinar os modelos escolares que dirigiram e orientaram a formação do sacerdote, nos referidos seminários, e o resultado de sua aplicação constituiu-se o objetivo dessa investigação. A tese aqui defendida é a de que o modelo escolar desenvolvido nos Seminários brasileiros, criados após a política de laicização do Estado brasileiro, trata-se de um modelo com uma matriz única (com formação em seminários e finalidades pré-dispostas pela Santa Sé), embora adaptado, em alguns pressupostos, à realidade local e que, por sua estrutura formativa (privilegiando não só o espiritual e o moral, mas também o intelectual), foi responsável por gerações de intelectuais (padres professores, padres educadores, padres jornalistas, padres escritores entre outros) que impulsionaram a educação escolar no Brasil, nas três primeiras décadas da República, quando, em tese, o Estado tornara-se laico, ou seja, a Igreja não mais dispunha dos subsídios do Estado e este, dentre outros pontos, não mais contava com o auxílio da Igreja para o ensino público no país.

PALAVRA CHAVE – SEMINÁRIO		
NOME/INSTITUIÇÃO/TIPO/DATA	**TÍTULO**	**MINI-RESUMO**
Arilson Aparecido Martins01/10/2000 Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO – EDUCAÇÃO	**Título:** O Seminário Episcopal da Conceição (MT): da materialidade Física à proposta pedagógica 1858-1880 **Tema:** Análise de documentos que comprovam a influência do Seminário Episcopal da Conceição	A presente dissertação tem como objeto de estudo o Seminário Episcopal da Conceição, primeira instituição de ensino religioso e secundário de Mato Grosso. Criado oficialmente no início da segunda metade do século XIX, através de ações da Igreja Católica e apoio do Governo Imperial, revestiu-se o Seminário mato-grossense de um caráter híbrido, visto prestar-se ao ensino secundário propedêutico e como estabelecimento voltado à formação eclesiástica. Partindo da análise da inédita documentação localizada nos Arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (Casa Barão de

		Melgaço) e da Cúria Metropolitana de Cuiabá, o percurso que empreendemos na reconstituição histórica dessa instituição teve por base três pontos fundamentais: a materialidade física, a reconstituição administrativa e a faceta pedagógica. Nesse movimento procuramos estabelecer algumas interligações entre o ensino secundário no Império e na Província de Mato Grosso, traçar o percurso da Igreja Católica no âmbito regional, pontos que embasaram a análise do Seminário Episcopal da Conceição em Cuiabá, contribuindo para a ampliação do conhecimento da História da Educação em Mato Grosso.
Lourenço Stelio Rega. 01/04/2001 Mestrado. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE	**Título:** A Educação Teológica Batista no Brasil: Uma análise histórica de seu ideário na Gênese e a sua transformação no período de 1972 a 1984. **Tema:** A reconstrução histórica do Seminário Teológico Batista no Brasil em seu ideário.	O surgimento dos seminários para a formação do ministro religioso batista no Brasil seguiu, em geral, as tendências dos demais grupos protestantes que aqui se implantaram. Foram criados para prover às comunidades ministros capacitados ao exercício religioso de sua função. A narrativa factual de sua origem é um trabalho sem grandes dificuldades, pois entre os batistas brasileiros isso ocorreu em data não tão remota, há pouco mais de cem anos, através de classes teológicas no Rio de Janeiro, no Nordeste, e depois na fundação do Seminário de Recife em 1902, e no Rio de Janeiro, em 1908, quando foi organizado o Seminário do Sul, primeiro seminário oficial dos batistas brasileiros. Esta pesquisa se dedica, num primeiro momento, a organizar os períodos históricos da denominação batista, bem como de sua educação teológica no Brasil, escrevendo uma história acontecimental. Num segundo momento, o trabalho vai além de se contar seqüencial e cronologicamente o passado que ocorreu, pois nessa parte da pesquisa o objetivo é analisar os fatos para demonstrar que sujeitos ativos buscaram organizar a educação teológica batista no Brasil motivados por interesses em concretizar matrizes formativas nos ministros batistas brasileiros. Neste caso a abordagem utiliza-se da história-problema em busca de dados geradores do ideário na gênese da educação teológica batista no Brasil, bem como a sua mais destacada alteração ocorrida entre 1972 a 1984 na Instituição de maior significado histórico no grupo pesquisado, o Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro, RJ.

Dirceu Luiz Alberti. **01/06/2002** Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – EDUCAÇÃO	**Título:** Memórias e saberes nas narrativas de ex-seminaristas da congregação dos padres do Sagrado Coração de Jesus - (1970-1980). **Tema:** Formação de seminaristas da Congregação dos padres do Sagrado Coração de Jesus e a identidade masculina	Este trabalho apresenta os estudos realizados sobre as práticas educativas desenvolvidas nos seminários menores da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, localizados nos municípios de Criciumal (RS), Corupá (SC) e Curitiba (PR). O seminário se constituiu, na década de setenta, num espaço pedagógico importante para a formação de meninos cristãos. Verificou-se, porém que no decorrer do processo de formação muitos jovens evadiram do seminário buscando um espaço na sociedade leiga. Investigou-se , a partir das histórias de vida de um grupo de seis ex-seminaristas, naturais do município de Tucunduva (RS), de que modo os meios formais idealizados para a formação de sacerdotes religiosos contribuíram na construção de sujeitos leigos, masculinos e cristãos. O enfoque foi direcionado à perspectiva de gênero de Joan Scott com o intuito de verificar e compreender a modalidade particular de escolarização e formação de uma masculinidade singular, construída naquele contexto. O aporte teórico que deu sustentação às categorias de análise foi Michel Foucault, cujas obras possibilitaram a compreensão das práticas educativas disciplinares que incidiram sobre os corpos e as mentes constituindo-os em sujeitos leigos e cristãos. Destacam-se, nas falas dos colaboradores, a influência do seminário no crescimento humano que se expressa na vivência dos valores humanitários, na disciplina em todos os sentidos, na facilidade de comunicação e convivência com os demais, nas habilidades para trabalhar em equipe, no respeito às diferenças, na capacidade de tomar decisões, nas habilidades para liderar grupos e na fidelidade aos princípios cristãos.
Derti Jost Gomes. **01/08/2005** Mestrado. ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA – TEOLOGIA	**Título:** Seminário Evangélico de Formação de Professores: origem e trajetória da instituição e perfil dos egressos. **Tema:** A influência da identidade luterana na formação de professores do Seminário Evangélico de formação de	Esta dissertação tem como tema central o perfil dos egressos formados no antigo Seminário Evangélico de Formação de Professores. Partindo da análise de alguns escritos de Martim Lutero referentes à liberdade cristã e à educação, dialogo com egressos do antigo Seminário e da Escola Normal Evangélica das décadas de 1930 e 1950, resgatando aspectos que contribuíram para a construção do perfil do professor formado pela instituição. Apresento também o contexto em que surgiu a imigração alemã no Brasil e lembro a tradição escolar vivenciada pelos imigrantes na

	professores	Alemanha. Em seguida, resgato o aspecto histórico do processo de formação de professores para as escolas confessionais luteranas, tendo como pano de fundo ou referencial as leis e diretrizes que subsidiaram a formação de professores no Brasil. Por último, volto a atenção para a análise de documentos e de entrevistas com ex-alunos/as relativamente à formação de professores/as ressaltando a importante contribuição que a identidade luterana como filosofia e a riqueza e diversidade do currículo tiveram tanto na construção da liberdade e autonomia quanto no comprometimento do/a futuro/a professor/a.
Keila Cruz Moreira. **01/10/2005** Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – EDUCAÇÃO	**Título:** Padre Miguelinho: o intelectual, o professor, o revolucionário- vozes que fazem ouvir. **Tema:** A biografia do padre Miguelinho apresenta a influência de suas idéias voltadas para a ordem social e não somente os ideais religiosos**.**	Este trabalho de pesquisa preocupa-se em construir a história do natalense padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, o Miguelinho, não apenas como um dos heróis e mártires da Revolução Pernambucana de 1817, como conta a história tradicional, mas também o homem culto, o intelectual e o professor admirado. O período estudado compreende o início do século XIX, quando padre Miguelinho retorna ao Brasil, vindo de Portugal, para assumir a docência no Seminário de Olinda, e conclui no ano de 1817, marcado pela Revolução Pernambucana, um dos mais importantes movimentos na luta pela libertação do Brasil do domínio português. Miguelinho, um dos líderes da Revolução, que também atingiu as províncias da Paraíba e do Rio Grande do Norte, foi executado pelas tropas reais. Assim, procura-se compreender a relação conflituosa do Padre, enquanto representante clérigo, e seus ideais mais voltados para uma ordem social e econômica do Iluminismo, que até certo ponto condenava a atitude da própria Igreja. O objetivo é compreender através da trajetória de vida do padre Miguelinho, não só o intelectual, o professor e o revolucionário, mas a representação de suas idéias políticas e pedagógico-educacionais em um dado momento histórico e a criação do mito republicano, buscando a pluralidade de um universo que procura, por vezes, fugir de nosso arcabouço teórico.
Adriana de Souza. **01/03/2006**	**Título:** Gênero e Poder: Mulheres Docentes em Instituições Teológicas Protestantes da Grande São Paulo.	Ao escolher o tema Gênero e Poder em Instituições Teológicas Protestantes da Grande São Paulo, a intenção é problematizar as relações de gênero nestes ambientes, a partir da realidade social diferenciada em que vivem homens e mulheres na docência. Partimos do pressuposto que há relações

Mestrado. UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO - CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	**Tema:** A discussão do espaço feminino dentro das instituições protestantes de São Paulo que é visto como um campo de atuação do gênero masculino.	de poder aí engendradas que encurralam as mulheres naquele gueto de disciplinas que denominamos "femininas", bem como um jogo de representações sociais que justificam a estereotipação das disciplinas e naturalização destas disparidades, uma vez que o poder a todo tempo se serve da diferença para referendar a dominação e a supremacia de um sobre outro, neste caso de homens sobre mulheres. A noção de gênero no enfrentamento do problema mulher\Seminário tem um lugar central quando se quer descobrir o modo pelo qual os saberes e as práticas produzidas nestes ambientes estão estreitamente ligados à produção social do feminino e do masculino - enquanto categorias consideradas atemporais e permanentes - e as relações de poder endógenas a instituição, posto que é parte de um sistema religioso, onde a política é da dialética constante, pois um ratifica o outro, ou seja, o Seminário só tem a força de exclusão que tem porque encontra legitimidade na Igreja. Todavia, ainda que as diferenças formais permaneçam, formas de resistência sempre surpreendem a dominação, especialmente pela sutileza com que se firmam. A presença de mulheres nos Seminários, algo raro há alguns anos, pode ser lida com uma estratégia para irromper a dominação, sendo um meio seguro de entrar num espaço essencialmente masculino.
Joan Edessom de Oliveira. 01/11/2006 Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – EDUCAÇÃO	**Título:** Padre Osvaldo Carneiro Chaves: Os Caminhos da docência. **Tema:** A influência da docência do Padre Osvaldo Carneiro Chaves em sua época e para os dias de hoje	Trata, o presente trabalho,da biografia do padre Osvaldo Carneiro Chaves, sacerdote nascido no município da Granja no ano de 1923 e que, durante quase três décadas, foi professor no Seminário da Betânia e no Colégio Sobralense, em Sobral, Ceará. O trabalho aborda a trajetória docente do padre Osvaldo, entre os anos de 1952 e 1980, quando o mesmo se aposentou como professor. Construído a partir de entrevistas e depoimentos do padre Osvaldo e dos seus ex-alunos, o trabalho procura traçar um perfil da docência desse personagem, buscando entender quem era esse professor, como era a sua sala de aula, e que ensinamentos a sua trajetória pode trazer para os professores de hoje e para os alunos dos cursos de formação de professores, futuros professores. Embora reconstitua toda a trajetória do padre Osvaldo, desde a sua infância, suas primeiras experiências escolares, sua entrada no seminário até a sua ordenação e o

		desenrolar do seu trabalho pastoral até os dias de hoje, a preocupação central do trabalho é com a trajetória docente do padre Osvaldo, esse período compreendido entre os anos de 1952 e 1980. Partindo da trajetória do padre Osvaldo apresentada por ele próprio em várias entrevistas, o trabalho faz, a seguir, um recorte para a sua trajetória docente, onde as falas do professor são postas em diálogo com as falas dos seus ex-alunos. A partir daí, busca-se explorar as contradições entre as falas, procurando entender essas contradições e o que elas refletem do biografado, para depois se procurar, na sua trajetória como professor, a "exemplaridade educativa", tentando entender o que esse professor tem a dizer aos professores de hoje e aos alunos dos cursos de formação de professores.
Dirceu Montovani. **01/04/2007** Mestrado. UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA – EDUCAÇÃO	**A gestão da educação dos presbíteros: a experiência de formação num Seminário Diocesano.** **Tema:** A partir do Vaticano II estuda-se as mudanças ocorridas na formação dos seminaristas.	A pesquisa teve a intenção de verificar as mudanças ocorridas na formação dos seminaristas, candidatos ao sacerdócio católico, num seminário diocesano, através da verificação das mudanças ocorridas após o Concílio Vaticano II (1962-1965), que serviu de inspiração para uma renovada presença na sociedade. Para tanto foi analisada a proposta curricular e as mudanças sofridas nos decorrer do tempo para constatar sua adequação às exigências da formação presbiteral eficiente hoje. As instituições adequadas para este trabalho de formação são os seminários. A formação inicial do candidato ao sacerdócio passa pelo Seminário Menor, onde se realizam os estudos do Ensino Médio e Propedêutico. Os resultados obtidos indicaram, que as mudanças devem ocorrer sempre que se fizerem necessárias, para que o processo ensino-aprendizagem seja mais eficiente e a preparação do seminarista para o futuro exercício sacerdotal. Na realidade da evolução da formação sacerdotal emergiu a proposta de renovação do método formativo dado pelo Vaticano II. Este método formativo visa uma formação como forma de seminário inserido na realidade atual que responde à exigência de formar um sacerdote, homem de comunhão. Trata-se de formar sacerdotes que vivem e que formam o povo de Deus para a cultura da comunhão, da partilha, da justiça social. Trata-se de formar para a descoberta da alegria de viver a comunhão como modo de realização.
Natã de Oliveira Andrade. **01/05/2007**	**Título:** Motivações, Expectativas, Concepções sobre	Entre as possíveis formas de educação musical destacamos nessa pesquisa,

Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - MÚSICA	Música e realizações Musicais dos Alunos de um Seminário de Música Sacra: um estudo qualitativo. **Tema:** O estudo dos conhecimentos musicais adquiridos no Seminário de Música sacra e seu contraste com a realidade social	a aprendizagem dos alunos vinculados ao ambiente de um Seminário de Música Sacra. O presente trabalho tem como objetivo compreender as concepções sobre música, motivações, realizações musicais, e as expectativas dos alunos de um seminário de Música Sacra. Categorias relacionadas às concepções sobre música, religiosidade e cosmovisão dos entrevistados foram abordadas, tais como termos próprios da linguagem dos alunos do Seminário como Chamado e Visão sobre o Ministério de Música. As realizações musicais destes entrevistados e a forma pela qual utilizaram a música como um meio para atingir objetivos particulares, formaram categorias de estudo. As relações com o mercado de trabalho também foram tema de análise durante a pesquisa. Os entrevistados apresentaram suas expectativas sobre a sua inserção no mercado de trabalho tais como sua empregabilidade como Ministros de Música e outras possibilidades de emprego remunerado das suas habilidades. s expectativas dos discentes sobre sua aprendizagem musical desvelaram autoavaliações dos mesmos. A análise interpretativa dos dados levantados e das categorias geradas pelos mesmos, nos permitiu construir um perfil dos alunos que cursavam o Seminário de Música Sacra revelando as idiossincrasias daquele grupo e ambiente social no qual estavam inseridos.
Sérgio Cristóvão Selingardi. 01/09/2007 Mestrado. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - EDUCAÇÃO	**Título:** Educação religiosa, disciplina e poder na terra do ouro: a história do Seminário de Mariana, entre 1750 e 1850.	O Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte foi fundado em 1750, na cidade de Mariana, sede do primeiro bispado de Minas Gerais, por D. Frei Manuel da Cruz, primeiro bispo da referida diocese. Tal instituição foi responsável pela formação de quase a totalidade do clero mineiro colonial e de homens que ocuparam posições de destaque nos campos político e intelectual do Brasil, nos períodos colonial e monárquico. Primeiramente, foi feita uma abordagem acerca do contexto da fundação do Seminário de Mariana, enfocando as origens da Igreja mineira e a precariedade da instrução no território mineiro, buscando compreender que a criação do supracitado Seminário justificou-se pela preparação de jovens, tanto para as universidades européias quanto para a carreira sacerdotal. Desta maneira, tal instituição foi criada para satisfazer os interesses das elites, as quais não

	Tema: A história do Seminário da Nossa Senhora da Boa Morte e suas propostas de formação para a elite	precisariam mais mandar seus filhos para estudarem nos colégios jesuítas da Bahia ou do Rio de Janeiro e também atender ao desejo da Igreja Católica, de formar nas Minas um clero nativo. Em seguida, por intermédio da história do Seminário de Mariana, entre 1750 e 1850, buscou-se reforçar o caráter elitista dessa instituição, cujos alunos, em maioria, pertenciam às camadas mais favorecidas e cujo ensino humanístico tinha por finalidade a formação de uma elite dirigente e culta. Finalmente, por meio do estudo de seus regimentos internos e de seu processo autoritário de educação, verificou-se que o Seminário de Mariana trata-se de uma instituição total, que possivelmente deixou reflexos positivos e negativos na vida de alguns de seus ex-alunos
Sidney Fabril. **01/03/2007** Mestrado. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - EDUCAÇÃO	**Título:**O Seminário Maior Arquidiocesano Nossa Senhora Da Glória de Maringá enquanto instituição educativa. **Tema:** A história da instituição Seminário Maior de Maringá e a manutenção dos interesses da Igreja	O presente trabalho é uma análise da formação sacerdotal na instituição educativa dos seminários, especialmente a que aconteceu nos últimos 25 anos no Seminário Maior Arquidiocesano Nossa Senhora da Glória, da Arquidiocese de Maringá – Paraná, caracterizado com a identidade de uma instituição educativa. Contextualiza a formação sacerdotal em geral e no Brasil ao longo da história, mostrando a instituição dos seminários a partir do Concílio de Trento e sua posterior implantação nos diversos países e no Brasil nos séculos seguintes. Mostra ainda como se deu a formação sacerdotal na Arquidiocese de Maringá, ao longo dos seus 50 anos, em todas as etapas formativas. Por fim, descreve e analisa a criação, a identidade, o prédio, os formadores, os seminaristas e os referenciais teórico-metodológicos da formação no Seminário Maior Arquidiocesano Nossa Senhora da Glória e no seu Instituto de Filosofia. Esta pesquisa mostra que a estrutura do seminário tridentino se caracterizou pela disciplina, numa tentativa de, através de um clero bem formado, responder às investidas da Reforma. O Seminário Maior Arquidiocesano Nossa Senhora da Glória é uma instituição educativa que se enquadra no cenário de formação para uma “Igreja da Instituição”, como pode ser caracterizada a Arquidiocese de Maringá e, assim, os padres são formados para a organização e manutenção da instituição, a partir da hierarquia.
Neilomar dos Santos.	**Título:** Verdadeiramente crer: passagem do “crer em” ao	O tema abordado na presente dissertação é o do processo psicológico do

01/06/2008 Mestrado. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	"crer verdadeiramente" no processo de amadurecimento e de simbolização de seminaristas católicos. **Tema:** Casos clínicos que evidenciam uma precariedade afetiva na formação de seminaristas	transcender de um "Crer em" (em si–mesmo), a partir das primeiras Ilusões representativas de cuidado materno, para o "Crer verdadeiramente" (crer em Deus), motivo e missão da vida destes seminaristas descritos nesta dissertação. Guio-me neste esforço pela teoria de Donald Woods Winnicott. Parte-se da hipótese de que o seminarista com déficit no amadurecimento de seu self (capacidade de se representar e representar o outro) tende a viver o processo de formação seminaristica de forma normótica (destituído de afeto, ou, vivido de forma confusa). Esta hipótese foi testada em cinco casos clínicos descritos nesta dissertação, e buscará concluir que a passagem do Crer em para o crer verdadeiramente dependerá exatamente da maior ou menor representação afetiva, aqui chamada de simbolização.
Newton Darvin de Andrade Cabral. **01/06/2001** Doutorado. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – HISTÓRIA	**Título:** Baculos no meio dos caminhos: modelos eclesiais em conflito no regional Nordeste II (1965-1990). **Tema:** Os modelos eclesiais criados a partir do Vaticano II e a influência sobre o Seminário Regional Nordeste II da CNBB.	O eixo central de nossas investigações é o entendimento dos conflitos entre os modelos eclesiais do Concílio de Trento e o do Concílio do Vaticano II, através das suas decorrências para a formação dos respectivos ministros. Elegemos como palco para a análise, o Regional Nordeste II da CNBB, no período de 1965 a 1990. Para atingir tal objetivo, analisamos as mudanças ocorridas tanto na Igreja quanto na sociedade civil que levaram a um novo modelo eclesial. A partir dele, examinamos o processo no qual o Seminário Regional do Nordeste II (SERENE II) foi reestruturado de forma a corresponder às exigências então postas, bem como alguns aspectos da dinâmica de seu funcionamento. No bojo da nova estrutura do Seminário, estudamos o surgimento e nuances da atuação do Instituto de Teologia do Recife (ITER). Percebemos o quanto em decorrência do conceito que a Igreja apresenta de si mesma em cada modelo: sociedade perfeita, hierárquica e segregada, para Trento, e povo de Deus, para o Vaticano II, no caso desse último, foi o Departamento de Pesquisa e Assessoria (DEPA), também analisado, quem buscou ser a possibilidade de formação para todos os segmentos enfatizados na nova concepção eclesial. A percepção de que as novas formas de encarar a formação pressupunham alterações de fato, não ocorridas na Igreja, levou-nos a considerar que a continuidade das instituições estudadas só teria sido viável com uma correspondente mudança na atuação do conjunto dos Bispos e na forma como estes percebiam a

		Igreja e as relações desta com outras organizações da sociedade civil.
Hermisten Maia Pereira da Costa. **01/03/2003** Doutorado. UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO - CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	**Título:** O Conceito de Escritura Sagrada no Seminário de Princeton e a sua introdução no pensamento Protestante Brasileiro. **Tema:** A influência da mentalidade do Seminário de Princeton nos pensamento dos Seminários brasileiros	O objetivo deste estudo é estabelecer de forma relacional a compreensão que os Reformados tiveram das Escrituras Sagradas e como este conceito foi introduzido na Igreja brasileira. Partimos do princípio de que o Seminário de Princeton (USA) fundado pela Igreja Presbiteriana em 1812 teve a sua Teologia formada dentro de uma tradição Escolástica (Símbolos de Westminster e Turretini) e Puritana-Pietista ("Log College"), com uma forte influência do Avivamento. Esta Teologia, caracterizou-se por uma profunda preocupação com a exatidão acadêmica e um cristianismo vivo, tendo as Escrituras como a única norma infalível de fé e prática. Os primeiros missionários Presbiterianos que aqui chegaram, trouxeram para o Brasil esses conceitos, com algumas diferenças de ênfase, contudo, sustentando sempre a autoridade das Escrituras. Assim pretendemos identificar os princípios teológicos que foram trazidos pelos primeiros missionários Presbiterianos americanos (a partir de 1851) que vieram para o Brasil, e como este pensamento modelou, nos seus primórdios, a Teologia Protestante no Brasil, especialmente a Presbiteriana, determinando a sua perspectiva e aproximação das Escrituras.
Jorge Uilson Clark. **01/01/2005** Doutorado. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - EDUCAÇÃO	**Título:** Presbiterianismo do Sul em Campinas: primórdio da educação liberal **Tema:** A História da religião protestante, a missão presbiteriana no Brasil	O presente estudo tem como objetivo analisar, historicamente, o processo de inserção de uma religião protestante de origem estrangeira no Brasil, num país onde o catolicismo sempre foi dominante. As missões religiosas protestantes aconteceram paralelamente à expansão capitalista da segunda metade do século XIX, tendo consequências econômicas, políticas e sociais para as nações da América Latina e do Sul. No âmbito cultural do intercâmbio entre o norte e o sul, a difusão do protestantismo iniciou com a vinda dos imigrantes acompanhados pelos missionários. No período de 1860 a 1888, deu-se a implantação da missão religiosa presbiteriana no Brasil, constituindo igrejas e escolas e seminário, sendo continuada a partir de 1907 em Campinas.
José Eduardo Meschiatti. **01/02/2007**	**Título:** Trabalhadores da vinha - Estudo sobre a formação do clero - O seminário católico antes e depois do Concílio Vaticano II	Estudo da formação do clero católico no Brasil, a partir da trajetória da instituição seminário desde suas origens a partir do Concílio de Trento, sua transformação no período do Concílio Vaticano II e sua conseqüente

Doutorado. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - EDUCAÇÃO	**Tema:** A formação do clero católico, e sua formação.	reorganização no final do século XX, tendo como base o estudo de caso do seminário em Campinas-SP, fazendo uma abordagem de sua evolução, transformações e adaptações às diretrizes da Igreja e seus diversos movimentos ao longo dos diferentes momentos históricos. O movimento seguido pela instituição seminário, tanto em nível mundial, com em nível local, teve pode-se dizer, três momentos: o modelo tridentino de afirmação da identidade da instituição na vida da Igreja e no imaginário popular, que durou quatro séculos. Um segundo momento, breve, que corresponde ao rápido período do entorno do Concílio Vaticano II, nos anos 1960, em que transformações radicais foram verificadas nos seminários e na vida da Igreja, seguindo as orientações em voga na Igreja de então. E, um terceiro momento, de acomodação de uma nova identidade, que corresponde ao período do governo do papa João Paulo II que realinhou não só o processo de formação do clero, mas a vida da Igreja como um todo, a um programa de diretrizes determinadas, acontecendo uma acomodação das estruturas da Igreja que havia herdado um legado de grande abertura suscitada pelas transformações do mundo e da própria Igreja.
Silvio Jose Benelli **01/12/2007** Doutorado. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - PSICOLOGIA SOCIAL	**Título:** A produção da subjetividade na formação contemporânea do clero católico. **Tema:** O estudo da subjetividade eclesiástica no clero de um seminário	Esta pesquisa de doutorado é uma investigação em psicologia social sobre a produção da subjetividade eclesiástica, tal como ela se processa na instituição seminário católico. Utilizando o instrumental teórico da analise institucional com base em Baremblitt, Foucault, Goffman e Costa-Rosa, mapeamos os operadores institucionais subjetivadores do dispositivo pedagógico, enfocando tanto suas relações de poder quando seus aspectos místicos, atentos às dimensões instituintes e instituídas. Nosso campo de pesquisa é seminário católico diocesano de teologia, onde vivem 50 seminaristas em regime de internato, na etapa final de preparação para o sacerdócio, os quais, uma vez ordenados, passarão a ocupar posições de relevância que consistem na coordenação de comunidades paroquiais amplas. Os dados foram obtidos através da observação do cotidiano institucional e de entrevistas semi-dirigidos com os diversos atores institucionais. Os resultados indicam que a formação do clero pode ser considerada como um domínio ainda flutuante, constituindo um campo de

		noções conexas que reconhecemos como sendo pertinentes aos saberes pedagógicos, psicológicos e teológicos.

EDUCAÇÃO TEOLÓGICA/ENSINO TEOLÓGICO		
NOME/INSTITUIÇÃO/TIPO/DATA	**TÍTULO**	**MINI-RESUMO**
Paulo Arthur Buchvitz. **01/12/2000** Doutorado. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – EDUCAÇÃO	**Título:** Psicanálise e Teologia: uma leitura da educação teológica a partir da psicanálise de orientação lacaniana. **Tema:** Práticas institucionais e as teorias que as formam	Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares Comporta investigações acerca das práticas institucionais de ensino e dos saberes produzidos para orientá-las, nos diferentes níveis de organização do sistema escolar, bem como estudos dos processos e das políticas que implementam projetos de formação.
Henri Luiz Fuchs. **01/07/2001** Mestrado. ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA – TEOLOGIA	**Título:** O sujeito e o currículo: alguns dilemas pedagógicos entre fé e cidadania a partir da contribuição teológica de Lutero. **Tema:** A Importância do currículo como formador do sujeito cidadão nos cursos de teologia	Esta dissertação privilegia os estudos pedagógicos desde uma perspectiva analítica da teologia luterana. Parto da concepção de que a teologia evangélica tem muito mais a aprender do que a ensinar aos pedagogos. Precisa mais ouvir a crítica das ciências do que proferir avaliações. Portanto, ela introduz um teólogo no mundo dos pedagogos. Seu objetivo é abordar os dilemas entre "sujeito" e os estudos do currículo, partindo da análise de alguns escritos de Martim Lutero referentes à educação, tentando traçar um paralelo entre a pedagogia e a teologia. Para a Pedagogia e a Teologia Modernas, o desenvolvimento cognitivo e da fé contribui para a formação do sujeito autônomo. O currículo é o caminho a ser percorrido pelo ser humano para se tornar sujeito cidadão. O ato de caminhar requer posições que permitem ou não a escolha de conteúdos e métodos de educar. A experiência docente numa escola confessional luterana aponta para o jeito luterano de educar
Jose Rogerio Machado de Paula. **01/07/2001** Mestrado. UNIVERSIDADE DE SÃO	**Título:** Valores e pós-modernidade na formação do clero católico.	Estuda-se a formação do clero católico considerando valores de futuros sacerdotes. Os valores são analisados levando-se em conta seus elementos de amplitude, exigência e escolha. Emprega-se a distinção de Rokeach entre valores terminais e instrumentais. As transformações sociais atribuídas à

PAULO - PSICOLOGIA SOCIAL	**Tema:** A formação do clero católico	pós-modernidade são consideradas à luz das teorias propostas por Jean-François Lyotard e Anthony Giddens (modernidade tardia). Os sujeitos são cinco seminaristas, concluintes do curso de Teologia e próximos da ordenação sacerdotal. Utiliza-se entrevista semi-estruturada composta de sete itens (Igreja universal-Igreja local; ecumenismo-diálogo interreligioso; verdade; missão; mulher; pessoa do sacerdote; meios de comunicação) referentes a três temas da pós-modernidade (metanarrativa; subjetividade; simulação-realidade virtual). Constata-se que os valores terminais permanecem os mesmos, ao passo que os instrumentais alteram-se, o que permite aos sujeitos manter sua adesão aos primeiros. Os resultados apontam o modelo de Giddens (modernidade tardia) como mais adequado à compreensão das transformações socioculturais do fim do milênio do que aquele sugerido por Lyotard.
Eliane Hilário da Silva Martinoff. 01/12/2004 Mestrado. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO – MÚSICA	**Título:** O Ensino Teológico-Musical entre os Batistas: Um Estudo de Caso. **Tema:** A discussão da validade do ensino da música sacra diante das modificações no culto evangélico	O estudo de caso sobre o curso de Bacharelado em Música Sacra da Faculdade Teológica Batista de São Paulo trata de seu histórico e desenvolvimento para se compreender a origem do curso e a relação entre sua trajetória histórica e seu entorno denominacional. Como instrumental metodológico utilizou-se de: a) análise de conteúdo do documento Fundamentos da música sacra para igrejas batistas do Brasil, das atas das reuniões pedagógicas do Corpo Docente e dos relatórios apresentados à Convenção Batista do Estado de São Paulo, tanto pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, quanto pelo Departamento de Música (posteriormente, Conselho de Música) da referida Convenção, além da pesquisa Perfil batista. Buscou-se verificar se a ênfase dada à música tradicional no curso resultou na queda de procura por parte da comunidade, além da evasão escolar detectada nos últimos anos, levando-se em conta as modificações que o culto evangélico sofreu nas últimas décadas; b) descrição do objeto de estudo e de seu entorno denominacional, passos da abordagem de um estudo de caso.
Afrânio William Tegão. 01/06/2008 Mestrado. UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA – EDUCAÇÃO	**Título:** Os inícios do ensino superior no Brasil Colonial: a formação do professor no século XVI**.** **Tema:** A formação do professor/educador na	Os inícios do curso superior no Brasil colonial é um estudo sobre o desenvolvimento da educação jesuítica no Brasil e no mundo, dando ênfase à educação superior que se fez no Brasil do século XVI. Os jesuítas foram sem sombra de dúvidas, os pioneiros da educação no Brasil. Até a reforma pombalina e a conseqüente expulsão dos jesuítas ocorrida em 1759, tiveram eles absoluta liderança no setor educacional brasileiro. Embora o que mais se ressalte sejam as obras de evangelização e catequese, o ponto alto de

	Educação jesuítica	sua atividade fora reconhecidamente no campo da educação em todos os seus níveis: elementar, média e superior. Depois de várias experiências quase fracassadas das colônias indígenas no século XVI, a maior parte do trabalho, do tempo e do pessoal acabou sendo dedicada à criação e organização das escolas e dos colégios para a formação de padres/professores. No Brasil, então Província da Companhia de Jesus desde 1555, já havia no século dos Quinhentos, três colégios constituídos no sentido técnico do termo: o de Salvador, na Bahia, o de Olinda, em Pernambuco, e o do Rio de Janeiro. O Colégio da Bahia já distribuía, à época, seus graus acadêmicos de Mestre em Filosofia e Doutor em Teologia. O ponto de partida será, portanto, entender a Companhia de Jesus a partir de uma perspectiva mais especificamente educacional, levando em conta os aspectos religioso, teológico e de uma história das instituições eclesiásticas sem, contudo, deixar de lado os aspectos relacionados às transformações emergentes do renascimento e do descobrimento.

APÊNDICE 02 - ENTREVISTAS
Entrevista 02a - Dr. Thurmon Earl Byrant
Realizada por Lourenço Stelio Rega em 2 de junho de 1999

Entrevista feita por Lourenço Stelio Rega ao Dr. Thurmon Earl Byrant (***TEB***), ex-diretor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, realizada em 2 de junho de 1999, com início às 11h20 (horário local), na cidade de Forth Worth, Texas, Estados Unidos, no Hotel Holliday'In. Acompanhou a entrevista o prof. Silas Costa, ex-aluno e agora professora da Teológica. A entrevista ocorreu de modo tranqüilo, descontraído e informal. Foi entregue antecipadamente um roteiro ao entrevistado. Ele discorreu o tema proposto por conta própria, havendo interrupções apenas para esclarecimento de detalhes. No final foram apresentadas algumas perguntas do roteiro que não foram abrangidas no desenvolvimento do depoimento.

Houve uma introdução à entrevista em que Lourenço e ***TEB*** conversaram sobre fontes dos documentos históricos da Faculdade.

TEB: na vida da gente há ocasiões em que sentimos uma pressão às vezes muito marcante do Espírito Santo que deixa a gente muito convencido do que seja a vontade de Deus. São momentos raros em minha vida. É um momento que temos certeza que Deus está nos levando para uma nova direção. Um destes momentos foi quando eu fui convidado para ser diretor da Faculdade e naquele tempo eu só tinha poucos anos no Brasil, talvez dois anos. Eu estive em Bauru no Instituto que funcionava na base de extensão do Seminário (do Sul?). Creio que foi Lauro Bretones que me telefonou sobre a possibilidade de aceitar um convite para servir como diretor da Faculdade e naquele momento eu senti que o Espírito Santo falou no meu coração. E aquilo me agarrou de tal forma que eu não consegui me livrar depois e era muito novato como missionário, muito jovem, nunca criei nada, senão a minha família, e especialmente uma entidade teológica assim. Mas, sem saber porque, eu senti uma pressão muito forte indicando que aquilo era a vontade de Deus. E eu fui conversar com Dr. Lauro sem saber as questões envolvidas. Só depois eu fiquei sabendo de coisas, que se tivesse sabido antes, talvez não tivesse a coragem de ter vindo para a Faculdade. Uma delas era que os alunos estavam em greve. A política da Junta da missão do Sul era que antes que o missionário pudesse tomar uma posição tinha que receber a aprovação da missão. Depois que conversamos com Dr. Lauro, eu e minha esposa sentimos que fosse a vontade de Deus nos chamando para trabalhar com a Faculdade. Eu confesso que na minha primeira viagem para São Paulo, quando estava chegando no Brasil com minha mudança em 1958, o Bill Clinton (missionário) me recebeu em Santos e me levou para São Paulo e quando estávamos passando pela cidade de São Paulo, eu falei para minha esposa: sabe de uma coisa ... a gente poderia gastar uma vida toda aqui nesta cidade, evangelizando esta cidade e mesmo assim não conseguiria chegar ao fim. Nunca estava pensando que Deus estava para me colocar dentro daquela cidade. E a cidade de São Paulo também serviu de desafio para mim. Então quando chegamos a conclusão, depois de orar muito, que Deus estava realmente mexendo conosco para mudar de Bauru para São Paulo. Eu fui falar com a missão falar do que Deus estava falando conosco e naquele tempo o reitor do Seminário do Sul era o Dr. A. Ben Oliver e ele por achar que o Seminário do Sul deveria ser a única entidade teológica no sul do Brasil, ele se opôs contra a minha ida à Faculdade e um parênteses aqui - quando eu fui nomeado como missionário para o Brasil, pela Junta de Richmond era para servir como professor de grego no Seminário do Sul e quando eu cheguei no Rio, pelo navio naquele tempo, o Oliver me recebeu pensando que eu ia ficar como professor no Seminário do Sul e depois de estar no Brasil um bom tempo, cheguei à conclusão de que deveria ter alguma experiência no campo antes de ir para a sala de aula como professor e o Lester Bell naquele tempo morava em Bauru e ele era diretor do Instituto em Bauru e a junta da Convenção Brasileira acabou de convidar o Lester para ser o secretário geral da Convenção do Sul e ele estava saindo de Bauru e quando ele soube que eu estava em Campinas (fazendo o curso de línguas) achando que eu precisava passar um tempo no campo antes de ir para qualquer sala de aula teológica ele veio me procurar dizendo: olha aqui você pode aqui conseguir a experiência no campo trabalhando com líderes, pastores e igrejas para entender para entender o ambiente brasileiro enquanto também pode se preparar nos trabalhos teológicos fazendo apostilas e coisas assim e mesmo ajudando o curso de extensão que eles chamavam naquele tempo o Instituto de Bauru. Então, por isso é que nós que nós fomos a Bauru primeiramente e eu acho que eu fui diante da missão para dizer que Deus tinha tocado em meu coração para ir à São Paulo, o Oliver se lembrou que eu era para ser professor no Seminário e percebeu que estava sendo inimigo do Seminário do Sul, e isso não foi assim mesmo, eu não tinha essa intenção nenhuma. Mas ele se opôs

e, então no fim quando a Missão estava para aprovar o meu pedido para um convite da Faculdade alguém fez uma proposta para que fosse adiado o assunto até a próxima reunião da Junta e assim foi votado e nós passamos por cerca de 3 ou 4 meses procurando a orientação divina. Alguns colegas, que eu também apreciava o conselho deles, achavam que com o tempo Deus ia modificar o meu pensamento no assunto, mas durante aqueles meses em nós estávamos orando a convicção ficou mais firme ainda que a vontade de Deus era que fôssemos à São Paulo. Então estava na hora de voltar à missão para renovar o meu pedido e dizer sobre o que Deus estava falando no meu coração. Minha esposa e eu tínhamos chegado à conclusão: ora se é para estar fora da vontade Deus quanto ao nosso ministério, nós preferíamos fazer isso nos Estados Unidos do que numa sociedade estrangeira como o Brasil e entre nós chegamos à conclusão de que nós íamos colocar o pedido diante da missão e se ela não aprovasse íamos voltar aos Estados Unidos e fazer o nosso ministério lá, mas eu não falei isso à Missão, pois eu não queria isso para forçar uma decisão. Mas quando chegamos diante da Missão - o irmão sabe isso que antes de se votar há esses discursos nos corredores e as pessoas sabiam que eu ia ser persistente nesse convite de São Paulo e o Oliver, acho que tinha um pouco de sabedoria, pois ele já trabalhava com missionários para saber como que no fim eles iam agir, eles iam deixar a decisão conforme a pessoa achava ser a vontade de Deus e ele não teve a coragem de ficar até o fim e saiu da reunião e voltou para o Rio. Não me lembro agora, mas parece que nós estávamos em Caxambu. Ele não estava na reunião quando a votação foi feita e creio que o assunto foi aprovado unanime até de deixar isso conforme o missionário achasse ser a vontade de Deus. Assim é que nós fizemos e aceitamos o convite para servir como Diretor da Faculdade. Depois que eu fui instalado como Diretor da Faculdade é que comecei a perceber como é que era a história e a situação da Faculdade. Naquela altura eu não entendia o clima de educação superior no Brasil. Eu não sabia qual eram as diretrizes que controlavam as Faculdades quanto ao governo e coisas assim e que depois que percebi de algumas coisas que eu não sabia no começo. Mas eu descobri que havia uma história atrás da formação da Faculdade de Teologia que estava ligada ao Colégio Batista naquele tempo. Esta história vinha nos tempos antigos de um instituto que a Convenção tinha. Eu creio que alguém que pode dizer algo sobre aquela história é o Mário Doro (que foi um dos primeiros alunos da Faculdade e ex-professor, agora aposentado e vivendo em Serra Negra). O instituto não tinha meios de continuar e então fechou e não sei o quanto tempo se passou, mas o assunto foi levado à Junta do Colégio batista para repensar a necessidade de uma entidade teológica de ensino em São Paulo e foi naquela altura que o Colégio Batista sob a liderança do Pr. Enéas Tognini, que era o diretor do Colégio, e do Pr. Lauro Bretones que era o vice-diretor do Colégio resolveram fundar a Faculdade Teológica Batista de São Paulo ligada ao Colégio Batista. Eu logo descobri que esta situação não era bem formulada porque a situação era que havia um colégio que estava servindo como patrocionador de uma entidade superior ao colégio e a coisa não cabia bem. E logo percebi no começo que se a Faculdade ia ter a sua idoneidade precisava se separar do colégio e se tornar uma entidade idônea.

Lourenço pergunta: e isso aconteceu na época de sua gestão?

TEB: sim, isso foi logo após a minha eleição. O Lauro e o Enéas eram muito apoiadores daquilo que fazíamos.

Lourenço pergunta: não houve nenhuma resistência?

TEB: não, sempre me deram cobertura e o orçamento vinha do colégio normalmente.

Lourenço: no início o colégio que sustentava?

TEB: sim, as dependências do colégio e tudo.

Lourenço: e a manutenção financeira da Faculdade depois que saiu do colégio tinha de ser por conta própria?

TEB: não o Colégio continuava dando alguma assistência. Quando eu fui à São Paulo o Colégio tinha acabado de construir uma casa onde ia morar o vice-diretor do Colégio Batista que era o Lauro e também que estava chefiando o movimento da Faculdade e neste sentido ele era o diretor da Faculdade. Mas o coração do Lauro ... eu achava que estava mais dado ao Colégio do que para a Faculdade e eu posso entender isso. Mas sempre era meu cooperador e o Enénas Tognini e os dois. E o Lauro, então, disse que uma vez que o Colégio tinha construído a casa para moradia do vice-

diretor do colégio que também era o diretor da Faculdade, o certo seria que ele saísse da casa, deixando a casa para os Bryants e foi assim que ele fez. E a Missão que tinha a política de providenciar a moradia para os seus missionários, então bondosamente disse que neste caso pagaria o aluguel da casa para a Faculdade e dava alguma assistência para a Faculdade.

Lourenço: então, nesta altura até a Missão estava apoiando financeiramente a Faculdade?

TEB: bem, somente através deste aluguel. Qualquer despesa quanto ao funcionamento da Faculdade, ela que tinha de pagar. Mas mesmo assim deu para a Faculdade sobreviver. Mas eu logo vi que para a Faculdade ir para frente precisava se separar do Colégio. Àquela altura o Werner Kaschel era diretor do Colégio.

Lourenço: foi na época do Werner como diretor do Colégio que a Faculdade se tornou independente do colégio?

TEB: sim, pois o Enéas não ficou muito tempo após minha eleição como diretor da Faculdade.

Lourenço: de fato foi naquela época que começou o movimento de renovação carismática entre os batistas e logo o Enéas saiu.

TEB: Eu fui escolhido pelo Pr. Rubens Lopes, presidente da Convenção Batista Brasileira, para pertencer à Comissão dos Treze que tratou do assunto renovacionista. Depois do Enéas saiu da Convenção e o Lauro foi para o movimento socialista. De fato, depois eu descobri que o Lauro estava por trás daquele movimento de greve dos alunos, que tinham tendência socialista. E eles criaram tanto barulho que a Faculdade caiu em greve, pois a Faculdade não podia funcionar. Quando eu fiquei sabendo que os alunos estavam em greve, bem .. tomando a minha posição como diretor da Faculdade nós tínhamos que resolver isso já para sempre. E assim, eu simplesmente fiz um anúncio que as aulas da Faculdade iam ser reiniciadas em tal dia e os professores estariam em classe e eu também como diretor e era bom que todo mundo soubesse que daqui em diante não haveria mais greve enquanto eu sou o diretor da Faculdade, porque ou os alunos que promovem greve saem ou eu saio, porque assim não era possível a Faculdade funcionar. Assim, acabou a greve e nunca mais tivemos problemas neste sentido.

Lourenço: de fato nunca mais houve greve.

TEB: O instituto não tinha meios de continuar e então fechou e não sei o quanto tempo se passou, mas o assunto foi levado à Junta do Colégio batista para o repensar a necessidade de uma entidade teológica de ensino em São Paulo e foi naquela altura que o Colégio Batista sob a liderança do Pr. Enéas Tognini, que era o diretor do Colégio, e do Pr. Lauro Bretones que era o vice-diretor do Colégio resolveram fundar a Faculdade Teológica Batista de São Paulo ligada ao Colégio Batista. Eu logo descobri que esta situação não era bem formulada porque a situação era que havia um colégio que estava servindo como patrocionador de uma entidade superior ao colégio e a coisa não cabia bem. E logo percebi no começo que se a Faculdade ia ter a sua idoneidade precisava se separar do colégio e se tornar uma entidade idônea.

Lourenço pergunta: e isso aconteceu na época de sua gestão?

TEB: sim, isso foi logo após a minha eleição. O Lauro e o Enéas eram muito apoiadores daquilo que fazíamos.

Lourenço pergunta: não houve nenhuma resistência?

TEB: não, sempre me deram cobertura e o orçamento vinha do colégio normalmente.

Lourenço: no início o colégio que sustentava?

TEB: sim, as dependências do colégio e tudo.

Lourenço: e a manutenção financeira da Faculdade depois que saiu do colégio tinha de ser por conta própria?

TEB: não o Colégio continuava dando alguma assistência. Quando eu fui à São Paulo o Colégio tinha acabado de construir uma casa onde ia morar o vice-diretor do Colégio Batista que era o Lauro e também que estava chefiando o movimento da Faculdade e neste sentido ele era o diretor da Faculdade. Mas o coração do Lauro ... eu achava que estava mais dado ao Colégio do que para a Faculdade e eu posso entender isso. Mas sempre era meu cooperador e o Enéas Tognini e os dois. E o Lauro, então, disse que uma vez que o Colégio tinha construído a casa para moradia do vice-diretor do colégio que também era o diretor da Faculdade, o certo seria que ele saísse da casa, deixando a casa para os Bryants e foi assim que ele fez. E a Missão que tinha a política de providenciar a moradia para os seus missionários, então bondosamente disse que neste caso pagaria o aluguel da casa para a Faculdade e dava alguma assistência para a Faculdade.

Lourenço: então, nesta altura até a Missão estava apoiando financeiramente a Faculdade?
TEM: bem, somente através deste aluguel. Qualquer despesa quanto ao funcionamento da Faculdade, ela que tinha de pagar. Mas mesmo assim deu para a Faculdade sobreviver. Mas eu logo vi que para a Faculdade ir para frente precisava se separar do Colégio. Àquela altura o Werner Kaschel era diretor do Colégio.

Lourenço: foi na época do Werner como diretor do Colégio que a Faculdade se tornou independente do colégio?

TEB: sim, pois o Enéas não ficou muito tempo após minha eleição como diretor da Faculdade.

Lourenço: de fato foi naquela época que começou o movimento de renovação carismática entre os batistas e logo o Enéas saiu.

TEB: Eu fui escolhido pelo Pr. Rubens Lopes, presidente da Convenção Batista Brasileira, para pertencer à Comissão dos Treze que tratou do assunto renovacionista. Depois do Enéas saiu da Convenção e o Lauro foi para o movimento socialista. De fato, depois eu descobri que o Lauro estava por trás daquele movimento de greve dos alunos, que tinham tendência socialista. E eles criaram tanto barulho que a Faculdade caiu em greve, pois a Faculdade não podia funcionar. Quando eu fiquei sabendo que os alunos estavam em greve, bem .. tomando a minha posição como diretor da Faculdade nós tínhamos que resolver isso já para sempre. E assim, eu simplesmente fiz um anúncio que as aulas da Faculdade iam ser reiniciadas em tal dia e os professores estariam em classe e eu também como diretor e era bom que todo mundo soubesse que daqui em diante não haveria mais greve enquanto eu sou o diretor da Faculdade, porque ou os alunos que promovem greve saem ou eu saio, porque assim não era possível a Faculdade funcionar. Assim, acabou a greve e nunca mais tivemos problemas neste sentido.

Lourenço: de fato nunca mais houve greve.

TEB: mas quando a Comissão dos Treze deu o seu relatório, a Comissão votou eliminar os renovacionistas e eu estava com um problema diante daquilo, pois sendo diretor da Faculdade e fazendo parte da Comissão dos Treze, votando com os tradicionalistas, eu cheguei a uma conclusão, ora, eu tenho de resolver essa questão do Enéas ser professor da Faculdade tendo estas idéias pentecostais e eu conversei com o Pr. Rubens Lopes, que era meu confidente, e ele me disse que de fato você tem de resolver esse assunto agora. Bem eu falei que tinha outro problema agora, porque o Lauro era do lado esquerdista, e eu não sei como os dois se entendiam. Mas eu passei dias orando sobre aquilo, porque eu precisava ter esse encontro com o Enéas e com o Lauro e foram os dois que me convidaram a ser o Diretor da Faculdade. Mas conversei também com o Dr. Djalma Cunha, que era muito sábio e tinha muita experiência e era amigo do Silas Botelho, que era o Diretor do Colégio antes do Enéas. E todo mundo respeitava o Silas Botelho. E eu fui conversar com o Djalma e ele disse: bem, eu lamento, mas de fato você tem de resolver esse problema, porque isso não vai caber dentro da Faculdade. Então diante daquilo eu fui conversar com o Enéas. Conversei abertamente com ele. Eu disse, Pr. Enéas eu sei que os seus pensamentos agora não são mais cabíveis dentro do ambiente batista.

Lourenço: o Enéas ainda era o diretor do Colégio Batista?

TEB: Não, agora era o Werner Kaschel. Mas o Werner também me apoiou. a tomar uma posição. E

eu falei com o Werner, Rubens e o Djalma, ora se eu tivesse esse encontro com o Enéas, eu vou precisar ter esse encontro com o Lauro também. E eles concordaram também. Eu vou explicar a reação do Lauro e do Enéas com eu fui falar com eles. Eu fui primeiramente ao Enéas, com todo aquele temor, mas eu sabia que era uma posição que a Faculdade precisava tomar, mas ele foi muito bondoso e me disse: Eu não vou dar muito trabalho para você ou para a Faculdade. Eu vou sair com tranqüilidade, por anos melhores para a Faculdade e não fez nada que prejudicasse o assunto. Eu sempre admirava o Enéas, era um homem muito crente e consagrado. Por falar nisso ele ainda está vivo?

Lourenço: sim, ele está vivo, mora perto da Faculdade, na Rua Caetés e é vice-presidente da Sociedade Bíblica do Brasil. É muito ativo e lúcido.

Silas Costa: tem mais de oitenta anos.

Lourenço: a esposa faleceu e ele casou-se novamente mais tarde, com uma senhora muito distinta e muito crente.

Silas Costa: ele foi meu professor de Geografia e Arqueologia. E foi ele que me despertou para esse campo.

TEB: ele era um dos elementos de mais peso, creio eu, que a Convenção perdeu. Pena que ele tenha mudado para essa nova direção. Eu entendo, foi porque o pastor Harold Renfrold, que era missionário e muito amigo do Enéas. E Haroldo me contou que Enéas passou um momento de uma experiência emocional muito forte e isso deve ter contribuído para entrar para esse novo campo. Mas não posso negar que ela um homem consagrado, homem que Deus usou muito no trabalho. Eu só desejo o melhor para o Enéas. E quando fui falar com o Lauro, ele também foi muito simpático e disse, ora isso não vai ser problema para mim, pois já tenho outro serviço. O irmão pode ficar tranqüilo pois não vou criar problema para vocês. Ele era psicólogo e de fato ele desapareceu e não veio mais nas reuniões. Não sei se ele ficou magoado comigo, mas pelo menos a aparência não indicava isso. E assim, nós mudamos para outro rumo. Resolvendo estes problemas, eu achava que para a Faculdade realmente tomar uma posição na denominação tinha que ser mais ligada à Convenção Estadual e igrejas e eu resolvi levantar o assunto na Junta do Colégio. E eu conversei com o Werner e ele me apoiava nisso, pois que concordávamos que devíamos separar a Faculdade do Colégio e eleger uma Junta própria para a Faculdade e ele concordou. Eu levei o assunto à Junta da Convenção Estadual, para a Junta levasse à Convenção uma proposta de que fosse criada uma Junta de Educação Teológica, que serviria como a Junta da Faculdade. E não era difícil para conseguir lugar na agenda da ordem do dia da Junta Executiva da Convenção, pois o Rubens Lopes era o presidente da Junta naquela época e éramos sempre amigos.

Lourenço: O Rubens sempre apoiou a Faculdade?

TEB: sim, sempre.

Lourenço: e os líderes do Estado quando viram a Faculdade tomando fôlego, se desenvolvendo, havia alguma atitude negativa ou positiva?

TEB: Algum que tinham a memória do antigo Instituto bíblico pensavam assim: será que esta vez a coisa vai ou não? Pois houveram duas ou três tentativas assim que não deram certo. Mas não significava que eles eram contrários, mas simplesmente que eles queriam ver se ia dar certo ou não. Eram apoiadores e não havia nenhuma restrição.

Lourenço: e os missionários de sua Missão, que trabalhavam no Seminário do Sul? Foi mais para frente que o irmão começou a admitir como professores missionários de outras missões?

TEB: Não quando eu assumi a direção da Faculdade, foi nas seguintes bases, quanto à minha convicção pessoal. Primeiro, é que deve ser uma entidade idônea; segundo, deve ser uma entidade brasileira. Eu não queria "americanizar" a Faculdade. Também não queria criar uma entidade que fosse sobrecarregada com pensionato e coisa assim, que ia ser um peso sobre o orçamento da Faculdade. E na medida do possível, nós queremos depender dos recursos brasileiros para criar a Faculdade.

Lourenço: então seria uma Faculdade auto-sustentável?

TEB: exatamente. E naquela altura eu já tinha estudado um pouco as diretrizes das Faculdades no Brasil e eu percebi que muitas delas funcionavam à noite. Era o estilo parece-me que da educação brasileira. Eu pensei, então eu não vejo razão nenhuma porque não poderia ser assim com a Faculdade. Pode ter um curso noturno, um curso bastante de peso, mas para fazer isso talvez tenha de se prolongar um pouco o curso. Os seminários faziam por naquele tempo talvez por 3 anos. Eu pensei talvez nós poderemos estender por até cinco anos e conseguir a mesma coisa. Só que os alunos para fazer o curso noturno eles vão precisar trabalhar durante o dia e trabalhando e estudando, eles não podem fazer em três anos, tem de estender um pouco.

Lourenço: originalmente o curso não foi noturno? Ou desde a época do Lauro era assim?

TEB: Sempre foi, desde o começo.

Lourenço: no Brasil a Teológica foi a primeira a instituir o curso noturno entre os Batistas?

TEB: sim foi. Você dos missionários e dos líderes. Alguns acharam que por ser a Faculdade ligada ao Colégio, achavam que era simplesmente uma "escolinha" do Colégio, um departamento do Colégio, uma coisinha assim que não valia nada. Mas por ter a mesma altura que o Seminário do Sul, não havia. E então havia esse pensamento e eu pensei "nós temos que acabar com isso, se não os alunos não vão querer uma entidade assim, eles vão para o Seminário do Sul ou outra entidade, e não virão para cá." Então esse foi um dos meus pensamentos na cogitação de desligar a Faculdade do Colégio. Eu achei também que a Faculdade ia precisar a sua administração própria. E para fazer isso terá de ter a sua Junta própria e por estar em São Paulo, deveria ser da Convenção Estadual. A Convenção nacional, eu sabia que naquela altura não haveria meios de conseguir isso. E depois esse pensamento surgiu ali e eu encarei um pouco de tornar a Faculdade de tornar uma Entidade nacional, como o Seminário do Sul e outra vez eu fui conversar com o Pr. Rubens Lopes sobre isso. Ele disse "isso seria um grande erro, porque se você levar essa Faculdade para o âmbito nacional, a Junta vai ser eleita de elementos nacionais e não só de São Paulo e eles não vão ter interesse nessa Faculdade. Inclusive alguns deles vão querer matar a Faculdade e você seria prudente em manter a Faculdade aqui em São Paulo e torná-la uma entidade estadual." Eu achei o pensamento dele sábio e assim eu nunca levantei esse assunto. Mas quando estávamos para separar do Colégio, nós recebíamos do Colégio ajuda financeira. Não tínhamos propriedade, não tínhamos casa para nos reunir, e eu pensei "bem, para fazermos isso, nós temos de fazer algumas coisas. Uma é ter a nossa própria Junta e o sustento vir da própria Convenção Estadual." E como eu disse, eu falei com o Pr. Rubens e ele me deu a palavra na Junta e eu apresentei esta proposta na Junta, que a Junta levasse à Convenção Estadual a proposta de eleger uma Junta para a Faculdade. E que eu me lembro não havia ninguém contra. A Convenção aprovou e elegeu os membros da Junta. Eu me lembro que Henrique Peacock era o presidente da nova junta. Foi o primeiro presidente, e era de minha missão. E ele por ser meu colega, e outro elemento forte nisso era o missionário Paulo Porter, que não chegou a ser membro da Junta, mas foi um elemento forte apoiando a Faculdade. Era devido à influência dele e do Peacock era que eu tinha apoio. O Bill Clinton também estava em São Paulo e apoiava a idéia, de modo que não havia restrição naquela altura de ter uma entidade Estadual e não do Colégio Batista e o Werner, como diretor do Colégio, aceitou. E para conseguir ter alguma propriedade para a Faculdade, apresentei a idéia ao Werner que o Colégio cedesse aquela esquina que estava o antigo internato, onde estava a minha casa e mais a esquina na Rua João Ramalho. Nesta esquina havia uma casinha do tesoureiro do colégio. Quando a missão comprou aquela propriedade, era uma fazenda e a casa na esquina da Ministro Godoy e Homem de Melo, era a moradia do fazendeiro. No início quem morava na casa eram os Bagbys, fundadores do Colégio, que no começo era para meninas e havia um internato feminino no terceiro andar do Colégio. Eu acredito que no começo esse internato funcionava onde foi a sede inicial da Faculdade, naquele prédio da esquina da Homem de Mello. Quando a Faculdade começou a funcionar, então as meninas foram transferidas para as dependências internas do Colégio e livro aquela casa para a Faculdade e tínhamos alguns moços morando na Faculdade. Bem, voltando para o assunto para eu ir na Junta. O Werner concordou conosco que o Colégio cedesse aquelas duas esquinas e mais a casa onde eu morava para a Faculdade se manter. Mas tinha naquela esquina la na João Ramalho uma casinha onde morava o tesoureiro do colégio batista, sr Venedict Rogoviks. Eu cheguei a conclusão, não sei se era verdade, que o Venedict não queria sair da casa e não podíamos iniciar a construção da

Faculdade sem ter aquela esquina livre. Aí eu cheguei ao Venedict e disse: "ora, vai num certo dia chegar um caminhão ..." e eu acho que ele ficou bravo comigo, pois, por muitos anos ele não conversava comigo. Hoje eu acho que ele percebe o erro, mas era assim. Eu fui de férias e quando eu estava de férias eu ensinava no seminário de Louisville. Um dia recebei um telefonema, parece que era do Paulo Porter, dizendo que havia uma certa senhora que morava em West Virginia, e que gostaria de doar alguma coisa à Faculdade. Ele me perguntou se eu não podia visitá-la. Eu vi no mapa que não era muito distante e fui visitá-la e eu tinha feito algum telefonema para ela antes e quando eu cheguei na casa dela, ela era uma viúva, e não era uma pessoa velha não, mas uma senhora um pouco mais velha do que eu em anos. E quando ela me viu, ela me disse: "uhh, mas o senhor é jovem" Ela estava pensando que eu era uma pessoa idosa e tinha arrumado condições para eu ficar hospedado na casa dela e quando ela percebeu que eu era uma pessoa jovem, ela achou que deveria fazer outro arranjo para minha hospedagem. Aí ela trouxe outra senhora para dormir dentro da casa. A casa dela era pequena. Tinha uma Universidade naquela cidade também. O presidente da Universidade foi convidado para jantar conosco na casa dela e após a conversa ela me perguntou sobre a Faculdade, qual era o meu sonho, etc. E no dia seguinte, quando acordamos e fomos para sala tomar café, ali no meu prato havia um cheque de 25.000 dólares. Eu nunca vi tanto dinheiro na minha vida.

Lourenço: esta foi a primeira grande doação para a Faculdade?

TEB: Sim. também justamente naquela ocasião o Funda de Educação Teológica (do Concílio Mundial de Igrejas), estava desafiando os seminários teológicos do Brasil a apresentar propostas de novas aventuras de educação teológica e parece-me que se fosse aceita a proposta, o Fundo de Educação Teológica dava um valor, se não me engano eram 25.000 dólares. Se nós levantássemos mais 25.000 dólares. Quando eu vi o cheque dela eu logo vi 50.000 dólares. Então eu falei, com isso podemos começar. E quando eu voltei o Venedict não queria sair da casa e eu forcei um pouco. E eu falei, nós estamos já em condições de construir e a primeira coisa era derrubar a sua casa. Mas creio que o Werner me ajudou em arrumar outra casa para ele. E ele saiu. Uma outra história sobre isso também. Quando o Pr. Humberto Viegas Fernandes saiu da igreja, tinham alguns elementos dentro da igreja que queriam ir para os renovacionistas. Mas os elementos mais sólidos não queriam isto e eles me convidaram para ser o pastor interino lá na igreja de Perdizes e o Venedict era minha ovelha. Depois de começar a construção, encontrei-me com Nills Friberg, da Basptist General Conference, Missão do Karlos Lachler. Ele hoje leciona no Betel. Ele me visitou em São Paulo querendo tomar algumas idéias para a instalação de uma entidade teológica em São José do Rio Preto. Eu lhe disse que não sabia se cabia duas entidades aqui no Estado. Então lhe perguntei, por que você não vem cooperar conosco aqui. Ele perguntou, mas eu não sabia se vocês como seminário da Convenção do Sul (dos Estados Unidos - junta de Richmond) teriam uma abertura no seu pensamento para alguém de outra entidade missionária cooperando com vocês aqui. Eu falei se as doutrinas são compatíveis, eu não vejo problema aí e então, no final ele resolveu vir conosco. Eu falei com ele, eu tenho um grande problema, precisamos levantar uma grande campanha financeira entre as igrejas batistas aqui do Estado. E eu não sei como planejar esta campanha financeira. Eu não sei onde, mas ele tinha uma experiência nisso. Ele sabia fazer a propaganda e cartazes, etc. Ele confeccionou tudo isto para nós e depois ficou como professor.

Lourenço: ele foi o primeiro missionário que não era da Missão de Richmond a dar aula na Faculdade?

TEB: pode ser que houvesse um britânico naquela época, antes dele. Depois veio o Nills, o Sturz, o Shedd. Eu acho que uma vez que os Conservadores perceberam que nós íamos trabalhar com os suecos (BGC) e eles sabiam as doutrinas dos suecos, e pensaram : bem nós podemos colaborar com Bryant e aquele grupo lá em São Paulo. Sturz estava no Rio trabalhando lá e veio colaborar com a gente, depois veio o Shedd, depois o Lachler. Creio que o primeiro da Junta de Richmond que trabalha fora do Estado que veio trabalhar conosco talvez tenha sido o Byron Harbin. Veio também Jack Green, de Educação Religiosa. Edward Spann, em música. Mas creio que o Harbin veio no tempo do Werner como diretor da Faculdade.

Silas Costa: havia também outros professores importantes naquela época, Roque Monteiro de Andrade, Flamínio Fávero, que não era batista, mas presbiteriano, Othon Maranhão, Frederico Vitols, Paternostro, Djalma Cunha, Rubens Lopes, Enéas Tognini, Lauro Bretones.

TEB: Tinha muitos elementos de peso aí. (fim da fita 1).

Silas Costa: como era a atuação do Othon Maranhão, Flamínio Fávero. Eles foram meus professores.

TEB: estes dois vieram da igreja presbiteriana. Mas estes dois elementos eram homens muito capazes e no âmbito evangélico tanto quanto no âmbito não evangélico tinham altura e eram excelentes professores. O Othon Maranhão era mais jovem, mas ele atraia jovens também. O modo dele ensinar era cativante a jovens. Dr. Flamínio Fávero, era totalmente diferente. Um homem muito piedoso, calmo, mas profundo em seus pensamentos. Mas os dois muito dados ao sucesso da Faculdade.

Silas Costa: Lembra a matéria que o prof. Flamínio Fávero lecionava tinha o título de Medicina Pastoral.

TEB: ele era médico. Creio que estes dois elementos foram trazidos para a Faculdade devido à influência do Paternostro e Rubens Lopes. Eles eram homens de conceito e que eles conheceram. Pr. Djalma Cunha já tinha influência no meio batista ele era do Norte e ele já tinha servido, se não me engano, como reitor do Norte. Pode ser que fosse interinamente, ou no do Rio. Ele tinha experiência em administração de seminário, creio que foi do Rio. Outro que dava aula era o Eliezer Pereira de Barros. Roque Monteiro de Andrade dava História Eclesiástica. Outro também era Bertoldo Gatz, que dava grego e Novo Testamento. Vitols dava Velho Testamento. Djalma dava Teologia Sistemática. Eu dava Ética. Rubens Lopes, Homilética, depois passou para mim.

Silas Costa interrompe para contar uma curiosidade, num ambiente bem descontraído: Dr. Bryant achava que o pregador devia vestir terno preto e camisa branca. Se não fosse assim não estava certo. Anos depois ele já tinha aderido à moda verde claro e outras coisas.

TEB: (deu risada) naquele começo eu precisava do apoio dos pastores e todos eles eram tradicionais. Eu vim de férias dos Estados Unidos e naquele tempo todo mundo estava usando trajes diferentes, camisas com cores diferentes. Eu me lembro que cheguei de camisa de cores e logo todos os pastores tinham camisa de cores.

Lourenço comenta dando risada: o irmão fazia a moda e não sabia.

Silas Costa, pergunta de Werner Kaschel.

TEB: eu me lembro que ele dava hebraico e ele era muito capaz. Ele é um homem muito inteligente. E ele era um bom administrador também. O meu retorno aos Estados Unidos foi devido ao fato de termos de cuidar da saúde de meu filho, Larry. Eu até recebi um convite de uma Universidade em Missouri. Eu não quis ir. Mas até chorei quando senti novamente aquele choque de Deus nos tirando da Faculdade. O Orivaldo era presidente da Junta, ele era professor da Faculdade. Eu lhe expliquei que precisava sair da Faculdade. Ele ficou pálido com aquilo e me disse "se o irmão sair a Faculdade vai morrer". Eu falei, ora se a vivência da Faculdade depende da minha vida, deveria morrer. E eu falei, acho que não vai morrer, Deus vai providenciar outros elementos para ficarem no meu lugar. E nós saímos e o Werner assumiu e ele estava em Louisville naquele tempo. A Junta sabiamente o convidou para dirigir a Faculdade.

Silas: que lembranças o irmão tem do projeto da construção do prédio da Faculdade?

TEB: há duas ou três coisas sobre isso. Eu trabalhava muito com Pr. Werner sobre isso. Nós desenhamos um documento separando a propriedade a propriedade do Colégio para a Faculdade e aquele documento é importante. Vocês tem lá ...?

Lourenço: é um documento assinado pelo Paternostro, como presidente da Junta do Colégio?

TEB: sim.

Lourenço: eu tenho esse documento lá, pois eu achei no cofre escondido num canto. É um documento escrito numa folha fazendo a separação do espaço e quem assina é o prof. Paternostro,

que era na época o presidente da Junta do Colégio.

TEB: e o Paternostro era professor na Faculdade ao mesmo tempo, o Werner era o Diretor do Colégio e professor na Faculdade, de modo que todo concordava com aquilo que estava acontecendo. Mas nós achávamos que deveria ter um documento próprio para registrar isso. Se não me engano nós depositamos uma cópia desse documento na Associação Evangélica no Rio que juridicamente era o dono da propriedade.

Lourenço: depois esta propriedade foi transferida para a Convenção de São Paulo e agora mais recentemente para o Colégio Batista.

TEB: e como ficou a parte da Faculdade?

Lourenço: a parte do prédio da Faculdade, continuou com a Faculdade. E foi exigido que a Faculdade devolvesse quase metade do estacionamento atrás da Faculdade e foi exigido que a Faculdade devolvesse onde ela se iniciou, naquela casa que era a casa do Silas Botelho. E a Faculdade ficou somente com a esquina de cima. Depois houve uma decisão fazendo com que a Faculdade tivesse atrás que retomou o espaço de volta do estacionamento, mas a faculdade perdeu o espaço da casa na esquina, onde funcionou inicialmente e onde funcionou por muito tempo o seu pensionato.

Silas Costa, perguntou que engenheiro construiu o novo prédio, quanto tempo levou a construção?

TEB: o engenheiro foi Valfredo Thomé. Quanto ao tempo eu não estou bem lembrado, pois quando deixei o Brasil, a Faculdade ainda estava em construção, foi o Werner quem terminou ...

Lourenço interrompe: foi aí que eu entrei como aluno ...

Silas: que lembranças o irmão tem do projeto da construção do prédio da Faculdade?

TEB: nós tínhamos o dinheiro que veio da ASTE, do Fundo Teológico, e o dinheiro doado por aquela senhora de West Virginia (no total de US$ 50,000.00) e mais o dinheiro que as igrejas levantaram, que eu agora não lembro a importância. Mas uma boa parte veio das igrejas. Nunca tivemos um doador com soma grande no Brasil. As igrejas americanas não participaram.

Lourenço: o que estamos fazendo hoje é mais ou menos seguindo isso também, pois tencionamos arrecadar fundos em maior parte das igrejas brasileiras.

TEB: O que nós fizemos, não me lembro se era de 3 semanas, ou 4, mas o programa que o Nills fez incluiu os professores e os alunos da Faculdade, saindo todos os finais de semana para fazer propaganda. Ele tinha um filmstrip que fizemos, e folhetos, envelopes para as pessoas colocarem as ofertas. Foi assim, que nós pelo Estado todo. Não deixamos nenhuma igreja de fora, mesmo as pequenas. E uma das coisas que descobrimos é que as igrejas existem em volta de um ou mais elementos fortes. E entre os elementos fortes, geralmente existe alguém que tem mais recursos que outros. E mesmo que a igreja não tendo mais que 5 ou 7 membros, o fato da igrejas existirem, há algum elemento de algum recurso e alguns pastores que me criticaram dizendo "você vai gastar mais em gasolina indo até igreja pequenina, do que levantar em recursos. Mas nós descobrimos que o fato de existir aquela igreja pequena é que há um homem forte com alguns recursos.

========
Neste momento chegou o missionário Don Charles Cole, que estava deixando o Brasil. E a entrevista foi interrompida por um momento.
=======

Lourenço: quais os critérios que o irmão utilizava para escolher os professores?

TEB: bem, geralmente, quando havia uma lacuna de professores dentro do currículo, nós colocávamos os professores, sobre as necessidades, o tipo de pessoas que nós precisávamos e, então eram feitas sugestões sobre nomes que podíamos consultar. Precisaria ser alguém da capacidade que nós queríamos. Geralmente nós enviávamos pedidos às missões especificando os

professores que nós precisávamos, solicitando uma indicação de alguém para ensinar.

Lourenço: e os professores brasileiros também eram escolhidos também dentro deste critério?

TEB: geralmente os professores conheciam alguém que podiam preencher aquela vaga.

Lourenço: quando o irmão chegou na Faculdade, que estrutura existia, já havia um currículo estabilizado.

TEB: bem, de fato já havia algum currículo estabelecido. Não era muito extenso, mas as matérias mais básicas, eu confesso que às vezes a matéria foi incluída devido a capacidade do professor naquela matéria e nem sempre nós designamos a matéria e saímos procurando alguém que pudesse preencher.

Lourenço: na sua época chegou haver uma revisão curricular?

TEB: sempre havia. Quase todos os anos. Geralmente nós seguíamos o sistema histórico, a divisão bíblica, a divisão histórica-teológica ou sistemática, a divisão prática, dentro daquelas áreas. E parece que estudando a história do ensino teológico, isto tem sido mais ou menos a direção seguida mais ou menos.

Lourenço: naquela época já havia alguma área de especialização? O aluno podia fazer um currículo básico e depois fazer uma área de especialização?

TEB: no começo, quando eu cheguei não, mas depois fizemos isso, com a sugestão do Werner, ele era o primeiro de observar a necessidade disto.

Lourenço: o irmão se lembra de quais foram os objetivos que os levaram a esse novo modo de ver a formação do aluno?

TEB: Duas coisas influenciaram isto. Uma é que havia uma observação que havia uma variedade de ministérios e nem todas as igrejas precisavam do mesmo tipo de ministério e, então nós precisávamos preparar obreiros que pudessem preencher vários tipos de ministério. A segunda coisa que influenciou isto foram as inclinações do próprio aluno. Alguns são mais dados à música, à área prática, a outras áreas, como por exemplo a área educacional religiosa, e nós achamos que então devíamos preparar o aluno e não simplesmente preencher as necessidades de cumprir um currículo e por isso demos abertura para o aluno escolher.

Lourenço: na época não existia nenhum seminário que seguia isso?

TEB: quanto a isso eu não me lembro.

Lourenço: Essa idéia era um diferencial da natureza da Faculdade em relação a outros seminários. Que idéias mais além dessa, do curso noturno, que o irmão já citou a pouco. O que mais que o irmão se lembra que diferenciava o estilo da Faculdade, comparado ao de outros seminários?

TEB: bem, nós observamos que o sistema educacional brasileiro era mais no estilo de Faculdades, do que no estilo de seminário. Nós entendemos que os seminários geralmente eram o lugar mais ou menos fechado com o seu próprio campus, os alunos moravam por dentro, parece que seguindo a tradição católica neste sentido, mas no sistema universitário, nós observamos que era mais curso noturno sem a necessidade de manter os alunos por dentro sem ter internato, e quanto a sua vivência, os alunos conseguem isso lá fora. Quanto a isso eliminaram-se muitos problemas para nós. Um era simplesmente moradia, outro era a alimentação, hospedagem. Nós não precisávamos arranjar isso, era por conta do aluno. Eu acho que também observamos que isto deixa de criar um espírito de dependência que é criado nos seminários. Dependência de sustento, pois o aluno quando vinha para a Faculdade já estava acostumado a viver lá fora tendo a sua sobrevivência.

Lourenço: isso ajudaria a aluno a pegar igrejas menores sem muito sustento financeiro no começo?

TEB: exatamente, e acontecia com freqüência os alunos pegando igrejas menores quando ele

começava na Faculdade e quando ele terminava, a igreja já estava maior crescida que já podia sustentá-lo.

Lourenço: um outro detalhe, também não seria porque o aluno estaria inserido no mundo e conseguiria trazer respostas aos membros da igreja, pois já estava trabalhando durante o dia e não estava ... eu me lembro que o Dr. Werner mencionava isso.

TEB: ah! isso entrou na cogitação que o aluno já está acostumado com os costumado com os costumes fora do ambiente do seminário.

Lourenço: vai conhecer os dilemas da vida para poder pregar sobre isso ...

TEB: está mais entrosado na vida social e econômica do mundo fora ...

Lourenço: vai tornar o ministério mais realista? ...

TEB: sim este era o pensamento.

Lourenço: o que mais que o irmão acha que seria uma diferenciação da Faculdade? A impressão que tenho é que quando o irmão dá o seu depoimento, o Dr. Werner também dá ... uma vez eu ouvi rapidamente o Pr. Enéas dando ... e quando eu ouvi os irmãos falam da fundação da Faculdade, embora os três me deram palavras diferentes, em momentos diferentes, a ênfase é a mesma ... como se fosse um projeto diferente que faria uma diferença na educação teológica no Brasil.

TEB: Bem, filosoficamente creio que essa era a idéia. Eu devo para ser honesto dizer que havia questões práticas que movimentaram isto. Simplesmente a nossa incapacidade de providenciar e oferecer os meios que os seminários oferecem para o sustento do aluno e coisas assim. Nós fomos obrigado a construir um ensino teológico que não dependia destas outras coisas, simplesmente porque não havia meios práticos para sustentar isso.

Lourenço: isto é interessante, não sei se o Silas também sente isso na vida da Faculdade tentando demonstrar uma auto-sobrevivência, seja na vida dela em particular, seja em demonstrar isso ao aluno. Parece-me que é o espírito que os irmãos naquela época criaram e que ainda está reinando ali dentro. A gente sente isso no ambiente isso ainda. Não sei se o Silas sente isso também.

Silas: sim.

Lourenço: eu tenho ... outro dia eu estava na cidade de Atibaia e encontrei com um ex-aluno no supermercado e ele trabalha na cidade de Mairiporã, numa agência bancária e está trabalhando para que a igreja já o sustente em tempo integral. Se formou há pouco tempo na Faculdade.

TEB: é isso mesmo. O Silas estudou na Faculdade no regime lá e estudou nos seminários aqui (nos Estados Unidos) com outro regime. E não sei se ele percebe a diferença entre os dois estilos.

Silas: bom lá (no Brasil) eu era totalmente dependente de mim mesmo no sustento. Eu trabalhava "par-time", mas aqui havia um apoio maior, pois o próprio seminário tinha as casas para alugar e apartamentos. A nossa Faculdade não tem nada disso. Então é bem diferente.

TEB: Silas você achou que a vida escolar era puxada lá no Brasil ou aqui?

Silas: lá, e até hoje é assim.

TEB: mas lá é mais dentro da realidade ...

Silas: sem dúvida. Não há como reproduzir um modelo que existe aqui e funciona bem aqui. Não há como a Faculdade construir, por exemplo, uma Seminary Village para os alunos morarem. E a experiência do seminário do Norte do Brasil, eu soube através do Greiton que é filho do reitor do seminário, que esse modelo lá criou muito problema, pois eles cobravam um aluguel simbólico e as pessoas permaneciam lá mesmo depois de concluído o seu curso. Daí o Dr. Zaqueu modificou isso, porque era um fardo para o seminário.

Lourenço: O instituto bíblico que funcionava perto da Primeira Igreja parou de funcionar assim que surgiu a Faculdade.

TEB: parou antes. Não havia ligação estrutural dele com a Faculdade. Não sei se alguns livros devam passado para o acervo da biblioteca.

Lourenço: o nome Faculdade já estava lá quando o irmão chegou?

TEB: sim.

Lourenço: como foi a transição da saída do irmão para o Dr. Werner?

TEB: se eu me lembro bem o Werner já estava na Faculdade e era após a minha saída que a Junta o convidou para assumir a direção da Faculdade. Essa é a minha lembrança.

Lourenço: Nills Friberg exerceu função como Deão?

TEB: não me lembro disso, talvez possa ter sido na época de minha saída e na entrada do Werner.

Lourenço: os alunos é que pagavam a mensalidade?

TEB: sempre, era uma mensalidade irrisória no começo, com o passar dos anos, para não criar muita turbulência dentro do ambiente estudantil fomos obrigados aumentar o possível todos os anos. Mas sempre mais do que os alunos queriam.

Lourenço: o objetivo era dar auto-sustento à Faculdade?

TEB: certo e também para seguir o padrão das faculdades fora. Nós sempre achamos que se o aluno tem que pagar a mensalidade forte lá, então não há razão para nós não insistirmos na mesma coisa aqui, reconhecendo que havia alguns alunos sem meios econômicos de acompanhar este ritmo. Mas em vez de abaixar a taxa de mensalidade, nós resolvemos manter a taxa num nível adequado e ajudar os alunos necessitados, com bolsas de estudos. Pois se havia alguns alunos que podiam pagar a mensalidade, porque abaixar a mensalidade para eles, enquanto eles podem pagar, somente porque tínhamos alguns alunos pobres dentro deles?

Lourenço: em resumo, alguns fatores diferenciadores da Faculdade em relação a outros seminários: curso noturno, áreas de especialização, auto-sustento da instituição. Esse seria um modelo que o irmão tinha ajudado a criar ...

TEB: se não me engano o Dewey e eu conversamos sobre isso quando ele estava dirigindo a Faculdade de Brasília.

Lourenço: é possível concluir que os irmãos criaram um novo modelo de educação teológica, em comparação com os outros seminários mais antigos da denominação?

TEB: eu concordo com você. A nossa intenção era implementar isso. Ao meu ver o Seminário do Sul seguia o estilo americano, quanto ao funcionamento do ensino teológico, quanto ao currículo e acompanhando o ambiente estudantil, o tipo de campus, mas a Faculdade estava tentando seguir o ensino superior no Brasil.

Lourenço: o irmão colocaria como outro item diferenciador, a contextualização ao estilo brasileiro?

TEB: certo.

Lourenço: o nome Faculdade foi pela primeira usado?

TEB: talvez entre os batistas sim, não tenho certeza se os Luteranos já haviam utilizado.

Lourenço: seria certo dizer que a Faculdade criou um currículo à luz do aluno?

TEB: sim. O pensamento era que o aluno faria as matérias básicas e então depois faria as matérias que preenchessem suas tendências e interesses. Já que as pessoas têm dons e talentos, porque não formá-las considerando isso? Essa era a intenção exata do que havíamos planejado e feito.

Lourenço: fui aluno do prof. Sturz e ele nos levava à reflexão. Já naquela época a teologia ensinada na Faculdade era mais reflexiva do que discursiva?

TEB: isto já havia no nosso pensamento que já estávamos formando a Faculdade. A conclusão que havíamos chegado é que havia um ensino padronizado nos demais seminários quanto no nosso havia mais possibilidade de reflexão às conclusões que a gente mesmo buscava. Recentemente em Cuba eu conversei com um aluno que foi eliminado da formatura porque simplesmente não seguiu os pensamentos de seus professores. Ele seguiu uma linha mais reformada de teologia, mais do que os próprios professores o faziam. Na Faculdade o aluno tinha liberdade também de se expressar e refletir. Era um ponto que apreciava. Até mesmo refletindo um pouco, dando essa liberdade aos alunos, até que não formamos muitos liberais, não é verdade ... (risos). Os professores seguiam uma linha ortodoxa, mas moderada. E os professores mesmos é que descobriram seguir essa mesma linha. Há uma investidura muito importante: se o aluno sair da Faculdade pensando "essa é minha doutrina, essa é minha teologia, minha interpretação da Bíblia", ele teria mais motivação em promover isso, do que se fosse a teologia do professor.

Lourenço: quais as experiências ou mais marcantes que o irmão viveu na Faculdade?

TEB: Um ponto marcante foi o dia em que lançamos a pedra fundamental do prédio novo da Faculdade, porque ali se congregava muita gente todos dando seu apoio a esta instituição. Aquele movimento me impressionou bastante porque eu tinha um sentimento qualquer de que isso ia sair, e até ali estava simplesmente no papel e agora estava florescendo. E mesmo estando nos alicerces quanto ao prédio, eu logo percebi que ia se levantar. Só lamento uma coisa neste sentido, dentro do meu conhecimento nunca houve uma cerimônia marcando o término daquele prédio.

Lourenço: estamos agora construindo um novo prédio, que tem previsão de ter 9 andares. Já possui dois pisos de estacionamentos, um nosso e outro da Convenção Estadual. Já fizemos uma interligação entre os dois prédios.

TEB: há um detalhe aí que eu esqueci de mencionar, quando o Dr. Werner Kaschel e eu estávamos estudando a Faculdade como deveria ser, chegamos à conclusão que deveríamos fazer um prédio suficiente para 500 alunos, alguém perguntou porque 500. Nós achamos que uma Instituição teológica tendo mais de 500 alunos já está na hora de fazer num outro lugar uma outra Entidade. Mas 500 alunos daria para conseguir o seu próprio sustento e mais ainda ter uma situação que a gente poderia administrar. Indo muito além disso iríamos perder a qualidade quanto ao ensino e ao aluno etc. Porque com 500 alunos, o Diretor pode conhecer os alunos, os professores podem conhecer os alunos, mas indo mais do que isso perde-se aquele contato pessoal com os alunos.

Lourenço: Como visionário e empreendedor, olhando de hoje para trás a Faculdade está dentro daqueles propósitos iniciais? A Faculdade está hoje dentro daqueles ideais passados? Que conselho o irmão daria hoje para nós na manutenção daqueles ideais que foram inovadores?

TEB: Eu zelaria pela qualidade espiritual e doutrinária dos professores. Além disso, manter um relacionamento apegado às igrejas, pois a Faculdade funciona para as igrejas, para ajudar as igrejas. E sem ter essa aproximação bem apegada, é impossível ocorrer isso. Vamos ter alunos somente teóricos. Deve haver um meio de ouvir os líderes das igrejas, as igrejas, para saber o que eles estão pensando. Às vezes o que pensamos sobre o que eles estão pensando, não é verdade. Algumas entidades possuem uma espécie de conselho assessor que somente apresenta ao administrador o que o povo está falando e pensando. Quanto ao aspecto da comunidade para a Faculdade é certo que há um prejuízo em seguir o modelo que nós estamos seguindo na Faculdade. É certo que não há muita comunhão entre os alunos e os professores porque o contato é muito superficial. Agora como suprir isso eu não sei exatamente, sem carregar o orçamento da Faculdade. Outra coisa que eu daria muita atenção seria colocar no meio de tudo o que fazemos o conceito bíblico de missões. Missões é que vai levar a pessoa pensar depois de formado não apenas em sua própria igreja, um pensamento provinciano, mas verá o mundo como o campo de atuação dele. Este é o espírito missionário. E ele

deve colocar isso sempre em tudo o que fazemos e isto pode significar que desde o começo da vida do aluno na Faculdade tem de haver uma obra prática no campo missionário, um estágio ou coisa assim, para ele ver que o mundo que espera o evangelho não é um lugar onde ele está ministrando necessariamente, mas lá fora. E uma coisa que nós colocamos nos planos iniciais eu acho que merece uma modificação drástica seria na questão de biblioteca. Quando nós começamos não havia Internet, não havia capacidade de pesquisar os livros sem tê-los em prateleiras, mas hoje não se precisa mais de prateleiras. Podemos dispensar os livros, porque aos poucos isto está sendo substituído pela Internet. Seria um grande alívio para a Faculdade não precisar mais gastar dinheiro com a biblioteca comprando livros. A Biblioteca seria suspensa no ar, lá na Internet. E além disso, o irmão sabe que logo nós estamos indo para uma ligação entre as bibliotecas do mundo e você poderá pesquisar em qualquer biblioteca. Haverá livros, é verdade, que nunca irão para a Internet. Mas eu acho que os livros mais básicos e principais vão estar na rede. Vocês têm de pensar em outra coisa neste sentido, vocês tem de desenhar um sistema e ensinar teologia e a Bíblia através da Internet para que as pessoas não precisem se locomover até à Faculdade para seu ensino. Vocês mais novos é que precisam pensar nisso.

Lourenço: já começamos a desenvolver um projeto assim para o Mestrado. O projeto já está todo desenhado, mas ainda não pudemos implementá-lo, por motivos técnico-pedagógicos e porque estamos alterando a estrutura do Mestrado, que agora está sendo oficializado pelo Governo brasileiro.

TEB: agora uma coisa que tem sido debatida é o início da Faculdade. Quando ela realmente começou? Alguns acham que começou quando o instituto bíblico se formou, que daquele ambiente surgiu o que hoje nós chamamos de Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Talvez o Pr. Porter pensasse assim. Agora outros dizem que a Faculdade começou quando a Junta do Colégio decidiu formar a Faculdade. Eu digo que não seja assim, a Faculdade realmente começou quando se tornou pessoa jurídica com a sua própria Junta, quando houve o desligamento do Colégio. No meu pensamento, apesar do fato que eu servia o ensino teológico ali chamado Faculdade do Colégio Batista, mas a Faculdade mesmo teve o seu início quando se tornou pessoa jurídica com a sua vida independente.

Lourenço: eu já ouvi estas três interpretações.

TEB: é interessante que aqui (Forth Worth, TX) o Seminário tem uma história semelhante. Começou na Universidade de Baylor, dando algumas aulas de ensino teológico às pessoas que queriam ser pastores, e depois formaram o departamento de religião lá em Baylor. E daquele departamento saiu a fundação do seminário aqui em Forth Worth. alguns acham que o Seminário começou quando ele foi fundado aqui, outros dizem que já tinham começado em Baylor quando havia o departamento.

Lourenço: a data que tem sido colocada como inauguração da Faculdade é 31 de março de 1957, então a data em que ela foi iniciada no Colégio. Nesse caso o nome era Faculdade de Teologia do Colégio Batista Brasileiro.

TEB: bem, tem algumas pessoas que tem me chamado de fundador da Faculdade. Bem, isso depende da definição dada. Porque se for a data quando a Junta se tornou pessoa jurídica, isso seria certo. Mas se for quando o Colégio ... não sei se foi uma decisão da junta do Colégio ou foi uma decisão administrativa, mas pelo menos alguém decidiu formar a Faculdade Teológica ... e como eu disse logo no começo, eu não tinha as condições de fazer perguntas como estas. E não sei se teria feito alguma diferença.

Lourenço: o irmão lembrou um fato e eu tenho um documento lá no Brasil... o primeiro estatuto da Faculdade tem como preâmbulo de como a junta da Faculdade deveria funcionar. Foi creio que a época em que o irmão tinha feito esse projeto. Era um estatuto da Junta e da Faculdade em si ao mesmo tempo num só documento. As pessoas que liam o documento perguntavam "isto é estatuto da Junta ou da Faculdade"? Até que na década de 1980 a Junta de Educação Teológica (JET) acabou refazendo o estatuto e remodelando o estatuto e fazendo o estatuto dela. Por muito tempo a junta tinha dois estatutos - um em parte no estatuto da Faculdade, e outro o próprio estatuto dela. Até que depois no final da década de 1980 regularizou-se o estatuto da Faculdade.

TEB: eu me lembro que nós discutimos também a questão de responsabilidade ascendente e

descendente em relação à Convenção. Quer dizer, se a Faculdade cair em alguma dificuldade financeira em que houve um grande prejuízo, e alguém levar à Faculdade a juízo a Convenção também poderia ficar responsável ou não. Eu me lembro que os advogados que nos estavam ajudando tomaram muito cuidado para redigir o estatuto de tal maneira que não houvesse essa responsabilidade ascendente e esta uma das razoes que as Convenções possuem Juntas, cada uma separada, independente e uma Junta não pode obrigar outra Junta. Não sei se quando a JUERP (Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira) estava tendo problemas recentemente eu me lembro que alguém tinha falado que isso poderia até acabar com a Convenção e as igrejas da Convenção. Mas a maneira em que a Convenção foi formada com o estatuto, não pode ficar responsável pelas Juntas e uma Junta não pode responder por outra Junta. E essa é uma vantagem.

Lourenço: desde o final de 1970 a Faculdade tem um documento de liberdade de cátedra. Como a liberdade de cátedra era em sua época como diretor? O irmão citou os casos de Lauro e Enéas, mas eram situações bem definidas ...

TEB: nós não tínhamos nenhum documento escrito sobre isto. Mas eu acho que nós nos baseamos mais no princípio que outra coisa, que a Convenção já tomou a sua decisão, e diante daquela decisão da Convenção nós achamos que por princípio isto vai eliminar professores que seguem essa linha de pensamento aí. Eu não sei se a Convenção fez bem em fazer esse desligamento dos irmãos renovacionistas (no início da década de 1960 - em que Enéas era um dos principais líderes).

Lourenço: de fato eu já ouvi muitos comentários semelhantes a estes ...

TEB: é, mas no meio da tempestade a gente faz tudo para se proteger.

Silas Costa: em que sentido teria sido mais producente a Convenção não ter tomado uma medida rígida em relação ao pessoal da renovação? O irmão acha que no frigir dos ovos eles teriam retornado a uma linha mais aceitável?

TEB: eu acho que se a Convenção tivesse ignorado a questão talvez não teria se radicalizado o processo ...

Silas Costa: talvez tenha havido intolerância. Às vezes existe aquela idéia: a Convenção pensa desta forma, mas esta forma está na cabeça de alguns porque não existe nenhum documento da denominação é tudo assim. Algumas pessoas dizem, eu penso, portanto deve ser assim.

TEB: quando não está ferindo os ensinos bíblicos, a Convenção deve ter muito cuidado em não mexer. Nós estamos agora cuidando com a questão de ordenação de mulheres ...

Lourenço: sim, este também é o assunto atual lá no Brasil. no próximo dia 26 de junho de 1999 ocorrerá o primeiro exame para a primeira pastora batista no Brasil.

TEB: a Convenção aqui ... está ignorando até agora.

Lourenço: o irmão levantou uma questão de princípio batista que me fez lembrar de que a impressão que tenho de que o ensino muito fechado dos seminários tradicionais pode não ser muito compatível com o espírito batista que prevê a diversidade dentro da unidade. Eu tenho a impressão que a Faculdade ... e eu gostaria que o irmão reagisse com suas palavras ... eu tenho a impressão que os irmãos olharam para os alunos dentro de seus dons e capacidades, a permitir a reflexão dos alunos ... eu tenho a impressão que havia mais compatibilidade com o espírito batista em termos de se definir o princípio, a essência que hoje podemos chamar de princípios distintivos dos batistas, conhecidos historicamente, e trabalhar sobre isso dentro do espírito ou binômio de diversidade / unidade. Isto estaria correto?

TEB: isto é exatamente meu pensamento. Eu creio que a Faculdade teve isso como ideal. O Pr. Werner e eu sempre fomos muito amigos, colaboramos juntos na criação da Faculdade, mas há um ponto de vista que nós divergimos, que é a ordenação de mulheres ao pastorado. Ele apoia, eu não apoio, mas nós cooperamos juntos, e não posso provar que a Bíblia desaprova a ordenação de mulheres, e eu creio que não podemos dizer que a Bíblia aprova .... o assunto não é tão claro assim.

Se uma igreja quiser ordenar, deve ordenar, isso é um direito da igreja, que poderá ordenar quem quiser. Eu acho que essa questão não esteja na Bíblia.

Lourenço: Dr. Bryant foi muito bom estarmos aqui e gostaria de lhe agradecer pela colaboração.

TEB: foi muito agradável estarmos aqui e relembrar algumas coisas do passado.

ENTREVISTA 02b - ENÉAS TOGNINI

Enéas Tognini tem 96 anos e vive no bairro onde se encontra a FTBSP. Quando telefonamos para sua residência a fim de marcarmos uma data para nossa entrevista, atendeu uma voz marcada pela idade e pelo tempo, mas forte e firme. A entrevista foi realizada no dia 24/10/2011. Pr. Enéas Tognini desempenhou papéis de importância em sua vida sendo reconhecido como um grande líder evangélico. Há um relato autobiográfico publicado pela Editora Hagnos[155] que apresenta diversas facetas de sua personalidade. De descendência italiana da região da Toscana e de Livorno, carrega certamente em sua gênese, tenacidade, espírito aventureiro, que mobilizou imigrantes para o Brasil no final do século XIX, caracterizando-o como um líder. Tal liderança fica evidente não somente em sua autobiografia, mas também em documentos assinados por ele nos relatórios da mantenedora do colégio que dirigiu bem como nas atas pesquisadas. No contato telefônico agendamos uma data e horário para que pudéssemos nos encontrar. Em sua residência, fui atendida pela empregada da casa e subi ao andar superior onde ele me recebeu no alto da escada, justificando que não havia descido as escadas por causa de problemas nas pernas. Nos dirigimos a um quarto onde tem seu pequeno escritório com alguns livros e fotos antigas. Ele sentou à sua mesa e eu numa pequena poltrona ao lado. A janela estava com as venezianas abertas e com o vidro a meio palmo de abertura, como que para ventilação. Preparamos o gravador e iniciamos as perguntas. Logo após a primeira pergunta, o entrevistado iniciou (não houve a gravação das primeiras palavras por causa de um problema técnico) suas respostas. Entretanto foi difícil para entrevistadora manter o roteiro original, pois ele se delongou muito na primeira resposta e avançava nas demais não permitindo a sequência. Passado algum tempo iniciou na rua um barulho de britadeira o que dificultou a gravação e a transcrição da mesma.

A entrevista com Pr. Enéas foi muito interessante e trouxe informações bastante importantes sobre o início dos trabalhos da FTBSP. Apesar de idade bastante avançada, o entrevistado apresenta lucidez e clareza dos fatos descritos, entretanto, por diversas vezes repetia algumas coisas já ditas e construía frases incompletas o que dificultou um pouco a transcrição das falas e a relação dos acontecimentos. Algumas vezes também chamou a Faculdade de Seminário. Em alguns momentos da entrevista não permitia a entrevistadora finalizar as perguntas. O roteiro assim ficou prejudicado embora a pesquisadora considerasse que todas as perguntas foram respondidas de alguma maneira. Aconteceu um fato pitoresco ao final do tempo da entrevista: como a hora já estava avançada, a entrevistadora achou por bem não levantar mais questões e ao final de mais de 1 hora e meia de entrevista propôs o encerramento como segue:

> ***Profª Madalena:*** *Pastor Enéas, eu agradeço muito, não sei se o senhor quer dar uma palavra final, para encerrar esta.*
>
> ***Pr. Enéas:*** *Você não vai fazer as perguntas?*
>
> ***Profª Madalena:*** *O senhor já respondeu tudo!*
>
> ***Pr. Enéas:*** *Já né, então tá bom!*

Profª Madalena: Como era o contexto denominacional quando se pensou em organizar uma faculdade de teologia vinculada à Convenção das igrejas batistas em São Paulo?

Houve um problema técnico na gravação e foi perdida uma parte inicial das respostas
Pr. Enéas: Vilas Boas. Educação Teológica para ele, ele dizia: "*Tive que enfrentar lá coisas ou que não deram importância, o não conhecido né.*

---

[155] Publicado pela Editora Hagnos em 1997 - *Enéas Tognini, a autobiografia*

Profª Madalena: Como era o nome dele?

Pr. Enéas: Antonio Vilas Boas

Profª Madalena: Vilas Boas

Pr. Enéas: Antonio Martins Vilas Boas

Profª Madalena: Ele era o que naquela época?

Pr. Enéas: Ele era, ele foi desembargador, e depois ele foi para o Supremo Tribunal

Profª Madalena: Hum

Pr. Enéas: Então ele era, ele era muito, muito influente, e ele não deixava fazer propagandas no seminário. Ele era absorvente, seminário para ele ficava esquecido. A Educação Teológica é a coisa principal né, na vida, de uma Instituição.
Ai tive que enfrenta-lo. Ficamos sempre amigos, e coisas, ficava até hospedado na cada dele, ele gostava muito de mim. Mas é questão de seminário e missões, ele dizia que a coisa principal era missões.

Profª Madalena: Até é uma tendência né!

Pr. Enéas: As mesmas coisas, ficou aí, estão até hoje, a mentalidade é a mesma. Educação Teológica fica para um lado.O João Carlos, João Carlos né?, o João que estava aqui.

Profª Madalena: Não entendi?

Pr. Enéas: João Marcos

Profª Madalena: João Marcos

Pr. Enéas: João Marcos foi embora para missões. Tudo é missão, viu! Hoje a palavra de ordem nas gerações então é missão. Então a Educação Teológica fica retardada, posta de lado. E sempre foi assim.

Profª Madalena: Esse era um contexto, denominacional na época? Então?

Pr. Enéas: Era, era mais ou menos isto. Por que! A, eu queria sair do seminário do Rio, então eu fazia propaganda quando chegava o dia de Educação Teológica. Eu fazia propaganda grande, coisa e tal, mas foi sempre assim, Educação Teológica ficou um pouco de lado.

Profª Madalena: Hum! Certo! É, e quando a pessoa, e quando esse assunto começou aparecer na denominação, né! Qual que era o contexto. Quem é que estava o que havia?

Pr. Enéas: Ora, para você ter uma ideia, havia dois seminários no Brasil, Batista do Recife e do Rio de Janeiro. Então estes dois seminários como que absorviam tudo, né. Era pra te falar, por exemplo o seminário do Rio não existia. Era o Colégio Batista Shepard, então o seminário era uma pequena dependência do, uma pequena dependência do Colégio. São Paulo era a mesma coisa, aqui não havia seminário, não havia nem se pensava em seminário, nada disso. Seminário era esquecido. Lá no Recife era a mesma coisa, era o Colégio Batista lá que absorvia tudo, com a proprietária, coisas todas. Então a Educação Teológica, ficou sempre em 2º plano. E essa mentalidade toda predomina até hoje.

Profª Madalena: Predomina até hoje.

Pr. Enéas: Predomina

Profª Madalena: E naquela época existia um seminariozinho aqui em São Paulo, né? Era perto da Rodoviária, ali na Praça Princesa Isabel, o senhor falou que era um tal de Morgon.

Pr. Enéas: Não era um seminário! Não era um seminário!

Profª Madalena: O que era? Instituto Bíblico?

Pr. Enéas: Houve uma lei no Brasil, proibindo que diretores, estrangeiros fossem diretor de colégio. Então o Dr. Silas era o Presidente da Junta do Colégio. E quando foi a proibição era o Morgon que era o presidente, o diretor do Colégio. Então Morgon foi afastado e o Dr. Silas como era o Presidente da Junta assumiu a direção do Colégio e ficou 17 anos. Agora era o Colégio que existia, não tinha nada, incorpodo nada. Então o Dr. Morgan saiu contrariado por que pretendia continuar.
Aí ele organizou um pequeno, uma pequena Escola Teológica, escola eu,eu, eu fui professor lá, e chegava, havia desde, do semi analfabeto até doutor, como você podia dar aula para uma heterogeneidade dessa, era muito difícil. Então o Dr. Morgan continuou com o Centro Batista. O Centro Batista era uma casa ali perto do Sorocabano que abrigava, os abrigava, abrigava os obreiros que vinha do interior e coisa e tal, a ficar hospedado. Que mais tarde o Rubens Alves, chamou aquilo de pardieiro e ai o Dr. Morgan ficou muito zangado e coisa tal. Dr. Morgan voltou para os Estados Unidos, se aposentou e foi pro Estados Unidos.
Eu era, eu cheguei a ser diretor desta escola. E então, eu dava um tempo, depois deste tempo, o Dr. Silas venceu o prazo dele ficou, 17 anos na direção do Colégio e a Junta me botou como diretor do Colégio a, isso foi 1956. Quando chegou em 1957, eu já lancei o seminário, eu reuni a Junta do Colégio, expus o plano para ele, e todo mundo estava ansioso que houvesse um seminário aqui em São Paulo.

Profª Madalena: Quando o senhor fala de tudo o senhor fala da Convenção dos Pastores?

Pr. Enéas: Por outro lado o Dr. Oliver que era diretor lá do Colégio, agora Reitor do colégio, do seminário do Rio, lá também não havia nada, não havia seminário, só havia Colégio.
Foi em 1938 que começou o seminário do Rio, separado do Colégio, que até então era o Colégio Batista Shepard que aqui em São Paulo é o Colégio Batista Brasileiro.
Havia seminário, seminário era escondido lá, uma coisinha, então esse Centro Batista pela sua heterogeneidade não pode continuar. Até eu assumir a direção do Colégio. A direção geral, ai eu convoquei a Junta do Colégio, expus o plano, eles concordaram os membros da Junta concordaram, 15 membros, concordaram e em 1957 então começou o seminário aqui em São Paulo.

Profª Madalena: Ele tinha um nome diferente né? Seminário, Faculdade Teológica...

Pr. Enéas: Não, não tinha na singular.

Profª Madalena: Não

Pr. Enéas: Seminário Teológico Batista do Colégio Batista Brasileiro. Seminário Teológico do Colégio Batista Brasileiro, esse era o nome. Agora quando depois eu deixei a direção do Colégio e comecei viajar pelo Brasil, então, aí eles desmembraram, o Colégio então pertencia, o Seminário pertencia ao Colégio Batista Brasileiro, a folha de pagamento, tudo, porque houve, você deve ter acompanhado que eles escondiam por causa do problema de renovação espiritual, então eles botavam de escanteio, ai eles falavam não o Colégio Batista. Não tem fundador não. O Colégio Batista, o

Seminário Batista começou lá, o Lauro, ele omitia, ai ficou muitos anos, já passaram diversos diretores e coisa tal, eu não tinha voz, já não estava mais na denominação. Eles me botaram para fora. Então eu não podia resolver. Agora quando o Lourenço assumiu, ele procurou fazer, procurou a origem do Seminário a verdadeira origem do seminário e aí o Lourenço começou a trabalhar, e ele pôs as coisas nos lugares. O Lauro Bretones, estava vivo ainda, e foi chamado para uma reunião e nós discutimos lá. Ai eu falei: "*O Lauro explica ai a questão como é que foi o seminário".* E ele disse: "*Olha, o seminário não existia, o seminário era do Colégio Batista Brasileiro. Era uma dependência, a folha do pagamento, tudo.* O Lauro explicou tudo, aí o Lourenço se convenceu de que realmente eu fui o fundador do seminário.

Profª Madalena: Da Faculdade Teológica

Pr. Enéas: Da Faculdade

Profª Madalena: Hoje da Faculdade Teológica

Pr. Enéas: Daí pra frente. Naquele tempo chamava nem Faculdade era Seminário Teológico Batista do Colégio Batista Brasileiro. Ele ficou assim uns 3 ou 4 anos. A folha de pagamento, tudo era do Colégio.

Profª Madalena: Os recursos financeiros vinham todos do Colégio, então.

Pr. Enéas: Tudo. O Colégio sustentou, sustentou tudo, pagou os professores, pagou tudo. A primeira turma foi 20 alunos mais ou menos. Ah! Essa turma ficou dependendo do Colégio. A formatura tudo o Colégio, o Seminário era uma dependência do Colégio, do, do Colégio. Não tinha mais nada com isso. Era uma especialidade do Colégio.

Profª Madalena: A Matozinhos era aluno, pastor _____

Pr. Enéas: Longuina, o Martins, aquele Edgar Martins e toda aquela turma era 20 alunos mais ou menos. E eles ficaram, dali para frente o Lourenço se convenceu que o seminário.

Profª Madalena: O senhor lembra em que ano?

Pr. Enéas: Precisava examinar as Atas do Colégio, não quiseram perder tempo né? Então era mais fácil o Colégio apareceu o Seminário! Apareceu!

Profª Madalena: É, na verdade alguns dizem que ele apareceu do Thurman Bryant, quando ele chegou.

Pr. Enéas: Pois é! Mas não apareceu nada, quem fundou o Colégio, o Seminário fui eu, porque eu tinha ideal, eu tinha ideal teológico. Aí então, o Colégio ficou, o Seminário ficou na dependência do Colégio, o local, a casa que era o diretor, o Lauro quis que ficasse, eu não aceitei a casa que era muito grande para mim, então abandonei. Então o Lauro aproveitou e botou o Seminário lá na casa pastoral, na dependência do Colégio.

Profª Madalena: E hoje é a Educação Infantil, lá né?

Pr. Enéas: Aí, aí eu o Pr. Lourenço se convenceu porque eu sempre fui amigo do Lourenço. Ele morava em Suzano. Nós tínhamos lá, o, aquele trabalho do Deb de velhinho, aquilo lá, e ele então fazia na semana de Setembro, fazia lá, uma semana de estudo e coisa e tal. E eu cheguei a ser presidente daquele Instituto, aí o Deb ficou velho e ele tinha um terreno enorme lá. Proprietário colossal, e ele deu para o Exército da Salvação, e ele já tinha sido do Exército da Salvação, ele deu e ele queria manter, uma, ele queria fazer uma casa alugada, ele mantinha uma igreja Presbiteriana e a, naquela igreja então fazia a semana de educação, de missões, estado de missões. Aí quando eu passei a direção daquela instituição, passei para um americano, não era Batista, o Seminário lá também não era Batista, era heterogêneo. Começou lá, mas o Deb vez de reservar o terreno grande

que ele tinha lá, uma propriedade enorme, em vez dele reservar aquilo, uma parte para o Seminário, para missões que ele queria, ele não reservou entregou tudo para o Exército da Salvação. O Exercito da Salvação absorveu, loteou, vendeu, acabou com tudo e não ficou nada para missões.

Profª Madalena: Qual pena né!

Pr. Enéas: O tanto que ele amava aquele trabalho.

Profª Madalena: Qual era a diferença entre a proposta do seminário do Rio e a faculdade o seminário que o Colégio estava abrindo aqui em São Paulo?

Pr. Enéas: Contra, contra, contra. Dr. Oliver era contra, contra, contra. Ele ficou bravo comigo, eu era, eu pertencia a Junta do seminário e o Dr. Oliver era de temperamento né, ele ia fundo, eu sentava aqui na mesa e ele sentava na cadeira. De vez em quando ele passava um bilhete para mim debaixo da cadeira. "*Eu vou me retirar desse seminário, não quero mais, não aguento mais"*. Aí eu tinha que acalmar o Oliver, coisa e tal. Mas ele nunca concordou. Nem com o seminário do Norte e nem com o seminário de São Paulo, do Rio de Janeiro ele achava que eram as duas Instituições, aí quando apareceu um missionário, ele fundou o Seminário Equatorial em Belém, aí quando eu formei um seminário aqui, o Oliver ficou louco, era muito amigo meu, mas ele ficou louco, ele não podia concorda.

Profª Madalena: Ele achava que só o Rio de Janeiro que podia.

Pr. Enéas: Só o Rio de Janeiro e Recife

Profª Madalena: Há tá bom!

Pr. Enéas: E podia ter o Equatorial em Belém, porque estava distante.

Profª Madalena: É, agora

Pr. Enéas: Mas eu perdi a amizade do Oliver

Profª Madalena: Mas o senhor não vê nenhuma...

Pr. Enéas: Por causa do seminário aqui em São Paulo, daí começou então, a, começou o Brasil inteiro, formaram o seminário lá no Rio, Miranda Pires, tinha formado lá no Rio, formou outro seminário, outro seminário, outro seminário, seminário.

Profª Madalena: Ana Wollerman

Pr. Enéas: Os regionais então surtiam. Isso era a morte para o Oliver, a morte. Ele queria concentrar tudo, ele construiu aqueles prédios, aquelas coisas todas.

Profª Madalena: E eles tinham muitos alunos naquela época.

Pr. Enéas: Tinham

Profª Madalena: Por que iam todo mundo para lá?

Pr. Enéas: Chegaram a ter três mil alunos.

Profª Madalena: Mas o senhor percebe alguma diferença entre...

Pr. Enéas: Mas no meu tempo, no meu tempo, o seminário era minúsculo, ele foi desdobrado em 1937. Ele deixou o Rio de Janeiro desmembrado então o seminário o do Rio continuou que era

pequenininho e eu fui o único aluno de bacharel na minha formatura, havia dois alunos do médio e um aluno de bacharel. O seminário era pequeno na época.

Profª Madalena: Em que ano foi isto?

Pr. Enéas: 38 até 41 no tempo do seminário

Profª Madalena: Mas o senhor vê alguma diferença na proposta educacional da Faculdade Teológica em São Paulo e do seminário do Rio?

Pr. Enéas: Enquanto o Oliver foi o diretor, ele, eu não podia imaginar então quando eu ia deixar o Colégio Batista, a direção que Deus me mandou deixar o Colégio, eu não podia deixar o Colégio na mão de qualquer um, porque o Colégio era denominacional, então eu tive que preparar o Werner, Werner era deão lá. Tive que preparar o Werner aqui para São Paulo, o Werner não tinha credencial para ser diretor, ele teve que fazer um exame de suficiência para o Colégio, para ser diretor do colégio. Quando eu fui lá apresentar o Werner, na secretária seccional, a turma quase, quase, se derreteu: o senhor vai deixar a direção do colégio? é a coisa, eu tinha a ordem de Deus para deixar, deixei. Não entenderam isso é outro problema, eu tinha que obedecer a Deus. Então, aí começaram o seminário, o seminário Batista de Campos, o outro, um seminário, um seminário regional, isso foi uma morte para o Oliver, ele não queria, ele queria concentrar tudo ali, fazer um grande seminário como de *Fourth Worth*.

Profª Madalena: Tá! E a ideia de fazer no colégio batista foi porque o senhor era o diretor e havia essa facilidade?

Pr. Enéas: Dr. Silas foi diretor a 17 anos, não pertenceu no seminário, ele era contra, não tem que ter seminário aqui não.

Profª Madalena: Olha

Pr. Enéas: Ai o Oliver fez aqui Instituto, mas que era heterogeneidade o Instituto não sobreviveu.

Profª Madalena: Não sobreviveu né? É, e quando então começaram então essas atividades, quem selecionou os professores, como é que foi isso?

Pr. Enéas: Quem selecionou os professores aqui em São Paulo, fui eu, eu comecei chamar os professores, os especialistas. Rubem Lopes ficou como professor de Homelética, ele gostava da coisa. Frederico Vitols ficou como professor de Velho Testamento. Tadeu Martins, ficou professor de Hebraico. O Leo, o Leo como é que chama, o reitor aí, o, um grandão.

Profª Madalena: O Bertoldo Gatz

Pr. Enéas: Bertoldo Gatz, botei Grego, não deu.

Profª Madalena: Ele era bem jovem naquela época.

Pr. Enéas: É não deu como professor de grego, ele não conhecia bem a matéria, aí eu tive que assumir a cadeira de Grego por um ano. Então eu convoquei os professores que havia muitos professores aqui em São Paulo, pessoas capacitadas. Então eu selecionei, e lancei o seminário, em 1957, começou o seminário independente, quer dizer independente na parte geral, mas na parte financeira era do Colégio.

Profª Madalena: Ainda era do Colégio.

Pr. Enéas: Do Colégio.

Profª Madalena: Este primeiro tempo nas salas do Colégio Batista.

Pr. Enéas: Foram, na casa, na casa, que era do Dr. Silas residência.

Profª Madalena: Mas depois passou para casa.

Pr. Enéas: Depois passou para casa.

Profª Madalena: Pra casa onde era o Dr. Silas Botelho.

Pr. Enéas: Ai construíram, casa foi construída, a casa né.

Profª Madalena: Aquela casa da esquina?

Pr. Enéas: Não

Profª Madalena: Onde está hoje?

Pr. Enéas: É!

Profª Madalena: O prédio original.

Pr. Enéas: Perfeitamente.

Profª Madalena: Isso é, então o colégio é?

Pr. Enéas: Aí o diretor daquele tempo, como ele chamava, o americano, foi diretor muito tempo lá.

Profª Madalena: De onde? Do Colégio

Pr. Enéas: Hein

Profª Madalena: Da faculdade ou do colégio?

Pr. Enéas: Da faculdade!

Profª Madalena: Dr. Thurman Bryant

Pr. Enéas: É, o Dr. Brayant então ele assumiu, construiu aquele prédio do seminário conseguiu, mas ai já estava fora, já não mas eu continuei, mesmo fora da Igreja de Perdizes, que eu larguei, é continuei dando aula. De vez em quando ele me convidava para fazer palestras especiais por que ele, eu tinha muito conhecimento em arqueologia então ele me chamava para fazer.

Profª Madalena: Exato. Mas naquele tempo, os primeiros lá, ainda no colégio, quem criou o currículo, determinou os horários foi tudo o senhor que elaborou?

Pr. Enéas: Eu e o Lauro

Profª Madalena: Lauro?

Pr. Enéas: Eu e o Lauro

Profª Madalena: Lauro Bretones

Pr. Enéas: É, o Lauro era vice diretor do Colégio e era, ele tinha e eu também a aprovação de Orientador Educacional que era um curso que começou. Esse curso começou quando eu vim aqui para São Paulo. A Marina Cintra, que era diretora excepcional, ela tinha uma habilidade muito grande. Capacidade também, então formou o curso de Orientador Educacional, e eu fiquei muito tempo ajudando esse curso, aí espalhou. Agora _____ o currículo de Orientador Educacional . O seu Lauro foi vice diretor e Orientador Educacional.

Profª Madalena: Para o Colégio Batista

Pr. Enéas: Para o Colégio Batista

Profª Madalena: É, existe Pastor Enéas algum documento escrito fora as atas do Colégio, carta, coisas assim, tudo ficou no Colégio?

Pr. Enéas: Eu não tinha muito tempo naquele, por que!

Profª Madalena: Como diretor?

Pr. Enéas: Fazia trabalho de dois homens, no colégio, fazia o trabalho de dois homens na Igreja, era tudo pequeno naquele tempo, era difícil, então essa fase, que era a fase história, registro da parte histórica foi muito prejudicado, porque não tinha quem fizesse. O Lauro tinha uma capacidade muito grande de escrever de tudo mas ele tinha que atender. A, ele era vice-diretor, atender os pais e alunos, mas o Lauro foi um braço forte para mim.

Profª Madalena: Será que ele, a família dele tem alguma coisa guardada, editada. Não? Mas lá no colégio tem tudo isso nas atas do Colégio?

Pr. Enéas: O Lauro foi prejudicado, ele começou entrar pelo modernismo, e não acreditava mais, eu quis até afasta-lo o Lauro da vice-direção do Colégio. Porque na minha ausência ele pregou uma mensagem na igreja *"não precisa orar não não precisa orar não, Jesus já sabe, tudo"*. E aí ele perdeu o prestigio e começou a se envolver na faculdade, se tornou grande na faculdade. Havia um professor, um italiano lá.

Profª Madalena: Que faculdade era essa?

Pr. Enéas: A faculdade da PUC!

Profª Madalena: PUC

Pr. Enéas: É, de psicologia . Eu fiz um trabalho junto com esse professor como diretor, como integrante do sindicato de diretores pela SIMPRA, aqui do lado,eu fiz um trabalho com esse diretor, fizemos um trabalho de psicologia. Eu nunca, nunca fiz carreira, mas eu tinha. Fiquei dois anos com a Noemi Rodolfer, ela era a bamba da psicologia na cadeira de psicologia. Eu fiquei como assistente dela por durante dois anos, eu não tenho sociologia eu não tenho nada, eu só tenho curso de seminário. Agora pra .. quando o Dr. Silas deixou a direção eu não tinha curso superior, o curso superior era só o seminário, o meu diplominha tá aqui na gaveta. E a Marina Cintra foi ao Rio de Janeiro e trouxe o meu cartão de diretor ela mesmo trouxe e entregou na minha mão, eu não tinha direito, eu não tinha nem curso superior, a não ser do seminário.

Profª Madalena: Diante da lei. Não valia nada

Pr. Enéas: Cumpri cargos aí, coisa e tal de sindicato, quando Deus abre uma porta difícil, ninguém pode fechar.

Profª Madalena: O que o senhor falaria hoje é, hoje nós temos a faculdade, hoje nós temos um curso reconhecido, né? É...

Pr. Enéas: Hoje as coisas são bem diferentes né! Hoje.

Profª Madalena: Esta acabando

Pr. Enéas: Hoje, seminário é seminário, o governo sabe disso, o nosso amigo Fernando lá, sabe disso .... Ele é ministro continua ministro. Naquele tempo seminário era desprezado. Aqui em São Paulo, pela graça de Deus, o seminário, como me liguei, a esse Curso de Orientador Educacional, então eu me tornei amigo da Marina, da professora, da professora daquele tempo, não sei o nome dela.

Profª Madalena: Da Marina?

Pr. Enéas: Não. Marina era excepcional. Professora de Psicologia era Noemi Rodolfo, era, era a número um aqui, então ela fazia tudo. Então naquele tempo, naquele tempo ... começou o seminário independente, o governo começou a reconhecer o seminário porque o seminário do Rio não existia, era o Colégio Batista Shepard. O Colégio aqui em São Paulo não havia o seminário, ninguém pensava em seminário, o Dr. Silas ficou 17 anos no seminário, na direção do colégio. Nunca pensou em seminário. Ele me trouxe para cá, ele trabalhava no governo, e eu que dirigia o Colégio todo aquele tempo eu que dirigia o Colégio. Então tive que formar tudo aqui, formar tudo aqui. Isso aí teve influência no Brasil inteiro, e aí começaram a desdobrar. O seminário é uma coisa, colégio é outra, então separaram aqui em São Paulo 1937 o Colégio Batista Brasileiro, organizou o seminário, seminário funcionou na dependência do Colégio, lá do Rio, começou a funcionar.

Profª Madalena: E hoje como o senhor vê esta questão da oficialização dos cursos de teologia?

Pr. Enéas: A eu acho legítimo, eu acho, o governo abriu uma exceção, aí, né equipararam o seminário a esses cursos superiores que existem né. E então o seminário, funciona como uma especialização na parte teológica como o seminário, o governo deu liberdade para o seminário, aqui em São Paulo, lá no Rio de Janeiro. Porque quando o Dr. Silas foi diretor, ficou 17 anos no Colégio, ele nunca pensou em seminário, era contra o seminário, então o que fazer, tinha que lutar contra o Dr. Silas a denominação, porque o ideal todos os pastores aqui, o ideal era formar o seminário.

Profª Madalena: No Rio

Pr. Enéas: Aqui e no Rio. Aqui em São Paulo era o ideal. Agora o Centro Batista que era o Dr. Morgan, não deu nada, não deu nada, porque era heterogêneo, ele queria quantidade, chegou a ter mais de cem alunos lá. Era impossível,

Profª Madalena: Misturava tudo.

Pr. Enéas: Tudo, aí então o governo começou a tomar posição quanto ao seminário. E hoje quando ele abre aquela exceção no trabalho geral da divulgação no Brasil. Então o seminário tem sua vez e bem, é equiparado para o governo federal lá.

Profª Madalena: Uma coisa interessante que o governo faz, que ele não dá nenhuma determinação sobre o currículo, o currículo é de livre formação conforme.

Pr. Enéas: Aí depois que eu deixei o Colégio, depois amortecendo, amortecendo larguei completamente, aí não acompanhei mais.

Profª Madalena: Não acompanhou mais, é.

Pr. Enéas: Porque o que tinha que fazer já tinha . Agora este seminário aqui existe porque o Enéias Tognini teve no coração desde Belo Horizonte que fiquei 5 anos lá, lutando com Vilas Boas, a respeito de missões e seminários, ele não queria seminário não a prioridade era missões, missões. Então eu cheguei aqui em São Paulo, organizei o seminário e o seminário era do Colégio, eu mandava no Colégio, e ele mandava no outro. Então eu fiz o Colégio, o Colégio pagou os professores, pagou as despesas, pagou tudo. O Lauro recebia na folha de pagamento, Lauro recebia um suplemento, morava no Colégio e tudo recebia um suplemento, o Lauro me ajudou muito. Agora,

depois ele descambou para a psicologia, depois ele voltou ao morrer ele estava reconciliado com Deus.

Profª Madalena: Que bom!

Pr. Enéas: Mas ele perdeu muito tempo e perdeu a família também, porque fato lamentável, perdeu a família. Foi uma coisa terrível.

Profª Madalena: São as escolhas do homem né?

Pr. Enéas: É

Pr. Enéas: Mas não sei porque o Lauro, fez, porque eu dei todo o apoio ao Lauro, todo apoio, eu fui chamado para ser professor dele, era membro do sindicato, era o 1º secretário, eu fui chamado para fazer uma tese junto com aquele italiano, que eu não lembro mais o nome, já passou, é passado,..., então eu fiz a tese junto com esse professor que foi o professor do Lauro, que foi quem desencaminhou o Dr,. Lauro.

Profª Madalena: Convenceu ele de outras coisas!

Pr. Enéas: Ele chegou um dia quando apresentei o nome dele para me substituir na direção, ele não aceitou não, declarou perante a junta, "*Eu quero ganhar dinheiro"*. não foi só isso não, com coisas particulares, eu quero ganhar dinheiro, quero ganhar dinheiro, mas perdeu tudo, perdeu tudo, o irmão dele o Rivas, é que ajudou Lauro muito.

Profª Madalena: No final!

Pr. Enéas: Segurou o Lauro um pouco.

Profª Madalena: Pastor Enéias, eu agradeço muito, não sei se o senhor quer dar uma palavra final, para encerrar esta.

Pr. Enéas: Você não vai fazer as perguntas?

Profª Madalena: O senhor já respondeu tudo!

Pr. Enéas: Já né, então ta bom!

Profª Madalena: É porque eu ia perguntar assim: Qual foi o principal objetivo de criar uma faculdade em São Paulo, se já existia no Rio. O senhor respondeu.

Profª Madalena: Em que a faculdade seria diferente das propostas existentes no Rio de Janeiro e em São Paulo, o senhor também de alguma forma respondeu.

Pr. Enéas: A sim, não existia. O governo não reconhecia era seminário, era, era colégio o que existia para o governo era o Colégio Batista Shepard e o Colégio Batista Brasileiro em São Paulo.

Profª Madalena: O senhor acha que o seminário do Rio ele tinha uma, um conceito mais forte em missões, do que em formações de pastores ou...

Pr. Enéas: No começo tinha, mas depois não, depois o seminário conseguiu vencer suas dificuldades, estas barreiras né.

Profª Madalena: E o senhor acha que quando esse seminário foi criado no Colégio Batista de São Paulo ele tinha mais essa perspectiva de formação de pastores do que formação de liderança?

Pr. Enéas: Tinha a Noemi Rodolfo, e a Marina Cintra todas elas concordaram com as minhas ideias, eu levei a ideia de seminário. Então elas concordaram, elas naquele tempo eram os bambas da educação.

Profª Madalena: Da educação naquela época

Pr. Enéas: A Marina Cintra foi, quando eu deixei o colégio, naquele tempo, ela no último ano meu do colégio ela faleceu. Teve um desastre de aviação do Rio e morreu. Aí para mim, eu já tinha chamado de Deus, para abandonar tudo, eu obedeci a Deus. A Marina Cintra deixou uma substituta, que era Vilas Boas, senhora Vilas Boas, eu acho que era Sueli Vilas Boas e quando eu levei o Pastor Werner, ... falou, pastor o senhor vai deixar o Colégio, o senhor vai deixar o Colégio, por questões particulares expliquei, esta resolvido. Ela ficou com uma pena, eu ajudava muito se lidar com tudo, eu estava na direção do Colégio.

Profª Madalena: O Colégio era um Colégio bom nome na cidade, era muito importante mesmo. Então era mais ou menos este as minhas questões né! O foco do início.

Pr. Enéas: Então depois você seleciona aí, vai vendo as coisas que te interessa para a sua tese.

Profª Madalena: Não. Eu vou escrever sim, porque o que eu quero é construir esta história que na verdade existem, o Lourenço quando esteve nos Estados Unidos ele teve uma entrevista com o Dr. Thurman B em 99, e o TB realmente, ele conta a mesma história, do jeito que ele pega o período da separação como pessoa jurídica né, onde ele separa o colégio fica para cá e a faculdade. E ele conta também a história da construção, do prédio ali da esquina que o Benedito Rogovsti morava ali, numa casa ali naquele terreno.

Pr. Enéas: O que foi feito da casa do diretor da faculdade, foi desmanchada, né?

Profª Madalena: Foi, é era aquela ali atrás?

Pr. Enéas: É, porque depois que eu sai, o Werner ficou 8 anos, mas já não tinha cargo para diretor do colégio. Ele era um homem denominacional, e se entreguei para ele, perdi a amizade do Oliver, tirei o Oliver.

Profª Madalena: O Oliver

Pr. Enéas: Ai o Werner chegou aqui em São Paulo, se ligou a sociedade bíblica, foi presidente da sociedade bíblica e o Oliver morreu, cortou as relações comigo, cortou tudo. Aí começou o Colégio, né, começou o seminário, aí depois de algum tempo resolveram desmembrar o seminário do colégio, então arrumaram a faculdade, aí começaram a construir onde está amparado pela lei da união, né?

Profª Madalena: Aí se chamava então Seminário Teológico do Colégio Batista

Pr. Enéas: Seminário Teológico do Colégio Batista Brasileiro

Profª Madalena: Então eram estas as perguntas mesmo. O senhor falou dos professores, quem montou o currículo, o horário, os pagamentos, do Colégio.

Pr. Enéas: Eu tive ai mais ou menos 20 professores que eram a nata do Batista aqui de São Paulo.

Profª Madalena: Imagino, eu imagino. Eu acho isso tudo nas Atas do Colégio?

Pr. Enéas: Esta tudo nas Atas do Colégio. Você não tem acesso as atas do Colégio?

Profª Madalena: Tenho, tenho. Eu não cheguei nessa fase ainda, mas eu vou lá.

Pr. Enéas: Porque quando eu escrevi, tava separado os atos, as vitórias dos Batistas Nacionais. A Dirce Kaschel era bibliotecária, e ela abriu lá para mim tudo, então peguei aqueles números dos jornais batistas, aquelas coisas todas, então tirei muito elemento de lá, para fazer as histórias do batistas nacionais. E a, e foi assim o trabalho, agora o seminário começou a existir mesmo quando eu organizei, o Lauro me ajudou aí então ficou, Colégio Batista Brasileiro uma coisa, seminário Faculdade Batista Teológica Batista_tal tal . Agora começou então o seminário, começou a trabalhar porque havia uma política, aí que membro da junta do colégio pediam favor para membro da junta do seminário e vice-versa, esta política que existe sempre. Eu passei por cima de tudo isso, eu falei: "*Eu quero saber do seminário"*. E deixei o seminário, formou a primeira turma até com aqueles 20 alunos, que eles começaram fazer propaganda, aí o seminário tomou nome, aí depois separaram, aí fizeram muito bem porque seminário e uma o colégio é uma coisa, seminário é outra. Aí ficou muito bom. Por que depois a politicagem aí entrou, e acabaram com o Colégio né, acabaram com o Colégio e a Faculdade predomina. Antigamente era o Colégio, hoje é a Faculdade, são coisas que acontece.

Profª Madalena: São os caminhos, são as escolhas dos homens. Deus até pode dar a direção, mas que o homem resolve fazer outra coisa.

Pr. Enéas: Mas o seminário, e o Colégio Batista Brasileiro foi um desatolo para todo o mundo. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, chegava lá não voltava né! Ficava lá, capital ... Rio de Janeiro capital, aí quando o seminário começou a ter peso, aí os alunos ficavam aqui.

Profª Madalena: Não, foi um ganho muito grande, foi um ganho grande. Sem dúvida foi.

Pr. Enéas: E professor eu tinha de sobra.

Profª Madalena: Tinha boas pessoas, boas formações.

Pr. Enéas: Eu deixava, alguns alunos, alguns professores até de fora, tinha muito professor, todo mundo queria ensinar né!

Profª Madalena: Nesta hora

Pr. Enéas: Me deram trabalho. Agora adotei uma filosofia, que os melhores alunos de bacharel, quisesse especialização, a especialização eu não procurei fazer, pós graduação, nada disso, o aluno, ele era bom aluno, ele escolhia duas matérias e no nosso seminário atual fiz a mesma coisa, duas meterias, naquelas matérias eles se aprofundava, eu dava livro coisa e tal e eles se aprofundavam e se tornaram grandes professores. E na ocasião o próprio Bertoldo não deu certo no grego mas depois ele ficou.

Profª Madalena: No Novo Testamento e foi embora.

Pr. Enéas: E foi embora. Eu tive que assumir naquele ano, tive que assumir, o grego, para suprimir ajudar os alunos que eu tinha muito trabalho como diretor do Colégio e assim foi o seminário.

Profª Madalena: Que maravilha pastor.

Pr. Enéas: Hoje então, os seminários estão independentes, o Rio de Janeiro e o Recife vão muito mal das pernas, porque eu acompanho pelo Jornal Batista, eu nunca deixei de assinar o Jornal Batista, há anos que eu deixei a denominação, me botaram para fora né! Mas eu continuei assinando o jornal.

Profª Madalena: Tem um artigo meu ali

Pr. Enéas: Já li, eu vi o seu artigo. Você é pra, é tem!

Profª Madalena: Pra educação

Pr. Enéas: é pelo currículo novo, né?

Profª Madalena: É. Na verdade é uma proposta nova, não é um currículo novo é uma proposta nova, né.

Pr. Enéas: Exato. Eu li, eu li seu artigo.

Profª Madalena: Ela é um pouco temerosa, não deixa de ser uma proposta difícil, mas a realidade é que as igrejas já não são mais...

Pr. Enéas: Porque eu tive que assumir tudo quanto foi caso da denominação. Exemplo: a revista de jovens e adultos que estavam com Almir Gonçalves, ele ficou aqui já, e há pouco tempo aquilo virou rotina entendeu, e quando assumi a direção daquela revista eu fiquei 6 anos e meio, era muito trabalho, muito trabalho, mas aí levantou, eu peguei a revista com mais ou menos 15 a 20 mil exemplares, e deixei com mais de 80 quase 100 mil exemplares da revista. Então começou a circular, aí eu pude expor muitas idéias nessas revistas, estão todas ali, lá em cima encadernadas.

Profª Madalena: Olha que maravilha. Oh que maravilha, Eu posso tirar uma foto sua?

Pr. Enéas: Pode

Profª Madalena: Ah, então deixa eu encerrar aqui! O gravador já vai encerrar.

ENTREVISTA 02c - MARIO DÓRO

A entrevista realizada com Pr. Mario Doro aconteceu no dia 8 de dezembro de 2011 em sua residência. Mario Doro é viúvo e reside com uma de suas filhas num apartamento próximo à faculdade. Marcamos um horário para a entrevista em uma visita à faculdade quando ele me procurou perguntando se interessava à instituição seus livros, pois tinha a intenção de doá-los para a faculdade. Agradeci a doação e acertamos um dia na agenda. Era uma manhã muito bonita e ensolarada e fui recebida por ele e sua filha. Nosso entrevistado é uma pessoa muito interessante e importante para essa pesquisa. Mario Doro tem uma ligação de longa data com a instituição. Ele cursou o Instituto Teológico Batista de São Paulo, tendo se formado na segunda turma. Quando foi criado o curso superior de Teologia ele o cursou também tendo se formado igualmente na segunda turma. Depois de formado pastoreou igrejas em São Paulo e também foi professor concursado da rede estadual. Tem 3 licenciaturas: Filosofia, Ciências Sociais e Estudos Sociais.

A entrevista com Pr. Mario Doro foi muito interessante e trouxe informações bastante importantes sobre o início dos trabalhos da FTBSP. Além de aluno, ele foi também um voluntário nos tempos de Friberg fazendo divulgação da faculdade nas igrejas. Mais tarde pertenceu por mais de uma vez à Junta Administrativa. Apesar de idade bastante avançada, e um problema de voz o entrevistado apresenta lucidez e clareza dos fatos descritos.

Descrição das perguntas e respostas:

Madalena: Fale um pouco sobre a sua entrada como aluno na Faculdade Teológica naqueles, o senhor pertenceu a primeira turma.

Pastor: segunda turma

Madalena: a segunda turma, é então, o senhor começou em 1958, fale um pouquinho sobre esta sua entrada na faculdade.

Pastor: eu entrei para estudar na faculdade por um convite do diretor que era o pastor Lauro Bretones, eu já tinha um curso de teologia mais de nível médio, do antigo Instituto Teológico Batista.

Madalena: Era dirigido pelo Dr. Morgan

Pastor: Morgan, exatamente, foi ele que me batizou inclusive, anos antes. O pastor Lauro me convidou: pastor Doro, por que o senhor não vem fazer um curso superior de teologia aqui conosco? Aí fui lá, fiz a matrícula, fiz o vestibular e a matricula e cursei. Era no Colégio, a escola, ela funcionava nas dependências do Colégio Batista, depois passou para aquela casa que era do diretor do Colégio, casarão antigo.

Madalena: Chamava de casarão mesmo.

Pastor: Casarão, que ainda está lá.

Madalena: Está

Pastor: E ai, fui estudando. Não tínhamos aulas às quartas-feiras, por isso o curso era mais extenso em relação ao anos, porque os professores que eram pastores, quarta feira não queriam deixar suas igrejas, então, é, tínhamos um ano ou mais de estudos. Foi aí que entrei e comecei a estudar com diversos professores bons, alguns médios, alguns difíceis, como é o caso, por exemplo, do professor, não vou dizer o nome, mas do professor de hebraico que era um alemão, judeu, e tinha dificuldade de expor as ideias. Sofremos com ele, mas vencemos.

Madalena: Vencemos. E o que significou para o senhor pertencer a segunda turma. Isso era um um privilégio histórico, vamos dizer assim.

Pastor: É verdade. A primeira turma já estava adiantada quando eu entrei. E na segunda turma, e vencemos, não é!. Felizmente todos os que se matricularam chegaram ao fim.

Madalena: Chegaram ao final. O senhor lembra quando foi o tempo que vocês saíram do Colégio e foram para o casarão, foi no seu segundo, terceiro ano ou quarto ano ou o senhor ficou até o fim do curso no Casarão?

Pastor: Olha não me lembro, exatamente a data, mas eu sei que ficamos lá até o final do curso.

Madalena: Até o final do curso, do Colégio Batista.

Pastor: Sim.

Madalena: Ok. E o senhor viveu então a transição da direção do Dr. Pastor Lauro Bretones, para o Dr. Bryant.

Pastor: Certo.

Madalena: Como foi esta mudança de direção?

Pastor: Olha, nós não sentimos muita diferença. O Dr. Bryant, naturalmente é muito criterioso, muito cuidadoso no relacionamento, não criou embaraços, dificuldades. A coisa se transferiu normalmente.

Madalena: Isso. Aqueles tempos viviam, começaram a surgir as dificuldades doutrinarias com o Pastor Enéas, que era diretor do Colégio, isso não trouxe nenhuma turbulência para vocês como aluno?

Pastor: Não. O pastor Enéias começou fazer grupos de orações, toda a segunda feira a tardinha, no antigo templo da Igreja de Perdizes. Eu participei desse grupo, no inicio. Inclusive algumas vezes fui levado pelo pastor Enéas a casa dele para o jantar. E dali ia para a aula. De maneira que no inicio a intenção era muito boa. Não havia nenhuma ideia de modificações doutrinárias, mas a partir de um certo momento, com a frequência de pastores dessa tendência pentecostal eu então me retirei. Eu achei que não deveria continuar porque não estava aceitando essas ideias pentecostais. E ai, eu me retirei das reuniões de oração. Continuava orando em casa.

Madalena: É claro!

Pastor: Mas não lá com o grupo.

Madalena: De alguma maneira isso afetou os alunos da Faculdade ou não?

Pastor: Olha, alguns ficaram abalados! Inclusive teve um, que não me lembro agora o nome dele que era aluno, já era pastor, mas era aluno, ele depois se bandiou para o lado Pentecostal, alias dois, dois alunos.

Madalena: Ok. Quais eram as principais dificuldades dos alunos em relação ao curso, em relação aos horários, aos professores. Você lembra de alguma dificuldade, com os quais os colegas falavam além do professor de hebraico?

Pastor: De um modo geral todos os alunos apreciavam muito as orientações da Faculdade. Das aulas, da administração, convívio entre o grupo de alunos, não havia outros problemas a não ser o surgimento de renovação espiritual.

Madalena: É. Houve em algum momento em que .... uma entrevista que o Dr. Bryant fez para o professor Lourenço em que ele menciona uma greve de alunos, você lembra desse pedaço. Os alunos entraram em greve, motivados por alguma razão. O senhor lembra disso?

Pastor: Não!Eu confesso que não me lembro disso!

Madalena: Tá bom! Como era a relação dos professores com os alunos? Era uma relação agradável? Amigável? Era muita cobrança? Como é que era?

Pastor: É, os professores exigiam dos alunos, o que é natural, mas com certa tolerância na entrega de trabalhos com exceção de um professor. Eu já era pastor há vários anos e, um dia eu precisei faltar na aula de um professor. Eu vim para a Faculdade, mas uma hora depois, por que eu estava de saída, lá de Vila Maria, para vir para a escola, e chega um membro da igreja com problema, chorando, etc. Eu tive que dar assistência pastoral. E justamente naquele dia, eu deveria entregar um trabalho para um professor, e não deu tempo de eu vir. Quando eu cheguei, na Faculdade o professor estava saindo da classe. Disse: *"Professor desculpe, eu não vim na sua aula para entregar o trabalho por que eu tive que dar uma assistência pastoral, mas o trabalho está aqui".* E ele disse*: "Eu não vou receber"*. E eu disse: *"Mas por quê? Eu estou aqui vim trazer o trabalho e assistir as outras aulas".* Ele disse: *"Eu não vou receber, se o irmão quiser entregue na secretaria".* Eu disse: *"Olha, isso é meio desagradável, mas eu vou entregar e vou cancelar a minha matrícula".* Aí falei com, acho que nessa época já era o vice-diretor o Bertoldo Gatz*.* E eu falei com o Bertoldo e ele disse: *"Não, deixa o trabalho comigo, que eu vou entregar para o professor.* E o professor denominado,Pastor Rubem Lopes. E ali ele pegou o trabalho e entregou para o pastor. E ele aceitou e eu continuei sem dificuldade, né. Posteriormente durante aquelas campanhas enormes de evangelização, por duas vezes o pastor Rubem me convidou para pregar no púlpito da Vila Mariana. Compensou.

Madalena: Olha! Compensou. O desafeto primeiro, né!

Pastor: É

Madalena: Mas entre professores e alunos não é bem uma questão de desafeto, é simplesmente suposições diferentes.

Pastor: É verdade! Mas o Dr. Djalma Cunha com toda cultura dele, a visão dele, foi um excelente professor alias foi meu professor duas vezes, porque no Instituto Teológico ele já tinha sido meu professor, e na Faculdade também, eu já o conhecia, já tínhamos amizade.

Madalena: Esse Instituto ele também aceitava alunos sem formação, o que seria hoje o Ensino Médio, chamado Secundário.

Pastor: Exato

Madalena: Podia entrar sem a formação do Ensino Médio de hoje, equivalente ao Ensino Médio de hoje. Não é isso?

Pastor: Exato

Madalena: Isto trazia uma dificuldade para os alunos do Instituto?

Pastor: Trazia, mas depois eu descobri que o curso dado no Instituto era equivalente ao seminário menor.

Madalena: O que era o seminário menor?

Pastor: Foi com esse curso e com a da Faculdade que eu entrei na Universidade de Mogi das Cruzes, fui aceito sem dificuldade.

Madalena: O senhor fez que curso em Mogi das Cruzes?

Pastor: Eu fiz Filosofia e depois na Tereza Martim de Ciências Sociais e Estudos Sociais, então, tirei Licenciatura nessas três áreas. Filosofia, Ciências Sociais e Estudos Sociais, porque foi uma exigência do Movimento Revolucionário dos Militares.

Madalena: É verdade! Qual foi o professor então que mais lhe marcou naquela época?

Pastor: Foi o Rubem Lopes, com Homilética e Retórica e Dr. Djalma, professor Bertoldo
Com Grego e Novo Testamento, então foram esses que eu me lembro mais assim, mais salientes.

Madalena: E eu li também alguns desses relatórios da JET que o senhor foi um cooperador da Faculdade mesmo na sua época de aluno fazendo visitas, propagandas da Faculdade, né.

Pastor: Exato

Madalena: O que isso significou para o senhor, ajudar a Faculdade, a se promover, a ser conhecida no estado.

Pastor: Significou digamos alegria e o dever cumprido, porque eu visitei várias igrejas e falei, fiz a promoção da Faculdade.

Madalena: Várias igrejas, em várias igrejas. O senhor acha ... nos relatórios eu encontro também sempre menções sobre as dificuldades financeiras, né. Os alunos tinham alguma noção dessas dificuldades financeiras? Da Instituição?

Pastor: Tinham, eles acompanhavam preocupados com o que poderia acontecer com a Faculdade.

Madalena: Por que os professores num dos primeiros documentos da Faculdade lá 1957, ficou determinado pelo Colégio Batista que os professores seriam voluntários, para estas aulas que eles não teriam remuneração, está registrado na ata de 1957. E, os alunos tinham noção disso, que os professores não eram assalariados?

Pastor: Olha eu não tenho conhecimento disto. Isso talvez não tenha sido divulgado.

Madalena: É isso está numa das atas, alias é uma ata de 1957, mesmo. Uma das primeiras atas ainda dentro da Ata do Colégio Batista, né. Já que esse início foi no Colégio Batista, porque essa é uma coisa interessante, mas a ficha de empregado da Faculdade Teológica Batista do Estado de São Paulo é do professor Bertoldo Gatz, é a ficha 001, eu tenho essa ficha lá como vice diretor, foi empregado como vice diretor.

Madalena: É, o senhor foi estudante, formou-se em 62, não foi isso? 62!.

Pastor: 62

Madalena: E o que significou para o senhor depois para dar aulas na mesma Instituição.

Pastor: Olha, eu me senti muito alegre, muito feliz! Ocorreu isso de uma forma muito interessante, eu estava viajando com a minha esposa numa época de férias e fomos até, até uma cidade de Minas, adiante de Lindóia, Águas de Lindóia, Monte Sião.

Madalena: Monte Sião

Pastor: Monte Sião, e eu fui visitar uma fábrica de porcelana que tem lá. E entrei na fábrica, visitei, vi como eles faziam a porcelana e, quando eu sai com a minha esposa, topei com o Pr. Werner Kaschel e a esposa, que iam chegando para visitar a fábrica. E fizemos os cumprimentos formais e aí ele disse: "*Dóro,eu queria que você fosse um dia na Faculdade para conversar comigo para a gente estudar a possibilidade do irmão lecionar na Faculdade".* Eu já era professor lecionando no Estado nível Médio, e ele disse: *"Eu quero que você vai lá para a gente conversar, vamos trocar ideias".* Tá bem! Aí um dia eu marquei com ele e fui. E ele me convidou então para lecionar. Dr. Werner.

Madalena: Que disciplina o senhor começou?

Pastor: Como?

Madalena: Que disciplina o senhor começou, lecionando?

Pastor: A história dos Batistas, depois eu lecionei Missões, História das Missões, é ... Evangelismo substituindo um do semestre do professor que tinha viajado para os Estados Unidos, depois lecionei, Seitas, Religiões Mundiais que eram cadeiras diferentes, Religiões Mundiais, os Livros Sapienciais da Bíblia e dei um curso de um semestre sobre Gênesis.

Madalena: Interessante, e o senhor com a sua formação em Ciências Sociais e Estudos Sociais nunca deu aula de Sociologia?

Pastor: Não!

Madalena: Isso é interessante!

Pastor: Nenhum, nem na Faculdade e nem no Colégio.

Madalena: Nem no Colégio, no Colégio o senhor lecionava ...

Pastor: Eu tinha Licenciatura para lecionar lá

Madalena: Sim, sim, é!

Pastor: Inclusive eu fiz concurso em Filosofia e Ciências Sociais, aí passei nos dois.

Madalena: Mas não lecionava nem no Ensino Médio Sociologia?

Pastor: Não! Agora Filosofia sim.

Madalena: Filosofia. Filosofia é muito bonito. Dentro ainda deste seu convite, o senhor, o Pr. Werner chegou a conversar com o senhor sobre. Quais eram os critérios para convidar professores, pessoas a serem professores da Faculdade né? Então quais eram os critérios para a escolha do grupo do corpo docente? O senhor lembra disso?

Pastor: Bom em relação a mim, ele fez várias pergunta. Perguntou se eu tinha escrito algum livro, se tinha feito algum, vários trabalhos publicados, mas com a minha vida de estudo e pastor.

Madalena: Dando aula!

Pastor: E construção de Templo, olha, foi difícil, não podia escrever, não desenvolvi a escrita, coisa que hoje eu sinto.

Madalena: Pode fazer hoje quem sabe. E, hoje nós vivemos um tempo bem diferente né, dos primeiros tempos da Faculdade, por que vivemos o tempo das exigências quanto a formação dos professores e tal. Como o senhor vê hoje essa oficialização dos cursos de Teologia, porque existem duas circunstancias né! Primeiro: Nós temos que ter hoje professores habilitados, né. Habilitação, pós

graduada, preferencialmente mas, ainda assim, a oficialização do curso de Teologia. Como o senhor vê isso?

Pastor: Olha pessoalmente eu acho que é uma coisa muito boa, por que eu acho que tem que valorizar aquilo que esta sendo feito em relação a formação Teológica. Eu acho que o curso de Teologia, não é um cursinho qualquer, é um curso de muita responsabilidade para quem ministra e para quem recebe a instrução, o ensino. Então eu acho que a valorização, é uma valorização, eu acho que deve haver mesmo esta exigência.

Madalena: E houve uma mudança em relação aos professores, a escolha dos docentes, por que hoje o docente tem de ter uma escolarização né, uma preparação escolar, vamos dizer que é a pós graduação para poder estar habilitado a lecionar numa Instituição oficializada. Como o senhor vê isso hoje?

Pastor: Eu acho que isso é positivo, por que eu acho que a Instituição que oferece o curso, deve ter uma condição superior, então essa exigência eu acho que é necessária.

Madalena: Isso. Então das minhas perguntas eu finalizei. A minha, só gostaria, assim, o senhor gostaria de mandar algum recado aos professores de hoje o que o senhor gostaria de passar para eles com toda a sua experiência.

Pastor: Eu gostaria de dizer o seguinte: que os professores independente do que já sabem e dos cursos que fizeram, que façam outros de pós graduação, que avancem!

Madalena: Que continuem

Pastor: Que continuem estudando e se aprimorando

Madalena: Isso, maravilha

Pastor: Por que isso impõem respeito à Instituição de Ensino como também a denominação.

Madalena: Isso, muito obrigada professor Mário pela sua ... se o senhor lembra de mais alguma coisa que queira mencionar esteja a vontade se não.

Pastor: Eu só queria dizer que eu tive o privilégio de participar do programa de lançamento da pedra fundamental da Faculdade.

Madalena: Então o senhor está naquelas fotos antigas

Pastor: Estou

Madalena: Eu vou ver. Eu ainda não cheguei lá. Mas vou chegar.

Pastor: Eu estou lá.

Madalena: Que bom, que maravilha.

Pastor: Ao lado do Dr. Bryant, do Dr. Djalma,

Madalena: Do Dr. Cesar.

Pastor: De outros lideres né.

Madalena: Quem fez o desenho da planta foi o Thomé, o engenheiro

Pastor: Valfredo Thomé

Madalena: Valfredo Thomé

Pastor: Exato

Madalena: Isso, isso. Ok professor Mario, muito obrigado por ter dispensado esse tempo e se o senhor tiver algum documento antigo que possa servir para o acervo da Faculdade nós estamos construindo, organizando, o acervo da faculdade.

Pastor: Certo!

Madalena: O acervo da Faculdade, então se tiver algum documento antigo ou mesmo da época mais posterior e quiser ceder essas coisas. Eu sei que parte da sua biblioteca já foi né. Mas assim, eu digo documentos, as vezes algum impresso, alguma coisa antiga que o senhor tenha e quiser ceder para o arquivo histórico, que nós estamos começando a montar, o arquivo histórico, é bem vindo.

Pastor: Certo! É o meu arquivo! Olha, eu tenho um arquivo aqui, mas o arquivo maior esta lá em Serra Negra, eu agora em janeiro eu vou passar um mês lá com a minha filha. E eu vou fazer um levantamento do que tem, para ver o que pode aproveitar.

Madalena: Certo! Esta ótimo. Agradeço muito a sua atenção.

Pastor: Olha foi um prazer, receber a irmã aqui.

Madalena: Muito obrigada.

Pastor: Agora eu pergunto, se a irmã quer tomar café, quer tomar chá ou suco?

Madalena: Muito obrigada, pastor, mas eu preciso voltar, por que eu tenho compromisso as 2h lá na Universidade, e eu preciso estar lá. Mas eu agradeço.

Pastor: Em janeiro, quer dizer em fevereiro, eu vou trazer mais livros.

Madalena: O Lucas me falou.

Pastor: O grosso da minha biblioteca, esta lá em Serra Negra.

Madalena: Tá jóia.

ENTREVISTA 02 d - NILS FRIBERG

Depois de conseguir o contato com o Dr. Nils Friberg com um amigo, mandei um email propondo que nos encontrássemos pela internet. Nils Friberg mora na cidade de Minneapolis no estado de Minnesota nos Estados Unidos desde o ano de1977. Foi professor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo de *1965* a 1972. Neste período esteve por algum tempo nos Estados Unidos para períodos de férias bem como para completar seus trabalhos pós-graduados. A entrevista foi realizada via skype no dia 25 de fevereiro de 2012, e ainda que tivéssemos alguns problemas técnicos com um ruído bem intenso, pudemos ter uma agradável conversa. Prof Friberg com muito agrado manifestou sua vontade em cooperar com a pesquisa. Ele falou sobre o tempo em que permaneceu como professor no Brasil reforçando o auxílio prestado ao Dr. Bryant.

Madalena: Alo! Eu estou ouvindo muito bem o senhor.

Prof. Nils Friberg: ok muito bem!

Madalena: Mas eu não estou lhe vendo.

Prof. Nils Friberg: Oh, não está me vendo, oh, eu vou concertar. Agora, agora deu.

Madalena: Como vai?

Prof. Nils Friberg: Tudo bem aqui?

Madalena: Ok, aqui tudo bem também, muito calor,

Prof. Nils Friberg: a é!

Madalena: E aposto que aí está muito frio.

Prof. Nils Friberg: A, sim, já está caindo um pouco de neve, hoje.

Madalena: Aqui está muito quente.

Prof. Nils Friberg: Sabe que nós estivemos no Brasil, durante um tempo recente, viajamos para o Brasil dia 1 de janeiro, voltamos de lá dia 7 de fevereiro, estivemos ali 5 semanas e trabalhamos numa organização que se chamava ALEM – Associação Linguística Evangélica Missionária que fica ao lado de Brasília estávamos dando aulas de inglês para futuros tradutores da bíblia. Então faz pouco tempo que saímos de Brasília. Foi dia 4 de fevereiro.
Madalena: Ok, estou com um ruído bem grande aqui, mas tá melhorando agora.

Muito barulho, não dá para entender...

Madalena: Você abaixou o volume? Eu quase não consigo ouvi-lo?

Prof. Nils Friberg: A é?

Madalena: É está muito baixo.

Prof. Nils Friberg: Há um barulho atrás. Deixe me ver, o microfone está trabalhando bem. A conexão.

Madalena: Você está ouvindo um ruído grande?

Prof. Nils Friberg: Eu não sei o porquê sabe. Dá para ouvir o suficientemente? Para as minhas respostas?

Madalena: Sim, se você se aproximar bem do microfone acho que posso.

Prof. Nils Friberg: Eu vou lhe dar algumas repostas aqui das suas perguntas!

Madalena: Ok

Prof. Nils Friberg: Eu não queria ser duro de mais, mas dos nomes que estão lá em cima Karlos e Margareth Lachler, há um h no fim do nome dela.

Madalena: Ok.

Prof. Nils Friberg: É Margareth mesmo

Madalena: Ok. Eu vou concertar.

Prof. Nils Friberg: Sheed é soletrado também de maneira diferente. Shedd.

Madalena: Ok, eu posso concertar também.

sumiu a voz dele...

Madalena: A sua voz desapareceu professor

Prof. Nils Friberg: Ok

Madalena: Assim posso ouvi-lo.

Prof. Nils Friberg: Eu fui ao Brasil pela primeira vez em 63 e estudei português em Campinas e de lá eu fui a Fernandópolis. Fui pastor da Igreja Batista em Fernandópolis por 18 meses. Durante aquele tempo eu estava em entendimentos com os meus colegas da minha Missão, sobre a possibilidade de ser professor num curso bíblico que os meus colegas estavam planejando em estabelecer em São José do Rio Preto, mas aquele plano não se realizou. E essa decisão de não fazer aquele estudo eu fiz contato com o Dr. Thurmam Bryant e ele me entrevistou e me convidou para fazer parte da Faculdade. Isso foi, isso aconteceu em julho de 65, assim,me mudei com a minha família para São Paulo e nos estabelecemos num apartamento, num condomínio ali na Homem de Mello pertinho da Faculdade.

Madalena: Ok

Prof. Nils Friberg: Comecei a dar aulas na Faculdade em agosto, parece-me, em setembro não me lembro. Fechamos praticamente o ano letivo, né, tradicional. E naquele tempo, a Faculdade se reunia naquele prédio antigo na esquina com a Ministro de Godói e Homem de Mello né.

Madalena: Sim.

Prof. Nils Friberg: E tinha um escritório, eu também tinha um escritório no prédio no início, sabe ... no escritório.

Madalena: Na rua João Ramalho.

Prof. Nils Friberg: Eu não me lembro como é que foi a transição exatamente, mas por algum tempo eu tive um escritório no fundo daquela casa do Silas Botelho, é eu me lembro das pulgas que estavam se criando entre as tábuas de madeira, no chão daquele porão né ... as pulgas não me

atrapalhavam muito, mas quando eu chegava em casa minha esposa ficava embravecida, rsrsrsrs. As pulgas gostaram muito mais dela do que de mim. Eu trazia para a cama. As pulgas rsrsrsrsrs.

Madalena: Certo

sumiu o som....

Madalena: O seu som desapareceu professor. Agora.

Prof. Nils Friberg: Você entende da situação da minha Missão, eu sou de uma outra Missão. A Missão minha se chama *Baptist General Conference*. Conferência Batista Geral
Bem menos conhecido do que Richmond, mas que tem dado muito auxilio para a Faculdade, antes de vir Karlos e Margareth, conhecido da senhora né, (ele cita outros nomes que não dá para entender ... somente Joel W6rigth)

Madalena: Sim, sim.

Prof. Nils Friberg: Então começa sim a missão _____ para a Faculdade._____ social e algum dinheiro também. As vezes pessoas da Convenção Paulista, conheciam a Missão da Suécia, nossos filhos começaram naquela misão mas não fizeram parte daquela Missão da Suécia. Aquela Missão da Suécia era muito mais carismática, meio pentecostal, eles tem sua sede em Upsoulat na Suécia né. Nossa sede ficava em Ilinóis, fica mas mudou agora para _____ e mudou de nome também chamado de _____. Eu vou lhe enviar, se você quiser eu posso lhe mandar por *web site.*

Madalena: Ok.

sumiu a voz novamente...

Prof. Nils Friberg: Eu estava presente na Faculdade quando, é, tinha apenas aquela casa antiga em 1965 e fiz parte da transição para o novo prédio que. Uma das razões que a Bryant queria que eu trabalhasse é que, quando era aluno do seminário,eu trabalhava no escritório de relações públicas é naquele trabalho eu aprendi que _____ uma equipe de quarenta pessoas _____

Madalena: _____

Prof. Nils Friberg: Eu não me lembro do nome.

Madalena: Aquela máquina grande

Prof. Nils Friberg: Não era um filme mudo e montado era mais slide por slide

Madalena: As imagens, imagens.

Prof. Nils Friberg: Nós fizemos aquilo, e deu muito trabalho, fazer um filme. Eu escrevi três folhetos diferentes para dar informações sobre o progresso da Faculdade e a necessidade de angariar fundos etc... e de apoiar a Educação Teológica e eu mesmo saia muito nos fins de semana para pregar em igrejas no estado todo. Muitas vezes saia às sexta-feira à tarde e pregava sexta-feira a noite e sábado a noite, domingo de manhã, domingo à noite e voltava para casa de madrugada, na segunda feira, indo trabalhar e isto durou um ano e meio ou dois, não me lembro qual o tempo exato. Mas também saiam estas equipes que nós chamamos algumas vezes eram de alunos como Ivênio dos Santos, Silas Costa, pessoas assim mais talentosas né, que podiam dar uma impressão muito boa da Faculdade, então, essas equipes de pregadores nos ajudaram em muitos casos, de preencher a vaga assim de entrar em todas as Igrejas Batistas do Estado de São Paulo e fizemos isso diversas vezes

em cada uma. Eu preguei muitas vezes, sendo interpretado de Português para Russo, Leto, Úngaro, Chinês, etc. Todas as igrejas dos estrangeiros em São Paulo eu preguei, Alemão, etc. Tivemos um aluno que foi filho do pastor Igreja Batista em Alemão, Harold Fuerstenal.

M**adalena:** Sim conheço.

Prof. Nils Friberg: Lembra do nome dele? Ele também citou como tradutor de Bíblia né, um grande aluno meu. Eu tenho lembrança dele muito especiais. Ele também me ajudou a aprender um pouco de alemão. Estava me preparando para fazer entrada numa universidade aqui. Então me ensinou algumas aulas de alemão para mim e eu passei na prova também.

Madalena: Ok.

Prof. Nils Friberg: E eu passei numa outra prova de Francês também, estudando quase que sozinho.

Madalena: Ok

Prof. Nils Friberg: Eu estudei com o livro feito para brasileiros que aprendessem o Francês, Então, naquele tempo, era um tempo de trabalho enorme de horário enorme. Eu trabalhava muitas vezes dezesseis, dezessete horas por dia, dando aulas, formando aquelas equipes, trabalhando para fazer contato com pastores, para arrumar um encontro para falar com cada pastor. Bertoldo Gatz, as vezes ia comigo porque ele conhecia São Paulo bem melhor que eu. Nós entramos em cantos de São Paulo que ele não conhecia também, que São Paulo é um mundo, né, é um mundo em si. A amizade com Bertoldo foi um dos prazeres bem importante para mim naqueles anos, ele e eu trabalhamos muitos juntos, visitei com ele nesta viajem que fizemos agora em janeiro, é deixe-me pensar aqui...

Madalena: A pergunta número dois ela fala assim...

Prof. Nils Friberg: A sua pergunta o que significou ser chamado para ser professor, foi realmente um significado bem importante para mim porque quando me ofereci a trabalhar como missionário no Brasil, a ensinar num instituto bíblico ou num seminário teológico, foi realmente um dos, uma das metas que tive em mente. É, isto que chamamos em inglês _____ quer dizer, um sentido de ser completado na minha chamada. É, critérios para a escolha de professores. Olha o eu acho que o juiz de critérios seria o Dr. Thurman Bryant. Naquele tempo, ele que decidia convidar um ou outro, e a abertura que ele deu para nossa missão ser incluído.. assim ... no trabalho da Faculdade foi uma benção muito importante para nós, porque nem todos os missionários da junta de Richmond estavam com aquela atitude de abertura para outras missões.. quanto a esta abertura, nós tivemos pessoal de quatro missões diferentes trabalhando na Faculdade de uma vez. Por exemplo, Russel Shedd e Ricardo Sturz eles são de uma missão diferente da minha ...Você conhece o Curtis Kregness?

Madalena: Sim. Na Vida Nova.

Prof. Nils Friberg: Da mesma missão que o Shedd, e eu tenho dado sustendo a Curtis e Eulália com quase trinta anos, porque Eulália esteve na minha casa por dez meses, estudando inglês aqui. Ela ficou como uma filha nossa, e continua a ser. Eu digo a ela muitas vezes, eu gostaria de adotá-la ... não há dúvida ela ... como, ela ficou como uma irmã mais velha da minha filha, que é adotiva que também, você se lembra?

Madalena: Não, não me lembro.

Prof. Nils Friberg: Que a minha filha considera a Eulália como irmã, né, então as ligações entre as diversas missões são fortes em algum ponto assim especiais. Gostei muito também de todos que trabalhavam com a missão de Richmond. Não tive dificuldade ... trabalhar com nenhum deles. De fato pelo outro lado eles me consideraram depois de algum tempo né, de trabalharmos juntos, eles me

aceitaram como um deles. Eu me lembro que uma senhora daquela missão disse para mim, você tem que ouvir isto em inglês por que continua sendo engraçado,

Madalena: Só em inglês?

Prof. Nils Friberg: É por causa do sotaque deles que é do Sul: We like you Nils....., You are a real baptist!

Madalena: Ah, *Baptist* ! Ok.

Prof. Nils Friberg: Ai eu dizia a ela *"Mas eu sou um batista real"... t*anto quanto você

Madalena: Real, né. Ok.

Prof. Nils Friberg: Mas eles tem aquela atitude de que eles são "os Batistas" .. de se misturar ...

Madalena: Professor como você percebia naquela época

Prof. Nils Friberg: Relação com os alunos? Eu achei que era uma avaliação muito boa nos tempos antigos quando ainda tínhamos aulas naquela velha casa lá de Botelho, é ... havia uma senhora que chamava Maria, é um nome muito destacado, muito diferente. Ela cozinhava ali ... eu não sei o sobrenome dela, agora já são quarenta anos que...

Madalena: Dá para esquecer.

Prof. Nils Friberg: Mas ela formava com suas refeições e cafezinhos etc. Um contato muito agradável entre os alunos e os professores, porque o serviço dela era muito amigável e sempre uma serva de todos. Ela servia numa função muito importante para trazê-los todos nós juntos em volta de uma mesa. Isto me tocou muitas vezes com emoção, porque de fato eu e a esposa minha servimos como padrasto, como testemunhas, o nome disto do casamento da filha dela.

Madalena: Sim, sim, testemunhas, padrinhos.

Prof. Nils Friberg: São pessoas que trabalham assim ao lado nosso e que não estão nos livros de histórias né, mas são importantes. Eu me lembro muito bem do Manuel Thé, Silas Costas, Matias de Freitas que faleceu de chagas, depois, Elias, ele foi secretário da União das Escrituras, muitos que eu ... João Garcia.

Madalena: Ivenio dos Santos

Prof. Nils Friberg: Eram pessoas importantes naqueles tempos antigos. Número cinco, se eu vivi uma transição. A bom isso é letra maiúscula, transição era o nome de vida daqueles dias. rsrsrsrsrsrs.

Madalena: rsrsrsrsrs

Prof. Nils Friberg: Especialmente a campanha para angariar o dinheiro e construir o prédio, Fiz parte de tudo aquilo e foi muito importantíssimo aquela experiência toda, o desenho com a Walfredo Thomé, ele foi o arquiteto e construtor do prédio. A equipe de pessoas que trabalharam na construção ... eu me lembro de alguns deles pelo nome mesmo... um motorista de caminhão ele é muito especial porque era um tipo de como eu diria agora, comercial líder. Um chinês, Vitor Wein, não sei se a senhora tem ouvido dele, mas ele ajudou Dr. Bryant a negociar com as companhias que forneciam cimento.

Madalena: Material

Prof. Nils Friberg: Areia etc., e era um negociante feroz sabe. rsrsrsrsrs. Ele tinha uma capacidade de, Vitor Wein que ele se chamava, ele iniciou uma igreja chinesa ali em São Paulo. Ali eu acho que o Bertoldo deve saber mais da história dele. Então todos esses eram pessoas muito especiais.

Madalena: Mas em todo o tempo que o senhor esteve lá o Bryant ...

Prof. Nils Friberg: Outra transição foi o estabelecimento do Instituto Bíblico que ficou estabelecido ao lado da Faculdade e algumas pessoas da minha missão trabalhavam muito naquilo, inclusive um curso por extensão que fizemos. Estabelecemos centros em cidades espalhadas pelo Estado de São Paulo escrevemos trinta e dois volumes de Instrução Programada era chamada naqueles dias. O Walen Arns, Jonh Owens, Glen Ower fizeram o esforço maior naquele tempo. Você tem informações sobre isso?

Madalena: Não, eu sei que o curso por extensão ele foi extinto.

Prof. Nils Friberg: Não estou ouvindo a sua voz agora.

Madalena: Uol, eu não sei porque.

Prof. Nils Friberg: Como é que é?

Madalena: A minha voz, agora tá ouvindo? Tá chegando?

Madalena: Não o meu aqui tá ligado, eu lhe ouço muito bem.

está com problema na audição...

Madalena: Eu acho que...

Prof. Nils Friberg: Mas aí do seu lado, viu Madalena, eu não estou ouvindo nada. Agora.

Madalena: Agora pode me ouvir?

Prof. Nils Friberg: Agora.

Madalena: Quando você desliga o seu microfone, o chiado, o barulho desaparece, mas você pode me ouvir agora?

Prof. Nils Friberg: Sim.

Madalena: Ok. Então o Seminário Teológico por extensão ele foi extinto ... se eu não me engano no final dos anos noventa, mais ou menos, eu tenho lido as Atas e tenho procurado descobrir isso né, mas, foi isso mesmo, o Instituto mais ou menos nos anos oitenta mais ou menos ele juntou-se ao curso de Bacharel em Teologia, isso foi feito mais tarde.

Prof. Nils Friberg: Olha dois homens que foram envolvidos naquilo, moram aqui na cidade onde eu moro, eu posso falar com eles se você precisar de mais informações.

Madalena: Ok seria bom.

Prof. Nils Friberg: Já Jonh Owens e Glen Ower, eu estou em contato com eles.

Madalena: Ok. Se o senhor puder me mandar os e-mails deles seria muito bom.

Prof. Nils Friberg: Agora Jonh Owens está infelizmente sendo afetado por alguma mudança mental, quer dizer que está entregue a sanidade eu ouço de vez em quando da esposa dele. Ele mora na Califórnia, não está por perto aqui, ele foi realmente um dos mais assim, mais assim da liderança naquele trabalho de extensão. Chegamos a quinhentos alunos nos encontros. Eu também fui diretor

interino da Faculdade por mais ou menos dezoito meses, se eu não me engano, mais ou menos nos anos setenta, setenta um, naquela época. Dr. Bryant foi para América do Norte, o tempo dele foi estendido muito fora dos planos porque em primeiro lugar o irmão dele foi morto em um acidente e depois eles voltaram para o Brasil ele construiu uma nova casa e logo o filho Daniel, um filho adotivo dele foi afogado na banheira e não sabemos como isso aconteceu, mas eu tive que comprar um lote de cemitério onde veio vários juntos, depois disso os outros filhos não queriam morar naquela nova casa. E aí então ele teve que voltar a construir uma outra. Durante aquele tempo todo esse trabalho sobre a Faculdade, porque ele estava preocupado ... igual aquilo que aconteceu né.

Madalena: A mãe dele também faleceu, não foi? Nessa mesma época?

Prof. Nils Friberg: Não me lembro, mais isso é possível.

Madalena: É sim.

Prof. Nils Friberg: Dois ainda vivem, eu tenho e-mail dela, trocamos cartão de Natal etc.

Madalena: Ok

Prof. Nils Friberg: Quando Bryant estava com câncer, sempre enfraquecendo. A minha esposa também estava lutando com câncer também, então nós nos ligamos de vez em quando para conversar sobre isso. Aquela jornada difícil que nós dois passamos.

Madalena: Quais eram as principais dificuldades para os alunos?

Prof. Nils Friberg: Olha, eu achei o horário de aulas deles terrível, estudando a noite, de ônibus muitas horas por dia, preenchendo seu serviço bom, em diversas profissões, servindo suas igrejas, alguns como pastores já e os estudos né, e a possibilidade deles se aprofundarem muito nos estudos realmente seria, teria sido muito difícil é que aprendiam, acho, e aprendiam mais na aula né, na conversação com os outros colegas, é, nós para estudar muito além das horas de aula teria sido muito difícil e faltávamos também literatura em português, no início da Faculdade né, a ASTE, lembra-se da sigla ASTE?

Madalena: Sim

Prof. Nils Friberg: A Associação do Seminário Batista Evangélico, eles começaram a publicar livros para satisfazer em nome do diretor da ASTE daqueles dias, não se você se lembra dele?

Madalena: Não

Prof. Nils Friberg: Mas eu fiz parte da junta da ASTE por algum tempo, ... chegamos a algumas lutas com ele, por que ele era de uma estirpe mais liberal do que nós Batistas. Ofereceu algum auxilio para nós num tempo. Que situação mais me marcou sua época como professor, é, como professor? Olha eles me chamavam: tapa buracos. Lembra-se daquela frase "*Tapa buracos".* Que eu era chamado, fui chamado por Dr. Bryant para preencher vagas de qualquer um que não aparecesse, ou brasileiro ou americano. "*Ah, fulano me prometeu vir, mas não veio, Nils você não poderia lecionar aquela matéria?".* Às vezes eu estava apenas três ou quatro dias adiantado com os alunos sabe. Ah, traduzia livros do inglês para um esboço em português, ah, eu lamento às vezes a qualidade da aula, não era muito elevada por causa disso. E, eu ensinei História dos Batistas, Missões, Grego, Filosofia da Religião, História da Filosofia.

Madalena: Tudo!

Prof. Nils Friberg: Fiz de tudo, eu tive apenas Faculdade, aqueles dias, dois degraus de Faculdade né, Bacharel, duas, nas duas. É por isso que o Dr. Bryant continuava a dizer para mim você precisa voltar a estudar para o Doutorado né, e alguns alunos já estavam com Mestrado também.

Madalena: Sim.

Prof. Nils Friberg: Em outros campos. Eu entrei na USP, fiz algumas matérias na USP, mas eu logo percebi que o preparo que eu estava recebendo ali não seria muito útil para ensinar em seminário, era mais a informação sobre a história das ideias no Brasil.

Madalena: Sim.

Prof. Nils Friberg: Olha, aquelas matérias não seria muito úteis para os seminaristas.

Madalena: Sim

Prof. Nils Friberg: Outro desenvolvimento naqueles dias era que estávamos tentando preencher alguma parte do currículo que era necessário para termos crédito com MEC né. Começamos naquele tempo, é por isso que às vezes eu dava aula sábado de manhã de História de Filosofia outras matérias desse tipo. Eram matérias seculares.

Madalena: Sim.

Prof. Nils Friberg: Finalmente aquilo foi realmente completado com os esforços do Lourenço né. Mas naquele tempo, no meu tempo era apenas o início daquilo e mal feito né. rsrsrsrs.

Madalena: risada

Prof. Nils Friberg: Isto é endereçado na pergunta oito né?

Madalena: Sim

Prof. Nils Friberg: A oficialização do curso de Teologia! Eu conversei sobre isso com o Lourenço quando eu estive ali em 07 né. Eu achei interessante para os alunos brasileiros porque muitos deles são bivocacionais né, por isso, em qualquer que queira a capacidade de fazer mais do que o pastorado, porque as igrejas as vezes faltam recursos para sustentarem para sustentarem os pastores completamente né.

Madalena: Sim

Prof. Nils Friberg: É por isso que eu acho interessante isso. Como é que eu vejo a Teológica hoje. Esta pergunta pertence a Faculdade?

Madalena: Sim a Faculdade Teológica.

Prof. Nils Friberg: De São Paulo, você não está sendo ouvida agora de novo!
Madalena: Sim quando eu desligo o meu som aqui o barulho desaparece, então eu estou deixando ele desligado mesmo, mas essa pergunta é: Como você vê a importância da Faculdade Teológica hoje como um campo de preparação no Estado de São Paulo?

Prof. Nils Friberg: É imprescindível né, não há dúvida. O campo da Teologia é muito importante para a firmeza das Igrejas Batistas e outras igrejas evangélicas. Teologia serve como raiz da sua fé. Não é tudo, porque a experiência com Cristo é exatamente uma raiz mais profunda mas, isso tudo baseado na Teologia né. É por isso que eu fiz aquelas pregações nas igrejas quando angariamos o dinheiro para o novo prédio e eu batia nesta tecla constantemente que a firmeza das igrejas é dependente da educação teológica em todos os pontos. Agora, a pergunta número dez não entendo muito bem, mas a colocação quer dizer que você está perguntando se eu gostaria de voltar para ser professor?

Madalena: risadas. Não é assim: De tudo que você falou né, de toda a história que você viveu aqui, você gostaria de fazer, de falar mais alguma coisa que não estão nessas perguntas?

Prof. Nils Friberg: Ok, ok, agora eu entendi. Isso é o que eu vou dizer agora é muito pessoal, muito individual né. Quando eu tive que me retirar da missão eu passei por uma fase de luto que era tremendamente profundo né, porque eu recepcionava como pessoal e como disse Dr. Russel Shedd, eu serviria até a morte né, foi muito difícil me desligar da missão o que aconteceu em setenta e seis depois dos meus estudos de doutoramento, né. A importância da função minha, contra a minha identidade e o senso que eu tenho de ser útil no reino de Deus, estava totalmente ligado, entrelaçado com a Faculdade. Quando eu tive que me retirar foi terrível. Mas, logo depois eu fui convidado para ser professor de Aconselhamento Pastoral aqui no seminário onde eu já tinha estudado. Vinte e seis anos depois eu tive a satisfação de ter feito isso. Ontem a noite mesmo eu e a esposa levamos a um restaurante uma aluna do seminário aqui que recebeu uma bolsa que eu forneço aqui quando Aldrei estava morta, digo, havia morrido, nós estabelecemos scoolership em nome dela. Olha o pessoal deu para aquilo que foi surpreendente. Montou a vinte mil dólares, então cada ano dou a bolsa que sai de fundo, soma mais ou menos trezentos e cinquenta dólares e levamos para uma refeição no restaurante. A última aluna que recebeu essa bolsa, isso me deu uma grande satisfação, ouvir a história dela, ver como ela estava se preparando para ser capelã de um hospital local etc. E, voltamos para casa ontem a noite dizendo: "*Olha que satisfação enorme em ver representados o nosso trabalho a cada dinheiro que temos dado".*

Madalena: Ok

Prof. Nils Friberg: Foi realmente uma satisfação enorme, então isso é bem feito isso quando me lembro dos fatos que tenho compartilhado hoje de manhã com você, aqueles anos foram um dos melhores anos de minha vida e sinto grande satisfação. E peço que Deus continue a guiar o trabalho da Faculdade inteira, muitas décadas adiante.

Madalena: Ok. Professor Nils eu agradeço muito a sua cooperação foi muito importante, a pesquisa que eu estou fazendo ela engloba os dez primeiros anos da Instituição e os últimos dez anos e dentro desses dez primeiros anos uma boa parte dos professores que atuaram ali e inclusive o diretor né, Dr. Thurman Bryant já são falecidos então foi uma alegria eu poder contar com vocês porque os brasileiros aqui o Dr Werner já faleceu, Rubens Lopes, Dijalma Cunha, toda essa turma dos brasileiros já não está mais aqui né. Então foi muito bom porque eu encontrei o Ary Veloso, o senhor, o professor Lachler, o Bertoldo Gatz, aliás o Bertoldo fez uma cirurgia o senhor está sabendo né?

Prof. Nils Friberg: Não eu não sabia com certeza.

Madalena: Sim, ele fez, faz uns dez ou quinze dias, ele tirou um dos rins, então eu não sei se ele está em casa mas foi uma cirurgia bem pesada e o Ary Veloso também está doente, ele fez um, ontem a tarde, ele fez um cateterismo, aquele exame no coração, que vai o cateter, desentupir alguma veias, uns vasos né. Mas parece que está tudo bem, né. Mas, então eu agradeço muito a sua participação as suas respostas foram muito importantes porque eu quero organizar esse trabalho. E é uma Tese de Doutorado que eu estou fazendo, na Universidade, eles abriram esse espaço para eu contar a história da Instituição e isso para mim foi muito importante porque é uma Universidade que não é evangélica né, abrir espaço para contar a história de uma Instituição de Teologia, isso foi muito importante. E eu fico muito feliz do senhor ter cooperado.

Prof. Nils Friberg: Um nome que eu quis lembrar, estava lutando para lembra-la a esposa do Vanderlei Bretenitz que ajudou no Instituto de Bíblia, ela foi a editora e a auxiliadora em traduzir tudo.

Madalena: Sim

Prof. Nils Friberg: Lembra-se o nome dela?
Madalena: Julieta
Prof. Nils Friberg: Isso mesmo.
Madalena: Eles moram no Paraná – Curitiba. O professor Wangles tem o mal de Parkinson, ele tem sofrido um pouco com o mau de Parkinson, mas ele está bem controlado.

Prof. Nils Friberg: A Julieta nos ajudou tanto, ela foi importante no trabalho dela. A formação daqueles livros programados. Outra pessoa que apreciei muito naquele mesmo ponto é Adeli, Adeli que foi a secretária do Dr. Bryant, Montessanti,

Madalena: Montissanti isso.

Prof. Nils Friberg: Como ela me ajudou centenas de vezes com as minhas pregações em ordem né. Conhecia muito bem o Francês, excelente pessoas. Eu e o Dr. Bryant nós dependíamos muito dela, é um nome que eu gostaria de destacar, porque algumas pessoas que trabalhavam assim, que não constavam muito nos Atos etc. da Junta mas, sem essas pessoas a máquina não ia mesmo. rsrsrsrs;

Madalena: É verdade .. é verdade.

Prof. Nils Friberg: Eu querendo dizer que podemos reconhecer a contribuição de pessoas que realmente não se destacavam, na história escrita, não ouvimos nada dessas pessoas.

Madalena É. ok professor eu agradeço muito espero que tenha um bom domingo, um bom sábado, aqui em São Paulo hoje a noite o relógio vira né, hoje a noite termina o horário de verão. Então eu agradeço muito a sua cooperação, futuramente nós vamos publicar um livro sobre isso contando toda essa historia né, e eu vou colocar a sua participação nesse livro.

Prof. Nils Friberg: Muito bem eu gostaria de comprar uma cópia

Madalena: Ok, quando ele estiver pronto vou mandar para vocês. E se você tiver o endereço da esposa do Dr. Bryant para eu me puder comunicar com ela, isso seria muito bom também.

ele fala bem baixinho...

Madalena: Mas você pode me mandar por escrito depois.

Prof. Nils Friberg: Lembranças ao Silas também. ok

Madalena: Muito obrigado, ele também tá aí, trabalhando, estudando bastante, estamos aqui firmes.

Prof. Nils Friberg: muito bem

Madalena: Obrigada e até uma próxima oportunidade. Tchau, tchau.

ENTREVISTA 02 e - KARL LACHLER

Prof Karl Lachler mora na cidade de Penney Farms, Florida, desde Setembro 2011 nos Estados Unidos. Foi professor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo de 1970 até 1988. Neste período esteve incentivou a formação de pessoas no Aconselhamento, uma área nova na época para a FTBSP. Depois de aposentar-se e fixar residência nos USA, foi por duas vezes diferentes a Portugal lecionar no ***Instituto Bíblico Português*** perto de Lisboa. É casado com Margareth Lachler que também, participou do corpo docente da instituição objeto desta pesquisa. A entrevista não pode ser realizada pessoalmente ou voa skype. Então entramos em negociações nos sentido de eu enviar as perguntas via email que foram respondidas e enviadas por ele com as respostas Prof Lachler com muito agrado manifestou sua vontade em cooperar com a pesquisa. As respostas às perguntas chegaram por emaial no dia 1/2/2011.

Como as perguntas foram respondidas diretamente no email, não houve interação com suas respostas.

1. **Fale um pouco sobre a sua entrada como professor na faculdade.**
   No ano 1969, fui convidado substituir missionário Glenn Ogren, que na epoca era o diretor do Instituto Bíblico Batista de São Paulo, entidade essa alojada nas dependências da Faculdade Teológica Batista de São Paulo. O Instituto Bíblico treinava alunos que não eram credenciados para estudar no nivel da FTBSP. Fui instalado como diretor e professor do Instituto e, assim ganhei experiência e familiaridade com as noções teológicas da Convenção Batista de São Paulo. No decorrer de dois ou três anos, diminiu drásticamente a procura do Instituto Biblico pelo fato que os novos candidatos que vieram tinham condições escolares para fazer o vestibular na FTBSP. O resultado foi a discontinuação do Instituto. Os diretores da FTB então me convidaram a ser professor e, nesta oportunidade servi por 18 anos.

2. **O que significou ser chamado para ser professor na Faculdade Teológica Batista de São Paulo?**
   O significado deste chamado ser professor foi uma profunda realização feliz de achar um niche em que cabia meus dons de ensino e aconselhamento. Um resultante surpresso foi quando Dr. Werner Kaschl me-nomeou como Capelão dos alunos, um ministério que foi paralelo ao ensino em aulas.

3. **Quais eram os critérios para escolha de professores quando o Sr. foi chamado?**
   Creio que os critérios para a escolha de professores estrangeiros foram cursos completados de pósgraduação ou seja, mestrado em teologia. Diversos dos professores estrangeiros haviam completado graus de doutorado. Fiz Bacharel em Artes na Universidade Betel no estado de Minnesota, mestrado em divindade no Northern Baptist Seminary no estado de Illinois e terminei o doutorado aos 65 anos no Trinity Evangelical Divinity School no estado de Illinois.

4. **Como era a relação dos professores com os alunos?**
   A palavra melhor para descrever a relação dos professores com os alunos seria, "familial." Havia alegre saudações ao encontrar com alunos nos corredores e no refeitório onde ceiamos por rápidos minutos antes o começo de aulas. Senti um respeito sincero dos alunos para com os professores.

5. **O Sr. viveu alguma transição de direção? Se sim, qual? O que isso significou para o Sr e para os alunos?**
   A grande transição de direção que passei foi a resignação do Dr. Thurmond Bryant. E agora? Porém a nomeação do Dr Werner Kaschel como novo diretor foi de Deus, mesmo. Lembro-me uma hora quando senti forte impulso de afirmar Dr. Kaschel como novo diretor e fui até o gabinete dele e disse, "Dr. Kaschel, sinto que o irmão é o homem que Deus escolheu como diretor!"

6. **Quais eram as principais dificuldades para os alunos?**
   As dificuldades principais que ouvi dos alunos foram de ordens financeira e relacionais - ou com pais, cônjuge ou namoradas/os. Muitos sentiram se estressados pelas obrigações de

trabalho secular, obrigações escolares e envolvimento nas igrejas durante o fim de semana. Não havia muito tempo de descanço. Mesmo assim, a maioria perseverou até formar-se.

7. Que situação mais lhe marcou na sua época como professor?

O que me marcou profundamente foi a confiança que os alunos depositaram em mim como professor e conselheiro. Duas vezes que lembro me chamaram para ser o paranínfo. Nove vezes foi chamado para oficiar os casamentos dos meus alunos.

8. Como o Sr. pensa a oficialização do curso de teologia hoje?

Quanto a oficialização do curso teológica, não sinto surpreza nem temor. Apoio! Pois a minha própria formação teológia foi realizado em escolas que conscientemente conseguiram a oficialização pelas autoridades governmentais na America do Norte.

9.Como vê a contribuição da Teológica hoje?

A contribuição da Teológica hoje, como sempre, dependerá muito no caráter espiritual e cultural do formando. No fim, o Espírito de Cristo tem que santificar progressivamente tanto o conhecimento como o caráter do formando.

10. Gostaria de fazer mais alguma colocação? Acrescentar algo que não foi perguntado?

Os meus 18 anos na FTBSP foram os melhores de minha vida. A chamado para ser professor foi uma forquilha feliz no meu caminho de serviço ao Senhor no Brasil.

ENTREVISTA 02 f - RUSSELL SHEDD

A entrevista com Dr. Shedd foi realizada em Águas de Lindóia no dia 15 de março de 2012, no saguão do hotel Magestic durante o Congresso de Teologia Vida Nova. Shedd é um dos mais antigos professores que chegou à instituição que possuía os graus de mestrado e doutorado e sempre foi muito respeitado entre os docentes e os colegas professores por causa disso. A entrevista girou mais em torno de uma formação de vida piedosa e também de alguns alunos da época que hoje representam alguns dos pensadores e escritores dos dias atuais.

Madalena: Fale um pouquinho sobre a sua entrada na Faculdade, como professor.

Prof. Shedd: Foi em 1965 que o Dr. Thurman Bryant me convidou fez algumas perguntas e logo fui incluído no rol de pastores que davam aulas na Faculdade, como professor, que para mim foi um passo muito gratificante, e que foi o começo de trinta anos de dar aulas na Faculdade.

Madalena: Trinta anos o senhor deu aula, sempre na área de Novo Testamento

Prof. Shedd: Sempre na área do Novo testamento, Exegese, Livros do Novo Testamento e às vezes Teologia do Novo Testamento também.

Madalena: Nesta época sua formação, o senhor já tinha o Mestrado e o Doutorado?

Prof. Shedd: Já tinha.

Madalena: O Mestrado e o Doutorado, o senhor fez aonde esses...

Prof. Shedd: em Edimburgo, na Escócia

Madalena: O que significou para você ser chamado para ser professor na Faculdade Teológica, já que você era um missionário de uma outra missão, não é o Dr. Bryant ... numa entrevista em 99 ele menciona esse fato curioso né, de serem duas, agências missionárias diferentes, né. Então o que significou isso para você?

Prof. Shedd: Sim, em primeiro lugar fiquei muito surpreso porque eu pensava que era uma, um mistério do Richmond, da missão do Richmond e que eles não se interessariam nunca em convidar um missionário da Batista Conservadora, mas logo que a gente entrou e começou a dar aula sentimos como era uns do corpo docente como qualquer outro, e nunca sentíamos discriminados de forma alguma, e para mim foi uma honra, eu me senti honrado em merecer esse título de professor de Novo Testamento.

Madalena: O senhor lembra, ou isso falado ao senhor, quais eram os critérios de escolha dos professores na Faculdade. Dr. Bryant deixou isso claro algum momento?

Prof. Shedd: Ah, claro de certo modo sim, precisávamos ser pessoas que creram na Revelação Divina, nas Escrituras que tinha pelo menos um pouco de conhecimento, era um dos critérios obviamente...

Madalena: Uma formação né?

Prof. Shedd: Formação ... claro, eu não lembro se houve qualquer pesquisa sobre nossa Teologia ... eu lembro que mais tarde a gente teve que assinar um documento, nossa posição...

Madalena: Declaração de Fé

Prof. Shedd: Declaração de Fé, foi muito importante

Madalena: Tem até hoje lá.

Prof. Shedd: Interessante também, só uma interrupção, o Roussel Champlim que tinha Phd e já estava se destacando numa pessoa de muito conhecimento da bíblia escrevendo aquele versículo por versículo, ele foi convidado também. Só que quando ele chegou lá, diante do Dr. Bryant ele disse: *"O senhorsabe em que eu creio?* Eu achei muito corajoso ele falar isso e ele diz: *"Não, não sei, fala!".* Quando ele alistou suas doutrinas, que que ele cria o Dr. Bryant disse: *"Não, não o senhor não pode assinar aqui".* risadas. Foi muito interessante essa dificuldade que logo, logo foi aparente, quando ele explicou qual era a sua posição.

Madalena: Então de alguma forma tinha que estar afinado teológica e doutrinariamente com os princípios da Faculdade. O senhor lembra com era naquela época como era a relação dos professores com os alunos?

Prof. Shedd: O relacionamento com os alunos era muito pessoal e muito próximo, porque eram muito poucos ... é, eu não lembro todos os alunos que estiveram lá nos anos sessenta e cinco, sessenta e seis, sessenta e sete, mas o que lembro é que o grupo de alunos era muito pequeno eu não sei se eram oito ou dez...

Madalena: Vinte poucos

Prof. Shedd: Para meia classe, então era muito pessoal, deu para ter bastante interação.

Madalena: Sim esse era muito, um tempo bem diferente de hoje. E o senhor viveu uma transição de direção no tempo em que o senhor estava lá, mudou o diretor?

Prof. Shedd: Sim, não sei se foi nessa época o Dr. Bryant saiu e o Dr. Werner tomou as rédeas, mas não sei, eu não lembro de uma mudança radical, tudo. O que foi importante foi a construção do prédio, isso eu lembro muito bem também. Começamos naquela casinha, na escola, na esquina.

Madalena: Na esquina.

Prof. Shedd: Lá embaixo no prédio principal do Colégio Batista, que era uma casa muito comum, em si muito pequeno, mas herdaram esse grande prédio que tem até hoje, foi realmente um passo para frente.

Madalena: Ok. E quem deu impulso na construção foi o Dr. Bryant mesmo né.

Prof. Shedd: Ele mesmo.

Madalena: E quem terminou foi o Dr. Werner, na época dele, fez todos ... nós temos lá fotos de coisas, assim chão, cimento, né, era um tempo assim. O senhor lembra quais eram as principais dificuldades dos alunos, o que eles expressavam com maior dificuldade?

Prof. Shedd: A dificuldade que os alunos era para se compreender ,é ... estudar a noite na Faculdade, ter que trabalhar durante o dia ... o principal problema foi o tempo e o cansaço e, alguns alunos tiveram a dificuldade de se manter acordados, que era natural, a gente teve que ser bastante compreensivo.

Madalena: Até hoje é assim.

Prof. Shedd: Até hoje, tem esse problema.

Madalena: A maioria dos alunos, são alunos que trabalham e estudam né. Nesta época que o senhor esteve lá nestes trinta anos né. Trinta anos é muita coisa né. Mais existe uma situação que mais lhe marcou?

Prof. Shedd: Eu não lembro, a não ser de certos contatos, com certos alunos com alunos que se destacaram... homens como Ed Rene Kvits, o nosso irmão Pascoal, mas isso foi talvez um pouco depois, nossos irmãos que logo se destacaram no ministério, foi bem notável.

Madalena: Isso é significativo.

Prof. Shedd: Significativo, Julio Zabatiero, esse pessoal que ele ... cabeça muito capaz ... foi um desafio lecionar para pessoas assim.

Madalena: Já nessa fase mais ... dos anos setenta por ai né. E lá no comecinho o senhor não lembra de alguém que destacou naquela época?

Prof. Shedd e Madalena: Daqueles primeiros anos

Prof. Shedd: Não muito bem.

Madalena: Foi muito tempo atrás.

Prof. Shedd: Não lembro se foi, se foi naquela época que Silas Costa estava estudando conosco nossa e o Fuersternau também

Madalena: Fuersternau, depois eles foram para o Estados Unidos, Fuesternau foi para a Alemanha ok.

Madalena: E como você pensa hoje a oficialização dos Cursos de Teologia.

Prof. Shedd: Isso é da MEC, aceitação da MEC. Eu fiquei muito, sempre receoso ... dificuldades disso poderia um dia criar para a Faculdade preparar pessoas para o pastorado e não a pessoas que teriam como qualquer Faculdade ... esse foi o meu receio eu não sei como isso tem afetado. Por exemplo, currículo as ...

Madalena: As disciplinas

Prof. Shedd: A escolha dos professores ... o fato que os professores tem que ter Mestrado, Doutorado. Importante estudar numa escola bastante liberal e se isso não tem trazido algumas dificuldades para a Faculdade ... isso eu posso imaginar, mas senti, senti melhor o receio quanto a isso. Agora o que teria que ser ... a gente pensa a irmã que sabe bem melhor do que eu, porque está lá e tudo isso está depois da minha saída. Estou olhando de fora.

Madalena: O senhor acha que a Faculdade tráz uma contribuição para a sociedade como um todo?
Prof. Shedd: Boa pergunta, porque claro que tem uma contribuição muito importante no sentido de que, aqueles que estudam lá, se tornando pastores líderes dentro das comunidades.... então, principalmente nessa área, eu imagino que seria maior contribuição pessoas que depois vão ter programas de rádio, programas de televisão, pessoas que vão se destacar, como esses pastores já mencionados e outros naturalmente e suas construções e ... pessoal que tem sido levado a Cristo e instruídos e moldados dentro dessas igrejas. Então foi ... com certeza...

Madalena: Tráz uma contribuição

Prof. Shedd: Isso, além do Mestrado que nem mencionei, aliás o Mestrado começou depois de sessenta e sete

Madalena: Foi, foi, foi

Prof. Shedd: Eu não me lembro

Madalena: Bem depois

Prof. Shedd: Nos anos setenta.

Madalena: Setenta e alguma coisa, eu não tenho a data exata agora, não me lembro, depois de setenta. O Silas foi um dos primeiros, nós casamos em setenta e seis eu acho que ele foi uma da segunda ou terceira turma do Mestrado.

Prof. Shedd: Lembro, lembro, foi um dos primeiros

Madalena: Um dos primeiros lá. A nossa entrevista é bem curtinha, mas o senhor gostaria de fazer algum comentário acrescentar alguma coisa que pusesse contribuir para esse levantamento histórico da Faculdade ... que eu não perguntei ou não me ocorreu, alguma coisa que pudesse contribuir para esse momento dessa construção histórica?

Prof. Shedd: Quando pessoas perguntaram e haviam bastante gente que perguntava, qual seria a minha recomendação para uma escola, para estudar Doutrina, Teologia, se preparar para o ministério ou de professor, ou de pastor, eu não tinha nenhum receio de recomendar a Faculdade eu tinha segurança que eles receberiam um excelente formação e tudo mais. Portanto, naquela época era bem seguro para mim. Seguro teologicamente, seguro em termos de preparo e uma posição bem comprometida com a Palavra de Deus, que eles receberiam uma orientação para exposição bíblica e também aconselhamento e enfim, que eles receberiam um preparo de primeira qualidade comparava qualquer melhor escola do Brasil. Então para mim foi fácil falar, hoje, a irmã que tem que falar. risadas. Eu não sei, como está hoje. De vez em quando, falo com os alunos que estão cursando seminário, não tem assim muita opinião, se nós temos pessoas destacadas, se tem pessoas, que nas aulas estão se mostrando muito aptos, compensadores...

Madalena: Piedosos, homens piedosos

Prof. Shedd: Piedosos, homens de Deus, tudo mais. Não sei como está nessa nova fase, depois da MEC ... autorizar a escola e ter que aceitar alunos que, por exemplos seriam católicos e tudo isso, não sei se isso faria qualquer diferença, o que que está lá que poderia dizer.

Madalena: Eu agradeço Dr. Shedd a sua contribuição, acho que foi muito importante é, eu posso dizer que depois do MEC, praticamente nada mudou por causa do MEC. Nós mantivemos o mesmo currículo, a mesma quantidade de disciplinas bíblicas, é, temos tido o privilégio de termos professores como Jonas Madureira, por exemplo né, que tem nos ajudado, e professor Guilherme Gimenez e Itamir, né. Pessoas que tem ... professores que além de serem estudiosos, acadêmicos digamos, exercem a função pastoral, são pastores de comunidades.

Prof. Shedd: O Sayão da aula uma noite?

Madalena: O Sayão dá uma noite, aula. O Sayão tem muita dificuldade com a agenda dele né, mas pra nós é uma...

Prof. Shedd: Ele tá correndo

Madalena: Ele vive dentro do avião. Falo, Sayão quando ele liga "*estou na Turquia, estou na China, estou em Israel, estou na Grécia".* Mas, eu acho que a nossa postura enquanto Instituição foi manter esses princípios.

Prof. Shedd: Vale a pena.

Madalena: E o MEC ele não inferiu em nada em nossa matriz curricular.

Prof. Shedd: E não espera que interfere?

Madalena: Não.

Prof. Shedd: Interfira.

Madalena: Não, ele não ira interferir porque os cursos de Teologia, na lei, a lei é muito clara diz que: "*Cada Instituição constitui a sua matriz curricular conforme seu credo religioso".* Então nós estamos assim livres, a única coisa que eles exigem em termos de acadêmicos, vamos dizer assim, é que a gente insira na formação do aluno as disciplinas básicas como: Sociologia, Filosofia, Psicologia que sempre estiveram presentes na nossa matriz curricular, porque nós entendemos que um pastor desvinculado do universo social, não consegue compreender o ser humano e o seu coração. Então, ele precisa desse contato com o humano, com a pessoa ou quem é essa pessoa, como lidar com as dificuldades do ser humano, por isso, a forte ênfase no aconselhamento, nós estamos lá com uma pós-graduação em aconselhamento né, e o Silas é o coordenador dessa pós-graduação ... então o MEC nesse sentido ele não interferiu. Agora, a única coisa que eles falaram então, essas disciplinas ... porque se olharmos na perspectiva do governo, qualquer Instituição de nível superior ela precisa promover o conhecimento, e, ainda que nós estejamos com esse nosso conhecimento vinculado dentro das nossas convicções religiosas, vamos dizer assim, então para nós a Bíblia é o centro né, a Teologia vem acoplada a isso, ai vem as línguas originais, toda a formação de ministério, a pessoa, o ministério em si, a Eclesiologia enfim ... então eles, eles não interferem. Agora, nesta promoção do conhecimento, porque a Universidade ela se caracteriza como isso, como uma pesquisa, um lugar de pesquisa, então a exigência também é quanto a formação dos professores. Então, isto é mais uma questão de que nota você obtém. Se eles dão uma nota de um a cinco, na nossa maneira de enxergar, quanto mais bem preparado este professor estiver né, mais nós teremos condições de ter uma nota mais alta. E o que foi muito interessante, muito interessante, foi que no começo, houve uma busca muito grande pra Universidade Metodista, pra Ciências da Religião, porque na falta de cursos superiores de pós-graduação em Teologia o que o país oferece? Alguns vieram do exterior validaram seus diplomas no exterior como foi o caso do Alan Myat, como foi o caso do Landon Jones, como foi o caso do João Martins que fez mestrado nos Estados Unidos, vários deles validaram o diploma de Teologia no Brasil, por meio da Escola Superior de Teologia, dos Luteranos na EST. Então houve uma procura sim, grande prá Ciências da Religião, mas eu tenho, sempre conto esta experiência ... até, ele esta aqui um dos nossos ex-professores né, que saiu naquela época exatamente, porque não tinha esse curso superior, nem oficializado e nem o mestrado. E, anos mais tarde ele foi fazer a integralização de créditos que hoje há a possibilidade de você validar seu curso livre né. E ele voltou e falou assim: "*Madalena eu preciso te dizer uma coisa, que eu sai daqui dizendo que eu nunca procuraria a Universidade Metodista, porque eu não queria saber desta Teologia, mas liberal, mas livre...."*Ele falou assim: "*Olha mas eu tive professores, homens piedosos, homens de Deus, ministros em suas igrejas, então, eu desfaço a minha primeira interpretação e eu fiquei feliz de ter podido viver, vivenciar durante um ano e meio, dois anos com esses professores e ver que há pessoas muito tementes a Deus e que são acadêmicos da mesma forma né."* Então eu falei: *"Olha professor eu fico muito feliz que você tenha percebido isso".* Por que nós sabemos que alguns não aguentaram, alguns não aguentaram a pressão, e a gente sabe que realmente deixaram o ministério e outros...

Prof. Shedd: Tristeza né!

Madalena: É, e outros muito pelo contrário, voltaram mais fortalecidos.

Prof. Shedd: Tiveram que defender

Madalena: É, que foi o caso do Itamir, do Kenji, do Guilherme Gimenez, do Vanderlei de Gianastácio, vários deles que passaram por estes processos né, e voltaram muito mais fortalecidos nas suas convicções. Olha eu realmente, isso não me interessa eu quero me manter-me aqui nessa linha, né.

E graças a Deus a gente tem tido um pessoal muito bom. Jonas foi um professor muito querido, Jonas Madureira.

Prof. Shedd: Posso imaginar.

Madalena: E se Deus quiser, ele voltando nós queremos agrega-lo novamente a escola, é uma pessoa que mostrou para os alunos, como se faz uma Filosofia ligada ao Evangelho.

Prof. Shedd: Missão do Sul não vai mandar mais mandar professores.

Madalena: Olha, segundo eu acho que não, porque a Richmond agora eles voltaram o olhar agora mais para plantação de igrejas né.

Prof. Shedd: Já entendi.

Madalena: Já tem alguns anos isso. Nós estamos só com Landon Jones agora.

Prof. Shedd: Landon Jones é o único.

Madalena: É o único e ele já vai se aposentar né.

Prof. Shedd: Três anos

Madalena: O último ano dele é em 2014.

Prof. Shedd: É, e Missão de Karl Lachler, de .....

Madalena: Do próprio Sturz né, não, também não, não tem mandado mais. Na verdade eu acho que isso aí também era uma coisa um pouco vinculada a direção da época né. Como havia o Bryant, depois veio o Werner Kaschel, com muitos contatos também né, com as outras agências missionárias eu acho que isso veio um pouco da cabeça de quem dirige também, não é?

Prof. Shedd: Exatamente.

Madalena: É uma leitura que eu faço, assim, sem muita, muita comprovação no que eu estou dizendo é só uma impressão mesmo.

Prof. Shedd: Eu não sei quem poderia convidar, que tenha um grau avançado pra poder ser aceito em qualquer Missão. Porque aos poucos missionários todos vão embora né, são poucos que ainda estão no país.

Madalena: Que se mantém aqui, é verdade. Mas muito obrigado Dr. Shedd pela sua paciência de estar me ajudando a mexer nesse negócio. Agora eu espero que acerte o botão direitinho para gravar e não perder a gravação

ENTREVISTA 02 g - BERTOLDO GATZ

A entrevista com o Prof Bertoldo Gatz aconteceu numa sala do 5º andar da Primeira Igreja Batista em São Paulo. Prof. Gatz mora em um condomínio em Atibaia e há algum tempo eu havia feito contato com ele, mas, como estava se recuperando de uma cirurgia, não pode me atender. Aproveitando sua vinda à São Paulo por um compromisso de sua esposa, ele se ofereceu para dar entrevista. Prof Gatz traz importantes comentários sobre o primeiro período de professores ao qual ele pertenceu. Mais tarde desempenhou funções como deão de alunos e apresenta muitas histórias curiosas daquele tempo.

Madalena: Então eu vou gravar a data de hoje, hoje é dia 17 de novembro, estamos aqui numa sala no quinto andar da Primeira Igreja Batista de São Paulo. Estou entrevistando o professor Bertoldo Gatz. Então professor, conte esta história do Morgan, porque essa história se eu disser que poucos conhecem, eu estou exagerando, talvez ninguém conheça. E eu investiguei esta história.

Prof. Bertoldo: Ele se chamava F. A. R. Morgan e eles alugaram, um sobrado na rua Barão em Piracicaba e ali foi estabelecido durante muitos anos o chamado Instituto Bíblico e também uma livraria, não havia livraria naquele época e ali era a sede da Convenção também, as reuniões da Convenção. Agora eu não conheço muitos detalhes sobre isso, porque a minha idade era ainda muito fora, fora daquelas atividades, né. Mas durante muitos anos eles estabeleceram ali a ...

Madalena: O trabalho...

Prof. Bertoldo: A sede dos Batistas e dali surgiu a ideia da Faculdade Teológica.

Madalena: O Sr. sabe que inclusive eu achei um artigo no Jornal Batista, no Batista Paulistano é... onde um pastor que eu não me lembro o nome dele, ele sugeriu que se chama-se Faculdade Teológica de Piratininga.

Prof. Bertoldo: Isso eu não sei...

Madalena: Eu vou lhe mandar, eu vou lhe mandar.

Prof. Bertoldo: Mas daí então surgiu-se a ideia da de se houvesse um curso de nível superior. Pastor Enéias naquela época era o diretor do Colégio, então foi estabelecida a Faculdade de Teologia...

Madalena: Do Colégio Batista...

Prof. Bertoldo: Do Colégio Batista é esse o nome Faculdade de Teologia do Colégio Batista Brasileiro. Bem! Isto foi acho que no ano de mil novecentos e ciquenta e sete.

Madalena: Os planos começaram...

Prof. Bertoldo: Nessa época eu ainda estava no seminário do Sul estudando e o professor Lauro Bretones que era o vice diretor do Colégio, passou a ser o diretor da Faculdade também. E quando eu estava terminando o ultimo ano no Seminário do Sul ele pediu que eu considerasse a possibilidade de trabalhar em São Paulo em alguma igreja para poder dar também aulas na Faculdade dando aula de Grego e Novo Testamento porque eles não tinham até então professores das duas matérias. E esta foi uma razão porque eu rejeitei seis outros convites pra pastorear e me fixei aqui em São Paulo, naquela época na Igreja Batista do Moinho Velho, no bairro do Ipiranga. Então durante todo o meu tempo do lado da Igreja, que eram seis anos, eu fiquei lecionando na Faculdade Teológica, as vezes, Grego e Novo Testamento

Madalena: Já era cinquenta e nove.

Prof. Bertoldo: Isso, comecei em 59. Eu me formei no Seminário do Sul em 58 e em 59 eu já comecei a ensinar.

Madalena: E o senhor sabe que eu tenho lá na Faculdade, uma ficha de contratação de funcionário, a sua ficha é a ficha zero, zero, um.

Prof. Bertoldo: É! Mas não era de 59 na verdade porque esse controle...

Madalena: Não era já na Faculdade, já com Braynt. O senhor era ainda funcionário do Colégio Batista, vamos dizer assim né.

Prof. Bertoldo: É.

Madalena: Da Junta do Colégio.
Prof. Bertoldo: Então ficou nessa situação a... deixo eu ver... Lauro Bretones acho que foi em 65 ou 66, o diretor era do Dr. Braynt e ele então me convidou para trabalhar com ele na qualidade de vice diretor. Foi em 56 ... 57.

Madalena: Antes disso a Faculdade não tinha no tempo do Lauro Bretonesnenhum deão.

Prof. Bertoldo: Não.

Madalena: Porque eu tenho uma indicação lá no histórico é... do Cesar Tomé, no início do período Braynt trabalhando como deão de aluno. Não sei se senhor lembra disso

Prof. Bertoldo: Certo! Tá certo, mas não era no tempo integral?

Madalena: Não, não, não era.

Prof. Bertoldo: Não era. É certo, mas ainda no tempo de Lauro Bertones. Agora, quando Toma Braynt chegou então eles passaram a Faculdade como independente separando do Colégio, mudaram o nome da Faculdade Teológica Batista, né? De São Paulo e as aulas... as aulas desde 59 que eu sei, 57seria, eram em salas do Colégio Batista.

Madalena: Aí passou para casa...

Prof. Bertoldo: Não, ainda não. Aí o Dr. Bryant começou uma campanha para a construção do atual prédio da Faculdade, então por causa disso ele me convidou para trabalhar como vice diretor.

Madalena: Há, então foi aí...

Prof. Bertoldo: É, ele precisava de ajuda, porque a campanha ele ia implicar inclusive em viagens em fins de semanas para visitar igrejas, arrecadar fundos, então eu passei praticamente um ano e meio viajando todo o fim de semana, sábado, domingo visitando igrejas, no interior na capital, para levantar recursos. Eu me lembro que eu tenho em casa, uma foto da cerimonia de lançamento da pedra fundamental.

Madalena: Eu tenho esta foto também.

Prof. Bertoldo: Mas eu procurei mas não achei, mas como a gente tem hoje fotografias de tudo quanto é canto.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Olha eu me lembro que eu tinha fotografia , então aquela área, onde está...

Madalena: A Faculdade...

Prof. Bertoldo: A Faculdade, pertencia ao Colégio Batista, e naquela ocasião já havia a divisão atual, que era um passagem, assim que fazia os fundos da igreja de Perdizes aqui.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: E a Faculdade Teológica para cá.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Ficou só com a esquina.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Bem! Aí em 1967, é... 67 o conselho do Dr. Bryant eu fui para o Estados Unidos estudar. Eu queria por causa da função que eu estava exercendo, também ele achou por bem... Então ele foi de uma ajuda muito positiva para a minha ida ao Estados Unidos.

Madalena: Foi ele que arrumou voo para ir tudo para...

Prof. Bertoldo: Ele é... A Missão do Sul é... pagou bolsa pra mim, pra minha esposa e nós estudamos primeiramente no Seminário do Sul do *Southwestern*,por quatro anos depois nós fomos para *Baylor University,* mais dois anos. Aí nós voltamos.

Madalena: Vou fechar a porta ...

Prof. Bertoldo: Aí nós voltamos e nessa altura o Dr. Bryant já havia pedido demissão da Faculdade. Eu acho que ele saiu da Faculdade em ...

Madalena: 71, 72.

Prof. Bertoldo: Não, não... deixar eu ver...

Madalena: Ele saiu uma vez e depois voltou, mas foi logo depois da morte do filho dele

Prof. Bertoldo: Ele voltou depois só como professor.

Madalena: Hum, hum, é...

Prof. Bertoldo: É, o filho dele o...

Madalena: Deny!

Prof. Bertoldo: Deny, ele faleceu naquela casa aqui!

Madalena: Sim.

Prof. Bertoldo; Que fica junto da antiga sede da Faculdade e por causa disso ele foi para o Estados Unidos, agora deixo eu ver... 66, eu acho que ele foi embora em 65 ou 64, por aí.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: E o Dr. Werner foi convidado a ser diretor, né! É que ele não quis, ser diretor. Ele não queria. Então eles o convidaram para ser interino, ser interino... Não, não, não, não, deixa eu por minha cabeça no lugar.

Madalena: rsrsrsrs.

Prof. Bertoldo: Eu fui para os Estados Unidos em 67 e voltei em 73, então foi mais em 65.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Não! estou confundindo as coisas, 67 eu fui para o Estados Unidos eu fiquei um ano e meio com o Dr. Bryant como diretor, então eu comecei a trabalhar com ele em 66 e fiquei um ano e meio com ele. E em 67 fui para os Estados Unidos no meio do ano e quando eu voltei como eu disse a você o Dr. Bryant não estava mais e o Pr. Werner era o interino, e naquele ano mesmo, que é o ano de 73 o seminário... a Faculdade me convidou para ser deão e o Pr. Werner ser o diretor na mesma ocasião.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Na mesma ocasião, então nós trabalhamos juntos. Dr. Werner e eu trabalhamos juntos acho que dezesseis anos até 89, 88... é 88, metade do ano. E o Dr. Werner naquela ocasião ele já tinha a ideia de só ficar lá até o final do ano, porque ele era dez anos mais velho do que eu, e ele achou que era o suficiente no trabalho e... Então a ideia dele era sair no final do ano. E eu naquela ocasião já tinha um sabático aprovado pela Junta de um ano fora. Então do Dr. Werner deixou a...

Madalena: A diretoria...

Prof. Bertoldo: Diretoria, e eu me licenciei por causa daquele ano que eu tinha direito, não é? A salários e tudo... Até janeiro de noventa, é oitenta e oito, não!, janeiro de oitenta e nove, entre...

Madalena: (rsrsrsrs) Datas é um problema!

Prof. Bertoldo: É, bem! Eu fiquei um ano fora, oitenta e oito e oitenta e nove, foi metade de oitenta e oito...

Madalena: e metade de 89.

Prof. Bertoldo: O Pr. Werner já havia pedido demissão e eu quando voltei dos Estados Unidos já estava com a minha demissão certa, apenas eu não me desliguei porque eu tinha direito ao sabático.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: E quando eu terminei o sabático eu então deixei a Faculdade e o Pr. Alberto, pastor Alberto não!

Madalena: Arthur Gonçalves.

Prof. Bertoldo: Gonçalves, Arthur Gonçalves é que assumiu. Agora depois eu ensinei para o Mestrado, não sei quanto, foi pouco tem só.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Pouco tempo. E depois eu me afastei, afastei. Agora quem sabe contar sobre esse período é o Lourenço. Porque ele passou a ser o deão no meu lugar. E aí eu não sei bem o que houve, mas o Lourenço pediu afastamento e foi ser pastor de uma igreja em Vitória. É... eu não sei o que aconteceu porque que eu já estava fora e ... essas coisas é melhor a gente não saber.

Madalena: (rsrsrs) é verdade.

Prof. Bertoldo: É! E depois quando o Pr. Arthur pediu demissão, então chamaram o Lourenço de volta para ser o diretor, que é atualmente o diretor.

Madalena: Hum, hum. O senhor lembra naquele, naquele período primeiro é as primeiras turmas né!. Como é que era esse período das primeiras turmas em 1997. Eu lembro que era Matozinhos Rivas Bretones.

Prof. Bertoldo: É! Eram alunos muito bons, muito bons. Eram alunos...

Madalena: Era um clima diferente, né!

Prof. Bertoldo: Bem mais amadurecido, porque eram pessoas mais de idades.

Madalena: Ham, ham.

Prof. Bertoldo: De mais idades. E o curso era de cinco anos.

Madalena: Mas não tinha aulas nas quartas feiras.

Prof. Bertoldo: Isso não lembro.

Madalena: Em algum lugar eu li isso!
Prof. Bertoldo: É! Era de cinco anos e foi assim ... acho que até a época do Bryant...Aí houve uma refor... eu não posso dizer com certeza, porque eu não estava aqui nesta época. Houve uma reformulação do currículo para quatro anos.

Madalena: Agora os alunos naquela época... o diretor era o Lauro Bertones

Prof. Bertoldo: Era o Lauro Bertones

Madalena: Anos logo, logo depois o pastor Enéas pediu demissão do Colégio...
Prof. Bertoldo: Lauro Bertones, também saiu...

Madalena: Ele saiu! O Lauro Bretones saiu aborrecido, saiu chateado?

Prof. Bertoldo: Da Faculdade não.

Madalena: Da Faculdade não.

Prof. Bertoldo: Se houve qualquer coisa foi com o Colégio. Com a Faculdade não, que eu saiba.

Madalena: E o Bryant foi professor, antes de ser diretor não? Ele começou como professor. Ele vem dos Estados Unidos pra Bauru, na verdade ele vem a convite vem a convite do Dr. Oliver que era o reitor do Seminário do Sul, e aí ele vem para Bauru, até havia aquela escola de línguas em Campinas e lá em Bauru ele começa um trabalho de treinamento também de leigos era um Instituto...
Prof. Bertoldo: Era um Instituto Bíblico.

Madalena: Um Instituto Bíblico também.

Prof. Bertoldo: E depois a Faculdade assumiu indiretamente que era como a Faculdade depois havia em Campinas e Bauru.

Madalena: E o Dr. Bryant no primeiro tempo era professor, não era diretor propriamente! O Sr. lembra disso? Que depois ele assumiu a direção mesmo. Porque o Dr. Bryant quando chegou para ser diretor em 61, né? Se eu não estou enganada, ele, ele disse que havia uma confusão entre os alunos. Ele chamou aquilo de movimento de greve, né. Inclusive ele chama o Lauro Bretones de socialista. Mas me ocorreu aqui: *"Será que o Lauro Bretones estava aborrecido, liderando algum movimento?".*

Prof. Bertoldo: Eu não me lembro! Porque nessa época eu era professor, não do tempo integral. Eu dava aula uma noite, duas noites...

Madalena: O senhor era pastor.

Prof. Bertoldo: Eu era pastor lá do Moinho Velho e eu posso dizer com certeza que quando ele me convidou, provavelmente ela já era diretor, isto foi em 66. Eu trabalhei 66, metade de 67. Aí eu fui ao Estados Unidos.

Madalena: O Bryant, estava lá

Prof. Bertoldo: É o Bryant já estava lá em sessenta e seis.

Madalena: Hum, hum.
Prof. Bertoldo: Como diretor.

Madalena: Sim, sim.

Prof. Bertoldo: Foi ele que me convidou. Agora não me consta na memória que ele tenha ensinado antes.

Madalena: Hum, hum. Ok.

Prof. Bertoldo: Eu sei que ele veio de Bauru...

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Isso eu sei.

Madalena: Sabe o que aconteceu? O Colégio Batista ele tem as Atas até o mês após a abertura dos trabalhos da Faculdade, ou seja, março de cinquenta e sete. Aí tem abril, março, abril de 57 e o outro livro o próximo livro de Ata foi perdido o Colégio não tem esse livro de Ata. Então a gente não tem acesso ao registro da saída do Lauro da chegada ... a única coisa que tem é um relatório já da mantenedora, que aí o Bryant, separa as Junta e fica no Colégio Batista da Faculdade, mas isso já estavam acertados lá na casa! No casarão, antiga o Dr. Silas Botelho e tudo né. Mas eu sempre fiquei é curiosa de saber como foi essa transição entre Lauro Bretonese Bryant.

Prof. Bertoldo: Bem eu vou dizer a você que eu sinto, eu diria que o Lauro teria saído porque o Enéas também saiu. Que o Enéas saiu...

Prof. Bertoldo: E eu sei porque o Enés saiu, mas eu não sei porque o Lauro saiu.

Madalena: É. Sabe uma outra coisa curiosa que eu encontrei, que lá na Convenção ela tem todos os arquivos do Jornal Batista, né. Tudo arquivado em livros assim direitinho. E eu achei neste ano aí, deve ter sido 59, 60 uma foto em que alguém escreveu, uma foto assim de uma congregação, provavelmente, certamente no auditório daquela casa antiga, daquele casarão, e alguém escreveu sobre a pessoa, na foto do Dr. Lauro Bertones, envergonhado né. Porque o Lauro está numa posição assim de cabeça baixa, assim né, no auditório. E eu fiquei assim: "*Puxa vida quem teria... Primeiro*

quem teria coragem de escrever, segundo quem teria coragem de arquivar aquilo nos arquivos de, justamente nos arquivos da Convenção, né."

Prof. Bertoldo: Olha Madalena, eu não me lembro de nada disso, felizmente...

Madalena: (rsrsrs) É bom ficar fora.

Prof. Bertoldo: (rsrsrs) É porque eu só sei que ele saiu quando o Enéias também saiu...

Madalena: Ham, ham.

Prof. Bertoldo: Então eu fui convidado para ser diretor do Colégio... como é o nome dele.

Madalena: E depois ele estudou, fez mestrado, fez doutorado na PUC. Ele era psicólogo né?

Prof. Bertoldo: É.

Madalena: O Lauro era psicólogo.

Prof. Bertoldo: Como era o nome do sucessor do Enéas, era...

Madalena: Foi o Dr. Werner Kaschel, que sucedeu o Enéas.

Prof. Bertoldo: Não, não, não. Teve um antes.

Madalena: Teve um antes? Há eu vou investigar lá, justo esse livro de Atas do Colégio sumiu.

Prof. Bertoldo: Não espera um pouquinho.

Madalena: Mas não é o Dr....

Prof. Bertoldo: Depois do Dr. Werner quem veio?

Madalena: Wangles Breternitz

Prof. Bertoldo: Ah! Então ai esta certo, então foi Werner e depois o Wangles

Madalena: Mas o... é... uma das perguntas que eu queria fazer e o senhor já respondeu que era esse incentivo que o Dr. Bryant te dava por os professores estudarem isso era forte na gestão dele. Não é?

Prof. Bertoldo: É. Ele, veja no meu caso...

Madalena: O Silas Costa, também foi desta época.

Prof. Bertoldo: Também foi nesta época. No meu caso ele consegui para mim a bolsa pra mim e minha esposa, nós dois estudamos. E ele tinha naquela época um mobileroom. Você sabe o que é um mobileroom?

Madalena: Sim!

Prof. Bertoldo: E ele me emprestou um mobileroom durante seis anos.

Madalena: Era muito comum, ainda é muito comum nos Estados Unidos?

Prof. Bertoldo: Não, não! É, mais ou menos não é tanto quanto naquela época, mas eu morei lá no mobileroom durante seis anos porque o Dr. Bryant permitiu que eu morasse lá. E ele sempre me deu todo o apoio, eu tenho saudades dele até hoje.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Até hoje.

Madalena: É uma pessoa fantástica.

Prof. Bertoldo: É muito fantástica e a Dóris ela ainda vive.

Madalena: Sim.

Prof. Bertoldo: Eu de vez em quando eu converso com ela ao telefone. Muito fina também, muito boa.

Madalena: Sim. E essa transição do Dr. Bryant, do Dr. Werner o senhor lembra como foi que os alunos encararam isso, os professores?

Prof. Bertoldo: Eu acho que foi ah... Bem foi uma coisa que aconteceu enquanto eu não estava aqui. O Dr. Bryant saiu antes de eu voltar. E até me lembro que ele foi pastorear ou ensinar, não me lembro bem, num lugar lá nos Estados Unidos e no final de 66, até que fiz uma viagem lá para o norte, e passei por lá e passei com ele, um fim de semana.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: E isso foi antes dele ser convidado para trabalhar na Junta de Missões Estrangeiras lá.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Então foi isso, foi metade de 66, que normalmente a gente viajava em julho e quando eu cheguei de volta na metade de 67, quer dizer... Praticamente pouco mais de meio ano depois, pastor Werner estava na frente da Faculdade mas não tinha sido ainda...

Madalena: Empossado

Prof. Bertoldo: Empossado, porque ele não queria. Ele... a Junta já tinha se manifestado, mas ele não queria. Depois ele acabou aceitando. Tanto é que ele foi empossado diretor depois que eu foi empossado como deão.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Quando eu voltei dos Estados Unidos imediatamente eu fui empossado como deão e ele depois.

Madalena: Depois

Prof. Bertoldo: É... E eu digo para você Madalena foi um período muito gostoso.Trabalhar com o Pr. Werner. Eu trabalhei com ele desde 73 até 88 e nós nunca tivemos um problema, nunca... de tipo nenhum, nem grande e nem pequeno.

Madalena: (rsrsrs)

Prof. Bertoldo: Porque ele ficava com a parte administrativa e eu ficava com a parte acadêmica. Bem, eu sabia de tudo que acontecia na área dele e ele sabia tudo que acontecia na minha área.
Madalena: Mas você estava falando dobre aquele primeiro tempo como os alunos eram mais maduros né, eram, tinham mais uma certa idade, Mario Dóro foi da segunda turma.

Prof. Bertoldo: É Mario Dóro era...

Madalena: Também da segunda turma, o senhor foi professor de toda essa turma né! Como é...

Prof. Bertoldo: Eu fui porque o curso era de cinco anos. Então nos dois primeiros anos deles, 57 e 58 eu ainda estava no Rio.

Madalena: Ham, ham, depois?

Prof. Bertoldo: E eu comecei... É 59, e eles ainda tiveram seis anos comigo. Então eu dei aula para eles todos.

Madalena: E como era a relação com os professores e alunos, era uma relação tranquila?

Prof. Bertoldo: Olha, eu diria que sim! Porque eu também só ia lá...

Madalena: Aquele dia.

Prof. Bertoldo: No dia da aula, né. Mas eu acho que havia um ambiente gostoso.

Madalena: E vocês tinham como professores, vocês tinham reunião de planejamento, reuniões com o diretor, além...

Prof. Bertoldo: Tínhamos reuniões com o corpo docente, tínhamos sim.

Madalena: E o corpo docente era o Vitols, Frederico Vitols, Rubens Lopes...

Prof. Bertoldo: Rubens Lopes, Enéas Tognini...

Madalena: Legal, é...

Prof. Bertoldo: É um grupo dos professores, eram pessoas bem amadurecidas, menos eu... (rsrsrs)

Madalena: (rsrsrs) Era o mais novato (rsrsrs)

Prof. Bertoldo: Eu era o mais novato, mas era um corpo docente gostoso. O começo de Faculdade Teológica foi muito bom... foi muito bom!

Madalena: E quais eram os principais problemas dos alunos naquela época?

Prof. Bertoldo: Olha o tempo que eu estive como deão, eu não diria que era tínhamos problemas graves eu tive alguns problemas no... no... de pensionato, convivência de pensionato (rsrsrs).

Madalena: Até hoje...

Prof. Bertoldo: Então de vez em quando estourava uma bomba lá, eu tinha que chamalos, tal. E eu me lembro disso, até hoje quando eu encontro alguns alunos: "*Ah! Lembra professor, tal".* (rsrsrs)

Madalena: Mas naquele tempo primeiro, primeiro, lá... o senhor sentiu alguma dificuldade com os alunos, que era uma turminha de vinte poucos alunos, né.

Prof. Bertoldo: Não! Eu não senti dificuldade nenhuma...

Madalena: Porque a Faculdade Teológica foi a primeira a começar um curso noturno né!
Prof. Bertoldo: Foi, foi. Então lá na, havia uma sala maior que era sala de cultos, de reuniões maiores, depois havia uma, duas, três... três salas de aula assim do lado, havia uma cozinha e aqui na frente era a biblioteca...

Madalena: Chamava-se, biblioteca Lauro Bretones inclusive.

Prof. Bertoldo: É.

Madalena: Depois que ele saiu né?

Prof. Bertoldo: E, então enquanto o grupo, vamos dizer assim, é menor então aquele prédio estava bem. E se não me engano, é... se eu não me engano não! É verdade, no porão era o pensionato...

Madalena: Já era lá?

Prof. Bertoldo: É, o porão era pensionato.

Madalena: E era só para rapazes!

Prof. Bertoldo: Só para rapazes, só! Não tinha condições para as moças, né. E havia também uma sala maior, e eu acho que duas ou três menores e o pensionato.

Madalena: Porque uma coisa que o Dr. Werner fala também, Dr, Werner, doutor pastor Enéias... vocês eram assalariados? Vocês recebiam salários?

Prof. Bertoldo: Bem, os professores recebiam um salário por aula dada, é na base de hora dada. Agora, não era muita coisa.

Madalena: E ninguém era registrado em carteira também?

Prof. Bertoldo: Não, não, não. Não era, no começo não! No começo não. E, o diretor, não sei se o Lauro Bretones era assalariado, porque já tinha salário do colégio.

Madalena: Isto está nas Atas.

Prof. Bertoldo: Hem!

Madalena: Isto está nas Atas.

Prof. Bertoldo: Ele recebia...

Madalena: Recebia da Faculdade.

Prof. Bertoldo: Da Faculdade.

Madalena: Sim! Porque as Atas das Convenções, elas ficavam registradas no Batista Paulistano.

Prof. Bertoldo: Ham, ham.

Madalena: Então eu li, desde... Eu li o Batista Paulistano desde trinta e sete, então está tudo registrado, as Atas das reuniões convencionais estão registradas lá.

Prof. Bertoldo: Agora o pastor Werner, quando ele começou como diretor, a Junta estabeleceu um ... critério que o valor aula era x, era pago para cada professor pelo número de aula que dava.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Agora para o Dr. Werner e para mim, nós recebíamos duzentas horas por mês.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Eu recebia um adicional de dez por cento e ele recebia quinze a vinte pouco por cento que era um adicional funcional...

Madalena: Sim.

Prof. Bertoldo: Da função. Agora o salário de duzentas horas era a mesma base que o professor ganhava.

Madalena: O professor ganhava.

Prof. Bertoldo: E se nós déssemos aulas, nós não ganhamos mais nada por isso.

Madalena: Sim.

Prof. Bertoldo: Já estaria tudo incluído.

Madalena: Professor de dedicação que a gente chama hoje de professor de dedicação integral, né! Ok.

Prof. Bertoldo: Isso, isso eu lembro.

Madalena: E quando o senhor era deão é... quais eram os critérios para a escolha de professores.

Prof. Bertoldo: Quem fazia isso mais era o Dr. Werner, pessoas preparadas e que estavam dispostas a sacrificar algum tempo do seu trabalho, não é, para a Faculdade. É não havia assim um critério digo é: "*Fulano tem que ter isto, isto, isto".* A gente procurava pessoas assim bem, bem preparadas, dedicadas, dispostas a ensinar. Que o salário do professor, não era grande coisa.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Não era grande coisa, e aí, ia lá, no tempo do pastor Bryant, um contador, eu acho que ele chamava-se Paulo Nogueira.

Madalena: Sim, Paulo Nogueira, esse mesmo.

Prof. Bertoldo: É;

Madalena: Ele foi até bibliotecário uma época.

Prof. Bertoldo: Foi. E ele cuidava da contabilidade da Faculdade. E quando foi a época dele viajar para levantar fundos, não era só eu não, mas Bryant também viajava...

Madalena: Nils Friberg

Prof. Bertoldo: Friberg também, é. Então o Dr. Bryant percebeu na contabilidade a falta de uma oferta de uma igreja que eu tinha visitado. E a primeira coisa que veio a cabeça do Dr. Bryant é que eu tivesse retido dinheiro.

Madalena: Entendi.

Prof. Bertoldo: Foi que a gente levantava ofertas ... Falei, não doutor, de modo nenhum. Nenhum centavo, e aí ele confiou em mim, e depois ficou sabendo que o Paulo tinha culpa no cartório. Tanto é que o Paulo escondeu os livros de contabilidade, deu um fim nos livros de contabilidade. Ele foi despedido e aí a dona Dóris cuidou da contabilidade por um pouco de tempo, com livros novos, completamente novos.

Madalena: Caixa zero.

Prof. Bertoldo: É. E depois então mais tarde foi convidado pra trabalhar como contador... eu acho que também ele se chamava Paulo que tinha sido aluno da Faculdade.

Madalena: Paulo Teixeira, não, Marques.

Prof. Bertoldo: Marques é.

Madalena: Marques.

Prof. Bertoldo: Então ele foi contador, muitos anos e depois...

Madalena: Foi o Fabio, Fabio que era do Colégio Batista.

Prof. Bertoldo: Exatamente, depois foi o Fábio até o fim, né. Foi o Fabio, depois ele se aposentou, mudou-se para o Ribeirão Preto de depois disso eu não sei.É, eu não lembro mais, porque quando eu sai da Faculdade não que eu tivesse qualquer mágoa, qualquer tristeza. Eu não queria saber da Faculdade.

Madalena: Ih, da uma canseira né.

Prof. Bertoldo: Entende, porque que qualquer pessoa como você está falando comigo hoje sobre a Faculdade eu não gostava de falar, não é. Eu achei que sempre fui fiel se eu não fiz o trabalho melhor, não sei, mas pelo menos eu fiz dentro minha capacidade.

Madalena: ninguém é perfeito né.

Prof. Bertoldo: E eu dou graças a Deus por eu ter trabalhado com o Dr. Bryant e com o pastor Werner. Foram períodos muito, muito bons no ministério, no serviço cristão, né.

Madalena: O seu doutorado foi na área de Novo Testamento.

Prof. Bertoldo: Eu tenho, eu tenho três mestrados que eu consegui lá no Estados Unidos. Dois mestrados foi pelo seminarista *Southwestern* na área de Novo Testamento e depois o terceiro mestrado foi bem longe da *Baylor University,* foi na interpretação da Bíblia Exegese e especialmente no Pentateuco. Depois eu queria continuar, mas eu tinha filhos né! Naquele tempo meus filhos davam despesas, e tal e chegou ao ponto que não tive condições de continuar porque ou eu estudava ou eu trabalhava. Ai então nós decidimos voltar, voltar pra cá. Voltamos em 73. Mas eu sempre queria estudar mais um pouco. Aí em 88 quando eu sai da Faculdade eu fui convidado para ir um ano aos Estados Unidos para trabalhar com o professor visitante no *Southwestern.* Então eu aproveitei aquele ano para fazer o meu doutorado em *Fuller*.

Madalena:*Fuller*

Prof. Bertoldo: É, e eu sabendo que eu ia ter esse período, então já antes aqui eu já fui ajuntando material e tal né, então eu gastei aquele ano lá que eu ensinei no *Southwestern* e também preparando a minha dissertação para o *Fuller*. E quando eu sai de lá a minha dissertação já tinha sido aprovada, por *Fuller* E lá eu fiz uma tese sobre Educação Teológica.

Madalena: Interessante.

Prof. Bertoldo: É, sobre Educação Teológica.

Madalena: E ela está na Faculdade lá, na nossa Faculdade.

Prof. Bertoldo: Não.

Madalena: Na biblioteca!

Prof. Bertoldo: Não, não tem, lá.

Madalena: Seria interessante que...

Prof. Bertoldo: Eu poso, eu posso emprestar pra você.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Eu não deixei lá, porque eu só recebi essa tese de volta em setembro...É, e eu não tive mais prazer em deixar na Faculdade.

Madalena: Hum, hum. Seria interessante depois. Já que o senhor está falando sobre essa coisa de estudar, de conseguir, de galgar, outros degraus, outras possibilidades de formação, como o senhor pensa na oficialização dos cursos de teologia hoje. Que hoje nós temos essa, esse caminho né.

Prof. Bertoldo: Olha! É um assunto no qual eu não quero, não quero entrar. Porque pra mim ele é estranho.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: E eu vejo com bons olhos num certo sentido, porque dá ao aluno a oportunidade de ser o seu curso oficializado, ele poder continuar em outras Faculdades sendo reconhecida tal, neste ponto prático é muito bom. Mas eu acho que esse reconhecimento pelo MEC, na minha perspectiva enfraquece a finalidade da Faculdade como uma Instituição de preparo ministerial e fortalece a ideia de um progresso acadêmico, né.

Madalena: Entendi.

Prof. Bertoldo: O professor, por exemplo, que vai lecionar na Faculdade precisa atender as exigências da Faculdade, mas tem que atender as exigências do MEC também. E o próprio currículo, o MEC põem o dedinho lá dentro também. Porque o MEC quer pelo menos uma porcentagem em x de matérias que eles possam reconhecer, né. Então eu prefiro ficar em silêncio neste particular, eu estou dizendo isso à você, mais eu tenho ao mesmo tempo uma, uma... um parecer favorável, porque eu mesmo, eu mesmo eu não escondi que tinha contato com você, mas eu tenho uma licenciatura em Filosofia também.

Madalena: Hum, hum. Aproveitando aquela oportunidade que teve na 1051 em 69.

Prof. Bertoldo: É, eu fiz isso porque achei, se eu deixar a Faculdade Teológica, por algum motivo um dia que que eu vou fazer da vida.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Entende, então eu fiz, curso lá em Mogi das Cruzes.

Madalena: Sim, o Mackenzie ofereceu esse curso...

Prof. Bertoldo: É, eu tenho uma licenciatura que eu senti falta disso, então eu acho que o aluno que faz Teologia pode ser que sinta falta exatamente disso e então essas credencias que o MEC estão oferecendo favorece, mas por outro lado, eu sempre tive a ideia de que o aluno antes de fazer Teologia faça uma faculdade secular e a minha ideia nunca foi aceita.

Madalena: Chegar na Teologia mais maduro, né.

Prof. Bertoldo: É, porque se o indivíduo termina, vamos dizer o segundo grau, que hoje chamam de Médio, vai fazer um curso pode ser de Psicologia, de Filosofia, de História, né?

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Sociologia, um curso que prepara, a cabeça dele, para depois estudar Teologia. Até poderia se fazer o seguinte, que a pessoa que tenha um curso desses antes, né, o curso na Faculdade de Teologia seja apenas de três anos.

Madalena: Mais ministérios só, né.

Prof. Bertoldo: Mais ministérios, porque aí necessidade de Filosofia, nem Sociologia, nem Psicologia, né. Daria para abreviar o curso. Essa foi sempre a minha visão, mas nunca foi aceita. Mas eu senti falta.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: Tanto que depois que fiz os três mestrados eu fui fazer uma licenciatura em Filosofia.

Madalena: Então o senhor acha que de alguma forma traz contribuições.
Prof. Bertoldo: Traz, traz contribuição no sentido do aluno se sentir, vamos dizer, mais assentado com possibilidades de continuação...

Madalena: Hum, hum.

Prof. Bertoldo: No seus estudos...

Madalena: Ter uma profissão.

Prof. Bertoldo: Usar para uma profissão, professor por exemplo, mas eu lamento que isso pode estar enfraquecendo a visão ministerial da Faculdade. Em favorecimento do...

Madalena: Acadêmico.

Prof. Bertoldo: Acadêmico.

Madalena: Ok professor as minhas perguntas eram essas o senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa que fosse importante como registro histórico.

Prof. Bertoldo: Eu acho que não. Eu procurei em casa, eu tenho lá uma pasta com títulos da Faculdade mas não encontrei nada assim não, era mais documento assim de recebimento de dinheiro, de reunião de Junta...

Madalena: Foi um pouco difícil juntar os documentos.

Prof. Bertoldo: Eu sei.

Madalena: Eles estavam mau armazenados, mas por sorte alguém foi fazer uma arrumação lá no porão, e, olhou pra tudo aquilo e achou que era importante e graças a Deus, foram guardadas as Atas, os relatórios é... os relatórios do diretor para a mantenedora né, da Junta. Então muita coisa foi preservada. No período Artur Gonçalves é que era um pouco mais desleixado nesse sentido, parece que o Artur não era muito amigo dos relatórios escritos e... mas tem muita coisa boa guardada.

Prof. Bertoldo: A irmã não mencione essa situação do nosso relacionamento da Faculdade que decorreu com a nossa saída.

Madalena: Esse período nem será explorado por mim, historicamente não será explorado por mim.

Prof. Bertoldo: É, melhor não.

Madalena: O que mais me interessava era o começo e esse pedaço mais final.

Prof. Bertoldo: Vou dizer com sinceridade se não tivesse, se essa situação não tivesse criado eu estaria pronto a continuar na Faculdade como diretor com a saída do Werner, que eu amava a Faculdade, eu amava a Faculdade. Mas depois com, que aconteceu lá, eu pedi o meu afastamento, porque não queria entrar

Madalena: Sim, em atrito.

Prof. Bertoldo: Nem amargura, né.

Madalena: Não vale a pena. Posso então lhe mostrar algumas fotos?

Prof. Bertoldo: Hum, hum.

Madalena: Deixa então eu desligar aqui.Obrigado professor Bertoldo, você sabe que o senhor é um dos primeiros professores da primeira turma de professores, o senhor é o único que está vivo, daqueles primeiros (rsrsrs). Quando eu fui atrás do Ari Veloso não tive tempo mais ele...

Prof. Bertoldo: O Ari Veloso era aluno meu.

Madalena: Sim, sim. O Ari Veloso. Mas naquele primeiro tempo ali o senhor chegou muito novo lá. Então por isso que o senhor está firme aí.

Prof. Bertoldo: Vinte e seis anos.

Madalena: Então os outros todos, evidente já, naquela época, já eram homens mais de trinta e quarenta anos, né! Frederico Vitols, e olha que o Frederico Vitols morreu com muita idade, depois dos noventa...

Prof. Bertoldo: Flavino Fávero

Madalena: Isso. Favero, eu tenho todos os nomes. Mas eu vou lhe mostrar o período que eu fiz, o levantamento histórico que eu fiz desse primeiro tempo.

Prof. Bertoldo: Hum, hum.

Madalena: Que foi muito interessante

ENTREVISTA 02h - SILAS COSTA

A entrevista com Silas Costa aconteceu no dia 22/5/2011 em uma sala da Igreja Batista de Casa Verde a qual é pastor há mais de 20 anos. Silas Costa foi professor na época de Bryant que conseguiu para ela uma bolsa de estudos nos Estados Unidos. Em sei retorno ao Brasil lecionou na Faculdade por 32 anos e afastou-se por problemas de saúde. Suas impressões sobre o tempo em que esteve vinculado à Instituição são muito marcantes. Sua fala sobre a oficialização dos cursos de Teologia de igual maneira são pontuadas com desacordos.

Madalena: Conseguimos (rsrsrs), muito bem eu vou deixar então aqui pertinho de você.

Prof. Silas Costas: Ele pega, nesta distância?

Madalena: Ele pega, pega sim, ele tem uma boa capitação. E vou pegar aqui as nossas perguntas.

Prof. Silas Costas: Ok

Madalena: Então como eu lhe falei, eu estou fazendo essa pesquisa da Universidade 9 de Julho, a Uninove, que é do meu doutorado e do meu orientador ele faz pesquisa em Instituições escolares.

Prof. Silas Costas: Ok.

Madalena: Então nós... eu apresentei um projeto sobre a Faculdade Teológica e eu estou estudando a questão dos professores.

Prof. Silas Costas: Sim.

Madalena: Os dez primeiros anos, estou pegando os professores destes dez primeiros anos.

Prof. Silas Costas: Ok

Madalena: Estou pegando os dez últimos anos.

Prof. Silas Costas: Ok

Madalena: Desde o reconhecimento pra cá.

Prof. Silas Costas: Ok

Madalena: Prá ver como é que era ser essa figura, desse professor, nesta época primeira, e como tem sido agora essa última década, né. Então o senhor, olha, Bertoldo Gatz está na minha lista, o Lachler, o Sheed, Bill Clinton, o Silas Costa e o Mário Doro.

Prof. Silas Costas: Ok, eu comecei lá em setenta e dois.

Madalena: Então, isso que eu ia perguntar, fale um pouco sobre a sua entrada como professor...

Prof. Silas Costas: Bom!

Madalena: Na Faculdade.

Prof. Silas Costas: Primeiro lugar eu sou formando da Faculdade.

Madalena: Você estudou.

Prof. Silas Costas: Foi na turma de sessenta e sete.

Madalena: Sessenta e sete

Prof. Silas Costas: Sessenta e seis, melhor dizendo.

Madalena: Sessenta e seis.

Prof. Silas Costas: Depois sobre a influência do Dr. Bryant, ele conseguiu a bolsa de estudo lá no Southwestern. Eu fui pra lá para estudar o Antigo Testamento, né.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: Especialmente arqueologia, depois de lá fui pra Soulthern American no Kentuky

Madalena: Soulthern

Prof. Silas Costas: É, Soulthern e depois eu retornei em setenta e dois e comecei dando aula de arqueologia, inclusive com o atual diretor ...

Madalena: Isso pra mim também (rsrsrs)

Prof. Silas Costas: O Lourenço. Você vê, eu dei aula pra você também?

Madalena: Foi, foi, faz tempo, já nessa última aqui...

Prof. Silas Costas: Logo no começo, quando eu comecei dar aula o professor que me antecedeu foi o Karl Lachler.

Madalena: Ah!

Prof. Silas Costas: Então ele passou a turma pra mim.

Madalena: Ah, tá certo, porque uma das coisas que eu estou investigando, também é isso né. Porque o Dr. Bryant ele foi um incentivador dessa formação mais voltada pra pós-graduação, não foi mesmo?

Prof. Silas Costas: Foi.

Madalena: Ele foi. Foi o senhor, foi o Bertoldo Gatz...

Prof. Silas Costas: Bertoldo Gatz.

Madalena: O Werner.

Prof. Silas Costas: O Werner.

Madalena: Eu não sei se sobre a influência do Bryant.

Prof. Silas Costas: O Werner eu não sei, a minha esposa Zizi também foi.

Madalena: Ham. Ham.

Prof. Silas Costas: Só que na área de doutrina de Educação Cristã...

Madalena: Ham, ham.

Prof. Silas Costas: Então, foi sobre a influência do Dr. Bryant, que nós fomos estudar lá.

Madalena: E foi ele que lhe convidou pra dar aulas na Faculdade.

Prof. Silas Costas: Foi, foi.

Madalena: Hum, hum. E o que que significou pro senhor ser chamado pra ser professor da Faculdade Teológica?

Prof. Silas Costas: Bom, essa foi a minha intenção em ter ido para o Estados Unidos, pra conseguir a formação adequada pra voltar e aplicar na Faculdade.

Madalena: Ham, ham.

Prof. Silas Costas: Foi isso.

Madalena: Essa foi...

Prof. Silas Costas: E quando voltei, foi isso que foi feito.

Madalena: Exatamente, e o senhor lecionou quantos anos na Faculdade?

Prof. Silas Costas: Trinta e dois anos.

Madalena: Trinta e dois anos.

Prof. Silas Costas: Até dois mil e quatro.

Madalena: Uma vida inteira, né.

Prof. Silas Costas: É.

Madalena: Que beleza! E, naquela época não sei se o senhor lembra, quais eram os critérios usados para seleção de professores?

Prof. Silas Costas: Eu não cheguei nesse ponto. Não tive acesso a essa área, como que era selecionado. Realmente eu não tive acesso a isso, como o que o diretor da Faculdade...

Madalena: Quais os critérios que eram utilizados...

Prof. Silas Costas: Os critérios que eram utilizados para convidar os professores.

Madalena: Mas de qualquer maneira a sua intenção ao ir aos Estados Unidos era exatamente essa!

Prof. Silas Costas: Já visava isso, né.

Madalena: Era uma formação.

Prof. Silas Costas: E quanto a matéria eu fui estudar que foi no fim das contas arqueologia do antigo testamento foi sobre a influência do Enéias Tognini, que era o professor aqui.

Madalena: Ele era pesquisador nessa época, tanto é que o livro dele é utilizado até hoje.

Prof. Silas Costas: Foi sobre a influência dele que fui despertado pra essa área.

Madalena: Deu certo

Prof. Silas Costas: Ok, mas eu não tive acesso a esse critério.

Madalena: A esse critério, ok. Mas o senhor tem alguma coisa pra falar pra gente sobre como é que era a relação dos professores com os alunos naquela época, setenta e dois, quando você começou?

Prof. Silas Costas: Olha, eu acho que era basicamente com a relação de pastor.

Madalena: É.

Prof. Silas Costas: Sabe.

Madalena: Dr. Werner era diretor então.

Prof. Silas Costas: E

Madalena: Dr. Werner era o diretor.

Prof. Silas Costas: Quando eu retornei não era mais o Dr. Bryant, porque ele, ele teve um filho que faleceu em casa mesmo e ele ficou, acho que abalado com isso e retornou.

Madalena: É, a mãe dele e o irmão dele faleceram na mesma época, foi muito...

Prof. Silas Costas: Foi.

Madalena: Foram três lutos.

Prof. Silas Costas: Foi.

Madalena: Que ele viveu naquela época.

Prof. Silas Costas: Bertoldo e eu fomos no funeral do pai dele.

Madalena: É.

Prof. Silas Costas: Lá numa cidadezinha lá no Texas, né.

Madalena: É mesmo! Olha só que interessante. E como era a relação dos professores, era então bem um pastoreio mesmo?

Prof. Silas Costas: Bom, é, não havia essa, essa consciência de analisar, isso aqui é uma Instituição acadêmica, era muito relacionado com que a denominação fazia.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: A nossa perspectiva era de preparar pastores.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: Então era nessa direção que a gente...

Madalena: Caminhava nos relacionamentos.

Prof. Silas Costas: Caminhava, e basicamente eu creio que todos os professores eram pastores em alguma igreja.

Madalena: Hum, hum. Todos que já tinham ministérios também.

Prof. Silas Costas: Isso, inclusive os missionários, né.

Madalena: Sim. Sim, inclusive os missionários. O senhor viveu então a transição. O senhor não viveu a transição de direção, quando o senhor chegou, já era o Dr. Werner.

Prof. Silas Costas: Já era o Dr. Werner.

Madalena: E o Dr. Werner...

Prof. Silas Costas: E depois o Arthur

Madalena: Artur.

Prof. Silas Costas: Espera um pouco, o Artur vem antes ou depois do Werner?

Madalena: Depois do Werner.

Prof. Silas Costas: Depois, então passei pelo Artur também.

Madalena: Ham, ham. O senhor esteve...

Prof. Silas Costas: O Dr. Werner e depois o pastor Artur.

Madalena: Pastor Arthur, e o senhor ficou até o fim da temporada do professor Artur.

Prof. Silas Costas: Sim.

Madalena: Ok, e o senhor lembra quais eram as maiores dificuldades para os alunos, naquela época?

Prof. Silas Costas: Eu diria que o horário das aulas, porque eles trabalhavam o dia inteiro, iam pra lá muitos cansados.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: Apesar do que, a gente não abaixava o nível não!

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: E as exigências.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: Embora eles estavam... não sabíamos, não soubéssemos que eles trabalhavam durante o dia e depois iam estudar a noite...

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: O nível de exigência era o mesmo.

Madalena: Sim, então...

Prof. Silas Costas: E... bom aí já era outra coisa, quando eu cheguei eram quatro anos.

Madalena: Hum. Hum.

Prof. Silas Costas: O, o...

Madalena: O curso.

Prof. Silas Costas: O curso, na minha época eram cinco anos.

Madalena: Quando o senhor fez eram cinco.

Prof. Silas Costas: Eram cinco anos.

Madalena: É porque naquela época não tinha aulas quartas-férias.

Prof. Silas Costas: Cinco anos, é.

Madalena: É, lembra, isso o Dr. Bryant escreveu em algum lugar...

Prof. Silas Costas: Hum, hum.

Madalena: Que por serem, que por ser um curso noturno, as aulas acabavam um pouco mais cedo, era até as dez e quarenta e cinco e as quartas feiras não tinha aula.

Prof. Silas Costas: Isso mesmo.

Madalena: Por causa do envolvimento nas igrejas.

Prof. Silas Costas: Isso mesmo.

Madalena: Então, então o senhor encontra como a maior dificuldade mesmo nesse horário, o trabalho o dia todo, o cansaço...

Prof. Silas Costas: O pessoal chega bem cansado, depois que eles passavam, pelas aulas e iam pra casa ainda bem tarde, iam jantar quando chegavam em casa...

Madalena: Em casa é, mais de meia noite.

Prof. Silas Costas: Com a esposa e os filhos, iam só a noite.

Madalena: Sim, sim, passavam direto do serviço.

Prof. Silas Costas: Ou de manhã quando acordavam a criança, né.

Madalena: Exato, exato.

Prof. Silas Costas: Acho que a principal dificuldade, naquele tempo para os alunos é essa.

Madalena: E qual foi a situação que mais lhe marcou como professor?

Prof. Silas Costas: Foi após a minha primeira cirurgia cardíaca, que eu passei quarenta dias no hospital esperando a minha vez.

Madalena: De fazer a cirurgia.

Prof. Silas Costas: Fazer a cirurgia, foi na Beneficência Portuguesa, eu tive a sorte de ser operado pelo Papa da arqueologia daquele tempo e até agora, Dr. Sérgio Almeida.

Madalena: Dr. Sérgio Almeida.

Prof. Silas Costas: Mas eu fiquei quarenta dias lá esperando.

Madalena: Esperando.

Prof. Silas Costas: Me lembro que quando retornei para Faculdade pela primeira vez eu preguei uma mensagem 'O que era deserto' (rsrsrs).

Madalena: Deserto (rsrsrs)

Prof. Silas Costas: Deserto, falei: *"Eu passei quarenta dias lá".* Falei tudo que Deus tinha operado na minha vida, naqueles quarenta dias, né.

Madalena: Hum, hum. Foi isso uma experiência que mais...

Prof. Silas Costas: Experiência de vida né, tanto na Faculdade mas uma experiência de vida que eu reparti com a Faculdade...

Madalena: Sim.

Prof. Silas Costas: E eu creio que foi muito bom que as pessoas... eu me lembro de pessoas que me procuraram depois a respeito disso. Do meu sofrimento naquele período de espera da cirurgia.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: E depois o retorno eu preguei no púlpito a respeito disso.

Madalena: Legal. E hoje a gente vive um momento bastante diferente na Faculdade, né. A oficialização do curso de Teologia, como o senhor vê essa oficialização?

Prof. Silas Costas: Posso ser bem claro?

Madalena: Sim.

Prof. Silas Costas: Eu acho que não acrescentou muito a Faculdade, na minha visão.

Madalena: Não acrescentou.

Prof. Silas Costas: Não.

Madalena: O que deixou de acrescentar, o que não...

Prof. Silas Costas: Eu creio Madalena, que o MEC não sabe nada de Teologia e então porque que eles vão tutelar a gente?

Madalena: Sim.

Prof. Silas Costas: Minha opinião.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: Olha, eu sei que é contrário a opinião do Lourenço...

Madalena: Lourenço.

Prof. Silas Costas: E talvez sua também!

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: Mas na minha visão eu acho o seguinte, a Faculdade não precisava disso pra fazer sua missão de preparar ministros.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: Porque eu acho que o MEC, não está capacitado pra nos dirigir.

Madalena: Dirigir. Ok, ok.

Prof. Silas Costas: Agora eu não posso dizer, como que é agora, porque faz muito tempo afastado desde dois mil e quatro, não sei como que é agora.

Madalena: Sim.

Prof. Silas Costas: Como que é a relação dos professores com os alunos.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: Como que é o ambiente da Faculdade.

Madalena: É. A questão dessa, isso que o senhor coloca uma palavra muito interessante sobre tutelar, né. Realmente o que assim, dentro do que a gente tem vivido não só com a nossa Faculdade, mas com as outras Intuições que tem seguido né, esse caminho do MEC.

Prof. Silas Costas: Ham,ham.

Madalena: É que realmente o governo não entende nada mesmo de Teologia.

Prof. Silas Costas: Hum, hum.

Madalena: Mas tanto o Lourenço quanto a CETM, né a nossa que é chamada de mantenedora que é nossa Junta, né.

Prof. Silas Costas: Hum, hum.

Madalena: Que dirige os trabalhos da Faculdade, ela acredita em um beneficio vincular mais ao social, né. Ao você ter um aluno que tem outras oportunidades de continuar seus estudos, né. Já que nós não temos é... praticamente mais em nenhuma Instituição que ofereça Mestrados e Doutorados, né.

Prof. Silas Costas: Ok.

Madalena: No Brasil, são poucas, muito poucas as Instituições... Evangélicas, só existem uma no Rio Grande do Sul, né. Então o grande sonho é que nós possamos ser uma Instituição que ofereça esses estudos pós graduados, né.

Prof. Silas Costas: Ok.

Madalena: Outro medo também é relativo a influência do Campo da Ciências da Religião,né, que é aonde nossos professores na falta de cursos pós graduados no Brasil em Teologia foram buscar. Porque era o único... era único caminho.

Prof. Silas Costas: Única alternativa.

Madalena: Única alternativa, né. Porque o primeiro mestrado...

Prof. Silas Costas: É aqui em São Bernardo, não é isso? Metodista.

Madalena: É em São Bernardo, tem no... Hoje tem no Mackenzie, tem na PUC, tem em São Bernardo tem né, em vários lugares. Então era a única alternativa na falta de cursos pós-graduados em Teologia.

Prof. Silas Costas: Ok.

Madalena: Então isso continua ser assim um medo, por outro lado foi uma coisa que o Dr. Sheed também colocou, ele falou: *"Olha eu não to lá muito anos, também não sei como anda."* Então eu falei: *"Olha Dr. Shed em relação a nossa matriz curricular, nada mudou, nós continuamos com a mesma quantidade de disciplinas bíblicas, a arqueologia, geografia bíblica continuam no nosso, na nossa matriz curricular é... a mesma quantidade de disciplinas de Teologia e a mesma quantidade de disciplinas de formação ministerial".* E eu diria hoje dos vinte e três professores atuantes no curso de Teologia eu diria que, dezenove estão no ministério.

Prof. Silas Costas: Ok.

Madalena: Tem suas igrejas, pastoreiam né. Então, na verdade é assim, realmente o MEC não tem como, tanto é que o parecer que regulamenta os cursos de Teologia ele diz que a matriz curricular é de composição livre.

Prof. Silas Costas: Ok.

Madalena: Não existe, não há nada na matriz curricular...

Prof. Silas Costas: Eu senti no tempo que houve a mudança, que... eu me lembro que você teve que fazer mudança de nomenclatura.

Madalena: É alguns nomes mudaram...

Prof. Silas Costas: Das matérias, etc, né.

Madalena: Mas os conteúdos...

Prof. Silas Costas: Não sei se era para se encaixar, que eles exigiam.

Madalena: Era pra se aproximar, porque os conteúdos mantiveram-se os mesmos.

Prof. Silas Costas: Ok.

Madalena: Temos realidade denominacional, temos história dos Batistas, né.

Prof. Silas Costas: Ok.

Madalena: Então as nossas disciplinas ficaram do mesmo jeito.

Prof. Silas Costas: Ok.

Madalena: Exatamente, a mesma quantidade, né. E mais evidente que as pessoas que não estão lá dentro, assim muito no dia a dia, lá da gente, realmente tem essa inquietação e não é só vocês, são outras pessoas também, e o Lourenço tem tido assim, muito cuidado em responderem, manter essas pessoas informadas dizer assim sobre isso. Mas eu acho que na verdade, esses professores que estão hoje, são os professores que essa geração formou: Bertoldo, Werner, o senhor. Sheed, Lachler, né. Os que estão atuando hoje...

Prof. Silas Costas: Sturz

Madalena: Sturz, exatamente que é o Silas, Itamir o Guilherme, o Guilherme estudou no seminário do Sul, o João Martins.

Prof. Silas Costas: O Guilherme pastor da Betel.

Madalena: Isso, então essa turma foi a turma formada por essa geração que estou entrevistando hoje. Então é uma turma eu diria muito boa.

Prof. Silas Costas: Ok.

Madalena: Muito boa. Eu diria muito boa, eu como coordenadora vejo os professores numa atuação muito boa.

Prof. Silas Costas: A ênfase em ministério continua muito clara.

Madalena: A ênfase em ministério continua porque todos eles estão em igrejas. Se não estão como no caso do Silas, ele não está agora, mas estava até três anos atrás.

Prof. Silas Costas: É eu sei, o seu esposo.

Madalena: É, exato e o pastor lá, Jonas Machado que é pastor lá em Jundiaí, né. Formou-se na Faculdade também, o Jonas Madureira, não esta agora ele foi fazer um doutorado na Alemanha, mas enfim, né. Eu acho que os... o pessoal que está hoje... Valdo Romão, né, são filhos, vamos dizer assim, acadêmicos desse pessoal que eu tenho entrevistado.

Prof. Silas Costas: Ok.

Madalena: Né, então eu acredito que seja um outro momento, mas essa inquietação tem sido comum nos professores que eu tenho entrevistado, né, mas eu acho que ela é natural é uma inquietação normal.

Prof. Silas Costas: O meu raciocínio sempre foi isso.

Madalena: Ham, ham.

Prof. Silas Costas: O que o MEC entende daquilo que nós estamos fazendo pra eles nos tutelarem.

Madalena: Isso, mas...

Prof. Silas Costas: Eu entendo num aspecto padrão de biblioteca, padrão de funcionamento e etc. eu acho que sim.

Madalena: Sim.

Prof. Silas Costas: Eles têm o padrão deles, porque aqui no Brasil, não temos o que eles têm nos Estados Unidos.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: Que é uma associação que determina os padrões dos seminários...

Madalena: Dos seminários é.

Prof. Silas Costas: Para que eles possam ser considerados seminários de primeira linha.

Madalena: É, a gente até tem professor, mas eles não estão vinculados aos, as Instituições governamentais, que é a AETAL, a ASTE, a própria ABIBET, né. Mas eles estão a parte, não faz parte do governo.

Prof. Silas Costas: Mas essas Instituições vamos ver, não sei nem se são batistas.

Madalena: A ASTE, a ABIBET é batista.

Prof. Silas Costas: A ASTE é internacional.

Madalena: A ASTE e a AETAL sim.

Prof. Silas Costas: Mas eles não têm, vamos chamar de poder di ...

Madalena: Não, não tem.

Prof. Silas Costas: De dar crédito a faculdade.

Madalena: Não, não tem. Tinham de dar é... de aceitá-los no grupo.

Prof. Silas Costas: Ok.

Madalena: Pra que vamos dizer se você é Faculdade, aqui nessa igreja você gostaria de abrir um seminário na sua igreja, então você quer se filiar a uma dessas três Instituições, então elas davam crédito. Se a Instituição tivesse a, b, c...

Prof. Silas Costas: Ok.

Madalena: Elementos que pudesse agregar aqui uma Instituição, né. Bem, das minhas perguntas são essas gostaria de fazer mais algum comentário, alguma coisa que não tenha sido perguntado?

Prof. Silas Costas: Eu gostaria de fazer comentários sobre pessoas que me impressionaram tremendamente na Faculdade.

Madalena: Isso, joia, muito bom.

Prof. Silas Costas: Dr. Bryant foi um deles.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: Eu não conheci nenhum missionário que dominasse nossa língua como ele e que pregasse como ele. Eu me lembro que quando eu conversei com o Lourenço lá eu falei: *"Dr. Bryant me lembra do apóstolo Paulo, porque ele se lembra de pessoas".* Ele teve um encontro com meu pai aqui e quando eu encontrei com ele lá em noventa e oito, nessa ocasião que o Lourenço fez a entrevista...

Madalena: Que ele fez a entrevista.

Prof. Silas Costas: Ele perguntou do meu pai.

Madalena: Olha só.

Prof. Silas Costas: Meu pai já havia falecido, mas ele se lembrou do meu pai. Ele era no meu entender ele era como o apóstolo Paulo que se lembrava de pessoas.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: Ele me influenciou muito. Antes dele Enéias Tognini.

Madalena: Sim.

Prof. Silas Costas: O Nils Friberg também foi o meu professor de Teologia.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: Dr. Werner!

Madalena: Isso

Prof. Silas Costas: Dr. Werner foi meu professor de inglês, inglês teológico.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: Eu aprendi muitos hinos com ele, quando eu cheguei nos Estados Unidos...

Madalena: Já sabia.

Prof. Silas Costas: Ia lá na igreja conhecia tudo. (rsrsrs). Aprendi a pensar com ele em inglês.

Madalena: Hum, hum. Que legal.

Prof. Silas Costas: Ele usava um novo testamento bilíngue.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: Tinha duas colunas. Eu me lembro que ele passou a instrução assim: *"Vocês leem o texto em inglês, não recorram a coluna em português a não ser que vocês não entendam nada".*

Madalena: Hum. Hum.

Prof. Silas Costas: E isso me fez pensar em inglês, então parecia uma frase lá, falava será que é isso que é, aí eu recorria do lado e aquilo mesmo.

Madalena: E era aquilo, que legal.

Prof. Silas Costas: Ele deixou lembranças incríveis.

Madalena: Foi.

Prof. Silas Costas: A convivência com ele também lá nos Estados Unidos, porque nós fomos contemporâneos lá em Kentuk.

Madalena: Sim eu me lembro do cubículos, né?

Prof. Silas Costas: É.

Madalena: No cubículos, né?

Prof. Silas Costas: Eu me lembro do, ele chamava de cubículo, né?

Madalena: É.

Prof. Silas Costas: Onde os doutorandos...

Madalena: Moravam.

Prof. Silas Costas: Trabalhava dentro da biblioteca, havia o que eles chamavam de cubículos. Eles tinham todos os livros que eles usavam na preparação de tese e tudo e todo os dias eles iam lá. Eu ia ver lá o cubículo dele lá.

Madalena: Legal. Então Dr. Silas, professor Silas muito obrigado por esse tempo aqui foi uma contribuição muito importante pra esse trabalho e eu agradeço muito a sua disposição em receber aqui em seu escritório.

Prof. Silas Costas: Esqueci de um deles Dr. Sheed.

Madalena: Ah, esse

Prof. Silas Costas: Dr. Sheed me marcou.

Madalena: Ham, ham,

Prof. Silas Costas: O apego dele com a Bíblia e a fidelidade.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: A escritura, o que me impressiona nele é a... como ele lidava com facilidade o texto original.

Madalena: É verdade.

Prof. Silas Costas: Do Novo Testamento.

Madalena: É verdade. Ele lia como se tivesse...

Prof. Silas Costas: Coisa incrível.

Madalena: Incrível. Você pegou o Ari Veloso.

Prof. Silas Costas: O Ari Veloso, não como professor, mas ele foi meu colega.

Madalena: É como colega.

Prof. Silas Costas: Como colega.

Madalena: Ele chegou, voltou dos Estados Unidos, nessa época, setenta e pouco.

Prof. Silas Costas: É. Ele foi, eu me formei em sessenta e seis, acho que nós tivemos dois anos de convivência na Faculdade, depois ele foi para Dallas fazer o curso dele lá e eu estive na formatura dele em sessenta e três.

Madalena: Olha!

Prof. Silas Costas: Sessenta e sete alias.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Silas Costas: Depois ele veio pra cá e ele foi trabalhar na SEPAL.

Madalena: Na SEPAL.

Prof. Silas Costas: Eu acho que ele não foi professor da nossa Faculdade.

Madalena: Foi.

Prof. Silas Costas: Foi.

Madalena: Nessa época.

Prof. Silas Costas: Nessa época.

Madalena: É, no finalzinho da temporada Bryant, e já na chegada do Dr. Werner, depois, mais foi pouco tempo.

Prof. Silas Costas: Eu não lembrava disso não.

Madalena: Foi pouco tempo. Ele foi professor, eu tenho... que eu li as atas né.

Prof. Silas Costas: Ham, ham.

Madalena: Então tem lá, sempre as entradas, quem entra, quem sai.

Prof. Silas Costas: Ok.

Madalena: Não tá muito completo, mas eu fiz um levantamento dos professores que entravam e saiam de todas as atas que eu li. E eu li até a entrada, até o finalzinho do tempo Werner Kaschel, noventa e três.

Prof. Silas Costas: Mas a convivência com o Ari foi muito boa.

Madalena: O Ari também é show de bola

Prof. Silas Costas: Nós torcíamos, torcíamos para o mesmo time.

Madalena: Pro Palmeiras.

Prof. Silas Costas: Ele era um gozador por excelência.

Madalena: Você recebeu, é que o senhor não tem o face, mas a...

Prof. Silas Costas: Não eu tenho!

Madalena: Tem o facebook.

Prof. Silas Costas: Tenho!

Madalena: A CEPAL, fez um videozinho tão interessante, eu... quando eu vi, eu coloquei no meu face bock.

Prof. Silas Costas: Ham, ham.

Madalena: E eu chorei, quando eu vi aquilo lá. Eu vi agora a poucos dias atrás, que o Ari era também, foi uma pessoa que impressionava pelo amor a Palavra né.

Prof. Silas Costas: Sem dúvida.

Madalena: Nossa, ele era assim, um show de bola mesmo.

Prof. Silas Costas: E eu não sei se você soube, o que ele preparou o funeral dele.

Madalena: Foi mesmo.

Prof. Silas Costas: Ele escolheu o pregador, os hinos.

Madalena: Olha só.

Prof. Silas Costas: E disse para a mulher dele o que ela deveria dizer. (rsrsrs)

Madalena: Eu queria entrevistá-lo e ai a Carolina, eu ligue lá aí eu falei: *"Olha Carolina, eu estou fazendo um trabalho..."*. Eu sabia que ele estava doente, isso faz um mês, um mês e meio, mais ou menos. E ela falou assim para mim no telefone: *"Madalena mas o Ari esta vivendo os últimos dias dele"*. Aí eu gelei do lado de cá, né.

Prof. Silas Costas: Hum. Hum.

Madalena: Eu fale *"Carolina me desculpa, eu não sabia, eu sabia que ele estava doente mas eu não sabia que estava assim"*. Mas ele ainda viveu uns vinte, vinte e cinco dias depois dessa conversa.

Prof. Silas Costas: E foi o coração o problema dele.

Madalena: Sim, sim. Aí nesse videozinho que está no face bock ele dá um depoimento, né. Quem fez a arte do vídeo, fez muito bem feita. Então ele diz que teve um primeiro ataque do coração, o primeiro é... como é que chama...

Prof. Silas Costas: Infarto

Madalena: Infarto no ano de setenta e pouco e depois aos não sei quantos anos, depois não sei quantos anos e depois ainda fez o transplante, e ele ainda brinca: *"Fui fazer transplante nos Estados Unidos com medo que me colocasse um coração corintiano..."*

Prof. Silas Costas: Foi.

Madalena: *Então eu fui prá lá."* (rsrsrs) Ele ainda viveu eu acho, doze anos?

Prof. Silas Costas: É, foi isso.

Madalena: Depois desse transplante.

Prof. Silas Costas: Eu acho que foi.

Madalena: É, então...

Prof. Silas Costas: Porque olha, eu pensei que ele fosse bem mais longe, com o coração novo né.

Madalena: Mas o coração faz isso, né. Ele é um motorzinho que vai parando, o meu cunhado foi assim também.

Prof. Silas Costas: Transplantado também?

Madalena: Não, não foi transplantado, ele tinha um marca passo.

Prof. Silas Costas: Ok.

Madalena: E ele foi indo assim, a morte dele foi assim, é... a minha cunhada deu uma ilustração assim: *"Foi como uma vela apagando...*

Prof. Silas Costas: Ham, ham.

Madalena: "*até que apagou".* Eu acredito que o Ari tenha sido, porque foi assim também, foi finalizando aquela energia né. Meu pai dizia isso também né, do coraçãozinho dele né.

Prof. Silas Costas: Ele também teve esse problema?

Madalena: Papai teve, papai... mas só que ele não fez transplante, ele fez mamaria, ele fez safena.

Prof. Silas Costas: Ok.

Prof. Silas Costas: Vinte e quatro

Madalena: Vinte e quatro de maio de dois mil e doze e nós acabamos agora, quatro horas de fazer essa gravação. Ok, obrigado professor.

Prof. Silas Costas: Que Deus te abençoe na preparação da sua tese.

ENTREVISTA 02 i - LOURENÇO STELIO REGA

A entrevista com Dr. Lourenço Stelio Rega, atual diretor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, foi realizada em sua residência no dia 27/4/2011, localizada num edifício nas proximidades da instituição. Fui recebida por sua esposa que me encaminhou par sala de visitas e logo iniciamos a perguntas que haviam sido entregues previamente. As perguntas foram divididas em três blocos: Perguntas quanto ao início da gestão; Perguntas quanto ao trabalho acadêmico; Perguntas quanto ao período de preparativos para a oficialização e as exigências da mesma.

Madalena: quanto ao início da sua gestão qual era o quadro institucional que você encontrou quando chegou para a sua gestão, ou seja, o ambiente de relacionamento entre direção, professores, alunos, funcionários, a situação do ensino, a situação administrativa financeira. Como estava o quadro, quando você chegou na Faculdade Teológica.

Prof. Lourenço: Bom o quadro era bem caótico, o diretor anterior não tinha condições de vir dar atenção a Faculdade de maneira integral, então ele vinha a Faculdade alguns dias da semana. Sete anos e meio fui "deão" naquela época, coordenador acadêmico, mas se chamava deão e trabalhavamos, naquela época de 88 até 95, ajudando a manter a escola ele praticamente não estava presente, mas quando fui embora para Vitória, atuar lá na área de Educação Religiosa, na Igreja Batista do Canto, então me desliguei me desliguei da Faculdade. A distância, enfim, neste ponto deixamos de dar atenção diária que a Faculdade tinha, a gente fazia uma espécie de link entre todas as áreas, ainda que minha área de coordenação acadêmica no fundo, tinha também uma outra função que era de tesoureiro da faculdade era uma função informal, né. Aliás acho que tinha um estatuto antigo tinha, o estatuto antigo tinha, e então com essa parte da tesouraria acabava tendo que assumir o comando da área administrativa. E com a minha saída, então os funcionários foram atuando dentro da limitação deles, mas chegou em um ponto que eu tive a notícia depois, membros da mantenedora que houve uma procura de professores para a diretoria do Conselho de Educação Teológica – CETM, e ai o que aconteceu, foi que solicitaram providências, porque os professores sentiram que a Escola também não estava nos rumos, enfim havia alguma linguagem militar, uma baixa moral da tropa, uma baixa moral, um baixo sentimento do grupo etc.

Do ponto de vista do prédio, o prédio estava bem dilapidado, a situação financeira da Faculdade era muito critica, a Faculdade tinha dinheiro, quando eu assumi para a cerca de 15, 20, 25 dias no máximo. Nós dependíamos 10% do nosso orçamento do bolsa de estudos do Colégio Batista. Logo o Colégio Batista com a direção daquela época começou a fazer pressão, pra que o Colégio Batista começou a entrar numa crise financeira e uma das primeiras atitudes seria cortar as bolsas de estudos dos alunos e ai já começou a ter dificuldade. É, a equipe estava bem desunida, os professores estavam ansiosos em por ter a Escola avançando, a Escola chegou a menos que 400 alunos, não tenho os dados agora aqui, mas esses dados eu acho que você deve ter estatísticas dos relatórios que temos e o ambiente de relacionamento entre direção professores e alunos era esse. Então quando eu cheguei, eu peguei um ambiente que o grande trabalho meu era a mostrar as pessoas que tinha expectativa de progresso, expectativa de futuro, que a gente precisava de se unir e investir nisso. Então o Conselho fez consultas internas, não sei em que nível, eu sei que fez consultas a pastores, e tudo a respeito do meu nome, então, eu vim com uma certa porcentagem de apoio para esse tipo de trabalho. Mas tivemos que fazer uma reavaliação completa na área financeira e administrativa e de funcionários e na área acadêmica pouco mexemos naquele momento em si, apenas levando os professores a unirem com a gente e certamente naquele período eu já notava que a gente precisaria, na área acadêmica dar um impulso, né, mas na área acadêmica a gente tinha lá o deão naquela época combinei com ele, não tinha formação pedagógica, mas era muito dedicado, muito esforçado, então eu combinei com ele de quando ele veio entregar o cargo ficar a cerca de mais de dois anos, dois anos e meio a gente tentaria encontrar uma outra pessoa e nesse ambiente praticamente a gente tinha bastante que se fazer, bastante mesmo. Então fomos vencendo cada etapa e redução de funcionário, já tivemos que trabalhar, corpo docente pouco mexemos, mas de

qualquer maneira, um dos grandes desafios é levantar recursos para a Escola e mostrar a Escola que a Escola tinha futuro. Na hora me lembro que nós tínhamos o ultimo, o primeiro todinho subsolo, tinha praticamente ocupada com o canteiro da construção, os pedreiros moravam lá e estava sendo construída a estrutura do prédio da Convenção e da Faculdade e nós estávamos em sala de aula, eu já estava prevendo que nós tínhamos que lutar para uma nova construção.

Madalena: Uma nova construção, não o prédio

Prof. Lourenço: O prédio Werner Kaschel

Madalena: O prédio novo

Prof. Lourenço: O novo, eles ocupavam todo aquele subsolo, com deposito de matérias, com moradia dos pedreiros, enfim, tinha uma ou duas salas que não eram ocupáveis porque estavam bem degradada e ai eu já previa que a gente tinha que trabalhar para o crescimento da Escola e ai começamos a retomar aquele espaço e tivemos que investir dinheiro ali para recuperar aquele espaço, tivemos que reconstruir os banheiros não tinha como aproveitar, pintar chão, enfim, e havia muito que fazer naquela época, muito que fazer e fomos trabalhando para que pudesse haver espaço para crescimento.

Na área financeira quando cheguei a divida de alunos com a Faculdade era muito grande e uma das atitudes que ajudou muito financeiramente a Faculdade foi transformar esse dinheiro podre em dinheiro. Então começamos a fazer negociação, negociação, o aluno devia digamos R$500,00 (quinhentos reais) naquela época, pagava R$200,00 (duzentos reais), R$250,00 (duzentos e cinquenta). E fomos levantando dinheiro, levantando dinheiro e estabelecemos algumas normas de funcionamento para matrícula etc. Então o trabalho naquela época mesmo que cheguei foi mais nessa área administrativa, financeira, patrimonial.

Madalena: Reorganizando

Prof. Lourenço: Reorganizando a Escola e dar a Escola um senso de corpo, um senso de união. Reunia com os professores a todo o tempo, dando a eles um sentido de corpo, um sentido de unidade.

Madalena: Em relação a denominação, você acha que eles esperavam, que você fizesse só isso, só isso que eu digo não é pouca coisa, mas assim, nesse sentido das coisas operacionais, né. Mas no sentido do conceito da Instituição.

Prof. Lourenço: Na realidade, quando eu cheguei, a preocupação do Conselho era em a gente dar uma nova vida para a Escola, me interessava que vida. Então eles nunca falaram que você tem carta branca, mas eu fui ao Conselho e mostrei o retrato da Escola, na primeira reunião de março de 1997 e disse o seguinte: "*Olha eu vou ter que tomar inúmeras atitudes, eu vou ter que encaminhar. Há você faça o que achar melhor. A então está bom!Só que se caso eu tiver errando, vocês tem que me aviar! Se vocês não me avisarem, eu não que vocês me fritem e se eu continuar erro eu quero que vocês me demitam. Só deixei o cargo na mesa, entendeu?* Então a esperança deles era que a Faculdade tinha futuro, não importava com que, mas que tivesse futuro. Não havia expectativa de oficialização, nada. Surgiu dois anos depois. Não havia preocupação com a área Teológica, doutrinária, ideológica a preocupação era que a Faculdade estava definhando, precisava dar uma nova vida a Escola essa era a grande preocupação em si, não havia outra preocupação. O Conselho foi dando espaço para a gente trabalhar e desenvolver a Escola, conforme a gente achava melhor.

Madalena: Bom então é de uma certa forma, você já respondeu a pergunta, dois e a três e também no inicio da sua gestão, quais seriam os primeiros obstáculos que seriam justamente esses, a área financeira, administrativa

Prof. Lourenço: Patrimonial, acadêmica eu pouco mexi, nos primeiros dois anos, dois anos e meio pouco mexi, porque estava andando, os professores estavam assim muito ansiosos para trabalhar e estavam dando uma perspectiva de envolvimento ao trabalho. Mesmo porque eu dei um decreto que não tinha muita experiência na área acadêmica prática, então eu não podia força-los muito e a tentativa de mudar de deania, coordenação acadêmica foi para mas isso infelizmente não deu certo, na época inclusive eu havia, o Conselho havia me pedido nomes eu tinha sugerido o seu nome. "Ah, *mas ela não é pastor, mulher. Mas eu preciso de um pedagogo aqui".* Ai houve um início de, a preocupação era de trazer pastores para dentro da Faculdade, e ai não deu certo a tentativa e ai então você pode vir e assim a área acadêmica pode se desenvolver. Nós tivemos praticamente dois anos e meio com Itamir e ele se esforçou muito, trabalhou e ele foi muito dedicado, muito leal. Dois anos e meio com Elton foi muito difícil, complicado e então depois quando você veio a partir de 2002, que a gente pode atacar o trabalho da área acadêmica.

Madalena: E, nesse momento, nessas transições, quais eram os ideais, para a formação e preparos dos alunos. Que tipo de alunos se esperava formar.

Prof. Lourenço: Então, a denominação sempre espera que a gente forme um aluno, que seja um ministro prático. Então essa sempre foi a grande questão, mas quando em 1991, eu era deão da Escola eu fui convidado para dar palestra na AETAL, lá no sítio Três Poderes, Fazenda Três Poderes, sei lá, como é o nome, lá em Caraguatatuba e ai eu gastei um bom tempo estudando um pouco uma alternativa de Educação Teológica que pudesse ser abrangente e ai eu fui estudar um pouco de Lauzane e ai eu trabalhei um pouco com o conceito de Lauzane sobre O Evangelho todo pra todo homem e o homem todo. Ai eu falei como é que a educação poderia, nem conhecia os quatro pilares da Educação, mas ai eu fui trabalhar em cima, ai eu cai na Teologia, cai no conceito Missão Integral da Igreja, ai eu fui pensar no ser humano como um todo. Ai eu fiz uma palestra lá, é inclusive tinha muita gente hispânica e um intérprete muito ranheta lá e chegou uma hora que ele parou de me interpretar, então para alguns era uma palestra só, mas depois daquilo fui parei para pensar e avançar um pouquinho mais no que hoje eu tenho chamado de pedagogia integral o que eu entendi que...

Madalena: Foi no ano de...

Prof. Lourenço: 1991, eu entendi que quando eu estudei na Faculdade, havia uma pressão contra a direção na época do pastor Werner, que a Faculdade era muito acadêmica e não valorizava a área ministerial. Eu me lembro que em 1981, ele me chamou para dedicar tempo integral, claro que o salário não era integral também, mas o tempo ali era integral, para cuidar de criar, o departamento, chamado departamento praticas ministeriais, exatamente para combater essa ideia da denominação. A Faculdade de fato era muito acadêmica não tinha muito enfoque na área ministerial a não ser em algumas disciplinas. Tinha ali disciplinas de pregação, disciplinas de aconselhamento, tal. Então comecei a desenvolver esse departamento e nessa época eu senti muito calor da denominação, calor de pressão de que era preciso a Faculdade formar pastores e não teólogos. E aquilo ficou muito forte na minha cabeça e ai é, eu fui trabalhar com os pastores, mostrando: *"Olha não tem como formar pastores sem dar teologia para eles".* Ai, em 91 veio esse projeto, dar palestra. Dai comecei a trabalhar nesse projeto, como coordenador acadêmico, comecei a envolver os professores, mas sem muito sucesso, porque logicamente o pessoal estava mais ocupado em vir dar aula no seu dia etc.. Naquela época, não tinha professor de dedicação, nem nada. Então as pessoas vinham dar aula na segunda, na terça, na quarta. Era um ambiente gostoso, como creio que é hoje a Faculdade, eles vinham davam a aula deles e pronto, iam embora. Não havia essa liga que a gente vê hoje. De qualquer maneira eu fui prosseguindo nas minhas pesquisas e testando em sala de aula esse projeto. Quando eu fui embora, em Vitória, eu tinha que plantar um projeto de Educação Religiosa na Igreja, ai eu reuni um grupo de professores, pedagogos, gente que trabalhava o dia inteiro na educação,

coordenador de Colégio Batista, enfim ai nós fomos trabalhar nessa conceituação e eu senti uma reação altamente positiva deles.
Como lá eu já tinha muito mais tempo eu comecei a escrever mais, escrevi todo o projeto da igreja em cima disso. E a experiência do escolão lá em Perdizes me ajudou na parte operacional ai nós estávamos trabalhando nesse projeto criando uma consciência educacional na igreja e eu tinha que ocupar um prédio de 8, de 9 andares mais dois na área de música. Então eu tinha lá, 7 andares para eu ocupar. Então começamos a organizar toda área Educacional, a Igreja tinha 21 anos de idade, nunca tinha feito nada organizado, mas tinha o edifício totalmente desocupado, edifício de primeira linha, elevador, tudo muito caprichado. Eu comecei a criar sensação de corpo no grupo, começamos a criar alternativas e í esse projeto da Educação Integral começou a se desenvolver mais lá dentro com os pedagogos e educadores lá. Nesse entremeio, houve a saída do pastor Arthur e eles me chamaram, então fiquei lá um ano e cinco meses. Aí vim para São Paulo, e um dos pontos essenciais que a gente tinha como ideal nesta parte pedagógica, contando toda essa história para chegar, era de fato agora como diretor da Escola implantar um projeto que cada professor pudesse visualizar o aluno como um todo. Ai eu falei: *"Agora bom, agora como diretor eu acho que é mais fácil". O* outro diretor não tinha tempo, etc.. Não havia assim, um ambiente da escola. Começamos a divulgar as ideias, saiu a primeira revista teológica, peguei aquela palestra, revisei e coloquei, naquela revista teológica número 4 ou 5, não me lembro, acho que é 4, e o Itamir, não tendo uma formação acadêmica, não tinha noção de ajudar nesta parte, então fui aos pouquinhos trabalhando, ele não se importava, quando veio o Elton ele não pegou a ideia, ele queria implantar uma Educação totalmente diferente. Uma educação que até hoje eu não entendi muito, ai quando você veio a ideia então pode ser disseminada de maneira mais ampla, entendeu, e até creio que parte dela, acabou indo do nosso projeto. Então esse era um grande ideal que tinha na área acadêmica, que tinha que ser, digamos assim, introjetado na escola aos poucos até que houvesse um ambiente mais tranqüilo. E ai eu percebi que outros seminários não tinham projeto de trabalho, simplesmente tem um currículo, um estatuto, uma organização uma estrutura, um programa, mas não tem propriamente em si uma abordagem pedagógica própria que possa ser compatível com a visão cristã de educação. Então nesse sentido, pode até algum seminário talvez Paraná, ter algumas linhas de trabalho mas eu creio que não tão definidas quanto a nossa Escola tem. Isso que se expressa, claro que, você pergunta para mim: *"Será que todos os professores de hoje adotam essa abordagem?".* Não, não adotam, mas eu acho que a gente esta encantando o pessoal ao longo do tempo né.

Madalena: E a maneira como isso foi trazido para os professores? Foi nas reuniões...

Prof. Lourenço: Nas reuniões.

Madalena: De congregação?

Prof. Lourenço: De congregação, especialmente nas reuniões de congregações e reuniões de recapacitação pedagógica. Uma das coisas que eu fiz logo que cheguei, porque quando, enquanto deão eu fazia, era ter a reunião de capacitação pedagógica, também durante o semestre. Então se formar a reunião da congregação de uma reunião administrativa, também era uma reunião de apoio pedagógico para professor, e isso, mesmo na época do Itamir, o Itamir não se importava e falava também vamos fazer isso, vamos fazer, tal. Então mesmo nessa época a gente já tava fazendo isso. Isso começou a criar um senso mais de unidade com os professores. Então nessas ocasiões a gente vivia fazendo.

Madalena: Um dos focos na minha pesquisa é exatamente a questão do corpo docente né. E como eles eram escolhidos no início da sua gestão? Quais os critérios?

Prof. Lourenço: Bom, desde que eu cheguei como deão da faculdade, eu tinha que escolher professores, escolher funcionários, professores e todo mundo. O pastor não tinha quase tempo e saúde para estar na faculdade. Então eu dava relatório para ele, tinha hora que ele nem queria ouvir

relatório. Então eu tive que assumir essa função. Então, eu sempre tive alguns critérios bem definidos que depois como diretor eles permaneceram.

O primeiro é a questão de testemunho e vida cristã, quer dizer, se eles tem uma vida modelo. Locar para evitar a expressão digamos ai, não religiosa, para evitar a usar a expressão religiosa. Então se tem uma vida como modelo. Tê-lo como modelo, ter aquele professor como modelo de vida. Primeiro ponto para mim nem é a área acadêmica em si. Segundo é o envolvimento desse ou dessa professora ou desse professor, ah, no trabalho para qual eles vão preparar os alunos, que é a vivencia eclesiástica ou comunitária, será que eles estão envolvidos, será que eles são leais as igrejas, denominações, é, esse foi um outro ponto, depois a habilitação acadêmica, se eles tem habilitação, diploma correto, depois da nossa escola credenciada, se eles tem diploma valido ou não, entendeu. E depois disso, experiência didática em sala de aula, ai teria que ir para sua vida. Então estabeleci esses 4 critérios; primeiro modelo de vida; segundo lealdade a Instituição e prática seriam duas coisas mas eu tirei uma coisa só, lealdade a denominação as igrejas e se ele tinha prática naquilo que ele vai fazer. Não adianta nada o professor vir dar aula, digamos de pregação se ele é um péssimo pregador. Aula de aconselhamento se ninguém confia nele. Se dar aula de crescimento de igreja, e a igreja dele não cresce. Então a questão do respeito da denominação, respeito as igrejas, as comunidades e prática eu coloquei como um item só e depois a formação dele se a formação dele é compatível a que nós precisássemos e último a experiência dele em sala de aula, como é que se desenvolveria no ponto de vista didático.

Madalena: Teve alguma reforma curricular não, na sua gestão, nesse início

Prof. Lourenço: Não teve, nós, eu fiz questão de mexer o mínimo possível, na área acadêmica. Então eu não me lembro se houve ou se tenha havido ou não.

Madalena: Aconteceu só no ano de 2000, 2001.

Prof. Lourenço: 2001.

Madalena: É que eu tenho um registro no livro do mensageiro sobre uma reunião. Foi aquela reunião em Atibaia né, pra fechar...

Prof. Lourenço: Foi, pra fechar o currículo a matriz curricular para o projeto do MEC.

Madalena: Antes dessa não teve!

Prof. Lourenço: Não teve, não teve. Mesmo porque, a outra reforma curricular foi em 1991, que eu me lembre, então já estava na época depois de 10 anos, da gente fazer um repensar disso ai. Naquela reunião fomos: eu, você, me lembro do Silas Costas foi, Elton foi, não me lembro mais quem foi.

Madalena: Aquele médico que mora em Guarulhos.

Prof. Lourenço: João Carlos é até...

Madalena: Eliane Martinof

Prof. Lourenço: É, Eliane foi, mas eu não me lembro todos não, eu me lembro que foi um caos no transito, naquele dia até chegar em Atibaia.

Madalena: É e quando foi feita esta reforma, nessa época já com o Projeto MEC, porque lá no relatório diz que os titulares das divisões haviam participado preliminarmente é essa reunião de Atibaia era mais um fechamento. Você tem lembranças desses diretores de áreas ou coordenadores de áreas titulares que chamava.

Prof. Lourenço: É, eu não me lembro dos nomes deles não. Mas as áreas eram muitas na Faculdade, tinha Área de Ministério, Área de Teologia, Área de História...

Madalena: Área de Novo Testamento, Antigo Testamento.

Prof. Lourenço: Antigo Testamento e tal e tal, mas eu não me lembro assim, o nome deles não, mas...

Madalena: E ainda funcionava naquela época essa questão dos titulares de áreas.

Prof. Lourenço: Funcionava e funcionavam as áreas de especialização e era um grande prejuízo que eu queria mudar no novo currículo. Por que você tinha classe com 2, 3 alunos. E ai era um problema sério, que o aluno, tinha que fazer aquelas disciplinas e tinhas as opcionais da área, as opcionais gerais e eles tinham também as específicas da área que eu nem me lembro o nome...

Madalena: Era Missiologia e Educação Cristã, Educação Religiosa?

Prof. Lourenço: Não! Não! Na realidade não, não. Na Área de Teologia você tinha as áreas de especificação, o aluno ia se formar em Antigo Testamento ou em, mas recebia Bacharel em Teologia com concentração em Antigo Testamento, Novo Testamento, Ética, História da Igreja, Teologia, Ministério e tal, e tentamos, nós tentamos criar na época que eu era deão, nós tentamos criar um curso de Bacharel em Missões e Bacharel em Serviço, Bacharel em Teologia em concentração em serviço social, mas não tivemos nenhum aluno. E de missões, tínhamos muito poucos alunos. Me lembro que quando nós entramos o processo de oficialização você ainda não estava como coordenadora acadêmica e sofria ai uma pressão violenta do professor titular de missões que o Donaldo Price, porque ele dizia: *"Bom então vamos acabar com o curso de missões".* Então nós não vamos acabar com o curso de missões, nos temos que ter um curso em Bacharel de Teologia sem especialização nenhuma, para ser um curso que possa sobreviver. Depois disso ele rompeu comigo, entrou num choque violento, mas de qualquer maneira esse surto foi na época de 2000, 2001.

Madalena: Então a partir dessa época, a Instituição se concentrou realmente no projeto de oficialização, porque era inviável fazer projetos outros se não do Bacharel em Teologia.

Prof. Lourenço: Só de Bacharel em Teologia que a primeira decisão foi fazer um Bacharel em Teologia em monobloco. Teria disciplinas eletivas, opcionais que na época a gente falava, mas de qualquer maneira a gente tinha um controle maior financeiro e então, oferecerímamos nessas seletivas as possibilidades de terceirização para o aluno mas nada chamado especialização. Havia naquela época no MEC bem um conceito que hoje não existe mais, é das habilitações. Hoje as habilitações estão mais nos cursos de licenciatura, cursos tecnológicos, mas em graduação havia e bacharelado havia e ai era um problema porque o MEC considerava o seguinte naquela época, se você tem quatro habilitações o aluno vai ter que decidir, o candidato na época do primeiro ano significaria dizer o seguinte: "*Que, se você tem quatro habilitações, você vai dividir a turma em quatro grupos".*

Madalena: É demais!

Prof. Lourenço: Era um negócio assim, absurdo, absurdo, absurdo, porque ai a questão que eu perguntei foi a seguinte, me perguntava: "*Bom a habilitação de pregação vou ter muita gente, o ministério vou ter muita gente, mas a Teologia sistemática e a História da Igreja? Pouca gente! E Bíblia e Exegese !Pouca gente."* Então como é que vamos fazer? Ai nos levou a decisão de não ter habilitação nenhuma no curso. Hoje nem se toca mais, na graduação nem se fala mais nisso.

Madalena: Entrando um pouquinho, já nessa questão da oficialização, eu andei lendo os relatórios que foram, que estão no livro dos mensageiros, dessa época, e quais foram as primeiras providencias, os primeiros efeitos surgidos no corpo docente, porque ai tem um dos relatórios em que está escrito que as Instituições que não entrarem por este caminho, provavelmente não.... Não

poderá oferecer cursos de graduação. Poderão oferecer Institutos, Seminários, usar outras nomenclaturas né. E no corpo docente qual foi o efeito dessa notícia, inclusive da exigência das titulações de pós-graduação etc.

Prof. Lourenço: A notícia foi a melhor possível e porque o pessoal queria a oficialização, nós não tínhamos qualquer duvida interna no corpo docente disso.

Madalena: Você sabe que em 1958, já tinha um movimento pra oficialização.

Prof. Lourenço: Tinha

Madalena: A primeira turma da Faculdade.

Prof. Lourenço: Já tinha esse movimento.

Madalena: Eu tenho um abaixo assinado deles.

Prof. Lourenço: Eu tenho cópia também, aliás até esqueci de passar para você.

Madalena: Desse abaixo assinado.

Prof. Lourenço: Foi até, eu acho que quem me deu, aquele pastor que saiu, que movimenta esse pessoal...

Madalena: Bretones

Prof. Lourenço: O Rivas, mas em relação aos professores, o que havia era grande expectativas de vamos fazer logo. E havia um sonho e desejo e ai partimos para fazermos uma avaliação de ambiente. Então fizemos uma avaliação de ambiente: quais são a foi uma *Swat,* uma análise de risco que nós fizemos e, na época a primeira percepção que eu tive era o seguinte: "*ou a gente forma esse pessoal com mestrado ou doutorado ou não vamos conseguir."* Então já tínhamos, assim que saiu, foi dia 15 de março é que foi assinado pela Câmara de Educação Superior, dia 15 de março embora ele foi homologado dia 5 de julho ele foi assinado, foi aprovado pela Câmara 15 de março. Dia 1° de abril, isso é verdade inclusive não é brincadeira não, 1° de abril eu estava reunido com o Ulisses Paniceti, temos amizade até hoje. Ele tem 90 e tantos anos, mas até hoje, não sei se ele está vivo, eu acho que está, ele é metodista, era diretor de um colégio metodista em Belo Horizonte e ele era diretor da Câmara de Educação Básica e ele foi um dos que participou ativamente. Eu conto essa história toda, eu acho que te passei aquele texto da SOTER.

Madelena: Eu tenho, o livro eu tenho.

Prof. Lourenço: O livro é, eu conto toda..

Madalena: Está lá, eu coloquei isso.

Prof. Lourenço: Eu conto toda a história, porque até agora ninguém sabia os meamos, eu fui ao encontro da ASTE e alguém me perguntou: "*Porque aconteceu isto?"* Aconteceu isso por causa disso, disso, disso. Ah ninguém não sabia. Não sabia, mas alguém precisa ligar esse negócio. Então eu procurei ligar e ai o Ulisses marcou um encontro com o diretor da Faculdade Metodista naquela época e ele me convidou.

Madalena: Mas o Ulisses era mentor da Faculdade de Teologia da Metodista.

Prof. Lourenço: Não, não. Ulisses não.

Madalena: Ah não, o Panicete estava junto.

Prof. Lourenço: O Panicete estava junto. Ele que foi chamado pelo diretor, reitor da Faculdade.

Madalena: Isso, isso, isso mesmo.

Prof. Lourenço: É até estou tentando lembrar o nome dele. Mas tá lá o nome dele.

Madalena: É tem, eu coloquei.

Prof. Lourenço: É Tercio, não é Tércio, mas tá lá o nome dele. Aí ele me convidou, simplesmente me convidou. Eu falei: "*Puxa,gostou"*.

Madalena: E estavam outros representantes.

Prof. Lourenço: Tinham outros representantes, não me lembro quem eram os representantes, porque na realidade eu fui para a Assembleia da Convenção Brasileira em 1999, lá em Serra Negra, aqui em São Paulo e o Ágabo com o estilo dele e tal, alertador e tudo ele disse: *"Olha gente vocês estão discutindo aqui na ABIBET, a ABIBET vai ter que se atualizar, porque há um processo que está acontecendo tal, tal, assim e o Conselho Nacional de Educação..."*

Madalena: Isso você coloca aqui.

Prof. Lourenço: E ai então, aquele ano eu fui eleito Presidente da ABIBET, não tinha ninguém para ser eleito presidente. Todo mundo desistiu. Ai eu falei: "*Caramba e agora?".* Bom fiquei quieto tal, vou ver o que é possível fazer e procurei o Ágabo, e ele disse: "*Não posso dizer nada."* Mas Ágabo, tá aqui o projeto. Dá a cópia para mim rapaz. "*Não, não, isso aqui é confidencial".* Tá bom, tudo bem. Não tinha nada na mão e ai então quando foi dia 1° de abril fui nessa reunião, quinze dias depois da oficialização. Quinze dias depois, ainda não estava homologado, aí o Ulisses explicou, fiz "n" perguntas para ele, "n" perguntas. Inclusive essa, do que acontecerá no futuro. Ele me explicou e eu tornei isso público nesse relatório que você falou, e fui aos professores e esclareci tudo aos professores, não só isso, nessa época, há um ano e meio depois haveria um encontro em Manaus aí é, já nesse processo, a primeira coisa que eu descobri é que haveria a necessidade de darmos formação aos professores reconhecidos. Eu tinha graduação e tinha mestrado e não valia nada, absolutamente nada. Nesta época eu já tinha feito em Filosofia então o meu curso de graduação já estava validado e eu notei que tinha que, entrar no curso de mestrado, então aliás nessa época eu já estava no mestrado na PUC, eu acho que 99, 2000, estava no mestrado em Educação na PUC. Então eu já estava regularizando minha situação. Aí eu vi outros professores muitos já tinham mestrado na Faculdade, mas também não valiam nada e tinham graduação, mas também não valia nada e aí a primeira coisa que alertei os professores: "*Olha corram para fazer oficialização".*

Madalena: E como que foi a entrada dessa, é que na época foram nove ou dez que foram para a Metodista, né.

Prof. Lourenço: Metodista

Madalena: A Metodista abriu isso.

Prof. Lourenço: Foi assim, um dia o Elton chegou lá para mim e disse: "*Lourenço eu soube lá que a Metodista estava fazendo um contato, fazendo, tem um Mestrado em Ciências da Religião, eu tentei ver com eles, como é que seria, se eles aceitariam, a gente para oficialização que era uma questão de conversar*". Ai eu falei: "*Então vamos lá!".* Aí marcamos uma reunião, o coordenador naquela época era o Paulo, é...

Madalena: Paulo Nogueira.

Prof. Lourenço: Paulo Nogueira, cheguei lá e: "*Paulo meu nome é Lourenço".* Ah, eu te conheço e tal, eu vi artigos por ai, tudo, prazer, tal. "*Então Paulo, nós estamos com uma situação assim, assim, assim. Olha o Curso de Mestrado de vocês a gente sabe o nível de mestrado que vocês têm.*

Madalena: Ciências da Religião

Prof. Lourenço: Não, o nosso mestrado em Teologia

Madalena: Assim ele falou.

Prof. Lourenço: Se você vier aqui e trouxer os professores aqui, nós fazemos uma adaptação curricular deles e aproveitamos pelo menos os créditos que forem possíveis aproveitar. Dos professores que você já tem mestrado, ou estão cursando. Mas isso é possível. É. Mas nós temos que fazer um convênio, não, não, não precisa nada escrito. A Faculdade de São Paulo ela é tão conceituada que nós não precisamos fazer nada por escrito. Olhei para o Elton e falei: "*Olha Elton, então é isso, vamos chamar os professores".* Aí chamamos os professores e naquela época tinha o Marcelo, tinha o Jonas, tinha o Jorge Pinheiro, tinha o Itamir, tinha o Kenji, tinha o Guilherme, tinha o próprio Elton, tinha Jorge Shutz e ai foram, foram lá.

Madalena: E eles não se puseram a falta de graduação.

Prof. Lourenço: Não, não havia aquela preocupação porque, eles entenderam que como o assunto de graduação estava em fase de acerto, eles aceitavam todo mundo. Fizeram lá o vestibular, todo mundo passou e aí a nossa escola começou a ter um destaque muito grande lá. E aí alguém me disse lá da Metodista que: "*Olha os professores de vocês, fazem diferença aqui, e positiva".* Caramba isso é muito bom, mas eu comecei notar uma dificuldade, porque não era Ciências da Religião o curso de lá, era um curso na realidade misturado em Ciências da Religião e Teologia, me preocupei, porque eles tinham uma visão de uma Teologia Neo-ortordoxa, diferente da visão que nós tínhamos, de uma fundamentação bíblica. Comecei a alertar os professores. "*Estudem, se preparem, mas não buscar sua fé lá."* Tive algumas reuniões, alguns encontros ou coletivos ou em particular, vão lá aproveitem, valorizem os estudos, participem das aulas, mas tomem cuidado com isso, isso e aquilo, e todos os professores com exceção do Elton e do Jorge Shutz saíram na época, o Elton saiu, ele saiu, os dois saíram, não sei o destino que eles tiveram assim, depois do curso. Sei que hoje eles trabalham em uma Faculdade Messiânica, mas não acompanhei mais, mas os professores nossos que ficaram lá, não tiveram problemas na parte de envolvimento com a denominação, mais aí conseguimos habilitação deles. Nesse ponto eu iniciei meu doutorado lá na PUC, em Ciências da Religião. Preferi fazer na PUC porque o meu tempo era muito corrido e eu não tinha tempo de ir para lá todo dia, e a PUC ofereceu um bom projeto, que eu acabei indo para PUC. Mas nesse período começou já surgir algumas dificuldades com o público externo da Faculdade. Que, alguns obstáculos e desafios que a gente estava enfrentando porque alguns professores de outras escolas acabaram se envolvendo com uma Teologia diferente da Teologia Batista e começaram a trazer estas dificuldades. Umas dessas escolas foi Campinas, a Faculdade Batista de Campinas, isso começou a criar uma certa desconfiança dos pastores contra aqueles que se formaram na Faculdade Metodista. Que existe até hoje, e a minha grande pergunta quando questionam isso é, eu pergunto: "*Vocês não questionam a minha formação. Não! Mas eu me formei numa escola católica*." E ai o assunto para, mas de qualquer maneira o grande desafio foi esse. Mas dentro dos professores não havia, havia animo, havia uma grande busca de estudar, nesse ponto que a escola deu uma decolada muito grande na área de estudo, pesquisa, busca para aperfeiçoamento.

Madalena: Por que antes, esse, não havia essa motivação, né.

Prof. Lourenço: Não havia, todo mundo estava acomodado.

Madalena: Acomodados com seus bacharelados, com suas...

Prof. Lourenço: E vinham dar aula naquele dia da semana, como eu te disse, meu dia era terça-feria, meu dia era quarta, não me põe na sexta, fazer horário era um problema como até hoje. Mas o professor vinha, estava satisfeito, a Faculdade tinha nome. Eu era professor da Faculdade Teológica e acabou.

Madalena: Tinha por volta de trinta e poucos professores, atuando naquela época.

Prof. Lourenço: Tinha. Olha quando eu cheguei na Faculdade, nós tínhamos cem funcionários e professores. Tínhamos cerca de vinte e cinco funcionários o resto, todos eram professores então você vê setenta e cinco eram professores de música e de teologia. Não tem como te dizer eu fiz um levantamento do registro da época, quantos de teologia e quantos de música. Eu acho que de música devemos ter uns vinte pelo menos.

Madalena: E nem tinha os cursos especiais.

Prof. Lourenço: Não, não tinha. Eram três cursos só. Bacharel em Teologia, Bacharel em Música, Mestrado.

Madalena: Ainda tinha um restinho de Educação e Missiologia, eles estavam saindo.

Prof. Lourenço: É exatamente, acho que era isso. Funcionavam de segunda a sexta, só de tarde e de noite e na área de sábado, hoje eu não sei é uma questão, você sabe disso, mas chegamos a ter dezessete, dezesseis, quinze cursos no semestre funcionando de segunda a sábado. Então fizemos uma mudança nisso.

Madalena: E esse problema do preconceito externo, você acha que vai melhorar, tem melhorado?
Prof. Lourenço: Eu acho que isso vai melhorar, porque eu acredito que o problema não seja exatamente esse, o que , quando a gente vai e explica, as pessoas dizem: "*Ah, tá bom.*" Voltam a falar, existem outras razões que não são essas propriamente.

Madalena: Falta de esclarecimento.

Prof. Lourenço: É, não é falta de esclarecimento, até para o presidente da Convenção, uma conversa que tivemos agora oficial com o Conselho de Educação Teológica a liderança, é, apresentou questionamento de um pastor e eu falei para ele: "*É mais você precisa esclarecer".* Olha eu falei: "*Já estou cansado de publicar isso no livro do mensageiro, publicar em jornal da Convenção etc.".* E, o problema é outro, não é esse. Entendeu o problema realmente pode ser atribuído a ciúmes, inveja a outras questões mais passionais do que propriamente estas racionais. Então eu tenho a impressão ... e mais a gente, eu percebo claramente que diretores de outros seminários que não consegue oficialização, também espalham essa notícia né, então isso. Mas que eu acredito que a gente deve continuar esclarecendo e tocar para frente, não adianta a gente ficar, digamos, assim batendo nisso. Estou preparando agora uma ideia de relatório para o livro do mensageiro repetindo um pouco a dose do que nós já fizemos no passado, dando pequenas frases de declaração e fé de professores, mas o relatório mais combatido, mas ao mesmo tempo digamos cordial, né. Estou preparando esta ideia agora tendo em vista as colocações que o presidente da Convenção fez, mas isso vai continuar eu acho que. E o MEC é hoje totalmente mudada em um único contato que nós temos hoje no MEC é um conselheiro do MEC que está cuidando das diretrizes e a preocupação com a nossa educação hoje é com outras áreas demandam mais que Teologia então não devemos esperar qualquer modificação quanto a Teologia do MEC pra já a não ser que alguém lá do Conselho Nacional de Educação levante a bandeira. Mas não penso que temos grandes novidades.

Madalena: Fora esse, essa movimentação dos professores na busca de cursos pós graduados, foram tomadas outras providencias pra oficialização.

Prof. Lourenço: Foram tomadas providencias de conhecer a legislação onde nós contratamos a Dra. Dulce para que ela pudesse nos ajudar via Elon. Procuramos sentar com o Elon também diversas vezes para conhecer agora as implicações legais e tivemos que tomar providencias de alterações no Estatuto que eles exigiam uma mantenedora e, a Faculdade ela deveria desaparecer como personalidade jurídica então esse aspecto jurídico deu muito trabalho, só isso aí levou quase praticamente um ano. Nós tentamos fazer uma incorporação na Faculdade, pelo CETM, graças a Deus não deu, graças a Deus, o cartório não aceitou de jeito nenhum, só isso nos levou um quatro meses. Aí veio o problema naquela época o Valdo era assessor jurídico da Faculdade, aí veio o problema o que vamos fazer então, tem que ter a mantenedora, temos que ter nome jurídico. Ah, e nessa ocasião nós conseguimos é eu fui estudar como é que outras escolas fizeram. Liguei de novo para Ulisses Panicete, para casa dele e falei: "*Ulisses como é que vocês resolveram isso na Igreja Metodista?".* Aí ele me explicou algumas ideias, me deu umas dicas, ah, e aí então, ah fizemos o seguinte, fizemos uma alteração da razão social, uma coisa tão simples. E, quer dizer, vamos manter o Estatuto, vamos fazer uma consolidação no Estatuto, mudando radicalmente, aí já foi a época que você chegou, nessa época você já estava entrando na escola eu estava finalizando esse processo. Aí então, fizemos uma providência jurídica para ajustar. Outra providência foi a definição da natureza da Faculdade, porque a Dra Dulce deixou muito claro que as decisões passariam a ser pela mantenedora: de admissão e demissão de funcionários estrutura da escola e tudo, eu falei para ela: "*Olha...".* Aí você já estava na reunião. "*Falei, nós temos um grave problema, que a nossa mantenedora ela se reúne a cada três, quatro meses para ouvir relatório e não quer saber do restante, se eu for depender dela para contratar funcionários, demitir funcionários, não dá"*. Aí novamente reuniu o Elon, Valdo, conversamos então foi um providência administrativa de ser delegado ao diretor da Faculdade como está no Estatuto. Então além da providência digamos docente, nós temos a providência jurídica a providência também gerencial e as outras duas grandes providências que tivemos. Paralelamente a isso, você foi providenciando uma revisão completa da matriz curricular nesse ponto eu fiz questão de participar o mínimo possível para dar a escola possibilidade de desenvolver um projeto colegiado.

Madalena: E também para efeito de registro, nessa época dessa busca dos professores de curso de pós graduados, a Faculdade os auxiliou.

Prof. Lourenço: Sim, foi, foi. Aí foi o seguinte, ah, quando a Convenção organizou seis conselhos de áreas, é, era uma boa ideia.

Madalena: Convenção Estadual

Prof. Lourenço: Convenção Estadual, mas aí perceberam que a área de Educação Religiosa, criar o Conselho e você não dar suporte esperar que funcione, não adianta. Então foi isso que aconteceu criaram Conselhos de Educação Religiosa de Educação Cristã, chamada de Ação Social, de Música Sacra etc, etc. Aí a Convenção ia tomar uma decisão a respeito disso. Aí o diretor executivo daquela época da Convenção Pr. Vieira me chamou. "*Você acha que dá para a Faculdade assumir o Conselho da Educação e de Música, alias o Conselho da Educação Cristã."* Porque a Faculdade desenvolve essa atividade, eu falei: *"só com uma condição?".Qual é a condição? Que a gente absorva também o Conselho de Música*. Aí fiz um projeto mostrando como a Faculdade poderia ajudar os Conselhos de Educação Teológica poderia ajudar. É, nesse ínterim, aí, o Conselho de Ação Social ia para o colégio, mas nem foi. Porque estou contando isso? Estou contando isso, porque cada Conselho desse tinha verba. Cada Conselho desse tinha três por cento de verba, ou um e meio por cento de verba no mínimo. Então na hora que foi se decidir orçamento, naquele ano que se fez a mudança de estrutura, eu levantei e disse o seguinte: *"Olha, espera um pouquinho, se a Faculdade vai economizar de três a seis por cento, porque o Conselho de Educação Teológica não tem um e meio por cento de verba dedicada a formação docente?".* Aí, não havia como ninguém discutir contra, aí aprovaram. Aí então nós arrumamos verba de um e meio por cento foi suficiente ao mês para a gente dar cinquenta por cento de bolsa de estudo para os professores. Aí eles correram atrás, correram atrás de igreja, de mantenedora dos outros cinquenta por cento. Mas aí nós descobrimos

que também é, eles não precisariam de correr atrás, porque pelo menos no primeiro ano o curso era de dois anos de Mestrado, e quatro de Doutorado. No primeiro ano, a Faculdade Metodista estava dando uma bolsa de cinquenta por cento, aí eles se prepararam para o 2° ano. Então o primeiro ano era moleza, tranquilo. O CETM dava cinquenta por cento de bolsa e eles tinham o outro cinquenta por cento. E assim foi que nós conseguimos vencer esta questão financeira.

Madalena: Isso porque é importante que se fique registrado né. E os professores que não aceitaram as mudanças?

Prof. Lourenço: É, olha eu ...

Então foram pouquíssimos, foram poucos, na realidade eu me lembro de um professor que não quis se envolver, muito competente que era o Augusto na História da igreja, chamei, incentivei, conversei. Eu me lembro só desse caso, mas eu não me lembro, mas você deve lembrar de outros, mas não havia resistência, não me lembro de alguma resistência, havia desejo, vamos correr atrás entendeu. Mas acho que mais um ou dois professores não quiseram se preparar, mas acho que também o Aroldo Rico não quis se preparar. Ele ficou lá na Penha, e tanto que quando nós tivemos que demitir o Augusto ele falou: "*É eu sabia que ia chegar esta data".* Mas porque você não se preparou? *"Ah, eu não tive interesse, eu não tô a fim, tal".* Mas foi o único caso, não houve assim qualquer resistência interna não.

Madalena: Mas de alguma forma eles resistiam ao próprio peso, a própria responsabilidade de uma pós-graduação ou pelo fato de essa pós-graduação estar sendo oferecida com mais facilidade na Metodista e havia essa questão doutrinaria aí que eles nem queriam enfrentar, ou não gostariam de tratar.

Prof. Lourenço: Não, é os professores nem se importaram muito com isso na época não. Porque a única alternativa que tinham era a Metodista, não tinha outra.

Madalena: Era esta.

Prof. Lourenço: E hoje inclusive eu menciono aos léíeres batista me questionam eu menciono assim: *"Vocês não preparava a denominação para isso, nós tivemos que ir até onde era possível, o que era preciso fazer preventivamente eu fiz.* Tanto que nossos professores nunca se desviaram da lealdade denominacional, entende. Agora não posso ser responsável por outras escolas, então a, digamos os professores não se importavam com isso não, eles estavam lá, estudando, envolvidos eu acho que muito deles começaram a amplificar a sua biblioteca nesta época.

Madalena: Essa é uma pergunta que eu queria te fazer, que mudanças você notou no corpo docente.

Prof. Lourenço: Ah, a sede de estudar, a sede de trabalhar, de pesquisar de fazer novas descobertas, entendeu? E interesse em ampliar a Biblioteca, isso foi muito grande, interesse em fazer outros cursos NE. Eu do ponto de vista digamos não só da docência, mas do ponto de vista geral eu acho que a oficialização trouxe para a Faculdade uma nova vida, uma nova perspectiva uma nova esperança, apesar de todas as exigências e custos que isso nos tem trazido eu acredito que hoje nós temos condições de olhar para traz e ver que não erramos.

Madalena: Isso seria uma mudança de identidade, em alguns aspectos.

Prof. Lourenço: Sim, com certeza.

Madalena: E não macularia a Faculdade em relação a questões doutrinárias.

Prof. Lourenço: Nem um pouco, eu não vejo problema nenhum da Faculdade ter dificuldade doutrinária, é digamos em relação a denominação, acho que os professores são leais. Não ficamos em sala de aula vigiando, mas de qualquer maneira a Faculdade do ponto de vista lógico de fatos a

Faculdade tem, só teve a que ganhar, mais ainda a hora que eu recebo lá na Convenção, agora em janeiro, olha que eu recebo cópia que o Anderson me mandou de R$190.000,00 (cento e noventa mil reais) de cobrança de IPTU, dos quais mais de dois terços (⅔), a Faculdade que teria que pagar eu o olho para Faculdade, olho aqueles três pareceres: parecer de credenciamento, parecer de autorização, portaria aliás, portaria de credenciamento, autorização, portaria de reconhecimento olho para traz três portarias e falo: *"Taqui oh, não precisamos pagar".* Quer dizer, o que eu preciso mais que teremos que pagar você divide aí por três 190, dá R$130.000,00 (centro e trinta mil reais), quando eu vejo que estamos economizando, praticamente mais do que metade de um mês de orçamento nosso, quer dizer, pra que mais?

Madalena: Então de alguma maneira você percebe que o corpo docente, inclusive na atuação em sala de aula, teve um *up.*

Prof. Lourenço: Teve um crescimento em sala de aula, porque além disso a avaliação docente ela se tornou oficial, nesse caso o seu trabalho como Coordenadora Acadêmica também veio trazer grandes benefícios a escola, principalmente para recapacitação docente e a reação dos professores que eu vejo nas recapacitações é um desejo de aperfeiçoamento. Então, veja bem, você tem um desejo de aperfeiçoamento didático, desejo de conhecimento pedagógico de como se aprende e um desejo maior de levar conteúdo para os alunos, entendeu? Experiência prática também para os alunos. Claro que houve uma mudança também de perfil de aluno, eu acho que eu, eu noto hoje a presença de gente mais nova na escola, gente que antigamente primeiro fazia um curso e voltava, hoje já faz o nosso curso porque já tem reconhecimento. Então eu noto a presença de muitos jovens e noto nesses jovens não sei se você percebe que muitos deles já têm professores como ideias na vida deles, coisa que na geração anterior, eu acho que essa última turma que se formou representaria muito fortemente essa geração, uma geração muito crítica e muito destrutiva, muito guerreira, mas sem trazer ideais, essa geração que eu vejo nova, essa geração que o pessoal chama de y eu tenho um esperança um pouco diferente neles né, porque eles parecem que querem aprender, querem estudar. Claro que dentro das limitações deles, mas eu vejo que a uma mudança não só no corpo docente mas também no perfil do alunato.

Madalena: Olhando a partir de hoje, dos dias atuais, pra trás você vê que a Faculdade está dentro dos ideais ou propósitos originais mesmo sendo uma Instituição oficializada?

Prof. Lourenço: Eu creio que sim, até poucos dias eu estava visitando o Pr. Bertoldo que perdeu um rim, e comentava com ele sobre os ideais antigos da escola e formação de gente séria, formação de uma visão mais integral do ministério e formação muito profunda em termos acadêmicos né, eu diria para você que olhando, vamos dizer olhando a década de 70, quando eu entrei na escola até hoje com exceção de um pouco de turbulência na época do Arthur, que ele foi colocado lá, aí é uma outra história, só lamento que ele não está vivo hoje, porque eu contaria esta história junto dele NE. Ele foi colocado lá pela pessoal da época, é pra tornar a Faculdade uma escola eminentemente prático pastoral, não queria, não se queria nada acadêmico e isso ele disse pra mim claramente. "*Eu vim aqui com uma missão de tirar a área acadêmica, visão de reflexão e dar a escola uma visão prática de uma escola ministerial".* Claro que não foi exatamente com estas palavras, mas foi, em resumo foi isto essa missão que ele recebeu, mas com exceção desse período eu acho que a Faculdade ela mantém os seus ideais. Eu vejo a Faculdade com exceção desse período de turbulência, como uma grande corrida de revezamento que você vendo a história inicial, Enéas Tognini, o Lauro Bretones depois o professor Bryant com todas as dificuldades de pressão que ele tinha da junta dele Richmond, depois o Werner entrando mesmo quando o Arthur estava, a gente procura manter estes ideais, acho que há uma linha, se for ver há uma linha de conexão entre os ideais da escola, né. Então, eu acho que com a oficialização o que nós fizemos foi consolidar e solidificar. Hoje a Escola, digamos, ela é consolidada, ela é referência, referencia inclusive é, não só no nosso meio, aliás a nossa Escola ela é até referência fora do nosso meio. É referência entre outras denominações, referência na Igreja Católica, referência na igreja Luterana, Metodista, Adventista na Faculdade Umbanda, como é que você sabe, ela é referência. Então, digamos, outro dia eu recebi um e-mail da

Palavra da Vida, não sei se mandei uma cópia para você do menino lá que fazendo perguntas do que vai acontecer no futuro? Então acho que a nossa Escola é referência nesse sentido. Creio que a oficialização solidificou e consolidou os seus ideais.

Madalena: A alguma coisa que você gostaria de acrescentar que não estivesse nesse roteiro de perguntas?

Prof. Lourenço: Olha, eu acho que está bem abrangente, eu acho que está bem...

Madalena: É a ideia era realmente fazer a observação desses, desses três, esses três blocos né, o início da gestão, trabalho acadêmico e a ofocialização.

Prof. Lourenço: Eu tenho um grande sonho né, eu acho que eu não se eu vou conseguir realizar, ou outra pessoa, que é nós termos na Faculdade é, professores de dedicação, realmente de dedicação, quer dizer, que a gente tenha condições salariais de melhorar o perfil salarial da Escola temos uma equipe, a técnica administrativa e da equipe docente. Meu sonho não é que você só tenha professores lá que só são acadêmicos, não, que sejam envolvidos na igreja, na prática ministerial. Mas que sejam professores, por exemplo, de dedicação integral, dedicação integral com salário integral, que tenha condições de uma, de ter, e possuem dedicação parcial também. Mas professores de dedicação integral também, que possam ter um envolvimento eclesiástico, comunitário, ou em áreas específicas em vista de ponto da Teologia. Claro que a gente também espera que a gente consiga concluir aquele prédio, ampliação da biblioteca e tendo mais espaço e mais acho que antes disto se a gente conseguisse ao nosso limite de alunos, termos aí alcançar os limites, quando nós fizemos o cálculo de oitenta alunos no primeiro semestre e quarenta no segundo, nós hoje não alcançamos isso por uma série de fatores é, especialmente pela existência de escolas clandestinas, não digo escolas de Teologia, escolas, digamos assim, intencionadas de serem clandestinas mesmo, quer dizer, oferecem cursos baratos, ilegais, oferecem integralização no último ano.... Então, eu acho que isso contribui, é ausência, hoje eu tô batalhando muito, é uma batalha difícil, talvez até em glória, até arriscada, é, eu trabalho muito para que a denominação subsidie. O mundo inteiro tem curso der Teologia subsidiária, e o contato que nós temos hoje com a *Overseas*, ele é muito bom, porque nos dá uma visão mundo, não da uma visão só nossa. E o relatório que a *Overseas* dá, é que as Escolas são subsidiadas entre sessenta a quarenta por cento, eu vou colocar cinquenta por cento que é que eu sempre falo, então você imagine é, hoje nós cobramos seiscentos e oitenta quatro reais em uma mensalidade, agora eu acho que aumentamos um pouco mais esse ano mas de qualquer maneira o curso não está caro acontece que mas muita gente não tem condições de pagar. Acontece que quando eu encontro um curso deste clandestino que vai me pagar cento e oitenta reais numa mensalidade trezentos reais certamente vão preferir o mais barato, mas hoje já se notam a qualidade final do aluno, eu fui abordado duas vezes na Convenção de Foz de Iguaçu por Lideres de uma região aqui de São Paulo, da Zona Leste em momentos diferentes, nenhum sabe que o outro me procurou, entendeu, e eles queriam que nós intervíssemos o seminário deles em Itaquera. Eu já contei essa história para você, mas vamos registrar na gravação. É, eles me disseram os dois, pelo que me lembre foram os dois: *"Nós não aguentamos mais pastores formados no seminário nosso de Itaquera, só dão problemas."* Essa foi a expressão deles: "N*ão tem qualidade, são muito prepotentes, são arrogantes, altivos e não tem conhecimento bíblico e teológico, só dão problemas para gente" . Agora* isso ao longo do tempo o pessoal vai descobrindo, enquanto isso o estrago vai sendo feito, então mais, eu diria para você, o terceiro sonho que eu tenho hoje, seria conseguir que denominação invista em Educação Teológica.

Madalena: O primeiro e o segundo?

Prof. Lourenço: O primeiro sonho é nós termos professores dedicação que tenham também um salário compatível, ter mais professores, o meu sonho é que todos os professores, ou seja, de dedicação total, integral ou parcial, mas todos dediquem tempo a Faculdade. E de vez em quando convidemos ou por exemplo o pastor Ernani que pode nos ajudar aos sábados,um Sayão, certo que

não tem como deixar a igreja, entendeu, mas o nosso digamos noventa e cinco por cento de professores. O segundo sonho é termos aí uma ampliação, uma conclusão do edifício e a ampliação da biblioteca especialmente, um espaço para trabalhar, mais sala para professores terem o seu cantinho. E o terceiro sonho é que a gente tenha mais fundos, mais receita, eu acho que na minha opinião a denominação teria que fazer pelo menos que trinta ou quarenta por cento da nossa receita deveria vir a denominação. É um sonho meio irrealizável, mas que nos ajudaria, financeiramente e seria digamos justo inclusive. Eu acho que isto mais.

Madalena: ok. Eu agradeço então professor Lourenço, por essa entrevista e creio que vai ser de grande utilidade para o trabalho que a gente está realizando.

Prof. Lourenço: Muito sucesso lá, é

Madalena: Está dando trabalho, mas eu acho que vai ficar bom.

ENTREVISTA 02 j - MARCELO DOS SANTOS OLIVEIRA

A entrevista realizada com Prof. Marcelo de Oliveira Santos aconteceu no dia 13 de junho de 2012 numa sala da Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Prof. Marcelo atua como docente há 12 anos na área de História da Igreja Cristão. A formação do professor está no texto da entrevista. Prof Marcelo é natural do Rio de Janeiro e teve sua formação graduada no STBSB.A entrevista com Pr. Marcelo foi muito interessante e trouxe informações importantes sobre a condição atual do campo da Teologia e do professor de Teologia quanto à sua formação.

Profª Madalena: Então só pra registrar eu faço as perguntas, só pra você ver. É eu to aqui na Faculdade Teológica, hoje é dia treze de junho de dois mil e doze. Estou conversando com o professor Marcelo Santos. Então Marcelo é assim, eu to fazendo uma história, uma pesquisa histórica. Estou pesquisando a história da Faculdade e sempre me interessou é... ah... as impressões dos professores após a oficialização. Então pra isso eu peguei o referencial teórico de história das Instituições muito trabalhado ali pelo pessoal da UNICAMP tá, meu orientador é dessa área então é... eu pesquisei os dez primeiros anos com foco na formação docente e agora estou pesquisando os dez últimos anos de noventa e nove a dois mil e dez sobre o período da oficialização, tá. Então me importa conhecer as... os movimentos em relação a formação docente dos professores nesse período. Então esse primeiro bloco são as perguntas preliminares.

Profª Madalena: Qual a sua idade ao ingressar na Teológica, como professor?

Prof. Marcelo Santos: Minha idade, desde dois mil, dois mil e doze, doze anos, trinta e um, trinta, trinta e um anos.

Profª Madalena: Doze anos

Prof. Marcelo Santos: É tem doze anos com trinta e três, quarenta e três, trinta e um, trinta e um.

Profª Madalena: É eu cheguei em dois mil.

Prof. Marcelo Santos: Trinta e um.

Profª Madalena: Você está com. Quando você começou você tinha?

Prof. Marcelo Santos: Acho que tinha trinta e um porque eu cheguei...

Profª Madalena: Trinta e um

Prof. Marcelo Santos: Os últimos meses do Elton.

Profª Madalena: Ham, ham.

Prof. Marcelo Santos: Em dois mil...

Profª Madalena: É eu cheguei...

Prof. Marcelo Santos: Você chegou em dois mil, não foi?

Profª Madalena: Em dois mil e dois.

Prof. Marcelo Santos: Em dois mil e dois, então foi dois mil.

Profª Madalena: Junho eu completo agora dez anos.

Prof. Marcelo Santos: É isso mesmo.

Profª Madalena: Passa rápido

Prof. Marcelo Santos: Trinta e um anos.

Profª Madalena: Ah... você mora muito distante da Teológica?

Prof. Marcelo Santos: Moro.

Profª Madalena: Você tem carro próprio ou usa outro tipo de condução para chegar aqui?

Prof. Marcelo Santos: Eu tenho carro, mas eu uso as duas coisas. As vezes venho de carro, as vezes dependendo do dia do transito.

Profª Madalena: Esse é um empecilho, uma dificuldade pra você a distância?

Prof. Marcelo Santos: Até que não, pela liberdade que eu tenho de tempo... a minha autonomia na igreja me gera... é ruim pra voltar quando eu venho de carro...

Profª Madalena: A tarde, a noite.

Prof. Marcelo Santos: A volta é ruim quando não venho de carro, mas geralmente a maioria das vezes eu venho de carro, quando eu não venho, é ruim.

Profª Madalena: Você pega ônibus e trem, ônibus e metrô?

Prof. Marcelo Santos: Metrô.

Profª Madalena e Prof. Marcelo: Ônibus e metrô.

Profª Madalena: Ham, ham. A atividade docente lhe dá um retorno financeiro suficiente pra cobrir suas despesas?

Prof. Marcelo Santos: Não!

Profª Madalena: Então você tem outra atividade?

Prof. Marcelo Santos: Tenho outra atividade, não poderia viver só de docência hoje não.

Profª Madalena: E além de professor qual é essa outra atividade?

Prof. Marcelo Santos: Eu sou pastor, eu sou escritor... da onde vem minha renda, pastor/ministério, como escritor, de palestra do que eu faço de aulas, em outros institutos. Não faculdades, como Hagai por exemplo.

Profª Madalena: Coisas, módulos temporários...

Prof. Marcelo Santos: São cursos avulsos, palestras.

Profª Madalena: Então você viveu as mudanças em relação à oficialização dos cursos de Teologia da Faculdade como você pensa a oficialização dos cursos de... do Curso de Teologia?

Prof. Marcelo Santos: Eu acho que foi muito positivo, eu acho que na minha visão foi extremamente positivo apesar de todo processo que a gente viveu, eu vejo mudanças muito claras nesse processo eu acho que mudou pra melhor, ah... eu que to aqui... o processo valorizou tanto mais, tanto professor quanto aluno nos aspectos ... têm muito mais aspectos positivos do que negativos se é que

eu posso lembrar de algum negativo mas eu vejo essa oficialização importante para valorizar o curso, valorizar a Instituição e valorizar até mesmo ah... me valorizar como professor.

Profª Madalena: É quando você tá dando... falando isso, você tá falando em relação a essa Teologia, mas como você vê também a oficialização da Teologia...

Prof. Marcelo Santos: Ah... da Teologia como um todo...

Profª Madalena: Do curso de Teologia. Não, também tá valendo essa, essa abordagem sobre essa...

Prof. Marcelo Santos: Não! eu acho também importante, na verdade o Teólogo antes do processo de oficialização ele era o quê? Ele era um Teólogo. O que era ser um Teólogo? Era um negócio meio, que você não tinha nenhuma carreira. Você era Teólogo... é um negócio que no Brasil, NE, eu não sei os católicos mas o nosso nicho que é os protestantes não dizia muito nada. Ser Teólogo, as pessoas ah... *"Você é pastor então".* Né então, a ideia de pensar, no pensar Teológico, a produção. No meu caso historiador da área de Teologia, isso era então ... a oficialização de Teologia, da Teologia contribuiu pra, eu acho que assim, para identificar e demarcar o que é Teologia, no espaço do conhecimento e até no espaço geral, até na própria, nas comunidades, a instituição religiosa protestante, definir o papel do Teólogo, qual é a função do Teólogo e diferenciá-lo até da função do pastor, que pastor é Teólogo, não necessariamente... aliás o Teólogo pode ser pastor mas nem todo pastor necessariamente é um Teólogo, então, acho que a oficialização deu essa cara disse olha aquele que pensa Teologia.

Profª Madalena: Você tá entendendo então quem que é Teólogo é aquele que produz a Teologia?

Prof. Marcelo Santos: Produz Teologia, ele pode até, é chegar a práxis, mas não necessariamente, acho que a atividade pastoral ela é distinta da Teologia, camarada pode ser pastor mas não ser um teólogo, ser um prático, pragmático, mas não ter capacidade de reflexão de construção...

Profª Madalena: Hum, hum.

Prof. Marcelo Santos: Agora eu acho que, a contribuição do curso principalmente é isso de definir claramente, porque antes da oficialização na minha visão era uma coisa muito confusa, na verdade, o Teólogo era quem? Era o senso comum de que Teólogo é pastor.

Profª Madalena: Hum, hum.

Prof. Marcelo Santos: O camarada que dirige uma igreja ele não é Teólogo.

Profª Madalena: Entre os evangélicos?

Prof. Marcelo Santos: Entre os evangélicos né. Agora e no mundo acadêmico era algo que você entendia Teólogo algo ligado ao catolicismo. Teólogo católico... teólogo católico era o camarada que vive a vida dele pra aquilo. Se dedicou ao sacerdócio.

Profª Madalena: Reflexão...

Prof. Marcelo Santos: Reflexão, ele foi para o seminário católico, dedicou a vida dele e ele é um pensador. Agora no mundo evangélico isso é um negócio meio... tanto que a gente não tem Teólogos, agora na minha visão, um primeira geração ainda de Teólogos Brasileiros estão surgindo, ainda alguns que já eram...

Profª Madalena: Hum, hum.

Prof. Marcelo Santos: Mas não eram reconhecidos como tal.

Profª Madalena: Ok. Ah... Você tem formação em outros cursos de graduação que não a Teologia?

Prof. Marcelo Santos: Tenho, História. Minha graduação é em História e História de Teologia. Graduação em História.

Prof[a] Madalena: Hum, hum. E como é que foi a sua formação pós graduada?

Prof. Marcelo Santos: Pós graduada, fiz o mestrado na Universidade Metodista em Ciências da Religião e tô agora no processo de ingresso do Doutorado em Teologia. Minha ideia é fazer minha graduação em História minha pós graduação em Ciências da Religião, doutorado...

Prof[a] Madalena: Mestrado.

Prof. Marcelo Santos: Mestrado e doutorado, tô ingressando na área de Teologia ... _____ transdisciplinar e eu não fiz uma pós graduação. Tenho até vontade de fazer e tal, mas não... fui direto pro mestrado.

Prof[a] Madalena: Hum, hum. E nesse momento da oficialização desse curso aqui, você gostaria de mencionar algum impacto provocado em você como pessoa no processo de oficialização no curso de Teologia, ou essa busca pela pós. Essa busca pela pós graduação ela foi provocada a partir daí?

Prof. Marcelo Santos: Foi provocada pelo... já tinha, tinha... tanto que a minha, minha... meu mestrado na Metodista ele veio antes da minha graduação de História. Comecei a fazer a muito anos atrás, parei a minha graduação e fiz Teologia e aí fiz a... comecei o mestrado no Rio e fiz a... o mestrado depois essa segunda graduação, que é a graduação em História então na verdade o que me levou a essa, esse mestrado, a essa pós graduação, foi o processo de reconhecimento acabou me empurrando no aspecto positivo e motivando e desafiando dentro... o impacto me causou foi essa...

Prof[a] Madalena: Como pessoa...

Prof. Marcelo Santos: Como pessoa. De aperfeiçoamento mesmo, estudar mais, melhorar a qualidade. Você acaba tendo uma motivação maior, uma responsabilidade maior, querendo ou não! Entendeu? Curso livre é... aí em todos os aspectos financeiro, você não tem a valorização adequada, você acaba não dispendendo tempo adequado porque você não tem.... então por exemplo: eu não tenho condições de dispender pro magistério hoje, mas é muito diferente por exemplo quando não era reconhecido, quando não havia essa estrutura etc... Então a própria Instituição não tinha condições disso então o tempo que eu dedicava era muito menor do que eu me dedico hoje, porque eu precisava me dedicar a outras coisas até por questões financeiras, então era uma coisa mais, vamos dizer, vamos dizer voluntária, mas era bem ministerial não era tão profissional. Então o impacto em mim causou se eu posso usar essa expressão, a oficialização me ajudou aqui na Faculdade a me profissionalizar, a ser mais profissional, não que eu não fosse mas a postura, prazos, me preocupar mais com documentos e leva a coisa... isso muda entendeu? Pra mim mudou.

Prof[a] Madalena: E o impacto provocado em você como professor?

Prof. Marcelo Santos: Como professor eu acho que assim particularmente é uma questão da auto estima como professor. *"você é diferente!".* Você dá ... uma Instituição reconhecida pelo MEC, isso pra mim pessoalmente faz diferença. As pessoas... engraçado como eu nem me dei conta disso, as pessoas percebem a diferença, te valorizam ... eu como professor me levou por exemplo a crer e a buscar uma excelência maior, a qualidade das aulas você acaba investindo mais, você acaba querendo... é uma relação de reciprocidade né, quando você tem responsabilidade maior, desafio maior, então ... como professor eu acho que o ensino e a pesquisa até em sistema de doutorado né. Não parar pra.... conhecer mais. Eu fui fazer outros cursos, por exemplo: o próprio Haggai, um curso

de liderança de andragogia, heutagogia foram cursos que eu fui fazer pra trabalhar com adultos e usar informação.

Profª Madalena: Então você acredita que todo esse processo trouxe contribuições?

Prof. Marcelo Santos: Praticamente pra mim sim. Motivou, eu acho que no formato anterior do curso livre não tive motivação, até gostava mais, não tinha. Onde eu vou usar isso? No curso livre? A relação custo benefício até de investimento financeiro porque são cursos caros... Então hoje há uma motivação mais renovada, vale a pena investir e fazer um curso porque há retorno, há um suporte da própria Faculdade e a estrutura querendo ou não, a pessoa trabalha de carteira assinada, essas coisas que parecem básicas, mas dão de certa forma, dão uma certa tranquilidade pra você investir.

Profª Madalena: E você acredita que a sua atuação em sala de aula mudou então depois dessas formações?

Prof. Marcelo Santos: Ah... eu acho que mudou inevitável não mudar, pra mim pelo menos é inevitável não mudar. Eu... não que eu mudei o estilo dela, mas a qualidade das minhas aulas mudaram não por causa do reconhecimento, o reconhecimento acabou me motivando a me aperfeiçoar.

Profª Madalena: Hum.

Prof. Marcelo Santos: Então esses cursos abriram a minha mente pra coisas que eu não conhecia, são coisas desde questões metodologias como andragogia e heutagogia, como questões de comunicação... por exemplo, fui fazer curso de comunicação, uso de power point, ferramentas de vídeo, acabei... isso me ajudou. Então eu fazia o mesmo tipo de aula mas, acabei especializando, aprofundando.

Profª Madalena: Amplia né? Você se considera um professor estudioso e bem preparado?

Prof. Marcelo Santos: Ah, eu acho que sim. Eu gosto de estudar, eu me cobro muito. Não sou um professor formal, meu estilo sou um professor informal, mas eu procuro tá preparado, saber o que está acontecendo, me preparar para as aulas.

Profª Madalena: Hum, hum.

Prof. Marcelo Santos: Né, eu não tenho padrão formal, didático formal no sentido de professor construtivista, conteudista, não sou conteudista, mas eu sou um mais um professor de processos, tanto é que eu na pela minha disciplina, não sou um professor de decoreba mas eu procuro... até por isso acaba sendo um desafio maior que eu abro um espaço maior, até de um risco maior, de dizer e você não saber, mas também não tenho problema de dizer, *"não sei, vou procurar..."*. Mas eu acho que, que... acho que sim, acho que sim... pelo que dedico hoje é...

Profª Madalena: Ok. Agora um pouquinho sobre atuação profissional. Você conhece os critérios de seleção dos professores aqui da Faculdade?

Prof. Marcelo Santos: Eu conheci... assim eu imagino que sim, porque eu ao um tempo atrás quando eu entrei aqui eu acho que estava iniciando o processo do MEC, não lembro exato mas eu não sei o processo... eu não passei dentro desse processo do MEC, mas eu sei que tem processo de entrevista, eu não sei o processo assim se você me perguntar etapa por etapa eu não sei, né. Mas eu sei que tem um processo de currículo que passa pela coordenação acadêmica, centro de formação, eu sei que tem toda uma avaliação criteriosa que é feita. Até onde eu saiba. Pelo menos comigo foi assim, eu mandei um currículo, me chamaram para entrevista, e aí tinha um outro professor da mesma disciplina, enfim. Eu não sei te dizer passo a passo, faz isso, isso e isso.

Profª Madalena: E você lembra como você foi convidado?

Prof. Marcelo Santos: Eu lembro que recebi um convite na época o deão acadêmico pra mandar o meu currículo, sem nenhum compromisso.

Profª Madalena: Você não morava em São Paulo ainda?

Prof. Marcelo Santos: Morava, morava.

Profª Madalena: Morava.

Prof. Marcelo Santos: Eu tinha me mudado pra cá. Morava até próximo... até no bairro da Faculdade e já dava aula nessa área um dez anos, há uns oitos anos, dez ou nove anos... não, sete anos, já dava aula no outro Estado, do Rio de Janeiro, quando eu vim, e no Espírito Santo e aí quando eu cheguei já tinha esse histórico eles me conheciam como professor de História, então a Faculdade pediu que eu mandasse um currículo e deixasse. E aí eu mandei um currículo e no semestre seguinte, e no outro semestre aí me convidaram pra uma entrevista, pra conversar com o diretor na época fulano de tal e aí eu comecei com uma ou duas disciplinas e até uma que não era na minha área História, era na minha área geral, Sociologia e esse foi meu processo.

Profª Madalena: E nesse tempo, quais foram as suas primeiras impressões como professor da Faculdade, assim que você chegou?

Prof. Marcelo Santos: Será que eu lembro disso...

Profª Madalena: (rsrsrsrs)

Prof. Marcelo Santos: Eu não me lembro. Assim era uma referência, né. Eu acho que a Faculdade Teológica desde que eu... quando eu era aluno no Rio ainda, da outra Instituição, a Faculdade Teológica era uma referência no Brasil junto com essa outra Instituição na época lá no Sul lá. E com a decadência, dregingolada, de lá, a Faculdade lá no Rio que_____ uma instituição de referência, de professores que passaram por aqui, histórico dela e tal. Então pra mim essa impressão que eu tive, era um ambiente tranquilo, eu achei a sensação que eu tinha que faltava estrutura, faltava infra estrutura, faltava mais por ser do ambiente, né denominação Batista, sabia da faculdade, eu sabia que não dava pra comparar como Faculdade, vamos dizer assim, reconhecida, usando esse termo, era curso livre, uma Faculdade por curso livre, por conta disso as mensalidades ... você não podia exigir, os professores não eram remunerados e você não tinha condições de ter uma estrutura por exemplo física que a gente tem hoje, que ajuda muito tanto a gente quanto aluno, então... a impressão foi muito joia, o ambiente das salas, mas a impressão era assim, falta infra estrutura, né... não tem infra estrutura como outras Instituições que eu tinha dado aula já, por exemplo...

Profª Madalena: Sim.

Prof. Marcelo Santos: Mas foi uma coisa que me chamou atenção, a impressão foi boa, tranquila um ambiente bom... mas menos profissional também, uma coisa muito mais...

Profª Madalena: Igrejeira

Prof. Marcelo Santos: Igrejeira. Coisa muito mais ... irmãos ... assim ... não um lugar de trabalho, não que as pessoas, o ambiente,... era aquilo que eu falei, você muda a postura, não é um lugar que você vai, mas que meio voluntário, você é uma relação de troca...

Profª Madalena: Cobrança menor...

Prof. Marcelo Santos: Cobrança menor né, então é menos .. era uma coisa menos profissional, não é que você melhor ou pior, era diferente eu particularmente prefiro esse modelo que hoje existe de cobrança, cobrar, ser cobrado. As coisas, acho que acontece.

Profª Madalena: Qual o tipo de dificuldade que você enfrenta como professor hoje?

Prof. Marcelo Santos: Hoje... a maior dificuldade minha tempo, minha é tempo. A minha expectativa é ser professor de tempo integral e não posso fazer isso, só pesquisar, só estudar, só interagir com as atividades. Só uma utopia...

Profª Madalena: Uma utopia de todo mundo hoje...

Prof. Marcelo Santos: No nosso meio utopia mas... a dificuldade é tempo, o tempo que eu separo pra cá, acho que é um tempo razoável pro que eu faço, para as matérias, pra carga horária que eu tenho, mas mesmo assim eu gostaria de ter mais. Eu acho que poderia fazer mais, se eu tivesse mais tempo pra estudar, pra pesquisar, meu limitador é o meu já um tempo pessoal.

Profª Madalena: E como você percebe o relacionamento entre professores e alunos?

Prof. Marcelo Santos: Aqui na Faculdade eu acho muito bom...

Profª Madalena: Atualmente...

Prof. Marcelo Santos: Eu acho muito bom, o ambiente eu não tenho do que reclamar, eu acho muito bom, muito tranquilo, nunca tive ... que me lembro nenhum problema assim com os alunos eu nem de outros professores, de perceber ... se foram, foram coisas muito pontuais, mas não foram aluno professor foi mais Instituição de casos disciplinares que a Instituição tem. Mas eu acho um ambiente muito bom... É acho um ambiente... é uma coisa que acho que é uma herança daquele tempo não profissional, não se perdeu. Como relacionamento ele continua sendo algo muito forte eu acho aluno professor tem essa _____.

Profª Madalena: E você percebe algumas ou... a pergunta seria, quais as maiores queixas dos alunos em relação as disciplinas?

Prof. Marcelo Santos: Das disciplinas? Das disciplinas!

Profª Madalena: Eles queixam alguma coisa em relação às disciplinas?

Prof. Marcelo Santos: Não que eu... assim, que eu tenho ouvido acho que não acho que, com essa mudança de currículo, antigamente você se queixava muito a falta de coisas básicas, não bíblicas, muita coisa de bíblia não tinha sociologia, filosofia, uma carga horária né, mas disciplinas não... que eu tenha ouvido não.

Profª Madalena: E você ouve queixas dos alunos em relação aos professores?

Prof. Marcelo Santos: As vezes você ouve né, você acaba ouvindo mas é... são coisas muito áridas. É o estilo do professor é a didática que ele usa ou a forma de avaliar, se tem ... Não chega a ser quente, são comentários as vezes *"olha você é diferente de você é diferente do outro, o outro é diferente de você, faz mais ou faz menos, ou você exige mais do que o outro".* São coisas mais de comparação do que propriamente do aprendizado... não é um bom professor a gente abre e vê isso aqui, houve um tempo, as vezes era claro o negócio de reclamar do professor pontual que... mas hoje desse ponto que estou dizendo para você que eu saiba não há nenhum professor que tenha assim uma resistência por parte dos alunos que eu saiba. Pelo menos ter chegado a mim.....

Profª Madalena: Interessante isso.

Prof. Marcelo Santos: Houve uma época que sim, que era claro isso, mas hoje não.

Profª Madalena: Você percebe a diferente entre o aluno formado pela Teológica e aluno formado em outra Instituição.

Prof. Marcelo Santos: Nossa! Muita, eu percebo. Como eu rodo muito e dou muita palestra em igrejas, nas áreas que eles atuam projetos sociais etc. As vezes em fóruns, o nível de formação é... do pastor... da práxis é diferente, mas da formação acadêmica é ... na hora de você elaborar uma pergunta, ouvir uma pergunta de um aluno, é... uma pesquisa, um texto num blog, ler um artigo, depois que eles saem daqui... acho que essa é ideia formada, então, eu acho a qualidade do que é produzida é muito diferente, eu percebo isso, pelo menos mas a maioria lógico temos instituições muito boas no Brasil, no Brasil na área de teologia que produzem bons alunos mas no geral, na cidade de São Paulo por exemplo na minha visão a qualidade é gritante. Numa conversa informal, eu posso até esta exagerando eu sou muito crítico em relação a isso. Numa conversa informal a pessoa não sabe discutir lá fora, as vezes ou pra falar ou participar, então sai perguntas que eu digo assim "*pera aí"*. Claro que no ambiente em sala de aula é mais profundo do que no fórum do que uma Instituição, eu acho que hoje ,eu percebo que tem muita diferença, não é porque eu sou professor daqui, mas percebe isso.

Profª Madalena: Uma diferença. Você concorda com essa afirmativa que a Teológica preocupas-se mais com a preparação de lideres para o ministério pastoral? Você concorda com isso?

Prof. Marcelo Santos: Se preocupa mais com a preparação de lideres?

Profª Madalena: Para o ministério pastoral.

Prof. Marcelo Santos: Para pastores. Mais não, acho que tem um equilíbrio muito grande eu acho que a visão que eu vejo hoje é que a Teológica ela conseguiu atingir o equilíbrio que eu chamaria de formação integral. Ela forma, ela capacita, pra mim na mesma medida eu acho na... pelo menos a que eu conheço né, tá certo que de vez em quando estou lendo, *"como é que chama?, não é a emenda?"...*

Profª Madalena: O currículo!

Prof. Marcelo Santos: O currículo do curso, acho que a própria carga das disciplinas deixa muito claro, bastante equilibrado, aquelas disciplinas que podem se chamar de práxis e disciplinas de formação acadêmica, eu acho que prepara... quem sai daqui, sai tão bem habilitado e capacitado pra ser vamos dizer assim: um teórico como um prático, um pensador, um professor que vai coordenar sua vida acadêmica. Então, esta história de que a Teológica ela só prepara pastores, ou ela só prepara teólogos, eu não consigo... não só no currículo mas na formação. Acho que a formação dela eu chamaria de integral, acho que ela atende bem quem vem para as duas expectativas, quem vem pensando em ser... investir na vida acadêmica vai encontrar uma boa formação e quem vem pensando na vida... na prática também vem até porque a maioria dos professores que estão aqui hoje são pessoas que tem uma boa, uma excelente formação acadêmica e Instituições reconhecidas tem uma prática teórica de magistério longa, alguns muito longa, e estão envolvidos na mesma dimensão em comunidades eclesiásticas, comunidades pastorais ou projetos na mesma medida, então acho que o equilíbrio que existe nos professores no currículo, né... e na Instituição, acho que mostra a maior, maior, referência é isto, o currículo equilibrado e o perfil dos professores, não temos professores só acadêmicos ou professores só práticos o perfil dos professores, o perfil dos professores que tem uma formação muito boa acadêmica continuam estudando, tão produzindo, mas são professores que tão com visão na práxis cotidiana, todos eles, se não todos a grande maioria, pelo menos eu vi isso.

Profª Madalena: Hum, hum. Como você vê a Faculdade Teológica hoje?

Prof. Marcelo Santos: Nossa que profundo!

Prof[a] Madalena: (rsrsrsrs)

Prof. Marcelo Santos: (rsrsrs) Como eu vejo... É, eu vejo, eu acho que tem uma expectativa muito boa, né! Uma das minhas críticas pessoais, *"esse negócio tá gravado, eu tenho que pensar em que falar!".* (rsrsrsrs)

Prof[a] Madalena: (rsrsrsrs)

Prof. Marcelo Santos: "*Vai ser usado contra mim".* (rsrsrs). Não, mas que eu tinha, na verdade que eu acho que foi muito boa é que mexeu no quadro de professores, eu não sou contra isso. Mas eu acho que tinha muita gente, uma confusão muito grande, muitos professores, e uma qualidade.. acho que a diminuição né! Diz assim: *"Como é que eu vejo hoje?* E vejo hoje isso, acho que melhorou a questão de tá mais próximo a gente conhece praticamente todos... quem dá aula aqui na casa a gente tem uma relação mínima que seja, mas se conhece. Isso ajuda na relação com aluno, ajuda no papel Institucional, eu acho que você conhece professores, você conhece os alunos. Eu acho que melhorou muito a qualidade de ensino, a qualidade estrutural da Faculdade, da estrutura para a gente poder trabalhar. Existem limitações como toda Instituição tem acadêmica a gente basicamente... porque é uma Faculdade que viveu essa transição muito recente. Ela tem histórico totalmente diferente, não é uma empresa é diferente de uma Universidade que pode abrir curso a torto e a direita, a uma questão de recursos também você... mas eu vejo com boas perspectivas, eu acho que um lugar como diz o *slogan*, parecendo *marketing* mas é... eu acho que faz diferença. Trabalhar aqui tem feito a diferença, né. A gente não vive no mundo ideal na realidade ideal mas eu acho que nesses ideal existe da história da utopia... Mas eu acho que é assim, quem tem hoje, nível de Brasil, pensando em Teologia, no meio protestante que é o nosso caso, eu acho que a Teológica, você conta nem nos dedos de uma mão Instituições que ... é pensando como professor e até como aluno trazendo uns três ou quatro da minha comunidade pra estudar e a turma... Eu acho que uma limitação para uma mensalidade numa questão cultura/custo eu acho que é caro, não porque seja caro, mas pro nosso público, né, e porque a gente tem uma concorrência desleal de pessoas não oficializadas, então não se pode falar ou não, se você vai anotar isso, mas é o que eu acho.

Prof[a] Madalena: é real

Prof. Marcelo Santos: Eu acho que a Teológica acaba sofrendo com isso, mas eu acho que a relação custo/beneficio... quem vem prá cá não se arrepende. Que eu tenho ouvido, a sensação que eu tenho e pra nós que professores, e até foi uma surpresa esses dias o negócio de salário de professores que tá em greve e tal, né... fiquei chocado com os padrões da universidade publica que estão ganhando, eu acho um absurdo e eu achava que tava defasado ou alguma coisa... é porque eu não acompanho muito, mas eu acho que o ritmo da mudança tem sido um ritmo tranquilo, seguro né. O processo da oficialização pra nós como professores gerou insegurança no começo, muita coisa incerta, mas acho que tem sido um ritmo seguro que dá traquilidade pra gente trabalhar, da condições da gente trabalhar, dá uma coisa que eu acho muito legal liberdade de cátedra, eu acho que isso aqui é um diferencial pra mim. A Teológica mudou e a gente pode falar o que pensa, não é obviamente dentro dos parâmetros que a gente tem institucionais, mas não tenho que, hoje não tenho que...

Prof[a] Madalena: Hum, hum. Você recomendaria a Faculdade Teológica para os seus filhos, seus netos?

Prof. Marcelo Santos: Recomendaria sim. Se eles fossem estudar, seria aqui, entendeu? Estou trazendo dois, acho que três ou quatro da minha comunidade, né. Vem prá cá, os que não vem prá cá, eu recomendo a Metodista por causa da grana, por causa do dinheiro, não tem condições de pagar, então assim, as pessoas próximas a mim, que me procuram. Os que não vêm prá cá é porque não tem condições de pagar a Faculdade, mas a qualidade eu assino em baixo já recomendei

varias... inclusive alunos que eu dei aula em outras Instituições, quando eu dava aula em outros seminários hoje eu não dou mais, acabei trazendo prá cá. É porque que lá você comenta e eu indicava, então muitos deles migraram prá cá se formaram aqui, outro dali...

Prof[a] Madalena: Obrigada Marcelo é isso.

Prof. Marcelo Santos: É isso aí.

Prof[a] Madalena: É isso, agradeço a sua cooperação. Eu tenho certeza que as respostas farão diferença no trabalho.

Prof. Marcelo Santos: Não, estarei lá na banca, tenho até medo.

Prof[a] Madalena: Estará na banca? (rsrsrs)

ENTREVISTA 02 k - ALBERTO KENJI YAMABUCHI

A entrevista realizada com Pr. Alberto Kenji Yamabuchi aconteceu no dia 28 de maio de 2012 em uma das salas da Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Prof Kenji foi um dos docentes da Instituição que alcançou graus de mestre e doutor no período pesquisado e traz importantes contribuições à pesquisa ao narrar sua trajetória formativa e sua perspectiva quanto ao desempenho da docência aliada ao desempenho das funções ministeriais.

Madalena: Professor, qual a sua idade ao ingressar na Teológica como professor e a quantos anos você atua como professor da Teológica?

Prof. Kenji: Eu ingressei na Faculdade Teológica em mil novecentos e noventa e três, como professor, então eu tinha trinta e dois anos.

Madalena: Trinta e dois anos. Você mora muito distante da Faculdade? Tem carro próprio, como é que você se locomove pra cá?

Prof. Kenji: Eu tenho carro próprio e a distância da minha casa pra faculdade é de cerca de vinte e quatro quilômetros.

Madalena: E isso traz empecilho pra você, traz dificuldade pra você, pra estar aqui, lecionar aqui?

Prof. Kenji: A distância não, o problema é o trânsito. (rsrsrsrsrs)

Madalena: (rsrsrsrs) Pra todo bom paulistano né?

Prof. Kenji: É, é mais fácil ir pra Caraguá nesse mesmo tempo do que chegar aqui.

Madalena: Nesse mesmo tempo consegue, e melhor também?

Prof. Kenji: Com certeza.

Madalena: A atividade docente te dá um retorno financeiro suficiente pra cobrir suas despesas?

Prof. Kenji: Não.

Madalena: No trabalho, quanto ao seu trabalho aqui na faculdade.

Keni: Não.

Madalena: Não. E você então, além de professor está vinculado a outra atividade que lhe de retorno financeiro?

Prof. Kenji: Sim.

Madalena: Que te dá retorno financeiro?

Prof. Kenji: Sim. Sou ministro religioso e eu tenho salário muito que suficiente para manter minhas despesas.

Madalena: Ok. Muito bem, essas são algumas perguntas preliminares pra gente fazer uma, um perfil um pouquinho vinculado a questão sociológica, mas agora vamos entrar mais diretamente no nosso tema que é a questão de formação da oficialização dos impactos referentes, relacionados a isso. Você viveu as mudanças em relação a oficialização de Teologia. Como você pensa a oficialização do Curso de Teologia?

Prof. Kenji: Eu penso que, é, essa oficialização é algo necessário, pois precisamos fazer com que a sociedade reconheça o valor de se estudar teologia e as implicações de se estudar, de se refletir, teologicamente, eu acho que aquilo foi importante nesse sentido da visibilidade ao curso.

Madalena: Hum, hum. A própria arte da teologia.

Prof. Kenji: Isso.

Madalena: Você tem formação em outros cursos de graduação que não a teologia?

Prof. Kenji: Sim.

Madalena: Graduação, ou melhor, na sua formação graduada, né?

Prof. Kenji: Sim, eu Bacharel em Ciências Contábeis.

Madalena: E a sua pós graduação, foi formação em que área?

Prof. Kenji: É, mestrado em Ciências da Religião e doutorado em Ciências da Religião.

Madalena: Então, em relação a oficialização, você gostaria de mencionar algum impacto provocado em você como pessoa diante dessa formação, depois vou perguntar como professor, mas como pessoa que impacto isso causou a sua pessoa o processo da oficialização?

Prof. Kenji: Como pessoa eu não vi, não senti grandes impactos pessoalmente né, porque eu sinto que o ensino, o magistério, é um ministério para mim, então oficializando ou não, não houve nenhuma diferença assim, pessoalmente.

Madalena: Pessoal, na sua pessoa.

Prof. Kenji: Isso.

Madalena: Em relação a sua ... como professor, algum impacto provocado em você, como professor, porque você viveu essa ...

Prof. Kenji e Madalena: Transição

Kenji: Como professor sim, como professor precisei repensar o planejamento das disciplinas, precisei repensar bibliografia, precisei repensar referenciais teóricos, porque houve uma, um, não estou encontrando o termo, uma mexida nessa área. Então é como se um grande leque tivesse sido aberto.

Madalena: Leque!

Prof. Kenji: Leque!

Madalena: Hum, hum.

Prof. Kenji: Um horizonte novo aberto, em termos acadêmicos.

Madalena: Hum, hum. E você acha que essa formação trouxe contribuições pra você como pessoa e como professor?

Prof. Kenji: A formação?

Madalena: Essa mudança.

Prof. Kenji: A mudança?

Madalena: Esse processo?

Prof. Kenji: Processo, sim, sim, é...

Madalena: As contribuições para a sua pessoa e para sua atuação como professor?

Prof. Kenji: É, embora não tenha havido impacto pessoal, houve sim valores que foram agregados, né. É, uma visão mais acadêmica, acho que nós estávamos numa visão muito devocional, pelo menos dentro da minha área, que era área de Ministério Pastoral, né. Então, é, a bibliografia mesmo, ela tinha um perfil mais devocional né, e hoje, hoje nós buscamos outros referenciais teóricos, e nós temos ..., eu senti que houve uma transformação.

Madalena: Então, você consideraria esta contribuição como uma coisa...

Prof. Kenji: Positiva.

Madalena: Bastante positiva.

Prof. Kenji: Muito positiva.

Madalena: Bastante positiva, ok. Agora pensando um pouquinho já que você disse que essas trouxe, esse período trouxe contribuições, na sala de aula, na sua atuação em sala de aula, o que que mudou depois da formação pós graduada?

Prof. Kenji: Minha relação com os alunos, essa relação deixou de ser, eu sou pastor, né, é, mas eu deixei de ser menos pastor e mais professor, isso que ocorreu.

Madalena: Isso que correu..

Kenji: É.

Madalena: Na sua atuação em sala de aula.

Prof. Kenji: Isso.

Madalena: E você se considera um professor estudioso, bem preparado, tem se empenhado um tanto....

Prof. Kenji: Eu me considero um professor regular (rsrsrsrs)

Madalena: (rsrsrsrs) Regular é bom, mas diante deste novo momento, ... foi acrescido o seu conhecimento, essa visão de mundo?

Prof. Kenji: Sim, sim, minha biblioteca pessoal ela foi transformada, é, já sou muito mais critico na aquisição de obras, enfim uma contribuição muito positiva.

Madalena: Ok. Isso tem ajudado você na sua preparação.

Prof. Kenji: Sim, sim.

Madalena: Para as aulas, ok. Ainda vinculado aqui, não está no nosso roteiro, mas assim, é, em relação aos seus conteúdos, aos conteúdos ensinados, você ... houve mudanças nos seus princípios ou, ah, mais em relação de a essa visão de mundo mais aberto?

Prof. Kenji: Você...

Madalena: Quando falo em princípios,princípios são os princípios bíblicos, porque você também dá a, aula de Ministrado de Teologia.

Prof. Kenji: Teologia.

Madalena: Aula de Teologia.

Prof. Kenji: Não, ao que diz respeito aos princípios bíblicos as doutrinas batistas, não houve nenhuma mudança, houve sim, uma abertura para olhar mais adiante.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Kenji: Né, então eu me preocupo em apresentar aos meus alunos aquilo que é conservador, e ao mesmo tempo aponto para aquilo que está além do conservadorismo.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Kenji: Sem abrir mão dos nossos pontos básicos da doutrina.

Madalena: Da doutrina, ok. Agora um pouquinho mais sobre a nossa ... o nosso universo teológico né, o nosso universo escola. Você conhece os critérios de seleção dos professores para ingressar na Teológica?

Prof. Kenji: Sinceramente não! (rsrsrsrs)

Madalena: (rsrsrsrs). Não, como você foi convidado pra ser professor?

Prof. Kenji: Eu fui ... eu não sabia. Eu fui investigado durante o último semestre que eu estava fazendo lá na Unidade Penha...

Madalena: Hum, hum.

Prof. Kenji: E ao término do curso imediatamente, antes de terminar o curso já estava recebendo o convite.

Madalena: Ok. Muito bom. Quais foram suas primeiras impressões no início das suas atividades como professor na Teológica?

Prof. Kenji: Ah, foi um desafio muito grande porque eu terminei o curso no primeiro semestre de noventa e três e no segundo semestre eu já estava assumindo como professor, e eu acabei, é, pegando uma turma composta de colegas do semestre anterior, então foi um grande desafio em termos de...

Madalena: Você ainda era colega e já era professor!

Prof. Kenji: Exatamente! Já era professor.

Madalena: Ai você começou dando aula na Unidade Penha.

Prof. Kenji: Unidade Penha.

Madalena: OK. Ah, como você percebe hoje, ah não, aqui. Como tipo de dificuldade você enfrenta como professor? Hoje.

Prof. Kenji: Hoje!

Madalena: Hoje.

Prof. Kenji: É, preciso de mais tempo para investir em pesquisas, para produzir textos, para produzir é, obras, é, sinto falta, acho que o maior desafio é o tempo...

Madalena: Tempo.

Prof. Kenji: É o tempo, de dedicação para pesquisa, para produção cientifica.

Madalena: Exatamente, porque você reparte o seu....

Prof. Kenji: Exatamente!

Madalena: Tempo com...

Prof. Kenji: Ministério pastoral.

Madalena: Com a igreja, é. Ah, como você percebe o relacionamento entre professores e alunos hoje na Faculdade?

Prof. Kenji: Ao longo desses anos eu percebi que ah, o relacionamento sofreu algumas modificações, nós tínhamos antes pessoas mais motivadas para a, o ministério, pessoas que se sentiam mais vocacionadas e hoje eu tenho a impressão que encontro, não são todos obviamente, mas encontro pessoas aqui que estão apenas cursando um curso superior.

Madalena: Hum, hum. Êles não tem interesse, vocação...

Prof. Kenji: Não.

Madalena: Ministerial.

Prof. Kenji: Não tem.

Madalena: Você acha que esse interesse pode ser despertado durante o curso?

Prof. Kenji: É possível, é possível, embora eu ache que possa julgar que tenha casos perdidos, mas é possível, mas o que eu percebo aqui é assim, é, essa, não há interesse em se aprofundar e se dedicar ao estudo, como eu encontrava turmas passadas nos anos noventa e nos anos dois mil. Alunos que entram em sala de aula sem carregar nem uma caneta, né. Entram numa aula de teologia sem nada .

Madalena: Nem a bíblia? (rsrsrsrs)

Prof. Kenji: Nem a bíblia, né. Então isso me traz uma certa preocupação.

Madalena: Quais as maiores queixas dos alunos em relação às disciplinas?

Prof. Kenji: As tarefas, (rsrsrsrs)

Madalena: (rsrsrsrs) Nenhum aluno quer tarefa.

Prof. Kenji: A reclamação maior e que o professor acha que a disciplina dele é a única que existe na Faculdade.

Madalena: (rsrsrsrs) Então o problema é dos professores e não dos alunos? Eles têm razão de reclamar?

Prof. Kenji: (rsrsrsrs) Eu creio que é, sim. Sim e não. Sim porque a maioria tem expediente, tem uma jornada de trabalho, já vem cansado...

Madalena: Os alunos?

Prof. Kenji: Os alunos já chegam cansados, mas para cá. Agora não, porque a nossa, o nosso curso é muito teórico e é necessário ler bastante...

Madalena: Hum, hum.

Prof. Kenji: Não há outro caminho.

Madalena: A própria Teologia é uma área teórica.

Prof. Kenji: De reflexão, então não tem outro caminho. Então, sim e não.

Madalena: Qual a maior queixa dos alunos em relação aos professores?

Prof. Kenji: Em relação aos professores, bom não sei, nunca assim, procurei saber o que acontece com os outros, talvez na minha disciplina é, muitas vezes o método.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Kenji: Muito expositivo, não há uma variação, né,

Madalena: Hum, hum. Alguma coisa que os alunos de vez em quando soltam na sala de aula, sobre algum outro professor, sem mencionar nomes, mas eles têm essa queixa.

Prof. Kenji: Não. Estou falando da minha pessoa mesmo!

Madalena: Ah, de você mesmo?

Prof. Kenji: É porque nós recebemos aquele...

Madalena: Sim.

Prof. Kenji: Feedback.

Madalena: Feedback da avaliação.

Prof. Kenji: Isso, então, da matéria da Teologia do Novo Testamento praticamente é uma exposição, né. Procuramos variar um pouco, mas não tem como sair da exposição. Então existe essa queixa, tá.

Madalena: Hum, hum. Tá, mas você tem ouvido de alguns alunos em relação há outros professores ou não?

Prof. Kenji: Sim, sim.

Madalena: E isso está relacionado também a mesma dificuldade, didática, metodologia...

Prof. Kenji: Metodologia

Madalena: Tarefas pesadas.

Prof. Kenji: Exigência né, não só a tarefa, mas a exigência sobre a qualidade da tarefa, às vezes tenho aluno que pede permissão pra faltar na minha aula pra acabar de fazer o trabalho do outro professor que é mais importante do que da minha disciplina. (rsrsrsrs) Entendeu?

Madalena: (rsrsrsrs) Entendi. Você percebe diferenças no aluno formado pela Teológica em relação a alunos formados em outras instituições?

Prof. Kenji: Sim, sim.

Madalena: Já que você teve uma vivência fora daqui?

Prof. Kenji: Sim, eu tive uma vivencia na Universidade Metodista, pude, é, pude trabalhar com alguns alunos lá, eu tenho inclusive membro das igrejas que estão lá como seminaristas, como alunos né. E eu percebo assim que a nossa Faculdade uma referência em termos de a Teologia mais conservadora. Isso é um ponto positivo, né. Em outra instituição nós encontramos aí, é ... observações, criticas a cerca da posição Teológica da própria instituição.

Madalena: Mais aberta.

Prof. Kenji: Mais aberta, mais liberal, mais liberal, né, quer dizer, é a visão deles, e a filosofia deles, etc e tal. Mas no ponto de vista.

Madalena: E você concorda com esta, já que a gente estamos falando um pouco desta formação, né, a Teológica, você concorda com esta afirmativa: Teológica preocupa-se mais com a preparação de lideres para ministério pastoral?

Prof. Kenji: Olha, até alguns anos atrás eu concordaria assim gênero, número e grau, mas eu tenho visto e alguns colegas uma preocupação de oferecer aos alunos um conteúdo que eu não quero ser é, arrogante, nem nada, mas um conteúdo que está além das condições dos alunos absorverem, uma minoria é que consegue absorver.

Madalena: Chegar lá.

Prof. Kenji: Então a minha preocupação é esses alunos que recebem esses conteúdos, que não sabem nem que o básico da questão, das questões teológicas, irão enfrentar uma banca examinadora, irão enfrentar um ministério pastoral e não é com os pensamentos de teólogos liberais que eles vão dar conta das questões diárias do ministério pastoral.

Madalena: Do ministério pastoral.

Prof. Kenji e Madalena: Do dia a dia da igreja.

Prof. Kenji: Então porque eu vou me preocupar é em estudar Langston da vida que é a nossa....

Madalena: Be a ba

Prof. Kenji: Bíblia.

Madalena: Be a ba da Teologia.

Prof. Kenji: Da Teologia né, quando eu posso é, satisfazer a minha curiosidade, estudando Multman, Paul Thilich que outros mais, só que na prática isso não vai trazer resultados é, positivos.

Madalena: Pra formação, profissional.

Prof. Kenji: Pra formação, como ministério pastoral. Agora se for para profissão acadêmica, é outra coisa, mas. Hoje eu tenho alguma duvida se a nossa, se o nosso foco é para o ministério pastoral ou é para teólogo. Embora todos nós sejamos teólogos, né. Estou fazendo uma distinção em termos acadêmicos.

Madalena: Teólogo é aquele que faz teologia, que faz teologia é aquele que está atuando na área da Teologia, que é o ministério pastoral.

Prof. Kenji: Na área de Teologia.

Madalena: Que é o ministério pastoral.

Prof. Kenji: Exatamente.

Madalena: Como você vê a Teológica hoje?

Prof. Kenji: Eu vejo como uma instituição sólida, uma instituição que dá credibilidade, ela é muito bem visibilizada, é, já obtive informações de pessoas de outras instituições batistas, né, que a nossa Faculdade é uma Faculdade referência, né e que está a frente das outras instituições da nossa denominação. É isso que vejo, é isso que eu sinto também.

Madalena: Você recomendaria para seus filhos, por exemplo, seus netos para estudarem aqui?(rsrsrsrs)

Prof. Kenji: (rsrsrsrs) Se eles sentirem chamados pra isso, sim, né, sim.

Madalena: É verdade. Ok, eu agradeço professor Alberto Kenji Yamabuchii para essa oportunidade de cooperar com essa pesquisa da minha tese.

Prof. Kenji: Eu que agradeço.

Madalena: (rsrsrs) Ok

Prof. Kenji: Boa sorte.

Madalena: Obrigada.

ENTREVISTA 02 I - JORGE PINHEIRO DOS SANTOS

A entrevista realizada com Prof. Dr. Jorge Pinheiro aconteceu no dia 12 de junho de 2012 numa sala da Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Prof. Jorge foi aluno da graduação e do mestrado e atua como docente há 15 anos na área de Teologia Sistemática e Realidade Brasileira. A formação do professor está no texto da entrevista e vale resaltar que ele tem diversas obras escritas sendo um dos professores que mias produção literária tem produzido nessa caminhada como teólogo. Prof Jorge é natural do Rio de Janeiro, mas mora em São Paulo há muitos anos.

A entrevista com Dr. Jorge foi muito interessante e trouxe informações importantes sobre a mudança de vida ocorrida após seu contato com a área da Teologia. Hoje desenvolve atividades no campo da Teologia como pastor e como professor de dedicação integral.

Madalena: Podemos começar?

Prof. Jorge: Podemos.

Madalena: A técnica é eu fazer as perguntas. Eu dei elas para você ler, mas na verdade eu faço as perguntas e são três blocos de perguntas, algumas perguntas preliminares para conhecer um pouco mais a condição social do professor, pouca coisa. A respeito dos impactos é... que decorreram na formação do professor a partir da oficialização e um pouco sobre a atuação profissional do professor. Então só pra registrar estou aqui na Faculdade Teológica Batista de São Paulo, estou com o professor Jorge Pinheiro e hoje é dia doze de junho de dois mil e doze, famoso dia dos namorados. Bom então professor Jorge, você lembra a sua idade quando você ingressou na Faculdade Teológica para ser professor?

Prof. Jorge: Me lembro, foi quinze anos atrás em mil novecentos e noventa e seis.

Madalena: Noventa e seis...

Prof. Jorge: Então eu tinha nesta época, cinquenta e... deixa eu fazer o cálculo!

Madalena: Cinquenta e sete!

Prof. Jorge: Exatamente.

Madalena: Cinquenta e sete anos. Então você...

Prof. Jorge: Hoje eu tenho sessenta e sete e os doze, eu tinha...

Madalena: Cinquenta e um...

Prof. Jorge: Cinquenta e dois anos.

Madalena: Então você atua a quinze anos na Faculdade.

Prof. Jorge: Na Faculdade.

Madalena: Você mora muito longe da Faculdade?

Prof. Jorge: Não. Eu moro num bairro próximo, Paraíso, em condições normais são quinze minutos.

Madalena: Você utiliza seu carro próprio pra ir a Faculdade, quando não tem carro...

Prof. Jorge: Metrô.

Madalena: Metrô, metrô vem bem né! E você acha que esta distância, ou as vezes esta falta de carro no dia, na hora às vezes está no mecânico, está com a esposa, acha um empecilho pra vir ao trabalho?

Prof. Jorge: Não!

Madalena: Não! É tranquilo. A atividade docente lhe dá um retorno financeiro suficiente para o senhor cobrir suas despesas.

Prof. Jorge: Não.

Madalena: Não! Então você tem uma outra ocupação...

Prof. Jorge: Tenho uma outra atividade... eu sou Pastor.

Madalena: Você é pastor, ok. Agora entramos no bloco das perguntas quanto a oficialização do curso de Teologia e essa é uma das minhas é... das minhas hipóteses né, em investigar um dos meus objetivos, investigar o impacto que a oficialização trouxe à Faculdade e você viveu o período, não oficializado e vive agora o período oficializado. Então você viveu essas mudanças em relação a oficialização do curso de Teologia e como você pensa a oficialização do curso de Teologia?

Prof. Jorge: Bom, eu penso que foi muito importante porque não somente, é, para o aluno mas para o professor, no caso aqui para o professor. É importante que quando você vai participar de um congresso de uma conferência, hoje todos dizem: *Ah ele é professor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo*, e isso, te dá digamos assim o respeito porque você esta ao lado de professores de universidade, às vezes Universidade de São Paulo, Pontifica Universidade Católica, entidades reconhecidas e agora você é olhado como um professor que atua numa entidade reconhecida pelo MEC, pela CAPES etc.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Jorge: Ou seja, isso muda a visão que as pessoas têm de você e do teu trabalho.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Jorge: Então isso é muito importante.

Madalena: Muito importante...

Prof. Jorge: Por exemplo atualmente no meu currículo *Lattes,* tá lá. O *Lattes* já reconhece, você entra Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Jorge: E isso muda, você mostra o *Lattes*, como entidade que está a nível de qualquer outra né, dentro digamos do reconhecimento.

Madalena: Ok.

Prof. Jorge: Isso é importante pra gente sim.

Madalena: Ok. Você tem outra formação graduada que não só a Teologia?

Prof. Jorge: Jornalismo.

Madalena: Jornalismo. É, e a sua formação pós graduada, como foi que ela aconteceu?

Prof. Jorge: A minha formação pós graduada aconteceu via a própria Faculdade Teológica Batista de São Paulo, foi uma época que a Faculdade considerou que os professores deveriam ter pós graduação. Eu já tinha a graduação também na Teológica e naquele momento a Universidade Metodista de São Paulo, reconheceu para fins de pós graduação a graduação que nós já tínhamos aqui. Então nós começamos a fazer lá o Mestrado reconhecido, é... depois do mestrado é interessante eu dizer isso, porque só mostra o acerto de ter optado da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, por ter optado por este caminho, porque se eu não me engando, já no segundo semestre do curso de mestrado eu recebi bolsa do CNPq e fiz o meu mestrado todo com bolsa do CNPq. E isto, digamos assim, é... caminhou para um doutorado, também na Universidade Metodista de São Paulo, praticamente consequência do mestrado, das pesquisas de mestrado e também foi um doutorado, com bolsa do CNPq. E foi um doutorado sanduiche onde eu fiz esse doutorado em São Paulo, e fiz doutorado em *Montpelier* na França. E isso terminou bem, depois eu fui aceito para o pós doutorado na Universidade Presbiteriana Mackenzie com um, a palavra é chavão, mas é verdade saudoso professor Gouveia de Mendonça, Antônio Gouveia de Mendonça e eu fui o ultimo orientando dele.

Madalena: Ele morreu logo depois.

Prof. Jorge: É. Ele foi uma experiência muito bonita. Depois eu faço um novo pós doutorado e agora também na Universidade Metodista de São Paulo. Bem, nada disso teria acontecido se num determinado momento a Faculdade não tivesse optado por facilitar ou orientar os seus professores para que fizessem pós graduação. Interessante que eu tenho uma formação de jornalismo, e jornalismo a vida toda, mas de fato hoje eu me considero um Teólogo, porque, digamos a bagagem da Teologia foi, é fundamental para vida que eu tenho, ou seja, se a gente conta, as vezes eu para contar eu levo um susto, dois anos de mestrado, quatro anos de doutorado, mais dois anos de pós, mais dois anos de pós, isso dá onze anos de formação de pós graduação, sem contar os quatro anos de Teologia, então são quinze anos de Teologia, estudando teologia, de uma maneira formal, né! Sentadinho na cadeira...

Madalena: Acadêmica...

Prof. Jorge: Acadêmica diante dos professores. Então, o jornalismo ficou lá trás. O jornalismo é um prazer de escrever, tal, mas o conhecimento que tenho hoje é teologia.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Jorge: Esse é o conhecimento. E o talvez nas suas pesquisas que você vá constatar isso, não vou ser o único a dizer isto, ou seja, mudou a minha vida, mudou a minha vida.

Madalena: É isso que eu ia perguntar pra você, qual foi o impacto provocado em você com toda essa, esse tempo, né, na sua pessoa. O que isso mudou, qual foram os impactos na sua pessoa a partir dessa, desse tempo de mudança?

Prof. Jorge: É, o impacto é muito interessante porque o impacto é visível. Os meus antigos amigos que me viam como jornalista, ainda pedem pra fazer um artiguinho ou outro que as vezes eu assumo voltar lá atrás e pensar como antes, viver como o que, uma pessoa que estudou a Teologia, que conhece a Teologia, um... palavra, as vezes que usamos muito que é... prá nós ainda um pouco, pesa muito, mas viver como um teólogo e de fato tô citando os outros porque isso é consenso , e isso mudou de fato a minha vida, eu respiro teologia o dia todo, né. E a minha atividade na Faculdade ela assumiu uma grandeza é,... de primeiro nível na minha vida.

Madalena: Hum, hum. E qual... você gostaria de mencionar algum impacto provocado em você como professor, diante deste período também?

Prof. Jorge: Uma das coisas que o professor, que não tem uma pós graduação enfrenta, é a deficiência metodológica para dar aulas, ou seja, falta ao graduado sem a pós graduação, falta digamos um conhecimento teórico maior de pedagogia, então, é... eu me lembro que assim que eu comecei, eu aprendi umas coisinhas simples... não entrar em sala de aula sem ter o tempo da aula que você vai dar né, ou seja, não se tira aula da manga do paletó como um mágico, você preparou a aula, você é... sabe o que você vai expor durante aqueles quarenta e cinco minutos ou mais né? Hoje em dia cada nossa aula é quase uma hora e meia, não é isso, e você sabe exatamente como você vai se expor, como você vai conversar, como você vai digamos assim despertar o interesse dos alunos etc. Isso foi fundamental, e logo que eu comecei o mestrado eu vi que isso repercutiu nos outros professores que ainda não tinham feito mestrado. Então uma vez um dos professores citou: *"O Jorge sempre anda com um papelzinho na mão".* Naquela época era um papelzinho, agora eu uso *"ipad"*, ali e tudo, né, e quando não projeto a aula para os alunos, uso *Power Point.* Quer dizer isso foi uma mudança, é... fundamental.

Outra mudança fundamental é que a pós graduação te leva a uma especialização, claro você dá matérias, várias, mas você está especializado. A especialização te permite profundidade, então, em algumas áreas os alunos sabem os teus colegas sabem que você tem profundidade naquela área, né. Vamos dizer: *"Não, Teologia Sistemática pergunta ao Jorge..."*. Da mesma forma que eu digo História Eclesiástica pergunta ao Marcelo, né, ou seja, porque espalhar a especialidade te dá profundidade e isso dá segurança aos alunos. Essa outra mudança fundamental seja, você não é... por quê? Porque o jornalista, por exemplo, ele é um especialista de tudo, ou seja, ele não tem especialidade nenhuma, um jornalista acorda a não ser um jornalista esportivo, que é uma exceção... jornalista cientifico que nunca se, isso pegou muito, mas é aquele sujeito que hoje vai, digamos, acompanhar uma novidade cientifica e outro dia tá fazendo um desastre de automóvel, quer dizer então, a especialidade dele é o... tudo.

Madalena: Tudo, tudo que acontece.

Prof. Jorge: E como eu venho dessa origem pra foi muito importante a especialização de fato, né. E a especialização cria uma outra coisa, cria paixão. Quando você se especializa, essa é a minha experiência né, numa área, olha você fica atento a tudo que sai de novidade naquela área. Você vai atrás, você lê, etc. Essa seman eu descobri que saiu um novo livro sobre o Valter Hausvols, esse homem foi teólogo, pastor batista. No iniciozinho do século vinte, ele é um dos pais do evangelho social, só tinha um livro traduzido no Brasil, e não tem mais nada dele. Tenho um livro das orações dele, aí teu tava 'futucando' lá na internet e eu descobri que tinha um livro escrito sobre ele sobre de vários autores comentando o trabalho dele e um desses autores foi um grande amigo meu já falecido americano chamado Jim Colins. Aí eu fiquei assim: "*Ah, tenho que ir atrás".* Fui atrás, to te contando isso, de repente você corta, fica a vontade, mas o importante é descobrir que a especialização cria uma paixão e aí você leva isso pro resto da vida, isso vai ter uma repercussão em sala de aula.

Madalena: Hum, hum.Então você acredita que essa formação trouxe contribuições tanto quanto pessoa, tanto quanto professor?

Prof. Jorge: Claro, claro.

Madalena: Sim.

Prof. Jorge: E eu poderia até dizer que esse caminho acabou sendo seguido pela minha esposa.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Jorge: Que não sei explicar exatamente o motivo disso,mas também fez mestrado, doutorado, tal, ou seja, como se é...

Madalena: Contagia

Prof. Jorge: Contagiasse as pessoas ao teu lado.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Jorge: É...

Madalena: Eu tenho uma experiência semelhante até. (rsrsrsrs)

Prof. Jorge: (rsrsrsrs)

Madalena: Você se considera um professor estudioso e bem preparado?

Prof. Jorge: Eu me considero um professor estudioso, um bem preparado é um processo, não significa que, eu acho isso, que você esteja bem preparado e pronto acabou, e você paga porque esta bem preparado, não. Bem preparado significa em primeiro lugar conseguir é, não somente você ser estudioso, né, digamos, conhecer as novidades da tua área, as discussões novas que surgem tal, tudo isso, e também de repente voltar lá trás, aquele livro essencial, que de repente por falta de tempo você não leu o livro, tem trezentos anos e você vai ler e vai ficar encantado, *puxa como é que esse cara pensava isso em trezentos anos*. Mas, o bem preparado significa você dar as respostas é,... aos alunos. A resposta não significa a solução da dúvida dele porque às vezes você não tem, mas entender que você está com um turma hoje, e essa turma reflete necessidade diferente de uma turma de cinco anos atrás, não vou dizer dez anos, dez anos é obvio, mas cinco anos. Então, estar bem preparado é inclusive saber dialogar, né. Porque...

Madalena: Este barulho é do seu celular, né?

Prof. Jorge: Não, meu celular ele apita...

Madalena: Ele apita, eu to achando...

Prof. Jorge: Ele apita a cada ligação, cada e-mail ele avisa. Entende, então eu acho que estar bem preparado é isso e as vezes eu levo sustos, eu entro na sala acho que vai ser ótimo, dou uma aula ótima e os alunos vem com perguntas ridículas, o que tem haver isso!

Madalena: (rsrsrs) O que tem haver?

Prof. Jorge: Né, então eu tenho que estar bem preparado, ou seja, isso significa sobretudo estar atualizado, né, ou seja, hoje, hoje uma senhora veio falar pra mim e dizer: *"Puxa eu fico impressionado com o senhor é informatizado, entende de tecnologia,"* e a minha resposta foi simples, eu sou professor, se eu não souber é, usar um... no meu caso eu uso "*iped*"...

Madalena: Hum, hum.

Prof. Jorge: O meu computador etc, eu fico fora, eu nem consigo me comunicar com eles mais.

Madalena: ok.

Prof. Jorge: Então, essa é a minha visão de estar atualizado, estar informado, né.

Madalena: Ah, um pouquinho agora sobre a atuação profissional. Você conhece os critérios de seleção de professores para ingresso na Teológica?

Prof. Jorge: Conheço alguns, embora que eu saiba, eu não tenho acompanhado esse processo atualmente, mas o principal que eu considero o principal que não convidamos e nem aceitamos professores que não tenham pós-graduação, ou seja, não tenham o mestrado.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Jorge: É, sei também que não é necessário que tenha o mestrado em Teologia, e muito menos doutorado em Teologia porque nós ainda não temos uma produção de uma teologia por falta de entidades nacionais reconhecidas que ofereçam o doutorado. Então sei que muito dos nossos professores tem doutorado em Psicologia, Ciências da Religião, mas que eu saiba esse é o principal critério.

Madalena: Como você foi convidado, pra ser professor na Teológica?

Prof. Jorge: Bom, é uma fase anterior, né. Eu fui convidado por um professor de Teologia Sistemática, é chamado Allan Pierrat, meu amigo ainda hoje, e ele precisou de um assistente e o Deão, naquela época nós tínhamos Deão Itamir Neves, perguntou a mim se eu gostaria, me perguntou se eu gostaria de ser um assistente do Alan Pierrat, eu levei um susto porque é normalmente naquela época os professores americanos eram assim né... eram os ícones, né.

Os nossos ícones eram os professores americanos, digamos assistente para uma pessoa americana, um elogio danado e tal. Eu aceitei, fui falar com Alan e ele me pediu um roteiro, preparar um digamos um esboço de um curso e eu preparei uma coisa muito bem feita. Apresentei a ele e ele disse: *"E ele disse, simplifica!"*. (rsrsrs)

Madalena: (rsrsrs) Tá demais...

Prof. Jorge: É, tá demais, aí a gente foi trabalhando e eu aprendi a trabalhar. Foi muito importante, alias eu faço sempre questão de dizer isso, os professores americanos aqui na Faculdade foram muito importantes para mim, especial o Alan e Harbin, Byron Harbin. Ele foi assim, foram dois que tal. E aí eu fui, fiquei como assistente dele, depois ele parou de dar, passou a matéria pra mim e eu comecei...

Madalena: E isso já entrar na minha próxima pergunta. Quais as suas impressões nesse início como professor na Faculdade, já que você veio ocupando o espaço dele né?

Prof. Jorge: É, bom! Primeira impressão que a gente tinha, e isso é muito engraçado, eu acho que essa sensação, não era só minha, mas dos outros professores que estavam iniciando, é, como os alunos vão me ver em sala de aula, né. Medo danado de: *"será que eu consigo?"*. Mas, eu acho que todos conseguiram, ou seja, a gente se esforçava muito, né, porque é o que eu digo, faltava vários elementos que o mestrado por exemplo, marca, né, ou seja, a técnica, faltava a técnica, a gente estudava, técnica é que facilita. Mas, a principal sensação no início era de insegurança, o que é certo, que é normal. Porque nós não tínhamos um curso técnico, nós tínhamos uma graduação em Teologia, a graduação em Teologia, é bom que se diga isso, sempre teve um objetivo que é formar ministros para a denominação Batista no primeiro momento, e depois ministros para a igreja evangélica no segundo sentido. É, então é...

Madalena: As primeiras impressões são as dificuldades....

Prof. Jorge: As dificuldades por isso, porque a gente tinha uma graduação em Teologia que tem como objetivo em formar ministros, lideranças eclesiásticas, né. Claro está, que dentro da experiência cristã em geral, é a partir da experiência eclesiásticas, eclesiástica que alguém vai ser professor da Teologia, isso acontecia antes também pelo Catolicismo e em geral dentro do protestantismo. Um bom pastor a princípio era visto como possível professor já que ele acumula experiência, etc, etc. Mas hoje nos temos técnicas mais desenvolvidas.

Madalena: Que tipo de dificuldade você enfrenta hoje como professor?

Prof. Jorge: Talvez você não geste de ouvir isto. A grande dificuldade é a quantidade de matérias, isso pesa. É... e eu comparo com professores de outras áreas né, ou seja, eu comparo com o Mackenzie, Metodista, então o professor ele tem especialidade dele e ele vai trabalhar a partir da especialidade dele com duas ou três matérias né. Então às vezes eu conto com uma certa dificuldade porque na minha área, eu me sinto muito a vontade, e de repente eu recebo uma matéria que eu nunca dei, eu tenho que sair correndo atrás, eu tenho que correr atrás de tudo, né, de como expor, de bibliografia, geralmente já vem com a bibliografia mas eu tenho que ler, de como digamos assim, fazer a avaliação, porque é diferente né, digamos é... só pra te dar um exemplo, Teologia Prática eu saquei como é que eu vou avaliar, eu dei a matéria e fiz os alunos com digamos os elementos dados da matéria avaliar cultos evangélicos distintos. Então foram em igrejas Anglicana, Metodista, Presbiteriana, é... Católica e aí ele teve uma aula sobre cultos, sobre adoração etc, etc. Um quadro geral, e aí ele vai fazer a avaliação dele, então eu vou avalia-lo a partir da pesquisa que ele fez fora da classe.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Jorge: No caso da Teologia Sistemática, isso não é necessário, ____ do Nilo, pode ser uma prova escrita, pode ser um trabalho, etc. Então é um pouco ... agora é... eu creio que esse processo de dificuldade, repare só, eu citei dois lugares Universidade Metodista, Universidade Presbiteriana mas eu te disse, na área de Ciências da Religião, porque na área de Teologia, os professores da Metodista entre aspas reclamam da mesma coisa.

Madalena: (rsrsrs)

Prof. Jorge: Porque eu tenho impressão que a falta de professores da área de Teologia com formação, então é... os professores que tem formação, fazem graduação que tem pós-graduação acaba dando meia dúzia de matéria sendo um problema em todas, em todas as Faculdades de Teologia.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Jorge: Além de que tem uma outra razão também, eu creio, né. Uma faculdade de Ciências da Religião e uma Universidade reconhecida e antiga tem um número x de alunos que a Faculdade de Teologia tem mais dificuldade de levantar, de atrair esses alunos...

Madalena: É outro público né? É, como você percebe o relacionamento entre professores e alunos.

Prof. Jorge: É, eu vejo, em termos gerais muito bom, melhor do que em outros lugares. Vou dar um exemplo, não vou citar, tá. Mas eu tenho uma amiga que é professora numa outra instituição, e que não é Teologia a área dela. Olha existe um desrespeito total pelos professores, muito grande, né, ou seja, os alunos olham o professor como um inimigo. Na verdade, nesta Faculdade isto não acontece né, a um carinho muito grande pelo professor. Então, é, eu vejo que o relacionamento professor e aluno aqui é muito bom, tá. E, se o professor, é... for perspicaz em relação a necessidade do aluno, é... creio que não há nenhum choque, ele simplesmente descobre que os alunos estão necessitando e responde as suas necessidades.

Madalena: E você já tem ouvido ou escutado queixas dos alunos em relação as disciplinas?

Prof. Jorge: Ah, sim. Mas uma queixa muito estranha, algumas matérias eles acham que o tempo dado a elas é pequeno. Então por exemplo eu dou Teologia siatemática II a onde eu tenho que tocar cerca de quatro ou cinco temas no semestre um destes temas é Cristologia. Todos eles têm que ser em um semestre. Psicologia tem que ser um semestre. Então eu fico até contente, isso daí, não me magoa nem um pouco, nem me preocupo, seja de fato eles dizem a importância dessa área é tão grande que nós deveríamos dedicar mais tempo. Eles mesmos sugerem, as vezes, seminários

especiais, vocês chegaram não sei porque os alunos estavam querendo seminário especiais sobre Cristologia. E eu disse: *"Fale para a professora Madalena".* Se der dá, porque eu entendi né. É, isto é um tipo de crítica, uma reclamação que eu considero positiva, de forma nenhuma é negativa. É, posturas negativas eu não vejo, por quê? Porque o que eu noto é que os alunos veem o nível dos professores. Então isso é um elogio aos professores, a profundidade, a seriedade, é sempre feito, né. Você está aqui mas eles: *Pô esse professor é ótimo, aquele ali é fantástico?.*

Madalena: Essa é uma pergunta que eu queria fazer em seguida, as queixas dos alunos em relação aos professores. Eles fazem queixas apresentam queixas.

Prof. Jorge: Bom, sem atrair nomes, alguns eles consideram excessivamente 'caxias', o que é um professor 'caxias' para eles. É aquele professor que no segundo período, véspera de feriado não libera ninguém antes de bater vinte e duas horas e quarenta minutos, esse é o professor 'caxias', ou aquele que é capaz de reprovar um aluno com três décimo da nota, né. Ele tira seis vírgula sete...

Madalena: sete ou oito, sete ponto oito.

Prof. Jorge: E fica pra fazer segunda chamada,mas quando me falam eles tem razão, ele tem razão. Esses três décimos ... sete. Eles tem razão. É, isso é, mas não chega a ser uma crítica destruidora, digamos do perfil deste ou daquele professor.

Madalena: Você percebe a diferença entre o aluno formado pela Teológica em relação a alunos formados em outras instituições?

Prof. Jorge: Uuuuuuu... Sem dúvida, sem dúvida. Eu dei aula em outras instituições. É muito interessante isso. Isso aí talvez, é... só tem explicação pra quem vai entender, mas eu vou dar porque... em outra instituição, aí eu estou lá, e eu descubro que é... eu já estou dando uma das matérias finais Teologia Sistemática, e descubro que uma das alunas que está numa faculdade, num seminário cristão, protestante, etc, etc... é espírita e acredita na reencarnação. *Mas vem cá, você não estudou isso? Você vai terminar o curso, sem ter nenhuma noção de Escatologia?*, ou seja, entende? Ou seja, que o que eu quero dizer é o seguinte, eu não estou contra a crença dela né, mas da mesma forma que é... se ela estudasse numa, por exemplo, numa faculdade Umbandista, ia ser muito estranho se ela de repente defendesse a ressureição de Cristo.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Jorge: Né! É, então o que eu quero dizer é o seguinte, é, mas hoje, em termos é... de Faculdades, que é, não, não se pautam por uma coerência metodológica ... entende, ou seja, você está fazendo um seminário protestante evangélico e você vai sair igualzinho entrou, não há uma diferença, não há digamos assim... não estou dizendo que temos que formatar ninguém, de repente acontece, eu tive aqui esta faculdade alunos católicos, ótimos alunos católicos, uma delas de mestrado, fantástico, fantástico. Mas no caso do mestrado a dissertação dela, a pesquisa dela era um tempo próprio e aí eu que me interesso pela coerência da pesquisa dessa área, nas outras áreas de fé, a gente pode compensar, mas ela não está fazendo uma graduação. Aqui não, aqui eu sei que os alunos têm uma formação, que não é, isso é muito importante, ela não tem como uma finalidade de enquadrar os alunos, mas dá um base teórica pra fé que ele tem e que ele vai ministrar como líder da denominação.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Jorge: Como líder da congregação ou igrejas evangélicas.

Madalena: Ok. Você concorda com essa afirmativa, a Teológica preocupasse mais com a preparação dos lideres para o ministério pastoral? Você concorda com essa afirmativa?

Prof. Jorge: Não.

Madalena: Por quê?

Prof. Jorge: Eu concordo, agora tem que ter uma coisa aí! A Teológica é...

Madalena: se preocupa mais com a formação de lideres para o ministério pastoral.

Prof. Jorge: Exatamente. É... eu concordo por um motivo... a Faculdade de Teologia Batista de São Paulo, ela surgiu com um objetivo, ela surge com o objetivo de formar líderes para o ministério pastoral, ela surge com esse objetivo. É, o tempo mudou, tudo mudou, mas esse objetivo ainda permanece. A nossa finalidade, nós podemos, por exemplo, formar um capelão hospitalar, um capelão militar. É... nós podemos formar professores, mas, o centro da, digamos, da preocupação é que nós formemos líderes, lideres para as igrejas e a denominação. As igrejas, as igrejas aí, eu diria, para as igrejas evangélicas já que temos vários alunos que não são batistas, para as igrejas evangélicas e para a denominação Batista. E isso a gente vê, quando a gente olha que as nossas matérias estão voltadas para a pratica ministerial e pastoral, mesmo aquelas mais... aparentemente mais técnicas né, digamos Teologia Sistemática, porque eu vou estudar Cristologia, eu vou estudar Cristologia porque de alguma forma você vai ter que...

Madalena: Preparar sermões.

Prof. Jorge: Preparar sermões. E então essa frase ela está totalmente correta e este é o centro, né. E eu acho, não tenho dúvida quanto a isso não, e eu me pauto por isso. Pode sair daqui um professor de Filosofia? Pode, temos vários alunos que fizeram Teologia e depois fazeram Filosofia e voltaram como professor de Filosofia. É... isso não tá errado! É... podemos formar além de professores, pesquisadores?, também, mas o que nós desejamos?, que a gente forneça as igrejas e a denominação, verdadeiros quadros né, pessoas com bagagem, com inteligência, com maturidade, pra dirigir bem, igrejas, eu acho que isso é estar cumprindo a função da gente.

Madalena: Hum, hum. Como você vê a Teológica hoje?

Prof. Jorge: Bom, eu vejo a Teológica assim, ela hoje, na minha opinião, deve estar entre as melhores faculdades de teologia do país. Estou falando no campo evangélico, não vou comparar com os católicos, porque é bem diferente, tudo.

Madalena: Sim.

Prof. Jorge: No campo evangélico ela deve estar entre as melhores sem nenhuma dúvida. Mas, isso aprendi aqui, uma Faculdade ou uma Instituição de ensino, tem que tá preocupada daqui cinco anos no mínimo, daqui a dez anos, né. Ela leva quatro ou cinco anos pra formar uma pessoa, essa pessoa começa a exercer sua função no sexto ano, ela no décimo, daqui a dez anos que a gente vai ver ela estabelecida, e aí produzindo frutos de tudo aquilo que ela fez. Então é... eu vejo que nós temos uma ótima Faculdade e que nós temos um desafio, pensar lá na frente, não tanto lá na frente, mas pensar daqui a dez anos, não é, e isso só me mostra duas coisas, um, continuar investindo na formação de professores. Dois, isso de fato eu creio nisso, puxar pra dentro da Faculdade os jovens promissores e ir pensando em colocar os velhinhos de lado (rsrsrs)

Madalena: (rsrsrs)

Prof. Jorge: É verdade.

Madalena: Outra geração.

Prof. Jorge: Por que eles vão responder daqui a dez anos.

Madalena: É verdade.

Prof. Jorge: E é assim que eu vejo, por isso eu vejo muita alegria, entrar jovens, como Jonas Madureira se quiser. Andrei Mendonça, e tal e daqui a cinco anos outros.

Madalena: Outros,

Prof. Jorge: Outros, outros e outros.

Madalena:

Prof. Jorge: E vai por aí a fora, Paula Coatti, por que? Porque eu daqui a cinco anos, venho aqui de vez em quando fazer uma palestra, tal, né.

Madalena: É isso. Você recomendaria a Faculdade Teológica para os seus filhos e para os seus netos, para estudarem aqui?

Prof. Jorge: Bom para os meus filhos sim e os meus netos eu ainda não sei. (rsrsrs)

Madalena: (rsrsrs)

Prof. Jorge: Mas eu acho que sim, sem dúvida. Pros filhos isso é óbvio, se os meus filhos tiverem esse, essa vocação para ministros, para lideres, né. Eclesiásticos, que é o caminho. E nós temos uma coisa ótima, estamos em São Paulo, que hoje é o centro cultural do país, não dá pra não dizer que não é. Então nós estamos muito bem localizados, nós temos uma visibilidade impressionante, que é perigoso, porque é mais fácil jogar pedra no nosso telhado que todo mundo olha e vê, então esse é um desafio.

Madalena: Ok. Obrigado Jorge por sua cooperação muito importante, e eu espero que a gente possa aí fazer com que essas entrevistas e esse histórico sendo levado e traga contribuições aí para a história da Faculdade, que é isso que a gente esta sendo trabalhado.

ENTREVISTA 02 m JONAS MACHADO

A entrevista realizada com Prof Jonas Machado aconteceu no dia 29 de maio de 2012 numa das salas de aula da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Prof Jonas Machado faz parte do grupo de professores que concluiu o mestrado em Teologia na própria instituição quando ainda havia a oferta desse curso. Tendo sido motivado a dar continuidade à formação buscou a área de ciências da religião e hoje finaliza um pós-doc na área de textos antigos. alunos que na faculdade se desenvolvera. Sua contribuição a essa pesquisa está vinculada à sua perspectiva mais acadêmica e da necessidade de formar-se pessoas mias capacitadas na área da Teologia.

Madalena: Isso gravando, deixa eu registrar aqui, o microfone pega super bem, eu estou na Faculdade Teológica Batista de São Paulo e estou entrevistando o professor Jonas Machado e hoje é dia vinte e nove de maio de dois mil e doze. Eu vou virar a cadeira ai você pode ler junto aqui e é para eu olhar pra você em quanto você responde. (rsrsrs). Jonas, então essa é a pesquisa que eu estou fazendo pra minha tese, eu estudei os dez primeiros anos na faculdade com foco nos professores de então e agora peguei os dez últimos anos com os professores que passaram pela última transição da Faculdade, né. Então, há algumas questões preliminares que são mais da ordem do social. Qual a sua idade ao ingressar na Faculdade Teológica como professor?

Prof. Jonas: Tinha trinta e três.

Madalena: Trinta e três anos, há quantos anos então você atua na Faculdade?

Prof. Jonas: Desde noventa e quatro.

Madalena: Noventa e quatro, dois mil e quatro (rsrsrs), vinte anos, ual, nossa é muito tempo.

Prof. Jonas: Quase dezoito.

Madalena: Quase dezoito é. Você mora muito distante da faculdade, certo?

Prof. Jonas: Não tão distante.

Madalena: Não tão?

Prof. Jonas: Não, tem professor que chega mais tarde do que eu em casa. (rsrsrs)

Madalena: (rsrsrs) Quantos quilômetros dá.

Prof. Jonas: Dá...

Madalena: Noventa.

Prof. Jonas: Sessenta quilômetros.

Madalena: Sessenta, é eu achava que era mais.

Prof. Jonas: Sessenta em linha reta.

Madalena: Você tem seu carro próprio, você faz essa locomoção com seu automóvel.

Prof. Jonas: Nem sempre, as vezes eu venho de condução também.

Madalena: Você acha que isso é um empecilho dificuldade pra você dar aula aqui?

Prof. Jonas: Não. Hoje não.

Madalena: Não. Hoje não, já foi algum tempo?

Prof. Jonas: Não também porque a condução pra Universidade é bem fácil.

Madalena: E as estradas estão boas hoje.

Prof. Jonas: É.

Madalena: A estrada é uma estrada boa. Essa atividade docente te dá um retorno financeiro suficiente pra cobrir suas despesas em quanto professor.

Prof. Jonas: Não.

Madalena: Não. Então você tem além de ser antes professor você tá vinculado a outra atividade que lhe dá retorno, que atividade é essa?

Prof. Jonas: Eu sou pastor, é, e é essa atividade principal.

Madalena: É a sua atividade principal. Ah, muito bom. Agora mais sobre a questão da oficialização do curso de Teologia e da sua formação e os impactos que isso pode ter causado, né, você viveu as mudanças em relação a oficialização do curso de teologia que vem caminhando aí desde do ano de noventa e nove da nossa Instituição né, e a lei também é de noventa e nove, Como você tem essa oficialização do curso de Teologia do nosso curso de Teologia na verdade. E de uma maneira geral se você quiser...

Prof. Jonas: Eu sei que foi um avanço, né. Um avanço em vários sentidos, foi muito bom, né. Curso sendo oficializado porque ele ganha crédito diante da sociedade e também o fato de ser curso de teologia, sendo agora no Brasil oficializado, também demonstra que essa área de conhecimento esta sendo intensivo, isso é um ponto importante porque já é uma luta bem, bem antiga. Então isso é um dos ganhos com certeza.

Madalena: E para a instituição, você falou de uma maneira geral e para a instituição Faculdade Teológica?

Prof. Jonas: Para a Instituição é também um fato que a Instituição passa a ser vista com outros olhos, no âmbito da educação, principalmente no âmbito da educação das outras escolas. Faculdade de São Paulo já tinha uma, uma, um conceito muito bom quanto seminário, que formava pastores na denominação eu entendo que a oficialização ela acrescentou algo a mais em relação a isso, fato de que outras escolas também reconhecem esse conceito, bom conceito, auto conceito que a Faculdade sempre teve. Ele ganhou dimensões mais amplas outras dentro de outras escolas diante da sociedade.

Madalena: Você tem a formação em outros cursos de graduação que não é a teologia?

Prof. Jonas: Não.

Madalena: Só a teologia a sua graduação. E como foi a sua formação pós graduada?

Prof. Jonas: Minha formação pós graduada ela começou aqui mesmo na Faculdade de São Paulo, é, na verdade eu comecei fazendo o mestrado livre aqui, foi interesse meu eu sempre tive uma, um lado acadêmico, é, sempre quis desenvolver este lado acadêmico e as oportunidades foram surgindo e eu tentei aproveitar porque minha pós graduação começou aqui mesmo fazendo o mestrado que é o curso da faculdade comecei em oitenta e quatro.

Madalena: Depois.

Prof. Jonas: Depois ah, motivado pela própria, próprio caminho da oficialização eu fui fazer o mestrado na Universidade Metodista, aí o doutorado e agora pós doutorado são consequência disto. Na própria universidade eu me desenvolvi lá e fui pro doutorado que eu sempre tive uma desejo de desenvolver um aspecto acadêmico e agora pós doutorado.

Madalena: Ok, o pós doc você faz?

Prof. Jonas: Na Unicamp História Antiga.

Madalena: História Antiga,

Prof. Jonas: É com, meu o objeto de estudo são os _____específico do mar morto.

Madalena: Ok. Eu queria fazer duas perguntas agora pra você que elas estão coligadas, né. É assim, você gostaria de mencionar o impacto provocado em você como pessoa diante dessas novas formações e como professor quais foram os impactos que esses, que ao longo desses anos nessa formação pós graduada é, que provocou em você como pessoa e como professor?

Prof. Jonas: Bom essas coisas estão bem relacionadas difícil dividir como professor ou como pessoa, então eu vou responder estas questões relacionadas. É um dos impactos que tive foi perceber ah, o campo muito amplo que há de possibilidade de estudo na minha área que é antiguidade, na verdade a minha, aquele pensamento concentração em bíblia né, pra, pra, voltado para formação é, pra preparo pra professor formação de seminaristas e bacharel de teologia e um dos impactos foi ter acesso ou melhor ter, ser incentivado a estudar literatura, além da bíblia, isso foi um impacto muito grande. Não só nos textos que entraram na bíblia, mas todos os textos produzidos pelo judaísmo antigo, além da bíblia que não faz parte, não faz parte tradicionalmente de uma formação de bacharel de teologia no seminário se estuda só o Cano, né. No meu caso, no caso da minha área de concentração que é Literatura Religião no Mundo Bíblico eu fui pro texto que eu nunca tinha me dado com eles antes, então foi uma descoberta enorme. Em termos de literatura de _____ literatura produzida na antiguidade. Então esse foi um dos impactos que eu tive, né, em relação a, abrir o campo de percepção e ter acesso a isso, de lidar com isso, de trabalhar com esse material que eu nunca tinha trabalhado antes. Então isso foi para mim um grande, um grande impacto. E também o outro impacto foi o fato de conviver na Universidade com pessoas de várias origens que estudavam o mesmo assunto. Então dialogar com as diferentes para mim foi muito bom, né, aprender a respeitar, ganhar meu espaço ser respeitado também, né, me senti muito bem acolhido, sou muito respeitado, então a convivência com os que pensam diferente neste campo de teologia é um negócio muito interessante.

Madalena: Interessante.

Prof. Jonas: Que normalmente a gente constrói _____ de separação, né. Que a gente não dialoga muito...

Madalena: Com os que pensam assim, com os que pensam...

Prof. Jonas: É, então eu aprendi a conviver com as pessoas sem necessariamente abrir mão dos meus valores e tal, então isso pra mim foi um impacto pessoal que também ao mesmo tempo acadêmico.

Madalena: Você acha que isso trouxe contribuição pra você na sala de aula?

Prof. Jonas: Demais, porque a, minha área que é bíblia ao mexer com texto bíblico deu mais, melhores condições de você avaliar esta em torno disso é uma outra visão, né. Uma visão bem diferente eu acho que enriquece muito___.

Madalena: Isso, então você traria esses pontos como contribuições pra sua formação como um todo.

Prof. Jonas: Sim, sim.

Madalena: Como pessoa e como professor?

Prof. Jonas: Isso, isso.

Madalena: Você falou bastante sobre isso, essa abertura, né. Ah, você se considera um professor estudioso e bem preparado?

Prof. Jonas: Eu me considero um professor estudioso.

Madalena: (rsrsrs)

Prof. Jonas: Estou sempre me preparando (rsrsrs), porque a questão de se considerar bem preparado ela é um pouco perigosa porque o aprendizado não para, a fila anda né, então agora se eu me achar bem preparado eu paro né, estou me preparando sempre, então prefiro pensar assim. Mas eu poderia dizer assim: estou hoje muito melhor preparado, mais bem preparado do que fui no passado.

Madalena: Você sente mais seguro em relação a isso né?

Prof. Jonas: Sim, sim.

Madalena: E quando você traz essa, essas mudanças, essas contribuições que você percebeu sobre esses diálogos e tudo você acredita que isso ampliou sua visão de sala de aula também?

Prof. Jonas: Sem dúvida.

Madalena: Porque na sala de aula a gente tinha, de certa forma a gente tem alunos de...

Prof. Jonas: É também porque o perfil dos alunos mudou né, então, os alunos eles vem com outros questionamentos, eles tem acesso, também um acesso muito mais amplo há muitas coisas que não existia há dez, vinte anos atrás. O perfil dos alunos _____ estão mais exigentes.

Madalena: Você acha que eles estão mais exigentes?

Prof. Jonas: Sim, sim, são mais exigentes.

Madalena: Sim, agora em relação a sua, enquanta a vida interna aqui da Instituição né. Você conhece os critérios de seleção dos professores para ingressar na Teológica?

Prof. Jonas: Não, não conheço porque quando eu entrei foi por indicação e faz um tempo.

Madalena: É isso que ia te perguntar, como você foi convidado?

Prof. Jonas: Eu fui convidado pelo anterior diretor o pastor...

Madalena: Werner, é o Arthur?

Prof. Jonas: Arthur.

Madalena: Arthur.

Prof. Jonas: Indicado por um professor que tava saindo.

Madalena: Ah, ok.

Prof. Jonas: Depois tava saindo por motivo de mudança ele me indicou.

Madalena: Americano?

Prof. Jonas: Não!

Madalena: Brasileiro.

Prof. Jonas: Um professor da casa aqui, brasileiro.

Madalena: Ok

Prof. Jonas: E aí o Arthur já conhecia o professor, o professor Arthur e aí ele me fez o convite ___.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Jonas; Pra dar aula.

Madalena: E nesse seu primeiro tempo aqui, suas primeiras impressões, quais foram suas primeiras impressões do seu tempo aqui na Faculdade?

Prof. Jonas: No começo?

Madalena: É quando você começou a dar aula aqui. Quais foram suas impressões sobre a Instituição, sobre o andamento da Faculdade?

Prof. Jonas: Ah, eu gostava muito né, porque, se tiver alguma impressão que logo que eu cheguei eu pude ingressar no mestrado aqui mesmo, e aquilo foi muito enriquecedor pra mim. Então a impressão que eu tinha na época era que a Faculdade tinha uma, um desejo, esforço de dar uma boa educação aos alunos que queriam fazer Bacharelado em Teologia visando principalmente o ministério. É então eu via aqui o esforço de pessoas nesse sentido que tem uma educação de alto nível...

Madalena: Hum, hum.

Prof. Jonas: Na Teologia. No campo da teologia evangélica, então essa a impressão que eu tinha, aí eu me esforçava também pra contribuir com isso.

Madalena: E que dificuldades você enfrenta hoje como professor?

Prof. Jonas: A maior dificuldade que eu enfrento como professor é tempo.

Madalena: Tempo pra quê?

Prof. Jonas: Tempo pra poder a se preparar melhor.

Madalena: (rsrsrs)

Prof. Jonas: Esse é a maior dificuldade como professor, eu vivo em dois ambientes eu acho que nunca vou deixar de viver né, eu sou pastor, eu sou professor também. Mas eu acho que é possível inverter a situação um pouco né, em ser mais professor, tempo mais dedicado ao magistério do que ao ministério pastoral. O ministério pra mim entendo que é uma questão de perfil, cada um tem como perfil, né e então é isso que vejo, que a minha maior dificuldade hoje seria é tempo realmente pra conseguir fazer que eu gostaria de fazer o que em termos de preparo de pesquisa...

Madalena: Aprofundar mais.

Prof. Jonas: E também é, tempo pra o maior envolvimento dos alunos né, porque essa troca com os alunos ela acontece só basicamente em sala de aula devido ao tempo né, o tempo de aula só, mas quando você tivesse mais tempo pra criar grupos e tal, seria muito ...

Madalena: Muito melhor.

Prof. Jonas: Muito enriquecedor, porque essa troca com os alunos enriquece muito, né.

Madalena: Hum, hum. Joia. Como você percebe o relacionamento entre professores e alunos?

Prof. Jonas: Olha é muito bom, excelente, a única questão é esta que eu acabei de dizer, meu relacionamento com os alunos é muito bom porque o aluno que vem fazer o curso de Teologia, as vezes eu converso com os professores que dão aula aí no estado e escolas públicas e outras mais reclamam um pouco do fato dos alunos serem tanto desinteressados, né. E aqui na Faculdade Teológica de modo geral não acontece, o aluno vem pra cá e tem uma ideologia, ele quer, então ele já vem, é isso é muito bom.

Madalena: Focado né?

Prof. Jonas: É, isso motiva a gente a, a tentar ajudar dando um pouco mais.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Jonas: Agora a dificuldade é o tempo realmente, o tempo é muito curto de contanto, a gente tem um contanto só em sala de aula basicamente e as vezes as turmas são, a, número razoável de pessoas que não dá pra ter um contato melhor com eles né. Então essa é uma dificuldade. Minha percepção é essa, é que um relacionamento muito bom, enriquecedor mas que não dá pra acontecer em tempo maior, né.

Madalena: Hum, hum. Você é vê, ou tem escutado ou tem alguma percepção sobre as maiores queixas dos alunos em relação as disciplinas?

Prof. Jonas: Não, eu num, eles não tem me procurado é, pra falar de queixas em relação a disciplina, não tenho nada assim muito é, uma coisinha outra sempre tem, mas é sempre pontual, então é, agora alguma coisa seja constante assim eu não tenho recebido.

Madalena: E em relação aos professores eles trazem queixas de outros professores pra você?

Prof. Jonas: Não. Eles trazem as vezes assim, uma coisa que eu entendo que é normal de academia. As vezes trazem é, quando a gente apresenta alguma coisa eles trazem outra que o professor apresentou o outro ponto de vista. Isso eu encaro com naturalidade, a academia as divergências são naturais. Então as vezes ocorre de um outro aluno, a gente apresenta uma disciplina e naturalmente isso vai junto com a sua maneira de encarar o assunto sua perspectiva e ai um ou outro aluno se manifesta dizendo que um professor ou outro teve outra perspectiva. Mas isso eu encaro com naturalidade, não vejo problema, nada que fosse assim muito complicado.

Madalena: É normal na academia isso. Você percebe diferença nos alunos formados pela Teológica em relação a outros alunos formados em outras Instituições?

Prof. Jonas: Sem dúvida né, percebo sim. Ah, eu sou pastor também e convívio com outros pastores formados em outros lugares, seminaristas formados em outros lugares a minha perspectiva o aluno formado na Teológica ele tem, a, acaba, nos últimos anos acaba saindo com uma visão mais ampla do próprio ministério, né, pastoral e o próprio ministério cristão e são mais, tem outro nível ao meu ver.

Madalena: Hum, hum. Legal.

Prof. Jonas: Agora nunca fiz uma pesquisa sobre isso mas profunda, uma percepção dentro do meu âmbito de convivência.

Madalena: Eu vou fazer uma afirmativa e você vai dizer se você concorda ou não com ela. A afirmativa é: A Teológica ela se preocupa-se mais com a preparação de lideres para o ministério pastoral. Você concorda com essa afirmativa?

Prof. Jonas: Concordo sim, concordo. Acho que é uma ênfase que a gente houve bastante é uma ênfase que a gente houve bastante. Agora ressaltasse ai o fato de que é, sempre a gente houve da parte da direção a explicação de que formar líder é diferente de formar obreiro, formar líder é formar alguém que pensa, tem que ter senso crítico, diferente de alguém que é formado para seguir só uma linha de trabalho ou de raciocínio uma coisa assim. Então nesse sentido que eu vejo que é a ênfase da escola.

Madalena: E como você vê a Teológica hoje?

Prof. Jonas: Em que sentido?

Madalena: Como você percebe a Instituição hoje?

Prof. Jonas: Eu percebo a Instituição hoje com uma abertura pra, pra novos horizonte, mas também sei que ela naturalmente tem vínculos que ela precisa respeitar, ela tem vínculos que ela precisa é, honrar. Então essa é uma tensão que eu sinto aqui dentro, a uma tensão...

Madalena: Com a própria denominação.

Prof. Jonas: Que ao meu ver não é uma tensão ruim, é uma tensão boa, porque a tensão faz a gente crescer, faz a gente buscar alternativas se tudo tá parado, tá tranquilo, tá bem, tudo tá estático, não vai pra lado nenhum. A tensão faz a gente crescer né, faz a gente mudar, então, nesse sentido eu acho um ambiente muito bom, embora eu não tenha essa vivência desse outro aspecto ___. Eu sei que existem porque a gente convive aqui, eu sou pastor também eu pertenço a denominação eu sei o que ocorre, tudo não, mas boa parte que ocorre os comentários em relação a isso. Mas a uma tensão que eu considero muito saudável.

Madalena: Você recomendaria a Teológica para seus filhos, seus netos, pessoal da sua igreja e seus conhecidos?

Prof. Jonas: Sim, sim. Eu não só recomendaria como eu recomendo.

Madalena: Ham, ham.

Prof. Jonas: O único problema que ___ está em Jundiaí, para ele fica mais difícil vir aqui, fazer o curso, estando aqui todos os dias da semana praticamente todos essa é a maior dificuldade.

Madalena: Não é todo mundo que tem essa..

Prof. Jonas: Eu tenho seminaristas lá que optavam por um curso de tempo integral, por exemplo.

Madalena: Sim, mais fácil.

Prof. Jonas: Né, ah, que pra eles é mais fácil ou é mais próprio, já tive oportunidade de recomendar, quase veio pra cá, só não veio por este motivo. Porque a situação não permitia de ir e vir e eles acabou não vindo, estando aqui. Mas eu recomendaria sim, eu recomendo.

Madalena: Ok, obrigada professor Jonas.

Prof. Jonas: Tá bom.

Madalena: Eu agradeço muito a contribuição acho que vai, vai ampliar bastante os conceitos já trabalhados até aqui. Obrigadão tá.

ENTREVISTA 02 n - VANDERLEI GIANASTÁCIO

A entrevista realizada com Prof. Vanderlei Gianastácio aconteceu no dia 30 de maio de 2012 numa sala da Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Prof. Vanderlei foi aluno da casa e atua como docente há 19 anos na área de Missões a princípio e em outras áreas após novas formações em outras áreas. A formação do professor está no texto da entrevista. A entrevista com Pr. Vanderlei abrangeu aspectos relacionados ao futuro da faculdade e áreas que poderiam ser desenvolvidas para um melhor atendimento ao discente e ao egresso.

Madalena: Bom Vanderlei eu não sei se você chegou a ver as minhas perguntas?

Prof. Vanderlei: Não, não vi.

Madalena: Tá.

Prof. Vanderlei: E é para o doutorado?

Madalena: É, para o doutorado essa, e como não foi bem explicado, eu estou fazendo a pesquisa nos dez primeiros anos com os docentes, com foco na formação docente e tô fazendo agora com os professores da última década e nesse momento da transição.

Prof. Vanderlei: Tá.

Madalena: Né, do MEC. Esse vai ser o meu objeto dentro, o meu objeto é a história da Instituição, mas eu faço um recorte temporal utilizando então, essas, essa fase nova aí da... que a Faculdade vive. Deixo eu só registrar aqui que hoje é trinta de maio, eu estou em numa sala de aula com o professor Vanderlei de Anastácio, que concedeu esse momento pra nossa entrevista, tá. Então são três blocos de perguntas e essas daqui são uma, algumas perguntas mais de cunho social, né. Depois vem a formação e depois um pouco de atuação profissional, né. Então qual a sua idade quando você ingressou na Faculdade Teológica como professor?

Prof. Vanderlei: Quantos anos eu tinha?

Madalena: É.

Prof. Vanderlei: Foi em noventa e três, tem que fazer as contas, quarenta e oito, noventa e três, dois mil e treze...

Madalena: Vinte e cinco.

Prof. Vanderlei: Não. Trinta...

Madalena e Prof. Vanderlei: Trinta e cinco.

Madalena: Trinta e cinco. E há quantos anos você atua, noventa e três, dois mil e três seriam dez anos...

Prof. Vanderlei: Dois mil e treze, dezenove anos.

Madalena: É, ok, dezenove anos.

Prof. Vanderlei: Dezenove anos, está ótimo.

Madalena: É um bom tempo. Você mora muito distante da Faculdade?

Prof. Vanderlei: Ah, eu moro na Lapa, dá quinze minutos de ônibus de carro quinze minutos.

Madalena: Tá, e as vezes você vai a pé.

Prof. Vanderlei: As vezes vou à pé pra fazer caminhada, que dá uma hora.

Madalena: (rsrsrs). E você acha que esta distância facilita então a sua presença na Instituição?

Prof. Vanderlei: A sim, facilita, se eu morasse mais longe seria mais difícil.

Madalena: Mais difícil, né. Essa sua atividade docente lhe dá um retorno financeiro suficiente pra cobrir suas despesas mensais?

Prof. Vanderlei: Não. Ela ajuda bastante, mas suficiente não. Tanto é que a minha esposa tem que trabalhar. Se a minha esposa não trabalhasse hoje, não teria como nós vivermos nos padrões que vivemos hoje, ou seja, a minha filha numa escola, cuidar dos meus sogros, que ... nós que cuidamos. Comprar os medicamentos caros, dos meus sogros.

Madalena: Tem que usar.

Prof. Vanderlei: Então, nesse sentido...

Madalena: Então você não tem nenhuma outra função ou atividade a qual você está vinculado que lhe dá retorno financeiro.

Prof. Vanderlei: Não, não porque a Faculdade por mais que ela não me dê o retorno esperado, mas como minha esposa trabalha a gente consegue de uma certa forma ..

Madalena: Organização.

Prof. Vanderlei: Suprir isso, organizar, então a Faculdade, a vantagem da Faculdade é que ela, ela permite eu estudar durante o dia, então, isto é bom.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Vanderlei: Então isso é bom.

Madalena: É.

Prof. Vanderlei: Né, isso é bom.

Madalena: É, nesse momento de formação.

Prof. Vanderlei: Nesse momento de formação, colabora com a Faculdade, comigo, em fim.

Madalena: Agora um pouquinho sobre a oficialização e eu tenho trabalhado um pouco a questão do impacto que é a oficialização trouxe aos professores né. Você viveu então esse momento da mudança, das mudanças em relação à oficialização da Faculdade. Como você pensa a oficialização do curso de Teologia?

Prof. Vanderlei: Em que sentido?

Madalena: De maneira geral, ou restrito a nossa Instituição aqui.

Prof. Vanderlei: De uma maneira geral, eu vejo algo bom porque, os alunos que se formam eles podem partir para uma pós-graduação. Isso muito importante. Até mesmo em outra área, eles saem daqui com uma graduação, algo que não acontecia antes. Eles saiam com uma graduação porém não sendo reconhecida pelo MEC, pro MEC eles só tinham o Ensino Médio, o antigo Segundo Grau,

né. Então pelo fato de ser reconhecido isso é bom. Na sociedade eu acho isso importante também, a sociedade passar a entender que Teologia, que Bíblia que Igreja, esses aspectos eclesiásticos ideológicos, existe um curso reconhecido pelo MEC pra isso. Acho que, acho que seria, muitas pessoas que a gente conversa não tem noção disso. Quando a gente fala: Há *mestres em Teologia, há doutores em Teologia,* as pessoas não sabem o que é isso e não sabem nem o que é Teologia entre eles, né.

Madalena: Nem o que é.

Prof. Vanderlei: Então eu acho que isso é muito importante isso, acho que de divulgar cada vez mais no meio da sociedade, acho que isso é fundamental para as pessoas terem esse conhecimento e saberem avaliar, de repente ouve algo em uma igreja, algo em outra, terem noção... não é difícil o curso de Teologia, se a pessoa tem informação, quem está falando tem informação, não tem, acho que isso é importante na sociedade. E quanto aos alunos, é aquilo que eu falei, eles podem não só sair daqui partir para uma pós-graduação, mas podem também prestar um concurso de capelania, eles podem partir para outras áreas, algumas empresas até aceitam hoje pessoas nessa formação para trabalhar com os funcionários.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Vanderlei: Orientação, comportamento, ética.

Madalena: Sim. E pra esta Instituição, o que que você vê, como você vê, como você pensa a oficialização pra essa Instituição?

Prof. Vanderlei: É um marco, primeiro é um marco histórico. (rsrsrs)

Madalena: É um marco histórico.

Prof. Vanderlei: É um marco histórico né. E além disso eu percebo que a Instituição, dentro da denominação, ela passa a ter o seu... ela passa a ter a sua, a desenvolver a sua função com mais critério, com mais cuidado, não que não tinha antes, mas agora tem o critério de alguém de fora, tem o critério do MEC e isso é importante, eu vejo que é importante para a Instituição, né. Eu acho que é importante para todos nós, ninguém está aqui ensinando qualquer coisa, porque não, nós somos avaliados, nossa Instituição recebe uma avaliação, acho que isso é importante pra nós.

Madalena: Legal. Você tem alguma formação em outro curso de graduação que não a Teologia?

Prof. Vanderlei: De graduação Letras, licenciatura.

Madalena: Licenciatura em Letras.

Prof. Vanderlei: Português e Inglês.

Madalena: Agora são duas perguntas coligadas, você gostaria de mencionar algum impacto provocado em você como pessoa diante dessa formação que você buscou. Ah eu pulei uma pergunta.

Prof. Vanderlei: Tá

Madalena: Como foi a sua formação pós-graduada? Antes da outra eu preciso desta. Como foi a sua formação pós-graduada?

Prof. Vanderlei: Bom, eu fiz depois que eu terminei a graduação aqui, que na época não era reconhecida pelo MEC, não era reconhecida pelo MEC, eu fiz o mestrado em Ciências da Religião ... foi o momento em que o diretor nos orientou a irmos para a Metodista na época. E a Faculdade aqui

até ajudou a pagar a nossa mensalidade do Mestrado, então fizemos, nós os professores que fomos, fizemos o mestrado em Ciência da Religião na Metodista pra poder reconhecer essa Instituição. Essa Instituição precisava de professores com mestrado reconhecido pela CAPES, aí depois disso eu fiz, o que eu já respondi, a graduação em Letras, aí eu fiz outro mestrado em Letras na área de Filologia e agora fazendo doutorado em Letras na área de Filologia.

Madalena: Isso.

Prof. Vanderlei: É isso.

Madalena: É isso mesmo, porque agora eu quero perguntar, é... diante dessa, dessa busca de novas formações, formações pós-graduadas você gostaria de comentar ou de mencionar algum impacto provocado em você como pessoa diante dessa formação, ou também algum impacto em você como professor diante desta formação, ou seja, o que mais foi relevante pra você nessa busca de novas formações, principalmente pós-graduadas.

Prof. Vanderlei: Ah, eu acho que, ao passo que sai da ... primeiro estudar em outras casas isso já é importante, já tem o seu valor porque você ouve professores com formações em outros lugares e de outras visões, acho que já tem o seu valor né. Segundo, nós não ficamos presos apenas no que aprendemos aqui no sentido Teologia, nessas outras Instituições a gente acabou abrindo o diálogo com outras ciências, mesmo no mestrado da Ciência da Religião você é obrigado a estudar essas religiões a luz de uma ciência seja Psicologia, Sociologia mas você tem que estudar, né. E aí quando eu fui pra USP, quando eu fui pra letras, depois eu fui pra USP mestrado também e Doutorado deu para perceber... e aí até pensando em diálogos é... como eles interpretam texto lá na USP, então eu vou olhar pro texto bíblico, como eu interpreto o texto bíblico, então abrir este diálogo eu acho que foi muito bom, muito relevante, foi marcante e até responde aí já...

Madalena: Como pessoa e como professor, né?

Prof. Vanderlei: Como professor eu pude trazer isso pra sala de aula, né. Então de repente, o aluno desconhecia alguns aspectos vamos supor: *a história de Portugal; formação de João Ferreira de Almeida...,* acabava desconhecendo por quê? Porque a nossa tradição é mais de hípicos textos originais, que não é o errado e pro grego e pro hebraico, e aramaico, porém quando a gente começa a mexer, quando eu comecei a mexer nessas outras Instituições com latim, com a história de Portugal, com o Português antigo, além do Português a gente começa a perceber que influências de línguas latinas também estão presentes no nosso texto bíblico em português, então, isso acabou sendo relevante, não só pra mim, pros alunos também, os alunos hoje que se despertaram pra esta pesquisa pra esse lado também da pesquisa.

Madalena: Hum, hum. E isso foi marcante...

Prof. Vanderlei: Foi marcante.

Madalena: Foi impactante para você, né?

Prof. Vanderlei: Olhar, olhar o texto bíblico com esse, com esses olhos, também, não só, também da linguística, da semântica, isso é, foi importante.

Madalena: E você entende esses impactos como contribuições pra sua renovação?

Prof. Vanderlei: Contribuições, sem dúvida.

Madalena: Hum, hum. Acho que você já respondeu isso né! Como você descreveria essas contribuições, você já respondeu aí que é através do próprio processo de sala de aula, né.

Prof. Vanderlei: Sim, sala de aula e até, ultimamente agora, a gente está com um grupo que são os alunos que vieram me procurar. Não sei também porque que me escolheram, mas vieram me procurar para trabalhar os textos antigos.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Vanderlei: Então não sei se tem haver pelo fato da formação da linguística e tal, e estamos trabalhando com textos antigos, seja, texto hebraico, seja grego, e seja ... textos de 1600, 1700 até textos em latim.

Madalena: hum, hum.

Prof. Vanderlei: Então eu acho que isso só vem a contribuir, abrir os horizontes, né.

Madalena: Então, você acredita que essa sua atuação em sala de aula foi mudada diante dessas buscas de mais formação.

Prof. Vanderlei: Ah sim, por que aí você não se limita só aquilo que o Teólogo diz sobre um texto. O que ele diz pode estar certo sobre o texto bíblico, porém abrindo um diálogo com outras ciências, você até acaba encontrando mais coisas que de repente aquele aquele Teólogo não viu. Não que esteja errado...

Madalena: Sim, na percepção, da época, do tempo.

Prof. Vanderlei: Né, mas isso é importante, isso contribuiu muito.

Madalena: Legal. Então, você se considera um professor estudioso e bem preparado?

Prof. Vanderlei: (rsrsrs)Estudioso, a gente sempre tem que estar estudando, porque não tem, não dá pra parar né! A literatura, as obras né, os pesquisadores estão aí, estão pesquisando. Participo de outro grupo de pesquisa também na USP, então a gente sempre está estudando não tem como né. Bem preparado, aí depende, eu acho que depende muito com as linhas que a gente está trabalhando, porque no nosso contexto hoje aqui da Instituição, as vezes é necessário suprir uma disciplina e tal que a gente não está tão bem preparado, né.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Vanderlei: Então há disciplina que você tem mais domínio e há outras que você tem que estudar um pouco mais, né.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Vanderlei: Então eu acho aí que varia.

Madalena: Sim ok. Agora um pouquinho como... no nosso terceiro bloco, aqui né. Mais sobre a Instituição mesmo. Você conhece os critérios de seleção de professores para ingresso aqui na Teológica?

Prof. Vanderlei: Até o momento o único critério que eu sei que existe é uma entrevista e avaliação do currículo. Ah, sei também que após o reconhecimento do MEC é necessário ter um curso de pós-graduação e eu sei que o MEC também permite uma porcentagem mínima aí com alunos que só tenham Lato senso, então...

Madalena: Hum, hum.

Prof. Vanderlei: Então são...

Madalena: Professores.

Prof. Vanderlei: Professores, desculpa, professores né, é só isso que eu conheço, não sei se tem um teste sobre Teologia, sobre á área que ele vai lecionar isso, não sei se existe.

Madalena: E como você foi convidado?

Prof. Vanderlei: Eu fui convidado ah... pelo, na época o nosso diretor, era deão o Lourenço, mas eu acho que esse convite veio por causa do Scoth Horrel.

Madalena: Indicação.

Prof. Vanderlei: Indicação, Scoth Horrel era professor aqui, doutor em Teologia, hoje está nos Estados Unidos e uma disciplina que eu fiz com ele graças a Deus estou indo muito bem, sempre gostei das aulas dele, sempre fui muito bem com ele e antes de me chamarem, setembro de noventa e dois na cantina ele me falou: *Olha, eu acho que vão te chamar para dar aula aqui!.*

Madalena: Hum, hum.

Prof. Vanderlei: E depois no início de noventa e três me chamaram. Daí que acabei relacionando as coisas, então foi ele que indicou. Então foi assim.

Madalena: Legal! Quais foram as suas primeiras impressões no início das suas atividades, mas como professor na Teológica.

Prof. Vanderlei: Impressões das minhas aulas...

Madalena: Isso, da dinâmica da Instituição, de como as coisas aconteciam aqui dentro. Quais foram as suas primeiras impressões como professor.

Prof. Vanderlei: Pra mim na época estava tudo, tudo normal. Por quê? Porque não tinha também, não tinha outra formação e não tinha nem como comparar pra falar: *Olha lá fora é melhor, ou pior, não sei, aqui estão fazendo isso certo ou errado*, não tinha isso, né. E o meu processo de lecionar, de começar a lecionar aqui se deu por meio de um outro professor também Donald Price, comecei a lecionar aqui na sala do Donald Price, eu dava meia aula e ele dava meia aula, então após a aula ele que me avaliava, o conteúdo... ele me ajudava a preparar a aula e pegava e falava se eu tinha ido bem ou mal e ao passar do tempo ele ia deixando algumas aulas comigo até que depois ele passou uma disciplina pra mim e assim foi.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Vanderlei: Então no sentido de impressão... bom, na administração sempre nunca... sempre achei que foi sempre muito bem atendido e o pessoal foi muito bom, né. Na administração, na coordenação. É aquele impacto de você começar lecionar, não é fácil. Nesse sentido achei difícil, essa é a minha primeira impressão nesse sentido, eu achei bem difícil, por que? Porque há alunos que, tem lá uma outra formação, que tem um bom conteúdo que era o que eu não tinha, então nesse sentido foi difícil, foi assustador. Mas graças a Deus que eu tinha o Price na sala e muitas respostas, muitas perguntas que os alunos faziam que eu não tinha resposta, ele tinha.

Madalena: (rsrsrs)

Prof. Vanderlei: Então isso foi me ajudando...

Madalena: Foi dando segurança.

Prof. Vanderlei: Foi dando segurança.

Madalena: Legal. Como você percebe o relacionamento entre professores e alunos hoje?

Prof. Vanderlei: Acho, eu acho que há dois tipos de professores. Isso a gente percebe pela conversa dos alunos. Há aqueles professores que se aproximam mais dos alunos ou permitem os alunos se aproximarem mais deles e há professores que tem um perfil as vezes que há uma questão cultural, nos temos professores norte americanos tal, e esse já não tem lá uma grande é... um relacionamento tão próximo assim dos alunos, né. Não por uma questão, veja bem, não por uma questão de maldade, não é nada disso, mas é uma questão de cultura mesmo. A formação do professor foi assim nos Estados Unidos, acho que lá é assim na época ... são professores que os alunos sempre vão procurar, ou seja, vão procura-los, eles estão abertos a conversar, mas não aqueles professores de ficarem batendo papo com aluno, que é diferente de alguns professores brasileiros que ficam na cantina conversando com os alunos.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Vanderlei: Mas em geral, prevalece, os alunos... os professores que batem papo com os alunos.

Madalena: E quais são as maiores queixas dos alunos em relação às disciplinas.

Prof. Vanderlei: Algumas disciplinas eles se queixam, que eu ouço né. Eles se queixam de conteúdo, acha o conteúdo fraco e tal. Outras eles se queixam ... aí é até, interessante, umas se queixam de disciplina fraca, outras de muita leitura, ou seja (rsrsrs), se realmente se aprofundar se queixam e se não se aprofundar, se queixam. Então, é complicado. Mas é isso que em geral que eu ouço é isso mesmo.

Madalena: Os alunos né. E qual as maiores queixas dos alunos em relação aos professores.

Prof. Vanderlei: Queixas! Bom professores que não entendem as vezes isso que eles falam, né. Que não entende a situação, acha que, aluno chegou atrasado, acha que chegou atrasado porque quis chegar atrasado, mas ele estava no transito e aí recebe uma 'A' de atrasado, né, coisas assim. Ah, ou então é... testes toda semana, isso eles se queixam...

Madalena: (rsrsrs)

Prof. Vanderlei: Eu ouço (rsrsrs)

Madalena: Eles querem morrer com isso...

Prof. Vanderlei: Eles querem morrer com isso!

Madalena: Você percebe diferença no aluno formado pela Teológica em relação a alunos formados em outras Instituições?

Prof. Vanderlei: em outras Instituições teológicas? Pra ser sincero eu não tenho muito contato com os alunos formado em outras Instituições, né. Às vezes a gente conhece um ou outro pastor formado em outra Instituição que acabou estudando tal, e... acaba ... são bons pastores e bom pregadores, fazem uma boa hermenêutica, mas eu não tenho assim contato com alunos recém formados em outras Instituições, então eu não sei te dizer.

Madalena: ok. Você concorda com esta afirmativa que eu vou fazer agora. A Teológica preocupa-se mais com a preparação de lideres para o ministério pastoral? Você concorda com esta afirmação?

Prof. Vanderlei: Não, não. Por que, líderes para o ministério pastoral, pra mim não se limita só ao conhecimento, ou seja, não se limita... tudo aquilo que está nos livros de liderança. Pra mim, eu entendo que envolve uma questão de vida. Se é ministério pastoral envolve uma questão de vida. Vidas, estou dizendo vidas trabalhando com vidas, e trabalhar com vidas nesse sentido percebo que a Teológica poderia fazer algo mais específico nessa área. Não sei como, não tenho a solução, mas fico pensando em algo como, acompanhar alunos que estão acompanhando vidas, não é que estes que estes alunos estão acompanhando vidas, se é ministério pastoral se estamos falando em pastorear, não estou dizendo aqui pastorear apenas pregar aos domingos, isso aprende-se nas disciplinas, não é difícil. Hermenêutica, como se prega, isso não é difícil. Se é pastorear, se é visitar pessoas, se é acompanhar pessoas e se é também ser exemplo pra essas pessoas, a... isso eu acho que a Faculdade, não... Não estou dizendo que ela desconsidera, mas eu acho que ela não tem hoje mecanismos pra fazer isso, ou seja, professores que acompanhem alunos que estão pastoreando, sei lá, quinze pessoas, trinta pessoas, dez pessoas, né. E os professores estarem por trás dando esse suporte, né. Como é que você está orientando essa mulher, como é que você está orientando essa família, como é que está orientando esse casal eu acho que isso, não temos, e aí envolve questões éticas seriíssimas porque se vamos ser isso, se vamos pedir isso para os alunos exemplo de vida, todos nós professores... e direção precisamos ser também, né. Então até onde estamos abertos de nós... falamos estamos nós de primeira pessoa do plural, nós professores, coordenação...

Madalena: corpo docente, direção...

Prof. Vanderlei: corpo docente e direção, administração. Todos nós até onde estamos abertos, deixa falar: *Precisamos ser exemplos em tudo, para que esses alunos aprendendo não só no conhecimento, com o nosso exemplo de vida possa ser exemplo aí fora.* Então, nesse sentido eu acho que essa afirmação, ela fica parcial. Por quê? Porque preocupa-se com uma preparação, mas tá só na _____.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Vanderlei: Né, e eu vejo que o ministério pastoral se limita só a conhecimento é... bibliográfico, vamos dizer assim, entendeu?

Madalena: A teoria.

Prof. Vanderlei: Na teoria né.

Madalena: Como você vê a Teológica hoje?

Prof. Vanderlei: Com uma certa preocupação. Às vezes acho que, que as coisas estão bem e às vezes acho que não... olha! As vezes acho que estão bem por que hoje temos professores com pós graduação e podem ensinar melhor. E às vezes acho que não, porque o custo pra se estudar na Teológica hoje é caro e as reclamações dos alunos se dão justamente a isso, ou seja, o valor que se paga, ora eles cobram mais, eles queriam, eles querem mais conteúdo e por incrível que pareça, cai na pergunta anterior, eles acabam olhando pra cada um do corpo docente da direção, detalhes da vida pra e relacionam com o valor que está sendo cobrado hoje. Então cobra-se um valor mais porque não temos uma lousa, um quadro branco, cobra-se esse valor porque não temos computadores melhores, mais ou menos neste sentido. Então isso aí, me faz ver a Teológica assim, alguém que quer, entre aspas, decolar. Porém com esses problemas que acabei de mencionar parece que fica algo meio amarrado a coisa não cabível, porque isso é algo mencionado, são coisas mencionadas pelos alunos.

Madalena: Sim.

Prof. Vanderlei: Né, pelos alunos. Então é isso que, dessa forma que eu vejo a Teológica hoje. Parece que ela quer crescer, mas ela não tem uma direção clara principalmente no aspecto ético, no

aspecto financeiro de retorno pra Faculdade, principalmente ... as coisas parece não ser tão claras, que acabam.. provocando alguns problemas. Tanto é que alguns alunos acabam saindo e procurando cursos mais baratos.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Vanderlei: Né. A gente acaba descobrindo um ou outro, acaba acontecendo.

Madalena: Você recomendaria a Teológica para os seus filhos, seus netos, seus conhecidos?

Prof. Vanderlei: Recomendaria, porém antes deveria fazer uma outra graduação, porque? Por que ao terminar o curso de Teologia, o aluno, o formado, ele... o campo de emprego dele acaba sendo a igreja e se ele não quer pastorear, não é tão fácil ele ter um emprego bom com essa graduação. Um emprego digno de um salário pra quem tem uma graduação. Então acaba trabalhando em outra área, né. Então eu recomendaria desde que se tivesse uma outra faculdade pra poder ter um emprego também.

Madalena: Hum, hum.

Prof. Vanderlei: Né, pra não precisar procurar igrejas que paguem mais porque preciso ganhar mais, porque vou casar. Não! Faça curso de Teologia e possa ajudar igrejas, mesmo aquelas que não tem condições de sustentar o pastor, mas esse pastor já tem outra formação e tem o seu emprego e com o curso de Teologia ele pode ajudar.

Madalena: Mais.

Prof. Vanderlei: Né, então precisa ficar naquilo, olha só: *Eu sou vou se vocês me pagarem tantos mil por causa da minha família.* Que é lógico, precisa, não tem como, né! Então, infelizmente no passado isso aconteceu muito. Então nesse sentido eu recomendaria. Com essa... (rsrsrs), com esse... cuidado.

Madalena: Ressalva. Ok, acabamos, obrigada professor...

Prof. Vanderlei: É só isso aí?

Madalena: Só isso, foi bastante (rsrsrs).

Prof. Vanderlei: (rsrsrs)

Madalena: Obrigada por sua cooperação, espero que todas essas respostas que eu tenho colhido do pessoal docente atual, possa trazer boas contribuições aí pra, pro trabalho.

Prof. Vanderlei: Legal, obrigado você.

ENTREVISTA 02 o - JACIRA LIMA

A entrevista realizada com a Profa. Jacira Lima aconteceu no dia 04 de junho de 2012 numa sala da Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Profa. Jacira é uma das mais jovens professoras que viveu o período de transição da instituição. Sua formação está descrita na entrevista e sua área de atuação no ensino é a Educação religiosa e disciplinas com foco mais sociológico que trabalham com a atuação da igreja em comunidades locais. Tem formação pós graduada em Terceiro setor, o que incrementa sua atuação docente.

A entrevista com Profa Jacira foi muito interessante e trouxe informações importantes sobre a condição atual do campo da Teologia e do professor de Teologia quanto à sua formação.

Profª Madalena: Então, qual a sua idade ao ingressar na Teológica, como professora?

Profª Jacira: Bom eu ingressei aqui na Faculdade Teológica aos vinte oito anos.

Profª Madalena: Então você tá desde... quantos anos como professora?

Profª Jacira: Desde mil novecentos e noventa, né... segundo semestre.

Profª Madalena: Da vinte e...

Profª Jacira: Vinte e dois, né?

Profª Madalena: Vinte dois anos!

Profª Jacira: Vinte dois anos!

Profª Madalena: Vinte dois anos.

Profª Jacira: Tá!

Profª Madalena: E você mora muito distante da Faculdade?

Profª Jacira: Não, eu moro bem pertinho. (rsrsrsrs)

Profª Madalena: Então você não precisa de automóvel para fazer essa locomoção, né!

Profª Jacira: Venho a pé.

Profª Madalena: É... mais sempre foi assim, desde que você trabalha, sempre morou perto.

Profª Jacira: Sempre morei perto daqui.

Profª Madalena: Tá bom. É... essa atividade como professora na Faculdade ela é um, você tem um, lhe dá um retorno financeiro suficiente pra cobrir suas despesas mensais?

Profª Jacira: Não!

Profª Madalena: E você então tem outra atividade como profissional...

Profª Jacira: Sempre tive outra atividade, né. Sempre trabalhei na área de Educação, então sempre tive outra atividade para complementar a renda.

Profª Madalena: Ok. Agora voltando o nosso olhar agora pra questão da oficialização, né! Você viveu as mudanças em relação a oficialização do Curso de Teologia já que você tá qui desde 90 e a nossa... o parecer vem desde oitenta e nove, né! Como você pensa na oficialização dos cursos de Teologia?

Profª Jacira: Bom! Eu sou formada pela Faculdade Teológica, né! Estudei aqui, e acho que desde a época que eu estudei eu sempre pensei porque não a Faculdade fazer parte ou estar inserida dentro de um contexto de Ministério de Educação...

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Isso foi uma coisa que sempre me chamou à atenção. Então quando a Faculdade começou a anunciar através da Administração aí de que haveria essa possibilidade, eu acho que isso vem de encontro com a uma expectativa do passado, mas pensando nos alunos que poderiam usufruir desses benefícios agora no presente e no futuro, né. Então, acho que é um ganho tremendo, extremamente positivo e que isso também traz uma relevância maior pro curso, né... porque dá condições pra gente pensar não só de maneira, acho que amadora, né... caseira, no sentido de pensar só neste aspecto da igreja, mas também de ser reconhecido pela sociedade como uma Instituição que forma pessoas pra sociedade...

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Sociedade de maneira geral.

Profª Madalena: Ok. É... ela não vem de encontro, ela vem ao encontro então.

Profª Jacira: É!

Profª Madalena: Vem ao encontro de uma demanda né! Você tem formação em outros cursos de graduação que não a Teologia?

Profª Jacira: Tenho pedagogia.

Profª Madalena: Pedagogia!

Profª Jacira: Isso.

Profª Madalena: E você tem formação pós graduada. Como foi essa formação pós graduada? Você tem Latus Senso, Mestrado.

Profª Jacira: Então, eu fiz o Latus Senso, na área de Administração de Gestão Escolar, fiz também uma na área de Terceiro setor e fiz o Mestrado na área de Psicologia né, então Psicologia da Educação.

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Então fiz o meu mestrado aí.

Profª Madalena: Hum, hum. Ah... Essas próximas duas perguntas elas estão vinculadas a esse impacto, né! Mas antes de faze-las, assim... você procurou esses cursos de pós graduação motivada por essa questão do curso de Teologia? Da oficialização do curso de Teologia?

Profª Jacira: Não, porque eu... o meu Latus Senso foi antes da oficialização, então eu fiz motivada porque eu sempre achei que como professora precisava tá me atualizando, tá estudando pra... podendo contribuir um pouco mais com os meus alunos através do conhecimento que eu fosse adquirindo nesse processo todo.

Profª Madalena: Hum, hum. Então você gostaria de mencionar algum impacto provocado em você como professor diante dessa formação pós graduada? Porque eu pergunto também, ah... se houve após essa sua formação pós graduada algum impacto em você como pessoa, então seria se esses

impactos vieram pra você mais como pessoa ou mais como professor ou você não vê a diferença nisso?

Profª Jacira: Eu acho que as duas coisas caminham juntas!

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Acho que na medida em que você procura um curso, é... pra fazer, você tá pensando em você como pessoa que tem haver com a... uma satisfação tua, pessoal né! E tem haver também com a possibilidade de você acrescentar um novo conhecimento pra você contribuir com os alunos que estão na sua volta. Então eu acho que essas duas coisas caminham juntos.

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Não consigo muito separar isso.

Profª Madalena: E você considera isso... e se isso fosse como um impacto na sua vida, essa contribuição, essa realização pessoal!

Profª Jacira: Considero!

Profª Madalena: Ham, ham.

Profª Jacira: Considero.

Profª Madalena: Tanto no sentido pessoal, quanto no sentido da sala de aula, da atuação na sala de aula...

Profª Jacira: Quanto profissional.

Profª Madalena: Ok. Ham... Você acredita que essa formação trouxe contribuições pra você... não isso já perguntei né como professor. Mas como você descreveria essa contribuição além desses impactos pessoais e profissionais em sala de aula?

Profª Jacira: Eu acho que tem haver com novos conhecimentos, né! Na medida em que você procura um curso em áreas diferentes, por exemplo, eu tenho, fiz pedagogia, trabalhei esse tempo todo na área da educação com... na área administrativa... quando você vai fazendo algumas escolhas por alguns cursos na realidade você também quer ampliar esse conhecimento. E conhecer como as outras áreas enxergam outras situações. Então a minha escolha por exemplo para um curso de mestrado em psicologia tinha haver, saiu um pouco dessa, dessa visão mais pedagógica pra pensar um pouco mais nesse aspecto humano, pessoa, né. Como a gente pode unir tudo isso aí. Então eu acho que tudo isso aí é ser como contribuição pra vida pessoal.

Profª Madalena: Sempre você pensa como contribuição pra você, né. Eu também acredito que traz. Então você já mencionou isso um pouco mas eu reforço a pergunta. Você acredita que a sua atuação em sala de aula mudou depois dessa formação pós graduada?

Profª Jacira: Ah sim, acho que a cada curso, ah... você repensa a sua pratica, aquilo que você faz dia a dia na sala de aula, repensa o seu relacionamento com o aluno, né. Você melhora isso e você revê também questões sua como pessoa e como profissional. Então acho que isso é um reflexo direto no teu dia a dia aí em teu trabalho.

Profª Madalena: Ham, ham.

Profª Jacira: Acho que sempre acrescenta, tem um ganho.

Profª Madalena: Sempre acrescenta... Você se considera uma pessoa estudiosa e bem preparada? (rsrsrsrs)

Profª Jacira: É difícil essa pergunta né! (rsrsrs)

Profª Madalena: É verdade.

Profª Jacira: É, eu me considero. Eu acho que sou uma pessoa focada, naquilo em que eu quero fazer no meu dia a dia de trabalho, gosto do que faço e por gostar eu fiz essa caminhada de crescimento na área acadêmica então acho que foi uma opção, né. Não foi só porque tinha uma necessidade da própria Instituição, nada disso, foi muito mais uma escolha pessoal do que Institucional, né. Então eu considero que eu sou focada e procuro contextualizar esse, essa minha prática de ensino, me aproximar o máximo que eu posso dos alunos pra que a gente possa realmente entender o que eles estão pensando nesse momento de história de vida e trazer isso, pra que isso se torne prático e tenha significado no dia a dia deles.

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Então eu me considero sim.

Profª Madalena: Hum, hum. Bom, agora um bloco de perguntas sobre a questão docente né e mais vinculada a atuação na Faculdade. Você conhece os critérios de seleção de professores para ingresso na Teológica?

Profª Jacira: Olha sinceramente não.

Profª Madalena: Não! Ok.

Profª Jacira: Né!

Profª Madalena: Como você foi convidada pra dar aula?

Profª Jacira: Sim, porque, eu não sei quais são todos os processo. Porque na realidade já faz muito tempo da história aí (rsrsrs). Mas assim, eu fui convidada... eu tinha feito a Faculdade Teológica, aí depois eu estava fazendo pedagogia na PUC, é... tinha uma, já tinha manifestado interesse, meu desejo de trabalhar na Faculdade Teológica como professora, se houvesse oportunidade, isso realmente já tinha colocado, desde a época que eu era estudante.

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Né. E naquele período no segundo semestre eu lembro-me que foi uma professora pro Estados Unidos na área de Educação, ela era da área de Educação e eu comecei a trabalhar...

Profª Madalena: Substituindo.

Profª Jacira: Substituindo, fiquei um semestre, depois dei continuidade.

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Assim, ah... o critério a vinte e dois anos atrás...

Profª Madalena: Era esse... (rsrsrs)

Profª Jacira: (rsrsrs) Era esse, sim! Você quer trabalhar com a gente?

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Né! Você já é da casa, conhece todo o sistema, estudou aqui. Então eu acho que em tese foi muito mais assim...

Profª Madalena: Mas livre, solto, né!

Profª Jacira: Mais livre, é... sem muito, sem muita formalidade e tal..

Profª Madalena: É. Ninguém faz nenhum teste, nenhuma prova...

Profª Jacira: Não.

Profª Madalena: não tem nenhuma concorrência, né. Quais foram as suas primeiras impressões no início das suas atividades, como professora na Teológica?

Profª Jacira: Bom eu, eu estava super entusiasmada né!(rsrsrs). Acho que isso é uma coisa boa. Na verdade eu tava quase que realizando um desejo né, uma vontade, tal. Então isso tava de certa maneira se cumprindo naquele momento. Acho que isso é um fator interessante e bom.

Profª Madalena: Positivo.

Profª Jacira: A minha primeira impressão, é quando eu entrei nas salas de aulas é assim, eu não sei nada e tenho que estudar muito mais, tem que correr atrás porque se eu quiser é... é... fazer um bom trabalho eu vou ter que estudar muito mais do que eu acho que tenho estudado. Então essa que foi a minha primeira reação. E o outro cuidado que eu tive era de tentar essa dinâmica de sala de aula com alunos adultos né! Porque eu tinha uma experiência com crianças, mas com alunos adultos numa sala de aula de uma Faculdade, eu não tinha essa experiência. Então foi um outro momento aí.

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Então isso foi o que realmente levou a pensar um pouquinho mais de como estruturar um pouquinho melhor as minhas disciplinas, os meus cursos, né. Como é que eu poderia tá estudando cada um desses assuntos, porque no semestre seguinte eu já peguei duas disciplinas para trabalhar.

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Então eu já ampliei um pouquinho mais aí, embora fosse na área de educação, mas eu tinha que realmente fazer uma pesquisa um pouco maior, né. Estudar mais...

Profª Madalena: OK.

Profª Jacira: E nesse período eu ainda tava terminando a Faculdade a PUC e isto também me ajudou que eu tava no meio acadêmico, né!

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Então isso fez uma diferença no...

Profª Madalena: Nisso tudo né?

Profª Jacira: No início da minha prática, aí.

Profª Madalena: Que tipo de dificuldade você enfrenta como professora?

Profª Jacira: Bom, se a gente fizer uma retrospectiva aí no tempo, né! Eu digo que o... talvez o aluno de hoje ele seja mais inquieto em relação em algumas questões que nós fazemos em sala de aula ou

pelo menos alguns conteúdos trabalhados e que muitas vezes não fazem sentido para eles naquele momento... Se a gente pensar em relação ao aluno de dez anos atrás, vinte anos atrás.

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Então esse aluno é muito mais inquieto, mas ao mesmo tempo ele também se conhece muito mais coisa na minha visão, né... daquilo que está sendo proposto e aí você tem que muita vezes fazer um caminho maior com esse aluno pra ele pode entender pelo menos enxergar o que você está propondo enquanto professor e a importância daquele conteúdo daquele... daquele trabalho que você quer realizar naquele semestre. Como isso vai ter um significado na vida pratica dele.

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Então, eu acho que, que tem uma dificuldade nesse sentido né...

Profª Madalena: Hum. Hum.

Profª Jacira: De que o aluno, de que o aluno embora ele tenha teoricamente um nível de informação maior do que o aluno do passado, chamado do passado, esse aluno de hoje ele tá muito mais desinformado em relação algumas coisas que vão fazer sentido no ministério dele.

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Né!

Profª Madalena: Como você relaciona professores e alunos?

Profª Jacira: Pergunta difícil!

Profª Madalena: (rsrsrs)

Profª Jacira: (rsrsrs) Não sei. Eu não poderia falar de todos os professores, né.

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Nem sobre os outros colegas, mas eu poderia falar pela minha prática de trabalho. Assim, eu procuro manter uma postura bem próxima desse aluno, né. Conversar com o aluno, entender quais são as necessidades dele no dia a dia de sala de aula, é... redirecionar algumas, algumas coisas que a gente pensou e na realidade não tá dando certo. Na realidade isso ajuda no próprio relacionamento com o aluno. E em situação mais especificas, é chegar perto desse aluno e conversar com ele e saber o que está acontecendo. Acho que em algumas situações você como professor, precisa fazer isso. É... não si esta questão de relacionamento tem haver com cada tipo de disciplina, né. As vezes a disciplina X se apresenta mais séria, mais rígida, mais inflexível, o aluno as vezes se distância desse professor ou se aproxima de um outro por conta do próprio tema dos assuntos a serem tratados. Então eu não saberia te dizer Madalena se de um modo geral...

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: como que é isso. Às vezes a gente escuta um aluno ou outro falar alguma coisa, mas isso aí é coisa de aluno, né.

Profª Madalena: E você ouve? Porque a próxima pergunta é assim: quais as maiores queixas dos alunos em relação às disciplinas?

Profª Jacira: Bom, o que eu posso falar é assim, em relação às disciplinas a maior queixa dos alunos eu posso falar desse semestre especificamente e aí a gente tá conversando aqui né. É de algumas turmas foi o excesso de atividades que foram solicitadas e de algumas atividades que não constavam no planejamento e foram pedidas depois.

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: E isso realmente eles colocaram várias vezes pra mim.

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: É... nessas conversas ali de corredor ou em sala de aula mesmo aproveitam alguns espaços até mesmo pra desabafo né.

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Então, é, eu acho que isso aconteceu mais e uma vez com algumas turmas nesse semestre, né.

Profª Madalena: E quais as maiores queixas dos alunos em relação aos professores?

Profª Jacira: Eu não escuto muito isso, eu acho que a... especificamente há professores de forma mais pessoal, eu não vejo muito, pelo menos não chega né, não chegou esse semestre ou em outras situações até mim, mas eu não vejo muita coisa assim não.

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Né!Especificamente o professor tal, sobre professor X, Y ou Z, não vejo muito...

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Eu vejo muito mais relacionado a questão da quantidade de tarefas solicitadas no semestre em determinadas disciplinas...

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Isso sim, aí eu acho que depois, claro que isso acaba extrapolando na pessoa professor né!

Profª Madalena: Hum, hum.

Profª Jacira: Que aí há uma mistura...

Profª Madalena: Os alunos misturam tudo.

Profª Jacira: Acho que aí é uma mistura, então a gente não consegue separar muito bem. Mas especificamente relacionado ao que foi pedido, né.

Profª Madalena: Vou fazer uma afirmativa agora eu quero saber se você concorda com ela. A Teológica preocupa-se mais com a preparação de líderes para o ministério pastoral. Você concorda com essa afirmativa?

Profª Jacira: Não! Eu acho que ela se preocupa com o aluno como um todo. Pra esse ministério pastoral e liderança pastoral e também pra uma formação prática e acadêmica. Eu vejo que essa caminhada na Faculdade ela faz bem isso, pelo menos é a percepção que eu tenho. Esse aluno tem essa possibilidade de pensar essa teoria, né. Aquilo que ele vê no dia a dia, ponto de vista teórico e trazer isso pra prática. Então nessa formação é...

Prof[a] Madalena: De cada um _____.

Prof[a] Jacira: De preparação para lideres para o ministério pastoral, eu acho que ela dá as duas coisas, mas ela não pensa só no prático ou só no teórico eu acho que ela faz essa caminhada aí, mas trabalhando com essa visão. Eu acho que isso é muito claro. Por exemplo, dependendo da disciplina, dependendo do professor, dependendo do conteúdo a ser tratado eu acho que fico isso muito, não sei pelo menos na própria filosofia do projeto da Faculdade, pra mim me parece tranquilo.

Prof[a] Madalena: Hum, hum. Como você vê a Teológica hoje?

Prof[a] Jacira: Bom eu sou filha da casa né...

Prof[a] Madalena: Hum, hum.

Prof[a] Jacira: Então a gente não pode viver de passado, né. Porque na realidade você tem que pensar no teu presente e projetando isso pro futuro. Eu acho que a Teológica ela poderia... ela é uma boa escola como considero que ela uma boa escola de formação Teológica, mas eu acho que a Teológica poderia caminhar e avançar um pouquinho mais, né. Talvez em alguns aspectos a minha percepção como professora de pensar encontros que fossem mais é... reflexivo pra esses alunos fora deste contexto de sala de aula, então ela proporcionar esse movimento que desse uma certa dessa efervescência nesses espaços, corredores, né... cantina e assim por diante. Acho que isso geraria um clima mais é... afetivo talvez um pouco menos frio, né. Essa coisa tão assim, chega... chega vai pra aula, vai embora pra casa, né. Se ela proporciona-se isso esse movimento constante né, não uma parada por uma semana ou uma parada de um mês, dois dias, tal. Acho que isso ajudaria bastante nessa, nessa, nessa caminhada aí de pensar Teológica pouco mais contextualizada. Talvez um outro aspecto da minha percepção é trazer temas que fossem mais relevantes pra este contexto...

Prof[a] Madalena: Atuais...

Prof[a] Jacira: Atuais, né, que eu acho que essa garotada tá pedindo isso da gente. De discussões que tenha haver com o dia a dia deles mesmo que tenha haver com os embates que eles têm nas igrejas, na própria denominação, ou nas mais variadas denominações aí, buscar essa discussão e acho que, um pouco mais além, né... É talvez trabalhar e trazer e discutir com pessoas que pensam diferente da gente. Que pensam diferente da gente pra gente poder realmente ter esse tipo e esse nível de discussão. Eu acho que nesse sentido eu acho que a gente precisaria caminhar um pouquinho mais, é uma coisa que eu sinto falta.

Prof[a]Madalena: Hum, hum.

Prof[a] Jacira: É eu tô falando disso porque eu to falando pensando numa nostalgia, né. Eu acho que no período que eu estudei aqui foi um período de bastante reflexão e a gente transitava aí por várias áreas de conhecimento, né. A gente tava também no momento bastante rico da história do país, então tinha aí todo o movimento dos...

Prof[a] Madalena: anos setenta...

Prof[a] Jacira: não... dos anos oitenta né. O movimento dos sindicatos, né. Depois com toda abertura política então você tem todo um contexto ali de história, mas não pensando só nisso, eu acho que pensando nesse momento do mundo mesmo né, acho que também a gente vive esse momento mas de uma outra forma, né. Quando você pensa numa... num planeta né, pensar num mundo e você tem que pensar, e você precisa é... da continuidade as próximas gerações, e você tem que ter uma ação sobre isso, quanto que a igreja tem...

Prof[a] Madalena: Espaço.

Profª Jacira: Tem espaço ou pelo menos tem compromisso com tudo isso que tá acontecendo aí. É então eu acho que de alguma maneira os nossos alunos tem pedido uma caminhada um pouquinho mais profunda, né, e dialogar com vários outros teólogos aí pra gente realmente ampliar o conhecimento e discutir um pouquinho mais sobre isso, então acho que isso faz falta. É a minha percepção.

Profª Madalena: Como você não tem filhos...

Profª Jacira: Nem netos (rsrsrs)

Profª Madalena: (rsrsrs) Você recomendaria a Teológica aos seus conhecidos, sobrinhos e pessoas pra estudar aqui?

Profª Jacira: Recomendaria, continuo achando que a Faculdade Teológica é um espaço onde você tem uma boa formação, né. E hoje a igreja que manda seus seminaristas, as pessoas que querem estudar pra cá vão receber uma boa formação. Isso vai depender muito do aluno, né. Mas enquanto projeto que a Faculdade tem ela tem atendido pelo menos na sua grande totalidade aí esse, esse, esse rapaz que vem pra cá estudar. Esse homem, essa mulher que vem pra cá estudar. Recomendaria, sem problema nenhum, pra qualquer pessoa.

Profª Madalena: Obrigada Jacira acabamos o nosso...

Profª Jacira: Espero que tenho ajudado aí.

Profª Madalena: Não! Ajudou super dez.

Profª Jacira: E que você possa aproveitar.

Profª Madalena: Na verdade estou pegando os professores que participaram desse, desse momento de transição, né. Vou desligar aqui.

APENDICE 3 – LEVANTAMENTO DE DOCENTES – 1958 a 1972

QUADRO DE DOCENTES ORGANIZADO A PARTIR DA LEITURA DE RELATÓRIOS DO DIRETOR À JUNTA ADMINISTRATIVA DO COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO E MAIS TARDE À JUNTA DE EDUCAÇÃO DA FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

	NOME	ANO/E	ANO/S	DISCIPLINA
1958	Djalma Cunha,	1958	1970	Teologia Dogmática
	Enéas Tognini,	1958	1965	Novo Testamento
	Rubens Lopes,	1958	1971	Homilética, Pragmática Eclesiástica
	Malcolm Tolbert,	1958		
	Roque Monteiro de Andrade,	1958		Religiões Comparadas
	Hilário Veiga de Carvalho,	1958		
	Lauro Bretones,	1958	1965	Filosofia e Ética
	José Novais Paternostro,	1958		Psicologia
	Frederico Vitols,	1958		
	Siegfried Sehmal	1958		Hebraico
	Rafael Gióia Martins	1958		
1959	Bertoldo Gatz	1959		Novo Testamento e Grego
	William Lee Clinton	1959		Teologia Dogmática
1961	Bertoldo Gatz - Deão, diretor de relações públicas e prof Grego, NT.	1961 1973	1968	Grego
	Thurman Bryant Prof titular da divisão prática	1961 1974	1972 1977	Novo Testamento
	Eliezer Pereira de Barros	1961		Evangelismo
	Dr. Flamínio Favero	1961		Medicina Pastoral
	Frederico Vitols	1961		Velho Testamento
	Dr. Odon Ramos Maranhão	1961		Clínica Pastoral
	Walter Kaschel	1961		Missões
	Werner Kaschel	1961		Introdução Bíblica
	William Lee Clinton	1961		Teologia Sistemática
	Harold Renfrow	1961	1961	Educação Religiosa
1963	Paulo Nogueira Coelho também bibliotecário	1963	1967	Novo Testamento e Evangelismo
	Robert Schmith	1963		História eclesiástica e Teologia Contemporânea
	Sérgio Carlos da Silva	1963	1965	Introdução Bíblica
	Russel Sheed	1963	1972 1989	Introdução Bíblica, Estudo exegético de Gálatas
	Nils Friberg	1963 1970	1972 1976	História dos batistas e missões História eclesiástica
1966	Glen Ogren	1966 1969	1969	

	William Lee Clinton			Teologia sistemática
	Elton Jonhson		1969	Teologia sistemática
1967	Ary Veloso	1967		Grego e estudos exegéticos
	James Musgraves	1967	1967	Filosofia e Teologia Sistemática
	Walter Wedmann	1967		História dos Batistas
	Henrique Wedmann	1967		História Eclesiástica
	Gordon Chown	1967		Hebraico
	Jack Green	1967		Eficiência Eclesiástica
	Richard Sturz também Bibliotecário e redator da 'Teológica'	1967	1973	Teologia Contemporânea e Teologia do Novo Testamento
1969	Dr. Thomas Helsell	1969		
	Karl Lachler – diretor interino do Instituto e como prof em 1970	1969 1985	1973	Filosofia
	Derek Winter	1969	1969	
	William Damon	1969		Educação religiosa
	Frank Hawkins	1969		Novo Testamento e Introdução Bíblica
1970	Ismail Sperandio	1970	1971	Grego
	Alberto Blanco de Oliveira	1970		Filosofia e Educação Religiosa
	Rubens Castilho	1970		Português
	Betty Cole	1970		Educação dos Jovens
	Thiago Lima	1970		Evangelismo
	Byron Harbin	1970 1979	1973 1980	Velho Testamento Hebraico
	Perry Ellis	1970	1973	Evangelismo
	Gerda Gleser	1970		Educação Religiosa
	Jonh Oase			
	Karl Lacheler			
1971	Clotilde Thomé	1971		Grego
	Werner Kaschel também bibliotecário – tempo integral	1971		Várias cadeiras
	Irland Pereira de Azevedo	1971	1989	Filosofia
	Glaucia Peticov	1971		Português
1972	Bill Grant	1972		Inglês
	Margareth Lachler	1972 1985	1973	Inglês
	Arthur A. de M. Gonçalvez	1972		Psicologia
	Silas Costa	1972		
	Edward Spann	1972	1976	Curso de música

ANEXOS

ANEXO 1 – Estudo realizado por Lourenço Stelio Rega.[156]

11/07/2011

[156] Neste trabalho constam somente os dados estatísticos. Apresentação cedida pelo autor.

11/07/2011

Atos concluídos – 2010

Ato	Quantidade
Autorização	130
Autorização em EAD	3
Reconhecimento de curso	106
Renovação de Reconhecimento	9
Reavaliação de curso	0
Credenciamento	9
Credenciamento em EAD	17
Recredenciamento	9
Total	283

Fonte: MEC/INEP/DAES

Avaliações 2010 por ato e conceito

	Conceito						total
	SC	1	2	3	4	5	
Autorização	3	0	15	256	500	130	904
Autorização em EAD	0	0	0	8	22	3	33
Reconhecimento de curso	181	2	17	556	776	106	1638
Renovação de Reconhecimento	0	7	58	377	112	9	563
Reavaliação de curso	31	0	0	0	0	0	31
Credenciamento	0	0	6	74	45	9	134
Credenciamento em EAD	0	0	1	18	42	17	78
Recredenciamento	0	2	61	521	126	9	719
total	215	11	158	1810	1623	283	**4100**

Fonte: MEC/INEP/DAES

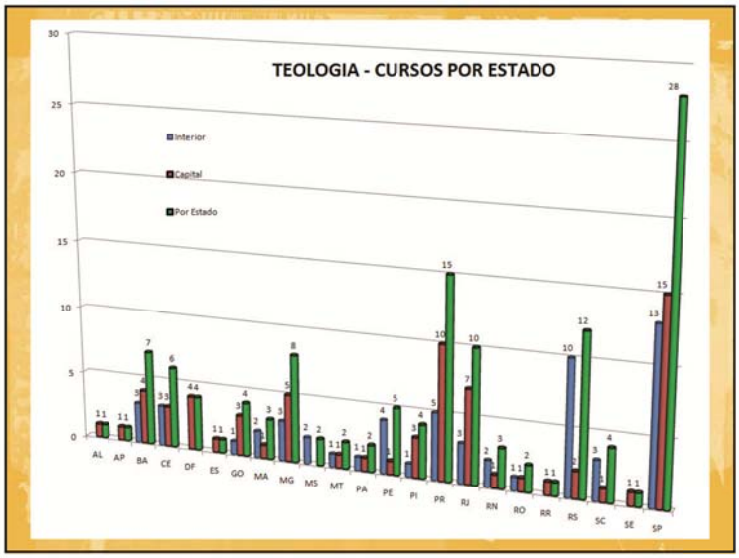
11/07/2011

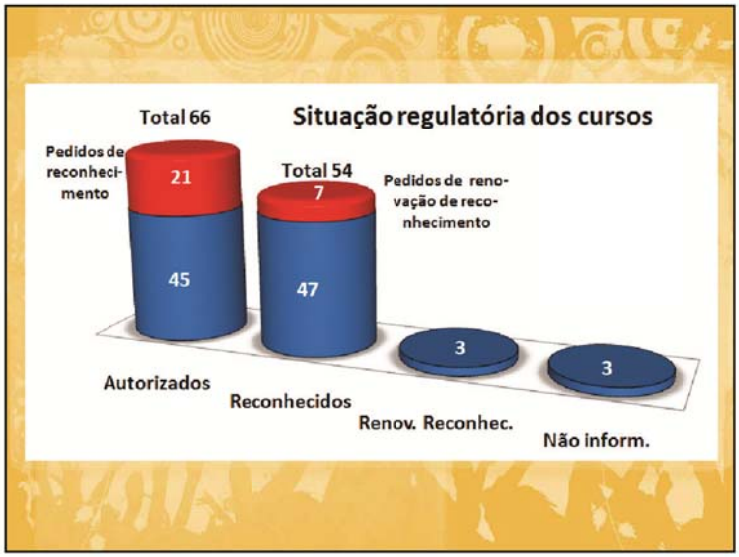
Um mapa da educação superior teológica oficializada no Brasil

Obs.: podem não estar incluídos dados de novos Cursos criados por Universidades ou Centros Universitários ultimamente.

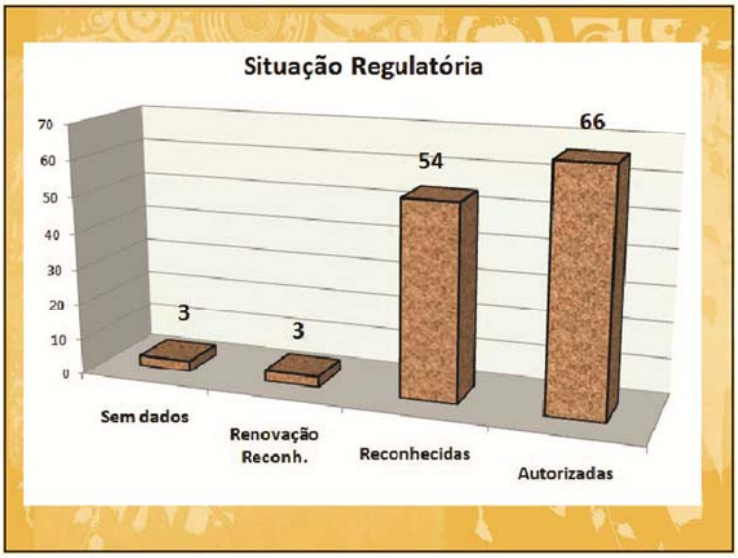
Fontes: cadastro eMEC
DOU
Atualizado em 11/07/2011

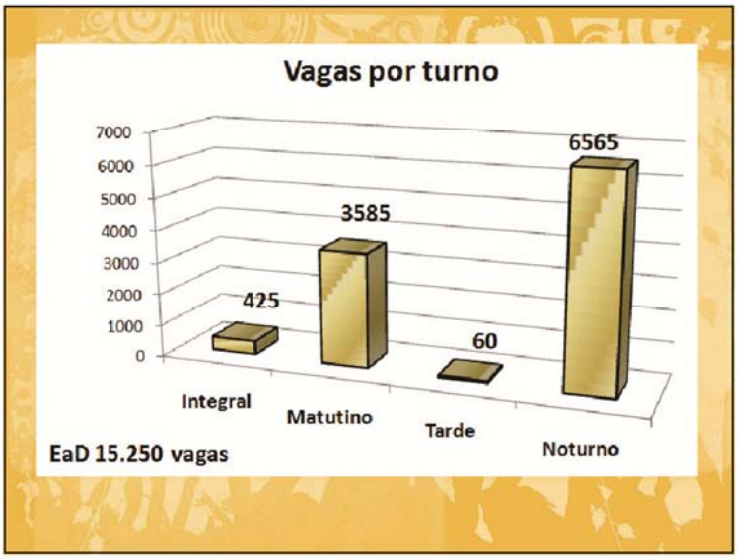
11/07/2011


TEOLOGIA - CURSOS POR ESTADO
Interior
Capital
Por Estado
AL AP BA CE DF ES GO MA MG MS MT PA PE PI PR RJ RN RO RR RS SC SE SP

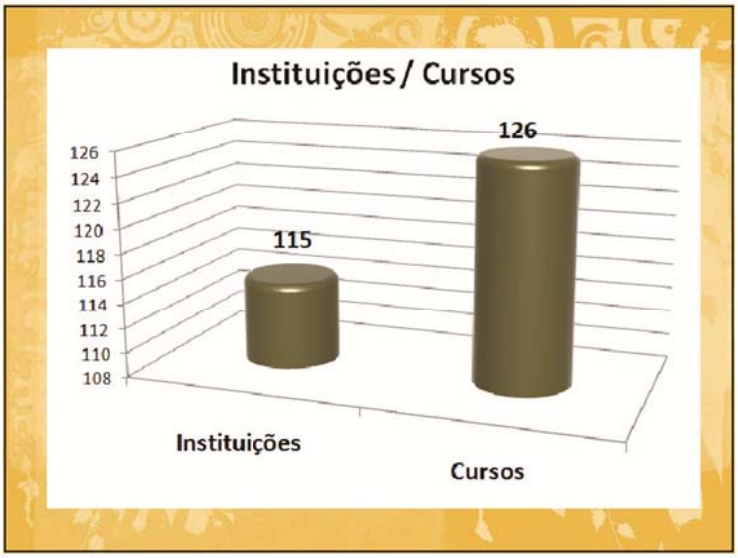

Situação regulatória dos cursos
Total 66
Pedidos de reconheci-mento
21
45
Total 54
7
47
Pedidos de reno-vação de reco-nhecimento
3
3
Autorizados
Reconhecidos
Renov. Reconhec.
Não inform.

11/07/2011


Situação Regulatória
70
60
50
40
30
20
10
0
3
3
54
66
Sem dados
Renovação Reconh.
Reconhecidas
Autorizadas

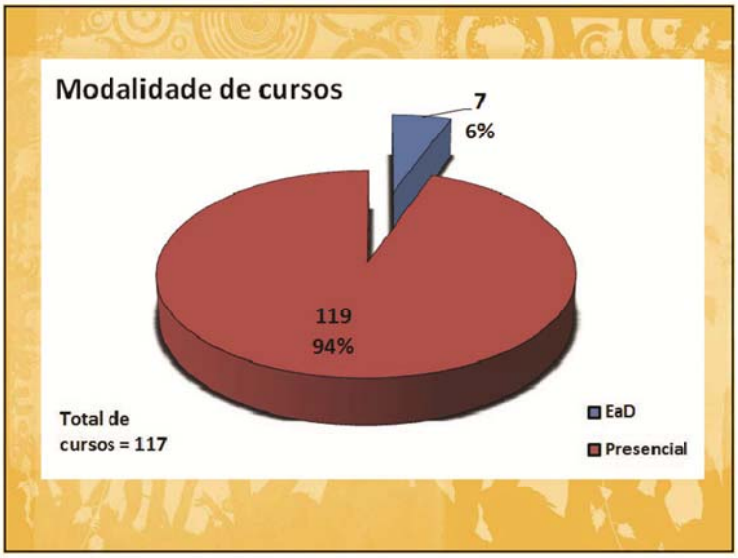

Vagas por turno
7000
6000
5000
4000
3000
2000
1000
0
425
3585
60
6565
Integral
Matutino
Tarde
Noturno
EaD 15.250 vagas

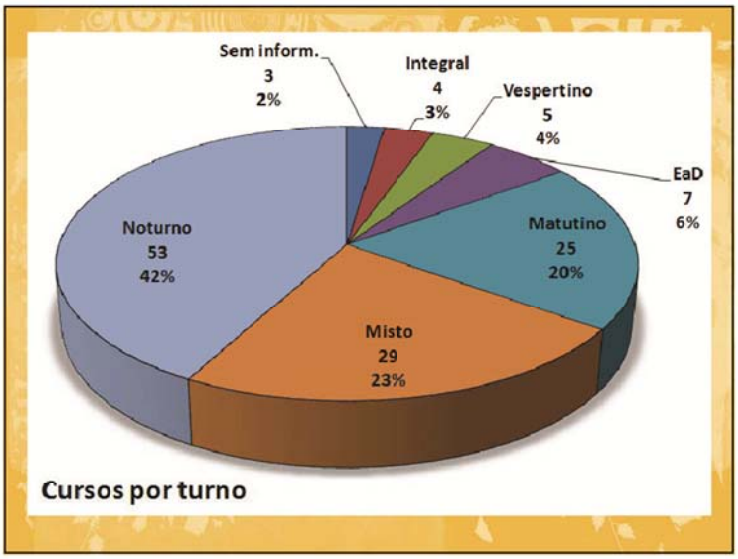
11/07/2011


Instituições / Cursos
126
124
122
120
118
116
114
112
110
108
115
126
Instituições
Cursos

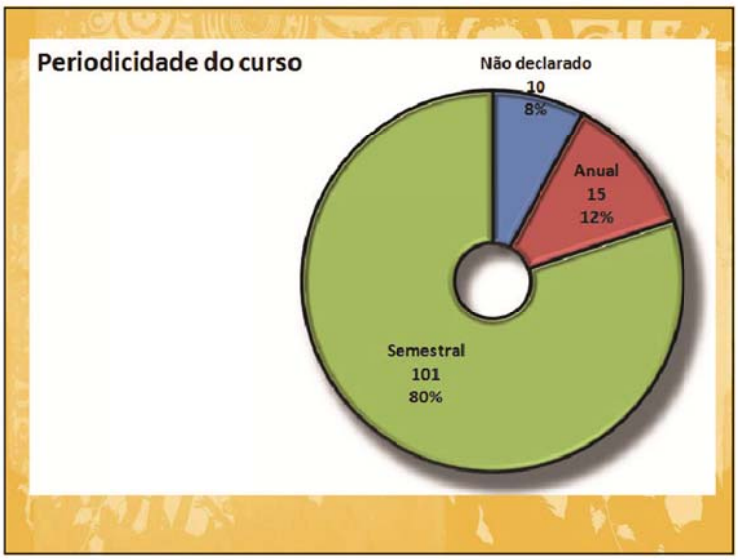
Instituição por confissão
60
40
20
0
0
1
1
1
3
9
11
13
21
57
Sem confissão
Espírita
Messiânica
Umbanda
Adventista
Interconfessional
Pentecostal
Evangélica Geral
Protestante Histórica
Católica

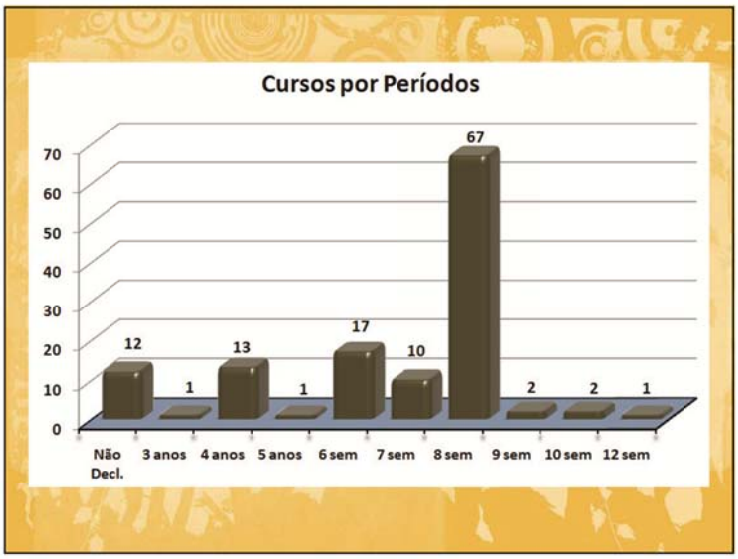
11/07/2011


Modalidade de cursos
7
6%
119
94%
Total de
cursos = 117
EaD
Presencial


Sem inform.
3
2%
Integral
4
3%
Vespertino
5
4%
EaD
7
6%
Matutino
25
20%
Misto
29
23%
Noturno
53
42%
Cursos por turno

11/07/2011


Periodicidade do curso
Não declarado
10
8%
Anual
15
12%
Semestral
101
80%


Cursos por Períodos
70
60
50
40
30
20
10
0
12
1
13
1
17
10
67
2
2
1
Não Decl.
3 anos
4 anos
5 anos
6 sem
7 sem
8 sem
9 sem
10 sem
12 sem

ANEXO 2 – Parecer 241/99

Parecer Homologado (*)
(*) Despacho do Ministro, publicado no Diário Oficial da União de 05/07/1999.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTERESSADO/MANTENEDORA: Conselho Nacional de Educação		**UF**: DF
ASSUNTO: Cursos Superiores de Teologia		
RELATOR(A) CONSELHEIRO(A): Eunice R. Durham, Lauro Ribas Zimmer, Jacques Velloso e José Carlos Almeida da Silva		
PROCESSO Nº: 23001.000081/99-00		
PARECER Nº: CES 241/99	**CÂMARA OU COMISSÃO:** CES	**APROVADO EM**: 15/03/99

I – RELATÓRIO

O ensino da Teologia nas universidades tem uma longa tradição, que remonta à própria origem destas instituições.

Na origem, a Teologia, constituída como uma análise efetuada pela razão sobre os preceitos da fé, estava estreitamente subordinada a uma única orientação religiosa – de início, o catolicismo. Depois da Reforma, as universidades protestantes desenvolveram seus próprios cursos teológicos. De uma forma ou de outra, os cursos estavam ligados à religião oficial do Estado.

A separação entre Igreja e Estado, estabelecida pela grande maioria dos regimes republicanos e pelas monarquias constitucionais, alterou esta situação, permitindo a pluralidade de orientações teológicas. Isto, entretanto, não criou nenhum conflito com o Estado ou entre as diversas orientações religiosas, por não haver, na organização dos sistemas de ensino da quase totalidade desses países, a instituição de currículos mínimos ou de diretrizes curriculares. Estabeleceu-se, desta forma, uma pluralidade de orientações.

No Brasil, a tradição de currículos mínimos ou, mais recentemente, de diretrizes curriculares nacionais, associada à questão da validade dos diplomas de ensino superior para fins de exercício profissional pode interferir no pluralismo religioso.

De fato, o estabelecimento de um currículo mínimo ou de diretrizes curriculares oficiais nacionais pode constituir uma ingerência do Estado em questões de fé e ferir o princípio da separação entre Igreja e Estado. Talvez, inclusive, seja esta a razão pela qual os cursos de Teologia não se generalizaram nas universidades brasileiras, mas se localizaram preferencialmente nos seminários.

Em termos da autonomia acadêmica que a constituição assegura, não pode o Estado impedir ou cercear a criação destes cursos. Por outro lado, devemos reconhecer que, em não se tratando de uma profissão regulamentada não há, de fato, nenhuma necessidade de estabelecer diretrizes curriculares que uniformizem o ensino desta área de conhecimento. Pode o Estado portanto, evitando a regulamentação do conteúdo do ensino, respeitar plenamente os princípios da liberdade religiosa e da separação entre Igreja e Estado, permitindo a diversidade de orientações.

II – VOTO DOS RELATORES

Tendo em vista estas considerações, votamos no sentido de que:

a) Os cursos de bacharelado em Teologia sejam de composição curricular livre, a critério de cada instituição, podendo obedecer a diferentes tradições religiosas.
b) Ressalvada a autonomia das universidades e Centros Universitários para a criação de cursos, os processos de autorização e reconhecimento obedeçam a critérios que considerem exclusivamente os requisitos formais relativos ao número de horas-aula ministradas, à qualificação do corpo docente e às condições de infra-estrutura oferecidas.
c) O ingresso seja feito através de processo seletivo próprio da instituição, sendo pré-condição necessária para admissão a conclusão do ensino médio ou equivalente.
d) Os cursos de pós-graduação *stricto ou lato sensu* obedeçam às normas gerais para este nível de ensino, respeitada a liberdade curricular.

Brasília-DF, 15 de março de 1999.

Eunice R. Durham

Lauro Ribas Zimmer

Jacques Velloso

José Carlos Almeida da Silva

II - DECISÃO DA CÂMARA

A Câmara de Educação Superior acompanha o votos do Relatores.

Sala das Sessões, 15 de março de 1999.

Conselheiros Hésio de Albuquerque Cordeiro - Presidente

Roberto Cláudio Frota Bezerra - Vice-Presidente

ANEXO 3 - Ata 164 da Junta Administrativa do Colégio Batista Brasileiro

80

didos pelo Dr. Paulo C. Porter e contaram com a presença dos membros da Junta do Colégio e da Junta Executiva da Convenção Batista Paulistana. D. Marina Cintra, Inspetora Seccional, enviou à solenidade seu representante na pessoa do Dr. Ivan . Representantes de tôdas as igrejas batistas da capital e um da de Bebedouro, lotaram o salão nobre do Colégio. O orador da ocasião foi o Pastor Rubens Lopes. Cantou o Coral Evangélico. Professores e alunos da instituição tomaram parte no programa. Entre outros, falaram o representante de D. Marina Cintra e o novo Diretor. Diversas fotografias foram tomadas da importante e histórica ocasião. Foram lidos os seguintes telegramas: da Igreja Batista do Calvário em Santos, da Primeira de Campinas, do Diretor do Colégio Batista do Rio, Professor Moisés Silveira, de D. Nadime Gorra, e de D. Maria Stella Arantes Uchôa, ilustre inspetora federal dêste Colégio, todos cumprimentando o novo Diretor no dia de sua posse.

José Siqueira Dutra.
Paulo C. Porter

Ata nro. 164 da sessão regular da Junta Administrativa do Colégio Batista Brasileiro, realizada aos dezoito dias do mês de agosto do ano mil novecentos e cinquenta e seis, às 13 horas, numa das dependências do Educandário.

Almoço: A referida reunião foi precedida de um almoço oferecido pelo Colégio à sua Junta Administrativa.

Quorum: Compareceram a esta reunião os seguintes membros da Junta: Paulo C. Porter, Elpidio Araujo Neris, José Novais Paternostro, Americo Mancinelli, Luiz Duarte, Alfredo Lourenço de Carvalho, Plinio Moreira da Silva, Frederico Vitols, Gorgônio Barbosa Alves e José Siqueira Dutra. Assistiram também à reunião os Pastores Enéas Tognini e Lauro Bretones, Diretor e Vice-Diretor do Estabelecimento, respectivamente.

Devocional: Dirigiu esta parte o Pastor Gorgonio Barbosa Alves, que leu Filipenses 2:1-11 e dirigiu a Deus uma oração.

Presidente: Presidiu à sessão o Dr. Paulo C. Porter.

Informações: O Diretor informa dos serviços já concluidos na sua administração, como por exemplo: 1) instalação completa de água quente para o Internato, a óleo Diesel; 2) renovação da rêde elétrica na parte superior do prédio, serviço planejado pelo engenheiro eletricista Otto Altorfer, recentemente batizado na Igreja de Perdizes, que fez uma

planta muito precisa de tôda a rêde elétrica do prédio; 3) fez a reforma do telhado do predio principal; 4) mudou as calhas estragadas do mesmo edificio; 5) pavimentou as quadras de valley ball e basket ball do páteo das Moças; e inúmeras outras benfeitorias. O engenheiro Otto sendo crente, não quiz cobrar seus serviços profissionais prestados ao Colégio, pelo que esta Junta decide agradecer-lhe através de uma carta escrita pelo secretário.

Informa ainda o Diretor: a questão de impostos "prediais" e "indústrias e profissões" em atraso alguns anos, conseguimos pagar com todos os abatimentos, como tem direito um Colegio como êste que não tem finalidade lucrativa, até 1952 inclusive. Resta-nos agora, e para tanto estamos trabalhando, conseguir o não lançamento dos tributos referidos.

O Colegio deverá pagar de honorários vincendos à D. Madime Garra, cêrca de cem mil cruzeiros. O Advogado do Colégio - Dr. Julio Tinton - apelou da decisão da Terceira Junta de Conciliação da Justiça Trabalhista.

Dr. William Corey Taylor já remeteu para a Faculdade de Teologia do Colégio Batista Brasileiro parte de sua preciosa biblioteca.

William Clinton: Êste irmão acha-se em gôzo de ferias na Outra América, onde deverá permanecer mais ou menos um ano. Decide esta Junta convocar o Dr. Tertuliano Cerqueira, primeiro suplente, para ser membro desta Junta em lugar do Dr. William Clinton.

Faculdade de Teologia: O Diretor lê a cópia da ata de uma reunião informal desta Junta, e que tratou do funcionamento da Faculdade de Teologia do C.B.B. A ata é do seguinte teor: "Ata de reunião da Junta do C.B.B., realizada a 30-6-1956, às 15 horas. Convocado apenas o quorum local com os seguintes membros: Frederico Vitals, Salvador Farina Filho, José Siqueira Dutra, Americo Mancinelli, Elpidio Araujo Neris, Luiz Rizzaro e Paulo C. Porter, que é presidente desta Junta. A reunião foi informal. Convocada pelo Diretor do Colégio, atendendo a determinação desta própria Junta em sessão de 4-2-56, que por sua vez assim procedeu atendendo insistente pedido da Junta Executiva da C.B.P., para tratar exclusivamente a respeito da Faculdade de Teologia do C.B.B. Além do Diretor - Pastor Enéas Tognini, esteve presente também o Pastor Lauro Bretones. Foi resolvido o seguinte; sujeito à homologação da reunião regular desta Junta, já marcada para 18-8-56: 1) Fica autorizado o Diretor do Colégio a fazer funcionar no início do ano letivo de 1957 a Faculdade de Teologia do C.B.B. de acordo com os planos apresentados pelo Pastor Lauro Bretones,

que vão anexos a esta ata; 2) o nome da referida instituição será "Faculdade de Teologia do Colégio Batista Brasileiro"; 3) Fica autorizado o Diretor a movimentar uma verba de até vinte mil cruzeiros para livros e propaganda". O Pastor Lauro Bretones apresentou o seguinte documento: "Estudos Para o Lançamento da Faculdade de Teologia do C.B.B.:

1. "Nome: Faculdade de Teologia do Colégio Batista Brasileiro:
2. "Posição Doutrinária: uma instituição confessional batista, mantida e dirigida pelo Colégio;
3. "Objetivos: a) preparar obreiros para a Causa de Cristo; b) desenvolver os estudos teológicos; c) defender e ensinar uma teologia cristocêntrica. Para isso tomaremos a Bíblia seriamente; d) ensinar uma teologia aplicável às necessidades humanas, fiel à Verdade Divina revelada. Uma teologia dinâmica e profética, uma teologia ligada à corrente da existência;
4. "Funcionamento: para seu funcionamento a Instituição adotará Estatutos e a seguinte organização: Diretor, secretário, bibliotecário, congregação, corpo discente;
5. "Congregação: Composta de Professores formados por seminários, ou portadores de diplomas superiores, e de reconhecida idoneidade cultural. Para compor, inicialmente a congregação, foram convidados: Djalma Cunha, Enéas Tognini, Rubens Lopes, Malcolm Tolbert, Roque Monteiro de Andrade, Hilário Veiga de Carvalho, Lauro Bretones, frei Novaes Portanova, Frederico Vital, e Siegfried Schmal e Rafael Gioia Martins.
6. "Corpo Discente: a) Alunos com o ensino secundário completo (2º ciclo), ou curso normal ou cursos equivalentes; b) alunos ouvintes; c) aceitaremos alunos de outras denominações; d) os candidatos deverão conhecer bem a língua portuguesa e poder usar a língua inglesa.
7. "O Curso: a) será de 5 anos, sendo o primeiro propedêutico (matérias introdutórias à Bíblia e Teologia; b) Horário do curso: aulas noturnas das 19,30 às 22 horas, com intervalo para o culto; c) uma disciplina só por noite (aula de duas horas); d) trabalhos de aproveitamento (dois por ano); e) exames: uma tese no fim do ano ou no término de cada curso; f) nota de aprovação mínima - 5; g) frequência obrigatória.
8. "Regime escolar: de nível universitário, do gênero seminário em que o aluno participa ativa e responsavelmente. Regime em que a função

do Professor é mais a de orientador e estimulador; só haverá um curso: Bacharel em Teologia (posteriormente poderemos estudar a possibilidade da criação do curso de Mestre em Teologia, Doutor em Teologia;

9. "O Currículo: 1) Propedêutico - 1 ano: História do Pensamento Humano, Filosofia Propedêutica (lógica, ética, psicologia, Sociologia) e Introdução à Bíblia; 2) Curso Teológico - 4 anos: Homilética, Eclesiologia e Teologia Pastoral (Psicologia Pastoral), Grego, Hebraico, H. Eclesiástica (História das Religiões), Teologia, Novo Testamento - Teologia, Velho Testamento. Teologia, Educação Religiosa, Economia Política, Cristianismo e Filosofia, Cristianismo e Ciencia (o mistério dentro de uma realidade científica - Arqueologia.

10. "Previsão Orçamentária: receita - Contribuição: a) do Colégio, b) dos alunos, c) dos amigos da Instituição. Despesas: a) Salário dos Professores e funcionários; b) formação da Biblioteca; c) Secretaria; d) Propaganda."

A Junta do Colégio referendou, ponto por ponto dos elementos desta reunião.

A seguir, o Pastor Bretones o folheto "Vocação Ministerial" que foi enviado às igrejas do Campo, e que foi publicado às expensas do irmão Americo Mancinelli.

Reforma do Edifício Principal: A Junta autorizou o Diretor a fazer a reforma do edifício principal do Colegio, por dentro e por fora, inclusive a reforma do mobiliário. A pedido do Diretor, três membros desta Junta - Americo Mancinelli, Luiz Rizzaro e José Novais Paternostro, são indicados para ajudarem o Diretor nesses trabalhos.

Internato: O Diretor comunica que, em face do aumento geral do custo de vida verificado nestes últimos meses, majorou o preço do Internato para o 2º semestre do ano em curso, em dois mil cruzeiros. Aprovado.

Reforma de Piano: Foram reformados dois, cujo trabalho montou a vinte e sete mil cruzeiros. Aprovado.

Cabines Para o Conservatório: Sendo exigência legal, o Diretor mandou construir três cabines para pianos que se destinam ao bom funcionamento do nosso conservatório musical.

Fundos Para a Faculdade de Teologia: Fica autorizado o Diretor a usar o que provém dos lucros da cantina e livraria para as despesas da Faculdade de Teologia do C.B.B.

Biblioteca: O Pastor Bretones expõe sem planos para a renovação da Biblioteca do Colegio que consiste em retirar dela obras inúteis, e solicitar aos alunos novos livros que virão a enriquecer a nossa biblioteca.

Casa Para o Pastor Bretones: O Diretor fica autorizado a aluger uma casa para o Pastor Bretones, cujos alugueis serão pagos com os fundos provindos da Cantina. //

Próxima Reunião da Junta: Fica marcada a próxima reunião desta Junta para o dia 29-12-56. Dr. Porter avisa que nesse tempo estará nos Estados Unidos, em gôzo de Férias.

Encerramento: E como nada mais houvesse a ser tratado, os presentes trabalhos são encerrados com oração. E eu secretário, lavrei a presente ata que vai por mim assinada, e que o será também pelo Presidente após a sua aprovação.

Em tempo: Foi lida e aprovada sem emendas a ata nro. 163 desta Junta.

S. Paulo, 18 de agosto de 1956
Secretário: José Siqueira Dutra
Presidente: Luiz A. Duarte

Ata nro. 165 da Reunião da Junta Administrativa do Colégio Batista Brasileiro.

Aos cinco dias do mês de janeiro de 1957, às 15 horas, verificaram-se os trabalhos da Junta Administrativa do Colégio Batista Brasileiro, em sua 165ª reunião.

A referida reunião funcionou com o seguinte quorum: Luiz Rizzaro, Frederico Vitols, Elpidio Araujo Neris, José Novais Paternostro, Luiz Duarte, Salvador Farina Filho e José Siqueira Dutra. Esteve presente o Diretor do Colégio - Pastor Enéas Tognini. Assistiu à reunião, como visitante, o Pastor Liberato Colombani.

Presidiu esta reunião o Dr. Luiz Duarte. A parte devocional foi dirigida pelo Presidente, que leu um trecho bíblico e dirigiu a Deus uma oração.

A ata da 164ª reunião foi lida e aprovada sem emendas.

Voto de Condolência: A Junta aprova por unanimidade consignar em ata uma palavra da mais profunda simpatia cristã ao Pastor Enéas Tognini, pelo falecimento de sua genitora - D. Leticia Tognini, ocorrido a 8 de dezembro de 1956, nesta cidade.

Relatório do Diretor: O Pastor Enéas apresentou à Junta o relatório das atividades do C.B.B. em 1956, com os seguintes itens: 1) a matricula geral

ANEXO 4 – Carta dos alunos ao diretor Bryant

Aos
Exmo. Sr. Diretor Dr. Thurmon Bryant
Egrégia Congregação d C.T.A. da F.T.C.B.B. e
Junta Administrativa do C.B.B.

Os alunos da F.T.C.B.B., reunidos em assembléia geral ordinária dos seu C.A., a qual deu plena liberdade de pesquisa e encaminhamento de conclusões à sua diretoria, vem por meio desta, mui respeitosamente apresentar junto a egrégia congregação desta Faculdade, os seguintes pedidos que encarnam as mais profundas e sentidas aspirações de todo o corpo discente, cristalizada, agora, após um largo período de 5 anos de experiências concretas.

São os seguintes:

I-Oficialização da Faculdade.

É êste um anseio muitíssimo antigo de todos os alunos desta Faculdade, os quais desejam que seus diplomas sejam, realmente, o produto de um curso bem desenvolvido, simbolizando uma educação teológica verdadeiramente à altura das necessidades e aspirações atuais, não só das comunidades e indivíduos cristãos, mas também dos indivíduos e grupos não filiados a igrejas. Sabem, perfeitamente, que em seu aspecto material o diploma representa, talvez, muito pouco. O que vale é o conhecimento contreto do campo ao qual o homem se dedica. Entretanto, a oficialização de nossa Faculdade alargará os horizontes da atividade pastoral dando aos ministros que por aqui se bacharelarem, uma penetração muito mais aguda e profunda no âmago dos problemas mais sérios do mundo pròpriamente secular, e, por que não dizê-lo, também das igrejas?

Isto seria de tôdas as maneiras, muito interessante, por várias razões.

1)Reconhecimento público do valor da obra teológica.

Isso porque a própria Constituição Federal de 18-9-1946 declara o seguinte, em seu artigo 5, n.XV, letra d: Compete a União legislar sôbre Diretrizes e Bases, a qual afirma o seguinte em seu Título V sôbre sistemas de ensino; art.14: "é da competência da União reconhecer e inspecionar os estabelecimentos particulares de ensino superior". Art.19: "Não haverá distinção de direitos entre os estudos realizados em estabelecimentos oficiais e os realizados em estabelecimentos particulares reconhecidos".

2)Auto-Valorização da própria problemática Teológico-Espiritual.
Sem dúvida, os próprios alunos componentes dos vários cursos e integrados nas diversas atividades teológicas, passariam a encarar a obra de maneira bem direfente, tendo sua responsabilidade aumentada, não só diante de Deus e dos seus colegas e irmãos, mas ainda diante do próprio Estado que seria daí por diante o inspetor objetivo de tôda sua vida escolar, isto é, fiscalizando apenas (é claro) o aspecto puramente manifesto concreto de sua obra, com tôdas as implicações intelectuais e culturais que a mesma possa ter. Deixando de lado outros argumentos que poderiam citar em abono da justeza de nosso pedido, gostaríamos apenas de trazer àmente alguns trechos da Lei de Diretrizes e Bases que tratam, de modo direto ou indireto do assunto n.I.
Título IX- Cap.I-Art.66: "O ensino superior tem por objetivo a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes e a formação de profissionais de nível universitário".
Art.68: "Os diplomas expedidos pelas universidades ou pelos estabelecimentos isolados de ensino superior, oficiais ou reconhecidos, serão válidos por todo território Nacional".
Art.69:"Nos estabelecimentos de ensino superior podem ser ministrados os seguintes cursos: a)de graduação à matrícula de candidatos que hajam concluido o ciclo colegial ou equivalente, e obtido classificação em concurso de habilitação".
Art.112:"As universidades e os estabelecimentos isolados de ensino superior deverão adaptar seus estatutos ou regimentos às normas da presente Lei, dentro de 180 (cento e oitenta) dias a contar da publicação desta".
II- Corpo Docente.

Talvez se argumente, respondendo-se que tal assunto não é da alçada dos alunos. Concordamos, em parte. Fala-se que não é possível a um aluno avaliar a extensão e profundidade do conhecimento que seu professor possue em determinada matéria. A afirmação é muito relativa. A verdade é que há uma interdependência e mesmo inter-ação mútua entre professor e aluno. Um não pode existir sem o outro. Mesmo quem não possua profundo conhecimento de certa matéria é capaz de verificar a preferência e a capacidade de quem a ministra, por uma simples observação na segurança do comportamento didático. Mas, passemos aos nossos pedidos, relativos ao assunto em questão:

1)Concurso de preenchimento de cátedras:
Tal concurso inclue o exame de títulos e provas, e também, acreditamos que deveria ser acrescentado, o exame completo de personalidade. A parte referente ao exame de títulos e provas não é apenas um simples pedido nosso, mas declaração textual da própria Constituição, que em seu Título 6, art.168, letra f, diz o seguinte: "Além da obrigatoriedade do concurso de títulos e provas para o provimento das cátedras no ensino oficial secundário e superior, também o exigiu para o provimento das cátedras das escolas superiores livres".
2)Apresentação de um programa de ensino pelo professor.
Seria interessante que cada professor apresentasse aos seus alunos, no início do desenvolvimento de sua disciplina, um programa, ainda que esquemático, de tudo aquilo que êle pretende lecionar durante o ano. Tal fato também é previsto na atual lei de Diretrizes e Bases, no seu Título IX, cap.I, Artigos 71 e 73.
Diz o artigo 71: "O programa de cada disciplina, sob forma de plano de ensino será organizado pelo respectivo professor, e aprovado pela congregação do estabelecimento".
Art. 73 e §2: "O estabelecimento deverá promover, ou qualquer interessado poderá requerer o afastamento temporário do professor que deixar de compareeer, sem justificação, a 25% das aulas e exercícios, ou não ministrar, pelo menos, 3/4 do programa da respectiva cadeira".
III- Corpo Discente.
Quanto a êsse ponto, nossos pedidos são os seguintes:
1)Exames vestibulares para os alunos
Queremos apenas que os referidos exames sejam realmente válidos, e que impeçam, de modo decisivo, a entrada para a Faculdade, de qualquer elemento não indicado ou contra indicado pelas provas e testes. Aqui, novamente, podemos citar o Título IX, cap.I, art69, letra a, que se refere às condições para admissão aos cursos superiores. Gostaríamos, se possível, de reiterar nosso pedido quanto a não permitir, de maneira alguma, o ingresso, nos cursos superiores da Faculdade, de qualquer aluno que não esteja com todos os seus documentos e diplomas de acôrdo com as exigencias de nossos vestibulares.
2)Representação junto à Congregação.
Gostaríamos que êste pedido, apesar de já estar sendo observado pràticamente, que o fôsse também em sua parte teórica, figurando legalmente como item integrante do Regimento Interno da Faculdade, para que o mesmo

não dependa apenas das determinações variadas de cada novo diretor que para cá possa vir, mas que seja parte constitutiva de um sistema organicamente estruturado de orientação de nossa Faculdade. Tal direito já está previsto na atual Lei de Deretrizes e Bases, em seu Título IX, Cap.I, art.78: "O corpo discente terá representação, com direito a voto, nos conselhos universitários, nas congregações, e nos conselhos departamentais, das universidades e escolas superiores isoladas, na forma dos estatutos, das referidas entidades".

IV-Aulas

1)Quantidade-

Gostaríamos imenso que o número de aulas fosse aumentado, na medida do possível para que pudéssemos ter uma visão, não sòmente sinética, mas, analítica, sintética e de profundidade, pelo menos até certo ponto, das matérias básicas de nossos cursos superiores. Ainda que tivéssemos conseguido aulas sem qualquer interrupção, durante os 8 mêses do ano letivo, só teríamos alcançado uma média de umas 128 aulas por ano, o que absolutamente, não pode satisfazer. A própria lei de Diretrizes e Bases da Educação é bem clara nêste ponto, em seu Título IX, cap.I, art. 72: "Será observado, em cada estabelecimento de ensino superior, na forma dos estatutos e regulamentos respectivos, o calendário escolar, aprovado pela congregação, de modo que o período letivo tenha a duração mínima de 180 (cento e oitenta) dias de trabalho escolar efetivo, não incluindo o tempo reservado a provas e exames".

2)Duração.

Seria interessante que o período de cada aula fosse aumentado, e que houvesse uma outra maneira de distribuição das aulas por noite, abrangendo a extinção do período de culto, ou então a transferência do curso para o período diurno, único meio cabível de propiciar a continuidade do culto. Não exporemos, aqui, os vários tipos de estrutura para tal distribuição, mas poderemos apresentá-los, quando para isso formos solicitados.

V-Currículo.

Nêste ponto temos dois pedidos a fazer:

1)Que as cadeiras de Teologia fossem mais extensas e profundas, e que abrangessem as 3 (T.Sistemática, T.Bíblica, do N.T. do V.T.), paralelamente 3 anos no mínimo, que poderiam ser contados a partir do 3(terceiro) ano do curso de Bacharel.

2)Que as cadeiras de Ética e Sociologia continuassem desdobradas, tendo cada uma a duração mínima de um ano, e que fosse obrigatória a discussão de problemas éticos e sociológicos pertinentes a nossa pátria, para uma visão correta de nosso campo de trabalho.

É só o que se nos apresenta por hora.

Agradecemos respeitosa e sinceramente a atenção que por ventura for dispensada a todos os nossos pedidos que aqui figuram, e, colocando-os nas mãos de Deus e dos prezados irmãos, esperamos uma resposta compreensiva e fraternal, e, se possível,

o Deferimento.

Obrigados.

Pelo C.A. 1 de Março
A Diretoria e alunos.

Giseh Rohrsetser Santos, Maria de Araújo, Dario do Carmo Lima, Mário Doro. - João Cardoso, Sinobu Obara, Mitico Tsutiya, Onofre de Oliveira, José Augusto Carneiro, João Martines Seler, Gilberto Fernandes, Onésimo Batista Luz, Jamil Nassar, José Pereira Neves, Jayme Vieira, Oswaldo Castro Pinheiro, Ary Vellose, Gerd J. Wenzel, Martiniano Fôlha Duarte, Silas Costa, Otto Altörfer, Milton Guerra.

ANEXO 5 – Anúncio no Batista Paulistano sobre o início das atividades da Faculdade Teológica do CBB

ano XLIX sál. out. 1956 9, 10

FACULDADE DE TEOLOGIA

DO

Colégio Batista Brasileiro

Rua Homem de Melo, 537 — Perdizes — Capital

INFORMAÇÕES — N.o 1 — 1957

Temos a satisfação de comunicar aos batistas paulistanos que a Faculdade já se encontra em pleno funcionmaento. Estamos organizados e preparados para funcionar a partir do ano que vem. Já estamos recebendo pedidos de matrícula. Os interessados poderão dirigir-se à Secretaria da Faculdade. Neste primeiro informe, vamos dar aos batistas de S. Paulo os elementos principais da organização da Faculdade.

CORPO DOCENTE

Está constituído, inicialmente, dos seguintes nomes: Djalma Cunha, Eneas Tognini, Malcolm Tolbert, Lauro Bretones, Rubens Lopes, José Novaes Paternostro, Roque M. de Andrade, Frederico Vitols, Hilário Veiga de Carvalho, W. W. Enete.

O CURSO. O curso tem a duração de 5 anos. Aulas noturnas, no período de 19.30 às 22,30, nas segundas, terças, quintas, sextas e sábados à tarde. Haverá uma disciplina por noite, em aulas de duração de 2 horas. Dois trabalhos de aproveitamento por ano. Uma tese no fim do ano para cada matéria. A nota mínima de aprovação é 5: Só oferecemos um curso: Bacharel em Teologia.

CURRÍCULO

Está dividido em duas partes: 1.a — Curso Propedêutico — 1 ano (matérias introdutórias à teologia); 2.a — Curso Teológico — 4 anos.

CADEIRAS

1. Filosofia: Psicologia, Lógica, Etica, Sociologia, Educação Religiosa, História do pensamento humano.
2. Introdução à Bíblia: História e Geografia da Bíblia, Cânon, Introdução ao Novo e Velho Testamento, Arqueologia, Crítica Bíblica.
3. Velho Testamento: Hebraico e V. Testamento português.
4. Novo Testamento: Grego e N. Testamento português.
5. Teologia: Teologia do V. e N. Testamento, teologia sistemática.
6. Pragmática: Homilética (Retórica), Eclesiologia, Hermenêutica, Etica Ministerial, Medicina Pastoral.
7. História Eclesiástica: H. do cristianismo, H. dos batistas, Apologética, Religiões comparadas.

CONDIÇÕES DE MATRÍCULA

Para alunos regulares:
1. Recomendação da Igreja (acompanhada de testemunho sobre vocação, vida moral e espiritual.
2. Documento de identidade.
3. Prova de conclusão de curso secundário (clássico ou científico, normal, técnico, assistente social, ou equivalente).
4. Preencher fórmula fornecida pela Secretaria da Faculdade.
5. Submeter-se a entrevista com o Diretor.

Alunos ouvintes.
1. Recomendação de autoridade eclesiástica.

ANUIDADE

Será cobrada dos alunos e resgatada em forma estipulada pela Direção.

ABERTURA DAS MATRÍCULAS

Sendo este o primeiro ano de vida da Faculdade, as matrículas estão abertas de agora até 20 de fevereiro de 1957.

AVISO IMPORTANTE

CARAVANA EVANGELISTICA A APARECIDA DO NORTE

Dia 15 de novembro próximo. Com esta nota, avisamos aos colegas pastores e aos irmãos batistas, que dia 15 de novembro próximo, a Associação das Igrejas Batistas da Central do Brasil realizará sua segunda Concentração na cidade de Aparecida do Norte. Estaremos ali às 10 horas da manhã.

Por esta nota, convidamos a todos: pastores, colportores e irmãos, a cooperarem conosco, nesta grande

O PERÍODO INTERBÍBLICO

Importante livro escrito pelo Pastor Enéas Tognini.

Já se acha à venda a 2.a edição.

Indispensável na estante do Pastor, bem como de todo estudante da Palavra de Deus. Trata do Período que vai de Malaquias a João Batista.

Pedidos à

CASA PUBLICADORA BATISTA

Rua Conselheiro Nebias n.º 127

REDENÇÃO ESPIRITUAL...

vação experimentada por Paulo, foi enquanto esteve neste mundo, foi imediata, foi de graça, foi operada pelo poder de Deus, foi exclusivamente pelo sangue de Cristo, sem auxílio de anjos, ou de santos, de igreja, ou de boas obras e coisas semelhantes. Cristo veiu «para proclamar LIBERTAÇÃO aos cativos, para pôr em LIBERDADE os oprimidos do Diabo». Jesus, verdadeiramente libertou a muitos oprimidos do Diabo; libertou enfermos, portadores das mais terríveis doenças; quebrou élos de morte que prendiam pessoas amadas; libertou muitíssimos dos fardos de preconceitos de fariseus e outros religiosos inescrupulosos; libertou homens e mulheres que viviam na lama do pecado, da miséria e da degradação. E como libertou, pode ainda libertar os escravos de violência o derramamentos de sangue; de bebidas alcoólicas; de jogos, de cigarros, de furtos, de adultério, de fornicação, de preconceitos de leviandade de todo o pecado, seja êle qual fôr. O sangue de Cristo pode nos purificar de todo o pecado. Não há pecado que não seja apagado pelo sangue do Filho de Deus.

Para que as pesadas cadeias que nos prendem ao pecado sejam quebradas, três coisas são necessárias: a primeira é o reconhecimento do próprio pecado, como fez o publicano da parábola de Jesus que, no templo, atendendo à miseria dos seus crimes contrastada com a santidade de Deus, exclamou: «ó Deus, tem misericórdia de mim!...» A segunda é confessar os pecados, não aos pés de um homem, mas diretamente a Deus, como fez o rei Daví, no Salmo 51. E a terceira é aceitar a libertação oferecida por Cristo a todo os pecadores. Quando havia escravidão no Brasil, um cientista holandês que percorria os sertões de nossa pátria, foi surpreendido pela noite numa certa fazenda. Estendeu sua rêde e procurou dormir. Os gemidos de uma mulher que era vergastada, não lho permitiram. As pancadas continuaram. Mal amanheceu o dia, procurou saber o que era aquilo, e soube que era uma escrava que recebia castigo. Rumou para a cidade e comprou a liberdade daquela mulher. Voltou á fazenda, estendeu a mão àquela escrava, dizendo-lhe: «Mulher, eis aqui a tua carta de alforria, goza a tua liberdade». Cristo, amigo, estende-te a mão sangrenta e te diz: eis a tua liberdade espiritual, goza a tua redenção!

MORDOMIA DO CORPO

ERNANI SOUZA FREITAS

(PARA A MOCIDADE)

«Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?»
(I Cor. 6:19).

Neste breve estudo sôbre a «Mordomia do Corpo» desejamos fixar nossa atenção em apenas um aspecto dessa mordomia, na parte referente ao sexo — êsse extraordinário dom de Deus: queremos estudar ligeiramente a questão da castidade.

O problema sexual, no seu aspecto de castidade, pode parecer a muitos que não seja... problema, isto é, que a necessidade de ser casto seja ponto pacífico, constituindo realmente um problema a maneira por que se pode conseguir isto. Entretanto, o ponto não é tão pacífico assim. Por isto, urge que o focalizemos, embora sem aprofundá-lo.

1. POSSIBILIDADE DE CASTIDADE — Vale pouco provar que a castidade é possível. «Não creio (diz A. Negromonte) que muitos moços estejam convencidos da sua impossibilidade. Os que chegaram a esta convicção foram levados pelos desregramentos a que se entregaram. E' verdade que existem os convictos da impureza. Chegam mesmo a supor que nem seja pecado. São deformados. Não foi a natureza que lhes falou. Não foram as fôrças do organismo que se impuseram.

Um terceiro grupo existe: os que procuram convencer-se da pseudo-impossibilidade. Seria melhor que fôsse impossível! E' mais prático acreditar que seja nocivo! E' dêsses que o salmista lastima não quererem compreender para não ficarem obrigados a agir bem (Salmo 36:4). Para todos, a grande e lamentável verdade é que não amam a virtude e preferem o vício. Por isso dão pronta aceitação às idéias viciosas e fecham o entendimento à argumentação da virtude, embora percebam de que lado anda a verdade...

Não falta infelizmente quem aja dêste modo. Até aqueles que a profissão constitui guardas naturais e defensores da saúde do povo se fazem, às vêzes, difusores dêsses errados conceitos. E os pobres moços, privados da disciplina natural da raça e dos benefícios de uma sólida formação moral, resvalam bem depressa, empurrados por conselhos tanto mais fáceis de seguir quanto partem de lábios autorizados e satisfazem aos secretos desejos do próprio coração. Em casa, os pais, por terem trilhado os mesmos caminhos, estranhariam a preservação dos filhos, como coisa a temer. Em torno, a sociedade é cheia de complacências. No fundo, anda a mesma razão, velha e desmoralizada, de que, afinal, é uma exigência irrefugível da natureza.

Ao pêso de semelhante mentalidade não é possível ser casto. As idéias tendem a realizar-se. Se a castidade é difícil para os que a reputam um dever, será de todo em todo impraticável aos que a têem como impossível. Urge reformarmos a mentalidade a respeito».

Mas, será possível guardar a castidade? Damos, primeiro, a palavra da ciência. Daremos depois a imposição da Moral.

No Brasil, mesmo na época em que era moda afrontar os princípios religiosos em nome da ciência, pronunciaram-se a favor da continência autoridades do vulto de Austregésilo, Hilário de Gouveia, Taner de Abreu, Nascimento Silva, Eduardo Rabelo, Moreira da Fonseca — sendo de lembrar que, no mesmo tempo, dois moços corajosos faziam do assunto o tema das suas teses de doutorado: Dr. Mário Alcântara de Vilhena e Dr. Irineu Torres de Vasconcelos.

Por facilidade, transcreveremos alguns que empenham a autoridade de coletividades notáveis:

ANEXO 6 – Ficha de matrícula de aluno da 1ª turma

FACULDADE DE TEOLOGIA
Colégio Batista Brasileiro
S.Paulo

Fórmula de matrícula

I - Informações pessoais

Nome Helcio Sardenberg

Nasc. data 10/10/931 Cidade Macaé(Carapebus) Estado Rio de Janeiro

Pai Gê Sardenberg Profissão lavrador

Mãe Regina Figueiredo Sardenberg " doméstica "

Estado civil solteiro Tem filhos? ----- Quantos?

Endereço Rua Homem de Mello, 537 - S.Paulo Tel.

II- Condições culturais

Que cursos tem? Ginasial e Científico

Onde os fez? Colégio Bat.Fluminense, Liceu de Humanidades de Campos e Instituto de Educação "Nilo Peçanha"

Indique suas atividades culturais

Tem produções literárias? não

III-Condições espirituais

x 1) Na página 2 escreva a história de sua conversão, batismo, quem o batisou, etc.

2) Na página 3 historie a sua experiência de chamada

3) Na página 4 indique que tipo de chamada recebeu. A que espécie de atividade pretende consagrar sua vida

4) No fim da 4a. página assine as declarações aqui feitas e date

Obs. Escreva com clareza e precisão

Deferimento: 28/2/1957

Laus Bertoni

Frederico Vitoli

2.º ANO

Ano 1958

MATÉRIAS	1.º Exame	2.º Exame	Trabalho escrito	Leituras	Fichas de leituras	Trabalhos práticos	MÉDIA
Grego	8,5	7,0	X	X	X	8,0	7,8
Hebraico	9,5	8,5	X	X	X	X	9,0
Psicologia	8,0	9,0	X	X	X	X	8,5
Velho Testamento	9,5	9,6	X	X	X	X	9,5
Média Geral - 8,7							

3.º ANO

Ano 1959

MATÉRIAS	1.º Exame	2.º Exame	Trabalho escrito	Leituras	Fichas de leituras	Trabalhos práticos	MÉDIA
Educação Religiosa	9,2	10,0	X	4,0	X	8,7	7,9
Grego	5,0	8,9	7,9	X	X	7,9	7,3
Hebraico	7,0	9,0	X	X	X	X	8,0
Novo Testamento	8,2	9,5	9,2	X	X	X	8,6
Teologia Bíblica	9,0	6,5	X	X	X	X	7,7
Teologia Sistemática	7,5	9,5	X	X	X	X	8,5
Média Geral - 8,0							

4.º ANO

Ano 1960

MATÉRIAS	1.º Exame	2.º Exame	Trabalho escrito	Leituras	Fichas de leituras	Trabalhos práticos	MÉDIA
Clínica Pastoral	7,5	8,0	5,5	X	X	8,0	7,2
Grego	4,7	6,6	10,0	X	X	9,0	7,5
História Eclesiástica	7,0	9,0	8,0	X	X	10,0	8,5
Homilética	6,0	7,0	X	X	X	X	6,5
Teologia N. Testamento	8,2	10,0	9,0	X	X	9,2	9,1
Teologia Sistemática	9,0	9,0	9,0	X	X	9,0	9,0
Média Geral - 8,9							

5.º ANO

Ano 1961

MATÉRIAS	1.º Exame	2.º Exame	Trabalho escrito	Leituras	Fichas de leituras	Trabalhos práticos	MÉDIA
Evangelismo	9,5	7,7	9,5	X	X	X	8,9
Medicina Pastoral	9,0	9,0	8,0	X	X	8,0	8,0
Missões	9,0	9,5	9,0	X	X	8,5	9,0
Novo Testamento	9,5	7,0	9,0	X	X	8,0	8,3
Religiões Comparadas	9,0	8,0	10,0	X	X	10,0	9,2
Média Geral - 8,6							

8,2

ANEXO 7 - Transcrição daentrevista de Bryant ao redator do Batista Paulistano em novembro de 1965

***Redator**: O que as igrejas podem fazer pelo progresso da Faculdade?*

***Bryant:** Vou simplesmente alistar o que as igrejas podem fazer em prol desta Casa. 1) O pastor informado sobre a Faculdade deve instruir suas igrejas.2)Os pastores e membros, principalmente os jovens devem conhecer a Faculdade. 3) As igrejas e suas organizações devem se lembrar das instituições de ensino teológico em suas orações.4) Uma classe de Escola Dominical, União de Mocidade, uma outra organização da igreja, ou mesmo a igreja, pode colocar um livro na biblioteca para pesquisa de alunos e professores. O Bibliotecário terá prazer em fornecer aos interessados uma lista de livros de que necessitamos. 5) A igreja pode adotar um aluno, auxiliando-o enquanto matriculado na Faculdade. O diretor está pronto a orientar os interessados neste sentido. 6) Criar bolsas de estudo como alguns já tem feito.7)Há irmãos de posses nas igrejas que podem fazer doações de casa, terreno, etc, como alguns já fizeram. 8) As igrejas podem enviar seus jovens à Faculdade para estudar e nos informar sobre os interessados no ministério. 9) A igreja pode incluir a Faculdade em seu orçamento, fazendo contribuição significativa para o Plano Cooperativo[157], beneficiando assim a Faculdade.*

***Redator**: Como é sustentada a faculdade financeiramente?*

***Bryant:** Há cinco fontes de renda para o sustento desta instituição: 1) A principal fonte é as igrejas através do Plano Cooperativo. 2) Colégio Batista Brasileiro. 3) Anuidade dos alunos. 4) Igrejas interessadas que contribuem diretamente. 5) Amigos da Faculdade.*

***Redator:** Quais os sonhos quanto à obra que está realizando?*

***Bryant:** Respondo a esta pergunta afirmando que a maior inspiração tem sido os obreiros já formados. Alguns deles, já líderes denominacionais, fazem excelente pastorado. A faculdade já está estabelecida e não pode parar. O lugar que esta casa vem ocupando no seio batista nos leva a belos sonhos. A Grande Campanha de Evangelização[158] resultou em mais crentes e mais igrejas. Porém o resultado mais significativo foi o aparecimento de um grande número de jovens que demonstraram interesse no ministério. Para atender a estes jovens pretendemos ter maiores e melhore condições. Dentro de sete anos devemos ter 100 alunos matriculados na Faculdade. Mas o nosso sonho é de 500 alunos em futuro bem próximo.*

***Redator:** Quais os planos com relação à construção do novo edifício para nova sede para a Faculdade de Teologia?*

---

[157] Plano cooperativo é um estudo sobre a 'distribuição' das verbas encaminhadas pelas igrejas à Junta Executiva que por sua vez a distribui entre as várias instituições arroladas entre os batistas paulistas: ensino , assistência social, etc...: O que a junta executiva faz com o dinheiro da sua igreja (BATISTA PAULISTANO, FEV. MAR.1966).

[158] Foi realizada em 1965 a "Grande Campanha de evangelização Billy Grahm" no estádio do Pacaembú e no Maracanã no Rio de Janeiro

Bryant: *Para concretizar o sonho acima mencionado, planos já estão sendo elaborados para a construção de um edifício que sirva para abrigar 500 alunos. A nova construção será no local onde funciona atualmente a Faculdade. Há alguns meses a Junta Administrativa vem estudando projetos e questões propedêuticas à construção. Já temos recursos para iniciar a obra, mas não são suficientes para fazer tudo o que Deus quer de nós. Será apresentado na próxima Assembleia da Convenção Batista Paulistana um plano para levantamento de recursos nas igrejas para a construção da futura sede da Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Esperamos iniciá-la no mês de março de 1966 (*BATISTA PAULISTANO DE NOVEMBRO DE 1965).

ANEXO 8 – Artigo de Salovi Bernardo: *O que queremos da educação*

União Beneficente dos Diáconos Batistas do Estado de S. Paulo

COMUNICAÇÃO

Realizou-se no dia 14 de abril p.p., na 1.ª Igreja Batista de São Paulo, um seminário para Diáconos, quando ouvimos preleções pelo Prof. Paternostro e os Prs. Djalma Cunha, Roque M. Andrade e Eliézer de Barros.

Durante um parlamento aberto falaram vários pastôres e diáconos, focalizando a Beneficência Denominacional Batista. Então surgiu a idéia de se organizar uma entidade de Diáconos, nos moldes do Novo Testamento. A pedido, foi convocada uma sessão preparatória, para o dia 16 de junho, quando, então, foi eleita uma diretoria provisória, abaixo relacionada de irmãos diáconos que se propõem a realizar a beneficência em cooperação com nossas Igrejas.

Uma vez eleito e empossado, o presidente convocou uma reunião da diretoria para elaborar o programa de atividades preparatórias. A referida reunião da diretoria se verificou no dia 23 de junho nas dependências da Igreja Batista do Brás. Uma segunda Assembléia foi realizada na tarde de 9 de julho, ainda no Brás, obedecendo-se a uma agenda prèvamente divulgada em Circulares, com assuntos de absoluta urgência. Nesta última reunião ficou estabelecida a joia de Cr$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros) e a mensalidade de Cr$ .. 100,00 (cem cruzeiros) para os sócios efetivos, isto é, diáconos e pastores. Como se estabelecera já no dia 16 de junho, os que se inscreverem como sócios da entidade até a aprovação dos estatutos, no próximo dia 15 de setembro, serão considerados sócios fundadores.

Os diáconos funcionarão como representantes da entidade nas respectivas igrejas. Os sócios contribuintes não terão de pagar a joia mas terão de contribuir com uma importância nunca menor a Cr$ 50,00 (cinquenta cruzeiros), mensalmente.

A entidade, isto é, a União Beneficente dos Diáconos Batistas do Estado de São Paulo, propõe-se a receber ofertas esporádicas, bem como doações de propriedades e outras que lhe propiciarem os meios de realizar suas altas finalidades. Declaramos não receber, sob nenhuma hipótese nem sofismas, um centavo sequer dos fundos públicos.

Assim informando, convidamos a todos os diáconos e pastores para uma assembléia no dia 15 de setembro próximo, às 15 horas, na Primeira Igreja Batista de São Paulo.

Providenciaremos no sentido de que seja divulgado o projeto de Estatutos para que os interessados possam fazer críticas e sugestões, de modo que venham a ser adotadas a partir de 15 de setembro.

A diretoria provisória é a seguinte: **Presidente:** João Batista Martins; ..

1.º Vice-Presid.: Aldemiro Marçal de Oliveira;

2.º Vice-Presid.: Jorge Maraccini Pomfilio;

1.º Secretário: Emilio Buchhorn;

2.º Secretário: Antônio Pinto Caldeira;

1.º Tesoureiro: Demétrio Duch;

2.º Tesoureiro: Alfredo de Oliveira;

Sec. Corresp.: Homero Leite de Almeida.

DIÁCONOS E PASTORES DE SÃO PAULO!

Não deixem de comparecer à assembléia de 15 de setembro na Primeira Igreja Batista de São Paulo, às 15 horas!

João Batista Martins

Batista Paulistano

SÃO VICENTE — AGÔSTO DE 1.962 N.º 8

Planejamento, assunto urgente

O QUANTO QUEREMOS NA EDUCAÇÃO

P. SALOVI BERNARDO

Educação é a arte de ensinar, e Jesus mandou que seus servos fizessem discípulos em todo o mundo, "ensinando-os a guardar tôdas as coisas que vos tenho mandado". Ensinar é programa da Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo. A Igreja enfrenta o problema da educação em dois aspectos diferentes: o primeiro é o da educação religiosa no sentido vasto de doutrinamento, treinamento e educação teológica; o segundo é o da educação secular, que varia desde a criação de estabelecimento de ensino nos mais variados graus, e vai até a orientação dos fiéis nas carreiras seculares e nos problemas práticos da vida.

Quando estudávamos no curso colegial do Colégio Batista no Rio de Janeiro, ouvimos de um professor outrora de outra denominação evangélica a seguinte afirmação: "O que os batistas fazem é impressionante: evangelizam os pobres e sem instrução, e estão tendo em suas igrejas cada vez maior número de gente de posses e doutores, enquanto nós que procuramos ganhar os ricos e os doutores, vamos ficando sem uns e outros em nossas igrejas". No tocante a nós, sei que a afirmação é verdadeira, e graças a Deus por isso, porque tal fato mostra que nosso povo tem sabido aproveitar um dos aspectos do cristianismo, que é levar o homem a progredir na vida. O evangelho sòzinho já é uma escola. Cria no convertido, porque isto é de sua estrutura, o desejo de aprender. Se pudermos acentuar êste elemento do evangelho, conseguiremos muito mais em nossas igrejas, tanto em crescimento espiritual, como secular e, estruturaremos uma denominação fortemente doutrinária e decidida a "salgar" o mundo com seu sabor.

B — Vejamos então o quanto queremos em matéria de educação em nosso planejamento, pois quanto ao desejá-la, cremos não haver dúvidas.

I — Educação religiosa.

a) — Edificação espiritual dos crentes, que devem ser alimentados com o ensino da Palavra de Deus, num programa sério de conhecimentos bíblicos e doutrinários. Neste sentido poderíamos insistir com os órgãos nacionais de produção e publicação de literatura para êste fim, que editassem obras em formato de revistas e livros de bolso, que seriam mais baratos, e permitiriam as igrejas realizarem seus institutos e semanas de estudos, tendo como textos tais publicações. Uma denominação de crentes espiritualmente crescentes, e doutrinàriamente firmes, está apta, como a casa edificada sôbre a rocha, para enfrentar qualquer vendaval e, muito melhor preparada para testemunhar sua fé.

b) — Treinamento. As organizações de treinamento devem receber apoio maciço e os crentes devem ser treinados para que "manejem bem a Palavra da Verdade" e tenham uma visão mais ampla do mundo e de suas necessidades a fim de que possam transmitir de maneira adequada a mensagem santa. Além desta atenção geral às organizações de treinamento, cremos que deveria receber cuidado especial a União de Homens, pouco conhecida entre nós, mas que cria excelentes oportunidades de treinamento e de serviços para os varões da igreja.

Para êste treinamento, além das medidas sugeridas no tópico anterior, haveria no Estado o órgão de educação religiosa que viria ajudar as igrejas em seus programas, ou um entrosamento melhor com o órgão nacional que cuida dêste setor.

c) — Educação Teológica. Seria dada atenção tôda especial ao departamento de vocações ministeriais, ao encaminhamento e ajuda aos que se sentissem chamados para a mais "excelente obra". Precisamos ainda dar maior ajuda e apoio às instituições que operam neste setor. Cremos que a Faculdade de Teologia do Colégio Batista deve ser prestigiada e, se no futuro houver necessidade de transformá-la e minstituição autônoma, num Seminário, não devemos ficar indecisos. Não devemos movidos por bairrismos ou sentimentos inferiores quaisquer, mas pela visão das exigências do trabalho. Neste aspecto temos algumas outras observações a fazer. Precisamos atender ainda ao preparo de obreiros para os diversos departamentos das Igrejas e deveríamos caminhar para a realização de institutos periódicos nas Associações a fim de treinar obreiros para as igrejas, oficiais para as escolas dominicais e organizações de treinamento e pregadores leigos. Temos sentido, especialmente no trabalho com as crianças, que, diga-se de passagem, é um dos mais importantes para as igrejas, a necessidade urgente de treinar as moças e senhoras, e mesmo homens que se dedicam a êste trabalho, a fim de que façam melhor e com maior rendimento seu importante maigstério. Pela reunião que assistimos do recém-criado departamento da junta para cuidar da vocação ministerial e educação teológica, pudemos sentir que caminhamos firmemente para alcançar alguns dos pontos aqui focalizados, cremos, porém, que podemos colocar muito mais em nossa mira para realizar no sentido da educação teológica e adestramento de leigos.

2) — Educação Secular. Reconhecemos as dificuldades atuais, especialmente em nosso Estado, para a realização de uma obra educacional séria, dentro dos princípios batistas. O permanente estado de anarquia gerado pelas fôrças totalitárias da direita, com a Igreja Romana à frente, e à esquerda com os comunistas, impede de certa maneira a iniciativa educacional através da criação de estabelecimentos educacionais, visto que um caminha para as subvenções galopantes por parte do govêrno e o outro estabelece a anarquia nas exigências "estatizantes". Cremos, entretanto, que não devemos dar por terminada nossa participação neste setor da vida nacional. Pelo contrário, devemos fazer o que nos for possível dentro dos desestímulos flutuações do presente. Enquanto houver liberdade, teremos possibilidades de fazer algo e cremos que, se como denominação não pudermos devemos apoiar e estimular os particulares batistas que penetram no campo dos estabelecimentos de ensino. Só para esclarecimento dos leitores do nosso Estado podemos informar que em outras regiões do país a situação é diferente, pois lá pràticamente não existem os estabelecimentos de ensino dos governos, como aqui em São Paulo.

Cremos que devido a esta tendência de "estatização" do ensino, o campo mais promissor para nós é a da formação de professôres, orientadores educacionais e técnicos de educação, que venham a atuar nos estabelecimentos governamentais e exercem salutar influência nos meios estudantis. Para tanto devemos promover verdadeiras campanhas junto à mocidade para que estude, preparando-se assim para um testemunho mais eficiente da fé uma vez dada aos santos.

Finalmente, sentimos a necessidade de abrir válvulas para o livre debates de temas que nos interessam como crentes e cidadãos. Assuntos que dizem respeito a uma filosofia de vida devem ser ventilados e o povo deve ser levado a tomar posição diante dos problemas atrozes que nos asfixiam e para isso, nossos congressos devem abrir espaço para tais assuntos. Como falaremos ainda sôbre tais debates em outros itens de nosso esquema, fiquemos por aqui.

São, portanto, amplíssimas nossas possibilidades no sentido da obra educacional e cremos que o assunto melhor estudado poderá oferecer ainda melhores perspectivas. Os que têm outras opiniões, ou mais opiniões, que falem. Contribuam para o debate e teremos mais luzes.

No próximo artigo trataremos do "quanto" para a beneficência.

Consagrado ao Ministério o irmão Laudionor Viana de Castro

No templo da Igreja Batista de Vila Robertina, reuniu-se no dia 14 de junho do ano em curso um concílio de pastores com a finalidade de examinar e consagrar ao ministerio da Palavra de Deus o irmão Laudionor Viana de Castro. Realizada a solenidade de consagração, imediatamente o referido irmão tomou posse como pastor daquela igreja. Para sua ordenação ao santo ministério havia sido consultada à comissão indicada pela Ordem dos Pastores Batistas do Estado de São Paulo, a qual se manifestou favoràvelmente. Na foto o recem consagrado pastor Laudionor Viana de Castro.

ANEXO 9 – Ficha de matrícula e Histórico escolar de aluno do Instituto Teológico Batista de São Paulo e primeiros 'Registro de empregado'.

Instituto Teológico Batista de São Pa

Rua João Ramalho, 466 - São Paulo

Formulário de Matrícula

I. DADOS PESSOAIS:

Nome: Francisco Lopes.

Data do nascimento: 20/7/45 Cidade Londrina Estado Paraná

Enderêço: Rua Granada n.o 224 Cidade S. Paulo

Fone _____ Estado Civil Solteiro Se tem filhos, quantos? _____

Documento: _____ Nome dos pais (ou parentes mais próximos) Manuel Lopes e Maria Montanhão Enderêço: Rua Sianorte estado do Paraná n.o _____ bairro _____ Rua Londrina

II. CONDIÇÕES ESPIRITUAIS:

Quando e como se converteu? Em agosto de 1965 ouvindo um trabalho da palavra da vida

Data do batismo: 5/9/65 De qual igreja é membro? Membro Igr. Batista Nome do Pastor Tiago Lima Cidade S. Paulo Estado S. P. Seus pais são crentes? não

Quando se converteram? _____ Tem sentido chamada de Deus para o Ministério? Sim Como foi a chamada? Sentindo amor pelas almas perdidas desde minha conversão Deus falou em meu coração chamando-me para Sua obra

Quais os cargos exercidos na igreja? Diretor de evangelismo

Aptidões: Leciona na E. Dominical? Sim Canta? não Toca instrumentos musicais? não Quais? _____ Já ganhou alguma alma para Cristo? já Quando? em novembro de 1968

III. CONDIÇÕES FINANCEIRAS:

Qual é a sua profissão? Pintor Tem recursos para pagar a matrícula, as mensalidades, as despesas particulares durante o tempo dos estudos? Sim Se não tem, quem se encarregará disso? _____ (PESSOAS OU IGREJA)

Enderêço: Rua _____ n.o _____ bairro _____

INSTITUTO TEOLÓGICO BATISTA DE SÃO PAULO

RUA JOÃO RAMALHO, 466
PERDIZES, SÃO PAULO, CAPITAL
TELEFONE: 65-2148

HISTÓRICO ESCOLAR DE FRANCISCO LOPES

filho de Manoel Lopes

e de Maria Montagnoli Lopes

nascido em 20 / 07 / 1943, natural de Londrina

Estado do Paraná, portador dos documentos:

T. Eleitor n.º _____ C. Identidade n.º _____

C. Militar n.º _____

DOCUMENTO ESCOLAR APRESENTADO:

EXAME DE HABILITAÇÃO REALIZADO EM ____/____/____ M. GERAL _____

Psicotécnico _____ História Geral e do Brasil _____

Português _____ Geografia Geral e do Brasil _____

Cultura Geral _____ Cultura Bíblica _____

RESULTADOS OBTIDOS

1.º ANO - 1969

		Aprov.	Exame	Média	II Época	Faltas
1.º SEMESTRE	Pentateuco	8,6	8,8	8,7	-	3
	Português		7,0	7,0	-	4
	Introdução à Bíblia	8,0	8,0	8,0	-	3
	Vida de Cristo	9,1	8,9	9,0	-	-
2.º SEMESTRE	Atos	7,5	7,8	7,6	-	-
	Livros Históricos	8,7	6,7	7,7	-	-
	Como Estudar a Bíblia	7,2	6,8	7,0	-	6
	Português		7,0	7,0	-	8
	Missões			8,2	-	-

2.o ANO - 1970

		Aprov.	Exame	Média	II Época	Faltas
1.o SEMESTRE	Homilética	8,0	8,0	8,0	-	3
	~~Epístolas Gerais~~	~~6,0~~	~~6,0~~	~~6,0~~	~~7,8~~	
	Epístolas de Paulo	7,0	5,6	6,3	10,0	3
	Higiêne e Saúde	-	5,0	2,5	-	3
	Educação Cristã	5,6	5,8	5,7	7,9	
	Teologia do Velho Testamento	7,0	7,2	7,1	-	3
	Português	7,2	3,2	5,2		3
	Inglês	4,0			7,0	2
2.o SEMESTRE	Homilética	9,0	7,5	8,2	-	-
	Epístolas Gerais	6,6	6,6	6,6	9,2	-
	Livros Proféticos	4,6	6,4	5,5	7,3	-
	Mét. de Ensino e Áudio Visual	4,2	4,9	4,5	7,5	-
	Teologia Bíblica do N. Testamento	7,8	7,0	7,4		-
	Português	7,5	3,5	5,5	-	-
	Inglês	7,0	7,0	7,0		3
	História Geral			8,0		-

3.o ANO - 1971

		Aprov.	Exame	Média	II Época	Faltas
1.o SEMESTRE	Música Sacra			9,0	-	2
	Geografia Bíblica	9,1	7,3	8,2	-	-
	Higiêne e Saúde	8,6	9,4	9,0	-	-
	História do Cristianismo					
2.o SEMESTRE	Teologia Sistemática	8,5	6,8	7,6	-	-
	Adminstração da Igreja →	8,0	8,0		-	-
	Ética Bíblica	7,8	6,5	7,1	-	-
	Hebreus e Apocalipse	7,9	8,4	8,1	-	2

12 SET. 1633 264580

FACULDADE TEOLOGICA BATISTA DE SÃO PAULO
RUA MINISTRO GODOI, 749

N.º de Ordem 001

REGISTRO DE EMPREGADO

Nome: BERTOLDO GATZ
Nacionalidade: brasileira
Lugar do nascimento: São Caetano do Sul - SP
Data do nascimento: 1-12-1932 Estado Civil: casado
Residência: Rua Apiacás N.º 579
Bairro: Perdizes Cidade: São Paulo

Tirada em 14/11/64

FILIAÇÃO

Nome do pai: Edmundo Gatz Nacionalidade: brasileira
Nome da mãe: Alvina Gatz Nacionalidade: brasileira

QUANDO ESTRANGEIRO

Data da chegada ao Brasil: ..... de ..... de .....
Carteira de Registro n.º ..... Emitida em: ..../..../....
Casado com (nacionalidade) .....
Tem filhos brasileiros? .....

BENEFICIÁRIOS

Nome Dacyr Anna B. Gatz	Espécie espôsa	Data do nasc.	3 / 7 / 936
" Marcos Bernardes Gatz	" filho	"	11 / 1 / 960
" Priscila Bernardes Gatz	" filha	"	8 / 1 / 966
"	"	"	/ /
"	"	"	/ /
"	"	"	/ /
"	"	"	/ /
"	"	"	/ /
"	"	"	/ /

REGISTROS ESPECIAIS

Carteira Profissional n.º 19.192 Série 82a. Data 13 / 12 / 950
Carteira de menor n.º ..... Série ..... Data ..../..../....
Caderneta de contribuições n.º ..... I. A. P. .....
Certificado militar n.º 766.116 Categoria 3a.
Carteira de Saúde n.º ..... Emitida em: ..../..../....

ANOTAÇÕES ESPECIAIS

Na data da admissão:
Função: vice-diretor Secção: -
Salário: Cr$ 400.000 Forma de pagamento: mensal
Horário de Trabalho: das 7 às 11 e das 19 às 22:30 horas.
Aos sábados: das ..... às ..... e das ..... às ..... horas.

CARACTERÍSTICOS FISICOS

Côr: branca Altura: 1,78 Pêso: ..... Cabelos: cast.
Olhos: cast. Defeitos: .....

Localidade e data da admissão:
São Paulo 21 de setembro de 1966 *

Bertoldo Gatz
Assinatura do empregado

Impressão digital

Data da saída: 1 de Junho de 1967

Observações: * Na data de admissão lia-se: 1 de dezembr de 1966

10.000 - 6/66

DELEGACIA PESSOAL DE TRABALHO
12 SET 1634 264580
SERVIÇO DE ... SECÇÃO DE REGISTROS PROFISSIONAIS

FACULDADE TEOLOGICA BATISTA DE SAO PAULO

RUA MINISTRO GODOI, 749

N.º de Ordem 004

REGISTRO DE EMPREGADO

PIS: 104 08.659.987

Nome: JOSÉ NOVAES PATERNOSTRO

Nacionalidade: brasileira

Lugar do nascimento: Cruzeiro - SP

Data do nascimento: 16-1-918 Estado Civil: casado

Residência: N.º

Bairro: Cidade:

FACULDADE TEOLOGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Tirada em 20/6/66

FILIAÇÃO

Nome do pai: Francisco N.Paternostro Nacionalidade:

Nome da mãe: Ismenia Paternostro Nacionalidade:

QUANDO ESTRANGEIRO

Data da chegada ao Brasil: de de

Carteira de Registro n.º Emitida em: / /

Casado com (nacionalidade)

Tem filhos brasileiros?

BENEFICIÁRIOS

Nome	Espécie	Data do nasc.
"	"	" / /
"	"	" / /
"	"	" / /
"	"	" / /
"	"	" / /
"	"	" / /
"	"	" / /
"	"	" / /

REGISTROS ESPECIAIS

Carteira Profissional n.º 441374 Série 34a. Data 22/8/40

Carteira de menor n.º Série Data / /

Caderneta de contribuições n.º I. A. P.

Certificado militar n.º 29.130 Categoria 1a.

Carteira de Saúde n.º 304.196 Emitida em: 22/9/67

ANOTAÇÕES ESPECIAIS

Na data da admissão:

Função: professor Secção:

Salário: 3.250 Forma de pagamento: por aula

Horário de Trabalho: das às e das às horas.

Aos sábados: das às e das às horas.

CARACTERÍSTICOS FÍSICOS

Côr: branca Altura: 1,76 Pêso: Cabelos: cast.esc.

Olhos: cast.esc. Defeitos:

Localidade e data da admissão:

São Paulo, 21 de setembro de 1966 *

José Novaes Paternostro
Assinatura do empregado

Impressão digital

Data da saída: 30 de Junho de 76.

REATIMITIDO EM 01/03/77

Observações: * Na data de admissão leia-se: 1 de dezembro de 1966. Pagou Imp. Sind. a fim de Sind. Emp. em Ent. Culturais em dez. de 1966 e em 15 de agosto 1967. Pagou contribuição sindical em março de 1968. Optou p/F.G.T.S. em 2/1/67 - Dep. Bradesco de Pedizes.

DEMITIDO EM 31 julho 1977 J.N. Paternostro

10.000 - 6/66

DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO NO ESTADO DE SÃO PAULO

12 SET 1963 264580

SERVIÇO DE EMPREGO
SECÇÃO DE REGISTROS FISICAIS

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO
RUA MINISTRO GODOI, 749

N.º de Ordem
006

REGISTRO DE EMPREGADO

Nome: Werner Kaschel
Nacionalidade: brasileira
Lugar do nascimento: S. Paulo
Data do nascimento: 4-4-1922 Estado Civil: casado
Residência: Rua João Ramalho N.º
Bairro: Perdizes Cidade: São Paulo

Tirada em ..../..../....

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

FILIAÇÃO

Nome do pai: Erwino Kaschel Nacionalidade:
Nome da mãe: Maria Antonia Kaschel Nacionalidade:

QUANDO ESTRANGEIRO

Data da chegada ao Brasil: — de — de —
Carteira de Registro n.º — Emitida em: — / — / —
Casado com (nacionalidade) —
Tem filhos brasileiros? —

BENEFICIÁRIOS

Nome	Espécie	Data do nasc.
"	"	" / /
"	"	" / /
"	"	" / /
"	"	" / /
"	"	" / /
"	"	" / /
"	"	" / /
"	"	" / /

REGISTROS ESPECIAIS

Carteira Profissional n.º 36842 Série 73 Data 23/4/48
Carteira de menor n.º Série Data ..../..../....
Caderneta de contribuições n.º I. A. P.
Certificado militar n.º Categoria 2a.
Carteira de Saúde n.º Emitida em: ..../..../....

ANOTAÇÕES ESPECIAIS

Na data da admissão:
Função: professor Secção: —
Salário: Cr$ 3.250 Forma de pagamento: aula
Horário de Trabalho: das ..... às ..... e das ..... às ..... horas.
Aos sábados: das ..... às ..... e das ..... às ..... horas.

CARACTERÍSTICOS FÍSICOS

Côr: branca Altura: 1.65 Pêso: Cabelos: cast
Olhos: cast. Defeitos:

Localidade e data da admissão:
São Paulo, 21 de setembro de 1966*
Werner Kaschel
Assinatura do empregado

Impressão digital

Data da saída: 30 de junho de 1967

Observações: [illegible]
* Na data de admissão lê-se: 1 de dezembro de 1966

10.000 - 6/66

ANEXO 10 – Parecer 118/09 e 51/2010

AGUARDANDO HOMOLOGAÇÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTERESSADO: Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior		**UF:** DF
ASSUNTO: Orientações para instrução dos processos referentes ao credenciamento de novas Instituições de Educação Superior e de credenciamento institucional que apresentem cursos de Teologia, bacharelado.		
COMISSÃO: Marília Ancona-Lopez (relatora), Aldo Vannuchi (presidente), Antonio de Araújo Freitas Júnior e Edson de Oliveira Nunes (membros).		
PROCESSO Nº: 23001.000132/2008-92		
PARECER CNE/CES Nº: 118/2009	**COLEGIADO: CES**	**APROVADO EM: 6/5/2009**

I – RELATÓRIO

As teologias são sistemas de símbolos, pressupostos, valores e temas historicamente presentes nas sociedades humanas que se imbricam na cultura, na história, na subjetividade e no comportamento humano, tornando-se referência de modos específicos de significar o mundo e a vida. Elas agregam identidades e instituições e determinam grande parte de suas ações. Fazem parte da realidade social e individual, como produtos culturais passíveis de estudo, aos modos de qualquer outro fenômeno humano. O estudo das teologias ao longo do tempo, em seus aspectos contextuais, possibilita a compreensão da história da humanidade e de nosso País, suas tradições e heranças culturais, assim como os fenômenos sociais e religiosos da atualidade.

Uma revisão dos pareceres do CNE que tratam dos cursos de Teologia aponta para duas direções: afirmação do caráter leigo do Estado e liberdade das IES quanto à sua definição religiosa.

O Parecer CNE/CP nº 241/1999, reafirmado pelo Parecer CNE/CES nº 63/2004, coloca que:

> *Em termos de autonomia acadêmica que a Constituição assegura, não pode o Estado impedir ou cercear a criação destes cursos (de Teologia). Por outro lado, devemos reconhecer que, em não se tratando de uma profissão regulamentada, não há de fato, nenhuma necessidade de estabelecer diretrizes curriculares que uniformizem o ensino desta área de conhecimento. Pode o Estado, portanto, evitando a regulamentação do conteúdo do ensino, respeitar, plenamente, os princípios de liberdade religiosa e da separação entre Igreja e Estado, permitindo a diversidade de orientações.*
>
> (...)
>
> *Tendo em vista estas considerações, votamos no sentido de que:*
>
> *a) os cursos de bacharelado em Teologia sejam de composição curricular livre, a critério de cada instituição, podendo obedecer a diferentes tradições religiosas;*

b) ressalvada a autonomia das Universidades e dos Centros Universitários para a criação de cursos, os processos de autorização e reconhecimento obedeçam a critérios que considerem exclusivamente, os requisitos formais relativos ao número de horas-aula ministradas, à qualificação do corpo docente e às condições de infra-estrutura oferecidas.

Conforme esse Parecer, a CES passou a pautar-se pela análise apenas das condições formais dos cursos de Teologia, sem considerar as suas matrizes curriculares, seguindo o expresso no Parecer CNE/CES n° 429/2005:

Aplicam-se aos cursos superiores de Teologia todas as demais exigências contidas nas regras gerais estabelecidas para os demais cursos de graduação, quais sejam: conclusão do Ensino Médio, processo seletivo próprio, solicitar o reconhecimento do curso após cumprimento de 50% de sua carga horária, qualificação do corpo docente, instalações...

A exclusão da análise da matriz curricular, deixando às instituições plena liberdade na composição de seus currículos, no entanto, terminou por gerar a aprovação de cursos de Teologia com caráter, exclusivamente, confessional. Alguns desses cursos não apresentam características acadêmicas, não respeitam o pluralismo da área nem a universalidade de conhecimento própria do ensino superior. Restringem-se a uma única visão teológica e se caracterizam como cursos catequéticos a serviço de uma confissão religiosa e terminam por ferir o princípio constitucional da separação entre Igreja e Estado, pois preparam o aluno para atuar em uma única religião, papel que não cabe ao Estado nem a instituições de ensino superior por ele credenciadas. Por essa razão, o Parecer CNE/CES n° 101/2008 levanta dúvidas sobre *a pertinência de o CNE credenciar uma faculdade a partir de um curso de Teologia.* Tais discussões resultaram na constituição de Comissão, instituída pela Portaria CNE/CES nº 3/2008, com o objetivo de apresentar orientações que auxiliem na elaboração desse tipo de parecer.

Como graduação, os cursos de Teologia, bacharelado, devem obedecer ao Parecer CNE/CES nº 776/97, que afirma a necessidade de *incentivar uma sólida formação geral necessária para que o futuro graduado possa vir a superar os desafios de renovadas condições de produção do conhecimento.*

Vale lembrar que o Art. 43 da LDB, ao tratar das finalidades da educação superior, em especial em seus incisos I, III e VI, estabelece o dever de:

I – estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo.

(...)

III – incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive.

(...)

VI – estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais (...).

É importante, portanto, que os cursos de graduação em Teologia, bacharelado, no País garantam o acesso à diversidade e à complexidade das teologias nas diferentes culturas e permitam analisá-las à luz dos diferentes momentos históricos e contextos em que se desenvolvem. Devem, ainda, garantir uma ampla formação científica e metodológica, por meio da flexibilidade curricular na área do conhecimento e interação com as áreas afins.

Por essa razão, o estudo das teologias, da área de Ciências Humanas conforme classificação CAPES/CNPq, não pode prescindir de conhecimentos das ciências humanas e sociais, da filosofia, da história, da antropologia, da sociologia, da psicologia e da biologia entre outras. Essas ciências permitem estudar o universo teológico respeitando o princípio da "exclusão da transcendência", condição da abordagem científica, ou seja, não se trata de afirmar ou negar a veracidade das afirmações teológicas, mas, sim, estudar o modo como elas surgem, como se manifestam e como atuam nas diferentes dimensões da vida, das experiências e do conhecimento humano. O estudo da teologia deve, ainda, buscar diálogo com outras áreas científicas, possibilitando estudos interdisciplinares.

Salienta-se, outrossim, a importância do respeito à laicidade do Estado, a fim de evitar que os cursos tenham um caráter confessional, proselitista, fechados em uma única visão de mundo e de homem. Espera-se que os cursos de graduação em Teologia, bacharelado, formem teólogos críticos e reflexivos, capazes de compreender a dinâmica do fato religioso que perpassa a vida humana em suas várias dimensões.

Propõe-se que os currículos dos cursos de graduação em Teologia, bacharelado, desenvolvam-se a partir dos seguintes eixos:

1. eixo filosófico – que contemple disciplinas que permitam avaliar as linhas de pensamento subjacentes às teologias, conhecer as suas bases epistemológicas e desenvolver o respeito à ética;
2. eixo metodológico – que garanta a apropriação de métodos e estratégias de produção do conhecimento científico na área das ciências humanas;
3. eixo histórico – que garanta a compreensão dos contextos culturais e históricos;
4. eixo sócio-político – que contemple análises sociológicas, econômicas e políticas e seus efeitos nas relações institucionais e internacionais;
5. eixo linguístico – que possibilite a leitura e a interpretação dos textos que compõem o saber específico de cada teologia e o domínio de procedimentos da hermenêutica;
6. eixo interdisciplinar – que estabeleça diálogo com áreas de interface, como a psicologia, a antropologia, o direito, a biologia e outras áreas científicas.

Vale dizer que, no Brasil, existe cerca de uma centena de cursos de Teologia, já autorizados ou reconhecidos, presentes em vários Estados. Eles são oferecidos por instituições públicas e particulares, pertencentes a mantenedoras confessionais ou não e contemplam teologias subjacentes a diferentes confissões: adventista, batista, católica, espírita, evangélica, luterana, messiânica, metodista, umbandista, entre outras. Trata-se de cursos de graduação com duração entre 1.500 e 4.500 horas. Considerando que se trata de cursos de graduação, orienta-se que respeitem um mínimo de 2.400 horas.

II – VOTO DA COMISSÃO

Votamos no sentido de fixar a sistemática referida nos termos deste Parecer, com vistas à instrução dos processos referentes ao credenciamento de novas Instituições de Educação Superior e de credenciamento institucional que apresentem cursos de Teologia, bacharelado.

Dê-se ciência das presentes recomendações à Secretaria de Educação Superior e à Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação, e ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, para fins de avaliações, autorizações, reconhecimentos e renovações de reconhecimento dos cursos de Teologia, bacharelado.

Brasília (DF), 6 de maio de 2009.

Conselheira Marília Ancona-Lopez – Relatora

Conselheiro Aldo Vannucchi – Presidente

Conselheiro Antônio de Araújo Freitas Júnior – Membro

Conselheiro Edson de Oliveira Nunes – Membro

III – DECISÃO DA CÂMARA

A Câmara de Educação Superior aprova por unanimidade o voto da Comissão.
Sala das Sessões, em 6 de maio de 2009.

Conselheiro Paulo Monteiro Vieira Braga Barone – Presidente

Conselheiro Mario Portugal Pederneiras – Vice-Presidente

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTERESSADO: Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior		**UF:** DF
ASSUNTO: Reexame do Parecer CNE/CES nº 118/2009, que trata de orientações para instrução dos processos referentes ao credenciamento de novas Instituições de Educação Superior e de credenciamento institucional que apresentem cursos de Teologia, bacharelado.		
COMISSÃO: Marília Ancona-Lopez (relatora), Aldo Vannuchi (presidente), Antonio de Araujo Freitas Junior e Edson de Oliveira Nunes (membros).		
PROCESSO Nº: 23001.000132/2008-92		
PARECER CNE/CES Nº: 51/2010	**COLEGIADO: CES**	**APROVADO EM: 9/3/2010**

I – RELATÓRIO

Introdução

O Parecer CNE/CES nº 118/2009 refere-se exclusivamente a cursos de Teologia, bacharelado. Resulta do trabalho de uma Comissão composta pelos conselheiros Aldo Vanucchi (presidente), Marília Ancona-Lopez (relatora), Antonio de Araujo Freitas Junior e Edson de Oliveira Nunes (membros), com vistas a analisar questões relacionadas ao credenciamento de Instituições de Ensino Superior para a oferta de cursos de graduação em Teologia, bacharelado.

O citado Parecer foi aprovado na Câmara de Educação Superior (CES), por unanimidade, em 6 de maio de 2009, e encaminhado, em 21 de maio de 2009 para homologação do Ministro da Educação. Em 26 de maio de 2009, o Chefe de Gabinete do Ministro da Educação submeteu o Parecer CNE/CES nº 118/2009 à Consultoria Jurídica (CONJUR). Em 2 de junho de 2009, por meio do Parecer nº 398/2009, a Coordenação-Geral de Estudos, Pareceres e Procedimentos Disciplinares (CGEPD) da CONJUR informou que *na espécie, não vislumbramos óbice de natureza legal à homologação do Parecer CNE/CES nº 118/2009, não existindo controvérsia de natureza jurídica a ser dirimida por esta Consultoria Jurídica* (...). *Feitas essas considerações, não existindo questão de natureza legal que recomende a devolução motivada, para reexame, opinamos no sentido de que o processo seja submetido à prévia manifestação da Secretaria de Educação Superior e, e, seguida, à Secretaria de Educação a Distância e ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira* (...). Em 25 de agosto de 2009, a SESu, por meio do Memo nº 10.111/2009-DESUP/SESu/MEC manifestou-se de acordo com o Parecer nº 398/2009-CGEPD, da CONJUR, informando ao Gabinete do Ministro que *para esta Secretaria, nada obsta que seja homologado o Parecer nº 118/2009.*

Em 1º de julho de 2009, a Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, encaminhou uma Carta aberta ao CNE, na qual manifestou concordância quanto aos princípios para a qualificação da formação teológica pública brasileira constante do Parecer e assinalou a necessidade de distinguir a definição de Teologia da definição de Religião, apresentando a Teologia como *uma reflexão crítica, inclusive autocrítica,*

metodologicamente transparente e refletida, sobre uma religião específica. Sugeriu, ainda, *acrescentar eixos como o confessional, ético, ecumênico, inter-religioso e de gênero.*

Em 18 de agosto de 2009, o chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie solicitou ao Ministro da Educação que adiasse a homologação do Parecer CNE/CES nº 118/2009, apresentando argumentações que foram reiteradas em documento datado de 30 de setembro de 2009, assinado por representantes das seguintes entidades: Universidade Presbiteriana Mackenzie, Associação Brasileira de Instituições Educacionais Evangélicas, UniEvangélica – Anápolis/GO, Associação Nacional das Escolas Presbiterianas, Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, Faculdade Teológica Batista de Brasília/DF, Faculdade Teológica Batista de São Paulo, Associação Brasileira de Instituições Batistas de Ensino Teológico, Escola Superior de Teologia/São Leopoldo, Rede Sinodal de Educação, Faculdade Teológica da Universidade Metodista de São Paulo – S.B. Campo/SP e Conselho Geral de Instituições Metodistas de Ensino (COGEIME). No documento, solicitam a formação de grupo misto de trabalho para estudo do Parecer CNE/CES nº 118/2009 *de caráter técnico, interconfessional e inter-religioso*, composto por pessoal da SESu/INEP e representantes das IES que oferecem cursos de Teologia e Ciências da Religião, *para ampliar e discutir a compreensão da matéria do Parecer 118/2009.* O documento assinala a necessidade de distinguir os métodos de estudo da Teologia daqueles das Ciências da Religião, afirma a diversidade das Teologias, o seu caráter confessional e atribui ao texto do Parecer CNE/CES nº 118/2009 o caráter de um *racionalismo positivista moderno* e *características cristãs* que excluiriam teologias de outras vertentes. Anexo a esse documento, foram enviadas propostas de emenda ao Parecer em questão.

Em 23 de outubro de 2009, diante das manifestações acima citadas, a SESu, considerando a Nota Técnica nº 1.089/2009-CGLNES/GAB/SESu/MEC, solicitou ao Gabinete do Ministro que encaminhasse *manifestação ao CNE requerendo que o órgão, ao revisar o Parecer CNE/CES nº 118/2009, considere os argumentos e pedidos apresentados pelas IES que possuem cursos superiores de Teologia e Ciências da Religião.*

O processo foi restituído ao CNE em 4 de novembro de 2009 para revisão por parte da Comissão que exarou o Parecer. Entre os documentos juntados ao Processo, acresceu-se um texto propositivo sobre Diretrizes Curriculares para Ciências da Religião, licenciatura, encaminhado pelo Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso em 3 de dezembro de 2008. Observa-se que este último documento trata de assunto estranho ao do Parecer CNE/CES nº 118/2009, que não trata do curso de Ciências da Religião nem de licenciatura, mas se refere, exclusivamente, ao curso de Teologia, bacharelado.

Em 30 de novembro de 2009, o Presidente da Associação Nacional dos Programas de Teologia e Ciências da Religião/CAPES enviou e-mail à Conselheira-Relatora no qual informa que os professores dos cursos de Ciências da Religião consideraram que as decisões do Parecer CNE/CES nº 118/2009 poderiam incidir sobre os Programas de Pós-Graduação, razão pela qual solicitou ao Presidente da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER) que encabeçasse uma discussão junto ao CNE, informando que à Associação Nacional de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE) *interessa sobretudo que se faça e se garanta uma clara distinção entre Teologia e Ciência(s) da Religião.* Pede que o Parecer formule cuidadosamente essa distinção.

Em 24 de novembro de 2009, a Conselheira-Relatora reuniu-se, em São Paulo, com os professores da Faculdade de Teologia e Ciências Religiosas, a convite dos mesmos, para discussão do Parecer CNE/CES nº 118/2009.

Em 1º de dezembro de 2009, a direção da Faculdade de Teologia e Ciências Religiosas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas enviou, por e-mail, aos Conselheiros Marília Ancona-Lopez e Aldo Vannucchi, contribuição referente aos pontos

debatidos e que mereceram destaque, salientando-se o acordo quanto à explicitação no Parecer de um eixo teológico.

Atendidas as solicitações, foi possível reformular o Parecer CNE/CES nº 118/2009, nos termos em que é aqui reapresentado.

Mérito

O estudo do fenômeno religioso é feito, entre outros, pelas teologias com conteúdos e métodos próprios. Ao longo do tempo, o estudo das teologias, em seus aspectos contextuais, possibilita a compreensão da história da humanidade e de nosso País, suas tradições e heranças culturais, assim como os fenômenos sociais e religiosos da atualidade.

Uma revisão dos pareceres do CNE que tratam dos cursos de Teologia aponta para duas direções: afirmação do caráter leigo do Estado e liberdade das IES quanto à sua definição religiosa.

O Parecer CNE/CES nº 241/1999, reafirmado pelo Parecer CNE/CES nº 63/2004, coloca que:

> *Em termos de autonomia acadêmica que a Constituição assegura, não pode o Estado impedir ou cercear a criação destes cursos (de Teologia). Por outro lado, devemos reconhecer que, em não se tratando de uma profissão regulamentada, não há de fato, nenhuma necessidade de estabelecer diretrizes curriculares que uniformizem o ensino desta área de conhecimento. Pode o Estado, portanto, evitando a regulamentação do conteúdo do ensino, respeitar, plenamente, os princípios de liberdade religiosa e da separação entre Igreja e Estado, permitindo a diversidade de orientações.*
>
> (...)
>
> *Tendo em vista estas considerações, votamos no sentido de que:*
>
> *a) os cursos de bacharelado em Teologia sejam de composição curricular livre, a critério de cada instituição, podendo obedecer a diferentes tradições religiosas;*
>
> *b) ressalvada a autonomia das Universidades e dos Centros Universitários para a criação de cursos, os processos de autorização e reconhecimento obedeçam a critérios que considerem exclusivamente, os requisitos formais relativos ao número de horas-aula ministradas, à qualificação do corpo docente e às condições de infra-estrutura oferecidas.*

Conforme esse Parecer, a CES passou a pautar-se pela análise apenas das condições formais dos cursos de Teologia, bacharelado, sem considerar as suas matrizes curriculares, seguindo o expresso no Parecer CNE/CES nº 63/2004, citado no Parecer CNE/CES nº 429/2005:

> *Aplicam-se aos cursos superiores de Teologia todas as demais exigências contidas nas regras gerais estabelecidas para os demais cursos de graduação, quais sejam: conclusão do Ensino Médio, processo seletivo próprio, solicitar o reconhecimento do curso após cumprimento de 50% de sua carga horária, qualificação do corpo docente, instalações etc...*

A exclusão da análise da matriz curricular, deixando às instituições plena liberdade na composição de seus currículos, no entanto, terminou por gerar a aprovação de cursos de Teologia com caráter exclusivamente confessional, sem características acadêmicas e sem respeitar o pluralismo da área nem a universalidade de conhecimento própria do ensino

superior. Esses cursos formam o aluno em uma única visão teológica, função que não cabe ao Estado nem às instituições de ensino superior por ele credenciadas. Tais cursos terminam por ferir o princípio constitucional da separação entre Igreja e Estado. Por essa razão, o Parecer CNE/CES nº 101/2008 levanta dúvidas sobre *a pertinência de o CNE credenciar uma faculdade a partir de um curso de Teologia.* Tais discussões resultaram na constituição de Comissão, instituída pela Portaria CNE/CES nº 3/2008, com o objetivo de apresentar orientações que auxiliem na elaboração desse tipo de parecer.

Como graduação, os cursos de Teologia, bacharelado, devem obedecer ao Parecer CNE/CES nº 776/97, que afirma a necessidade de *incentivar uma sólida formação geral necessária para que o futuro graduado possa vir a superar os desafios de renovadas condições de produção do conhecimento.*

Vale lembrar que o Art. 43 da LDB, ao tratar das finalidades da educação superior, em especial em seus incisos I, III e VI, estabelece o dever de:

> *I – estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo.*
>
> (...)
>
> *III – incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive.*
>
> (...)
>
> *VI – estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais* (...).

É importante, portanto, que os cursos de graduação em Teologia, bacharelado, no País garantam o acesso à diversidade e à complexidade das teologias nas diferentes culturas e permitam analisá-las à luz dos diferentes momentos históricos e contextos em que se desenvolvem. Devem, ainda, garantir uma ampla formação científica e metodológica, por meio da flexibilidade curricular na área do conhecimento e interação com as áreas afins.

Por essa razão, o estudo das teologias, dentro da área de Ciências Humanas conforme classificação CAPES/CNPq, não pode prescindir de conhecimentos das Ciências Humanas e Sociais, da Filosofia, da História, da Antropologia, da Sociologia, da Psicologia e da Biologia, entre outras. O estudo da Teologia deve, ainda, buscar diálogo com outras áreas científicas, possibilitando estudos interdisciplinares.

Salienta-se, outrossim, a importância do respeito à laicidade do Estado, a fim de evitar que os cursos tenham um caráter exclusivamente proselitista, fechado em uma única visão de mundo e de homem. Espera-se que os cursos de graduação em Teologia, bacharelado, formem teólogos críticos e reflexivos, capazes de compreender a dinâmica do fato religioso que perpassa a vida humana em suas várias dimensões.

Propõe-se que os currículos dos cursos de graduação em Teologia, bacharelado, desenvolvam-se a partir dos seguintes eixos:

1. eixo teológico – que contemple os conhecimentos que caracterizam a sua identidade e prepare o aluno para a reflexão e o diálogo com as diferentes teologias nas diferentes culturas;
2. eixo filosófico – que contemple conteúdos curriculares que permitam avaliar as linhas de pensamento subjacentes às teologias, refletir sobre as suas bases epistemológicas e desenvolver o respeito à ética;
3. eixo metodológico – que garanta a apropriação de métodos e estratégias de produção do conhecimento científico na área das Ciências Humanas;

4. eixo histórico-cultural – que garanta a compreensão dos contextos histórico-culturais;
5. eixo sociopolítico – que contemple análises sociológicas, econômicas e políticas e seus efeitos nas relações institucionais e internacionais;
6. eixo linguístico – que possibilite a leitura e a interpretação dos textos que compõem o saber específico de cada teologia e o domínio de procedimentos da hermenêutica;
7. eixo interdisciplinar – que estabeleça diálogo com áreas de interface, como a Psicologia, a Antropologia, o Direito, a Biologia e outras áreas científicas.

Vale dizer que, no Brasil, existe cerca de uma centena de cursos de Teologia, já autorizados ou reconhecidos, presentes em vários Estados. Eles são oferecidos por instituições públicas e particulares, pertencentes a mantenedoras confessionais ou não e contemplam teologias subjacentes a diferentes confissões: adventista, batista, católica, espírita, evangélica, luterana, messiânica, metodista, umbandista, entre outras. Trata-se de cursos de graduação com duração entre 1.500 e 4.500 horas. Considerando que se trata de cursos de graduação em Teologia, bacharelado, recomenda-se que respeitem um mínimo de 2.400 horas.

II – VOTO DA COMISSÃO

Votamos no sentido de fixar a sistemática referida nos termos deste Parecer, com vistas à instrução dos processos referentes ao credenciamento de novas Instituições de Educação Superior e de credenciamento institucional que apresentem cursos de Teologia, bacharelado.

Dê-se ciência das presentes recomendações à Secretaria de Educação Superior e à Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação, e ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, para fins de avaliações, autorizações, reconhecimentos e renovações de reconhecimento dos cursos de Teologia, bacharelado.

Brasília (DF), 9 de março de 2009.

Conselheira Marília Ancona-Lopez – Relatora

Conselheiro Aldo Vannucchi – Presidente

Conselheiro Antonio de Araujo Freitas Junior – Membro

Conselheiro Edson de Oliveira Nunes – Membro

PROCESSO Nº: 23001.000132/2008-92

III – DECISÃO DA CÂMARA

A Câmara de Educação Superior aprova, por unanimidade, o voto da Comissão.
Sala das Sessões, em 9 de março de 2010.

Conselheiro Paulo Monteiro Vieira Braga Barone – Presidente

Conselheiro Mario Portugal Pederneiras – Vice-Presidente

• **Declaração de Voto do Conselheiro Milton Linhares**

Acompanho o voto da Comissão, ressalvando o meu entendimento de que o teor do Parecer deve garantir os perfis institucionais das instituições de educação superior que optem por ministrar cursos de Teologia e, também, preservar os princípios constitucionais estabelecidos pelo artigo 5º, incisos VI e VIII, da Constituição Federal.

Brasília, 9 de março de 2010.

Conselheiro Milton Linhares

ANEXO 11 – Parecer 63/04

PARECER HOMOLOGADO(*)
(*) Despacho do Ministro, publicado no Diário Oficial da União de 01/04/2004

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTERESSADO: MEC / Secretaria de Educação Superior		**UF:** DF
ASSUNTO: Encaminha ao CNE algumas considerações a respeito do curso de Teologia, bacharelado		
RELATOR: Lauro Ribas Zimmer		
PROCESSO N.º: 23001.000015/2004-03		
PARECER N.º: CNE/CES 0063/2004	**COLEGIADO:** CES	**APROVADO EM:** 19/2/2004

I – RELATÓRIO

O presente processo aprecia indagações feitas pela SESu/MEC, referentes ao curso de Teologia em decorrência de vários pleitos a ela apresentados e tratados em reunião realizada no dia 20 de janeiro último, com representantes da SESu, desta Câmara e de várias confissões religiosas.

Para analisar as questões constantes da Informação MEC/SESu/DESUP/CGAES nº 7/2004, foi designada, no âmbito da Câmara de Educação Superior do CNE, Comissão Especial composta pelos Conselheiros Éfrem de Aguiar Maranhão, José Carlos Almeida da Silva, Roberto Cláudio Frota Bezerra e Lauro Ribas Zimmer, este último na condição de Relator do processo.

Os cursos de Teologia no Brasil sempre foram considerados como "cursos livres" até a edição do Parecer CNE/CES 241/99. Antes disso, não ensejavam diploma de nível superior com validade nacional, ficando a sua composição curricular, duração, etc... sob a responsabilidade de cada confissão religiosa.

Em 1969, por meio do Decreto-Lei nº 1.051, de 21 de outubro de 1969, foi prevista a possibilidade do aproveitamento de estudos em cursos de licenciatura, de estudos realizados em Seminários maiores, Faculdades Teológicas ou instituições equivalentes de qualquer confissão religiosa. O Decreto estabelecia que os cursos tivessem a duração mínima de dois anos, e autorizava que os portadores de diploma desses cursos prestassem exames nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras das disciplinas cursadas e, caso aprovados e se houvesse vagas disponíveis, poderiam matricular-se para a conclusão do curso, sem a exigência do concurso vestibular.

O Conselho Federal de Educação, ao interpretar o citado Decreto-Lei, por intermédio do Parecer CFE 1.009/80, assim estabeleceu:

> *"1- As universidades e estabelecimentos isolados de ensino superior, que ministrem cursos de licenciatura, só poderão submeter aos exames preliminares de que trata o Decreto-Lei nº 1.051, de 21 de outubro de 1969, os concluintes de cursos superiores feitos em Seminários Maiores, Faculdades Teológicas ou instituições equivalentes, de qualquer confissão religiosa, quando, no ato da inscrição, demonstrarem:*

a) que seu ingresso nos cursos mantidos por essas instituições se deu após a conclusão dos estudos do 2º grau ou equivalentes;
b) que tais cursos tiveram a duração de dois anos, no mínimo;
c) que os interessados os concluíram, exibindo, para tanto, os competentes diplomas;
d) que nesses cursos estudaram, pelo menos, duas disciplinas específicas do curso de licenciatura que pretendam freqüentar.

2 - Os 'exames preliminares' a que se refere o mencionado diploma terão por objeto a disciplina ou disciplinas indicadas na alínea 'd' do número anterior, e deverão:

a) ser realizados ao mesmo nível em que se efetuam para os que concluem o estudo dessas disciplinas, ou seja, ao nível da licenciatura;
b) cobrir a mesma área de conhecimento e o mesmo conteúdo programático adotado pela instituição responsável pelos exames.

3 - O estudo das demais disciplinas do currículo pleno do curso de licenciatura far-se-á de acordo com a carga horária de praxe na instituição em que o interessado se matricular, sendo vedado qualquer aproveitamento de estudo dessas disciplinas.

4 - Não terão validade os diplomas expedidos sem o cumprimento total das exigências acima enumeradas."

Sob a égide do Conselho Nacional de Educação, o então Conselheiro Jacques Velloso, mediante o Parecer CNE/CES 296/99, interpretou a matéria, com bem elaborado Parecer, do qual destaco:

O referido decreto-lei, posteriormente interpretado pelo Parecer nº 1.009/80 do antigo CFE, não foi recepcionado pela nova LDB. Aquele decreto-lei invocava os fundamentos da Indicação nº 11, de 11.7.1969, do extinto Conselho Federal de Educação, a qual por seu turno fundava-se na Lei 5.540/68, explicitamente revogada pela Lei 9.394/96 em seu artigo 92.

Além disso, há que considerar-se também o que dispõe a nova LDB sobre a matéria. Esta determinou que o ingresso em cursos superiores de graduação se fará sempre mediante de processo seletivo, seja para candidatos ao ingresso inicial em cursos de graduação, seja para efeitos de transferência de alunos regulares em cursos afins, mesmo havendo vagas disponíveis, conforme esclarece o Parecer CES nº 434/97. Não se aplica a exigência de processo seletivo apenas aos casos de transferências ex officio, que nos termos do parágrafo único do art. 49 dar-se-ão na forma da lei.

A Lei 9.394/96 exige igualmente a realização de processo seletivo prévio para a ocupação de vagas em disciplinas de cursos superiores por parte de alunos não regulares:

Art. 50. As instituições de educação superior, quando da ocorrência de vagas, abrirão matrículas nas disciplinas de seus cursos a alunos não regulares que demonstrarem capacidade de cursá-las com proveito, mediante processo seletivo prévio.

Fica claro, assim, que a letra e o espírito do Decreto-Lei nº 1.051/69 não se coadunam com da nova legislação. Enquanto que aquele, na hipótese de existência de vagas, concedia formas privilegiadas de ingresso em cursos de licenciatura aos que houvessem concluído cursos livres de Teologia em Seminários Maiores, Faculdades Teológicas ou instituições equivalentes, a nova legislação exige processo seletivo para todos os que desejem ingressar em cursos superiores de graduação.

Persistia o pleito para que o curso de Teologia tivesse um currículo mínimo definido, o que seria tarefa de extrema dificuldade frente ao pluralismo de orientação religiosa.

A matéria foi tratada de forma feliz no Parecer CNE/CES 241/99 que permitiu pela primeira vez, a implantação de Cursos Superiores de Teologia. Vale transcrever o citado parecer:

I – RELATÓRIO

O ensino da Teologia nas universidades tem uma longa tradição, que remonta à própria origem destas instituições.

Na origem, a Teologia, constituída como uma análise efetuada pela razão sobre os preceitos da fé, estava estreitamente subordinada a uma única orientação religiosa – de início, o catolicismo. Depois da Reforma, as universidades protestantes desenvolveram seus próprios cursos teológicos. De uma forma ou de outra, os cursos estavam ligados à religião oficial do Estado.

A separação entre Igreja e Estado, estabelecida pela grande maioria dos regimes republicanos e pelas monarquias constitucionais, alterou esta situação, permitindo a pluralidade de orientações teológicas. Isto, entretanto, não criou nenhum conflito com o Estado ou entre as diversas orientações religiosas, por não haver, na organização dos sistemas de ensino da quase totalidade desses países, a instituição de currículos mínimos ou de diretrizes curriculares. Estabeleceu-se, desta forma, uma pluralidade de orientações.

No Brasil, a tradição de currículos mínimos ou, mais recentemente, de diretrizes curriculares nacionais, associada à questão da validade dos diplomas de ensino superior para fins de exercício profissional pode interferir no pluralismo religioso.

De fato, o estabelecimento de um currículo mínimo ou de diretrizes curriculares oficiais nacionais pode constituir uma ingerência do Estado em questões de fé e ferir o princípio da separação entre Igreja e Estado. Talvez, inclusive, seja esta a razão pela qual os cursos de Teologia não se generalizaram nas universidades brasileiras, mas se localizaram preferencialmente nos seminários.

Em termos da autonomia acadêmica que a constituição assegura, não pode o Estado impedir ou cercear a criação destes cursos. Por outro lado, devemos reconhecer que, em não se tratando de uma profissão regulamentada não há, de fato, nenhuma necessidade de estabelecer diretrizes curriculares que uniformizem o ensino desta área de conhecimento. Pode o Estado portanto, evitando a regulamentação do conteúdo do ensino, respeitar plenamente os princípios da liberdade religiosa e da separação entre Igreja e Estado, permitindo a diversidade de orientações.

II – VOTO DOS RELATORES

Tendo em vista estas considerações, votamos no sentido de que:

a) Os cursos de bacharelado em Teologia sejam de composição curricular livre, a critério de cada instituição, podendo obedecer a diferentes tradições religiosas.

b) Ressalvada a autonomia das universidades e Centros Universitários para a criação de cursos, os processos de autorização e reconhecimento obedeçam a critérios que considerem exclusivamente os requisitos formais relativos ao número de horas-aula ministradas, à qualificação do corpo docente e às condições de infra-estrutura oferecidas.

c) O ingresso seja feito através de processo seletivo próprio da instituição, sendo pré-condição necessária para admissão a conclusão do ensino médio ou equivalente.

d) Os cursos de pós-graduação stricto ou lato sensu obedeçam às normas gerais para este nível de ensino, respeitada a liberdade curricular.

Feitas essas considerações que permitem uma visão histórica acerca da matéria, podemos passar a responder as indagações da SESu/MEC:

1) Qual a possibilidade de regularização dos estudos realizados em Seminários Maiores, Faculdades Teológicas ou instituições equivalentes, para que os interessados possam obter o diploma de Bacharel em Teologia?

O Parecer CNE/CES 296/99 analisou a questão do aproveitamento de estudos realizados nos cursos livres de Teologia nas Faculdades de Filosofia, nos termos do Decreto Lei n° 1.051/69.

Parece-me que agora temos diante de nós uma questão diferente, ou seja, o aproveitamento de estudos feitos em cursos livres de Teologia por cursos superiores de Teologia legalmente autorizados ou reconhecidos.

Desde já deve ser descartada a possibilidade de se conceder equivalência de títulos.

Entendemos que, a exemplo do que ocorreu no passado com cursos como os de Fonoaudiologia, Fisioterapia, Marketing e outros, que tiveram a sua regularização iniciada a partir do Aviso Ministerial 1.086/74, examinado pelo Parecer CFE 1.031/75 e reexaminado pelo Parecer CFE 1.186/76, resultando na edição do Decreto 77.797/76, que dispunha sobre aplicação da Lei 5.540/68, e dava outras providências. O assunto foi também objeto das Portarias MEC 1.014/78, 173/79, 217/79, 949/79, 1.163/79 e 444/81 e de inúmeros pareceres do extinto CFE.

A partir da jurisprudência firmada no tratamento desses cursos, podem ser estabelecidas algumas regras para que os estudos realizados em cursos livres de Teologia fossem aproveitados em Cursos Superiores de Teologia.

a) comprovação do certificado do ensino médio ou equivalente;
b) ingresso no curso através do processo seletivo do curso de Teologia ou da Instituição como um todo;
c) que esses cursos tivessem a duração de, pelo menos, 1.600 horas;
d) que os interessados comprovassem a conclusão dos cursos; e
e) apresentação do conteúdo programático das disciplinas em que pretendem o aproveitamento.

Para efeito da integralização dos créditos para a conclusão do curso superior de Teologia nos cursos de Teologia devidamente reconhecidos pelo MEC o portador de certificado oriundo dos cursos livres de Teologia, egressos de Seminários Maiores, Faculdades Teológicas ou Instituições congêneres deverão cursar, no mínimo, 20% (vinte por

cento) da carga horária exigida para a obtenção do diploma de Curso Superior Teologia, bacharelado.

> 2) No contexto da questão anterior, e tendo em vista as declarações exaradas pelo Conselho Nacional de Educação em relação aos cursos militares como equivalentes aos cursos superiores do sistema civil, após análise da estrutura curricular, carga horária e duração daqueles cursos, h´possibilidade da adoção de procedimento análogo para os cursos superiores de Teologia (cursos livres) ministrados por Seminários Maiores, Faculdades de Teológicas e instituições equivalentes, mediante critérios, normas e prazos previamente estabelecidos para a regularização dos estudos realizados nas referidas Instituições?

Como já afirmamos anteriormente, deve ser descartada qualquer possibilidade de se conceder equivalência de títulos obtidos em "cursos livres" de Teologia. Não se poderia aplicar a esses cursos os mesmos critérios adotados para os cursos militares, posto que os cursos oferecidos por instituições militares não são "livres", são cursos regulares, regidos por legislação específica que regulamenta o ensino militar. Sobre a matéria, a própria LBD (Lei 9.396/96) assim dispõe:

> ***Art. 83.*** *O ensino militar é regulado em lei específica, admitida a equivalência de estudos, de acordo com as normas fixadas pelos sistemas de ensino.*

A questão da equivalência de estudos militares já foi objeto de diversas manifestações no âmbito CNE. O entendimento desta Câmara de Educação Superior sobre o assunto está expresso nos Pareceres CNE/CES 247/99, 460/99, 1.295/2001, 66/2002, 272/2002, 220/2003 e 310/2003.

> 3) Qual a possibilidade do Conselho Nacional de Educação estabelecer requisitos mínimos para os procedimentos de autorização e reconhecimento dos cursos de graduação em Teologia (duração, estágio curricular, formação do corpo docente entre outros), mesmo considerando a manifestação desse egrégio Conselho no sentido de que os referidos cursos devem ter composição curricular livre em respeito aos princípios da liberdade religiosa (Parecer CNE/CES n° 241/99)?

É necessário ressaltar que todo o embasamento do Parecer CNE/CES 241/99 fundamentou-se no respeito à diversidade e pluralidade de religiões, o que possibilitou que as instituições organizassem livremente a composição de cada curso, podendo obedecer a diferentes tradições religiosas.

Aplicam-se aos cursos superiores de Teologia todas as demais exigências contidas nas regras gerais estabelecidas para os demais cursos de graduação, quais sejam: conclusão do ensino médio, processo seletivo próprio, solicitar o reconhecimento do curso após cumprimento de 50% de sua carga horária do curso, qualificação docente, instalações, etc ...

Diante do reduzido número de Cursos Superiores de Teologia autorizados ou reconhecidos, as disciplinas destes cursos de graduação podem ser oferecidas com a utilização das tecnologias modernas de educação a distância até o limite de 20% (vinte por cento), conforme previsto na Portaria MEC 2.253, de 18 de outubro de 2001.

O que poderia ser feito na busca de uma maior uniformidade de procedimentos seria a elaboração de Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos Superiores de Teologia, bacharelados, a exemplo do que se fez para os cursos de Tecnólogos com a Resolução CNE/CP 3, de 18 de dezembro de 2002, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores de tecnologia.

Ao contrário das demais Diretrizes Curriculares estabelecidas para os vários cursos de graduação que contém a definição de mínimos nacionais, as dos Cursos Superiores de Tecnologia devem direcionar-se para um conjunto de cursos, sem deter-se em aspectos específicos de um determinado curso.

Desse modo, ficaria assegurado que aspectos gerais da legislação do ensino superior que permeiam todos os cursos de graduação fossem contemplados na organização dos Cursos Superiores de Teologia, sem distinção de denominação religiosa. De outra parte, em nome da liberdade e pluralidade de religiões, tais diretrizes poderiam possibilitar a introdução de aspectos específicos da área de Teologia, a critério de cada Instituição.

Nesse sentido, a SESu/MEC poderia solicitar o exame da matéria por Comissão de Especialistas, tendo como base de orientação a Resolução CNE/CP 3/2002 e o Parecer CNE/CP 29/2002, que instituem as Diretrizes Curriculares para os Cursos Superiores de Tecnólogos.

Quanto à Pós-Graduação na área de Teologia devem ser aplicados os critérios avaliação e acompanhamento estabelecidos pela CAPES e, ainda, o disposto na Resolução CNE/CES 1, de 3 de abril de 2001, que estabelece normas para o funcionamento de cursos de pós-graduação e o conteúdo da Indicação CNE/CES 01/2003, que propõe a constituição de grupo para examinar os cursos de pós-graduação *stricto sensu* em funcionamento no país sem o reconhecimento do CNE.

II – VOTO DA COMISSÃO

A Comissão Especial designada para examinar o processo, manifesta-se no sentido de que, às indagações formuladas pela Secretaria de Educação Superior do MEC, responda-se nos termos deste parecer.

Brasília–DF, 19 de fevereiro de 2004.

Conselheiro Lauro Ribas Zimmer – Relator

Conselheiro Éfrem de Aguiar Maranhão – Membro

Conselheiro José Carlos Almeida da Silva – Membro

Conselheiro Roberto Cláudio Frota Bezerra – Membro

III – DECISÃO DA CÂMARA

A Câmara de Educação Superior aprova por unanimidade o Voto da Comissão.

Sala das Sessões, em 19 de fevereiro de 2004.

Conselheiro Éfrem de Aguiar Maranhão – Presidente

Conselheiro Edson de Oliveira Nunes – Vice-Presidente